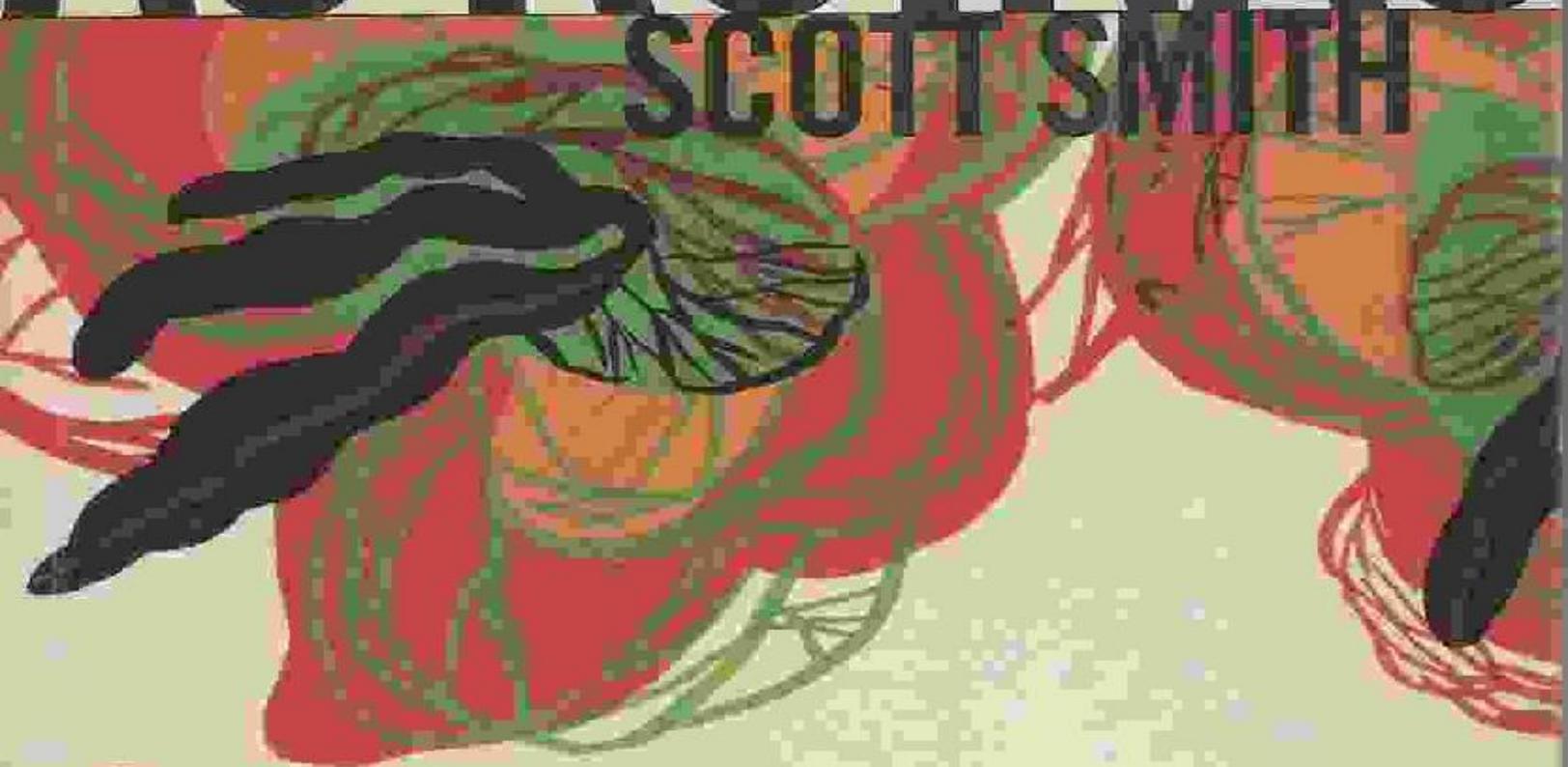


# AS RUÍNAS

SCOTT SMITH





# DADOS DE COPYRIGHT

---

## SOBRE A OBRA PRESENTE:

*A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo*

---

## SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

*O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).*

---

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e*

*poder, então nossa sociedade poderá enfim  
evoluir a um novo nível."*

---



Aquelas pareciam ser as férias perfeitas. Sob o sol de Cancún, quatro amigos resolvem aproveitar o recesso da universidade para descansar e viver algumas aventuras inofensivas na costa do México. O que eles não imaginavam é que aquele passeio desprezioso se transformaria no pior pesadelo de suas vidas.

Durante uma expedição de mergulho, Amy, Jeff, Eric e Stacy conhecem o misterioso alemão Mathias, cujo irmão desapareceu há alguns dias após seguir uma garota até um campo arqueológico instalado em ruínas no coração da selva mexicana. Acreditando que essa busca seria um passatempo divertido, os quatro amigos decidem acompanhar Mathias até as ruínas, possuindo como referências apenas um precário mapa e algumas informações escusas. Tendo ainda como companhia um jovem grego que conheceram no hotel, o grupo se embrenha na selva e, ao se aproximar do local indicado, percebe que algo muito estranho está acontecendo por ali.

Em uma clareira, eles se deparam com rancheiros maias armados que os obrigam a subir até o alto de uma colina que logo é cercada por mais homens, impedindo-os de abandonar a mata. Incapazes de entender o real motivo desse cerco, os amigos enfrentam uma situação-limite: sem achar sinal algum do irmão de Mathias, deparando-se apenas com os vestígios de um acampamento arqueológico abandonado. Eles possuem um suprimento bastante reduzido de água e comida, e não veem nenhuma possibilidade de fuga.

Os seis jovens logo descobrirão que, naquele lugar, sua racionalidade e hábitos civilizados de nada servem.

Além disso, surge no grupo uma crescente sensação de que há um “outro” entre eles, alguém que os observa e parece adivinhar todos os seus passos, um ser que conhece todos os seus segredos e medos. Embora não saibam exatamente

quem ou o que possa ser esse inimigo, um fato é certo, sua inteligência é incomparável e sua sede pela morte, voraz.

Em *As ruínas*, Scott Smith resgata a clássica tradição dos thrillers de terror consagrada por autores como Stephen King e Thomas Harris, adaptando-a para os medos e as angústias do século XXI.

Num romance de suspense ininterrupto, Smith expõe nossos maiores temores, tanto aqueles maximizados pelas notícias de jornal, como a destruição das florestas, o aquecimento global e suas consequências em nosso ecossistema, quanto os que vagam silenciosamente por nosso íntimo, as dúvidas a respeito de quem somos e o que representam as pessoas que nos rodeiam, questões que tentamos apagar de nossas mentes, mas que, em situações extremas, se tornam gritos impossíveis de serem calados.

TRADUÇÃO DE  
Fernanda Abreu  
SCOTT SMITH

As ruínas  
Copyright © 2006, Scott B. Smith, Inc.

Um agradecido reconhecimento a Alfred Publishing Co. pela permissão de reproduzir um trecho da canção “One”, letra e música de Harry Nilsson, © 1968 (renovado) Unichappell Music, Inc. *Copyright* nos Estados Unidos atribuído a Golden Syrup Music Todos os direitos em nome de Golden Syrup Music são administrados por Warner-Tamerlane publishing Corp. Todos os direitos reservados. Usado mediante permissão.

TÍTULO ORIGINAL

The Ruins

REVISÃO

José Figueiredo Isabel Newlands

DIAGRAMAÇÃO

Fernanda Barreto

CAPA

warrakloureiro

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Andrés Sandoval

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE. SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

S648r Smith, Scott, 1965-

As ruínas

Scott Smith ; tradução de Fernanda Abreu. — Rio de Janeiro : Intrínseca, 2007.

Tradução de: The Ruins

ISBN 978-85-98078-20-5

1. Maias - ficção. 2. Ficção **americana.** **I. Abreu, Fernanda.** **II. Título.**

07-1494 CDD 813

CDU821.111(73)-3

2007

*Todos os direitos desta edição reservados à*

Editora Intrínseca Ltda.

Rua dos Oiris, 50

22451-050 - Gávea Rio de Janeiro - RJ Telefone: (21) 3874-0914 Fax: (21) 3874-0578 [www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)

*Para Elizabeth que conheceu o horror*

Gostaria de agradecer à minha mulher, Elizabeth Hill, à minha editora, Victoria Wilson, e a meus agentes, Gail Hochman e Lynn Pleshette, por sua muito generosa ajuda na conclusão deste livro. As seguintes pessoas também leram o manuscrito em uma versão ainda não definitiva, e fizeram críticas e comentários invariavelmente úteis: Michael Cendejas, Stuart Cornfeld, Carlyn Coviello, Carol Edwards, Marianne Merola, John Pleshette, Doug e Linda Smith, e Ben Stiller. Sou grato a todas elas.



Conheceram Mathias quando foram passar o dia em Cozumel. Haviam contratado um guia para levá-los para mergulhar de *snorkel* e ver um navio naufragado ali perto, mas a bóia que marcava o local do naufrágio havia sido arrancada por um temporal, e o guia teve dificuldades para encontrá-lo. Então contentaram-se em ficar nadando, sem prestar atenção em nada específico. Foi quando Mathias emergiu entre eles vindo das profundezas, como um homem-peixe, trazendo nas costas um cilindro de ar. Sorriu quando lhe contaram o que estava acontecendo, e conduziu-os até o navio naufragado. Era alemão, estava queimado de sol e era muito alto, com os cabelos louros cortados bem rentes e olhos azul-claros. Tinha uma águia tatuada no antebraço direito, preta, de asas vermelhas. Deixou que pegassem sua garrafa emprestada, um de cada vez, para poderem descer a dez metros e ver o navio de perto. Era simpático de um jeito quieto, e seu inglês tinha apenas um leve sotaque, e quando subiram no barco do guia para tomar novamente o rumo da costa, ele subiu também.

Conheceram os gregos duas noites depois, já de volta a Cancún, na praia perto de seu hotel. Stacy ficou bêbada e deu uns beijos em um deles. Não aconteceu nada além disso, mas, depois, os gregos não paravam mais de aparecer, aonde quer que eles fossem e o que quer que estivessem fazendo. É claro que nenhum deles falava grego, e os gregos não falavam inglês, de modo que a comunicação se fazia sobretudo por sorrisos, meneios de

cabeça, e o ocasional compartilhamento de comes e bebes. Os gregos eram três, todos com vinte e poucos anos, bem como Mathias e o resto deles, e pareciam bastante simpáticos, mesmo que aparentemente os estivessem seguindo por toda parte.

Não apenas os gregos não sabiam inglês, mas tampouco falavam espanhol. Haviam, porém, adotado nomes em espanhol que pareciam achar muito divertidos. Pablo, Juan e Don Quixote: era assim que se apresentavam, pronunciando os nomes com seus sotaques estranhos e apontando para o próprio peito. Fora com Don Quixote que Stacy havia ficado. Mas todos os três eram suficientemente parecidos: ombros largos, levemente gorduchos, com cabelos escuros meio compridos e amarrados em rabos-de-cavalo, e até para Stacy era difícil dizer quem era quem.

Também parecia possível que eles estivessem trocando os nomes entre si, como se isso fizesse parte da brincadeira, de modo que aquele que atendia por Pablo na terça-feira na quarta insistia, sorridente, que se chamava Juan.

Estavam passando três semanas no México. Era agosto, época meio estúpida para se viajar para a península do Yucatán. Era quente e úmido demais. Temporais repentinos caíam quase todas as tardes, toros capazes de alagar uma rua em poucos segundos. E, quando escurecia, os mosquitos chegavam, em grandes nuvens cheias de zumbidos. No início, Amy reclamou de tudo isso, desejando que tivessem ido para São Francisco, o que havia sido sua ideia inicial. Mas então Jeff perdeu a paciência, dizendo-lhe que ela estava estragando a viagem de todo mundo, e ela parou de falar sobre a Califórnia, seus dias ensolarados e frescos, seus bondes, sua névoa que caía ao entardecer. De toda forma, ali não era de todo ruim. Era barato e sem multidões, e ela decidiu aproveitar ao máximo.

Eram quatro ao todo: Amy, Stacy, Jeff e Eric. Amy e Stacy eram melhores amigas. Para a viagem, haviam cortado os cabelos curtos à *lagarçonne*. Usavam chapéus Panamá

idênticos, e posavam para fotografias de braços dados. Pareciam irmãs, Amy loura, Stacy morena, ambas pequeninas, com pouco mais de um metro e cinquenta, parecendo passarinhos de tão magras. Também se comportavam como irmãs, cheias de segredos sussurrados, intimidades telepáticas, olhares cúmplices.

Jeff namorava Amy; Eric namorava Stacy. Os rapazes eram simpáticos um com o outro, mas não exatamente amigos. Fora Jeff, quem tivera a ideia de viajar para o México, uma última folga antes de ele e Amy começarem a faculdade de Medicina no outono. Havia achado um bom pacote na internet: barato, imperdível. Seriam três semanas lagarteando na praia, sem fazer nada. Havia convencido Amy a ir com ele, e em seguida Amy havia convencido Stacy, e Stacy havia convencido Eric

Mathias contou-lhes que tinha ido ao México com seu irmão mais novo, Henrich, mas que Henrich havia desaparecido. Era uma história confusa. E nenhum deles entendeu todos os detalhes. Sempre que lhe perguntavam a respeito, Mathias desconversava, nervoso. Começava a falar alemão e a agitar as mãos, e seus olhos se embaçavam, à beira das lágrimas. Depois de algum tempo, eles pararam de perguntar; parecia mal-educado insistir. Eric achava que, de alguma forma, havia drogas na história, que o irmão de Mathias estava fugindo da polícia, mas não tinha certeza se essa polícia era alemã, norte-americana ou mexicana. Todos concordavam, porém, que houvera uma briga. Mathias havia discutido com o irmão, talvez até tivesse batido nele, e em seguida Henrich havia desaparecido. É claro que Mathias estava preocupado. Estava esperando o irmão reaparecer para poderem pegar o avião de volta para a Alemanha. Algumas vezes, parecia confiante que Henrich acabaria reaparecendo e que tudo terminaria bem, mas outras vezes não. Mathias tinha um temperamento reservado, gostava mais de ouvir do que de falar, e, nesse

tipo de situação, tendia a acessos repentinos de tristeza. Os quatro se esforçavam para alegrá-lo. Eric contava histórias engraçadas Stacy fazia suas imitações. Jeff mostrava os lugares interessantes. E Amy tirava fotos sem parar, mandando todo mundo sorrir.

De dia, tomavam sol na praia, suando um ao lado do outro sobre suas toalhas de cores fortes. Nadavam e mergulhavam de *snorkel* queimavam-se e começavam a descascar. Andavam a cavalo, remavam de caiaque, jogavam minigolfe. Certa tarde, Eric convenceu-os todos a alugar um veleiro, mas ficou na cara que não sabia velejar tão bem quanto havia afirmado, e precisaram ser rebocados de volta ao cais. Foi embaraçoso e caro. À noite, comeram frutos do mar e beberam cerveja demais.

Ene não sabia sobre Stacy e o grego. Tinha ido dormir após o jantar, deixando os outros três a passear pela praia com Mathias. Havia uma fogueira acesa atrás de um dos hotéis vizinhos, e uma banda tocava em cima de um coreto. Foi ali que conheceram os gregos. Estes tomavam tequila e batiam palmas ao ritmo da música. Ofereceram-se para dividir a garrafa. Stacy sentou-se ao lado de Don Quixote, e os dois conversaram bastante, cada qual em sua língua que o outro não compreendia, e também riram bastante, e a garrafa foi sendo passada de mão em mão, com todos fazendo caretas quando o álcool forte lhes queimava a garganta, e então Amy se virou e viu que Stacy estava abraçada com o grego. Não durou muito. Cinco minutos de beijos, um toque tímido em seu seio esquerdo, e a banda parou de tocar. Don Quixote quis que ela voltasse com ele para o hotel, mas ela sorriu e sacudiu a cabeça, e tudo terminou com facilidade.

Pela manhã, na praia, os gregos estenderam suas toalhas ao lado de Mathias e deles quatro e, à tarde, foram todos juntos andar de *jet ski*. Quem não tivesse visto não teria sabido dos beijos: os gregos eram muito cavalheiros, muito respeitosos. Eric também pareceu gostar deles. Estava tentando fazê-los lhe ensinar palavras em grego. Ficava

frustrado, porém, porque era difícil dizer se as palavras que estavam lhe ensinando eram mesmo as que ele queria aprender.

Descobriram que Henrich havia deixado um bilhete. Mathias mostrou-o para Amy e Jeff certa manhã bem cedo, durante sua segunda semana de férias. Estava escrito à mão, em alemão, com o desenho tremido de um mapa na parte de baixo. É claro que não conseguiram ler o bilhete; Mathias precisou traduzi-lo. Não havia menção de drogas nem de polícia, isso era só Eric com sua mania de tirar conclusões apressadas, quanto mais dramáticas, melhor. Henrich havia conhecido uma garota na praia. Ela acabara de chegar de avião e estava a caminho do interior, onde havia sido contratada para trabalhar em uma escavação arqueológica. Esta ficava no local de uma antiga mina, talvez uma mina de prata, ou quem sabe de esmeraldas; Mathias não tinha certeza. Henrich e a menina haviam passado o dia juntos. Ele a convidara para almoçar, e foram nadar. Ele então a levou de volta para seu quarto, onde tomaram uma ducha e transaram. Depois disso, ela fora embora de ônibus. No restaurante, durante o almoço, havia desenhado em um guardanapo um mapa para ele, mostrando-lhe onde ficava a escavação. Disse-lhe que ele também deveria ir até lá e que ficariam gratos por sua ajuda. Depois que ela foi embora, Henrich não conseguiu parar de falar nela. Não jantou, e não conseguiu dormir. No meio da noite, sentou-se na cama e anunciou para Mathias que iria trabalhar na escavação. Mathias o chamou de idiota. Ele havia acabado de conhecer aquela menina, estavam no meio das férias, e ele não sabia nada sobre arqueologia. Henrich lhe disse que aquilo na verdade não era da sua conta. Não estava pedindo permissão a Mathias: estava simplesmente lhe comunicando sua decisão. Pulou da cama e começou a fazer as malas. Xingaram-se, e Henrich jogou um barbeador elétrico em cima de Mathias, atingindo-o no ombro. Mathias o empurrou, derrubando-o. Rolaram pelo chão do quarto do

hotel, atracados, grunhindo obscenidades, até que Mathias, acidentalmente, deu uma cabeçada na boca de Henrich, cortando seu lábio. Henrich fez um drama com aquilo, correndo para o banheiro para poder cuspir sangue na pia. Mathias se vestiu e saiu para pegar gelo, mas acabou descendo até o bar à beira da piscina, que ficava aberto a noite toda. Eram três da manhã. Mathias sentiu que precisava se acalmar. Tomou duas cervejas, uma depressa, outra devagar. Quando voltou para o quarto, o bilhete estava em cima do travesseiro. E Henrich havia sumido.

O bilhete ocupava três quartos da página, embora tenha parecido mais curto quando Mathias o leu em voz alta, em inglês. Ocorreu a Amy que Mathias podia estar pulando alguns trechos, preferindo guardá-los para si, mas não tinha importância: ela e Jeff entenderam o espírito. Henrich dizia que Mathias sempre parecia confundir ser irmão com seu pai. Perdoava-o por isso, mas mesmo assim não conseguia aceitar. Mathias podia até chamá-lo de idiota, mas achava que naquela manhã talvez tivesse conhecido o amor da sua vida, e jamais seria capaz de perdoar a si mesmo, e nem Mathias, aliás, caso deixasse passar aquela oportunidade sem correr atrás dela. Tentaria voltar a tempo da viagem de volta, mas não podia garantir. Esperava que Mathias conseguisse se divertir sozinho enquanto estivesse fora. Caso Mathias se sentisse solitário, poderia ir se encontrar com eles na escavação; ficava a apenas meio dia de viagem de carro em direção ao oeste. O mapa na parte de baixo do bilhete, uma cópia feita à mão daquele que a menina desenhara para Henrich no guardanapo, mostrava-lhe como chegar lá.

Enquanto ouvia Mathias contar sua história, e em seguida se esforçar para traduzir o bilhete do irmão, Amy começou a perceber aos poucos que ele estava lhes pedindo um conselho. Estavam sentados na varanda do hotel. Diariamente, era servido um bufê de café-da-manhã: ovos, panquecas, torradas, suco, café e chá, uma imensa pilha de

frutas frescas. Um curto lance de escadas conduzia à praia. Gaivotas pairavam no céu, mendigando migalhas de comida, fazendo cocô nos guarda-sóis acima das mesas. Amy podia escutar o constante marulho das ondas, podia ver de vez em quando alguém passar fazendo *cooper*, um casal mais velho catando conchas, um trio de funcionários do hotel alisando a areia com um ancinho. Era muito cedo, pouco depois das sete Mathias os havia acordado, ligando do interfone do térreo. Stacy e Eric ainda estavam dormindo.

Jeff se inclinou para a frente e examinou o mapa. Para Amy, mesmo que nada explícito houvesse sido dito, estava claro que era o conselho dele que Mathias estava pedindo. Amy não ficou ofendida, estava acostumada com aquele tipo de coisa. Jeff tinha algo que fazia as pessoas confiarem nele, um ar competente e seguro. Amy recostou-se em sua cadeira e viu-o alisar as dobras do mapa com a palma da mão. Jeff tinha cabelos escuros, encaracolados, e olhos que mudavam de cor com a luz. Podiam ser cor de mel, verdes, ou castanhos bem claros. Não era alto como Mathias, nem tinha ombros tão largos, mas, apesar disso, parecia de alguma forma ser o maior dos dois. Tinha o semblante grave: era calmo, sempre calmo. Algum dia, se tudo corresse conforme o planejado, Amy imaginava que seria isso que faria dele um bom médico. Ou, pelo menos, seria isso que faria as pessoas pensarem nele como um bom médico.

A perna de Mathias balançava, seu joelho se sacudia para cima e para baixo. Era quarta-feira de manhã. O voo de volta dele e do irmão estava marcado para a tarde de sexta.

— Eu vou lá — disse ele — Pego ele. Levo ele pra casa. Certo?

Jeff ergueu os olhos do mapa.

—Você voltaria hoje à noite? — perguntou.

Mathias deu de ombros, acenou na direção do bilhete. Sabia apenas o que seu irmão havia escrito.

Amy reconheceu algumas das cidades do mapa: Tizimín, Valladolid, Cobá, nomes que havia lido em seu guia. Na verdade, não chegara a ler o livro, vira apenas as fotografias. Lembrava-se de uma *haaenda* em ruínas na página de Tizimín, de uma rua cheia de prédios caiados na de Valladolid, e de um imenso rosto de pedra enterrado em plantas na de Cobá. O mapa de Mathias tinha um X traçado em algum lugar mais ou menos a oeste de Cobá. Era ali que ficava a escavação. Ia-se de ônibus de Cancún até Cobá, onde se pegava um táxi, que percorria mais dezoito quilômetros em direção ao oeste. Ali havia um caminho de terra batida que saía da estrada, com três quilômetros de comprimento,

que era preciso percorrer a pé. Caso fosse **parar** na **aldeia maia**, era porque havia passado a escavação.

Vendo Jeff examinar o mapa, ela pôde adivinhar o que ele estava pensando. Não tinha nada a ver com Mathias nem com seu irmão. Ele estava pensando na mata, nas ruínas que havia lá, e em como seria explorá-las. No início da viagem, eles haviam comentado sobre a possibilidade de fazer isso: como poderiam alugar um carro, contratar um guia, e visitar tudo que havia para ser visitado. Mas o calor estava forte demais; à medida que a conversa avançava, a ideia de se embrenhar no mato para tirar fotos de flores ou lagartos gigantes, ou de muros de pedra caindo aos pedaços, foi parecendo cada vez menos atraente. Então haviam ficado na praia. Mas naquela hora? O frescor da manhã era enganador, com uma brisa que soprava do mar; Amy sabia que devia ser difícil para Jeff se lembrar de como o dia acabaria ficando úmido. Sim, era bem fácil para ela adivinhar o que ele estava pensando: *Por que não seria divertido?* Eles estavam ficando entorpecidos com tanto sol, tanta comida e tanta bebida. Uma pequena aventura como aquela poderia ser exatamente aquilo de que precisavam para despertá-los.

Jeff deslizou o mapa novamente na direção de Mathias, do outro lado da mesa.

— A gente vai com você — falou.

Amy não disse nada. Ficou sentada ali, recostada na cadeira. Em seu íntimo, pensava. *Não, eu não quero ir*, mas sabia que não podia dizer isso. Ela reclamava demais; todos diziam. Era uma pessoa pessimista. Não possuía o dom da felicidade, em algum ponto do caminho, alguém havia esquecido de lhe transmitir isso, e agora ela fazia todo mundo sofrer por causa dessa falha. Na mata haveria calor e sujeira, com enxames de mosquitos nos trechos de sombra, mas ela tentou não pensar nisso; tentou esquecer o assunto. Mathias era seu amigo, não era? Ele havia lhes emprestado sua garrafa de mergulho, havia lhes mostrado onde mergulhar. E agora precisava de ajuda. Amy permitiu que esse pensamento tomasse forma em sua mente, como a mão de alguém que vai fechando uma série de portas, batendo-as em rápida sucessão, até apenas uma permanecer aberta. Quando Mathias se virou para ela, sorrindo, satisfeito com as palavras de Jeff, esperando que ela as repetisse, ela não pôde evitar: retribuiu seu sorriso, e meneou a cabeça.

— Claro — disse.

Eric sonhou que não conseguia dormir. Era um sonho que tinha sempre, um sonho de frustração e cansaço. Nele, tentava meditar, contar carneirinhos, ter pensamentos calmos. Sentia um gosto de vômito na boca e tinha vontade de levantar para escovar os dentes. Precisava ir ao banheiro, também, mas sentia que qualquer movimento, por menor que fosse, arrumaria para sempre qualquer oportunidade que tivesse de pegar no sono. Assim, não se mexia; ficava deitado ali, desejando conseguir dormir, querendo que o sono viesse, mas sem conseguir adormecer. O gosto de vômito na boca e a sensação de bexiga cheia não eram aspectos recorrentes desse sonho. Só estavam presentes agora porque eram reais. Ele havia bebido demais

na noite anterior, levantara-se para vomitar na privada em algum momento logo antes de o sol nascer, e agora precisava fazer xixi. Até seu sonho percebia isso: que havia um peso inabitual nessas duas sensações, como se sua psique estivesse tentando alertá-lo sobre alguma coisa, sobre a ameaça de sufocar com uma nova golfada de vômito, ou de molhar a cama de xixi.

Foram os gregos que o haviam incentivado e levado a beber até vomitar. Havia tentado lhe ensinar uma brincadeira com bebida. Tinha a ver com sacudir dados dentro de um copo. Explicaram-lhe as regras em grego, o que certamente deve ter contribuído para ele tê-las achado tão complicadas. Corajosamente, Eric lançava os dados e passava o copo, mas nunca conseguia entender por que ganhava em alguns lances e perdia em outros. No início, parecia que era melhor tirar números altos, mas depois, aleatoriamente, números baixos também começaram a ganhar. Ele lançava os dados, e algumas vezes os gregos gesticulavam para ele beber, mas outras vezes não. Depois de certo tempo, isso começou a não ter muita importância. Eles lhe ensinaram algumas palavras novas, e riram com a velocidade com que ele as esqueceu. Ficaram todos muito bêbados, e então, não se sabia como, Eric conseguiu cambalear de volta até seu quarto e ir dormir.

Ao contrário dos outros, que iam todos entrar em uma universidade de algum tipo quando o outono chegasse, Eric estava se preparando para começar a trabalhar. Havia sido contratado para lecionar inglês em um colégio interno nos arredores de Boston. Moraria no alojamento com os meninos, ajudaria a administrar o jornal dos alunos, seria técnico de futebol no outono e de beisebol na primavera. Achava que faria bem esse trabalho. Lidava com as pessoas com facilidade, com segurança. Era engraçado; conseguia fazer as crianças rirem, fazê-las querer que ele gostasse delas. Era alto, esguio, tinha cabelos pretos e olhos escuros; julgava-se bonito. E inteligente: um vencedor. Stacy estaria

em Boston, estudando para ser assistente social. Eles se veriam todo fim de semana; dali a um ou dois anos, ele a pediria em casamento. Morariam em algum lugar da Nova Inglaterra, ela arrumaria um emprego para ajudar pessoas, e ele talvez continuasse a dar aulas, ou talvez não. Não tinha importância. Estava feliz; continuaria a ser feliz; seriam felizes juntos.

Eric era otimista por natureza, ainda inocente em relação aos golpes que até mesmo as vidas mais abençoadas podem sofrer. Sua psique era sanguinária demais para que ele tivesse um pesadelo de verdade, e agora lhe proporcionava uma rede de segurança, uma voz em sua mente que dizia: *Tudo bem, você está só sonhando*. No instante seguinte, alguém começou a bater na porta. Então Stacy rolou para fora da cama, e Eric abriu os olhos, olhando em volta para o quarto com ar de exaustão. As cortinas estavam fechadas; suas roupas e as de Stacy estavam esparramadas pelo chão. Stacy havia arrastado consigo a colcha da cama. Estava em pé diante da porta com a colcha em volta dos ombros, nua por baixo, conversando com alguém. Eric percebeu aos poucos que esse alguém era Jeff. Queria ir fazer xixi e escovar os dentes, e descobrir o que estava acontecendo, mas não conseguia se forçar a se mexer. Tornou a adormecer e, quando se deu conta, Stacy já estava em pé ao seu lado, vestindo uma calça cargo e uma camiseta, alisando os cabelos, dizendo-lhe para andar logo.

Andar logo? - perguntou ele. Ela olhou para o relógio.

— Ele sai daqui a quarenta minutos — disse.

Quem sai?

— O ônibus.

Que ônibus?

Pra Cobá.

— Cobá... — Ele se sentou com dificuldade e, por um instante, pensou que fosse tornar a vomitar. A colcha estava jogada no chão perto da porta, e ele precisou fazer um

esforço para se lembrar de como ela fora parar ali. — O que é que o Jeff queria?

— Que a gente se aprontasse.

— Por que você está de calça?

Ele disse que era pra ir de calça. Por causa dos insetos.

— Insetos? — indagou Eric. Ele não a estava entendendo muito bem. Ainda estava meio bêbado. — Que insetos?

— A gente vai pra Cobá — disse ela. — Pra uma mina antiga. Visitar as ruínas. Stacy tomou novamente o rumo do banheiro. Ele pôde ouvi-la abrir a

torneira, e aquilo o fez pensar na própria bexiga. Ele saiu da cama, e arrastou os pés até a porta aberta do outro lado do quarto. Ela havia acendido a luz acima da pia, e esta feriu seus olhos. Ele permaneceu um instante parado na soleira da porta, piscando para ela. Ela abriu a torneira do chuveiro com um safanão, e empurrou-o delicadamente lá para dentro. Ele estava inteiramente sem roupa; tudo que precisou fazer foi passar por cima da borda da banheira. Então começou a se ensaboar, pensativo, e a fazer xixi no espaço entre seus dois pés, mas ainda não estava completamente acordado. Stacy continuou a incentivá-lo e, com sua ajuda, ele conseguiu terminar de tomar banho, escovar os dentes, pentear os cabelos, e vestir um jeans e uma camiseta, mas foi só depois de descerem até o andar de baixo, e quando já estavam tomando apressados o café-da-manhã, que ele finalmente começou a entender para onde estavam indo.

Encontraram-se todos na recepção do hotel para esperar a van que os levaria até a rodoviária. Mathias mostrou a todos o bilhete de Henrich, e todos se revezaram para tentar ler as palavras do alemão, com suas letras maiúsculas esquisitas, o mapa mal desenhado na parte de baixo da página. Stacy e Eric haviam aparecido de mãos abanando, e Jeff mandou-os voltar ao quarto, dizendo-lhes para trazerem uma mochila com água, repelente de insetos, filtro solar, comida. Algumas vezes, ele tinha a sensação de que era o

único deles que entendia como funcionava o mundo. Podia ver que Eric ainda estava meio bêbado. O apelido de Stacy durante os primeiros anos da faculdade era "Spacy", desligada, e era um apelido merecido. Ela vivia no mundo da lua, gostava de cantarolar sozinha, de ficar sentada com o olhar perdido. E havia também Amy, que tinha tendência a fazer biquinho quando estava contrariada. Jeff tinha percebido que ela não queria sair à procura do irmão de Mathias. Parecia estar levando um pouquinho mais do que o tempo necessário para fazer as coisas. Depois do café, havia desaparecido dentro do banheiro, deixando-o sozinho para fazer as malas. Em seguida saíra para vestir uma calça comprida, e acabara deitando de bruços na cama, de calcinha e sutiã, até ele cutucá-la, obrigando-a a se mexer. Ela não falava com ele, apenas respondia

às suas perguntas com meneios de ombros e monossílabos. Ele lhe disse que ela não precisava ir, que podia passar o dia sozinha na praia se quisesse, e tudo que ela fez foi encará-lo fixamente. Ambos sabiam como ela era, como preferia ficar junto do grupo, fazendo algo de que não gostava, a ficar sozinha, fazendo algo de que gostava.

Enquanto esperavam Eric e Stacy voltarem com a mochila, um dos gregos apareceu na recepção. Era o que ultimamente vinha se apresentando como Pablo. Abraçou todos eles, um de cada vez. Todos os gregos gostavam de abraçar; faziam-no sempre que tinham oportunidade. Depois dos abraços, ele e Jeff tiveram um diálogo rápido em suas línguas diferentes, ambos recorrendo aos gestos para preencher as lacunas.

—Juan? — perguntou Jeff. — Don Quixote? — Ele ergueu as mãos e arqueou as sobrancelhas.

Pablo disse alguma coisa em grego e fez com o braço o gesto de quem lança alguma coisa. Depois fingiu estar girando um molinete para puxar algum peixe grande, lutando contra seu peso. Apontou para o relógio, primeiro para o seis, depois para o doze.

Jeff meneou a cabeça e sorriu, mostrando que havia entendido: os outros dois tinham ido pescar. Haviam saído às seis e estariam de volta ao meio-dia. Ele pegou o bilhete de Henrich e mostrou-o ao grego. Acenou chamando Amy e Mathias, gesticulou para cima para indicar Stacy e Eric, e em seguida apontou para Cancún no mapa. Lentamente, moveu o dedo até Cobá, e em seguida até o Xque marcava o local da escavação. Não conseguiu atinar como explicar o objetivo de sua viagem, como comunicar com gestos as palavras irmão ou desaparecido, então simplesmente continuou deslizando o dedo pelo mapa.

Pablo ficou animadíssimo. Sorriu, aquiesceu, apontou para o próprio peito e em seguida para o mapa, o tempo inteiro falando depressa em grego. Parecia que queria ir também. Jeff assentiu; os outros assentiram também. Os gregos estavam hospedados no hotel ao lado. Jeff apontou para lá, em seguida para baixo, para as pernas nuas de Pablo, e então para sua própria calça jeans. Pablo só fazia encará-lo. Jeff apontou para os outros, para suas calças compridas, e o grego recomeçou a balançar a cabeça. Começou a se afastar, mas em seguida voltou de repente, estendendo a mão para pegar o bilhete de Henrich. Levou-o até a mesa da recepção; eles o viram pedir uma caneta, um pedaço de papel, e em seguida dobrá-lo para escrever. Ele demorou bastante. Enquanto ainda estava escrevendo, Eric e Stacy reapareceram com a mochila, e Pablo largou a caneta e precipitou-se para abraçá-los. Ele e Eric fizeram com as mãos gestos de quem sacode alguma coisa, lançando dados imaginários. Fingiram beber, depois riram e sacudiram as cabeças, e Pablo contou uma história comprida em grego que ninguém conseguiu entender. Parecia ter algo a ver com um avião, ou um pássaro, alguma coisa com asas, e ele levou vários minutos para contá-la. Era evidentemente engraçada, ou pelo menos assim ele pensava, pois precisou parar várias vezes para rir. Sua risada era contagiante, e os outros também começaram a rir, apesar de não saberem

por quê. Por fim, ele se virou e foi continuar o que quer que estivesse fazendo com o bilhete de Henrich.

Quando voltou, eles viram que ele havia feito sua própria cópia do mapa desenhado à mão. Acima do mapa, escrevera um parágrafo em grego; Jeff imaginou que fosse um recado para Juan e Don Quixote, dizendo-lhes para ir encontrá-los na escavação. Tentou explicar a Pablo que eles estavam pensando em passar só o dia lá, que voltariam tarde da noite, mas não conseguiu encontrar um jeito de deixar isso claro. Não parava de apontar para o relógio, assim como Pablo, que parecia pensar que Jeff estava perguntando quando os outros gregos voltariam da pescaria. Ambos apontavam para o doze, mas Jeff queria dizer meia-noite, e Pablo, meio-dia. Por fim, Jeff desistiu; se continuasse assim, eles perderiam o ônibus. Gesticulou para que Pablo fosse até seu hotel, apontando novamente para suas pernas nuas. Pablo sorriu, aquiesceu e abraçou-os todos mais uma vez, em seguida saiu correndo da recepção, com a cópia do mapa de Henrich apertada na mão.

Jeff ficou esperando junto à porta da frente, vendo se a van chegava. Atrás dele, Mathias andava de um lado para o outro, dobrando e desdobrando o bilhete de Henrich, enfiando-o no bolso, só para tornar a tirá-lo de lá. Stacy, Eric e Amy estavam sentados em um sofá no meio da recepção e, quando Jeff olhou para eles, sentiu uma súbita hesitação. Eles não deveriam ir, pensou; era uma péssima ideia. Eric não parava de cabecear; estava bêbado e exausto, e com muita dificuldade para ficar acordado. Amy fazia bico, de braços cruzados na frente do peito, com os olhos fixos no chão à sua frente. Stacy calçava sandálias sem meias; dali a algumas horas, seus pés estariam cobertos de picadas de insetos. Jeff não podia se imaginar na companhia daqueles três em uma caminhada de três quilômetros no calor do Yucatán. Sabia que deveria simplesmente explicar isso a Mathias, desculpar-se, pedir-lhe perdão. Tudo que precisava

fazer era pensar em uma maneira de dizê-lo, de fazer Mathias entender, e eles poderiam passar mais um dia de ócio na praia. Deveria ter sido muito fácil, encontrar as palavras certas, e Jeff estava justamente começando a formá-las dentro de sua mente quando Pablo voltou, vestindo uma calça *jeans* e carregando uma mochila. Houve uma nova rodada de abraços, com todos falando ao mesmo tempo. Então a van chegou, e todos se aglomeraram lá dentro, um depois do outro, e de repente já era tarde demais para falar com Mathias, tarde demais para não ir. Já estavam entrando no fluxo do trânsito, afastando-se do hotel, da praia, de tudo que havia se tornado tão conhecido durante as últimas três semanas. Sim, estavam a caminho, estavam saindo, estavam indo, e foram.

Enquanto Stacy entrava apressada atrás dos outros na rodoviária, um menino agarrou-lhe o seio. Estendeu a mão por suas costas e deu-lhe um apertão forte, dolorido. Stacy girou nos calcanhares, movendo o braço para afastar a mão dele de seu corpo. Era exatamente esse o objetivo: a virada, o gesto com o braço, a distração inerente a esses movimentos, pois assim um segundo menino teve a oportunidade de arrancar-lhe da cabeça o chapéu e os óculos. Então os dois saíram correndo, disparando pela calçada, dois meninos de cabelos pretos de uns doze anos de idade, pelo que pareceu a ela, que agora desapareciam em meio à multidão.

Sem os óculos, o dia pareceu subitamente claro. Stacy ficou ali piscando, um pouco tonta, ainda sentindo a mão do menino em seu seio. Os outros já avançavam pela rodoviária. Ela deu um grito; achou que houvesse dado, mas, aparentemente, ninguém havia escutado. Precisou correr para alcançar os outros, levantando a mão por reflexo para segurar o chapéu na cabeça, o chapéu que não estava mais ali, que já estava do outro lado da praça, distanciando-se cada vez mais a cada segundo que passava, viajando

rumo às mãos de um novo dono, um desconhecido que, é claro, não faria ideia da existência dela, nem teria noção daquele instante, dela entrando correndo na rodoviária de Cancún, lutando repentinamente contra o impulso de chorar.

Por dentro, aquilo mais parecia um aeroporto do que uma estação rodoviária, limpa, com um ar-condicionado muito forte e super clara. Jeff já havia encontrado o guichê certo; estava falando com o atendente, fazendo perguntas em seu espanhol esmerado, de pronúncia precisa. Os outros estavam apinhados atrás dele, sacando suas carteiras, juntando o dinheiro para as passagens. Ao chegar perto deles, Stacy disse:

Um menino roubou meu chapéu.

Apenas Pablo se virou; os outros estavam todos inclinados na direção de Jeff, tentando escutar o que o atendente lhe dizia. Pablo sorriu para ela. Gesticulou indicando a rodoviária à sua volta, do mesmo jeito que alguém poderia apontar para uma vista particularmente agradável de alguma varanda.

Stacy agora estava começando a se acalmar. Seu coração, antes disparado, cheio de adrenalina, fazendo seu corpo tremer junto com ele, agora começava a se acalmar, e ela se sentia mais envergonhada do que qualquer outra coisa, como se de alguma forma o incidente todo fosse culpa dela. Aquele era o tipo de coisa que sempre parecia estar acontecendo com Stacy. Ela deixava câmeras caírem de barcos; esquecia bolsas em aviões. Os outros não perdiam, esqueciam ou tinham suas coisas roubadas, então por que isso acontecia com ela? Ela deveria ter prestado atenção. Deveria ter visto os meninos se aproximando. Estava mais calma, mas ainda com vontade de chorar.

— E meus óculos escuros — disse ela.

Pablo aquiesceu, abrindo mais o sorriso. Parecia muito feliz por estar ali. Era perturbador vê-lo reagir com tamanho contentamento distraído à sua chateação, que a ela parecia

tão evidente; por um instante, Stacy se perguntou se ele poderia estar zombando dela. Desviou o olhar dele para os outros.

Eric - chamou

Eric a dispensou com um aceno sem sequer olhar para ela.

— Eu tenho — disse ele. Estava entregando o dinheiro das passagens para Jeff.

Mathias foi o único a se virar. Fitou-a por um instante, examinando-lhe o rosto, e em seguida aproximou-se dela. Ele era tão alto, e ela era tão pequena; ele acabou se agachando na sua frente, como se ela fosse uma criança, olhando-a com o que parecia ser uma genuína preocupação.

— O que foi que houve? — perguntou ele.

Na noite da fogueira, quando Stacy havia beijado o grego, não fora apenas Amy que ela sentira estar olhando para ela, mas Mathias também. A expressão de Amy era de pura surpresa; a de Mathias, totalmente vazia. Nos dias que se seguiram, ela o havia surpreendido olhando para ela exatamente da mesma maneira: não propriamente julgando, mas com algo de escondido, de contido, que mesmo assim lhe dava a sensação de estar sendo pesada em alguma balança, avaliada, estimada e considerada insuficiente. Stacy no fundo era covarde, não tinha ilusões quanto a isso, sabia que sacrificaria muita coisa para escapar da dificuldade ou do conflito, e havia evitado Mathias da melhor maneira que era capaz. Evitado não somente sua presença, mas seus olhos também, aquele olhar observador. E agora ali estava ele, agachado na sua frente, olhando para ela com tanta empatia, enquanto os outros, sem prestar atenção, estavam ocupados comprando suas passagens. Foi confuso demais; ela perdeu a voz.

Mathias estendeu a mão e tocou-lhe o antebraço apenas com a pontinha dos dedos, descansando-os ali como se ela fosse um pequeno animal que ele estivesse tentando acalmar.

- O que foi? - perguntou ele.

Um menino roubou meu chapéu — Stacy conseguiu dizer. Gesticulou para a própria cabeça, para os olhos. — E meus óculos escuros.

- Agora?

Stacy assentiu, apontou para as portas.

- Lá fora.

Mathias se levantou; afastou os dedos de seu antebraço. Parecia prestes a sair correndo atrás dos meninos. Stacy ergueu a mão para detê-lo.

- Eles já foram - disse ela. - Saíram correndo.

Quem saiu correndo? — perguntou Amy. De repente, ela estava em pé ao lado de Mathias.

- Os meninos que roubaram o meu chapéu.

Eric agora também estava ali, estendendo-lhe um pedaço de papel. Ela o pegou e segurou-o ao lado do corpo sem nenhuma noção do que era, ou de por que Eric queria que ela o segurasse.

- Olha - disse ele. - Olha o seu nome.

Stacy baixou os olhos para o pedaço de papel. Era a sua passagem; tinha seu nome impresso. “Spacy Hutchins”, estava escrito. Eric sorria, satisfeito consigo mesmo.

Eles pediram os nossos nomes.

- Roubaram o chapéu dela - disse Mathias.

Stacy assentiu, sentindo-se novamente envergonhada. Todos a encaravam.

- E os meus óculos.

Então Jeff também apareceu, e não parou, passando direto por eles.

Rápido - disse. - A gente vai perder o ônibus.

Ele estava indo na direção da plataforma, e os outros partiram atrás dele: Pablo, Mathias e Amy, todos em fila indiana. Eric permaneceu ao seu lado.

- Como? - perguntou ele.

— Não foi culpa minha.

— Não estou dizendo isso. Só estou...

— Eles pegaram. Pegaram e saíram correndo.

Ainda podia sentir o toque do menino em seu seio. Isso, e o toque estranhamente frio das pontas dos dedos de Mathias em seu antebraço. Se Eric lhe fizesse mais uma pergunta, tinha medo de que fosse ser demais para ela; ela se renderia, desataria a chorar.

Eric olhou na direção dos outros. Estavam quase fora de seu campo de visão.

É melhor a gente ir - disse. Esperou ela aquiescer, e então saíram andando juntos, a mão dele agarrando a dela, puxando-a pelo meio da multidão.

O ônibus não era nada do que Amy esperava. Ela havia imaginado alguma coisa suja e quebrada, com janelas que sacolejavam, amortecedores gastos e cheiro ruim vindo do banheiro. Mas era agradável. Tinha ar-condicionado; havia pequenas televisões penduradas no teto. A passagem de Amy mostrava o número de seu assento. Ela e Stacy estavam juntas, mais ou menos no meio do ônibus. Pablo e Eric estavam bem na sua frente, e Jeff e Mathias do outro lado do corredor.

Assim que o ônibus saiu da rodoviária, as TVs foram ligadas. Estava passando uma novela mexicana. Amy não falava nada de espanhol, mas mesmo assim ficou assistindo, inventando um enredo para se encaixar nas expressões atônitas dos atores, e em seus gestos de repulsa. Não foi tão difícil: todas as novelas são mais ou menos iguais, e aquilo a fez se sentir melhor, perder-se um pouco em sua narrativa inventada. Imediatamente ficou claro que o homem de cabelos escuros que devia ser algum tipo de advogado estava traindo a esposa com a mulher de cabelos louros descoloridos, mas ele não percebia que a loura estava gravando suas conversas. Havia uma mulher mais velha, coberta de joias, que obviamente manipulava todos os outros com seu dinheiro. Havia uma mulher de longos cabelos negros em quem a velha confiava, mas que parecia estar tramando algo contra ela. Estava mancomunada com

o médico da velha, que também parecia ser o marido da loura descolorida.

Depois de algum tempo, depois de deixarem a cidade para trás e de já estarem rumando para o sul ao longo do litoral, Amy se sentiu suficientemente à vontade consigo mesma para ser capaz de estender a mão e segurar a de Stacy.

- Não tem problema - disse ela. - Pode pegar o meu chapéu emprestado, se quiser.

E o sorriso de Stacy ao escutar isso, tão aberto, tão imediato, tão carinhoso, mudou tudo, fazendo o dia inteiro parecer possível, emocionante até. Elas eram melhores amigas, estavam saindo para uma aventura, uma caminhada no meio da mata para ver as ruínas. De mãos dadas, assistiram à novela. Stacy também não falava espanhol, então debateram sobre o que estava acontecendo, cada qual se esforçando para sugerir a situação mais esdrúxula possível. Stacy imitava as expressões da mulher mais velha, que pareciam as de uma atriz de cinema mudo, expansivas e exageradas, cheias de ganância e malícia, e elas afundaram nos assentos, rindo juntas, cada uma fazendo a outra se sentir melhor, mais segura, mais feliz, enquanto o ônibus seguia seu caminho costa abaixo, em meio ao calor nascente do dia.

Pablo tinha uma garrafa de tequila na mochila. Não: Eric podia ouvir um tilintar, então devia haver duas garrafas, ou mais. Mas Eric só viu uma. Pablo tirou-a da mochila para lhe mostrar, sorrindo, arqueando as sobrancelhas. Aparentemente, queria que a compartilhassem durante a viagem até Cobá. Havia alguma coisa com uma moeda, também: algum tipo de moeda grega. Pablo sacou a moeda, fez o gesto de quem tira cara ou coroa, em seguida de quem bebe. Outro jogo. Até onde Eric podia entender, parecia um jogo bem simples. Eles tirariam cara ou coroa. Se desse cara, Eric teria de beber, se desse coroa, seria o grego. Dando mostras de uma sabedoria que lhe era

habitual, Eric recusou a sugestão. Recostou o assento, fechou os olhos, e adormeceu com a velocidade de um homem com uma sonda de anestesia. *Cem, noventa e nove, noventa e oito, noventa e sete...* e caiu no sono.

Acordou por um breve instante, com a visão embaçada, e viu que estavam estacionados na frente de uma longa sucessão de barracas de suvenires. Não era ali que iam descer, mas alguns dos outros passageiros estavam juntando suas coisas e saltando, enquanto outros faziam fila diante da porta, esperando para embarcar. Pablo dormia ao seu lado, de boca aberta, roncando baixinho. Amy e Stacy estavam afundadas em seus assentos, cochichando. Jeff lia o guia de viagens coletivo que os quatro haviam comprado juntos. Estava curvado acima das páginas, concentrado, como se as estivesse decorando. Os olhos de Mathias estavam fechados, mas ele não dormia. Eric não saberia dizer como percebia isso; simplesmente sabia, e enquanto encarava o outro rapaz, perguntando-se o motivo daquilo, Mathias deixou a cabeça pender na sua direção, e abriu os olhos. Foi um momento estranho: ficaram os dois ali sentados, com apenas o corredor do ônibus a separá-los, encarando-se. Por fim, uma das novas passageiras veio arrastando os pés em direção à traseira do ônibus, impedindo-os, por um instante, de se ver. Quando ela passou, Mathias já havia virado a cabeça para a frente de novo e fechado os olhos.

Do lado de fora da janela, os passageiros recém-desembarcados estavam em pé ao lado do ônibus, sem saber o que fazer, olhando em volta, como se estivessem questionando sua esperteza em escolher aquele lugar como destino. Os vendedores das barracas os chamavam, gesticulando para que se aproximassem. Os passageiros sorriam, aquiesciam, acenavam, ou se esforçavam para fingir que não estavam escutando os gritos de boas-vindas. Permaneciam em pé, sem se mexer. As barracas vendiam refrigerantes, comida, roupas, chapéus de palha, joias,

estatuetas maias, cintos e sandálias de couro. A maioria tinha cartazes em espanhol e inglês. Havia um bode amarrado a uma estaca ao lado de uma delas, e alguns cachorros rodeavam, espiando desconfiados o ônibus e os passageiros desembarcados. Depois das barracas começava a cidade. Eric podia ver a torre de pedra cinza de uma igreja, as paredes caiadas das casas. Imaginou chafarizes escondidos em pátios, o suave balanço de redes, pássaros em gaiolas, e por um instante pensou em se levantar, incentivar os outros a descerem do ônibus, e guiá-los por aquele lugar que parecia tão mais “real” do que Cancún. Poderiam ser viajantes em vez de turistas, para variar um pouco; poderiam explorar, descobrir e... Mas ele estava de ressaca, e muito cansado, e fazia calor lá fora; Eric podia sentir isso até mesmo através do vidro fume da janela, podia vê-lo na atitude dos cachorros, cabeças baixas, línguas pendendo das bocas. E havia também o irmão de Mathias — o motivo que os fizera iniciar aquela expedição. Eric virou a cabeça, quase esperando ver o alemão novamente a encará-lo, mas Mathias estava olhando direto para a frente, de olhos ainda fechados.

Eric fez o mesmo: tornou a se virar para a frente do ônibus, fechou os olhos. Ainda estava consciente quando o veículo se pôs em movimento. Este fez uma volta aberta, sacolejando e batendo, e entrou na estrada. Pablo se remexeu no sono, caiu em cima dele, e Eric precisou empurrá-lo para longe. O grego murmurou alguma coisa em sua própria língua, mas não acordou. As palavras, porém, foram ríspidas, como uma acusação ou um xingamento, e Eric pensou nos sorrisos que os gregos algumas vezes trocavam, na sensação de segredos compartilhados que irradiavam. *Quem são eles?* perguntou-se. Estava já meio dormindo, com a mente a funcionar por conta própria; nem sequer sabia ao certo em quem estava pensando. Nos mexicanos, talvez, nos maias que gritavam de suas barracas. Ou em Pablo e nos outros gregos, com sua

conversa constante, seus meneios de cabeça, seus abraços e piscadelas. Ou em Mathias, com seu irmão misteriosamente desaparecido, sua tatuagem assustadora, aquele olhar vazio. Ou — bem, por que não? — em Jeff, Amy e Stacy. *Quem são eles?*

Dormiu e não sonhou, e, quando tornou a abrir os olhos, estavam entrando em Cobá. Todos estavam se levantando e se esticando, e a pergunta desapareceu de sua mente, junto com sua lembrança. Faltava pouco para o meio-dia e, conforme tomava uma consciência maior de si mesmo, Eric percebeu que se sentia melhor do que jamais havia se sentido naquele dia. Estava com sede e com fome, e precisava fazer xixi, mas sua mente estava limpa e seu corpo mais forte, e ele então sentiu que estava pronto, enfim, para o que quer que o dia fosse trazer.

Jeff encontrou um táxi para eles. Era uma picape amarelo-vivo. Jeff mostrou o mapa de Mathias ao motorista, um homem baixo, atarracado, com óculos grossos, que o estudou com grande atenção. O motorista falava uma mistura de inglês e espanhol. Vestia uma camiseta justa que envolvia suas formas rechonchudas. Havia enormes rodela de suor em suas axilas, e seu rosto brilhava de transpiração. Ele o enxugava com uma bandana repetidamente enquanto examinava o mapa; parecia não gostar do que encontrou ali. Franziu o cenho para os seis, um a um, em seguida para sua picape, e por fim para o sol dependurado no céu acima deles.

— Vinte dólares — disse.

Jeff sacudiu a cabeça, recusando. Não fazia ideia do que seria um preço justo, mas sentia que era importante pechinchar.

— Seis — falou, escolhendo uma quantia ao acaso.

O motorista pareceu ultrajado, como se Jeff houvesse acabado de se inclinar para a frente e cuspir em seus pés calçados com sandálias. Devolveu-lhe o mapa e começou a se afastar.

Oito! - gritou Jeff para suas costas.

O motorista se virou de frente para ele, mas não voltou.

— Quinze

- Doze.

- Quinze - insistiu o motorista.

O ônibus agora estava indo embora, e os outros passageiros desapareciam cidade adentro. A picape amarela era o único táxi à vista grande o suficiente para acomodar todos eles.

— Quinze — concordou Jeff. Sentia que estava pagando demais, e sentiu-se tolo por isso. Podia ver que o motorista estava tendo dificuldade para esconder seu deleite, mas ninguém pareceu perceber isso. Já estavam todos andando em direção à picape. Não tinha importância; nada daquilo tinha importância. Aquilo era só um estágio de sua jornada, que poderia ser rapidamente concluído. E Mathias de repente apareceu ao seu lado, abriu a carteira, e pagou o homem. Jeff não se ofereceu para contribuir. Mathias, afinal de contas, era o motivo pelo qual estavam ali. Se não fosse ele, estariam todos semiadormecidos na praia naquele exato momento.

Na caçamba da picape havia um cachorro pequeno amarrado a um bloco de concreto. Quando chegaram perto do veículo, o cachorro começou a se jogar para a frente, esticando a corrente, rosnando, latindo e babando grandes laivos de saliva. Era do tamanho de um gato grande, preto, com as patas brancas e uma pelagem emaranhada, parecendo gordurosa, mas seu latido parecia ser o de um cachorro bem maior. Sua raiva, seu desejo de machucá-los, parecia quase humano. Eles pararam de andar e ficaram olhando para o animal.

Rindo, o motorista fez menção para continuarem.

— Não tem problema — disse, em seu inglês de sotaque carregado. — Não tem problema. — Abriu a porta da caçamba, acenou para o cachorro, mostrou-lhes que sua corrente só chegava até a metade do bagageiro. Dois deles podiam ir na frente. Os outros quatro podiam se acomodar

de tal forma a manter-se fora do alcance do cachorrinho bravo. A maior parte desse diálogo deu-se através de gestos, pontuados pela repetição regular daquelas três palavras - Não tem problema, não tem problema, não tem problema.

Stacy e Amy se candidataram a sentar na frente. Adiantaram-se apressadas, abriram a porta do lado do carona, e subiram no veículo antes que qualquer um pudesse protestar. Os outros subiram desanimados na traseira. Os latidos do cão ficaram mais altos. Ele puxava a corrente com tanta força que parecia que poderia quebrar o pescoço. O motorista tentava acalmar o cachorro, murmurando-lhe palavras em maia, mas sem nenhum efeito aparente. Por fim, o homem apenas sorriu, dando de ombros, e fechou a porta da caçamba. Foram necessárias três tentativas para ligar a picape; então começaram a avançar. Entraram em uma estrada asfaltada, na direção contrária à cidade. Depois de quase dois quilômetros, dobraram à esquerda em uma estrada de cascalho. Havia plantações de algum tipo — Jeff não soube dizer o que crescia ali, mas uma delas continha um trator quebrado, e outra, dois cavalos. Então, abruptamente, estavam no meio da mata folhagens espessas e de aparência úmida cresciam bem ao lado da estrada. O sol estava no meio do céu, bem acima deles, então era difícil dizer em que direção estavam indo, mas ele supôs que fosse para o oeste. O motorista havia ficado com o mapa. Simplesmente precisavam acreditar que ele sabia como segui-lo.

Os quatro estavam sentados com as costas apoiadas na porta da caçamba e os pés junto do corpo, olhando para o cachorro, que continuava a se jogar na direção deles, rosnando, latindo e babando sem parar. Fazia calor, com a umidade viscosa, levemente fétida de uma estufa. Havia a falsa brisa causada pelo movimento da picape, mas ela não era suficiente, e eles logo estavam suando através das camisetas. De vez em quando, Pablo gritava alguma coisa

em grego para o cachorro, e todos riam, nervosos, embora, é claro, não tivessem a mínima ideia do que ele estava dizendo. Até mesmo Mathias, que raramente parecia rir, juntou-se a eles na diversão.

Depois de algum tempo, a estrada de cascalho transformou-se em terra batida e passou a apresentar grandes sulcos. A picape desacelerou, sacudindo-se nos buracos, fazendo-os caírem uns por cima dos outros. Os calombos maiores faziam o bloco de concreto erguer-se no ar por um breve instante, antes de tornar a cair com estrondo sobre a caçamba da picape. A cada vez que isso acontecia, o cachorro conseguia arrastá-lo mais alguns centímetros para perto deles. Parecia que haviam percorrido mais do que os dezoito quilômetros previstos no mapa. Seguiam cada vez mais devagar à medida que a estrada ia piorando, e as árvores se fechavam, pairando acima deles, roçando na lateral da picape. Uma nuvem de insetos se formou sobre suas cabeças, acompanhando sua lenta passagem, picando-lhes os braços e pescoços, fazendo-os estapearem a si mesmos. Eric tirou da mochila um frasco de repelente, mas em seguida este escapou-lhe das mãos, caindo na caçamba da picape. Rolou na direção do cachorro, bateu no bloco de cimento, e parou ali. O cachorro cheirou-o por um instante, e em seguida recomeçou a latir. Pablo não estava mais gritando, e eles haviam parado de rir. O tempo se estendia; já tinham ido longe demais, e Jeff começava a desconfiar que haviam cometido um erro terrível, que o homem os estava levando para a mata para roubá-los e matá-los. Estupraria as garotas; atiraria neles, ou os esfaquearia, ou esmagaria seus crânios com uma pá de pedreiro. Daria seus corpos para o cachorrinho comer; enterraria os ossos na terra úmida, e ninguém mais ouviria falar neles.

Então surgiu um acostamento do lado direito da estrada, e a picape entrou ali e parou. Uma trilha conduzia para o meio das árvores. Haviam chegado. Os quatro pularam depressa por cima da tampa da caçamba, rindo de novo,

abandonando o frasco de repelente, e o cão continuou a esticar seu pedaço de corrente, rosnando e latindo seu adeus.

Stacy estava sentada junto à janela, bem fechada para protegê-los do calor cada vez mais forte do dia. O ar-condicionado da picape estava no máximo; à medida que a viagem prosseguia, ela começou a tremer, seu suor agora seco, e os pelos arrepiaram-lhe a pele dos antebraços. A viagem não lhe pareceu excepcionalmente longa. Na verdade, ela mal a percebeu passar, pois seus pensamentos estavam em outro lugar, quinze anos antes, e a mais de três mil quilômetros de distância. A cor da picape: era isso que havia provocado as lembranças. Um amarelo de bloco de anotações. Seu tio havia morrido em um carro daquela cor. O tio Roger, irmão mais velho de seu pai, surpreendido por um temporal de primavera em Massachusetts, tentando atravessar uma parte alagada da estrada. Um regato havia transbordado de suas margens; ele levara o carro, carregara-o correnteza abaixo, virara-o de ponta-cabeça, e em seguida lançara-o de lado na beirada de um pomar de macieiras. Fora ali que haviam encontrado o tio Roger, ainda de cinto de segurança, pendurado de cabeça para baixo em seu carro amarelo, como um morcego. Afogado.

Quando receberam a notícia, Stacy, seus pais e os dois irmãos estavam na Flórida. Eram as férias de primavera, e seu pai os havia levado de avião à Disney World. Estavam hospedados no mesmo quarto, os cinco juntos, com os pais ocupando uma das camas., e os dois meninos, a outra. Stacy dormia em uma cama de armar no meio das duas. Tinha sete anos de idade; seus irmãos, quatro e nove. Ela se lembrava do pai no telefone, mandando-os fazer silêncio com a mão livre, enquanto dizia: "O que... o que... o que..." A ligação estava ruim, e ele precisou gritar, repetindo, em tom de pergunta, tudo que estavam lhe dizendo. "Roger... Um temporal... Afogado..." Em seguida, começara a chorar, curvado sobre si mesmo, olhos bem fechados, tateando

para recolocar o fone no gancho, batendo-o na mesa de cabeceira, sem acertar nunca, até finalmente a mãe de Stacy o pegar de suas mãos e recolocá-lo ela própria no gancho. Stacy e os irmãos estavam sentados na outra cama, vendo a cena, atônitos. Nunca haviam visto o pai chorar, nem tornariam a ver. Sua mãe os pegou, levou-os para tomar um sorvete no restaurante do hotel e, quando voltaram, tudo havia terminado. Seu pai era novamente ele mesmo, e estava ocupado fazendo as malas. Já reservara assentos em um voo de volta para casa mais tarde naquele mesmo dia.

Tio Roger fora um homem imponente, prematuramente grisalho, que sempre parecera pouco à vontade com os filhos do irmão, recorrendo a bichinhos de sombra e brincadeiras bobas para distrair sua atenção. Antes de morrer, fora passar o Natal com eles. O quarto de hóspedes ficava bem em frente ao de Stacy, e ela certa noite havia sido acordada por um baque forte. Curiosa, um pouco assustada, esgueirara-se até a porta, espiara o corredor lá fora. Tio Roger estava ali deitado, muito bêbado, esforçando-se para tornar a ficar de pé. Depois de algumas tentativas, desistiu. Rolou o corpo, remexeu-se com um grunhido, e conseguiu se acomodar em uma posição mais ou menos sentada, com as costas apoiadas na porta do quarto de hóspedes.

Foi então que percebeu a presença de Stacy. Piscou para ela, sorrindo, e ela abriu um pouco mais a porta. Então agachou-se ali, a observá-lo. O que ele disse em seguida permaneceria tão vivo em sua memória, tão intocado pelas limitações de sua consciência de menina de sete anos de idade, que ela não tinha mais certeza se havia de fato acontecido. Sua lucidez parecia mais sonho do que lembrança. "Vou te dizer uma coisa importante", disse o tio. "Está me ouvindo?" Quando ela aquiesceu, ele sacudiu-lhe um dedo reprovador. "Se você não tomar cuidado, pode chegar a um ponto em que vai ter tomado decisões sem

pensar. Sem planejar. Pode acabar não vivendo a vida que queria viver. Talvez você tenha a vida que merece, mas não a vida que queria ter." Nesse ponto, tornou a sacudir o dedo. "Lembra de pensar bem", disse ele. "Lembra de planejar."

Então ele se calou. Não era assim que supostamente se deveria conversar com uma menina de sete anos e, com algum atraso, ele pareceu perceber isso. Forçou-se a sorrir para ela. Ergueu as mãos e tentou fazer alguns bichinhos de sombra à débil luz vinda da escadaria. Fez seu coelho, seu cão que latia, sua águia em pleno voo. Não ficaram muito bons, e ele pareceu perceber isso também. Bocejou, fechou os olhos, e adormeceu quase imediatamente. Stacy fechou a porta e tornou a subir na cama.

Nunca mencionou essa conversa para seus pais, mas pensou nela, ocasionalmente, durante toda a infância. Agora, já adulta, ainda pensava naquela noite, talvez ainda mais. A conversa a assombrava porque ela pressentia a verdade no que ele dissera, ou no que havia sonhado que ele dissera, e sabia que não era alguém que pensava, que fazia planos, nem nunca seria. Era bem fácil se imaginar encurralada de alguma forma imprevista, por negligência ou cansaço. Mais velha, por exemplo, e completamente só, vestindo um roupão manchado, assistindo a programas de TV no meio da noite com o som bem baixinho, enquanto meia dúzia de gatos dormem à sua volta. Ou no subúrbio, talvez, perdida em um casarão de muitos quartos cheios de ecos, com os mamilos doloridos e um bebê no andar de cima, chorando de fome. Essa última imagem era a que lhe vinha à mente agora, sentada na picafe amarela, sacudindo-se pela estrada de terra sulcada, e o pensamento a fez se sentir oca, como um balão, passível de estourar. Ela fez força para deixá-lo de lado. Afinal, aquela não era sua vida, não agora, não ainda. Dali a alguns meses, começaria a universidade; qualquer coisa podia acontecer. Conheceria gente nova, amigos que provavelmente guardaria pelo resto

da vida. Passou alguns instantes imaginando a si mesma em Boston, em algum café, talvez, com uma pilha de livros sobre a mesa à sua frente, tarde da noite, com o lugar quase vazio, e um rapaz entrando, um de seus colegas, seu sorriso tímido, e como ele lhe perguntaria se podia se sentar ao seu lado, quando de repente, inexplicavelmente, viu-se pensando outra vez no tio Roger, sozinho naquela estrada alagada, no instante mágico em que o regato arrebatou seu carro, erguendo-o, dando-lhe aquela sensação de não ter peso, não pânico ainda, apenas pura surpresa, e talvez até uma certa tontura de prazer, o início de uma pequena aventura, uma história divertida para contar aos vizinhos quando chegasse em casa.

Nunca tentar passar de carro por um curso d'água em movimento. Havia tantas regras a lembrar. Não era de espantar que as pessoas acabassem indo parar em lugares onde nunca haviam escolhido estar.

Foi com esse pensamento — em retrospecto, uma previsão adequadamente pessimista — que ela ergueu os olhos pelo para-brisa, e viu que haviam chegado.

Quando a picape parou, o homem estendeu o mapa para Amy. Ela estendeu a mão para pegá-lo, mas ele não deixou. Ela puxou, e ele continuou segurando: um curto cabo-de-guerra. Stacy tentava acionar a maçaneta da porta; não percebeu o que estava acontecendo. A picape balançou de leve quando Jeff e os outros pularam para o chão. As janelas estavam levantadas, o ar-condicionado ligado no máximo, mas Amy pôde ouvi-los rir. O cachorro ainda latia. Stacy finalmente conseguiu abrir a porta, e saiu para o calor do lado de fora, deixando-a entreaberta para Amy segui-la. Mas o homem não queria soltar o mapa.

- Esse lugar — disse ele, meneando a cabeça em direção à trilha. — Por que vocês vão?

Amy podia ver que o inglês do homem era limitado. Tentou pensar em como poderia descrever o objetivo de sua missão

com as palavras mais simples possíveis. Inclinou-se para a frente; os outros se reuniam ao lado da picape, colocando as mochilas nas costas, à sua espera. Apontou para Mathias.

- Irmão dele? — falou. — A gente precisa encontrar o irmão dele.

O motorista se virou, encarou Mathias durante algum tempo, e em seguida tornou a olhar para ela. Franziu o cenho, mas não disse nada. Ambos ainda estavam segurando o mapa.

- Hermano? — tentou Amy. Não sabia de onde tinha vindo essa palavra, nem se estava certa. Seu espanhol limitava-se a títulos de filmes, nomes de restaurantes. — Perdido? — disse ela, tornando a apontar para Mathias. — Hermano perdido. — Não tinha certeza do que estava dizendo. O cachorro ainda latia e aquilo começava a lhe dar dor de cabeça, tornando difícil pensar direito. Queria descer da picape, mas, quando tornou a puxar o mapa, o motorista continuou sem soltá-lo.

Ele sacudiu a cabeça.

- Esse lugar — disse ele. — Não bom.

- Não bom? - perguntou ela. Não fazia ideia do que ele queria dizer. Ele assentiu.

- Não bom vocês irem pra esse lugar.

Do lado de fora, os outros haviam se virado para olhar para a picape. Estavam esperando por ela. Um pouco além de onde estavam começava a trilha. As árvores cresciam acima dela, formando um túnel de sombras onde reinava uma escuridão quase completa. Ela não podia ver muito longe lá dentro.

- Não estou entendendo — disse Amy.

— Quinze dólares, levo vocês de volta.

— A gente está procurando o irmão dele. O motorista sacudiu a cabeça, veemente.

— Levo vocês outro lugar. Quinze dólares. Todo mundo feliz.

— Sorriu para demonstrar o que estava querendo dizer; um

sorriso largo, que mostrava os dentes. Estes eram grandes, parecendo muito grossos, e pretos junto às gengivas.

— Este é o lugar certo — disse Amy. - Está no mapa, não está? — Ela puxou o mapa, e ele deixou que ela o pegasse. Apontou para o X, e em seguida para a trilha. - É isso, não é?

O sorriso do motorista desapareceu; ele sacudiu a cabeça, como se estivesse enojado, e acenou para ela e para a porta aberta.

— Então vai — disse. — Eu digo que não bom, mas mesmo assim você vai. Amy estendeu o mapa, apontando novamente para o X.

— A gente está procurando...

— Vai — disse o homem, interrompendo-a e levantando a voz, como se de repente houvesse perdido a paciência com aquela conversa toda, como se estivesse ficando zangado. Continuou a gesticular em direção à porta, sem olhar para ela nem para o mapa que acabara de entregar. - Vai, vai, vai.

Então ela foi. Saltou, fechou a porta com um empurrão, e viu a picape se afastar devagar, de volta para a estrada.

O calor pareceu uma gigantesca mão que se estendia e envolvia seu corpo. No início, a sensação foi boa depois do frio do ar-condicionado, mas em seguida, muito depressa, a mão começou a apertar. Ela começou a suar, e ali havia mosquitos, esvoaçando, zumbindo, picando. Jeff havia tirado um frasco de repelente da mochila e aplicava o spray em todos eles. O cachorro continuava avançando para eles mesmo enquanto a picape se afastava, quicando e sacudindo-se pelos sulcos profundos da estrada. Ainda puderam ouvir seus latidos muito depois de a picape sumir de vista.

— O que é que ele queria? — perguntou Stacy. Ela já havia passado repelente. Sua pele reluzia com o produto, e ela recendia a aromatizador de ambiente. Mas os mosquitos

ainda a picavam; ela não parava de dar tapinhas nos próprios braços.

— Ele disse que a gente não deveria ir.

— Ir pra onde?

Amy apontou para a trilha.

- Por que não? — perguntou Stacy. - Ele disse que não é bom. - O que não é bom?

— O lugar pra onde a gente está indo.

— As ruínas não são boas?

Amy deu de ombros; não sabia o que isso significava.

— Ele queria quinze dólares para levar a gente até algum outro lugar. Jeff se aproximou com o frasco de repelente. Tirou o mapa das mãos dela

e começou a aplicar o spray. Amy estendeu os braços, em seguida ergueu-os acima da cabeça para ele poder aplicar o produto em seu tórax. Ela se virou em um círculo lento, dando a volta inteira. Quando ficou novamente de frente para ele, ele parou de aplicar o spray e agachou-se para tornar a guardar o repelente na mochila. Ficaram todos ali em pé, a observá-lo. Um pensamento inquietante passou pela cabeça de Amy.

— Como é que a gente vai voltar? — perguntou ela. Jeff olhou para ela e apertou os olhos.

— Voltar?

Ela apontou para a estrada por onde a picape havia desaparecido.

— Pra Cobá.

Ele se virou para olhar a estrada, refletindo sobre a pergunta.

— O guia diz que sempre dá pra fazer sinal pra algum ônibus que estiver passando. — Ele deu de ombros; parecia perceber o quanto isso era bobo. - Então eu achei...

— Não vai passar nenhum ônibus naquela estrada — disse Amy. Jeff aquiesceu. Aquilo era bastante óbvio.

— Naquela estrada nem cabe ônibus.

— O guia dizia também que dava pra pedir carona...

— Você está vendo algum carro passar, Jeff?

Jeff deu um suspiro, puxando o cordão da mochila. Levantou-se, pôs a mochila nas costas.

— Amy... - começou a dizer.

— Durante toda a viagem de picape, você viu algum...

— Eles devem ter um jeito de se abastecer.

— Quem?

— Os arqueólogos. Eles devem ter uma caminhonete. Ou devem ter como conseguir uma caminhonete. Quando a gente encontrar o irmão do Mathias, pode simplesmente pedir pra eles... sei lá... levarem a gente de volta para Cobá.

- Meu Deus, Jeff. A gente está preso aqui, não está? Tipo, a gente vai ter de andar o quê? Uns trinta quilômetros. No meio da porra de uma mata.

- Dezoito.

- O quê?

- Dezoito quilômetros.

- Não mesmo, não foram dezoito quilômetros de jeito nenhum. — Amy se virou para os outros em busca de corroboração, mas somente Pablo sustentou seu olhar. Ele estava sorrindo; não fazia ideia sobre o que estavam falando. Mathias vasculhava dentro da mochila. Stacy e Eric olhavam para o chão. Ela podia ver que todos achavam que aquilo era apenas mais uma de suas reclamações, e isso a deixou irritada. - Ninguém mais está se incomodando com isso?

- Por que a responsabilidade é minha? - perguntou Jeff. - Por que era eu quem tinha que pensar em tudo sozinho?

Amy ergueu as mãos para o céu, como se a resposta fosse óbvia.

- Porque... - disse ela, mas em seguida se calou. Por que era responsabilidade de Jeff? Tinha certeza de que era, mas não conseguia atinar por quê.

Jeff virou-se para os outros, gesticulando em direção à trilha.

- Estão prontos? - perguntou. Todos assentiram, menos Amy. Ele começou a andar, seguido por Mathias, depois por Pablo e Eric.

Stacy lançou um olhar compreensivo para Amy.

- Segue o fluxo, querida - disse ela. - Tá bom? Você vai ver. Vai dar tudo certo.

Deu os braços à amiga, e puxou-a para começarem a andar. Amy não resistiu; começaram a andar juntas em direção à trilha, de braços dados, enquanto Jeff e Mathias já desapareciam nas sombras à sua frente, com os pássaros gritando acima de suas cabeças para assinalar sua entrada nas profundezas da mata.

O mapa dizia que eles precisavam percorrer três quilômetros na trilha. Então veriam outro caminho, que partiria para sua esquerda. Esta os faria subir gradualmente uma encosta. No alto do morro, encontrariam as ruínas.

Já estavam andando havia quase vinte minutos quando Pablo parou para urinar. Eric também parou. Pousou a mochila no chão e sentou-se em cima dela para descansar.

As árvores ao longo da trilha bloqueavam a luz do sol, mas ainda estava quente demais para caminhar tanto. Sua camiseta estava completamente empapada de suor; seus cabelos grudavam na testa, úmidos.

-Já via mosquitos, e algum outro tipo de mosca bem pequena, que não picava, mas parecia atraída pela transpiração de Eric. Os insetos esvoaçavam ao seu redor em uma nuvem, emitindo um zumbido grave. Ou ele havia suado tanto que o spray repelente não fazia mais efeito, ou então o spray era uma porcaria.

Stacy e Amy os alcançaram enquanto Pablo ainda urinava. Eric as ouviu conversando enquanto se aproximavam, mas elas se calaram ao chegar perto. Stacy sorriu para Eric, e afagou-lhe a cabeça ao passar. Elas não pararam, sequer diminuíram o passo, e, depois de avançarem um pouco pela trilha, ele as ouviu começarem novamente a conversar. Sentiu uma pontinha de preocupação, a sensação de que

elas poderiam estar fofocando a seu respeito. Ou talvez não. Talvez fosse sobre Jeff. Mas elas eram cheias de segredinhos, sempre sussurrando; era algo com que Eric ainda não havia se acostumado, aquela proximidade. Algumas vezes, surpreendia-se fazendo cara feia para Amy sem motivo, desgostando dela: sentia ciúmes. Queria que Stacy sussurrasse para ele, e não ser o assunto de seus sussurros, e incomodava-o que não fosse assim.

O grego tinha uma bexiga imensa. Ainda estava urinando, e uma poça se formava a seus pés. As pequeninas moscas pretas pareciam achar o mijo ainda mais atraente do que o suor; foram pairar acima da poça, mergulhando dentro dela e voando de novo, criando pontinhos na superfície do líquido. O grego não parava de urinar.

Quando terminou, tirou da mochila uma das garrafas de tequila e rompeu o lacre. Um gole rápido, e passou-a para Eric. Eric se levantou para beber, e o álcool forte fez brotar lágrimas de seus olhos. Ele tossiu e devolveu a garrafa. Pablo deu mais um gole antes de recolocá-la na mochila. Disse alguma coisa em grego, sacudindo a cabeça, enxugando o rosto com a camisa. Eric supôs que fosse um comentário sobre o calor; o tom era adequado, como uma reclamação.

Ele assentiu.

— Calor infernal — disse. — Vocês têm uma expressão assim? Todo mundo deveria ter, você não acha? Hades? Inferno? O grego só fazia sorrir para ele.

Eric pôs a mochila nas costas, e eles recomeçaram a andar. No mapa, a trilha havia sido desenhada como uma linha reta, mas, na realidade, era tortuosa. Stacy e Amy estavam cem metros mais à frente, e algumas vezes Eric podia vê-las, outras vezes não. Jeff e Mathias haviam começado a percorrer a trilha como dois escoteiros, decididíssimos. Eric não conseguia mais vê-los, nem mesmo nas retas mais compridas. A trilha tinha cerca de um metro e vinte de largura e era de terra batida, com uma densa vegetação de

ambos os lados. Plantas de folhas imensas, trepadeiras e cipós, árvores saídas diretamente de uma história em quadrinhos do Tarzã. Debaixo das árvores estava escuro, e era difícil ver muito longe no meio delas, mas de vez em quando Eric escutava coisas caindo pela folhagem. Pássaros, talvez, assustados por sua aproximação. Havia muitos grasnados, e subjacente a eles um chiado constante, como o de uma cigarra, que de maneira súbita, sem razão aparente, podia silenciar, fazendo um arrepio percorrer-lhe a espinha.

A trilha parecia ser bastante utilizada. Passaram por uma garrafa de cerveja vazia, por um maço de cigarros amassado. Em determinado ponto, havia também as pegadas de algum animal de casco, menor do que um cavalo. Talvez um jumento, ou mesmo um bode — Eric não sabia dizer ao certo. Jeff provavelmente saberia o que era; ele era bom nessas coisas — localizar constelações, dizer o nome das flores. Era um leitor, um acumulador de fatos, talvez às vezes um pouco exibido: fazia o pedido no restaurante em espanhol, mesmo quando estava claro que o garçom falava inglês, ou corrigia a pronúncia das pessoas. Eric não conseguia decidir o quanto gostava dele. Ou, pensando bem, e talvez essa fosse mais a questão, o quanto Jeff gostava dele.

Dobraram uma curva e desceram uma encosta comprida, gradual, com um córrego que corria paralelo à trilha, e então, de repente, depararam-se com a luz do sol, ofuscante depois de todo aquele tempo na sombra. A mata ficou para trás, substituída pelo que parecia ser algum tipo de tentativa abortada de cultivar alguma coisa. Havia descampados de ambos os lados da trilha, que se estendiam por mais ou menos cem metros, vastas extensões de terra revolvida, assando sob o sol. Aquele era o último estágio do ciclo de desmatamento: desbastar, queimar, semear, colher, tudo isso já havia acontecido ali, e depois o que vinha era aquilo, a terra arrasada que

antecedia o retorno da mata. A folhagem nas beiradas já havia começado a se espalhar de forma exploratória, com trepadeiras e, de vez em quando, um arbusto na altura da cintura, que

parecia diminuto e, de certa forma, tenaz, em meio a todos aqueles torrões de terra revolvidos.

Pablo e Eric vasculharam as mochilas à procura de seus óculos escuros. Ao longe, a mata recomeçava, estendendo-se como um muro em frente à trilha. Jeff e Mathias ainda podiam ser vistos. Amy havia posto o chapéu; Stacy havia amarrado uma bandana por cima dos cabelos. Eric chamou-as, gritando seus nomes, e acenou, mas elas não o escutaram. Ou, se o escutaram, não se viraram para olhar. As pequeninas moscas pretas ficaram para trás, debaixo das árvores, mas os mosquitos continuaram a acompanhá-los, incansáveis.

Estavam na metade do espaço aberto quando uma cobra atravessou a trilha, bem na frente deles. Era só uma cobrinha, preta com manchas cor de ferrugem, e no máximo sessenta centímetros de comprimento, mas Pablo soltou um grito de pavor. Pulou para trás, derrubando Eric, e em seguida perdeu ele próprio o equilíbrio e caiu por cima do outro. Levantou-se em um instante, apontando para o local onde a cobra sumira, tagarelando em grego, pulando de um pé para o outro, com uma expressão horrorizada no rosto. Aparentemente, tinha pavor de cobras. Eric se levantou devagar, sacudindo a poeira do corpo. Ao cair, ralara o cotovelo, e havia terra na ferida; ele tentou removê-la com cuidado. Pablo continuava a falar em grego, exclamando e gesticulando. Os três gregos eram assim: algumas vezes, tentavam gesticular para comunicar o que estavam querendo dizer, ou desenhavam alguma coisa para se explicar, mas, na maior parte do tempo, simplesmente continuavam a falar, sem fazer nenhuma tentativa de explicar o que estavam dizendo. Era como se tudo que

importava fosse dizer as palavras em voz alta; ser compreendido era supérfluo.

Eric esperou Pablo terminar. Perto do fim, parecia que ele estava pedindo desculpas por tê-lo derrubado, e Eric sorriu e assentiu para expressar o seu perdão. Então prosseguiram, embora Pablo agora andasse bem mais devagar, vasculhando nervosamente as beiradas da trilha. Eric passou algum tempo tentando imaginar sua chegada às ruínas. Os arqueólogos, com suas cuidadosas marcações no solo, suas pequenas pás de pedreiro e escovinhas, seus sacos plásticos cheios de artefatos: xícaras de latão que os mineiros haviam usado para beber, os pregos de ferro que um dia haviam sustentado em pé seus barracões. Mathias encontraria o irmão; haveria algum tipo de confronto, uma discussão em alemão, vozes exaltadas, ultimatoss. Eric estava ansioso para que isso acontecesse. Gostava de drama, de conflito, do turbilhão das emoções dos outros.

Nem tudo seria daquele jeito, aquela chateação de caminhar no calor, seu cotovelo latejando ao ritmo das batidas de seu coração. Quando encontrassem as ruínas, o dia iria mudar, e adquirir uma nova dimensão.

Chegaram ao final do espaço aberto, e a mata recomeçou. Ali, na sombra, os pequenos insetos pretos estavam à sua espera. Pairavam ao seu redor em uma nuvem de zumbidos, como se estivessem contentes com aquele reencontro. Não havia mais sinal do córrego. A trilha fazia uma curva para a direita, em seguida para a esquerda, e depois se tornava novamente reta, um longo corredor de sombra, ao fim do qual parecia haver outra clareira, um círculo de luz do sol que esperava sua chegada, tão brilhante que pareceu audível a Eric, como se alguém estivesse tocando uma buzina. Olhar para a claridade doía — nos olhos, na cabeça. Ele tornou a pôr os óculos escuros. Somente então percebeu os outros aglomerados ali: Jeff e Mathias, Stacy e Amy, agachados em um círculo frouxo logo antes da clareira, passando uma garrafa d'água de mão em

mão, e virando-se agora para ver Pablo e ele se aproximarem devagar.

O mapa dizia que, se chegassem à aldeia maia, então teriam passado do lugar, e ali estava ela, abaixo da ladeira onde eles estavam agachados. Jeff e Mathias haviam prestado atenção enquanto caminhavam para ver onde deveriam virar, mas de alguma forma deviam ter deixado passar a entrada. Agora teriam de voltar pela trilha, mais lentamente desta vez, olhando com mais atenção. A questão que debatiam era se deveriam ou não examinar primeiro a aldeia, talvez para ver se lá haveria alguém disposto a guiá-los até as ruínas. Não que a aldeia parecesse muito promissora. Consistia talvez em trinta construções de aparência frágil, praticamente idênticas em tamanho e aspecto. Cabanas de um e dois quartos, a maioria com telhados de sapé, embora também houvesse vários telhados de zinco. O chão das cabanas devia ser de terra batida, pensou Jeff. Não se podia ver nenhuma fiação acima do solo, então ele supôs que ali não houvesse eletricidade. Nem água corrente, por sinal: havia um poço no centro da aldeia, com um balde amarrado a uma corda. Enquanto se agachavam ali, esperando Eric e Pablo alcançá-los, ele viu uma mulher velha encher um jarro no poço, girando uma roda para fazer o balde descer até lá no fundo. A roda precisava ser lubrificada; ele pôde ouvi-la ranger mesmo dali onde estava, enquanto o balde ia descendo, descendo, e depois parava, enchendo-se de água, antes de uma subida igualmente ruidosa. Jeff viu a mulher equilibrar o jarro no ombro e percorrer novamente a rua poeirenta, devagar, até chegar à sua cabana.

Os maias haviam limpado um pedaço circular de mata ao redor de sua aldeia, plantando o que parecia ser milho e feijão. Homens, mulheres e até crianças estavam espalhados pela plantação, curvados, removendo ervas daninhas. Cabras passeavam por ali, e havia galinhas e alguns jumentos, e três cavalos em um curral fechado, mas

nenhum sinal de qualquer equipamento mecânico: nada de tratores ou arados, nada de carros ou caminhonetes. Quando Jeff e Mathias surgiram pela primeira vez na boca da trilha, um vira-lata alto, de peito estreito, viera trotando ao seu encontro, com o rabo agressivamente empinado. Parou à distância suficiente, onde ninguém pudesse atirar-lhe pedras, e ficou andando de um lado para o outro durante alguns minutos, latindo e rosnando. O sol estava quente demais para aquele tipo de comportamento, porém, e o animal acabou se calando, e em seguida perdeu todo o interesse e tomou novamente o rumo da aldeia, desabando na sombra ao lado de uma das cabanas.

Jeff imaginou que o cachorro devia ter alertado os residentes quanto à sua presença, mas não houve confirmação disso. Ninguém parou de trabalhar para olhar para eles; ninguém cutucou seu vizinho e apontou. Os homens, mulheres e crianças permaneceram curvados bem rente ao chão, retirando as ervas daninhas devagar, fileira após fileira. A maioria dos homens vestia branco, com chapéus de palha na cabeça. As mulheres usavam vestidos escuros, com xales a cobri-lhes os cabelos. As crianças estavam descalças, e pareciam bichos; muitos dos meninos estavam sem camisa, queimados de sol, de modo que pareciam se misturar à terra que trabalhavam, sumindo e reaparecendo de um instante para o outro.

Stacy quis ir até a aldeia para ver se conseguiam encontrar algum lugar fresco onde sentar e relaxar - talvez pudessem até comprar um refrigerante gelado em algum lugar -, mas Jeff hesitava. A falta de acolhida, a sensação de que a aldeia estava tentando negar coletivamente sua chegada por meio de um esforço mental, enchia-lhe de uma sensação de cautela. Ele ressaltou a ausência de fiação elétrica, e como isso queria dizer que ali também não haveria geladeiras nem ares-condicionados, o que, por sua vez, tornava pouco prováveis refrigerantes gelados e lugares frescos onde sentar e relaxar.

— Mas pelo menos a gente pode encontrar um guia — disse Amy. Ela havia tirado a câmera da mochila e começado a tirar fotos. Tirou algumas de todos eles agachados ali, em seguida uma de Pablo e Eric andando em sua direção, e depois uma dos maias trabalhando em seu campo. Jeff podia ver que ela estava mais animada; Stacy a fizera sair de seu casulo. Suas mudanças de humor iam e vinham; ele imaginou que houvesse nelas uma lógica, mas há muito tempo havia parado de tentar entendê-la. Chamava-a de sua "água-viva", subindo e descendo pelas profundezas. Algumas vezes, ela parecia achar isso carinhoso; outras vezes, não. Ela tirou uma fotografia dele, passando um bom tempo a olhar pelo visor, deixando-o pouco à vontade. Então veio o clique.

— A gente pode acabar passando o dia inteiro subindo e descendo esta trilha — disse ela. — E aí? A idéia é a gente acampar aqui?

— E talvez eles possam nos levar de volta para Cobá de carro depois — disse Stacy.

— Você está vendo algum carro ou caminhonete? — perguntou Jeff. Todos passaram um instante olhando para a aldeia. Antes que alguém

pudesse dizer qualquer outra coisa, Pablo e Eric apareceram. Pablo abraçou a todos, então começou imediatamente a tagarelar em grego, muito animado, estendendo os braços completamente, como se estivesse descrevendo um peixe que houvesse acabado de pescar. Deu uns pulos; fingiu esbarrar em Eric. Em seguida tornou a abrir os braços.

— A gente viu uma cobra - disse Eric. - Mas nem era tão grande. Devia ter metade desse tamanho aí.

Ao ouvir isso, os outros riram, o que pareceu incentivar Pablo. Ele começou tudo de novo, a falação, os pulos, o esbarrão em Eric.

— Ele tem medo de cobra — explicou Eric.

Passaram a garrafa d'água de mão em mão, esperando Pablo terminar. Eric tomou um gole grande de água, em seguida derramou um pouco sobre o cotovelo. A pele estava cortada; todos se reuniram à sua volta para examiná-la. A ferida sangrava, mas não era especialmente funda, e tinha uns sete centímetros de comprimento, em formato de foice, acompanhando a curva de seu cotovelo. Amy tirou uma foto do machucado.

— A gente vai encontrar um guia na aldeia — disse ela.

— E um lugar fresco para sentar — sugeriu Stacy. — Com refrigerantes gelados.

— Talvez eles também tenham um limão — disse Amy. — A gente pode espremer ele em cima do seu machucado. Vai matar todas as coisas ruins lá dentro.

Ela e Stacy deram as costas para Eric para sorrir para Jeff, como se o estivessem provocando. Ele não reagiu; de que servia? Era óbvio que a decisão já havia sido tomada: eles iriam à aldeia. Pablo finalmente parou de falar; Mathias tornava a tampar a garrafa d'água. Jeff pôs a mochila nas costas.

- Vamos? — disse ele.

Começaram a descer a trilha rumo à aldeia.

Houve um instante, assim que eles emergiram das árvores, em que a aldeia inteira pareceu congelar, os homens, mulheres e crianças na plantação, todos se imobilizando por uma fração de segundo para ver os seis se aproximando, vindos da trilha. Então passou, e foi como se nada tivesse acontecido, embora Stacy tivesse certeza de que sim, ou talvez não tanta certeza assim, talvez menos certeza a cada passo que dava em direção à aldeia. O trabalho na plantação prosseguia, as costas curvadas, o puxar ritmado das ervas daninhas, e ninguém olhava para eles; ninguém se dava ao trabalho de observar sua chegada pela trilha, nem sequer as crianças. Então talvez, no final das contas, não houvesse acontecido nada. Stacy era fantasiosa; tinha consciência dessa sua característica: era uma pessoa que

sonhava acordado, que construía castelos de areia. Ali não haveria cômodos frescos, nem refrigerantes gelados. E era igualmente provável que tampouco tivesse havido qualquer instante de avaliação furtiva, nenhum olhar coletivo velado e breve.

O cão reapareceu, o mesmo que havia latido para eles antes. Tornou a emergir da aldeia, mas com um comportamento inteiramente diferente. Abanando o rabo, de língua de fora: um amigo. Stacy gostava de cachorros. Agachou-se para acariciar aquele, deixou-o lambe seu rosto. O rabo abanou com mais força, e a traseira inteira do vira-lata se remexia de um lado para o outro. Os outros não pararam; continuaram seguindo a trilha. Stacy percebeu que o cachorro estava coberto de carrapatos. Dúzias deles, parecendo uvas penduradas em sua barriga: gordos, inchados de sangue. Ela pôde ver outros andando entre seus pêlos e levantou-se logo, afastando o cachorro de si, mas de nada adiantou. Aquela breve demonstração de afeto havia conquistado o vira-lata; ele a havia adotado. Apertou-se mais de encontro a seu corpo enquanto ela caminhava, enroscando-se em suas pernas, ganindo, abanando o rabo, quase fazendo-a tropeçar. Apressando-se para alcançar os outros, ela precisou resistir ao impulso de chutar o animal, dar-lhe um tabefe no focinho, fazê-lo sair correndo. Teve a sensação de que os carrapatos agora rastejavam sobre seu próprio corpo, e precisou dizer a si mesma que não era verdade, precisou de fato formular as palavras em sua mente: Não é verdade. De repente, desejou estar de volta a Cancún, de volta a seu quarto, prestes a entrar no chuveiro. A água morna, o cheiro de xampu, a pequena barra de sabonete em seu invólucro de papel, a toalha limpa esperando no porta-toalhas.

A trilha ficava mais larga quando entrava na aldeia, tornando-se algo que quase poderia ser chamado de estrada. As cabanas estavam alinhadas de cada um de seus lados. Havia mantas de cores brilhantes penduradas nos

vãos de algumas portas; outras estavam abertas, mas tampouco revelavam o que quer que fosse, pois seu interior estava mergulhado em sombras. As galinhas estavam soltas, cacarejando. Outro cachorro apareceu, juntando-se ao primeiro em sua adoração a Stacy, cada qual mordiscando o outro, brigando por ela. O segundo cachorro era cinza, parecido com um lobo. Tinha um olho azul e outro castanho, o que dava a seu olhar uma intensidade ameaçadora. Em sua mente, Stacy já tinha nomes para eles: Porcalhão e Sinistro.

No início, pareceu que não havia ninguém na aldeia, que todos estavam do lado de fora trabalhando nos campos. Suas passadas ressoavam alto na terra batida, intrusivas. Ninguém falava, nem mesmo Pablo, para quem o silêncio sempre parecia tão inatingível. Havia também uma mulher, sentada no vão de uma das portas, com uma criança pequena no colo. A mulher parecia envelhecida, com mechas cinzas nos cabelos pretos compridos. Eles foram chegando pelo meio da estrada de terra, a uns três metros dela, mas ela não ergueu os olhos.

- Hola! - disse Jeff.

Nada. Silêncio, olhos fugidios.

O bebê quase não tinha cabelo, e seu couro cabeludo estava com uma ferida aberta, de aspecto doloroso. Era difícil não olhar fixamente para a ferida; parecia que alguém havia passado uma camada de geléia sobre o crânio da criança. Stacy não conseguia entender por que o bebê não estava chorando, e aquilo a incomodou, de forma estranha, embora ela fosse incapaz de explicar por quê. Parece uma boneca, pensou: não se mexia, não chorava; e então percebeu por que sua imobilidade a incomodava: dava a sensação de que o bebê pudesse estar morto. Ela desviou os olhos, evocando novamente aquelas palavras, forçando-as a entrar em sua cabeça: Não é verdade. Então passaram pelo bebê, e ela não olhou para trás.

Pararam perto do poço, no centro da aldeia, olhando em volta, esperando alguém se aproximar, sem saber ao certo o que fazer caso isso não acontecesse. O poço era profundo. Quando Stacy se debruçou na beirada, não conseguiu ver o fundo. Precisou resistir à tentação de cuspir, ou de pegar uma pedrinha e jogar lá dentro, para escutar o ploc distante. Havia um balde de madeira amarrado a um pedaço de corda fina; Stacy não sentiu vontade de tocá-lo. Mosquitos vojavam em nuvens ao redor deles, como se também estivessem esperando para ver o que aconteceria em seguida.

Amy tirou algumas fotos: as cabanas em volta, o poço, os dois cachorros. Entregou a câmera a Eric e pediu-lhe para tirar uma dela e de Stacy em pé, de braços dados. Quando voltassem para casa, haveria uma longa série de fotos assim, as duas abraçadas, sorrindo para a câmera, primeiro pálidas, depois bronzeadas, e por fim descascando. Aquela era a primeira sem os chapéus iguais, e Stacy ficou triste por um instante ao pensar nisso — nos meninos saindo correndo pela praça, no choque daquela mãozinha apertando seu seio.

O cachorro que ela havia batizado de Sinistro, com seus olhos misturados, agachou-se, e uma comprida tira de cocô saiu de dentro dele e caiu no chão ao lado do poço. O cocô se mexia; havia mais vermes do que fezes. Porcalhão cheirou-a com grande interesse, e essa imagem finalmente fez Pablo voltar a falar. Ele começou a exclamar em grego, gesticulando desenfreadamente. Aproximou-se para examinar a pilha de cocô ondulante, com a boca franzida de nojo. Levantou a cabeça para o céu e continuou a falar, como se estivesse falando com os deuses, enquanto não parava de gesticular para os dois cachorros.

— Talvez esta idéia não tenha sido tão boa assim — disse Eric. Jeff assentiu.

— Vamos embora. A gente só vai ter que...

— Está vindo alguém - disse Mathias.

Um homem se aproximava pela estradinha de terra. Parecia que vinha da plantação, e esfregava as mãos na calça, deixando duas manchas marrons sobre o tecido branco. Era baixo, de ombros largos, e, quando tirou o chapéu de palha para limpar o suor da testa, Stacy viu que era quase completamente careca.

Ele parou a uns dois metros, avaliando-os, sem se apressar. Tornou a pôr o chapéu, recolocou o lenço no bolso.

— Hola! — disse Jeff.

O homem respondeu em maia, aparentemente com uma pergunta, de sobrancelhas erguidas.

Parecia lógico supor que ele estivesse lhes perguntando o que queriam, e Jeff se esforçou para responder, primeiro em espanhol, depois em inglês, em seguida por gestos. O homem não deu mostras de estar entendendo nada. Stacy teve na verdade a estranha sensação de que ele não queria entender, de que estava fazendo força para não entender o que os levara até ali. Ele escutava as palavras de Jeff, e até sorriu ao vê-lo recorrer à mímica, mas havia algo perceptivelmente inospitaleiro na sua atitude. Ele foi educado, mas não foi simpático; ela pôde ver que estava esperando que fossem embora dali, que preferiria que nunca tivessem vindo.

Por fim, Jeff também pareceu perceber isso. Desistiu, virando-se para eles e dando de ombros:

— Não está funcionando — falou.

Ninguém discutiu. Puseram as mochilas nas costas e começaram a voltar na direção da mata. O homem maia continuou ao lado do poço, olhando-os se afastar.

Passaram pela mulher que havia se recusado a tomar conhecimento de sua presença mais cedo e, de novo, ela desviou o olhar, segurando no colo o bebê com seu gorro imperfeito de geléia vermelha na cabeça. Ele está morto, pensou Stacy, e em seguida se forçou a olhar para o outro lado: Não é verdade.

Os cachorros os seguiram. Duas crianças também, o que foi uma surpresa. Ouviu-se um guincho e, quando Stacy se virou, viu dois meninos vindo atrás deles pela trilha, de bicicleta. O maior dos dois pedalava, enquanto o menor se encarapitava no guidom. Eram termos relativos: maior, menor, pois nenhum dos dois meninos era muito grande. Tinham o peito magro, ombros caídos, joelhos e cotovelos ossudos, e a bicicleta era grande demais para eles. Parecia pesada; seus pneus eram grossos e volumosos; não tinha selim. O menino de trás precisava pedalar de pé, e o esforço o deixava ofegante, suando. A corrente precisava de óleo - daí o chiado.

Os seis pararam. Viraram-se, pensando em perguntar aos meninos onde ficavam as ruínas, mas estes últimos pararam também, uns dez metros mais atrás, magricelos, de olhos negros, atentos como duas corujas. Jeff os chamou, acenando para que se aproximassem; chegou até a erguer uma nota de um dólar para fazê-los chegar mais perto, mas os meninos simplesmente ficaram ali esperando, com o olhar fixo, o menor ainda encarapitado no guidom. Finalmente, desistiram e recomeçaram a andar. No instante seguinte, o chiado constante recomeçou, mas eles não prestaram atenção. Na plantação, o trabalho de retirada das ervas daninhas prosseguia. Apenas o homem junto do poço e os dois meninos na bicicleta demonstraram qualquer interesse em sua partida. Sinistro se afastou assim que chegaram perto da mata, mas porcalhão persistiu. Continuava a se esfregar em Stacy e ela continuava a empurrá-lo para longe. Ele parecia pensar que aquilo fosse uma brincadeira e a repetia com um entusiasmo cada vez maior.

Stacy não conseguiu evitar; perdeu a paciência.

- Não - disse ela, e deu um tapa no focinho do vira-lata. O cachorro soltou um ganido e pulou para trás, atônito. Ficou parado no centro da trilha, olhando para ela com o que

parecia uma expressão dolorosamente humana. Traição: era isso que se podia ler em seus olhos.

- Ah, bichinho — disse Stacy, e deu um passo em sua direção, com a mão estendida, mas era tarde demais; o cachorro recuou, agora desconfiado, com o rabo enfiado entre as pernas. Os outros continuavam a seguir pela trilha sombreada, fazendo as primeiras curvas; dali a um instante, sumiriam de vista. Stacy sentiu um estremecimento de medo, uma sensação infantil de estar perdida sozinha na floresta, e virou-se, começando a correr, apressada para juntar-se aos outros. Quando olhou para trás, o cão ainda estava parado no meio da trilha, olhando-a se afastar. Os meninos passaram por ele pedalando em sua bicicleta que chiava, mas ele não se mexeu, e seu olhar pesaroso pareceu acompanhá-la enquanto ela desaparecia pela curva.

No caminho de volta pela trilha, Amy tentou pensar em um final feliz para o seu dia, mas não estava dando para vislumbrar um. Ou encontrariam as ruínas, ou não. Caso não as encontrassem, acabariam novamente na estrada de terra, com mais dezoito quilômetros entre eles e Cobá, e a noite a cair depressa. Talvez tivessem pego a impressão errada da estrada; talvez houvesse mais tráfego do que haviam pensado. Este seria um final feliz, pensou: se conseguissem uma carona até Cobá. Poderiam chegar bem na hora em que o sol estivesse se pondo, e encontrar um lugar para passar a noite, ou então pegar um ônibus noturno de volta para Cancún. Amy, porém, não conseguiu ter muita confiança nessa visão. Imaginou-os caminhando pela estrada em meio a uma escuridão total, ou acampando ao ar livre, sem barracas, nem sacos de dormir, nem mosquiteiros, e decidiu que, no final das contas, talvez fosse melhor se conseguissem de alguma forma encontrar o caminho para as ruínas.

Nas ruínas, haveria Henrich, sua nova namorada e os arqueólogos. Eles provavelmente fariam inglês; seriam

receptivos e atenciosos. Encontrariam um jeito de transportá-los de volta até Cobá ou, seja estivesse tarde demais, ofereceriam de bom grado um lugar em suas barracas. Sim, por que não? Os arqueólogos lhes preparariam o jantar. Haveria uma fogueira, bebidas e risadas, e ela tiraria várias fotos para mostrar às pessoas quando voltasse para casa. Seria uma aventura, o ponto alto de sua viagem. Aquele era o final feliz que Amy mantinha vivo em sua mente enquanto descia novamente a trilha e via a clareira abrir-se à sua frente, um círculo de luz tão intensa a ponto de ofuscar, no qual eles logo teriam de andar.

Pararam nas últimas sombras antes da clareira. Mathias sacou sua garrafa d'água, e tornaram a passá-la de mão em mão. Estavam todos suados; Pablo havia começado a feder. Atrás deles, o chiado parou. Amy se virou e ali estavam os dois meninos, uns quinze metros mais atrás, olhando para eles. O cão sarnento estava ali, também, o mesmo que havia gostado tanto de Stacy. Estava mais longe ainda na trilha, porém, quase perdido nas sombras. Ele também havia parado, e agora hesitava, olhando na direção deles.

Foi Amy quem pensou no descampado. Sentiu uma onda de orgulho quando essa idéia lhe veio à mente, um sentimento da infância, de inclinar-se para a frente em sua pequena carteira, com o dedo levantado, acenando para chamar a atenção do professor.

— Talvez o caminho se reabra além do descampado — disse, apontando para a luz do sol.

Os outros se viraram e olharam em direção à clareira, pensando no assunto. Então Jeff assentiu.

— Pode ser — disse, e estava sorrindo, satisfeito com a idéia, o que deixou Amy ainda mais orgulhosa de si mesma. Ela tirou a câmera do pescoço onde estava pendurada, e mandou que todos formassem um grupo desordenado. Então, de costas para o sol, focou neles com o visor, incentivando-os a sorrir — até mesmo o taciturno Mathias.

No último instante, logo antes de Amy apertar o obturador, Stacy olhou por cima do ombro para a trilha mais abaixo, para os meninos, para o cachorro, a aldeia silenciosa, na direção oposta à da câmera. Mas não teve importância. Mesmo assim a foto ficou boa, e Amy agora sabia: ela havia descoberto a solução, o caminho rumo ao seu final feliz. Enfim, iriam encontrar mesmo as ruínas.

Depois da firmeza de terra batida da trilha, o descampado revelou-se uma caminhada difícil. A terra parecia ter sido trabalhada com um ancinho recentemente. Estava irregular, revirada e escavada, com trechos de lama repentinos, inexplicáveis. A lama se prendia a seus sapatos, acumulando-se gradualmente, e eles tinham de parar a todo instante para limpá-la. Eric não estava em condições para aquele tipo de aventura. Estava de ressaca, cansado por ter dormido pouco, e o calor do dia começava a provocar nele um efeito desagradável. Seu coração estava disparado; sua cabeça doía. Ondas de náusea iam e vinham. Ele estava apenas começando a perceber que não conseguiria ir muito mais longe e pensando em como anunciar essa revelação, quando Pablo salvou-o da indignidade estancando abruptamente. A lama havia puxado seu sapato direito do pé. Ele ficou parado ali no campo, equilibrado como uma grua, pisando em um pé só, e começou a dizer palavrões. Eric reconheceu muitos dos impropérios das aulas que havia recebido dos gregos.

Jeff, Mathias e Amy já haviam avançado: caminhavam com o que parecia uma espantosa falta de esforço pela margem da mata; mas Stacy demorou-se junto a Pablo e Eric. Parou com Eric para ajudar o grego, segurando-o pelo ombro, permitindo-lhe manter o equilíbrio enquanto Eric se agachava para libertar o sapato direito da lama do descampado. Finalmente, depois de vários puxões fortes, o sapato emergiu com o barulho de algo sendo retirado de um vácuo, fazendo todos rirem. Pablo tornou a calçar o sapato. Então, sem uma palavra, começou a andar novamente em

direção à trilha. Stacy e Eric olharam para os outros, que agora estavam a uns bons quinze metros dali, caminhando metodicamente pela borda das árvores. Seguiu-se um debate silencioso, muito curto, e então Eric estendeu a mão para Stacy. Ela a segurou, sorrindo, e os dois recomeçaram a andar pelo descampado, seguindo os Passos de Pablo.

Jeff gritou alguma coisa para eles, mas Eric e Stacy só fizeram acenar, e continuaram a andar. Pablo esperava por eles na trilha. Ele havia aberto a mochila e tirado a tequila lá de dentro. A garrafa estava destampada; ele a ofereceu a Eric, que, apesar de tudo, e sabendo que não deveria fazer isso, tomou um grande gole, fazendo uma careta, e em seguida passou-a para Stacy. Stacy podia beber uma quantidade impressionante de álcool quando decidia fazê-lo, como fez nesse momento. Jogou a cabeça para trás, com a garrafa completamente na vertical, e a tequila fez glu-glu, glu-glu, glu-glu enquanto descia por sua garganta. Endireitou-se para tomar ar com um engasgo que se transformou em uma risada, e o rosto corado. Pablo aplaudiu, deu-lhe um tapinha no ombro e tornou a pegar a garrafa.

Os dois meninos maias ainda estavam com eles. Haviam chegado um pouco mais perto, mas sem deixar ainda a sombra da mata. Haviam saltado da bicicleta, e estavam em pé um ao lado do outro, com o maior segurando a bicicleta pelo guidom. Pablo ergueu a garrafa em sua direção, chamando em grego, mas eles não se mexeram; simplesmente ficaram ali, encarando. O cão estava bem ao lado deles, observando também.

Jeff, Mathias e Amy haviam chegado ao paredão da mata, que ficava bem do outro lado do descampado em relação a onde os outros estavam. Os três estavam começando a andar junto à borda da mata, paralelamente à trilha, à procura do misterioso caminho. Pablo tornou a pôr a garrafa na mochila, e os três ficaram parados por um instante, vendo os outros prosseguirem pelo campo enlameado. Eric

não acreditava que encontrariam as ruínas. Na verdade, sequer acreditava que as ruínas existissem. Alguém estava mentindo para eles, ou fazendo uma brincadeira, mas se era Mathias, o irmão de Mathias, ou a namorada talvez imaginária do irmão de Mathias, ele não saberia dizer. Não tinha importância. Divertira-se durante algum tempo, mas agora queria que tudo aquilo terminasse, queria estar de volta à segurança do ônibus para Cancún, no ar-condicionado, deixando-se adormecer. Não tinha certeza agora de como iria fazer isso; tudo que sabia era que esse era o seu desejo, e que a primeira coisa que precisava fazer para concretizá-lo era terminar o caminho de volta para a estrada pelo roteiro mais curto possível. Esse não incluía chafurdar em um campo enlameado.

Eric começou a andar pela trilha. Poderiam esperar os outros na sombra, do outro lado da clareira; talvez ele até conseguisse tirar uma soneca. Ele e Stacy caminhavam de mãos dadas.

— Então... — disse Stacy. — Tinha uma menina que comprou um piano.

— Mas ela não sabia tocar — respondeu Eric.

— Então ela se inscreveu em um curso.

— Mas não tinha dinheiro pra pagar.

- Então ela arrumou um emprego em uma fábrica.

- Mas foi demitida por chegar atrasada.

- Então ela virou prostituta.

- Mas se apaixonou pelo primeiro cliente.

Aquela era uma brincadeira antiga deles, as histórias então-mas. Era bobagem, a forma mais pura de ócio; eles conseguiam ficar horas a fio nisso, naquele pingue-pongue. Era invenção deles; ninguém mais entendia. Até Amy achava a brincadeira chata. Mas esse era o tipo de coisa que Eric e Stacy faziam melhor: besteiras, brincadeiras. Em algum lugar bem fundo, não inteiramente acessível de sua mente, Eric percebia que eles eram duas crianças juntos, e que algum dia Stacy iria crescer, que na verdade isso já

estava começando a acontecer. Não achava que ele próprio jamais fosse conseguir fazê-lo; não entendia como as pessoas o faziam. Iria ensinar às crianças a permanecerem crianças para sempre, enquanto Stacy avançava implacável em direção à idade adulta, deixando-o para trás. Podia até sonhar com o fato de um dia se casarem, mas isso era só uma história que ele contava a si mesmo, mais um exemplo de sua imaturidade inerente. Um adeus se perfilava em seu futuro, um bilhete de despedida, um último e doloroso encontro. Era algo que ele havia tentado não ver, algo que sabia, ou suspeitava saber, mas diante do quê, pensando bem, preferia fechar os olhos.

- Então ela pediu pra ele casar com ela.

- Mas ele já era casado.

- Então ela implorou pra ele se divorciar.

- Mas ele era apaixonado pela mulher.

- Então ela resolveu matar a mulher.

O cachorro começou a latir, assustando Eric. Ele se virou e olhou para trás da trilha. Os dois meninos e o vira-lata haviam saído da mata; os três estavam agora debaixo do sol. Não estavam olhando na direção de Eric, porém; olhavam para o outro lado do descampado, para Jeff, Mathias e Amy. Mathias estava levantando uma grande folha de palmeira da borda das árvores, e jogando-a no chão. Quando se curvou para pegar outra folha, Jeff se virou, notou algo indecifrável, e acenou para que se aproximassem.

Eric, Stacy e Pablo não se mexeram. Nenhum deles queria andar de novo na lama. Mathias não parava de recolher folhas de palmeira e de jogá-las de lado. Gradualmente, uma abertura surgiu na borda das árvores: outra trilha.

Antes de Eric conseguir absorver direito essa informação, percebeu um movimento mais atrás, na primeira trilha. Isso atraiu sua atenção. O maior dos dois meninos havia subido na bicicleta e agora pedalava para longe, muito depressa, desaparecendo na mata, deixando o menino menor sozinho

na trilha, a observar Jeff e os outros com um ar de inconfundível preocupação, balançando-se de um lado para o outro, com as mãos unidas e o queixo apoiado em cima delas. Eric percebeu tudo isso, mas não conseguiu entender nada. Jeff acenava para eles irem até lá, novamente aos gritos. Parecia não haver escolha. Suspirando, Eric tornou a pisar no descampado lamacento. Stacy e Pablo também o fizeram, e juntos os três começaram a lenta caminhada em direção à borda das árvores.

Atrás deles, o cachorro continuou a latir.

Fora Mathias quem havia reparado nas folhas de palmeira; Jeff havia passado direto. Foi só quando percebeu Mathias hesitando atrás dele que se virou, acompanhando o olhar do alemão, e as viu. As folhas ainda estavam verdes. Haviam sido arrumadas com esmero, com a extremidade dos caules enterrados na terra, fazendo-as parecer um arbusto que crescia ali na borda das árvores, ocultando a entrada da trilha. Uma das folhas, porém, havia caído para o lado, soltando-se da terra. Fora isso que chamara a atenção de Mathias. Ele deu um passo à frente, arrancou outra folha, e em um instante tudo se revelou. Foi nessa hora que Jeff se virou e chamou os outros, acenando para que fossem até lá. Depois de limparem as folhas de palmeira, puderam ver a trilha com bastante facilidade. Era estreita e serpenteava pela mata, subindo gradualmente. Mathias, Amy e ele se agacharam na entrada da trilha, na sombra. Mathias sacou novamente sua garrafa d'água, e todos beberam. Então sentaram-se um pouco, olhando Eric, Pablo e Stacy se aproximarem deles lentamente pelo descampado. Amy foi a primeira a dizer o que todos estavam pensando.

— Por que ela estava coberta? — perguntou.

Mathias recolocava a garrafa d'água novamente na mochila. Para que ele respondesse, era preciso lhe fazer a pergunta diretamente; sempre que alguém se dirigia ao grupo, ele

parecia fingir não escutar. Tudo bem, pensou Jeff. Afinal, ele não era realmente um deles.

Jeff deu de ombros, fingindo indiferença. Tentou pensar em uma maneira de distraí-la desse assunto, mas não conseguiu, de modo que não disse nada. Tinha medo de que ela se recusasse a seguir a trilha.

Mas percebeu que ela não iria deixar o assunto morrer. E estava certo.

— O menino foi embora — disse ela. — Vocês viram aquilo?

Jeff assentiu. Não estava olhando para ela; estava observando Eric e os outros, que vinham lentamente em sua direção, mas podia sentir o olhar dela fixo nele. Não queria que ela ficasse pensando naquilo: no menino que tinha ido embora, na trilha camuflada. Aquilo só faria assustá-la e, quando ela se assustava, tornava-se teimosa e arisca, o que não era uma combinação particularmente eficaz. Alguma coisa estranha estava acontecendo ali, mas Jeff esperava que, se ao menos conseguissem ignorá-la, tudo poderia não dar em nada. Sabia que provavelmente essa não era a estratégia mais sensata, mas, no momento, era a melhor que lhe ocorria. Então teria de servir.

— Alguém tentou esconder a trilha — disse Amy.

— Parece mesmo.

— Cortaram umas folhas de palmeira e enterraram elas no chão pra fazer parecer que aqui crescia uma planta.

Jeff não disse nada, esperando que ela fizesse o mesmo.

— Deu um trabalhão — disse Amy.

— Deve ter dado.

— Não parece estranho?

— Um pouco.

— Talvez não seja a trilha certa.

— Vamos ver.

— Talvez tenha alguma coisa a ver com drogas. Talvez ela leve a uma plantação de maconha. A aldeia está plantando bagulho, e aquele menino foi chamar os homens, e eles vão voltar com armas, e...

Jeff finalmente não se conteve mais, virando-se para olhar para ela.

— Amy — disse, e ela parou de falar. — Esta é a trilha certa, tá bom?

E claro que não seria assim tão fácil. Ela lançou-lhe um olhar de incredulidade.

— Como é que você sabe?

Jeff indicou Mathias com um gesto.

— Está no mapa.

— O mapa foi feito à mão, Jeff.

— Bom, é... — Ele se calou, sem palavras, e acenou com a mão. — Enfim...

— Me diz por que a trilha estava coberta. Me dá uma versão possível para esta ser a trilha certa, e uma razão lógica para alguém ter camuflado a entrada dela.

Jeff pensou por um instante. Eric e os outros haviam praticamente chegado. Do outro lado da plantação, o menininho maia continuava em pé, a encará-los. O cachorro finalmente havia parado de latir.

— Tudo bem — disse ele. - Que tal: os arqueólogos começaram a encontrar coisas de valor. A mina não está exaurida. Estão encontrando prata. Ou quem sabe esmeraldas. Qualquer coisa que tivesse lá na mina, e estão com medo de que alguém venha tentar roubar. Então esconderam a trilha.

Amy passou um instante avaliando essa versão.

- E o menino de bicicleta?

— Eles recrutaram os maias pra ajudar a manter as pessoas afastadas. Pagam eles para fazer isso. - Jeff sorriu para ela, contente consigo mesmo. Não acreditava em nada disso; na verdade, não sabia em que acreditar. Mesmo assim, ficou contente.

Amy refletia sobre a questão. Ele não conseguiu detectar se ela também não acreditava, mas não tinha importância. Os outros finalmente chegaram. Todo mundo suava, especialmente Eric, que estava com o rosto um pouco

pálido demais, um pouco retraído demais. O grego, é claro, precisou abraçá-los um a um, passando os braços suados em volta de seus ombros. E foi com essa facilidade que a conversa terminou. Afinal de contas, que outra alternativa eles tinham?

Mais alguns minutos de descanso, e começaram a percorrer a trilha para dentro da mata.

A trilha era estreita o suficiente para precisarem andar em fila indiana. Jeff ia na frente, seguido por Mathias, depois Amy, depois Pablo, depois Eric. Stacy fechava o cortejo.

- Mas o amante dela contou para a polícia - disse Eric.

Stacy fixou o olhar em sua nuca. Ele usava um boné do time de beisebol Boston Red Sox; o boné estava ao contrário. Ela tentou imaginar que era o rosto dele que estava vendo, coberto de cabelos castanhos, olhos, boca e nariz escondidos atrás. Sorriu para seu rosto cabeludo. Entendeu que aquilo era o seu jogo, e pensou as seguintes palavras: Então ela fugiu para outra cidade, mas não as pronunciou. Amy já havia zombado dela tantas vezes, imitando o casal a dizer "então" e "mas", que Stacy não gostava mais de fazer a brincadeira na frente da amiga. Não disse nada, e Eric continuou andando. Algumas vezes era simplesmente assim que funcionava: alguém lançava um "então" ou um "mas", e o outro não respondia, e tudo bem. Aquilo também fazia parte da brincadeira, parte de sua cumplicidade.

Ela não deveria ter bebido a tequila com tanta agressividade. Fora uma idéia estúpida. Estava tentando se mostrar, pensou, tentando impressionar Pablo com sua disposição para beber. Agora sentia-se tonta, um pouco enjoada. Havia muito verde à sua volta, verde demais, pensou, e isso não ajudava: folhas grossas de ambos os lados, árvores que cresciam tão juntas que era difícil não tocá-las enquanto caminhava. Uma brisa ocasional soprava sobre ela e seguia pela trilha, agitando as folhas, fazendo-as sussurrar. Stacy tentou escutar o que elas estavam dizendo, tentou associar palavras àquele som, mas sua mente não

estava funcionando direito; ela não conseguia se concentrar. Estava um pouco bêbada, e o verde era demais, excessivo. Podia sentir o início de uma dor de cabeça testando a própria força, à procura de uma oportunidade para aumentar. E o verde estava também sob seus pés, um musgo que cobria a trilha, tornando-a escorregadia em alguns pontos. Quando o caminho desceu formando uma pequena concavidade, ela quase escorregou e caiu. Soltou um gritinho ao perder o equilíbrio, e ficou abismada ao ver que ninguém olhou para trás para se certificar de que ela estava bem. E se ela tivesse caído, batido com a cabeça, ficado inconsciente? Quanto tempo teriam levado para perceber que ela não os estava mais seguindo? Teriam acabado por dar meia-volta, imaginou; teriam-na encontrado, reanimado. Mas e se alguma coisa houvesse surgido da mata e abocanhado-a antes de isso acontecer? Porque decerto havia bichos na mata; Stacy podia senti-los enquanto caminhava, presenças atentas, acompanhando sua passagem pela trilha.

É claro que na verdade não acreditava em tudo isso. Gostava de assustar a si mesma, mas do jeito que uma criança faz, sempre consciente de que era só fingimento. Não havia reparado no menino indo embora de bicicleta, nem no fato de a trilha estar camuflada. Ninguém falava sobre nada disso. Fazia calor demais para falar; tudo que conseguiam fazer era pôr um pé na frente do outro. Assim, as únicas ameaças com que Stacy podia se distrair eram as que conseguia imaginar sozinha.

Por que viera de sandália? Que besteira. Seus pés agora estavam em frangalhos; havia lama entre seus dedos. Fora agradável caminhar pelo descampado, a lama estava morna e chiava, estranhamente reconfortante, mas agora não mais. Agora era apenas terra, uma terra com um leve cheiro de fezes, como se ela houvesse mergulhado o pé em cocô.

O verde era a cor da inveja, da náusea. Stacy havia sido bandeirante; já caminhara muitas vezes em matas verdes,

vestida com seu uniforme verde. Ainda conhecia algumas canções daquela época. Tentou pensar em uma delas, mas sua dor de cabeça não permitiu.

Atravessaram um regato, pulando de pedra em pedra. O regato era verde também, cheio de algas. As pedras estavam ainda mais escorregadias do que a trilha, mas ela não caiu. Pulou, pulou, pulou até chegar do outro lado.

Os mosquitos e as mosquinhas pretas eram tão persistentes, tão numerosos, que ela havia desistido de tentar espantá-los muito tempo antes. Mas então, de repente, logo depois de ela atravessar o regato, os insetos sumiram. Isso pareceu acontecer em um instante: eles estavam ao seu redor, zumbindo e voejando, e então, como por mágica, sumiram. Sem eles, até o calor pareceu fácil de agüentar, até mesmo o verdor implacável, o cheiro de cocô vindo de seus pés, e durante uma distância curta foi quase agradável caminhar uns atrás dos outros em meio às árvores sussurrantes. Sua mente clareou um pouco, e ela encontrou palavras para as folhas farfalhantes.

Me leva com você, parecia dizer uma das árvores.

E em seguida: Você sabe quem eu sou?

A trilha fez uma curva, e subitamente outra clareira surgiu à sua frente, um círculo de luz do sol trinta metros mais adiante na trilha, onde o calor emprestava ao ar um aspecto latejante, líquido.

Uma árvore à sua esquerda parecia chamá-la. Stacy, sussurrava, com tanta clareza que ela chegou a virar a cabeça, sentindo um arrepio subir e descer pelas costas. Logo depois veio outra voz farfalhante: Você está perdida? E então ela seguiu os outros rumo à luz do sol.

Essa clareira não era uma plantação. Parecia uma estrada, mas também não era isso. Era como se um grupo de homens houvesse planejado construir uma estrada, desmatado a floresta e aplainado o solo, e depois mudado de idéia de repente. A clareira tinha vinte metros de largura e se estendia em ambas as direções, para a esquerda e

para a direita, até onde os olhos de Stacy alcançavam, finalmente desaparecendo depois de uma curva. Na extremidade mais distante erguia-se um pequeno morro. Era pedregoso, estranhamente desprovido de árvores, e coberto por algum tipo de vegetação semelhante a uma trepadeira - de um verde vivo, com folhas em forma de mãos, e flores pequeninas. A planta espalhava-se pelo morro inteiro, crescendo tão junto à terra que quase parecia estar apertando-a com as mãos. As flores pareciam papoulas,

do mesmo tamanho e da mesma cor: um vermelho brilhante, como vidro.

Ficaram todos ali olhando, protegendo os olhos da luz. Era uma imagem linda: um morro no formato de um seio gigante, coberto de flores vermelhas. Amy sacou a câmera e começou a tirar fotos.

O terreno desmaiado tinha uma cor diferente dos descampados que eles haviam atravessado mais cedo. Os descampados tinham um marrom avermelhado, quase cor-de-laranja em alguns pontos, enquanto ali o solo era bem preto, salpicado de branco, como geada. Depois dele, a trilha continuava, serpenteando pela encosta do morro. Stacy percebeu de repente que a atmosfera havia se tornado estranhamente silenciosa; os pássaros haviam parado de cantar. Até as cigarras haviam cessado seu chiado insistente. Era um lugar de paz. Ela respirou fundo, sentindo-se sonolenta, e sentou-se. Eric também se sentou, depois Pablo: os três, enfileirados. Mathias passava novamente sua garrafa d'água de mão em mão. Amy não parava de tirar fotos — do morro, das flores bonitas, e em seguida de cada um deles, um depois do outro. Pediu a Mathias para sorrir, mas ele olhava para o alto do morro.

- Aquilo ali é uma barraca? - perguntou.

Todos se viraram para olhar. Bem no alto do morro, havia um quadrado de tecido cor-de-laranja que mal se podia distinguir. Estava enfunado como uma vela, agitado pela

brisa. Daquela distância, com a encosta do morro a atrapalhar parcialmente sua visão, era difícil dizer do que se tratava. Stacy pensou que parecia uma pipa, aprisionada nas trepadeiras floridas, mas é claro que uma barraca faria mais sentido. Antes de qualquer um conseguir falar, enquanto ainda olhavam para o alto do morro, apertando os olhos por causa do sol forte, um barulho esquisito saiu da mata. Todos o escutaram ao mesmo tempo, enquanto ainda estava relativamente baixo, e viraram-se quase simultaneamente, com as cabeças inclinadas, à escuta. Era um som conhecido, mas, durante alguns segundos, nenhum deles conseguiu identificá-lo.

Foi Jeff quem finalmente deu um nome ao ruído.

— Um cavalo — disse ele.

E então Stacy também escutou: cascos aproximavam-se a galope, vindos da estreita trilha atrás deles.

Amy ainda estava com a câmera na mão. Pelo visor, viu o cavalo chegar; tirou uma foto quando ele irrompeu na clareira: um cavalo baio grande, que empinou ao parar diante deles. Montado nele estava o homem maia que havia se aproximado deles ao lado do poço da pequena aldeia. Era o mesmo homem, mas agora parecia diferente. Na aldeia, havia sido calmo e distante, alheio, até, com alguma coisa de quase condescendente em sua abordagem, como um pai cansado lidando com os filhos indisciplinados. Agora tudo isso havia desaparecido, e fora substituído por um ar de urgência, ou até mesmo de pânico. Sua camisa e sua calça branca estavam salpicadas de manchas verdes por ele ter cavalgado tão depressa entre as árvores. Havia perdido o chapéu, e o suor reluzia em sua cabeça calva.

O cavalo também estava agitado: suado, resfolegando, revirando os olhos. Empinou duas vezes, assustando-os, e eles recuaram, entrando mais na clareira. O homem começou a gritar, acenando com o braço. O cavalo estava arreado, mas não selado; o homem montava em pêlo, com as pernas penduradas sobre os flancos do grande animal

como as garras de uma pinça. O cavalo tornou a empinar, e dessa vez o homem meio que caiu, meio que pulou para o chão. Ainda estava segurando as rédeas, mas o cavalo recuava, dando safanões com a cabeça, tentando se soltar. Amy tirou uma foto do cabo-de-guerra que se seguiu, com o homem lutando para acalmar o cavalo enquanto o animal o puxava, passo a passo, de volta para a trilha. Foi só quando ela parou de olhar pelo visor que percebeu a arma no cinto do homem: uma pistola preta em um coldre marrom. Ele não estava armado na aldeia; disso ela estava certa. Havia pegado a arma para ir atrás deles. O cavalo estava frenético demais; o homem não conseguiu acalmá-lo, e por fim simplesmente soltou as rédeas. O animal deu meia volta no mesmo instante e saiu galopando em direção à mata. Eles o ouviram avançar freneticamente entre as árvores, e o som de seus cascos foi diminuindo gradualmente. Então o homem recomeçou a gritar para eles, agitando os braços acima da cabeça, apontando para a trilha mais atrás. Era difícil saber o que estava tentando dizer. Amy se perguntou se teria algo a ver com o cavalo, se ele de alguma forma os estava culpando pelo descontrole do animal.

— O que é que ele quer? — perguntou Stacy. Sua voz parecia assustada, como a de uma menina, e Amy se virou para olhar para ela. Em pé logo atrás dela, Stacy segurava o braço de Eric. Eric sorria para o maia, como se achasse que todo aquele encontro devesse ser alguma brincadeira, e estivesse esperando que o homem lhe confessasse isso.

— Ele quer que a gente volte — disse Jeff.

— Por quê? — perguntou Stacy.

— Talvez ele queira dinheiro. Um pedágio, algo assim. Ou pode querer que a gente contrate ele como guia. - Jeff enfiou a mão no bolso da calça, sacou a carteira.

O homem continuou a gritar, apontando com veemência para a trilha. Jeff tirou da carteira uma nota de dez dólares e estendeu-a para ele.

— Dinero? — perguntou.

O homem ignorou a pergunta. Fez com a mão o gesto de quem enxota alguém, indicando-lhes para sair da clareira. Ficaram todos ali em pé, hesitantes, sem se mexer. Jeff tornou a dobrar a nota com cuidado, guardou-a na carteira, e recolocou a carteira no bolso. Depois de mais alguns segundos, o homem parou de gritar; estava sem fôlego.

Mathias se virou para o morro coberto de flores, levando as mãos à boca em concha.

— Henrich! — gritou.

Não houve resposta, nenhum movimento no morro, exceto o leve ondular daquele tecido cor-de-laranja. Ao longe, ouviu-se novamente o som de cascos, cada vez mais próximo. Ou o cavalo do homem estava voltando, ou então outro aldeão estava prestes a juntar-se a eles.

— Por que você não sobe o morro pra ver se encontra ele?  
— disse Jeff a Mathias. - A gente espera aqui, pra resolver isso.

Mathias aquiesceu. Virou-se, começou a atravessar a clareira. O maia recomeçou a gritar, e então, vendo que Mathias não parava, puxou a pistola do coldre, ergueu-a acima da cabeça e deu um tiro no ar.

Stacy gritou, cobrindo a boca, recuando. Todos os outros se encolheram instintivamente, quase agachando-se. Mathias se virou para olhar, viu que o homem agora apontava a pistola para seu peito, e ficou completamente imóvel. O homem acenou para ele, gritando alguma coisa, e Mathias voltou, com as mãos erguidas, para junto dos outros. Pablo também levantou as mãos, mas então, quando ninguém mais o fez, tornou a abaixá-las.

Os cascos chegaram cada vez mais perto, e de repente dois outros cavaleiros irromperam na clareira. Suas montarias estavam tão agitadas quanto as do primeiro homem: de olhos arregalados, resfolegando, com os flancos reluzindo de suor. Um dos cavalos era cinza claro, o outro, preto. Os cavaleiros apearam, e nenhum deles fez qualquer tentativa

para segurar as rédeas, de modo que os cavalos imediatamente deram meia-volta para voltar para a mata a galope.

Os recém-chegados eram muito mais jovens do que o homem careca; tinham os cabelos pretos e músculos esguios. Traziam arcos cruzados por cima do peito, e uma aljava cheia de flechas finas e de aspecto frágil. Um deles tinha bigode. Começaram a falar com o primeiro homem, muito depressa, fazendo-lhe perguntas. Ele ainda estava com a pistola apontada mais ou menos na direção de Mathias e, enquanto conversavam, os dois outros homens empunharam os arcos, cada qual preparando uma flecha.

- Que porra...? — começou a dizer Eric. Parecia ultrajado.

- Cala a boca - ordenou Jeff.

- Eles estão...

- Espera - disse Jeff. - Espera pra ver.

Amy apontou a câmera para os homens e bateu outra foto. Sabia que não estava registrando a emoção do momento, que precisaria recuar para fazer isso, para poder fotografar não somente os maias com suas armas, mas também Jeff e os outros ali em pé na frente deles, todos agora muito assustados. Recuou alguns passos, espiando pelo visor. Sentia-se mais segura assim, mais distante, como se não fizesse mais parte daquela estranha situação. Mais quatro passos e Jeff entrou no quadro, e Pablo, e Mathias também, com as mãos ainda levantadas. Tudo que ela precisava fazer era chegar um pouquinho mais para trás para Stacy e Eric aparecerem; então poderia bater a foto, e esta sairia exatamente como ela queria. Deu mais um passo para trás, depois mais outro, e de repente os maias recomeçaram a gritar, todos os três, agora dirigindo-se a ela, com o primeiro homem apontando a pistola e os dois outros empunhando os arcos. Jeff e os outros se viraram para olhar para ela, surpresos — sim, ali estava Stacy agora, na parte direita do visor —, e Amy deu outro passo.

- Amy — disse Jeff, e ela quase parou. Hesitou; começou a abaixar a câmera. Mas podia sentir que estava quase lá, então deu um último passo, e a foto ficou perfeita: Eric agora também estava aparecendo. Amy apertou o obturador, escutou seu clique. Estava satisfeita consigo mesma, ainda sentindo-se estranhamente alheia àquela cena, e gostando da sensação. Foi quando estava tirando o olho do visor que sentiu a estranha pressão em volta de seu tornozelo, como se a mão de alguém o estivesse apertando. Olhou para baixo, e percebeu que havia recuado até atravessar totalmente a clareira. Um comprido talo verde estava enrolado em volta de seu tornozelo. Ela havia pisado bem em cima de um laço formado pela planta, e agora, de alguma forma, este havia se fechado.

Houve um intervalo estranho; os maias pararam de gritar. Os dois arcos continuaram tesos, mas o homem da pistola abaixou-a devagar. Ela pôde sentir os outros a observá-la, acompanhando seu olhar até o pé esquerdo, que estava enterrado até o tornozelo nas plantas, como se houvesse sido engolido. Ela se agachou para soltá-lo, e estava se levantando quando ouviu os maias recomeçarem a gritar. Estavam gritando com ela, e em seguida não estavam mais: passaram a gritar uns com os outros. Parecia uma discussão, com os dois homens dos arcos opondo-se ao careca.

— Jeff — chamou ela.

Ele ergueu a mão sem olhar para ela, fazendo-a calar.

— Não se mexe — disse ele.

Então ela não se mexeu. O careca segurava a própria orelha com uma das mãos, puxando-a, franzindo o cenho e sacudindo a cabeça, com a mão esquerda ainda a segurar a pistola, apertando-a contra a coxa. Não parecia querer ouvir o que os outros dois tinham a dizer. Apontou para Amy, em seguida para os outros; acenou em direção à trilha. Mas já havia algo de desanimado em seus gestos, a consciência do fracasso iminente. Amy pôde ver que ele sabia que não ia

conseguir o que queria. Pôde vê-lo se cansar, pôde vê-lo desistir. Ele se calou; os homens dos arcos também se calaram. Ficaram olhando para Jeff e Mathias, para Eric e Stacy, para o grego. E para ela, também. Então o careca ergueu a pistola e apontou-a para Jeff, para seu peito. Com a outra mão, fez um gesto de quem conduz, mas agora na direção oposta, de Amy, e do morro atrás dela.

Ninguém se mexeu.

O careca começou a gritar, acenando em direção ao morro. Abaixou um pouquinho a pistola e disparou uma bala no chão, junto aos pés de Jeff. Todos deram um pulo e começaram a recuar. Pablo tornou a erguer as mãos. Os outros homens também gritavam, balançando os arcos de um lado para o outro, mirando primeiro em um deles, em seguida em outro, fazendo-os andar passo a passo na direção de Amy. Jeff e os outros caminhavam de costas; não olhavam para onde iam. Ao chegarem à borda da clareira, todos hesitaram, sentindo o contato das plantas em seus pés e pernas. Olharam para baixo, pararam. Eric estava ao lado de Amy, à sua esquerda. Pablo estava à sua direita. Depois vinham os outros: Stacy, Mathias, Jeff. E, além de Jeff, a trilha. Era para lá que o careca estava apontando agora, gesticulando para que comessem a subir, a subir o morro. Sua expressão parecia estranhamente pesada, próxima das lágrimas — não, ele de fato havia começado a chorar. Enxugava o rosto com a manga enquanto gesticulava para que subissem. Foi tudo tão esquisito, tão impossível de entender, e ninguém disse uma palavra. Caminharam até a trilha, com Jeff seguindo na frente, e os outros atrás.

E então, ainda em silêncio, em fila indiana, começaram a lenta subida do morro.

Eric fechava a fila. Enquanto andava, não parava de olhar por cima do ombro. Os maias os olhavam subir, com o careca usando a mão para proteger os olhos do sol. Não havia árvores no morro, apenas a trepadeira que cobria

tudo, grossos rolos de talos cheios de folhas verde-escuras, e com as flores vermelhas brilhantes. O sol derramava seu calor sobre eles: não havia sombra em lugar nenhum, e mais atrás, no sopé da encosta, estavam os três homens armados. Nada disso fazia o menor sentido. No início, o careca havia tentado lhes dizer para voltar; em seguida, havia ordenado que seguissem em frente. Os homens dos arcos claramente haviam tido alguma influência nisso; haviam discutido com o outro homem, fazendo-o mudar de idéia. Mas, mesmo assim, não fazia sentido. Os seis foram subindo a trilha, suando devido ao esforço, caminhando em total silêncio, porque estavam assustados, e não havia nada que nenhum deles pudesse dizer.

Em determinado momento, teriam de tornar a descer o morro e atravessar a clareira, pegar a estreita trilha até o descampado, seguida da trilha mais larga até a estrada, mas Eric não conseguia pensar em como iriam conseguir fazer isso. Imaginou que os arqueólogos fossem conseguir explicar o que havia acontecido. Talvez fosse até algo simples, algo facilmente solucionável, algo de que estariam todos rindo dali a poucos minutos. Um mal-entendido. Uma falha de comunicação. Um erro. Eric tentou pensar em outras palavras que, em inglês, começassem com o mesmo prefixo mal-entendido, misunderstanding falha de comunicação, miscommumcatwn erro, mistake, tentando se lembrar do significado de mis. Dali a algumas semanas, estaria lecionando inglês, e esse era o tipo de coisa que deveria saber. Mis queria dizer errado, chutou, ou ruim; alguma coisa assim, mas não tinha certeza. E precisava ter certeza, também, porque provavelmente haveria alunos que saberiam; havia sempre dois ou três assim, prontos para surpreender o professor cometendo um erro, ansiosos por essa oportunidade. Havia livros que Eric tinha a intenção de ler durante o verão, livros que garantira a seu departamento já ter lido, mas o verão agora estava

praticamente no fim, e ele sequer olhara para os livros, nem sequer para um.

Misstcp, pisar em falso. Misplace, perder. Misconstrue, equivocar-se.

Essa última era boa. Eric desejou conhecer mais palavras como aquelas, desejou ser o tipo de professor que as usava sem esforço, e cujos alunos tivessem de se esforçar para entendê-lo, e aprendessem pelo simples fato de escutá-lo, mas sabia que não era isso que seria, jamais. Ele seria o menino-homem, o treinador de beisebol, aquele que piscava o olho e sorria das piadas de seus alunos, um professor querido, provavelmente, mas não um professor de verdade. Ou seja: não alguém com quem os alunos algum dia aprenderiam alguma coisa importante.

Mischief, travessura. Misanthrope, misantropo. Misconception, equívoco.

Eric ia ficando um pouco menos assustado a cada passo que dava, e isso o deixava contente, pois, durante um ou dois instantes lá embaixo, ele de fato havia ficado muito assustado. Quando o careca atirou no chão aos pés de Jeff, Eric estava olhando para Stacy, para se certificar de que ela estava bem. Não tinha visto o homem abaixar a pontaria; ouviu o tiro ser disparado, e por um instante pensou que o homem houvesse atirado em Jeff, atirado em seu peito, matado-o. Então tudo havia ocorrido muito depressa, eles haviam sido obrigados a recuar, guiados na direção da trilha, e só agora seu coração começava a desacelerar um pouco. Alguém pensaria em alguma solução. Ou os arqueólogos os ajudariam. E tudo aquilo não iria dar em nada.

Misrepresent, criar conceito errado. Mislead, enganar. Misguide, desviar.

— Henrich! — gritou Mathias, e eles pararam, olhando para o alto do morro, à espera de uma resposta.

Não houve nenhuma. Hesitaram por mais alguns segundos, e então recomeçaram a andar.

Era mesmo uma barraca. Eric agora podia vê-la com clareza, conforme iam subindo mais: uma barraca de um laranja igual ao dos cones de trânsito, só um pouco mais surrado. Já devia fazer algum tempo que estava ali, pois as plantas já haviam dado um jeito de subir por suas estacas de alumínio, usando-as como treliça. Uma barraca para quatro pessoas, avaliou Eric. A entrada estava virada na outra direção.

— Oi? — chamou Jeff, e novamente pararam para escutar. Agora estavam perto o bastante para ouvir a brisa agitando a barraca, um ruído de algo batendo, como o que poderia vir de uma vela. Mas não havia mais nada, nenhum som, nenhum sinal de gente. Naquele silêncio, Eric notou pela primeira vez o que Stacy havia notado mais cedo: os mosquitos tinham sumido. As mosquinhas pretas também. Isso deveria ter lhe proporcionado pelo menos uma pequena sensação de alívio, mas, por algum motivo, não foi assim. Na verdade, o efeito foi exatamente o oposto: deixou-o ansioso, e trouxe de volta um estranho eco do medo que ele havia sentido na clareira ao se virar, esperando ver o corpo de Jeff estendido, com o som do tiro a reverberar em sua direção, refletido pela borda da mata. Parecia estranho estar ali, suando, no meio da subida de um morro no meio da selva, e não ser importunado por aqueles insetozinhos. E Eric não queria se sentir esquisito naquele momento; queria que tudo fizesse sentido, que tudo fosse previsível. Queria que alguém lhe dissesse por que os insetos haviam sumido, por que os homens os haviam forçado a subir o morro, e por que ainda estavam lá no pé da trilha, olhando para eles, com as armas ainda na mão.

Misery, miséria, não fazia parte da lista. Tampouco miser, avarento. Eric perguntou-se por um instante se teriam o mesmo radical. Latim, chutou ele. E aquela era mais uma coisa que ele deveria saber, mas não sabia.

O corte em seu cotovelo havia começado a doer. Podia sentir novamente a própria pulsação batendo lá dentro,

agora um pouco mais lenta, mas ainda rápida demais. Tentou imaginar os arqueólogos, todos rindo daquela situação esdrúxula, que no final das contas eles descobririam nem ser tão estranha assim, depois que tudo houvesse sido devidamente explicado. Na barraca laranja haveria um kit de primeiros socorros, imaginou Eric. Alguém limparia seu machucado para ele, cobrindo-o com um curativo branco. E então, quando todos voltassem para Cancún — sorriu ao pensar nisso —, ele compraria uma cobra de borracha, e a esconderia debaixo da toalha de Pablo.

As plantas cobriam tudo, menos a trilha e o tecido cor de laranja da barraca. Em alguns pontos, estavam espaçadas o suficiente para Eric conseguir ver o chão embaixo delas: mais pedregoso do que ele teria imaginado, seco, quase desértico; mas, em outros, pareciam dobrar-se sobre si mesmas, empilhando-se em várias camadas, formando montinhos que alcançavam a altura da cintura, profusões verdes emaranhadas, mais parecendo promontórios. E, por toda parte, penduradas nas plantas como sinetas, havia aquelas flores brilhantes, vermelho-sangue.

Eric baixou os olhos novamente para o sopé do morro, bem a tempo de ver chegar um quarto homem. Este vinha de bicicleta, vestido de branco como os outros, com um chapéu de palha na cabeça.

— Chegou mais um — disse Eric.

Todos pararam e se viraram para olhar. Enquanto olhavam, um quinto homem apareceu, seguido por um sexto, sempre de bicicleta. Todos os recém-chegados traziam arcos pendurados nos ombros. Houve uma consulta rápida; o careca parecia ser o chefe. Ele falou durante algum tempo, gesticulando com as mãos, e todos escutaram. Em seguida apontou para o alto do morro, e os outros homens se viraram para olhar para eles. Eric sentiu um impulso de desviar o olhar, mas era besteira, é claro, um reflexo do preceito: "Não olhe fixamente para as pessoas; é falta de

educação", que nada tinha a ver com o que estava acontecendo ali. Observou o careca acenar em ambas as direções com os gestos bem-marcados de um oficial militar, e então os homens dos arcos partiram pela clareira, andando depressa, dois para um lado, três para o outro, deixando o careca sozinho no início da trilha.

— O que é que eles estão fazendo? — perguntou Amy, mas ninguém respondeu. Ninguém sabia.

Uma criança emergiu da mata. Era o menor dos dois meninos que os haviam seguido, o que haviam deixado para trás no descampado. Postou-se ao lado do careca, e ambos ergueram os olhos para eles. O careca pousou a mão sobre o ombro do menino. O gesto fez parecer que estavam posando para uma fotografia.

— Talvez a gente devesse descer correndo - disse Eric. - Rápido. Enquanto estão só ele e o menino. A gente poderia passar correndo por eles.

— Eric, ele está armado - disse Stacy. Amy assentiu.

— E ele poderia chamar os outros.

Novamente se calaram, todos olhando para o sopé do morro, esforçando-se para pensar, mas, se existia uma solução para sua atual situação, ninguém conseguiu encontrá-la.

Mathias uniu as mãos em concha e tornou a gritar em direção à barraca:

— Henrich!

A barraca continuava a se sacudir de leve na brisa. O morro não era muito grande do sopé até o topo, no máximo cento e cinquenta metros, e eles já haviam passado da metade. Com certeza estavam perto o suficiente para qualquer um que estivesse lá em cima ouvi-los gritar. Mas ninguém apareceu; ninguém respondeu. E, à medida que os segundos foram passando, e que o silêncio se prolongava, Eric teve de admitir para si mesmo o que todos os outros provavelmente estavam pensando, embora ninguém ainda

houvesse encontrado coragem para dizer em voz alta: não tinha ninguém lá em cima.

— Vamos — disse Jeff, acenando para prosseguirem. E retomaram sua marcha morro acima.

O morro se achatava no topo, formando uma plataforma ampla, como se um gigante houvesse descido do céu e lhe dado uma leve pancadinha durante aqueles instantes ainda maleáveis logo depois de sua criação. A trilha passava pela barraca cor de laranja, e então, quinze metros mais adiante, abria-se para uma pequena clareira de solo pedregoso. Ali havia uma segunda barraca, azul. Parecia tão surrada quanto a anterior. É claro que não havia ninguém por perto e, mesmo naquela primeira olhada, Jeff teve a sensação de que esse já era o caso havia algum tempo.

— Oi? — tornou a chamar. E então eles seis ficaram ali parados, a poucos metros da barraca laranja, fingindo aguardar uma resposta, sem na verdade esperar nenhuma. Não havia sido uma subida tão árdua assim, mas todos estavam um pouco ofegantes. Durante algum tempo, ninguém falou, nem se mexeu; estavam com calor demais, suados demais, assustados demais. Mathias pegou sua garrafa d'água, e passaram-na de mão em mão, e a água acabou. Eric, Stacy e Amy sentaram-se no chão, recostando-se uns nos outros. Mathias foi até a barraca. O zíper da frente estava fechado, e foi preciso alguns instantes até ele descobrir como abri-lo. Jeff aproximou-se para ajudá-lo. Zzzzzzzzzzip. Então ambos enfiaram as cabeças lá dentro. No chão havia três sacos de dormir desenrolados. Uma lamparina a óleo. Duas mochilas. O que parecia uma caixa de ferramentas de plástico. Uma jarra d'água com capacidade para quatro litros, cheia pela metade. Um par de botas de caminhada. Apesar desses vestígios de ocupação, era óbvio que já fazia algum tempo que ninguém entrava ali. O ar parado teria sido uma prova suficiente disso, mas ainda mais evidente era a trepadeira florida. De alguma forma, ela havia conseguido entrar na

barraca fechada e criar raízes, crescendo sobre algumas coisas, deixando outras intocadas. As botas de caminhada estavam quase inteiramente cobertas. Uma das mochilas estava aberta, e a trepadeira brotava lá de dentro.

Jeff e Mathias tiraram as cabeças de dentro da barraca, entreolharam-se, não disseram nada.

- O que é que tem lá dentro? - perguntou Eric.

- Nada - disse Jeff. - Uns sacos de dormir.

Mathias estava começando a cruzar o alto do morro, em direção à barraca azul, e Jeff o seguiu, esforçando-se para entender a situação em que se encontravam. Era óbvio que algo havia acontecido com os arqueólogos. Talvez houvesse ocorrido algum tipo de conflito com os maias, e os maias os houvessem atacado. Mas, nesse caso, por que haviam ordenado que subissem o morro? Não iriam querer mandá-los embora? É claro que era possível que os maias estivessem preocupados que eles já tivessem visto coisas demais, mesmo do sopé do morro. Mas, nesse caso, por que não matá-los logo? Teria sido relativamente fácil ocultar esse fato, pensou Jeff. Ninguém sabia onde eles estavam. Só os gregos, talvez, se de fato Pablo os houvesse deixado um bilhete antes de ir embora. Mesmo assim, porém, parecia bem simples. Matá-los, enterrá-los na mata. Fingir não saber de nada caso alguém um dia viesse procurá-los. Jeff se forçou a se lembrar de todos os seus medos em relação ao taxista, os mesmos medos, infundados, conforme descobriria depois. Então, por que aquela situação atual não poderia, no final das contas, ser igualmente inofensiva?

Mathias abriu o zíper da barraca azul, enfiou a cabeça lá dentro. Jeff inclinou-se para a frente para olhar também. A mesma coisa: sacos de dormir, mochilas, material de camping. De novo o cheiro de mofo, e as plantas que cresciam em cima de algumas coisas, mas não de outras. Eles retiraram as cabeças, fecharam o zíper.

Dez metros depois da barraca havia um buraco aberto no chão. Ao seu lado, havia sido construído um guincho improvisado, uma barra horizontal com uma manivela soldada na base. Uma corda estava enroscada bem apertada em volta da barra. Da barra, ligava-se a uma pequena roda, que estava pendurada em uma espécie de cavalete apoiado sobre a entrada do buraco. Em seguida, descia bem para dentro da terra. Jeff e Mathias se aproximaram com cautela do buraco, e olharam lá para dentro. Era retangular, três metros por dois, e muito profundo; Jeff não conseguia ver o fundo. Era o duto da mina, imaginou. Uma leve corrente de ar subia lá de dentro, uma emanção estranhamente fria, vinda da escuridão.

Os outros agora haviam se levantado e seguido eles dois pelo alto do morro. Todos se revezaram para olhar para dentro do buraco.

— Não tem ninguém aqui — disse Stacy.

Jeff assentiu. Ele ainda estava pensando. Talvez tivesse alguma coisa a ver com as ruínas? Alguma coisa religiosa? Uma violação tribal? Mas aquela não era esse tipo de ruína, era? Era um antigo acampamento de mineiros, um duto escavado na terra.

— Acho que já faz algum tempo que eles não estão aqui — disse Amy.

— Então, o que é que a gente faz? - perguntou Eric. Todos olharam para Jeff, até Mathias. Jeff deu de ombros.

— A trilha continua - ele acenou para além do buraco, e todos se viraram para acompanhar seu gesto. A clareira terminava a poucos metros de onde eles estavam; em seguida, as plantas recomeçavam, e no meio delas estava a

trilha. Esta serpenteava pela borda do morro e sumia do outro lado.

— Será que a gente vai? — perguntou Stacy.

— Eu não vou voltar por onde a gente veio — disse Amy.

Então pegaram a trilha, de novo em fila indiana, com Jeff seguindo na frente. Durante algum tempo, ele não conseguiu ver o sopé do morro, mas então a trilha se inclinou para baixo, mais íngreme ali do que quando haviam subido, e Jeff viu exatamente o que estava com medo de ver. Os outros se assustaram; pararam todos de uma vez, olhando boquiabertos, e ele também parou. Mas não estava surpreso. Assim que ouvira o maia careca mandar os arqueiros saírem correndo pela clareira, havia adivinhado. Um deles estava postado no término da trilha, olhando para cima, para eles, aguardando sua chegada.

— Porra — disse Eric.

— O que é que a gente vai fazer? - perguntou Stacy.

Ninguém respondeu. Dali, parecia que a mata havia sido cortada a toda volta do sopé do morro, isolando-o dentro de um anel de terra nua. Os maias haviam se espalhado por esse anel, cercando-os. Jeff sabia que não adiantava continuar a descer o morro: era óbvio que o homem não os deixaria passar; mas não conseguia pensar em nenhuma outra alternativa. Então, deu de ombros e acenou para prosseguirem.

— Vamos ver — disse ele.

A trilha ali era muito mais íngreme; havia trechos curtos onde precisaram se sentar e descer apoiando as nádegas no chão, um depois do outro. Seria uma subida difícil na volta, mas Jeff tentou não pensar nisso. Conforme eles foram se aproximando, o maia tirou o arco do ombro e preparou uma flecha. Gritou na direção deles, sacudindo a cabeça, gesticulando para se afastarem. Em seguida, gritou para sua esquerda, berrando o que parecia ser o nome de alguém. Segundos depois, outro arqueiro apareceu correndo pela clareira. Os dois homens se puseram a aguardá-los no

sopé da colina, arcos tesos. Todos pararam na beirada da clareira, enxugando o suor do rosto, e Pablo disse alguma coisa em grego. As palavras tinham a entonação crescente de uma pergunta, mas é claro que ninguém entendeu. Ele repetiu a mesma expressão, e em seguida desistiu.

— E agora? — perguntou Amy.

Jeff não sabia o que fazer. Achava que havia uma diferença entre apontar uma flecha para alguém e disparar a flecha — uma diferença significativa, supunha -, e por um instante cogitou explorar essa distinção. Poderia dar um passo em direção à clareira, depois outro, depois mais outro, e em algum momento os dois homens teriam de atirar nele, ou então deixá-lo passar. Talvez fosse apenas uma questão de coragem, e ele tentou se convencer a experimentar, sentiu que estava quase conseguindo, mas então outro arqueiro chegou correndo na sua direção, vindo da esquerda, e o instante passou. Jeff sacou a carteira, sabendo que era inútil; estava simplesmente fazendo gestos automáticos. Esvaziou as notas da carteira e segurou o dinheiro na direção dos maias.

Não houve nenhuma reação.

— Vamos passar correndo por eles — tornou a sugerir Eric.

— Todo mundo ao mesmo tempo.

— Cala a boca, Eric — disse Stacy. Mas ele não escutou.

— Ou então a gente pode fabricar uns escudos. Se a gente tivesse uns escudos, podia...

Outro homem chegou correndo pela clareira em sua direção, mais pesado do que os outros, barbado, um homem que eles ainda não tinham visto. Vinha trazendo uma espingarda.

— Ai, meu Deus — disse Amy.

Jeff tornou a pôr o dinheiro na carteira, recolocou a carteira no bolso. Naquele ponto, as plantas haviam invadido a clareira, formando um posto avançado no meio dela. Três metros à frente da trilha havia um daqueles estranhos promontórios, um pouco menor do que os outros, na altura

dos joelhos, coalhado de flores. Os maias haviam se postado do outro lado da elevação, com seus arcos retesados. E agora o homem da espingarda juntava-se a eles.

— Vamos tornar a subir o morro — disse Stacy.

Mas Jeff olhava fixamente para as plantas, para a ilha isolada, já sabendo o que era, sabendo bem lá no fundo, sem estar de todo consciente dessa informação.

— Eu quero voltar — disse Stacy.

Jeff deu um passo à frente. Eram três metros, e foram necessários quatro passos. Ele caminhava com as mãos erguidas na frente do corpo, tranquilizando os homens, tentando lhes mostrar que não tinha a intenção de fazer nada. Eles não atiraram; ele sabia que não o fariam, que o deixariam ver o que havia debaixo das plantas, algo que ele já sabia o que era, mas que não estava se permitindo saber. Sim, queriam que ele visse.

— Jeff — chamou Amy.

Ele a ignorou, agachando-se ao lado do promontório. Estendeu a mão, mergulhando-a entre as flores, afastando-as. Agarrou um talo, puxou, soltou-o, e viu um ténis, uma meia, e a parte inferior da canela de um homem.

— O que é? — perguntou Amy.

Jeff se virou, encarou Mathias. Mathias também já sabia; Jeff pôde ver isso em seus olhos. O alemão se adiantou, agachou-se ao seu lado, começou a puxar as plantas, primeiro delicadamente, depois mais agressivo, arrancando-as, enquanto um gemido baixo começava a subir-lhe do peito. Seis metros adiante, os maias assistiam. Outro sapato surgiu, outra perna. Uma calça jeans, a fivela de um cinto, uma camiseta preta. E então, finalmente, o rosto de um rapaz. Era o rosto de Mathias, só que diferente: tinha os mesmos traços e a semelhança familiar ainda era perceptível, mesmo que uma parte da carne do rosto de Henrich houvesse apodrecido, revelando o osso de sua mandíbula, a órbita branca de seu olho esquerdo.

— Ai, meu Deus — disse Amy. — Não.

Jeff levantou a mão, mandando-a se calar. Mathias estava agachado ao lado do corpo do irmão, balançando-se suavemente, com aquele gemido indo e vindo. Jeff viu que a camiseta só estava preta porque fora tingida com aquela cor: estava endurecida de sangue seco. E, saindo do peito de Henrich, apontando para cima em meio à planta cerrada, havia três flechas finas. Jeff pousou a mão no ombro de Mathias.

- Calma - sussurrou ele. - Tá bom? Calma e devagar. A gente vai se levantar e vai se afastar. Vai tornar a subir o morro.

- E o meu irmão — disse Mathias.

- Eu sei.

- Eles mataram ele.

Jeff assentiu. Sua mão ainda estava no ombro de Mathias, e ele podia sentir os músculos do alemão se contraindo através da camiseta.

- Calma - repetiu ele.

- Por que...

- Não sei.

- Ele foi...

- Shh - disse Jeff. - Aqui, não. No alto do morro, tá bem? Mathias parecia estar tendo dificuldades para respirar. Esforçava-se para

inspirar, mas o ar não ia muito fundo. Jeff não soltou seu ombro. Por fim, o alemão assentiu com a cabeça, e então ambos se levantaram. Stacy e Amy estavam de mãos dadas, parecendo chocadas, olhando fixamente para o corpo de Henrich. Stacy havia começado a chorar, bem baixinho. Eric a abraçava.

Os maias mantiveram as armas erguidas — flechas prontas, arcos retesados, espingarda apontada —, e ficaram olhando em silêncio enquanto Jeff e os outros se viravam para recomeçar a subir o morro.

A subida ajudou um pouco, o esforço físico que ela exigia, a necessidade de se concentrar nos trechos mais íngremes,

onde às vezes eles quase precisavam rastejar, impulsionando-se para a frente com as mãos; e, à medida que Stacy foi subindo o morro devagar, aos poucos conseguiu parar de chorar. Enquanto subia, não parava de olhar lá para baixo, em direção à clareira; tentava não fazê-lo, mas não conseguia evitar. Estava com medo de que os homens viessem atrás deles. Eles haviam matado o irmão de Mathias, então parecia apenas lógico que a matassem também. Que matassem todos os seis e deixassem as plantas cobrirem seus corpos. Mas os homens simplesmente permaneceram ali, no centro da clareira, a olhar fixamente para eles.

No alto, as coisas tornaram a ficar difíceis. Amy começou a chorar, e em seguida Stacy também teve de cair em prantos. Sentaram-se no chão, deram-se as mãos e choraram. Eric agachou-se ao lado de Stacy. Disse coisas como:

"Vai ficar tudo bem." Ou: "A gente vai ficar bem." Ou: "Shh, calma, shh." Palavras, somente, na verdade bobagens, pequenas expressões para acalentá-la e acalmá-la, e o medo no rosto dele a fez soluçar com mais força ainda. Mas o sol os estava castigando, e não havia nenhuma sombra por perto, e ela estava exausta por causa da subida, e, depois de algum tempo, começou a se sentir tão tonta com aquilo tudo que sequer conseguiu mais chorar. Quando ela parou de chorar, Amy parou também.

Jeff e Mathias haviam se afastado pelo topo do morro. Estavam em pé bem na outra ponta, olhando para baixo em direção à clareira, conversando. Pablo havia desaparecido dentro da barraca azul.

— Tem alguma água? — perguntou Amy.

Eric vasculhou dentro da mochila, sacou uma garrafa. Revezaram-se para beber.

— Vai ficar tudo bem - ele tornou a dizer.

— Como? — perguntou Stacy, odiando a si mesma por dizer aquilo. Sabia que não deveria fazer perguntas assim.

Precisava ficar quieta e deixar Eric construir aquele sonho para eles.

Eric pensou por alguns instantes, fazendo esforço.

— Talvez, quando o sol baixar, a gente consiga descer de novo e passar por eles no escuro.

Beberam um pouco mais de água, refletindo sobre a questão. Fazia calor demais para pensar, e havia um zumbido persistente nos ouvidos de Stacy, parecido com estática, embora mais agudo. Ela percebeu que precisava sair do sol, rastejar para dentro de uma das barracas e se deitar, mas estava com medo das barracas. Sabia que quem quer que as tivesse armado com tanto cuidado ali no topo do morro agora estava quase certamente morto. Se Henrich estava morto, então os arqueólogos também deveriam estar. Stacy não conseguia imaginar outra alternativa.

Eric tentou novamente.

— Ou então a gente pode simplesmente esperar por eles - disse. - Os gregos vão chegar uma hora ou outra.

— Como é que você sabe? — perguntou Amy.

— O Pablo deixou um recado para eles.

— Mas como é que você pode ter tanta certeza?

— Ele copiou o mapa, não copiou?

Amy não disse nada. Stacy ficou sentada ali, desejando que a amiga tornasse a falar, que de alguma forma conseguisse esclarecer a questão, refutando a lógica de Eric ou aceitando-a, mas Amy permaneceu calada, espiando Jeff e Mathias um pouco mais longe no topo do morro. É claro que não havia como ter certeza. Pablo poderia ter deixado um bilhete, ou poderia não ter deixado. A única maneira de saberem com certeza era se os gregos aparecessem alguma hora.

— Eu nunca tinha visto um cadáver antes — disse Eric. Amy e Stacy estavam caladas. Como poderiam reagir a uma afirmação como essa?

— Era pra alguma coisa ter devorado ele, né? Saído da mata e...

— Pára — disse Stacy.

— Mas parece estranho, não parece? Ele está aqui há tempo suficiente pra aquelas plantas terem...

— Eric, por favor.

— E cadê os outros? Cadê os arqueólogos? Stacy estendeu a mão e tocou seu joelho.

— Pára com isso, tá? Pára de falar.

Jeff e Mathias estavam voltando para junto deles. Mathias tinha as mãos estendidas na frente do corpo, como se estivessem cobertas de tinta e ele não quisesse sujar as roupas. Quando chegaram mais perto, Stacy viu que suas mãos e pulsos haviam adquirido uma cor vermelha, como carne crua; pareciam feridas.

— O que foi que houve? — perguntou Eric.

Jeff e Mathias se agacharam ao seu lado. Jeff pegou a garrafa d'água, derramou um pouquinho sobre as mãos de Mathias; então Mathias as esfregou com a camiseta, fazendo uma careta.

— Tem alguma coisa na planta - disse Jeff. - Quando o Mathias arrancou os galhos de cima do irmão, a seiva pegou nas mãos dele. É ácida. Queimou a pele dele.

Todos baixaram os olhos para as mãos de Mathias. Jeff tornou a passar a água para Stacy. Ela retirou a bandana e começou a inclinar a garrafa por cima do pano, pensando que a bandana molhada poderia refrescar um pouco sua cabeça, mas Jeff a deteve.

— Não — disse ele. — A gente precisa economizar.

— Economizar? — perguntou ela. Sentia-se burra com o calor: não compreendia o que ele estava dizendo.

Ele aquiesceu.

— A gente não tem muita água. Cada um vai precisar de uns dois litros por dia, pelo menos. Ou seja, doze litros ao todo, todos os dias. A gente vai ter de arrumar um jeito de pegar água da chuva. - Ergueu os olhos para o céu, como à

procura de nuvens, mas não havia nenhuma. Desde que haviam chegado ao México, chovera todas as tardes, e agora, quando precisavam da chuva, o céu estava totalmente limpo. — A gente precisa se organizar — disse Jeff. - Agora, enquanto ainda tem disposição.

Os outros simplesmente o fitavam.

— Sem comer a gente consegue ficar. O importante é a água. A gente vai ter de ficar fora do sol, e passar o maior tempo possível debaixo das barracas.

Escutando o que ele dizia, Stacy sentiu-se enjoada. Ele estava agindo como se fossem passar algum tempo ali, como se estivessem encurralados ali, e essa ideia a encheu de pânico. Ela teve o impulso de cobrir as orelhas com as mãos; queria que ele parasse de falar.

— A gente não pode esperar escurecer? — perguntou. — O Eric disse que a gente poderia tentar passar sem eles nos verem.

Jeff sacudiu a cabeça. Acenou indicando o topo do morro, em direção a onde ele e Mathias estavam antes.

— Eles não param de chegar — falou. — Cada vez mais. Estão todos armados, e o careca está mandando eles se espalharem pela clareira. Estão cercando a gente.

— Por que eles não matam a gente de uma vez? — perguntou Eric.

— Não sei. Parece que tem alguma coisa a ver com o morro. Depois que você pisa no morro, não pode mais pisar fora dele. Alguma coisa assim. Eles mesmos não pisam nele, mas, agora que a gente já está aqui, não deixam mais a gente sair. Se a gente tentar, vão atirar. Então a gente precisa bolar um jeito de sobreviver até alguém vir encontrar a gente.

— Quem? — perguntou Amy. Jeff deu de ombros.

— Talvez os gregos... seria o mais rápido. Ou então, quando a gente não voltar pra casa, nossos pais vão...

— A nossa viagem de volta só está marcada pra daqui a uma semana — disse Amy.

Jeff aquiesceu.

— E eles ainda precisariam vir procurar a gente. Ele aquiesceu novamente.

— Então você está falando de quanto tempo... um mês? Ele deu de ombros.

— Talvez.

Ao ouvir isso, o semblante de Amy se desfez. A voz dela ficou um tom mais aguda.

— A gente não pode passar um mês aqui, Jeff.

— Se a gente tentar ir embora, eles vão atirar. Isso é a única coisa certa.

— Mas o que é que a gente vai comer? Como é que a gente vai...

— Talvez os gregos venham - disse Jeff. - Talvez eles cheguem amanhã, até.

— E daí? Eles só vão ficar aqui encurralados junto com a gente. Jeff sacudiu a cabeça.

— A gente deixa alguém de guarda no sopé do morro. Pra avisar pra eles não subirem.

— Mas aqueles homens não vão deixar. Eles vão forçar os gregos... Jeff tornou a sacudir a cabeça.

— Acho que não — disse ele. — Foi só quando você ultrapassou a clareira que eles obrigaram a gente a subir a colina. No começo, estavam tentando manter a gente afastado. Acho que também vão tentar impedir os gregos de subirem. A gente só precisa descobrir um jeito de se comunicar com eles, de dizer a eles o que aconteceu, para eles poderem ir buscar ajuda.

— Pablo — disse Eric. Jeff assentiu.

— Se a gente conseguir fazer ele entender, daí vai ser possível avisar os outros.

Todos se viraram e encararam Pablo. Ele havia emergido da barraca azul e perambulava pelo topo do morro. Parecia estar falando sozinho, muito baixo, murmurando. Tinha as mãos nos bolsos da calça, os ombros curvados. Não percebia que estavam olhando para ele.

— É possível também que passe algum avião — disse Jeff. - A gente pode fazer sinal pra eles com alguma coisa que reflita a luz. Ou quem sabe arrancar algumas das plantas, secar, e fazer uma fogueira. Três fogueiras formando um triângulo... acho que isso é um pedido de socorro.

Depois disso, ele parou de falar; não tinha mais nenhuma ideia. E tampouco Stacy ou os outros tinham qualquer outra ideia, de modo que simplesmente passaram um tempo sentados sem dizer nada. Em meio ao silêncio, Stacy ficou gradualmente consciente de um estranho trinado: constante, insistente, tão débil que mal dava para escutar. Um pássaro, pensou, mas percebeu no ato que estava errada. Ninguém mais parecia estar escutando o barulho, e ela estava se virando para ver de onde vinha quando Pablo começou a gritar. Ele pulava feito um louco ao lado do duto da mina, apontando lá para dentro.

- O que é que ele está fazendo? - perguntou Amy.

Stacy viu-o levar a mão à cabeça, ao ouvido, como se estivesse imitando alguém falando no telefone, e levantou-se com um pulo e foi depressa até onde ele estava.

— Rápido — disse para os outros, acenando para que a seguissem. Subitamente dera-se conta do que era aquele trinado constante: de alguma forma — por milagre, inexplicavelmente —, havia um celular tocando no fundo do buraco.

Amy não acreditou. Podia ouvir o som vindo do buraco e, assim como os outros, tinha de admitir que parecia um celular, mas mesmo assim não estava levando fé naquilo. Antes da viagem, Jeff havia lhe dito para não levar seu telefone; seria caro demais usá-lo no México. Mas é claro que isso não queria dizer que não houvesse redes locais, e por que não seria possível que o que eles estivessem ouvindo fosse um telefone conectado a uma dessas redes? Deveria ser possível, não havia motivo para que não fosse possível, e Amy lutou para se convencer disso. Mas o esforço não estava funcionando. Bem dentro do coração, ela

já havia entrado em um lugar sem esperança, e o toque insistente do telefone vindo da escuridão não bastava para tirá-la de lá. Quando olhou para dentro do buraco, o que imaginou não foi um telefone tocando, mas um pássaro novo, de bico aberto, implorando para ser alimentado: trrrr... trrrr... trrrr; algo que precisava de ajuda, não capaz de fornecê-la.

Os outros, porém, ficaram animados, e quem era Amy para contestar isso? Ela ficou calada; como todos os outros, fingiu estar esperançosa.

Pablo já havia desenrolado uma pequena extensão de corda do guincho. Estava enrolando-a em volta do peito, dando um nó. Parecia que ele queria que os outros o descessem para dentro do buraco.

76

— Ele não vai conseguir atender — disse Eric. — A gente tem de mandar alguém que fale espanhol. - Estendeu a mão para pegar a corda, mas Pablo não a soltou. Dava um nó depois do outro por cima do peito: grandes emaranhais de cânhamo, meio malfeitos. Não parecia saber o que estava fazendo.

- Não tem problema - disse Jeff. - Ele pode pegar o telefone, e a gente tenta ligar daqui.

O trinado cessou, e eles permaneceram ao redor do buraco, à espera, à escuta. Depois de um tempo comprido, o telefone recomeçou a tocar. Todos sorriram uns para os outros, e Pablo adiantou-se até a beirada do duto, ansioso para começar a descer. A trepadeira florida havia se enrolado em volta do guincho, crescendo por cima da corda, do eixo, da manivela, do cavalete e de seu pequeno molinete; Jeff arrancou a maior parte dela, tomando cuidado para que o visgo não encostasse na sua pele. Mathias havia desaparecido dentro da barraca azul. Ao reaparecer, trazia uma lamparina a óleo e uma caixa de fósforos. Pousou a lamparina no chão ao lado do buraco, riscou um dos

fósforos e, cuidadosamente, acendeu a mecha. Em seguida entregou-a para a Pablo.

O guincho era um equipamento primitivo: improvisado, de aparência frágil. Ficava ao lado do duto sobre uma pequena plataforma de aço, que parecia de alguma forma ter sido chumbada ao chão duro como pedra. Sua barra estava montada sobre um eixo que tinha pedaços enferrujados e obviamente precisava ser lubrificado. A manivela não tinha freio; caso fosse preciso mantê-la no lugar a meio caminho, na descida ou na subida, isso teria de ser feito apenas com a força. Amy não achava que o aparato fosse aguentar o peso de Pablo; achou que ele pisaria no espaço vazio acima do buraco e que a engenhoca toda fosse desmoronar. Ele despencaria pela escuridão, para baixo, cada vez mais para baixo, e nunca mais tornariam a vê-lo. Porém, depois da troca de muitos sinais e gestos, e de tapinhas de incentivo, quando ele finalmente começou a descer, o guincho rangeu, assentando-se na base, e em seguida começou a girar, rangendo bem alto enquanto Jeff e Eric seguravam a manivela manual, fazendo o grego descer lentamente pelo duto.

Estava funcionando. E, contra suas expectativas, Amy sentiu que ia ficando mais animada. Talvez, aquilo fosse mesmo um celular. Pablo o encontraria lá na escuridão; eles tornariam a içá-lo até lá em cima. E em seguida telefonariam pedindo ajuda: para a polícia, para a embaixada americana, para seus pais. O telefone havia novamente parado de tocar, e dessa vez não recomeçou, mas não tinha importância. Estava lá embaixo. Amy agora estava começando a acreditar, queria acreditar, se permitira acreditar, que eles iriam ser salvos. Permaneceu em pé ao lado do buraco, olhando por cima da beirada, com Stacy à sua direita e Mathias à sua frente, vendo Pablo descer para dentro da terra, mais ou menos de meio em meio metro. Sua lamparina a óleo iluminava as paredes do duto: a terra na parte superior era preta e coalhada de pedras, mas,

conforme ele descia, ia se tornando marrom, em seguida avermelhada, e depois adquiria um forte tom laranja amarelado. Três metros, cinco, sete, oito, e mesmo assim eles não conseguiam ver o fundo. Pablo ergueu o rosto e sorriu para eles, balançando-se, com uma das mãos estendida para se apoiar na parede do duto. Amy e Stacy acenaram para ele. Mas Mathias não se mexeu. Mathias tinha os olhos fixos na corda, que se desenrolava devagar.

— Pára! - gritou ele de repente, e todos sobressaltaram.

Jeff e Eric faziam força na manivela, ambos já suados, com os cabelos grudados na testa. Amy podia ver os músculos destacados no pescoço de Jeff tesos, tendões à mostra, e aquilo lhe deu uma noção da enorme tensão da corda, com a gravidade agindo sobre o grego, arrastando-o para baixo.

Mathias agora estava ficando histérico, e gritava:

— Puxa ele pra cima! Puxa ele pra cima! Jeff e Eric hesitaram, vacilantes.

— O quê? — disse Eric, piscando os olhos para ele estupidamente.

— A planta — gritou Mathias com voz urgente, acenando para que começassem a içar Pablo para cima novamente. — A corda.

E foi então que eles viram. Jeff havia retirado a maior parte da planta, do guincho, mas não toda. Os brotos que ele deixara haviam sido tragados pela corda conforme esta fora se enrolando, e agora, à medida que o guincho girava, iam sendo esmagados, e sua seiva branca leitosa escorria, escurecendo o cânhamo da corda, corroendo-a.

Pablo gritou para eles, uma curta sucessão de palavras em grego, uma pergunta, e Amy pôde vê-lo rapidamente de relance, balançando lentamente para a frente e para trás, mais de oito metros abaixo no duto, a lamparina a óleo na mão; em seguida, ela correu junto com Stacy e Mathias até a manivela, e todos se esforçaram para ajudar, atrapalhando uns aos outros, apoiando todo seu peso na manivela, e agora a seiva já corroía visivelmente a corda,

implacável, rápida demais, mais rápida do que eles eram capazes de agir.

Pablo mal estava começando a subir, aos solavancos, quando sentiram um puxão abrupto, fortíssimo, e todos caíram para a frente uns sobre os outros, com o guincho rodando feito louco atrás deles, livre de seu peso. Houve um longo silêncio, muito longo, longo demais, e em seguida um baque, que eles pareceram sentir mais do que escutar, um solavanco na terra abaixo deles, seguido um instante depois pelo estalo da lamparina se espatifando. Todos se aproximaram do buraco, espiaram lá para dentro, mas não havia nada para ver. Escuridão. Silêncio.

— Pablo? — chamou Eric, e sua voz ecoou duto abaixo.

Então, parecendo vir de uma distância impossível, mas de certa forma próxima também, de uma proximidade sufocante, como se estivesse brotando de dentro do próprio corpo de Amy, o grego começou a gritar.

Os gritos fizeram Eric ser dominado por uma sensação de pânico. Pablo estava dentro do buraco, no escuro, com dores terríveis, e Eric não conseguia pensar no que fazer, para onde se virar, como melhorar a situação. Precisavam ajudá-lo, e estava demorando demais. A ajuda deveria estar acontecendo agora, instantaneamente, mas não estava; não podia estar. Antes precisavam bolar um plano, e nenhum deles parecia saber como. Stacy estava simplesmente parada ao lado do guincho, de olhos esbugalhados, mordendo a própria mão. Amy espiava para dentro do buraco.

— Pablo — ela não parava de chamar. — Pablo? — Estava gritando, mas mesmo assim era difícil escutá-la por causa dos gritos dele, que se recusavam a parar, que continuavam a ecoar sem redução ou pausa.

Mathias saiu correndo em direção à barraca laranja, e desapareceu lá dentro. Jeff puxava a corda de volta do duto. Desenrolou-a do guincho, espalhando-a em grandes laços circulares pela pequena clareira. Em seguida, começou a

percorrer todo o seu comprimento, retirando cuidadosamente todos os restos da planta, examinando a corda centímetro por centímetro, à procura de trechos onde a seiva pudesse ter enfraquecido o cânhamo. Era um processo lento, e ele o estava executando de forma dolorosamente metódica, como se não houvesse pressa nenhuma, como se sequer pudesse escutar os gritos do grego. Eric estava postado atrás dele, atônito demais para conseguir fornecer qualquer ajuda, imóvel, mas ainda assim com a sensação interna de estar correndo, uma fuga completa, desesperada, e seu coração batia tão depressa que chegava a latejar por trás das costelas. E os gritos não paravam.

— Vê se consegue encontrar uma faca — disse Jeff.

Eric o encarou. Uma faca? A palavra pairou em sua mente, inerte, como se pertencesse a um idioma estrangeiro. Como é que ele iria poder encontrar uma faca?

— Olha dentro das barracas — disse Jeff. Ele não ergueu os olhos para o outro; manteve o olhar concentrado na corda, bem agachado acima dela, à procura dos pontos corroídos.

Eric foi até a barraca azul, abriu o zíper, entrou. O cheiro era de mofo, como um sótão, com o ar parado e quente. O nylon azul filtrava a luz do sol, mudando sua cor, dando a todas as coisas uma coloração de sonho, líquida. Havia quatro sacos de dormir, três abertos, parecendo ter acabado de regurgitar o corpo de seus proprietários. Eles estão mortos agora, pensou Eric, e afastou as palavras. Havia um rádio de pilha, e ele precisou resistir ao impulso de ligá-lo, para ver se funcionava, se conseguia encontrar uma estação, talvez uma música, alguma coisa para abafar os gritos de Pablo. Havia duas mochilas, uma verde-escura, outra preta, e ele se agachou ao lado da primeira e começou a vasculhá-la, sentindo-se um ladrão, um instinto antigo, pertencente a um mundo totalmente diferente, aquela sensação de transgressão de estar manuseando os pertences de outra pessoa. Eles estão mortos agora, tornou

a pensar, dessa vez invocando as palavras, procurando coragem nelas, mas elas não melhoraram a situação, apenas transformaram aquilo em um tipo diferente de violação. A mochila verde parecia pertencer a um homem, e a preta, a uma mulher. Roupas de outras pessoas: ele sentiu cheiro de cigarro nas camisetas do homem, e de perfume nas da mulher. Perguntou-se se pertenciam à mulher que o irmão de Mathias havia conhecido na praia, aquela cuja presença prometida havia atraído todos eles até ali - que os havia amaldiçoado, talvez.

A planta cobria alguns dos objetos: finos talos verdes, com pequeninas flores de um vermelho pálido, quase cor-de-rosa. Era mais abundante sobre a mochila da mulher do que sobre a do homem, enroscando-se entre suas blusas de algodão, suas meias, sua calça jeans suja de terra. Na mochila do homem, ele encontrou um casaco quebra-vento, cinza, com listras azuis nas mangas, igual a um que ele mesmo possuía, pendurado na segurança de seu armário na casa de seus pais, agora tão fora de alcance, esperando sua volta. Uma faca, precisou lembrar a si mesmo, e afastou-se do bolo de roupas, vasculhando outros bolsos, abrindo zíperes, esvaziando seu conteúdo sobre o chão da barraca. Uma câmera, ainda com filme dentro. Meia dúzia de cadernos em espiral — diários, aparentemente —, quase totalmente preenchidos com a caligrafia irregular do homem, em tinta azul, preta, até vermelha em alguns lugares, mas tudo em uma língua que Eric não só era incapaz de decifrar, mas nem sequer reconhecia: holandês, talvez, ou alguma língua escandinava. Um baralho. Um kit de primeiros socorros. Um Jrisbee. Um tubo de filtro solar. Óculos de armação de metal, dobrados. Um frasco de vitaminas. Um cantil vazio. Uma lanterna. Mas nada de faca. Eric emergiu da barraca trazendo a lanterna, apertando os olhos por causa da súbita claridade do sol, aquela sensação de espaço a se abrir subitamente à sua volta, depois do confinamento da barraca. Acendeu a lanterna, e percebeu

que não estava funcionando. Sacudiu-a, tentou novamente: nada. Pablo parou de gritar, o suficiente para conseguir respirar fundo duas vezes, e em seguida recomeçou. O silêncio foi quase tão ruim quanto os gritos, pensou Eric, mudando imediatamente de ideia em seguida: o silêncio era pior. Deixou cair a lanterna no chão, e viu que Mathias havia reaparecido, trazendo uma segunda lamparina a óleo da barraca laranja, uma faca grande, e outro kit de primeiros socorros. Ele e Jeff estavam ocupados cortando os pedaços queimados da corda, trabalhando em equipe, silenciosos, eficientes. Mathias cortava as partes puídas; em seguida, Jeff tornava a amarrar os dois pedaços da corda, fazendo uma careta ao apertar os nós. Eric foi se postar ao seu lado, observando. Sentia-se estúpido: deveria ter pego também o kit de primeiros socorros da primeira barraca, deveria pelo menos ter verificado o que havia lá dentro. Não estava pensando direito. Queria ajudar, queria deter os gritos de Pablo, mas era estúpido e inútil, e não havia como mudar isso. Sentiu o impulso de andar de um lado para o outro, mas ainda assim permaneceu ali, olhar fixo. O aspecto de Stacy e Amy correspondia exatamente ao modo como ele se sentia: frenético, ansioso, imóvel. Todos observavam Jeff e Mathias trabalhar na corda, cortando, amarrando, puxando. Estava levando muito tempo, um tempo longo demais.

— Eu vou — ofereceu-se Eric. Não era algo em que ele houvesse pensado antes de falar; as palavras emergiram de seu pânico, de sua necessidade de apressar as coisas. — Eu desço pra buscar ele.

Jeff ergueu os olhos para ele; parecia surpreso.

— Pode deixar — disse ele. — Eu posso ir.

A voz de Jeff soava tão calma, tão estranhamente plácida, que por um instante Eric teve dificuldade para entender suas palavras. Era como se ele primeiro precisasse traduzi-las para o seu próprio estado de terror. Eric sacudiu a cabeça.

— Eu sou mais leve — disse. — E eu conheço o Pablo melhor.

Jeff pensou nessas duas coisas e pareceu entender sua lógica. Deu de ombros.

— A gente vai fazer uma maca pra ele — continuou. - Talvez você tenha de ajudar o Pablo a subir. Daí a gente puxa a maca pra cima. Depois de tirar o cara de lá, a gente torna a jogar a corda pra puxar você também.

Eric aquiesceu. Parecia tão simples, tão direto, e ele estava tentando acreditar que seria assim, queria acreditar, mas não conseguia totalmente. Sentiu novamente a ânsia de andar de um lado para o outro e só conseguiu se conter graças a um ato de vontade própria que fez suas mandíbulas se contraírem.

Pablo parou de gritar. Uma respiração, duas, três, e então recomeçou.

— Fala com ele, Amy - disse Jeff.

Amy pareceu amedrontada com essa ideia.

— Falar com ele? — perguntou. Jeff acenou na direção do buraco.

— Estica a cabeça por cima da beirada. Deixa o Pablo ver você. Deixa o cara ver que não foi abandonado.

— Mas o que é que eu vou dizer? — perguntou Amy, ainda parecendo amedrontada.

— Qualquer coisa... coisas tranquilizadoras. Ele não entende o que você diz mesmo. É só pelo som da sua voz.

Amy se aproximou do buraco. Caiu de quatro no chão, esticou-se para a frente por cima do buraco.

— Pablo? - chamou. - A gente está indo te buscar. A gente está consertando a corda, e o Eric vai te buscar.

Continuou falando, descrevendo como aquilo iria acontecer, passo a passo, como eles o ajudariam a subir na tipóia e puxariam-no para cima até a superfície, e, depois de algum tempo, Pablo parou de gritar. Jeff e Mathias haviam quase acabado; estavam na última parte da corda. Jeff deu o último nó, depois puxou uma das pontas enquanto Mathias

segurava a outra, ambos usando todo seu peso, em um momentâneo cabo-de-guerra, apertando o nó, testando sua resistência. Agora havia cinco emendas na corda. Os nós não eram muito fortes, mas Eric tentou não ligar para isso. Era boa a sensação de ser quem iria descer, de estar agindo, e, se ele pensasse muito nos nós, em sua aparente fragilidade, sabia que poderia acabar mudando de ideia.

Mathias tornava a enrolar a corda no guincho, verificando novamente a existência de pontos corroídos conforme a percorria. Tornou a passar sua ponta pela pequena roda de metal do cavalete. Então Jeff fabricou uma tipóia para Eric, ajudou-o a passá-la por cima da cabeça, ajeitando-a cuidadosamente sob suas axilas.

— Vai ficar tudo bem, Pablo — gritava Amy. — Ele está indo. Ele está quase aí.

Stacy agachou-se para acender a segunda lamparina a óleo, entregando-a em seguida a Eric, e a chama tremeluzia debilmente dentro do pequeno globo de vidro.

Eric agora estava em pé ao lado do buraco, espiando a escuridão. Mathias e Jeff se posicionaram atrás da manivela, apoiando seu peso sobre ela. A corda estava esticada; eles estavam prontos. A parte mais difícil foi pisar no espaço vazio, perguntando-se se a corda iria aguentar, e, por um instante, Eric não teve certeza de que teria coragem para tanto. Mas então percebeu que não era mais possível: no instante em que havia passado a tipóia por cima da cabeça, dera início a alguma coisa, e agora não havia mais jeito de detê-la. Pisou para fora da beirada do duto, deixando-se pender abaixo do cavalete, com a corda a enterrar-se em suas axilas, e então, com o guincho rangendo e tremendo a cada volta, começaram a abaixá-lo.

Antes de ele descer três metros, a temperatura já começou a cair, gelando o suor que lhe cobria a pele - gelando sua coragem, também. Ele não queria descer mais e, no entanto, no mesmo instante em que admitia isso para si mesmo, que estava com medo, que gostaria de ter deixado

Jeff ir, já estava continuando a descer cada vez mais. Havia suportes de madeira cravados nas paredes do duto, a esmo, em ângulos estranhos, coalhando a terra. Pareciam antigos dormentes de ferrovia, encharcados de creosoto para evitar que apodrecessem, e Eric não conseguiu distinguir um padrão aparente em seu posicionamento. Sete metros abaixo da superfície, ficou espantado ao ver uma passagem se abrir na parede diante de si, um duto perpendicular ao que ele estava descendo. Ergueu a lamparina a óleo para ver melhor. Dois corrimãos de ferro corriam por seu centro, opacos de ferrugem. Um balde amassado estava apoiado contra um dos corrimãos, bem no final da área iluminada por sua lamparina.

O duto fazia uma curva para a esquerda, fora de seu campo de visão, e mergulhava na terra. Uma corrente constante de ar frio saía dele, um ar espesso, úmido, que fez a chama da lamparina se erguer subitamente, depois bruxulear, quase se apagando.

— Tem outro duto — disse ele para os outros lá em cima, mas não houve resposta, apenas o rangido constante do guincho que o abaixava na escuridão. Havia pedras do tamanho de crânios enterradas nas paredes do duto: lisas, de um cinza opaco, com uma aparência quase vítrea. A trepadeira havia crescido até lá dentro, e se agarrava a alguns dos suportes de madeira, com suas folhas e flores muito mais pálidas do que na colina lá em cima, quase translúcidas. Quando ele olhou para cima, pôde ver Stacy e Amy a espiá-lo lá embaixo, emolduradas pelo retângulo de céu, e tudo ia ficando um pouco menor a cada trémulo metro que ele descia. A corda havia começado a balançar de leve, como um pêndulo, e a lamparina também oscilava, com sua luz mutável fazendo as paredes do duto parecerem se mover vertiginosamente. Eric sentiu uma onda de náusea, e precisou olhar fixamente para os próprios pés para acalmá-la. Podia ouvir Pablo gemendo em algum lugar abaixo de si, mas, durante muito tempo, o grego

permaneceu perdido na escuridão. Eric estava tendo dificuldade para avaliar o quanto havia descido: quase vinte metros, era o seu palpite; e então, no instante em que o chão se tornou visível, ainda imerso nas sombras, uma escuridão mais profunda, onde a forma encolhida de Pablo ia entrando em foco, seus tênis brancos, sua camiseta azul-clara, a corda estacou com um safanão.

Eric ficou ali pendurado, balançando de um lado para o outro. Ergueu os olhos, e espiou o pequeno retângulo de céu acima dele. Pôde ver os rostos de Stacy e Amy, e em seguida também o de Jeff.

— Eric? — chamou Jeff.

- O que foi?

— A corda acabou.

- Não cheguei no fundo.

- Você está vendo ele?

— Mais ou menos.

- Ele está bem?

— Não dá pra dizer.

- Quantos metros acima dele você está?

Eric olhou para baixo, tentando avaliar a distância entre si mesmo e o chão. Não era muito bom nesse tipo de coisa; tudo que conseguiu fazer foi escolher um número aleatório. Era inútil, como adivinhar quantas moedas de um centavo alguém tinha no bolso. Se acertasse, seria uma simples questão de sorte.

- Sete metros? - disse.

- Ele está se mexendo?

Eric tornou a olhar para baixo, para a silhueta difusa do grego. Quanto mais olhava, mais coisas conseguia distinguir: não só os tênis e a camiseta, mas também os braços de Pablo, seu rosto e pescoço, parecendo estranhamente pálidos na escuridão. A lamparina de Eric destacou cacos de vidro em volta do corpo do grego, pedaços de sua companheira estilhaçada.

- Não - disse Eric. - Está só deitado ali.

Não houve resposta. Eric olhou para cima. E os rostos haviam desaparecido do buraco. Ele pôde ouvi-los conversar, não as palavras, apenas os murmúrios de suas vozes, que tinham uma qualidade cadenciada, discursiva, estranhamente descansada. Pareciam ainda mais distantes do que de fato estavam, e Eric sentiu um momentâneo tremor de pânico. Talvez estivessem se afastando; talvez fossem deixá-lo ali...

Olhou para baixo bem a tempo de ver Pablo levantar a mão e mantê-la erguida em sua direção, um gesto lento, subaquático, como se até mesmo esse leve movimento fosse difícil de executar.

- Ele levantou a mão — gritou.

- O quê? — Era a voz de Jeff; sua cabeça havia tornado a aparecer no buraco. A de Stacy também, e a de Amy, e a de Mathias. Ninguém estava segurando o guincho. Ninguém precisava segurar, percebeu Eric. Eu cheguei no fim da linha, pensou ele. Não conseguiu evitar o jogo de palavras: elas simplesmente surgiram na sua mente. Uma piada, mas sem graça nenhuma.

- Ele levantou a mão — tornou a gritar.

- A gente vai puxar você — gritou Jeff. E todas as quatro cabeças sumiram do buraco.

- Espera! — gritou Eric.

O rosto de Jeff reapareceu, depois o de Stacy, depois o de Amy. Eram tão minúsculos, destacados contra o Fundo do céu. Ele não conseguia distinguir seus traços, mas, de alguma forma, sabia quem era quem.

- A gente tem de dar um jeito de encompridar a corda — gritou Jeff.

Eric sacudiu a cabeça, discordando.

— Eu quero ficar com ele. Vou pular.

Houve outra vez o murmúrio de vozes, uma discussão muito acima dele. Então a voz de Jeff ecoou duto abaixo.

— Não... a gente vai te puxar.

— Por quê?

— Talvez a gente não consiga encompridar a corda. Você iria ficar preso aí embaixo.

Eric não conseguiu pensar em nenhuma resposta para isso. Pablo já estava lá embaixo. Se eles não conseguissem encompridar a corda... bom, isso quereria dizer... Vislumbrou a consequência, e afastou-a do pensamento.

— Eric? — chamou Jeff.

— O quê?

— A gente vai te puxar.

As cabeças tornaram a desaparecer, e aí, um segundo depois, a corda deu um puxão quando eles começaram a girar o guincho. Eric olhou para baixo. A lamparina havia recomeçado a balançar, então era difícil dizer, mas parecia que Pablo estava olhando fixamente para ele. Não tinha mais a mão erguida. Eric começou a puxar a tipóia, debatendo as pernas. Não estava pensando; estava sendo idiota, e sabia disso. Mas não podia deixar Pablo ali. Não sozinho, não ferido, não naquela escuridão. Levantou o braço esquerdo em direção ao céu, e a tipóia arranhou seu braço ao deslizar para cima, por cima de sua cabeça. Ele ainda estava preso pelo outro braço, subindo devagar, e o chão do duto ia sendo engolido pela escuridão, e ele precisou trocar a lamparina de mão. Então soltou a corda e despencou pelo ar vazio, com a chama bruxuleando conforme ele caía.

A distância até o chão era maior do que ele havia imaginado, mas, mesmo assim, este pareceu chegar rápido demais, materializando-se da escuridão, abatendo-se sobre ele antes de ele ter oportunidade de se preparar, fazendo suas pernas se desconjuntarem, roubando-lhe o ar dos pulmões. Aterrissou à esquerda de Pablo: tivera a presença de espírito de mirar naquele ponto antes de a lamparina se apagar; mas não conseguiu manter o equilíbrio depois de atingir o chão. Caiu, bateu na parede do duto e tornou a ser arremessado bem em cima do peito do grego. Pablo se retesou debaixo dele, e recomeçou a gritar. Eric se esforçou

para ficar em pé e para se afastar, mas era difícil se situar no escuro. Nada estava onde teoricamente deveria estar; ele não parava de estender as mãos, esperando encontrar o chão ou alguma das paredes, mas, em vez disso, golpeando o ar vazio.

- Desculpa - disse ele. - Ai, meu Deus, meu Deus do céu, desculpa. Pablo gritava debaixo dele, agitando um dos braços, enquanto a metade inferior de seu corpo permanecia inteiramente imóvel. Aquilo assustou Eric, aquela imobilidade; podia adivinhar o que ela significava.

Conseguiu pôr-se de joelhos e em seguida agachar-se. Havia uma parede atrás dele, uma à sua esquerda e outra à sua direita, mas, à sua frente, depois de onde estava Pablo, podia sentir um espaço aberto: outro duto, abrindo caminho pela terra abaixo da colina. Mais uma vez havia uma corrente de ar frio vindo de lá, mas alguma outra coisa, também, alguma sensação de pressão, alguma presença: algo à espreita. Eric passou um instante esforçando-se para ver no escuro, para distinguir qualquer silhueta ou forma que pudesse estar espreitando lá de dentro, mas é claro que ali não havia nada, apenas o seu terror imaginando fantasmas, e por fim ele conseguiu se convencer disso.

Eric ouviu Jeff gritar alguma coisa, e inclinou a cabeça para trás, olhando para cima, para a entrada do buraco. Esta agora estava bem lá em cima, uma pequenina janela de céu. A corda balançava devagar, de um lado para o outro, no espaço abaixo dela, e Jeff recomeçou a gritar, mas Eric não conseguiu escutar suas palavras, não com os gritos de Pablo, que ecoavam pelas paredes de terra do duto, duplicando e triplicando, até começar a parecer que havia mais de uma pessoa deitada ali, como se Eric estivesse preso em uma caverna cheia de homens aos berros.

— Eu estou bem! — gritou ele lá para cima, duvidando que pudessem ouvi-lo.

Será que ele estava bem? Passou um instante avaliando isso, sopesando as diferentes dores que seu corpo estava começando a apresentar. Devia ter batido com o queixo, porque estava com a sensação de ter levado um soco ali, e sua coluna lombar sem dúvida havia acusado a queda. Mas era sua perna direita que exigia atenção mais urgente, com uma sensação de tensão e ruptura logo abaixo da rótula, acompanhada por uma estranha impressão de umidade. Eric tateou com a mão, e encontrou um grande caco de vidro encravado ali. Tinha mais ou menos o tamanho de uma carta de baralho e um formato de pérola, ligeiramente côncavo, e abriu um corte preciso no seu jeans, enterrando-se em sua carne a uma profundidade de mais ou menos um centímetro. Eric imaginou que o caco viesse da lamparina estilhaçada de Pablo; provavelmente havia aterrissado em cima dela ao cair. Então tomou coragem, cerrando os dentes, e puxou o caco de vidro da pele. Pôde sentir o sangue escorrendo por sua canela, estranhamente fresco, e abundante, também, encharcando sua meia.

— Cortei a perna — gritou, e em seguida esperou, à escuta, mas não conseguiu saber se houve resposta.

Não tem problema, disse ele. Eu vou ficar bem. Era o tipo de reconforto sem sentido que apenas uma criança consideraria tranquilizador, e Eric sabia disso, mas mesmo assim não parava de repeti-lo para si mesmo. Estava muito escuro, e havia aquele ar frio que soprava sobre ele vindo do duto, aquela presença atenta, e seu sapato direito ia se enchendo de sangue devagar, e Pablo não parava de gritar. Eu cheguei no fim da linha, pensou Eric. E então, novamente: Não tem problema. Eu vou ficar bem. Palavras, apenas, sua cabeça estava cheia de palavras.

Ele ainda segurava a lamparina na mão esquerda; de algum jeito, conseguira evitar que ela se quebrasse. Pousou-a no chão ao seu lado, estendeu a mão, encontrou o pulso do grego, agarrou-o. Então agachou-se ali na escuridão,

dizendo "Shh, calma, shh. Eu estou aqui, estou bem aqui" enquanto esperava Pablo parar de gritar.

Podiam ouvir os gritos de Eric, mas não conseguiam distinguir suas palavras por causa dos gritos de Pablo. Jeff sabia, porém, que o grego alguma hora iria parar, que iria se cansar e parar de gritar, e então poderiam descobrir o que havia acontecido lá embaixo, se Eric havia pulado ou caído, e se ele também agora estava ferido. Por ora, não importava muito. O que importava era a corda. Até descobrirem como encomprá-la, não havia nada que pudessem fazer por nenhum deles dois.

Jeff pensou primeiro nas roupas, em esvaziar as mochilas que os arqueólogos haviam deixado para trás e amarrar os panos uns nos outros, calças, camisas, casacos, para construir uma corda improvisada. Não era uma boa ideia, sabia, mas, durante os primeiros minutos, foi tudo em que conseguiu pensar. Precisava de sete metros, provavelmente mais, para garantir, talvez até dez, e isso exigiria muita roupa, não é? Duvidava que uma corda assim fosse ficar resistente o bastante para aguentar o peso de uma pessoa, ou se os nós iriam resistir.

Dez metros.

Jeff e Mathias estavam em pé ao lado do guincho, ambos esforçando-se para pensar, nenhum dos dois dizendo nada, porque não havia ainda nada a dizer, nenhuma solução a compartilhar. Amy e Stacy estavam ajoelhadas ao lado do buraco, espiando lá para dentro. De vez em quando, Stacy chamava o nome de Eric, e algumas vezes ele gritava alguma coisa de volta, mas era impossível entender o que dizia: Pablo continuava a berrar.

- Uma das barracas - disse Jeff por fim. - A gente pode desarmar ela e cortar o nylon em tiras.

Mathias se virou, examinou a barraca azul, analisando a ideia.

- Será que vai ficar forte o suficiente? - perguntou.

- A gente pode trançar as tiras, três para cada pedaço, e depois amarrar os pedaços uns nos outros. - Jeff sentiu um rubor de prazer ao dizer isso, uma sensação de sucesso em meio a tanto fracasso. Lá estavam eles, presos naquele morro, com pouca água e pouca comida, dois deles fora de alcance em um duto de mina, pelo menos um ferido, mas, por um instante, nada disso pareceu importar. Tinham um plano, e o plano fazia sentido, e isso proporcionou a Jeff uma súbita lufada de Energia e otimismo, fazendo todos eles se mexerem. Mathias e ele começaram a esvaziar a barraca azul, arrastando os sacos de dormir para a pequena clareira, seguidos pelas mochilas, pelos cadernos e pelo rádio, pela câmera e pelo kit de primeiros socorros, pelo frisbee e pelo cantil vazio, jogando tudo em uma pilha. Então eles começaram a desarmar a barraca, puxando as estacas, desmontando as finas barras de alumínio. Foi Mathias quem cortou. Houve uma breve discussão sobre a largura desejada, optaram por dez centímetros, e a faca deslizou com facilidade pelo nylon; Mathias trabalhando com gestos fortes, rápidos, cortando pedaços de três metros para Jeff trançar. Jeff estava na metade do primeiro pedaço, trabalhando com atenção para manter a trança apertada, quando Pablo finalmente parou de gritar.

- Eric? - chamou Stacy. A voz de Eric subiu ecoando até eles.

- Estou aqui — gritou ele.

- Você caiu?

- Eu pulei.

- Você está bem?

- Cortei o joelho.

- Muito?

— Meu sapato está cheio de sangue.

Jeff pousou as tiras de nylon no chão e se aproximou da entrada do buraco.

— Faz pressão em cima — gritou ele lá para dentro.

— O quê?

— Tira a camisa. Embola ela e aperta em cima do corte. Com Força.

— Está Frio demais.

— Frio? — perguntou Jeff. Pensou que houvesse escutado mal. Seu corpo inteiro estava escorregadio de suor.

— Tem outro duto aqui — gritou Eric. — Lateral. Está saindo um ar Frio lá de dentro.

— Espera - gritou Jeff. Foi até a pilha retirada da barraca azul, vasculhou-a, achou o kit de primeiros socorros, abriu-o. Não havia muito lá dentro que pudessem usar. Jeff não saberia dizer o que havia esperado encontrar, mas, o que quer que fosse, certamente não estava lá. Havia uma caixa de band-aid, provavelmente pequenos demais para a Ferida de Eric. Havia um tubo de pomada antisséptica, que poderiam usar quando o içassem de volta para cima. Havia Frascos de aspirina e antiácido, algumas pastilhas de sais minerais, um termómetro, e uma pequena tesoura.

Jeff levou o Frasco de aspirina até a entrada do buraco, e despiu a camisa.

— O que é que houve com a lamparina? — gritou.

— Apagou.

— Vou jogar a minha camisa. Estou amarrando um Frasco de aspirina dentro dela. E a caixa de fósforos também. Tá?

— Tá bom.

— Usa a camisa para fazer pressão no corte. Dá três aspirinas para o Pablo e toma três você também.

— Tá bom — repetiu Eric.

Jeff amarrou a aspirina e os fósforos na camisa, em seguida debruçou-se para dentro do buraco.

— Está pronto? — gritou.

— Estou.

Ele deixou cair a camisa, e viu-a desaparecer na escuridão. Ela levou muito tempo para aterrissar. Então ouviu-se um baque macio, ressonante.

— Peguei — gritou Eric.

Mathias havia acabado de cortar as tiras e assumira a tarefa de trançar, abandonada por Jeff.

Jeff virou-se para Amy e Stacy, ambas ainda olhando para dentro do duto.

— Vão ajudar ele — falou Jeff, acenando com a cabeça na direção de Mathias, e elas foram até a barraca desmontada e se agacharam ao lado do alemão. Mathias mostrou-lhes como trançar, e elas começaram seus próprios pedaços.

Lá embaixo, no duto, surgiu um brilho débil, que foi ganhando força: Eric havia conseguido acender a lamparina. Jeff agora podia vê-lo, agachado acima de Pablo, e ambos pareciam muito pequenos.

— Ele está bem? — gritou Jeff.

Houve uma pausa antes de Eric responder, e Jeff pôde vê-lo examinando o grego, empunhando a lamparina a óleo, curvado sobre seu corpo. Então ele levantou a cabeça, e gritou para cima em sua direção:

— Eu acho que ele quebrou a espinha.

Jeff deu as costas para o duto, olhando de relance para os outros. Estes haviam parado de trabalhar e o estavam encarando de volta. Stacy cobria a boca com a mão; parecia prestes a recomeçar a chorar. Amy pôs-se de pé e se aproximou dele. Ambos espiaram para dentro do buraco.

— Ele está mexendo os braços — gritou -, mas não as pernas. Jeff e Amy entreolharam-se.

— Examina os pés dele — sussurrou Amy.

— Acho que talvez ele... enfim... - Eric fez uma pausa, parecendo buscar as palavras certas. Por fim: — Pelo cheiro, parece que ele se cagou.

— Os pés dele — tornou a sussurrar Amy, dando um empurrãozinho em Jeff. Por algum motivo, ela própria não queria gritar.

— Eric? — berrou Jeff.

— O quê?

— Tira um dos sapatos dele.

— Sapatos?

— É, tira... a meia também. Daí arranha a sola do pé dele com a unha do seu polegar. Com força. Vê se tem alguma reação.

Amy e Jeff se debruçaram por sobre o buraco, vendo Eric se agachar ao lado dos pés de Pablo e tirar seu tênis e sua meia. Stacy se aproximou para olhar também. Mathias havia retomado o trançado.

Eric ergueu a cabeça em sua direção.

— Nada — gritou.

— Ai, meu Deus — sussurrou Amy. — Ai, meu Deus.

— A gente precisa fazer uma maca — disse-lhe Jeff. — Como é que a gente pode fazer uma maca?

Amy sacudiu a cabeça.

— Não, Jeff. De jeito nenhum. A gente não pode mexer nele.

— A gente precisa... não dá simplesmente pra deixar ele lá embaixo.

— A gente só vai piorar as coisas. Vai sacudir ele e ele vai...

— A gente usa as barras da barraca — disse Jeff. — Amarra ele nelas, e depois...

Ele parou, encarando-a. Estava pensando nas barras da barraca, tentando imaginá-las como uma maca. Não sabia se aquilo iria funcionar, mas não conseguia pensar em mais nada que pudessem usar. Então lembrou-se das mochilas, de suas estruturas de metal.

— A gente tem de levar ele para um hospital — disse Amy.

Jeff não reagiu ao que ela disse, simplesmente continuou a fitá-la, separando as mochilas em sua mente, usando as barras das barracas para dar mais suporte. Como ela imaginava que poderiam chegar a um hospital?

— Que horror — disse Amy. — Que horror, que horror. — Ela havia começado a chorar, mas lutava para não fazê-lo, enxugando as lágrimas com a base da mão, sacudindo a cabeça. — Se a gente mexer nele... — começou, mas não terminou.

— A gente não pode deixar ele lá embaixo, Amy — disse ele. — Você sabe disso, não sabe? Não dá.

Ela pensou nisso durante um tempo bem longo, em seguida aquiesceu. Jeff se debruçou por cima do buraco e gritou:

— Eric?

— O quê?

— A gente tem que fabricar uma maca antes de poder puxar ele para cima.

-Tá.

— A gente vai fazer isso o mais rápido possível, mas talvez demore um pouco. Fica falando com ele.

— Não tem mais muito óleo na lamparina. Só um pouquinho.

— Então apaga.

— Apagar? - Essa ideia pareceu assustar Eric.

— A gente vai precisar dela depois. Quando descer. Vai precisar dela para colocar ele na maca.

Eric não respondeu.

— Tá bom? - gritou Jeff.

Talvez Eric tenha aquiescido; era difícil dizer. Viram-no se curvar por cima da lamparina, e então, abruptamente, não puderam mais vê-lo. Novamente, o fundo do duto mergulhou na escuridão.

Stacy e Amy recomeçaram a trançar as tiras de nylon, enquanto Jeff e Mathias se esforçavam para fabricar uma maca. Os rapazes resmungavam um para o outro, debatendo possibilidades. Tinham as barras da barraca, uma armação de mochila e um rolo de silver tape que Mathias havia achado entre os apetrechos dos arqueólogos, e não paravam de juntar coisas e tornar a separá-las. Stacy e Amy trabalhavam em silêncio. Deveria ter havido algo de calmante naquela tarefa, tão simples, tão fácil, as mãos se movendo da direita para a esquerda, para a direita, para a esquerda; porém, quanto mais Stacy avançava, pior se sentia. Seu estômago estava ácido por causa da tequila que havia tomado; sua boca estava seca, sua pele ardia por causa do sol, e sua cabeça doía. Ela queria pedir um pouco d'água, mas tinha medo de Jeff dizer não. E estava ficando

com fome, também, e tonta por causa disso. Gostaria de fazer um lanche, de beber alguma coisa gelada, de achar uma sombra para se deitar, e o fato de nada disso ser possível lhe deu uma sensação de constrição, de sufocamento, próxima ao pânico. Tentou se lembrar do que ela e Eric tinham na mochila: uma garrafa d'água pequena, um saco de salgadinhos, uma latinha de nozes sortidas, duas bananas maduras demais. E claro que precisariam dividir; todos precisariam dividir. Juntariam toda a comida e distribuiriam-na igualmente, o mais lentamente possível.

Da esquerda para a direita, para a esquerda, para a direita, para a esquerda, para a direita...

- Merda. - Ela ouviu Jeff dizer nitidamente, do outro lado da clareira; eles então começaram a desmontar sua mais recente tentativa de fabricar uma maca, com as barras de alumínio emitindo um som seco ao se chocarem umas nas outras. Stacy sequer conseguia olhar para eles dois. Pablo havia quebrado a coluna, e ela não conseguia aceitar aquilo. Precisavam de ajuda. Precisavam que uma equipe de paramédicos viesse de helicóptero e o levasse para um hospital. Em vez disso, iam içá-lo eles próprios, fazendo-o bater e chacoalhar até chegar à superfície. E, quando o tirassem de lá — o que iria acontecer? Ele ficaria deitado na barraca laranja, imaginou ela, gemendo ou gritando, e não haveria nada que pudessem fazer para ajudá-lo.

Aspirina. A espinha de Pablo estava quebrada, e Jeff havia lhe jogado um frasco de aspirina.

Jeff fez uma pausa, atravessou a clareira, começou a descer o morro. Todos pararam para olhar para ele. Eles foram embora, pensou Stacy com um súbito choque de esperança, mas aí Jeff se virou e voltou para junto deles, sem dizer nada. Tornou a se agachar ao lado de Mathias. Ela ouviu as barras baterem, e um barulho de algo se rasgando quando arrancaram mais um pedaço de silver tape. E claro que os maias ainda estavam lá; Stacy sabia disso. Podia visualizá-los rodeando o sopé do morro, olhando encosta acima com

aquelas expressões assustadoramente vazias. Eles haviam matado o irmão de Mathias. Havia atirado nele com suas flechas. E agora Mathias estava ajoelhado ali, segurando as barras de alumínio para Jeff pregar com o silver tape, absorvido pela dificuldade da tarefa, pela solução daquele problema. Ela não conseguia entender de jeito nenhum como ele conseguia fazer aquilo, não conseguia entender como qualquer um deles conseguia fazer o que estava fazendo. Eric estava no Fundo do duto, no escuro, o sapato cheio de sangue, e ela estava trançando tiras de nylon, movendo uma mão por cima da outra, apertando a trança conforme avançava.

Da esquerda para a direita, para a esquerda, para a direita, para a esquerda, para a direita...

O sol estava começando seu movimento implacável rumo ao oeste. Há quanto tempo isso estava acontecendo? Stacy não sabia que horas eram; havia deixado o relógio no quarto do hotel, esquecido sobre a mesinha de cabeceira. Ao perceber isso, sentiu um choque momentâneo de ansiedade, pensando que a camareira poderia roubá-lo, o presente de Formatura de seus pais. Sempre imaginava que as camareiras fossem roubar suas coisas e, no entanto, em todas as suas viagens, isso jamais havia acontecido, nem sequer uma vez. Talvez Fazê-lo não fosse tão fácil quanto parecia, ou talvez as pessoas simplesmente fossem mais honestas do que ela pensava. Em sua mente, podia ouvir o relógio bater, podia imaginá-lo sobre o tampo de vidro da mesa a contar pacientemente os segundos, minutos, horas, à espera de sua volta. As camareiras abriam suas camas no Fim do dia, e punham pequenos chocolates em cima de seus travesseiros, deixando o rádio ligado tão baixinho que, algumas vezes, Stacy só percebia que ele estava ligado depois de apagarem as luzes.

— Que horas são? — perguntou ela.

Amy Fez uma pausa no trabalho, olhou para o relógio.

— Cinco e trinta e cinco — disse ela.

Quando terminassem de trançar, teriam de puxar a corda lá de baixo e amarrar as partes de nylon em sua extremidade. Então, alguém teria de descer para dentro do buraco com a maca improvisada, e ajudar Eric a colocar Pablo em cima dela, amarrando-o de alguma forma à estrutura de metal, para que conseguissem içá-lo em segurança até a superfície. Depois disso, deixariam a corda cair novamente, e içariam os outros dois, um de cada vez, até em cima.

Stacy tentou imaginar quanto tempo isso tudo iria demorar, e sabia que seria tempo demais, que estavam correndo contra o relógio. Porque, se agora eram cinco e trinta e cinco, quase cinco e quarenta, então só tinham mais uma hora e meia antes de escurecer.

No final das contas, tiveram de trançar no total cinco pedaços de nylon. Amarraram os primeiros três na corda, depois lançaram-na duto abaixo para ver se estava comprida o suficiente, mas Eric gritou para eles lá de baixo, dizendo que ainda não conseguia alcançá-la. Então trançaram mais um pedaço, somente para perceber que, quando chegou a hora de amarrar sua maca improvisada, precisavam de mais duas tiras penduradas na ponta da corda, uma amarrada no alto da estrutura de alumínio, e a outra no pé.

Enquanto Mathias trançava rapidamente esses últimos pedaços, Jeff puxou Amy de lado.

— Você tá tranquila com isso? — perguntou ele.

Estavam juntos, em pé sobre o quadrado de terra batida onde antes se erguia a barraca azul. O sol estava quase no horizonte, mas ainda estava claro, e quente. Ali era assim, Amy sabia: não havia transição entre dia e noite, passagem gradual para a escuridão. O sol nascia e quase imediatamente adquiria a intensidade típica do meio-dia, que não arrefecia até o instante em que ele tocava o horizonte, a oeste. Dali em diante, dava para fazer a contagem regressiva até escurecer, tal a rapidez com que a noite caía. A única lamparina que eles tinham era a que

estava com Eric e ela tinha pouco óleo. Quinze minutos, chutou ela: depois disso, trabalhariam às cegas.

- Tranquila quanto a quê? - perguntou ela.

- É você quem vai descer — disse Jeff.

- Descer?

— Pra dentro do duto.

Amy simplesmente o encarou; estava atônita demais para falar. Ele havia pego uma das camisas dos arqueólogos, para substituir a camiseta que jogara para Eric, e ela lhe caía de forma esquisita, fazendo-o parecer quase outra pessoa. A camisa era meio brilhante: queria passar por algodão grosso, mas não era de algodão; era feita de algum tipo de poliéster, com botões na frente, e grandes bolsos de cada lado do peito. Parecia algo que um caçador usaria em um safari, pensou Amy. Ou um fotógrafo, talvez, com rolos de filme enfiados naqueles bolsos estranhos. Ou talvez um soldado. De alguma forma, fazia Jeff parecer mais velho, maior até. Seu nariz estava rosado e descascando e, embora ele parecesse cansado e castigado pelo sol, havia nele algo de irrequieto, uma aura de redobrada atenção.

— Mathias e eu precisamos girar a manivela — disse ele. — Então ou é você, ou a Stacy. E a Stacy, sabe como é... - Ele deixou a frase em suspenso, deu de ombros. — Parece que tem que ser você, só isso.

Amy permaneceu em silêncio. É claro que não queria descer, a ideia a aterrorizava, a ideia de despencar terra adentro, rumo à escuridão. Ela sequer quisera ir até ali: era isso que sentia vontade de dizer para Jeff. Se houvesse podido decidir, eles jamais teriam saído da praia, para começo de conversa. E depois, quando haviam descoberto o caminho escondido, ela havia tentado alertá-lo, não havia? Tentara lhe dizer que não deveriam seguir por ali, e ele se recusara a escutar. Então aquilo tudo era culpa dele, não era? Então não era ele quem deveria descer para dentro daquele buraco? Porém, no mesmo instante em que se fazia essas perguntas, Amy se lembrou do que acontecera no

sopé do morro, de como ela recuara pela clareira, olhando pelo visor da câmera, enfiando o pé no emaranhado de trepadeiras. Se não tivesse feito isso, talvez os maias não os tivessem forçado a subir o morro. Não estariam ali agora — Pablo não estaria deitado no fundo do duto com a espinha quebrada. Estariam andando em algum lugar a quilômetros dali, e cada passo os levaria para mais longe, todos os seis imaginando que os mosquitos, as pequeninas moscas pretas e as bolhas que brotavam em seus pés eram coisas perfeitamente dignas de reclamação.

— Você já foi salva-vidas, não foi? — perguntou Jeff. — Deveria saber como lidar com esse tipo de coisa.

Salva-vidas. Era verdade, de certa forma. Amy passara um verão trabalhando na piscina de um condomínio em sua cidade natal. Uma minúscula piscina oval, com pouco mais de dois metros de profundidade na parte mais funda, e onde não era permitido mergulhar de cabeça. Ficava sentada em uma cadeira de jardim, tomando sol, das dez da manhã às seis da tarde, cinco dias por semana, avisando às crianças para não correrem, não jogarem água para fora da piscina, e não darem caldos umas nas outras, e dizendo aos adultos que não era permitido levar bebidas alcoólicas para a área da piscina. Os dois grupos a ignoravam quase totalmente. Era um condomínio pequeno, se aguentando à beira da falência, cheio dos cada vez menos bem-sucedidos habitantes da cidade: alcoólatras, divorciados; um lugar deprimente. Não havia tantas crianças assim e, em certos dias, ninguém aparecia na piscina. Amy ficava sentada em sua cadeira, lendo. Caso o dia estivesse especialmente tranquilo, ela com frequência mergulhava na parte rasa e ficava ali, boiando de costas, deixando a mente divagar. Antes de ser contratada, é claro, precisara fazer um curso de salva-vidas. E provavelmente havia tido uma aula sobre danos à coluna, sobre como amarrar alguém a uma maca. Mas, caso isso tivesse ocorrido, não tinha nenhuma lembrança.

- Você vai usar nossos cintos — disse Jeff.

O que Amy estava com vontade de fazer era descer o morro correndo. Vislumbrou a imagem de si mesma tentando fazer isso, irrompendo na clareira, confrontando os homens que esperavam ali. Ela lhes diria o que havia acontecido, encontraria uma forma de lhes comunicar tudo que dera errado, fazendo mímicas. E claro que seria difícil, mas, de alguma forma, ela os faria ver seu medo, e faria-os senti-lo, também, e eles cederiam. Iriam buscar ajuda. Deixariam-nos irem todos embora. O irmão de Mathias jazia do lado oposto do morro, com o corpo crivado de flechas, mas mesmo assim, por um breve instante, Amy conseguiu acreditar nessa fantasia. Não queria ter de descer pelo duto. Jeff segurou-lhe a mão. Estava abrindo a boca para dizer alguma coisa para convencê-la, percebeu, ou para lhe dizer que ela não tinha escolha quando o trinado vindo do Fundo do buraco recomeçou.

Todos, menos Mathias, correram até o duto e espiaram lá para dentro. Mathias havia quase terminado de trançar, e continuou a fazê-lo, sem uma pausa sequer.

- Eric? - gritou Jeff. - Você consegue encontrar o telefone?

Eric passou um instante sem responder. Puderam senti-lo se movimentar lá embaixo, à procura da origem do som.

- Ele não para de se mexer - gritou ele. - Algumas vezes, parece estar à minha esquerda. E depois está à minha direita.

- A luz não deveria acender quando ele toca? — perguntou Amy a Jeff em voz baixa, quase um sussurro.

Jeff gritou:

- Tem uma luz? Procura uma luz. Novamente, puderam sentir Eric andando.

- Não estou vendo - gritou ele. E um segundo depois, no mesmo instante em que eles próprios perceberam isso: — Parou.

Todos esperaram para ver se o som iria recomeçar, mas isso não aconteceu. O sol tocou o horizonte a oeste, e tudo

ganhou um tom avermelhado. Dentro de alguns minutos estaria escuro. Mathias terminara de trançar. Viram-no amarrar o último pedaço aos outros e em seguida prender a maca improvisada às duas tiras soltas. Ele terminou bem na hora em que o dia começou sua súbita descida rumo à noite. Então, Jeff segurou a manivela enquanto Mathias e Stacy erguiam a maca por cima da abertura do buraco. Passaram um instante olhando para ela, pendurada ali: Mathias havia coberto a estrutura de alumínio com um dos sacos de dormir dos arqueólogos, para acolchoá-la. Empilharam seus quatro cintos em cima do saco de dormir. Amy sabia que, embora ainda não houvesse concordado com a proposta de Jeff, a questão de alguma forma havia sido decidida. Estava tudo pronto, e eles pensavam que ela também estava pronta. Mathias foi se juntar a Jeff ao lado do guincho, segurando a manivela. Stacy estava parada, abraçando o próprio corpo, observando.

- Sobe, vai - disse Jeff.

Então Foi isso que Amy Fez. Tomando coragem, enchendo-se de pensamentos corajosos, deu um passo para cima do buraco do duto, agachando-se sobre a estrutura de alumínio, agarrada às tiras de nylon trançadas. A maca rangeu sob seu peso, oscilou para a frente e para trás, mas aguentou. E então, antes de Amy sequer ter a chance de se acostumar, ou de começar a questionar a própria decisão, a manivela começou a girar, fazendo-a despencar da escuridão crescente do dia para a escuridão mais profunda do buraco.

Fora preciso muito tempo, mas agora, finalmente, estavam chegando. Eric não sabia quanto tempo exatamente havia passado, talvez não tanto quanto parecera, mas mesmo assim fora muito tempo. Mesmo nas melhores das circunstâncias, ele não tinha muito talento para avaliar a passagem do tempo: faltava-lhe um relógio interno; mas ali, no buraco, no escuro, com o estresse de tudo o que havia acontecido até então naquele dia, isso era bem mais difícil

do que de costume. Tudo que ele sabia era que estava anoitecendo lá em cima, e que o retângulo azul do céu havia adquirido um breve rubor vermelho, antes de se transformar em um cinza azulado, depois em um cinza de ardósia, e por fim em um preto acinzentado. Eles haviam fabricado uma maca, e agora Amy estava agachada em cima dela, descendo em sua direção.

Horas, supunha Eric. Deviam ter sido horas. Pablo havia gritado, depois parado de gritar, e Stacy havia gritado para ele lá embaixo, e eles haviam conversado, e Jeff lhe dissera para apagar a lamparina. Então todos haviam desaparecido para fabricar a maca e encomprar a corda; levaram muito tempo, tempo demais, e primeiro ele havia se agachado, em seguida se sentado ao lado de Pablo, sem nunca largar-lhe o pulso. Também havia conversado ocasionalmente, para fazer companhia ao grego, para animá-lo e para enganá-lo; para enganar eles dois, talvez, e fazê-los acreditar que tudo ficaria bem.

Mas é claro que tudo não iria ficar bem e, por mais que Eric tentasse impor à própria voz um tom otimista, e ele tentou mesmo, esforçou-se conscientemente para fazê-lo, como um eco das divertidas brincadeiras que os gregos faziam entre si, não conseguia se esquivar da difícil verdade. Para começar, havia o cheiro. Cheiro de bosta; de urina, também. Pablo havia quebrado a espinha e perdido o controle dos intestinos, da bexiga. Precisaria de uma sonda, de um saquinho suspenso ao lado da cama, de enfermeiros para esvaziá-lo e para mantê-lo limpo. Precisaria ser operado, e depressa — neste minuto, antes disso até — precisaria de médicos e fisioterapeutas a afainar-se ao seu redor, avaliando seu progresso. E Eric não conseguia imaginar como qualquer dessas coisas iria acontecer. Haviam passado a tarde inteira trabalhando para construir uma maca e, com ela, finalmente iriam tirá-lo daquele buraco, mas de que isso iria adiantar? Do lado de fora do buraco, lá em cima, entre as barracas e as trepadeiras floridas, sua

espinha continuaria quebrada, sua bexiga e seus intestinos continuariam a vazar urina e fezes em sua calça já empapada. E não havia nada que eles pudessem fazer a respeito.

O joelho de Eric finalmente havia parado de sangrar. Restava uma dor constante, latejante, cuja intensidade aumentava sempre que ele se mexia. A camiseta de Jeff estava endurecida de sangue seco; Eric pousou-a no chão ao seu lado. Seu sapato ainda estava úmido.

Eric contou a Pablo como as pessoas se curavam, implacavelmente, como a pior parte era o acidente em si, e depois o corpo começava a trabalhar, mobilizando-se, reconstruindo-se. Naquele exato momento, enquanto conversavam, aquilo estava começando a acontecer. Contou a Pablo sobre os ossos que havia quebrado quando criança. Descreveu a queda em uma calçada molhada, e o braço fraturado; não se lembrava do osso exato, talvez o rádio, ou a ulna; pouco importava. Havia passado seis semanas engessado, o final do verão inteiro; lembrava-se do fedor que o gesso exalou quando o retiraram, fedor de suor e mofo, de seu braço de aspecto demasiado pálido e magro, de seu terror diante da serra giratória. Ele havia quebrado a clavícula brincando de Super-Homem, mergulhando de cabeça em um escorrega de parquinho. Havia quebrado o nariz ao cair de um pula-pula. E agora descrevia todos esses acidentes para Pablo, em detalhes, a dor de cada um, a evolução de sua subsequente recuperação: sua implacável, inevitável recuperação.

Pablo, é claro, não entendia uma palavra de tudo isso. Gemia e resmungava. De vez em quando, levantava o braço que Eric não estava segurando, e parecia tentar pegar alguma coisa em seu flanco, embora Eric não conseguisse descobrir o quê, já que não havia nada ali, a não ser a escuridão. Eric ignorou esse movimento, assim como os gemidos e resmungos, e simplesmente continuou falando,

empenhado, com a voz aguda e falsamente alegre. Não conseguia pensar em mais nada para fazer.

Contou a Pablo os acidentes que já testemunhara: um menino que entrara de skate em uma rua cheia de carros (uma concussão e várias costelas quebradas), um vizinho que despencara do telhado enquanto limpava as calhas (ombro deslocado, dois dedos quebrados), uma menina que calculara mal seu salto de um balanço de corda, aterrissando não no rio, como era sua intenção, mas em sua margem pedregosa (um tornozelo espatifado, três dentes quebrados). Falou sobre a cidade onde havia crescido, sobre como era pequena, como era feia e provinciana, mas, de certa forma, pitoresca na sua feiúra, de certa forma mundana em seu provincianismo. Quando uma sirene tocava, as pessoas apareciam nas portas das casas, saíam para suas varandas, protegiam os olhos para ver. Crianças pulavam em bicicletas, corriam atrás da ambulância, ou do carro de bombeiros, ou do carro de polícia. É claro que isso era em parte bisbilhotice, mas era também empatia. Quando Eric quebrara o braço, vizinhos tinham ido visitá-lo, levando presentes: revistas em quadrinhos para ele ler, vídeos para assistir.

Enquanto falava, continuava a segurar o pulso de Pablo com a mão direita, dando uns apertõezinhos de vez em quando para enfatizar determinados trechos, sem jamais soltar. Sua mão esquerda se movia para a frente e para trás, entre a lamparina a óleo e a caixa de fósforos, tocando uma e logo a outra, em um movimento contínuo, incansável, movendo a mão de leve entre elas, como se fossem as contas de um rosário. E também havia algo de prece naquele gesto; ele vinha acompanhado por três palavras em sua mente. Ao mesmo tempo em que contava suas histórias a Pablo, com a voz confiante, otimista e segura, repetia em silêncio as três palavras, entoando-as internamente conforme sua mão passava da lamparina aos fósforos, à lamparina, aos

fósforos: Ainda está aqui, ainda está aqui, ainda está aqui, ainda está aqui...

Descreveu para Pablo a sensação de andar de bicicleta atrás das sirenes, das luzes que piscavam. A adrenalina, aquela sensação vertiginosa de drama e tragédia. Contou-lhe finais felizes. Falou-lhe de Mary Kelly, de sete anos de idade, que sabia subir em árvores, mas não sabia descer, e cujo medo a fazia subir cada vez mais alto, chorando enquanto subia, içando seu pequeno corpo para cima, treze metros, até o galho mais alto daquele antigo carvalho, enquanto uma multidão se reunia lá embaixo chamando-a, dizendo-lhe para descer, enquanto um vento se erguia, aumentando aos poucos, fazendo os galhos balançarem, e a árvore inteira parecer oscilar. Imitou para Pablo o arquejo coletivo quando ela quase escorregou, ficando pendurada por uma sucessão terrivelmente longa de segundos antes de conseguir firmar o pé, sem parar de chorar, com as sirenes se aproximando, os meninos montados em suas bicicletas. Então o carro de bombeiros, com sua escada subindo lentamente em direção ao céu, e os vivas quando o paramédico se inclinou bem para dentro da folhagem e agarrou a menininha pelo braço, puxando-a para si, jogando-a por cima do ombro.

No escuro, Eric teve a súbita sensação de que a mão de alguém tocava a base de suas costas. Sobressaltou, quase soltou um ganido, mas controlou-se. Era só a planta. De alguma forma, ela havia conseguido se enraizar ali também, no fundo do duto. Ele devia ter se recostado nela enquanto falava, criando a impressão de que ela havia se esticado para tocá-lo, envolvendo-o na base das costas, quase acariciando-o. Ali, era impossível saber onde estava exatamente; ele estava praticamente cego. Tudo que tinha para se orientar era o pulso de Pablo, e — ainda está aqui, ainda está aqui, ainda está aqui — a lamparina a óleo e a caixa de fósforos. Deslizou para a frente, para escapar do contato da planta: aquilo era sinistro, e dava-lhe calafrios;

ele não estava gostando, e mudou de posição até ficar bem encostado no corpo quebrado de Pablo. Quando se mexeu, sentiu uma dor intensa, lancinante, no corte em seu joelho, e este recomeçou a sangrar. Tateou o chão à procura da camiseta de Jeff, e apertou-a outra vez em cima do ferimento.

Tornou a buscar na memória a menina no balanço de corda: Marci Brand, treze anos. Ela usava aparelho e rabo-de-cavalo castanho comprido. Contou a Pablo como, no início, todos haviam rido ao vê-la cair, ele e as outras crianças. Houvera algo de cómico na queda, como num desenho animado. Viram-na despencar, ouviram o terrível barulho do impacto quando ela atingiu as pedras; todos devem ter percebido que ela havia se machucado. Mas haviam rido, todos eles, como para negar isso, para desfazê-lo, parando apenas quando a viram tentar se levantar, e em seguida desabar desajeitadamente, caindo de lado e deslizando pela margem pedregosa até a água. Sua boca estava cortada: ela havia batido com o rosto nas pedras e uma mancha lamacenta de sangue foi se formando lentamente à sua volta na água enquanto ela flutuava ali, debatendo-se com os braços. Seus olhos estavam fechados com força, lembrava-se Eric, sua expressão, contorcida. Ela fazia uma careta, mas não estava chorando; não emitiu nenhum som, nem sequer quando a tiraram de lá, arrastando-a de volta até a margem, enquanto um deles saía de bicicleta para buscar ajuda. Mais tarde, todos se sentiram culpados por terem rido, sobretudo quando pareceu que ela poderia nunca mais voltar a andar. Mas ela acabou andando, implacavelmente, inexoravelmente, talvez com um leve coxear, embora quase não fosse perceptível, embora de fato não fosse perceptível a menos que se conhecesse a história, a menos que se estivesse prestando atenção.

De vez em quando, Eric pensava poder ver coisas no escuro: formas que flutuavam como balões, debilmente fluorescentes. Pareciam chegar perto, em seguida pairar

bem na sua frente, antes de tornar a se afastar lentamente. Algumas tinham uma tonalidade verde azulada; outras, um amarelo fraco, quase branco. Eram peças que seus próprios olhos lhe pregavam, ele sabia, reações fisiológicas à escuridão, mas não conseguia se controlar: sempre que elas pareciam chegar especialmente perto, ele soltava o pulso de Pablo para tentar tocá-las. Assim que levantava a mão, porém, as formas desapareciam, apenas para reaparecer em outro lugar, mais longe, e continuar sua aproximação lenta, suavemente ondulante. Ele tirou a camiseta de cima do joelho machucado. A ferida havia parado de sangrar de novo. Imediatamente, estendeu a mão em busca da lamparina, dos fósforos: ainda está aqui, ainda está aqui... Também contou outras histórias a Pablo, histórias que não haviam tido um final tão feliz, implacavelmente, inexoravelmente, modificando-as para os ouvidos do homem ferido. O pequeno Stevie Stahl, varrido por um temporal enquanto brincava em um terreno inundado, não era mais descoberto por um mergulhador com metade do corpo enterrada na lama, irreconhecível de tão inchado. Não: ele reaparecia cinco minutos depois, a quase dois quilômetros de distância, cuspidor para dentro do rio, cortado, ferido e choroso, sim, mas, fora isso, milagrosamente ileso. E, na versão da história que Eric contou, Ginger Ruby, que havia posto fogo na garagem do tio enquanto brincava com sua caixa de fósforos, e então, desorientada pela fumaça e por seu pânico crescente, afastara-se da porta pela qual poderia facilmente ter saído, e morrera agachada junto à parede, atrás de uma fileira de latões de lixo, era salva por um bombeiro, trazida de dentro da garagem sob uma chuva de vivas da multidão, arfando, tossindo e coberta de fuligem, com a camisa e os cabelos chamuscados, mas, afora isso (sim, milagrosamente), ilesa. O ar frio que vinha do duto aberto mais além de onde estava o corpo de Pablo não era constante. As vezes parava, parecendo reter a respiração, e a temperatura do

buraco começava a subir no mesmo instante. Eric começava a transpirar, e sua camisa ia ficando úmida de suor, e então, abruptamente, o ar frio voltava. Essa flutuação constante incomodava Eric, assustava-o, fazia a escuridão ali dentro do duto parecer ameaçadoramente animada. Sempre que a corrente de ar cessava, ele tinha a sensação de que ela havia sido interrompida por alguém, ou por alguma coisa, por uma presença que hesitava bem na sua frente, examinando-o e avaliando-o. Em uma das vezes, pensou até tê-la ouvido fungar, farejando seu cheiro. Sabia que seus sentidos estavam novamente lhe pregando peças. Mesmo assim, precisou resistir ao impulso de acender a lamparina, e sua mão parou, hesitante, retomando em seguida seu movimento regular de vai-e-vem: ainda está aqui, ainda está aqui, ainda está aqui.

Contou a Pablo sobre seu amigo Gary Holmes, que sonhava em ser piloto. Gary havia importunado, pedido e implorado a seus pais, exaurindo-os ano após ano, até que eles finalmente cederam, e deram-lhe de presente pelos seus dezesseis anos algumas aulas de pilotagem. Todo sábado, ele ia de bicicleta até o aeroporto da cidade e passava a tarde ali, entrando naquele novo mundo.

Três meses depois, Eric estava jogando futebol: liga juvenil, quatro partidas diferentes ocorrendo ao mesmo tempo, os campos paralelos uns aos outros. Um pequeno avião passou voando, muito baixo, com seu zumbido, e os jogadores pararam por um instante, intrigados, enquanto a sombra da aeronave passava por cima deles, e todos abaixaram-se involuntariamente, e em seguida olharam para cima. O avião continuou a voar, inclinou-se para o lado, passou de novo por cima dos campos, e os jogos então pararam completamente. Os juízes apitaram; acenavam com os braços, lutando para restaurar a ordem, quando o avião tornou a se inclinar para o lado, o motor rateou, engasgou, e parou de funcionar. E então, alguns segundos depois, o tempo que se leva para inspirar, expirar, tornar a inspirar,

de algum lugar lá dentro da área de mato a oeste dos campos ouviu-se o barulho de impacto, rasgo e amasso da queda. Mas não na versão que Eric contou para Pablo. Não: do jeito que Eric contou a história, alguém entendeu o que estava acontecendo naquela primeira vez em que o avião passou voando baixo. Um dos treinadores, depois outro. Começaram a gritar, apontando, e os juízes juntaram-se a eles com seus apitos, e todos de repente começaram a gritar, a correr. O avião estava em dificuldades; estava tentando fazer um pouso de emergência. Precisavam evacuar os gramados. E foi o que fizeram. Quando o avião se inclinou para o lado e voltou a passar por cima deles pela segunda vez, todos já haviam recuado até a linha lateral. O avião aterrissou com violência, quicando, arremetendo contra uma das traves de madeira, com as rodas dianteiras enterrando-se na terra macia, quase fazendo-o capotar, e finalmente parou inclinado para a frente, apoiado no nariz, com a hélice torta, o pára-brisas rachado. Nessa hora, Eric hesitou por um instante, esforçando-se para imaginar quais seriam os ferimentos de Gary e de seu instrutor, como o retorno abrupto daquele avião à terra teria danificado os dois corpos na cabine de comando. Uma rótula estilhaçada, decidiu ele. Um ombro deslocado, um quadril fraturado, uma leve concussão. Enquanto enumerava, ia fazendo gestos de descaso com a mão. Todos sararam, garantiu ele a Pablo, como ferimentos assim sempre saram; sim, mais uma vez, implacavelmente, inexoravelmente.

Os outros estavam ocupados lá em cima, trançando as tiras de nylon que haviam cortado da barraca azul, construindo sua maca; não tinham tempo para pensar. Mas Eric estava ali embaixo, no escuro, com o cheiro das fezes e da urina de Pablo, o subir e descer de seus gemidos, seus resmungos. Então, provavelmente, era natural que fosse o primeiro deles todos a começar a se perguntar se o grego poderia não sobreviver àquela aventura, se o corpo dele já havia ultrapassado o universo do implacável e do inexorável, se

ele iria, no final das contas, morrer nas horas ou dias que estavam por vir, enquanto eles assistiam sem poder fazer nada.

Parecia que Pablo havia adormecido, ou perdido a consciência. Havia parado de resmungar, pelo menos, parado de gemer, parado de estender a mão no escuro para pegar o que quer que imaginasse haver ali para ele agarrar. Eric também se calou, sentou-se ao lado de Pablo, segurando seu pulso com uma das mãos, tocando a lamparina e os fósforos com a outra. O tempo pareceu passar ainda mais devagar sem o som de sua voz ecoando nas paredes estreitas do duto de volta a seus ouvidos. Voltou a pensar em Gary Holmes, na fotografia do avião deformado na primeira página do jornal da região, no funeral no auditório do colégio.

Gary era seu amigo; não amigo íntimo, mas mais do que conhecido, e, um mês depois do funeral, a mãe de Gary fora à casa de Eric. "Eric?", chamara sua própria mãe. "Tem uma pessoa aqui para ver você."

Eric havia descido as escadas correndo e encontrado a sra. Holmes em pé no hall de entrada. Ela viera perguntar se ele queria a bicicleta de Gary. Foi uma visita esquisita, pouco à vontade; a mãe de Eric ficara ali vendo-os conversar, parecendo estar com lágrimas nos olhos. Não parava de estender a mão para tocar o ombro da sra. Holmes. O oferecimento deixara Eric surpreso e estranhamente envergonhado; afinal, ele não era assim tão próximo de Gary. Tentou recusar a oferta, mas mudou de ideia ao perceber como a sra. Holmes pareceu ficar triste ao ver o primeiro movimento hesitante de sua cabeça. Sim, disse. É claro que ficaria com a bicicleta. Agradeceu a ela, e então sua mãe começou a chorar abertamente. A sra. Holmes também.

A bicicleta ainda estava no aeroporto, amarrada à cerca de tela onde Gary a havia deixado em seu último dia de vida. O pai de Eric o deixou lá bem cedo certa manhã, a caminho do

trabalho, e Eric pegou a bicicleta, curvando-se sobre ela com o pedacinho de papel que a sra. Holmes havia lhe dado, apertando os olhos para decifrar a caligrafia, os três números da combinação do cadeado. Precisou tentar meia dúzia de vezes antes de funcionar, e então foi embora na bicicleta, direto para o colégio, um trajeto de vinte e quatro quilômetros, e chegou alguns minutos atrasado, depois de o primeiro sinal já ter tocado, os corredores vazios e silenciosos. O selim da bicicleta era alto demais para ele e tornava difícil pedalar; a corrente precisava de óleo; os aros estavam enferrujados por terem passado o mês anterior ao relento. Não era um objeto do qual se pudesse sentir orgulho e, de qualquer forma, ele já tinha sua própria bicicleta; talvez tenha sido por isso ou então ele estava simplesmente atrasado, mas não trancou a bicicleta ao chegar ao colégio; deixou-a encostada no bicicletário, e correu para dentro. Deixou-a lá durante a noite, também, ainda sem tranca, e voltou para casa de ônibus. Pela manhã, a bicicleta havia sumido.

Novamente houve aquela pressão nas costas de Eric, como a mão de alguém a tocá-lo. Ele sentiu o coração pular dentro do peito, ao mesmo tempo em que tentava se tranquilizar. Era apenas a planta. Ele devia ter se recostado nela outra vez. Mudou de posição em direção a Pablo, e percebeu então que já estava praticamente colado no grego. A trepadeira de alguma forma havia se movido, rastejando em sua direção, atraída talvez pelo calor de seu corpo. Aquilo o deixava aflito, um pouco assustado, também, pensar na planta assim: algo com vontade própria, quase consciente; e ele teve vontade de sair correndo daquele buraco. Pensou em gritar lá para cima, chamar os outros, mas deteve-se no último instante, preocupado em não acordar Pablo.

A mãe de Gary fora de casa em casa, doando os pertences do filho a meninos que não sabiam o que fazer com eles. Meninos que perderam os suéteres e casacos de seu filho,

sua luva de beisebol e seus óculos de natação, que os deram a outras pessoas, ou que simplesmente os jogaram fora, que os enterraram em armários, baús, porões. Era assim que a morte sempre funcionava, pensou Eric; os vivos faziam todo o possível para eliminar da sua frente qualquer vestígio dela. Até mesmo os amigos mais chegados de Gary tocaram suas vidas, sem que sua ausência os marcasse de alguma forma significativa, passando de turma em turma, em seguida indo para a universidade, e esquecendo-o à medida que avançavam, lembrando-se, em vez disso, daquela fotografia do avião espatifado, do silêncio abrupto nos campos de futebol antes do acidente.

Eric precisava urinar. Mas estava com medo de se levantar e andar em direção à parede do duto para fazer isso, com um medo irracional de que o grego, a lamparina ou os fósforos não estivessem mais lá quando ele voltasse. Desafivelou o cinto para reduzir a pressão sobre a bexiga, tentou se distrair com jogos de palavras, criando um teste de vocabulário para seus futuros alunos, começando com os As, dez palavras, um pequeno quiz para iniciar a semana, definições valendo cinco pontos, e ortografia, outros cinco.

Albatroz, pensou. Avareza. Anúnciação. Alacridade. Armamento. Adjacente, árduo. Acentuar. Acomodar. Alegação. Estava indo para os B's, barulhento, bravata, bandoleiro, botanista, quando o trinado eletrônico recomeçou, fazendo Pablo acordar, surpreendendo os dois. Eric soltou o pulso do grego, levantou-se, e o ferimento em seu joelho o fez mancar enquanto caminhava, como se tivesse o pé deformado. O trinado parecia estar vindo da direita, mas, quando ele coxeou nessa direção, percebeu que estava errado. Estava vindo de trás dele agora. Começou a se virar, mas então não teve tanta certeza. O barulho parecia estar dando voltas ao seu redor, passeando pelas paredes do duto.

- Eric? - gritou Jeff lá para baixo. - Você consegue encontrar o telefone? Eric inclinou a cabeça para trás. Podia vê-los

debruçados no retângulo de céu azul. Gritou lá para cima, disse-lhes como o telefone se movia ao seu redor, primeiro para um lado, depois para o outro.

— Tem uma luz? — gritou Jeff. — Procura uma luz.

O som agora parecia vir da abertura logo depois de onde estava o corpo de Pablo, bem dentro da entrada do duto. Eric passou mancando por Pablo, sentindo o ar esfriar perceptivelmente. O trinado se distanciou, como para fazê-lo avançar pelo duto. Ele hesitou, subitamente com medo.

- Não estou vendo — gritou. E então o trinado cessou. — Parou — gritou e. Contou mentalmente até dez, esperando que recomeçasse, mas não recomeçou. Quando olhou para a abertura do buraco lá em cima, as cabeças aviam desaparecido, e o céu adquirira uma tonalidade avermelhada. O sol começava a se pôr.

Ele mancou novamente até junto do corpo de Pablo. Podia senti-lo se mover na escuridão, mudando a cabeça de lugar, mas permaneceu em silêncio. Pablo não recomeçou seus gemidos nem seus resmungos, e isso assustou Eric.

— Pablo? — disse Eric. — Tudo bem?

Queria que o grego recomeçasse a Falar, mas ele simplesmente ficou deitado ali, agora imóvel. Eric estendeu a mão para a lamparina, encontrou-a, estendeu a mão para os fósforos e... não estavam mais lá. Apalpou o chão pedregoso do duto em um círculo cada vez maior, com uma sensação crescente pânico. Não conseguia encontrar a caixa.

Ouviu-se um rangido acima dele, e ele olhou para cima. O céu escurecia rapidamente, mas ele pôde ver algo delineado à sua frente, uma forma oblonga, que quase enchia o buraco. Haviam concluído a maca, estavam colocando-a no lugar. Ele continuou a apalpar o chão, estendendo a mão cada vez mais para longe de onde estava, em seguida voltando à lamparina, e recomeçando outra vez. Mas os fósforos não estavam mais ali.

O rangido foi ficando mais alto, mais constante, e ele tornou a olhar para cima. Estavam descendo a maca para dentro do duto.

— Eric? — ouviu Amy chamar.

— O quê? — gritou ele.

— Acende a lamparina! — Ela estava em cima da maca, e descia na direção dele em um movimento constante.

Ele se levantou e deu um passo manco, pensando que deveria estar segurando os fósforos quando o trinado começou, e poderia tê-los levado consigo ao tentar descobrir a origem do barulho e, distraído, tornado a colocá-los no chão. Não fazia sentido, e ele na verdade não acreditava nisso, mas então deu outro passo e seu pé bateu em alguma coisa, chutando-a, e ele soube pelo som que produziu, pela sensação do contato com seu pé, que era a caixa de fósforos. Abaixou-se cuidadosamente, ficando de quatro, e começou a tatear o chão, à procura.

O rangido prosseguia. O céu agora havia ficado escuro; ele não conseguia mais ver a maca, mas podia senti-la chegando mais perto.

— Acende a lamparina, Eric — tornou a gritar Amy. Ela agora estava mais perto e havia uma urgência em sua voz. Parecia assustada.

Ele continuou a tatear o chão; estava em um canto do duto que a trepadeira havia colonizado de forma bastante agressiva; não parava de emaranhar as mãos em seus talos, o que lhe dava a sinistra sensação de que a planta o estava atrapalhando de propósito. Quando finalmente encontrou a caixa de fósforos, estava enterrada debaixo da trepadeira, quase completamente coberta. Eric precisou puxar para soltá-la, arrancando a planta, cuja seiva úmida se colou aos dedos de sua mão esquerda, primeiro fresca, depois subitamente ardida.

— Eric? — tornou a gritar Amy. Estava quase em cima dele.

— Só um segundo - gritou ele. Mancou de volta até a lamparina, agachou-se acima dela, levantou seu globo de

vidro. Só percebeu o quanto sua mão tremia ao riscar o primeiro fósforo: tremia tanto que a chama se apagou imediatamente. Ele precisou esperar um instante, respirar fundo duas vezes, esforçando-se para se acalmar, e em seguida tentar novamente. Dessa vez conseguiu: acendeu a lamparina, e Amy apareceu, pouco menos de cinco metros acima dele, olhando ansiosa para os dois logo abaixo, descendo, descendo, descendo.

Depois daquelas horas todas sentado no escuro, ele precisou afastar o olhar da claridade da lamparina, mas, mesmo assim, a chama estava de alguma forma mais débil do que ele se lembrava; ou, talvez, do que esperava. A maior parte do duto ainda estava na sombra, uma sombra impenetrável. Suas mãos ardiam por causa da seiva da planta. Ele esfregou-as na calça, mas não adiantou. Quando a maca chegou a um ponto que ele conseguia alcançar, ele a segurou, guiando-a levemente para a direita, de modo que ela aterrissasse bem o lado de Pablo, mas então, quando ainda faltava um metro, ela parou com safanão, quase derrubando Amy de onde ela estava encarapitada.

— Amy? - gritou Jeff lá de cima.

— O quê? — gritou ela.

— Chegou até eles?

— Quase. Ainda falta um pouco.

Houve um silêncio curto, enquanto essa informação era absorvida. Em seguida:

— Pouco quanto?

Amy se debruçou e, de cima da maca, olhou para o corpo quebrado de Pablo.

— Sei lá. Um metro?

— A corda acabou — gritou Jeff. Houve um intervalo. Em seguida: — Mesmo assim você consegue?

Amy e Eric se entreolharam. A ideia da maca era justamente manter a coluna de Pablo reta enquanto ele era erguido; sem ela, sua coluna seria torcida e dobrada, e isso, é claro, causaria danos ainda maiores a seu corpo ferido.

Porém, caso decidissem esperar, isso significava puxar a maca novamente até em cima. Tirá-la da corda, trançar mais um pedaço de nylon, reamarrar a maca, descer o negócio todo pelo duto outra vez, tudo isso em meio a um breu total.

— O que é que você acha? — perguntou Amy a Eric. Ela ainda estava agachada em cima da maca, embora pudesse com facilidade ter escorregado até ao chão. Parecia que não queria tentar fazer isso, como se sentisse que o ato poderia comprometê-la com uma tarefa da qual ela ainda esperava poder se esquivar.

Eric se esforçou para fazer alguma coisa que se parecesse com pensar; não era fácil. Percebeu uma pá apoiada na parede oposta do duto, uma pá de acampamento, do tipo que podia ser dobrada e levada na mochila, e passou vários instantes olhando para ela, tentando imaginar uma forma como pudesse lhes ser útil. Mas não conseguiu pensar em nada, e quando as palavras ladrão de túmulos surgiram na sua mente, ele quase recuou instintivamente, como se houvesse tentado segurar alguma coisa quente.

— A gente pode soltar a maca — disse ele. — Colocar ele em cima, depois levantar e amarrar de novo.

— Sozinhos? — perguntou Amy. Estava na cara que ela não considerava isso possível.

Eric sacudiu a cabeça.

— Eles vão ter de mandar mais alguém para ajudar. Stacy, acho. Dois para levantar ele, um para dar os nós.

Pensaram nisso por alguns instantes, imaginando todas as etapas, o tempo que iria levar.

— A gente vai ter que apagar a lamparina — disse Eric. — Esperar por ela no escuro.

Amy se mexeu, e a maca começou a balançar. Eric estendeu a mão para segurá-la. Pensou que ela fosse descer, mas ela não o fez.

— Ou então a gente mesmo pode levantar ele — disse.

Amy ficou calada, olhando fixamente para Pablo. Eric desejava que ela dissesse alguma coisa. Não conseguia fazer aquilo sozinho.

— É só um metro.

— Se ele dobrar...

— Eu posso segurar pelo ombro. Você segura pelo pé. Um, dois, três... fácil assim.

Amy franziu o cenho, insegura.

Eric ergueu a lanterna, examinando seu reservatório, a poça de óleo que ia diminuindo.

— A gente precisa resolver — disse ele. — A luz não vai durar.

— Amy? — chamou Jeff.

Ambos esticaram a cabeça para olhar, mas lá em cima estava escuro demais para conseguir vê-lo.

— A gente vai tentar — gritou ela.

Eric segurou a maca enquanto ela descia, em seguida pousou a lanterna no chão. Amy juntou os cintos do saco de dormir. Pousou-os no chão ao lado da lanterna. Pablo os observava, com os olhos passando de um para o outro.

— A gente vai levantar você — disse-lhe Amy. Fez com as mãos o gesto de quem levanta alguma coisa, palmas abertas, e em seguida apontou para a maca. - A gente vai pôr você ali, e depois içar você e tirar você daqui.

Pablo a olhava fixamente.

Eric aproximou-se da cabeça do grego; Amy ficou junto a seus pés.

— No quadril — disse Eric. Amy hesitou.

— Tem certeza?

— Se você levantar pelo pé, a cintura dele vai dobrar.

— Mas, se eu levantar pelo quadril, as costas dele não vão acabar dobrando? Ambos baixaram os olhos para Pablo, imaginando aquelas duas alternativas diferentes. Eric sabia que era uma má ideia. Eles deveriam mandar a maca lá para cima de novo, pedir-lhes para encompridar a corda.

Ou, pelo menos, pedir a Stacy para descer também. Olhou de relance para a lamparina. Estava quase sem óleo.

— No joelho — disse Eric.

Amy refletiu sobre isso, mas não o bastante. Uns poucos segundos, e agachou-se junto aos joelhos de Pablo. Eric se curvou, deslizando as mãos por baixo dos ombros do grego. Pôde sentir o corte em sua perna se esticar, abrir, recomeçar a sangrar. Pablo grunhiu, e Amy começou a se afastar, mas Eric sacudiu a cabeça.

— Rápido — disse. — Quando eu disser três. Contaram juntos:

— Um... dois... três. E então levantaram.

Foi um desastre, muito pior do que Eric temera. Pareceu levar uma eternidade, mas na verdade aconteceu muito rápido. Mal levantaram-no do chão, Pablo começou a gritar, ainda mais alto do que antes, se é que isso era possível, um puro lamento de dor. Amy quase desistiu, quase tornou a colocá-lo no chão, mas Eric gritou para ela:

— Não! — e ela continuou. O corpo de Pablo desabou na cintura; ele começou a agitar os braços. Seus gritos não cessavam. Seu corpo era pesado demais para Amy; ela não conseguia acompanhar Eric. Os ombros do grego estavam no mesmo nível da maca agora, mas os joelhos ainda estavam quase meio metro abaixo, e parecia que Amy poderia não ser capaz de erguê-los mais. A curva na cintura de Pablo se acentuou. Seu braço direito, descontrolado, atingiu a maca, e esta começou a balançar violentamente para a frente e para trás.

- Levanta! - gritou Eric para Amy, e ela tentou içar as pernas de Pablo mais para cima, esticando-se, com o tórax do grego a se retorcer, e seus gritos se tornando mais altos.

Depois, Eric sequer teve certeza de como haviam conseguido. Foi como se ele houvesse tido uma espécie de desmaio durante aqueles últimos instantes. Teve a impressão de que, no final das contas, haviam sido obrigados a se esticar, e meio que a jogar o corpo do grego

na direção da maca que balançava. Tudo que sabia era que a sensação era terrível, como se houvesse distraidamente pisado em cima de um bebê. Amy havia começado a chorar, e estava ali em pé, parecendo abaladíssima.

- Está tudo bem - disse Eric. - Ele vai ficar bem. - Mas não achava que ela pudesse ouvi-lo, porque Pablo ainda estava gritando. Eric sentiu ânsia de vômito, sua língua engrossou, e a bile subiu por sua garganta. Ele se forçou a respirar. Sua perna recomeçara a sangrar, o sangue escorria para dentro de seu sapato, encharcando-o, e ele abruptamente se sentiu novamente consciente da própria bexiga.

- Preciso fazer xixi - disse.

Amy sequer olhou para ele. Estava parada, com a mão na frente da boca, vendo Pablo gritar, a metade inferior de seu corpo completamente imóvel, enquanto seus braços se agitavam e a maca continuava a se balançar para frente e para trás. Eric foi mancando até a parede, abriu o zíper da calça e começou a urinar. Quando terminou, Pablo havia começado a se acalmar. Seus olhos estavam fechados com força; gotas de suor haviam brotado de sua testa.

- A gente precisa amarrar ele - disse Amy. Ela havia parado de chorar e estava enxugando o rosto com a manga da roupa.

Havia quatro cintos no chão, ao lado das lamparinas; Eric tirou o seu, acrescentou-o à pilha. Amy pegou dois deles, afivelou-os juntos para formarem uma longa tira. Passou-a em volta do peito de Pablo, na altura do esterno, e apertou-a com força, dando um nó para mantê-la no lugar. Os olhos do grego permaneciam fechados. Eric juntou outros dois cintos, entregou-os Amy, e ela repetiu a operação, amarrando Pablo pelas coxas.

— A gente precisa de mais um — disse Eric, erguendo o último cinto que restava.

Amy inclinou-se sobre Pablo, desafivelou cuidadosamente seu cinto, começou a puxá-lo das passadeiras. Nem assim o grego abriu os olhos. Eric entregou a ela o cinto que estava

segurando, e ela usou esses dois últimos para amarrar Pablo pela testa. Então os dois recuaram para avaliar seu trabalho.

— Está tudo bem — repetiu Eric. — Ele vai ficar bem. Por dentro, porém, Eric sentia-se um caco. Queria que Pablo abrisse os olhos, queria que ele recomeçasse a resmungar, mas Pablo simplesmente ficou deitado ali, oscilando mansamente em cima da maca, com as gotas de suor continuando a brotar de sua testa, cada vez maiores, até subitamente desabarem e escorrerem pela lateral de seu crânio. Eric podia sentir o sangue enchendo seu sapato. Seu cotovelo doía, sua mão ardia. Havia um hematoma em seu queixo, e suas costas estavam coçando; ele estava coberto de picadas de insetos por causa da longa caminhada pela mata. Estava com sede, com fome; queria ir para casa: não simplesmente voltar para a relativa segurança de seu hotel, mas para casa. E sabia que isso não era possível. Nada iria ficar bem. Pablo estava muito machucado, e parte disso era culpa sua, parte da dor dele. Eric sentiu vontade de chorar. Amy levantou a cabeça em direção à escuridão acima deles. — Pronto! — gritou. E em seguida: - Puxa!

Mal estavam começando a erguê-lo, com o guincho começando a gemer, a maca passando pela frente do rosto de Eric, subindo, acima dele, já fora de seu alcance, quando a lamparina ficou mais fraca, tremeluziu, e se apagou.

Jeff— disse Stacy em voz baixa, quase um sussurro, mas tensa também; ele pode detectar seu tom de urgência.

Ele e Mathias giravam a manivela do guincho, esforçando-se para mantê-lo lento e regular, e ele respondeu sem olhar para ela.

— O quê?

— A lamparina apagou.

Isso o fez se virar, tanto ele quanto Mathias, parando um instante para fitar a entrada do duto. Ela havia ficado preta, assim como tudo o mais à sua volta. O céu estava claro; havia a luz das estrelas, mas a lua ainda não nascera. Jeff

tentou se lembrar se a tinha visto nas noites anteriores, em que fase ela estava, a que horas deveria surgir; mas tudo que lhe veio foi a imagem de uma fatia de melão suspensa logo acima do horizonte em uma de suas primeiras noites na praia. Se estava subindo ou descendo, crescente ou minguante, ele não saberia dizer.

— Grita pra eles — disse-lhe Jeff.

Stacy se debruçou por cima do buraco, levou as mãos em concha à boca e gritou:

— O que houve?

A voz de Eric subiu ecoando pelo duto:

— O óleo acabou.

Jeff tentava pensar em tudo ao mesmo tempo, mas não estava funcionando. Desejou ter uma folha de papel, e tempo para anotar tudo, fazer uma lista, pôr um pouco de ordem no caos em que haviam se metido. De manhã, ele poderia usar um dos cadernos dos arqueólogos, mas, por enquanto, precisava ficar repassando tudo mentalmente, se sentindo a cada instante como se estivesse esquecendo algum detalhe fundamental. Era preciso pensar em água, comida, abrigo. Havia os maias no sopé do morro, e o cadáver de Henrich crivado de flechas. Havia Pablo com sua espinha quebrada. Havia os outros gregos, que poderiam ou não estar vindo resgatá-los. E, para completar, havia a lamparina, sem óleo para poder ser acesa.

Ele e Mathias voltaram a acionar o guincho.

— Avisa quando estiver vendo ele — disse Jeff para Stacy.

Pensar não era importante agora, disse a si mesmo; pensar apenas confundiria as coisas, faria-o hesitar, diminuiria seu ritmo. Pensar podia esperar até de manhã, até a luz do dia. O que ele precisava fazer era tirar todo mundo do fundo do duto, acomodá-los na barraca laranja, e depois, de algum jeito, tentar dormir um pouco.

O guincho rangia, rangia, conforme a corda ia lentamente se enrolando em volta da barra. Stacy não dizia nada; Pablo ainda estava oculto pela escuridão. Subitamente, porém,

Jeff sentiu seu cheiro: um cheiro de Fossa séptica, fezes, urina. Durante o tempo inteiro que haviam passado cortando e trançando as tiras de nylon, juntando as barras de alumínio com silver tape, ficara tentando dizer a si mesmo que talvez Eric estivesse errado, que talvez, no final das contas, a espinha de Pablo não estivesse quebrada. Mais tarde, eles iriam rir daquilo; na manhã seguinte, quando o grego estivesse de pé, mancando para cá e para lá, iriam rir de como haviam tirado precipitadamente aquela conclusão apocalíptica. Mas agora, com aquele fedor que atingia as suas narinas, vindo do buraco, não conseguia mais fingir.

Pára, disse a si mesmo. Tira todo mundo de lá, só isso. Põe todo mundo na barraca. E depois vai dormir.

— Estou vendo ele - sussurrou Stacy.

— Quando ele sair do buraco — disse Jeff —, você vai precisar agarrar a maca, e guiar ela para o chão.

Continuaram acionando a manivela.

— Tá — concordou Stacy, e todos pararam, virando-se para olhar. A maca estava pendurada acima do duto, logo abaixo do cavalete, e Pablo era uma forma escura em cima dela, totalmente imóvel, como uma múmia. Stacy agarrou o saco de dormir, e uma das barras de alumínio.

— Abaixa um pouquinho — disse a eles.

Eles reverteram a manivela e, à medida que a maca recomeçou a descer, Stacy foi puxando-a, guiando-a em direção à borda do buraco.

— Cuidado — disse ela. — Devagar.

Depositaram-no no chão, e então Mathias e Jeff Foram até junto dele, e todos se agacharam ao lado da maca. Talvez Fosse apenas a escuridão, ou seu próprio cansaço, mas Pablo tinha um aspecto ainda pior do que Jeff temera. Suas bochechas estavam encovadas, seu rosto contraído e incrivelmente pálido, quase fluorescente no escuro. E seu corpo parecia menor, como se o Ferimento de alguma

Forma o tivesse feito diminuir de tamanho, e a atrofia já começasse a se espalhar. Seus olhos estavam fechados.

— Pablo? — chamou Jeff, tocando-lhe o ombro.

Os olhos do grego se abriram, trémulos, e ele olhou para Jeff, em seguida para Stacy e Mathias. Não disse nada. Depois de um instante, tornou a fechar os olhos.

— É grave, né? — perguntou Stacy.

— Não sei — disse Jeff. — É difícil dizer — e em seguida, como isso parecia uma mentira -, acho que sim.

Mathias permanecia calado, com os olhos baixos e fixos em Pablo, o rosto grave. Uma brisa havia começado a soprar, e, sem o sol, a noite começava a esfriar. O suor de Jeff estava secando, e seus braços começavam a se arrepiar.

— E agora? — perguntou Stacy.

— Vamos pôr ele na barraca. Você pode ficar sentada com ele enquanto a gente tira os outros - Jeff olhou para ela rapidamente, perguntando-se se ela iria protestar, mas ela não o fez. Ainda tinha os olhos fixos em Pablo. Jeff debruçou-se sobre o buraco e gritou lá para dentro:

— A gente vai levar ele pra barraca. Depois a gente volta. Tá?

— Rápido — gritou Amy.

Tiveram dificuldade para desfazer os nós que uniam a maca às tiras de nylon, e Mathias acabou pegando a faca e cortando-os. Em seguida, ele e Jeff carregaram Pablo pelo topo do morro até a barraca laranja, movendo-se devagar, tentando não sacudi-lo, enquanto Stacy vinha atrás sussurrando:

— Cuidado... cuidado... cuidado.

Depositaram-no do lado de Fora da barraca, e Jeff abriu o zíper. Entrou lá para abrir um espaço para a maca, mas na mesma hora, assim que respirou o ar parado, percebeu que era uma má ideia. Virou-se, tornou a sair.

— A gente não pode pôr ele lá dentro — disse ele. — A bexiga dele... Ele vai continuar vazando xixi.

Mathias e Stacy baixaram os olhos para Pablo.

— Mas a gente não pode simplesmente deixar ele aqui Fora - disse Stacy.

— A gente vai ter que armar algum tipo de abrigo — Jeff tornou a acenar em direção ao topo do morro. - Pode usar o que sobrou da barraca azul.

Os outros dois ponderaram a questão, em silêncio. Os olhos de Pablo estavam fechados; sua respiração agora desenvolvera um chiado, uma aspereza de muco.

— Vamos puxar a Amy e o Eric, e depois a gente resolve. Tá?

Stacy aquiesceu. Então, Jeff e Mathias correram de volta para junto do duto.

Pablo começou a tremer. Em um instante, estava apenas deitado ali, de olhos Fechados, Stacy pôde ver que ele não estava dormindo, mas estava calado; e, no instante seguinte, tremia tão violentamente que ela começou a se perguntar se ele estava tendo algum tipo de convulsão. Não sabia o que fazer. Queria chamar Jeff, mas podia ouvir o guincho rangendo. Estavam puxando Amy e Eric do buraco, e ela sabia que não podia interrompê-los. Os cintos ainda estavam bem apertados em volta do corpo de Pablo, nas coxas, no peito, na testa, e ela desejou poder afrouxá-los, mas não tinha certeza se podia fazer isso. Tocou a mão de Pablo, e ele abriu os olhos e encarou-a. Disse alguma coisa em grego, sua voz soou rouca, fraca. Ele ainda estava tremendo; ela podia ver que lutava contra o tremor, mas não conseguia parar.

- Está com frio? - perguntou Stacy. Abraçou o próprio corpo, enterrou a cabeça nos ombros, e fez uma mímica de alguém que sente frio.

Pablo fechou os olhos.

Stacy se levantou e entrou na barraca feito uma flecha. Lá dentro estava ainda mais escuro do que do lado de fora, mas, tateando de quatro no chão, ela conseguiu encontrar um dos sacos de dormir. Levantou-se com ele, com a intenção de sair depressa e enrolá-lo em volta do corpo de Pablo, e então sentiu uma súbita hesitação, a tentação de, em vez disso, deitar-se, encolher-se ali naquela imobilidade bolorenta, esconder-se. Essa tentação durou apenas um instante. Stacy sabia que era inútil: não havia como se esconder ali; e deixou o instante passar. Quando tornou a

pôr o pé do lado de fora, o grego ainda tremia. Stacy depositou o saco de dormir por cima de seu corpo, em seguida sentou-se ao seu lado, estendendo a mão para segurar a sua. Sentiu que deveria falar, que deveria encontrar palavras para tranquilizá-lo, mas foi incapaz de pensar em uma coisa sequer para dizer. Ele estava deitado com a espinha quebrada no meio de suas próprias fezes e de sua própria urina, cercado por desconhecidos que não falavam a sua língua. Como é que ela poderia esperar melhorar essa situação?

Uma leve brisa soprava, fazendo a barraca inflar. As plantas também pareciam estar se movendo: mudando de posição, sussurrando. Estava escuro demais para ver qualquer coisa; havia apenas ela e Pablo e a barraca, e, em algum lugar fora de seu campo de visão, do outro lado do topo do morro, o crec, crec, crec do guincho. Logo, Amy ou Eric surgiriam das sombras, vindo se sentar junto a ela e Pablo, e as coisas então ficariam mais fáceis. Foi isso que Stacy disse a si mesma: Este é o momento mais difícil, aqui, sozinha com ele.

Ela não estava gostando daquele farfalhar. Parecia que havia mais coisas acontecendo ali do que poderia ser explicado pelo vento. Havia coisas se movendo; havia coisas chegando mais perto. Stacy pensou nos maias, com seus arcos e flechas, e precisou reprimir o impulso de fugir, de soltar a mão de Pablo e sair correndo pelo topo do morro, rumo a Jeff e os outros. Mas aquilo era uma bobagem, é claro, tão bobo quanto sua Fantasia de se esconder dentro da barraca. Ela não tinha para onde correr. Se os sons fossem o que ela temia, então tentar fugir apenas prolongaria seu terror, aumentaria seu sofrimento. Melhor terminar tudo agora, depressa, com uma flecha vinda da escuridão.

Ficou sentada, contraída, esperando aquilo acontecer, com o ouvido apurado para escutar o estalo suave do arco, enquanto aquele farfalhar furtivo entre as plantas

continuava, mas a flecha não veio. Por fim, Stacy não aguentou mais o suspense, a expectativa.

— Oi? — chamou.

A voz de Jeff chegou até ela, vinda do outro lado do cume.

— O quê? — O guincho havia cessado seus rangidos.

— Nada - gritou ela. E então, quando o guincho recomeçou a girar, repetiu aquela palavra, agora em um sussurro: — Nada, nada, nada.

Pablo se mexeu e ergueu os olhos para ela. A mão dele lhe pareceu fria, estranhamente úmida, como alguma coisa que apodrece em um porão. Ele lambeu os lábios.

— Nada? — disse, com a voz roufenha. Stacy aquiesceu, sorriu.

— Isso — disse ela. — Não é nada. — E então ficou sentada ali, esperando os outros virem se juntar a ela, lutando para acreditar que era verdade, que não era nada; o vento, sua imaginação: ela estava inventando monstros na noite. - Não é nada - continuou a sussurrar. - Não é nada. Não é nada. Não é nada.

Amy havia perguntado a Eric se podia segurar sua mão. Não estava com medo, explicara; mas estava tão escuro ali dentro do buraco que ela precisava de algum tipo de contato, precisava de mais do que o som da voz dele para lhe garantir que ele de fato estava ali ao seu lado. Ele concordou, é claro, e, embora no início tenha sido um pouco esquisito, ficar ali sentada no chão pedregoso do duto, de mãos dadas com o namorado da sua melhor amiga, ela logo passou a se sentir à vontade com aquilo.

Isso foi enquanto esperavam Jeff e Mathias voltarem da barraca laranja e baixarem a corda para dentro do buraco. Ela e Eric passaram o tempo inteiro falando, sem parar, como se pressentissem algum perigo até mesmo no mais breve dos silêncios. O perigo de pensar, supôs Amy, de parar e avaliar onde estavam, com o que estavam lidando. Tinha a sensação de que estavam sentados à beira de algum precipício perigosamente alto, sentindo a terra muito

longe lá embaixo, mas tentando não baixar os olhos para vê-la. Falar parecia mais seguro do que pensar, mesmo que acabassem falando justamente do que estava ocupando seus pensamentos. Porque, com o falar, havia pelo menos uma chance de reconforto, uma chance de animarem e incentivarem um ao outro de uma forma impossível de se fazer sozinho. E havia também a possibilidade de mentir, caso fosse necessário. Conversaram sobre o joelho de Eric (doía quando ele apoiava o peso do corpo em cima, mas havia parado de novo de sangrar, e Amy lhe garantiu que iria sarar). Conversaram sobre quão sedentos estavam, e sobre quanto tempo sua água iria durar (muito sedentos, e só mais um ou dois dias, embora ambos concordassem que provavelmente conseguiriam colher água da chuva suficiente para sustentá-los na dificuldade). Conversaram sobre se os outros gregos chegariam pela manhã (provavelmente, disse Eric, e Amy concordou, embora soubesse que eles estavam apenas esperando que aquilo fosse verdade). Conversaram sobre a possibilidade de fazer sinal para um avião que passasse, ou de um deles se esgueirar pelos maias no meio da noite, ou de os maias simplesmente perderem o interesse em algum momento e tornarem a desaparecer na mata, deixando aberto o caminho para sua fuga.

A única coisa sobre a qual não conversaram foi Pablo. Pablo e sua espinha quebrada.

Conversaram sobre o que fariam quando finalmente conseguissem voltar para o hotel, a primeiríssima coisa, debatendo os méritos de suas diferentes escolhas, até se tornar doloroso demais pensar nisso por mais tempo: as refeições que ambos sonhavam em fazer os faziam sentir fome demais; a cerveja gelada os fazia sentir sede demais, e o chuveiro, sujos demais.

A corrente de ar frio ia e vinha, mas nada fazia para remover do duto o cheiro das fezes de Pablo. Amy precisava respirar pela boca, mas, mesmo assim, o fedor conseguia

atingi-la; ela começou a ter a sensação de que aquilo era uma espécie de tinta na qual ela havia sido mergulhada, como se nunca fosse se libertar daquilo. Eric perguntou se ela conseguia ver alguma coisa no escuro, luzes flutuando, balançando-se suavemente na sua direção.

— Ali — disse ele, e sua mão tateou à procura do queixo dela, virou sua cabeça para a esquerda, segurou-a ali. — Uma esfera azulada, parecida com um balão. Não está vendo?

Mas ela não estava vendo; não havia nada ali.

Jeff gritou para baixo que estavam de volta. Tudo que precisavam fazer era fabricar uma tipóia, e os içariam.

Amy e Eric debateram quem deveria subir primeiro, ambos oferecendo ao outro essa oportunidade. Amy insistiu para que fosse Eric, pois ele estava ferido e já havia passado várias horas sozinho dentro do buraco. Ela jurou que não estava com medo, disse que seriam só um ou dois minutos, que não fazia diferença. Mas Eric não quis nem ouvir falar nisso; recusou-se de cara, e por fim, com um alívio secreto, porque na verdade estava com medo, porque fazia diferença, Amy aceitou sua decisão.

O guincho começou a ranger. Jeff e Mathias estavam descendo a corda.

Estava escuro demais para ver a tipóia se aproximando. Os dois ficaram sentados olhando para cima, sem ver nada, e então o rangido parou.

— Pegaram? — gritou Jeff.

Eric e Amy se levantaram ainda de mãos dadas, e estenderam os braços livres, balançando-os devagar da frente para trás, até Amy sentir o contato do nylon frio da tipóia; este pareceu se materializar da escuridão diante de seus dedos.

— Está aqui - disse ela, e guiou Eric até lá. Ficaram parados por um instante, ambos segurando a tipóia. Amy gritou lá para cima:

— Pegamos!

— Avisa à gente quando for para puxar — respondeu Jeff. Amy podia sentir Eric respirando ao seu lado.

— Tem certeza? — perguntou.

— Claro - disse ele. E então riu, ou fingiu rir. - Só não esquece de mandar para baixo de novo.

— Como é que eu faço?

— Passa por cima da cabeça. Ajeita debaixo do braço.

Ela soltou sua mão, passou o braço pela abertura da tipóia, depois a cabeça. Eric ajudou-a, ajustando a corda debaixo de suas axilas.

— Tem certeza de que está tudo bem? — ela tornou a perguntar.

De alguma forma, pôde senti-lo aquiescer no escuro, interrompendo-a.

— Quer que eu grite?

— Eu posso gritar — disse ela. Eric não respondeu. Ficou parado ao lado dela, com uma das mãos apoiadas de leve sobre seu ombro, esperando que Amy gritasse. Ela inclinou a cabeça para trás e berrou:

— Pronto!

E então o guincho começou a ranger, e de repente ela começou a subir pelo ar, com os pés dependurados, e a mão de Eric caiu de seu ombro, desaparecendo na escuridão atrás dela.

O trinado recomeçou. No início, pareceu estar vindo de cima de Eric; depois estava bem na sua frente, praticamente a seus pés. Ele estendeu a mão em direção ao som, tateando, mas só encontrou mais plantas, cujas folhas pareceram escorregadias sob seus dedos, pegajosas até, como a pele de algum anfíbio noturno.

O guincho parou de ranger, deixando Amy pendurada em algum ponto acima dele.

- Está vendo o telefone? - gritou Jeff.

Eric não respondeu. O trinado agora havia se afastado em direção ao duto aberto à sua frente, e em seguida para dentro dele, para baixo, ficando cada vez mais débil.

- Eric? - gritou Amy.

Havia um balão amarelo pálido flutuando à sua frente. Não era de verdade, claro, era apenas uma peça que seus próprios olhos estavam lhe pregando, e ele sabia disso. Então, por que o trinado seria real? Ele não iria seguir o barulho do duto adentro, não iria se mover, estava decidido a permanecer agachado ali, com uma das mãos sobre a lâmpada sem óleo, e a outra sobre a caixa de fósforos, esperando a tipóia descer novamente ao seu encontro.

- Não consigo ver — gritou para os outros lá em cima. O guincho recomeçou a ranger.

O ferimento em seu joelho não parava de latejar. Ele estava com dor de cabeça; estava com fome, com sede. E agora também estava cansado. Tentava não pensar em tudo sobre o que ele e Amy haviam conversado, tentando preencher a própria mente com estática, porque agora, sozinho ali, era muito mais difícil continuar acreditando nas perspectivas esperançosas que haviam criado. Os maias não iriam embora — qual deles havia proposto uma ideia tão tola? E como imaginavam que poderiam ser capazes de fazer sinal para um avião ajudá-los, já que este voaria tão alto acima deles, tão depressa, tão pequenino no céu? Chipolata, pensou, esforçando-se para pensar em outra coisa. Credenciais. Colisão. Celestial. Cadáver. Circunstancial. Curvilíneo. Cumulativo. Cavaleiresco. Circunavegar.

O trinado parou. E então, um segundo depois, o guincho parou também. Eric pôde ouvi-los ajudando Amy a retirar a tipóia.

E se os gregos não viessem? Ou, caso viessem, e se simplesmente ficassem presos ali no morro junto com eles? Derrisório, pensou. Dilapidado. Decadente. E se não chovesse? Como fariam para beber água? Deleitável, pensou. Divindade. Druida. Jeff havia lhe dito que precisava limpar o corte em seu cotovelo, e que até mesmo algo pequeno assim poderia infeccionar muito depressa naquele clima, e agora ele estava com um corte muito mais

profundo no joelho, sem ter como limpá-lo. Poderia até gangrenar. Dobradiça, pensou. Desastroso. Desviante.

E Pablo... e Pablo, com sua espinha quebrada?

O rangido recomeçou, e Eric se levantou. Efervescente, pensou. Eunuco. Estava com os fósforos em uma das mãos, a lamparina na outra, e ergueu os braços, segurando-os às cegas na frente do corpo, esperando a chegada da tipóia.

Stacy e Amy se sentaram uma ao lado da outra na grama, a poucos metros da maca de Pablo. Estavam de mãos dadas, vendo Jeff examinar o joelho de Eric. Eric havia abaixado a calça com cuidado, fazendo uma careta ao afastar a roupa do Ferimento, com o pano arrancando o sangue seco. Jeff se agachou ao seu lado, esforçando-se sem sucesso para avaliar, no escuro, a gravidade do Ferimento de Eric. Por fim, desistiu; aquilo teria de esperar até de manhã. Tudo que importava, por ora, era que havia parado de sangrar.

Mathias estava construindo um abrigo para Pablo, usando o silver tape para fabricar uma frágil tenda com o que restara do nylon e das barras de alumínio da barraca azul.

— Alguém provavelmente devia ficar de guarda enquanto os outros dormem — disse Jeff.

— Por que a gente precisa de alguém de guarda? - perguntou Amy.

Jeff meneou a cabeça na direção de Pablo. Havia retirado os cintos, e ele agora estava deitado na maca, de olhos fechados.

— Caso ele precise de alguma coisa - disse Jeff. - Ou... - ele deu de ombros, olhou para a clareira em volta, em direção à trilha que descia a colina. Os maias, pensou, mas não quis dizer em voz alta. — Não sei. Parece o mais sensato, só isso. Ninguém disse nada. Mathias rasgou um pedaço de silver tape com os dentes.

— Turnos de duas horas — disse Jeff. — O Eric pode pular o dele.

Eric estava sentado, parecendo tonto, com as calças emboladas em volta dos tornozelos. Jeff não conseguia ver

se ele estava escutando.

— Eu estava pensando que a gente poderia começar a coletar nosso xixi, também. Só pra garantir.

— Nosso xixi? — perguntou Amy. Jeff aquiesceu.

— Pra se a gente ficar sem água antes de chover. A gente pode se aguentar um tempinho bebendo...

— Eu não vou beber o meu próprio xixi, Jeff. Stacy assentiu, concordando.

— De jeito nenhum — falou ela.

— Se a gente chegar no ponto onde a escolha vai ser beber xixi ou morrer de...

— Você disse que os gregos iam chegar amanhã — protestou Amy. — Você disse...

— Eu só estou tentando ser cuidadoso, Amy. Ser esperto. E pensar no pior que pode acontecer faz parte de ser esperto. Porque, se acontecer mesmo, vai ser bom a gente ter planejado. Certo?

Ela não respondeu.

— O nosso xixi vai ficar mais concentrado à medida que a gente for ficando desidratado — continuou Jeff. — Então a hora de começar a guardar é ora.

Eric balançou a cabeça e esfregou o próprio rosto, cansado.

— Meu Deus — disse. — Pelo amor de Deus, porra. Jeff ignorou-o.

— Amanhã, assim que clarear, a gente vai avaliar quanta água ainda tem, e como é que vai precisar racionar. Mesma coisa com a comida. Por enquanto, eu acho que cada um devia tomar um gole, e depois fazer o possível pra dormir um pouco - ele se virou para Mathias, que ainda trabalhava na tenda. — Você está com aquela garrafa vazia?

Mathias tornou a se aproximar da barraca laranja. Sua mochila estava jogada no chão, ao lado dela. Ele a abriu, vasculhou lá dentro durante alguns instantes, e em seguida sacou a garrafa d'água vazia. Entregou-a para Jeff.

Jeff ergueu a garrafa na frente dos outros; era uma garrafa de dois litros.

— Se precisarem fazer xixi, usem isto aqui. Tá bom? Ninguém disse nada.

Jeff pôs a garrafa ao lado da entrada da barraca.

— Mathias e eu vamos terminar o abrigo do Pablo. Depois eu vigio o primeiro turno. Os outros deveriam tentar dormir um pouco.

Conversaram durante tempo suficiente para concordar que não deveriam conversar, que isso simplesmente os deixaria agitados, deitados na barraca escura, sussurrando uns para os outros. Stacy estava no meio, entre Eric e Amy, deitada de costas, de mãos dadas com os dois. Haviam deixado espaço suficiente para Mathias do outro lado de Amy. Ainda havia dois sacos de dormir na barraca, mas fazia calor demais para pensar em usá-los. Eles os haviam empurrado, junto com todas as outras coisas, as mochilas, a caixa de ferramentas de plástico, as botas de caminhada, a jarra d'água, para formar uma pilha junto à divisória dos fundos da barraca. Durante um tempinho, cogitaram beber um pouco da água, sussurrando como conspiradores, agachados por sobre a jarra de plástico. Foi Amy quem fez a sugestão, como se aquilo fosse uma brincadeira, com a mão suspensa acima da tampa. Era difícil dizer se ela estava falando sério; talvez, se tivessem concordado, ela houvesse tomado um gole grande, ruidoso, mas, quando eles sacudiram as cabeças, insistindo que não seria justo com os outros, ela rapidamente deixou a jarra de lado, rindo. Stacy e Eric também riram, mas, no escuro, aquilo pareceu estranho, na promiscuidade mofada da barraca, e eles rapidamente se calaram.

Eric tirou os sapatos, e então Stacy ajudou-o a terminar de tirar a calça. Ela e Amy permaneceram vestidas. Stacy não se sentia segura o bastante para se despir; queria estar pronta para correr. Imaginava que Amy sentisse a mesma coisa, embora nenhuma das duas tenha admitido isso.

Não, é claro, que houvesse algum lugar para onde correr. Stacy permaneceu deitada, completamente imóvel, ouvindo os outros dois respirarem, tentando adivinhar se estariam próximos do sono. Ela não estava; estava cansada quase a ponto de chorar, mas não achava que jamais fosse capaz de descansar naquele lugar. Podia ouvir Jeff e Mathias conversando baixinho do lado de Fora da barraca, sem conseguir distinguir o que diziam. Depois de algum tempo, Amy soltou sua mão, virando as costas para ela, rolando de lado, e Stacy quase soltou um grito para chamá-la de volta. Em vez disso, moveu-se mais para perto de Eric, apertando o corpo junto ao dele. Ele virou a cabeça em sua direção, começou a Falar, mas ela levou um dedo aos seus lábios, fazendo-o calar. Recostou a cabeça em seu ombro, aninhando-se. Podia sentir o cheiro de seu suor, e pôs a língua para Fora, lambendo sua pele, sentindo o gosto de sal. Sua mão repousava sobre a barriga dele e, sem pensar muito, ela a escorregou para baixo, passando-a pelo elástico da cintura de sua cueca. Tocou-lhe o pênis, hesitante, sentindo a maciez do órgão em repouso, e deixou os dedos descansarem ali. Não estava pensando em sexo; estava cansada demais, assustada demais para ter qualquer motivação para isso.

O que estava buscando era reconforto. Tateava às cegas em busca disso, sem saber como encontrar, tentando aquele caminho específico somente por não conseguir pensar em nenhum outro. Queria deixá-lo duro, queria punhetá-lo, queria sentir seu corpo se arquear enquanto o esperma jorrava de dentro dele. Achava que isso lhe traria algum reconforto, alguma sensação ilusória de segurança.

Então foi isso que ela fez. Não demorou muito. O pênis dele endureceu devagar sob seu toque, e ela começou a acariciá-lo, depressa, franzindo o rosto com o esforço. A respiração dele se acelerou, com um arquejo brotando lá do fundo, e então, bem na hora em que o braço dela estava começando a doer por causa do movimento, transformou-se

em um gemido na hora em que ele gozou. Stacy escutou o primeiro jato grosso de esperma se derramar, úmido, sobre o chão da barraca ao lado dele. Pôde sentir seu corpo relaxar em seguida, pôde até sentir o instante em que ele adormeceu, com a tensão se esvaindo de seus músculos. Aquela abrupta sensação de alívio foi contagiante, aquele súbito relaxamento, como um vazio percorrendo seu corpo, e, diante dele, seu medo pareceu recuar um passo, mesmo que temporariamente. Mas aquilo bastou; era tudo de que ela precisava. Porque naquele curto instante, de alguma forma, por milagre, com a mão ainda em volta do pênis melado e cada vez mais flácido de Eric, Stacy também caiu no sono.

Amy escutou tudo. Ficou ali deitada ouvindo o furtivo farfalhar de Stacy, os movimentos ritmados de vaivém, cada vez mais rápidos, fazendo acelerar junto com eles a respiração de Eric, seu volume crescente, seu gemido abafado, o silêncio que se seguiu. Em outro contexto, teria achado tudo aquilo engraçado, teria brincado com Stacy de manhã, talvez até tivesse dito alguma coisa na hora do orgasmo, batido palmas, gritado: "Muito bem! Muito bem!" Mas ali, na escuridão abafada da barraca, simplesmente ficou deitada de lado, de olhos fechados, e aguentou firme. Sentiu quando os dois adormeceram, e sentiu uma pontinha de inveja, um desejo de que Jeff estivesse ali para abraçá-la, para tranquilizá-la até ela dormir. Então o zíper da barraca se abriu e Mathias entrou, pé ante pé. Passou por cima do corpo dela e deitou-se no espaço vazio ao seu lado. Foi surpreendente, a rapidez com que ele se juntou aos outros dois e também adormeceu, como se fosse uma camisa que houvesse vestido, ajeitando-a, enfiando-a dentro da calça, alisando os vincos, até, após ter fechado os olhos, começar a roncar. Amy contou seus roncos. Alguns eram tão profundos que ecoavam no ar acima dela, enquanto outros pareciam sussurros, que ela precisava se esforçar para

ouvir. Quando chegou a cem, ela se sentou, rastejou até a entrada da barraca, abriu o zíper, e saiu para a noite.

Lá fora não estava tão escuro quanto do lado de dentro; Amy pôde ver a forma de Jeff ao lado da sombra mais comprida da tenda, pôde senti-lo erguer a cabeça para olhar para ela. Ele não disse nada; ela imaginou que não quisesse acordar Pablo. Ela pegou a garrafa d'água, desabotoou a calça e, agachando-se bem ali em Frente à barraca, com Jeff olhando para ela através da escuridão, começou a urinar. Levou um instante até ajeitar o gargalo debaixo de seu jato e, antes de conseguir, urinou na própria mão. A garrafa já estava pesada com o xixi de outra pessoa: Mathias, supôs Amy; e havia algo de perturbador naquilo, no som de sua urina jorrando para junto da dele, espumando, respingando, misturando-se. Ela não iria beber aquilo, disse a si mesma; a situação não chegaria a esse ponto. Estava apenas fazendo a vontade de Jeff, mostrando-lhe como podia fazer o que lhe pediam. Se ele queria que ela fizesse xixi na garrafa, era isso que ela Faria, mas, pela manhã, os gregos iriam chegar, e nada daquilo teria mais importância. Eles os mandariam buscar ajuda e, quando a noite caísse, tudo estaria resolvido. Ela tampou a garrafa, tornou a colocá-la em seu lugar junto à entrada da barraca, e em seguida levantou a calça, abotoando-a enquanto caminhava na direção de Jeff.

Finalmente a lua havia nascido, mas era uma minúscula e ténue risca prateada suspensa logo acima do horizonte. Não emitia muita luz; Amy conseguia distinguir a Forma das coisas, mas não seus detalhes. Jeff estava sentado de pernas cruzadas, parecendo estranhamente plácido; satisfeito, até. Amy sentou-se no chão ao seu lado, estendeu a mão e segurou a dele, como se esperasse que, ao tocá-lo, fosse conseguir absorver para si um pouco de sua calma. Estava fazendo um esforço consciente para não olhar para debaixo da tenda. Ele está dormindo, disse a si mesma. Ele está bem.

— O que é que você está fazendo? — sussurrou ela.

— Pensando — respondeu Jeff.

— Em quê?

— Estou tentando me lembrar das coisas.

Aquilo fez Amy engasgar, provocando-lhe a sensação de algo que despenca dentro de seu peito, como se ela houvesse tentado acender um interruptor de luz em algum aposento e, em vez disso, tocado o rosto de alguém. Lembrou-se de visitar o pai de sua mãe em seu leito de morte, um velho com uma tosse de fumante, entubado e monitorado, com fluidos límpidos sendo injetados em suas veias, e fluidos escuros saindo dele. Amy tinha seis anos, talvez sete; não soltou a mão de sua mãe nem uma vez sequer, nem mesmo quando a empurraram para a frente para dar um beijo de despedida na bochecha áspera do moribundo.

- O que você está fazendo, pai? - perguntara sua mãe ao velho quando chegaram.

E ele respondera:

- Tentando me lembrar das coisas.

Amy havia chegado à conclusão de que era isso que as pessoas faziam enquanto esperavam a morte; ficavam ali lutando para se lembrar dos detalhes de suas vidas, de todos os acontecimentos que pareciam tão impossíveis de esquecer enquanto estavam acontecendo, das coisas saboreadas, cheiradas e ouvidas, dos pensamentos que pareciam revelações, e agora Jeff também estava fazendo isso. Ele havia desistido. Não iriam sobreviver àquele lugar; iriam terminar iguaizinhos a Henrich, crivados de flechas, com as plantas a se enroscar e florescer ao redor de seus ossos.

Mas não: isso não era verdade, não para Jeff. Ela deveria ter imaginado.

- Existe um jeito de destilar urina - disse ele. - Tem de cavar um buraco. Colocar o xixi lá dentro, em um recipiente aberto. Cobrir o buraco com uma lona impermeável, e

colocar uns pesos para segurar ela no lugar. No centro, colocar uma pedra, para obrigar a lona a se dobrar nesse ponto. E abaixo dele, no buraco, deixar um copo vazio. O sol esquentava o buraco. A urina evapora, e depois se condensa de novo em cima da lona. As gotinhas de água escorrem até o centro, e pingam dentro do copo. Isso te parece coerente? Amy só fazia encará-lo. Havia parado de acompanhar quase desde o início. Mas não tinha importância; sabia que Jeff, na verdade, não estava falando com ela. Estava pensando em voz alta, e talvez sequer a tivesse escutado caso ela houvesse se dado ao trabalho de responder.

- Tenho quase certeza de que é isso — falou ele. — Mas tenho a sensação de que estou esquecendo alguma coisa. — Ele tornou a se calar, refletindo a respeito. Ela não conseguia distinguir o seu rosto à luz débil, mas podia imaginá-lo com facilidade. O cenho estaria levemente franzido, enrugado na testa. Seus olhos pareceriam estar apertados para vê-la melhor, com intensidade, mas isso seria uma impressão. Ele estaria olhando através dela, além dela. — Nem precisa ser xixi — disse ele, por fim. — A gente também poderia cortar a trepadeira. Pôr ela dentro do buraco. O calor vai sugar toda a umidade da planta.

Amy não soube como responder a isso. Desde que haviam chegado ali Jeff se mostrava ansioso, com a voz mais aguda do que o normal, os gestos exagerados. Ela supôs que fosse um mero indício de ansiedade, o mesmo medo, o mesmo nervosismo que o resto deles estava sentindo. Mas percebia agora que talvez não fosse isso; talvez fosse algo mais inesperado. Talvez fosse animação. Amy teve a súbita sensação de que Jeff havia passado a vida inteira se preparando para algo assim, alguma crise, algum desastre, estudando para isso, treinando, lendo seus livros, memorizando seus fatos. Atrás dessa ideia veio a consciência de que, se alguém fosse tirá-los dali, essa pessoa seria Jeff. Ela sabia que aquilo deveria tê-la feito se sentir mais segura, e não menos, mas não foi o que

aconteceu. Aquilo a incomodou; ela quis se afastar dele, tornar a se esgueirar para dentro da barraca. Ele parecia feliz; parecia satisfeito por estar ali. E essa possibilidade a fazia querer chorar.

Eu não vou beber xixi, ela queria dizer. Mesmo destilado, não vou.

Em vez disso, ela ergueu a cabeça, farejou o ar. Havia nele o aroma suave, levemente almiscarado, de madeira queimando, um cheiro de fogueira, e ela sentiu seu estômago roncar em resposta. Estava com fome, percebeu; não haviam comido nada desde a manhã.

— Isso é fumaça? — sussurrou.

— Eles acenderam fogueiras — disse Jeff. Ele ergueu o braço e fez um gesto circular que englobava todos eles. — Em volta do sopé do morro.

— Pra cozinhar? — perguntou ela. Ele fez que não com a cabeça.

— Pra poderem ver a gente. Pra terem certeza de que a gente não vai tentar se esgueirar por eles no escuro.

Amy absorveu aquela informação, junto com todas as suas implicações, com a sensação de estar sitiada. Havia perguntas que ela sabia que deveria estar lhe fazendo, portas que se abriam a partir daquele corredor específico, conduzindo a quartos que precisavam ser explorados, mas ela não achava que tivesse coragem para as respostas dele. Então permaneceu calada, com o medo a espantar sua fome, e o estômago a se contrair e se agitar.

— De manhã vai ter orvalho - disse Jeff. - A gente pode amarrar uns trapos nos nossos tornozelos e andar pelo meio das plantas, e os trapos vão absorver a umidade. Depois a gente pode torcer eles. Não vai ser muita coisa, mas...

- Para - disse ela. Não pôde se conter. - Por favor, Jeff. Ele se calou, encarando-a através da escuridão.

- Você disse pra gente que os gregos iriam vir — falou ela. Ele hesitou, como se escolhesse entre diversas respostas possíveis. Então,

bem baixinho, disse:

- Foi.

- Então não faz diferença.

- Acho que não.

- E vai chover, também. Sempre chove.

Jeff aquiesceu sem dizer nada. Amy sabia que ele estava fazendo a sua vontade. E tudo bem; ela queria que ele fizesse a sua vontade, queria que ele lhe dissesse que estava tudo bem, que eles seriam resgatados no dia seguinte, que jamais precisariam cavar um buraco para destilar a própria urina, jamais precisariam amarrar trapos nos tornozelos e andar de um lado para o outro pelo topo do morro para coletar orvalho. Um pouquinho de orvalho, espremido de trapos sujos — como era possível terem chegado ao ponto de isso ser assunto de conversa?

Ficaram sentados em silêncio, ainda de mãos dadas, a mão direita dela presa na mão esquerda dele. Ela se lembrava de sair de um cinema certa vez, em seu segundo encontro, de como Jeff havia estendido o braço para passá-lo por dentro do dela. Estava chovendo; eles haviam compartilhado um guarda-chuva, aproximando-se mais um do outro enquanto caminhavam. Ele era mais tímido do que ela imaginava; mesmo naquela noite, tão perto dela, com a chuva a tamborilar sobre o tecido esticado poucos centímetros acima de suas cabeças, não ousara lhe dar um beijo de boa noite. Isso iria acontecer depois, dali a mais ou menos uma semana, e tinha sido bom assim; isso conferia peso às outras coisas, aos pequenos gestos, ao braço dele segurando o dela enquanto saíam debaixo da marquise muito iluminada para as ruas escorregadias de chuva. Ela quase falou nisso agora, mas em seguida se conteve, preocupada de ele não ter nenhuma lembrança daquele instante, de que o que havia parecido a ela tão tocante, tão prazeroso, tivesse sido para ele um gesto sem importância, uma reação ao tempo inclemente, e não um passo tímido rumo ao seu coração.

Um vento se ergueu, breve, e por um instante Amy quase sentiu frio. Mas então o vento parou, e o calor voltou. Ela suava; estava suando desde que pusera o pé para fora do ônibus, agora tantas horas atrás, em uma outra era, inteiramente diferente. Pablo mexeu a cabeça, resmungou alguma coisa, e em seguida se calou. Era preciso um esforço para não olhar para ele; ela precisou fechar os olhos.

- Você devia estar dormindo - disse Jeff.

- Não consigo.

— Vai precisar dormir.

— Já falei que não consigo — Amy sabia que estava soando zangada, desaforada; estava fazendo aquilo de novo: reclamando, estragando tudo, arruinando aquele instante de tranquilidade que eles haviam conseguido construir juntos, aquela falsa sensação de paz, e desejou poder retirar as palavras, aliviá-las de alguma forma, e em seguida recostar a cabeça no colo de Jeff para ele poder niná-la até ela dormir. Sua mão esquerda estava melada de urina. Ela levou-a ao nariz, cheirou. Em seguida, abriu os olhos e, sem querer fazê-lo, olhou para Pablo. Eles haviam retirado o saco de dormir de cima dele. Ele estava deitado de costas debaixo da pequena tenda, com os braços dobrados por cima do peito. Seus olhos estavam fechados. Dormindo, ela reconfortou a si mesma. Descansando. Não era possível ver o ferimento, pois este era no interior de seu corpo: as vértebras esmigalhadas, a medula comprimida; mas era bem fácil imaginar. Ele parecia encovado, envelhecido. Parecia murcho, diminuído. Amy não conseguia entender como aquela transformação podia ter acontecido tão depressa. Lembrou-se dele em pé ao lado do buraco, segurando junto à orelha aquele telefone imaginário, acenando para que se aproximassem; parecia impossível que aquele corpo maltratado pudesse pertencer à mesma pessoa. Havia tirado sua calça; ele estava nu da cintura para baixo, e suas pernas pareciam erradas, tortas, de

alguma forma, como se ele houvesse sido jogado ali de qualquer maneira. Amy pôde ver seu pênis, quase escondido no tufo escuro de seus pêlos pubianos. Ela desviou os olhos.

— Vocês tiraram a calça dele — disse.

- A gente cortou.

Amy imaginou os dois, Jeff e Mathias, inclinados por cima da maca com a faca, um deles cortando, o outro segurando as pernas de Pablo para mantê-las no lugar. Mas não: não teria sido preciso segurar as pernas de Pablo, é claro — essa era justamente a questão. Mathias era igual a Jeff, pensou Amy: cabeça baixa, olhos focados, um sobrevivente. Seu irmão estava morto, mas ele era disciplinado demais para lamentar. Devia ter sido ele quem manejara a faca, imaginou ela, enquanto Jeff ficava agachado ao seu lado, afastando as tiras de brim, já pensando em como poderia usá-las, as que não estivessem sujas demais, em como poderia amarrá-las a seus tornozelos pela manhã e recolher o orvalho para beber. Ela sabia que, se fosse Mathias, ainda estaria no sopé do morro, agarrada ao corpo putrefato do irmão, soluçando, gritando. E de que isso iria adiantar para qualquer um deles?

— A gente precisa conseguir manter ele limpo — disse Jeff.

— É assim que vai acontecer, eu acho. Se acontecer.

Novamente o mesmo vento soprou, fazendo-a sentir frio. Amy estremeceu. Estava respirando pela boca, tentando não sentir o cheiro das fogueiras acesas no sopé do morro.

— Se acontecer o quê? — perguntou ela.

— Se ele morrer aqui. Vai ser de infecção, acho. Septicemia, talvez... alguma coisa assim. Na verdade, não tem nada que a gente possa fazer para evitar isso.

Amy se mexeu de leve, soltando a mão de dentro da de Jeff. Ninguém deveria pronunciar aquelas palavras, mas mesmo assim ele fizera isso, e de forma muito casual, como alguém que espanta uma mosca. Se ele morrer aqui. Amy sentiu necessidade de dizer alguma coisa, de afirmar alguma outra

realidade - mais benigna, mais esperançosa. Os gregos chegariam pela manhã, ela quis lhe dizer. Nesta mesma hora, amanhã, todos estariam salvos. Ninguém precisaria beber nenhuma urina, nenhum orvalho. E Pablo não iria morrer. Mas ela permaneceu calada, e na verdade sabia exatamente por quê. Estava com medo de Jeff contradizê-la. Jeff bocejou, espreguiçando-se, erguendo os braços acima da cabeça.

— Está cansado? — perguntou ela. Ele fez um gesto vago no escuro. Amy acenou na direção da barraca.

— Por que você não vai dormir? Eu posso ficar sentada aqui com ele. Não tem problema.

Jeff olhou para o relógio, apertando um botão para fazê-lo acender por um instante. Um verde pálido: se ela tivesse piscado, não teria visto. Ele não disse nada.

— Quanto falta para terminar o seu turno? — perguntou ela.

— Quarenta minutos.

— Vou somar com o meu. Não consigo dormir, mesmo.

— Não precisa.

— Sério - insistiu ela. - De que adianta ficarem os dois acordados?

Ele tornou a olhar para o relógio, para aquela fluorescência verde; ela quase pôde ver o rosto dele no brilho, a protuberância de seu queixo. Ele virou-se para ela.

— Estou pensando em descer o morro — disse.

Amy sabia o que ele estava dizendo, mas não se permitiu admitir.

— Por quê?

Ele acenou para atrás de onde ela estava, depois da barraca.

— Tem um ponto onde as fogueiras estão mais afastadas. Pode ser que seja possível passar por ali sem eles verem.

Ela pensou no irmão de Mathias, nas flechas em seu corpo. Não, pensou. Não. Mas não falou nada. Queria acreditar que ele conseguiria fazer isso, que conseguiria se mover como um fantasma pela clareira, rastejando devagar, em silêncio,

invisível, passando pelos maias que estavam ali de guarda. Depois entrar na mata, em meio às árvores - correndo.

— Imagino que eles devam estar vigiando as trilhas. Se eu descer direto pelo meio das plantas... — Ele se calou, à espera da reação de Amy.

— Você tem que tomar cuidado - disse ela. Era o melhor que podia fazer.

— Vou só ver se dá. Só vou tentar se parecer liberado.

Ela assentiu, sem ter certeza se ele podia vê-la. Ele se levantou, em seguida se curvou para amarrar um dos cadarços.

— Se eu não voltar — disse ele —, você sabe onde estou.

Correndo, ele queria dizer. Indo buscar ajuda. Mas o que ela imaginou foi novamente o cadáver de Henrich, com os ossos do rosto aparecendo.

— Tá — disse ela, pensando: Não. Pensando: Não faz isso. Pensando: Pára. Então ficou sentada ali, junto a Pablo, e viu-o se afastar sem dizer mais nenhuma palavra e sumir na escuridão.

Eric acordou por um breve instante, quando Jeff passou pela barraca. Ficou deitado de costas, perguntando-se onde estava. Estava com sede, e sua perna doía, e estava mais escuro do que parecia que deveria estar. Então se lembrou de tudo, do dia todo, de uma só vez. Os maias com seus arcos, sua descida para o buraco, Amy e ele jogando o corpo de Pablo sobre a maca. Esse último pedaço foi demais para ele, horrível demais; ele afastou a imagem, sentindo-se péssimo.

Stacy havia rolado para longe dele, e ele pôde ouvir alguém roncando no outro canto da barraca. Mathias, supôs. Perguntou-se que horas seriam, como estaria Pablo, e pensou em se levantar para ir verificar. Mas estava cansado demais; o impulso veio e se foi, e em seguida seus olhos tornaram a se fechar. Ele enfiou a mão pela cintura da cueca e coçou a virilha; estava melada. Só então se lembrou de Stacy fazendo-o gozar. Havia mais alguma coisa ali

também, no escuro, alguma coisa macia, hesitante, mas insistente, como uma teia de aranha, roçando em sua perna. Ele tentou chutá-la para longe, rolou de lado, e voltou a dormir.

Jeff passou bem entre as plantas, fazendo uma curva rumo ao sopé do morro. Os maias haviam acendido fogueiras em toda volta da margem da clareira, espaçadas regularmente, e próximas o suficiente para que a luz de uma se fundisse com a da seguinte. Mas duas delas estavam ligeiramente mais afastadas, com uma estreita faixa de sombra entre elas. Não era muito; Jeff sabia que apenas aquilo não seria suficiente. Teria de haver algum outro fator para ajudá-lo, uma falha de vigilância, um cochilo de um dos maias, talvez, ou dois deles conversando baixinho, contando alguma história. Ele só precisava de dez segundos, talvez vinte, tempo suficiente para chegar perto da clareira, atravessá-la, e em seguida desaparecer na mata.

Mover-se em meio à planta foi mais difícil do que ele havia previsto. Na maioria dos lugares, ela chegava à altura dos joelhos, mas, em alguns pontos, subia-lhe quase até a cintura. Agarrava-se a ele quando ele passava, enrolando seus talos em torno de suas pernas. Foi um caminho lento, e árduo também: ele precisou parar várias vezes para recuperar o fôlego. Sabia que precisava conservar as forças para o sopé do morro, caso tivesse de correr, se embrenhar na mata, com os maias a gritar, apontando os arcos para ele, o assobio de suas flechas.

Foi depois de uma dessas pausas, quando recomeçou a andar, quando ainda estava na metade da encosta, que os pássaros começaram a grasnar, guinchando, marcando sua passagem pelas plantas. Jeff não conseguia vê-los no escuro. Parou de andar, e as aves se calaram. Mas, assim que deu outro passo, recomeçaram a se manifestar. Os grasnados eram altos, dissonantes; parecia haver todo um bando de pássaros aninhados na encosta do morro. Jeff teve a súbita lembrança de si mesmo quando garoto, visitando o

viveiro de pássaros do zoológico: seu medo do barulho, dos ecos, do abrupto bater de asas. Seu pai havia apontado para a rede de metal pendurada no telhado bem acima deles, havia se esforçado para acalmá-lo, mas aquilo não fora suficiente para Jeff; ele havia chorado, obrigando-os a ir embora. Não havia por que continuar, Jeff sabia: os maias agora saberiam que ele estava chegando. Mas mesmo assim, ele continuou a descer o morro, e o crocitar dos pássaros o acompanhou pela escuridão.

Quando chegou perto do sopé, viu os maias à sua espera. Três homens estavam em pé junto à fogueira da esquerda, e dois junto à da direita. Um deles empunhava uma espingarda; os outros haviam sacado seus arcos, com as flechas em riste. Jeff hesitou, em seguida pôs o pé na borda de terra nua, com a luz vinda das fogueiras a tremeluzir suavemente sobre seu corpo. Os homens com os arcos não pareciam estar olhando para ele; estavam vasculhando o morro mais atrás, como se esperassem que os outros também descessem. O homem da espingarda a ergueu, apontando-a para o peito de Jeff. No mesmo instante, as aves se acalmaram.

Os maias estavam em pé de costas para as fogueiras; era para preservar sua visão noturna, imaginou Jeff. Tinham os rostos ocultos pelas sombras, então ele não teve certeza se eram os mesmos homens que os haviam confrontado mais cedo, ou outros, mais recém-chegados. Havia uma grande panela preta pendurada em um tripé sobre a fogueira da direita, e dela saía um vapor espesso e um cheiro de frango ensopado, de tomates. O estômago de Jeff roncou de fome; ele não pôde evitar: passou um bom tempo parado, olhando fixamente para a panela. Alguém cantava baixinho nas sombras atrás da vasilha, uma voz de mulher, mas então um dos arqueiros deu um assobio agudo, e o canto parou. Ninguém disse nada. Os maias o observavam, esperando para ver o que ele poderia fazer.

Jeff desejou ser capaz de falar com eles, perguntar-lhes o que queriam, por que os estavam mantendo presos naquele morro, o que seria necessário para comprar sua liberdade, mas é claro que não conhecia sua língua e, de alguma forma, mesmo que conhecesse, duvidava que eles fossem se dar ao trabalho de lhe responder. Não, eles simplesmente continuariam a encará-lo, de armas em riste, à espera. Jeff poderia andar corajosamente até eles e ser alvejado como o irmão de Mathias, ou então dar meia-volta e tornar a subir lentamente por entre as plantas, o crocitar dos pássaros, a escuridão. Não havia outra alternativa.

Então ele recomeçou a subir o morro.

Por algum motivo inexplicável, a volta foi muito mais fácil do que havia sido sua descida. Houve o esforço da subida, é claro, a atração da gravidade, mas as plantas agora lhe causavam muito menos dificuldade, parecendo quase se abrir para deixá-lo passar, em vez de segurar e se enroscar em suas pernas. E, ainda mais intrigante, os pássaros permaneceram calados. Jeff refletiu sobre a razão disso enquanto ia subindo a encosta do morro. Imaginou que fosse possível que os pássaros houvessem saído voando enquanto ele e os maias estavam no sopé do morro, em seu confronto mudo, mas, se fosse assim, não conseguia entender por que não havia escutado as asas baterem. Além disso, por que não havia reparado nos pássaros antes, quando ainda era dia? Devia haver muitos deles, a julgar pelo volume de seus gritos enquanto descia o morro, e parecia estranho que ele não houvesse registrado sua presença. A única explicação em que conseguia pensar era que as aves haviam chegado ao entardecer, enquanto ele e Mathias estavam ocupados demais tirando Pablo da maca para prestarem atenção. Era óbvio que os pássaros pernoitavam ali, porém, o que significava que, pela manhã, poderiam encontrar seus ninhos. E, talvez, também seus ovos. No mínimo, poderia armar algumas arapucas para capturar os pássaros adultos, e Jeff viu algum alento nisso.

Eles poderiam destilar sua urina, recolher orvalho e esperar que chovesse, mas nada disso iria ajudá-los a se alimentar. Jeff vinha adiando lidar com esse problema, sem querer pensar nele, porque tinha a sensação de que não iria encontrar uma solução, e agora, como um presente inesperado, uma solução parecia haver se apresentado.

Precisariam usar algo fino, pensou, mas forte, como uma linha de pesca. No entanto, ele estava cansado demais para pensar algo mais do que isso. Pouco importava; tinham tempo de sobra. Tudo que ele precisava fazer era voltar à barraca, e dormir. Pela manhã, quando o sol nascesse, tinha certeza de que tudo ficaria mais claro: as muitas coisas que ainda havia para serem feitas, e as maneiras como ele deveria fazê-las.

O terceiro turno era de Stacy. Amy a chamou, sacudindo seu ombro, sussurrando que estava na hora. Stacy estava com sede, de olhos abertos, mas ainda não de todo desperta; estava escuro demais dentro da barraca para ver qualquer coisa. Podia sentir que Eric estava deitado ali, de costas para ela, e havia também Amy, agachada acima dela, a sacudi-la, e Jeff e Mathias. Os meninos estavam todos dormindo. Mathias roncava baixinho.

Amy não parava de sussurrar a mesma coisa:

- Está na hora. - Stacy esforçou-se primeiro para entender as palavras, em seguida seu significado, e então, subitamente, compreendeu. Acordou; levantou-se e saiu da barraca, fechando o zíper atrás de si.

Acordada, mas ainda atordoada. Precisou voltar para pegar o relógio de Amy, passando cautelosamente por cima de Jeff, com a amiga já adormecendo, balbuciando alguma coisa, estendendo a mão. Foi preciso várias tentativas desajeitadas antes de conseguir soltar a pulseira do relógio. Então tornou a sair e ficou sozinha com Pablo, sentada ao seu lado, mais acordada a cada instante que passava. Pôs o relógio de Amy no próprio pulso, e sentiu seu contato morno sobre a pele, um pouco úmido.

Pablo dormia. Ela podia ouvi-lo respirar, e o som não parecia certo. Havia fluído demais nele, uma certa aspereza, e Stacy pensou em seus pulmões, perguntou-se o que estaria acontecendo dentro dele, as crises que se armavam, os sistemas que entravam em colapso. Fitou-o com um ar sonhador, sem focar realmente o olhar, e vários minutos passaram antes de ela distinguir suas pernas na escuridão, seu púbis exposto. Teve o impulso momentâneo, absurdo, inadequado, rapidamente reprimido, de estender a mão e tocar seu pênis. O saco de dormir estava jogado no chão ao lado da maca, e ela se levantou para estendê-lo por cima dele, abaixando-o silenciosamente, delicadamente, tentando não acordá-lo.

Ele se mexeu, mudou a cabeça de posição, mas seus olhos permaneceram fechados.

Esse deveria ter sido o momento de Stacy tentar fazer uma avaliação de sua própria situação, reavaliar o dia, ou tentar prever as horas seguintes, e, embora tivesse consciência disso, embora compreendesse a sensatez de tal ação, não conseguiu se forçar a executá-la. Ficou sentada, escutando o som líquido da respiração de Pablo, e sua mente permaneceu vazia, não adormecida, mas tampouco inteiramente acordada. Seus olhos estavam abertos; ela estava consciente de onde estava, e teria percebido se Pablo houvesse parado de respirar de repente, ou se a houvesse chamado, mas não tinha a sensação de estar realmente ali. Pensou em um manequim montado na vitrine de alguma loja, fitando a rua; era assim que se sentia.

Não parava de olhar para o relógio de Amy, apertando os olhos para ler os números no escuro. Sete minutos passaram, depois três, depois seis, depois dois, e depois ela se forçou a parar de olhar, sabendo que consumir o tempo em bocados tão pequenos só faria aumentar a duração de seu turno.

Tentou cantar mentalmente para ajudar a apressar o tempo, mas a única coisa em que conseguiu pensar foram canções

de Natal. "Jingle Bells", "O annenbaum", "Frosty, o boneco de neve". Não conhecia todas as letras mesmo em silêncio, com as palavras subindo e descendo em sua mente, não gostava do som da própria voz. Então parou, e fixou o olhar vazio em Pablo.

Contra a própria vontade, tornou a consultar o relógio. Fazia vinte e nove minutos que estava acordada; ainda faltava uma hora e meia. Por um instante, entrou em pânico, perguntando-se quem deveria acordar quando terminasse, mas em seguida descobriu, sentindo orgulho de si mesma por sua inteligência. Fora Amy quem lhe sacudira o ombro, acordando-a, e Jeff fora o primeiro, então isso deveria significar que Mathias seria o próximo. Olhou para o relógio, e outro minuto havia passado.

Só espero que o Pablo não acorde, pensou, e nesse exato instante — como se essas palavras dentro da cabeça dela o houvessem despertado — ele acordou. Ficou deitado, completamente imóvel, por um longo instante, com os olhos erguidos para Stacy. Em seguida tossiu, afastando a cabeça para o lado.

ergueu a mão, como se fosse cobrir a boca, mas não pareceu ter forças para tanto; só conseguiu chegar à garganta. Sua mão ficou suspensa no ar durante alguns segundos, pairando sobre seu pomo de Adão, e em seguida tornou a cair lentamente até em cima de seu peito. Ele passou a língua pelos lábios, tornou a se virar para ela, disse alguma coisa em grego; pareceu uma pergunta. Stacy sorriu para ele, mas sentiu-se falsa fazendo isso, mentirosa, e pensou que ele devia saber, que devia estar adivinhando tudo que aquele sorriso tentava esconder, e como a situação era séria. Mas ela não pôde se conter; o sorriso estava ali, e não queria ir embora.

— Está tudo bem — disse ela, mas é claro que isso não bastou, e Pablo tornou a falar, fazendo a mesma pergunta. Ele fez uma pausa, em seguida repetiu aquelas palavras mais uma vez, e seus braços começaram a se mexer,

ambos, enfatizando suas palavras, suas mãos tateando o ar. Isso tornava a imobilidade de suas pernas debaixo do saco de dormir ainda mais difícil de ignorar, e Stacy sentiu um pânico crescer dentro de si. Não sabia o que deveria fazer. Ele continuou a falar: a mesma pergunta, repetida sem parar, e as mãos rasgando o ar acima de seu peito. Stacy tentou aquiescer, mas em seguida parou, subitamente preocupada que ele pudesse estar perguntando: "Eu vou morrer?" Então tentou sacudir a cabeça, mas percebeu que era igualmente perigoso, porque ele também poderia estar perguntando: "Eu vou ficar bom?" Ela ainda estava sorrindo, não conseguia se conter, e ficou sentada olhando para baixo, para ele, sentindo-se a cada instante mais próxima das lágrimas, mas sem querer chorar, desesperada para engolir o choro, desejando ser forte, fazê-lo se sentir seguro, nem que fosse pelo fato de estar com ela, de ser seu amigo, e de que ela o teria ajudado se pudesse. Perguntou-se o quanto Pablo compreendia a própria situação. Será que percebia que sua espinha estava quebrada? Que ele quase com certeza nunca mais tornaria a andar? E que poderia muito bem morrer ali antes de eles conseguirem alguém para ajudá-lo?

Ele continuava acenando para ela com os braços, continuava a repetir a mesma pergunta, e sua voz agora aumentava de volume, como se ele estivesse impaciente ou frustrado. A pergunta tinha umas seis ou sete palavras, avaliou Stacy, embora fosse difícil dizer ao certo porque as palavras soavam interligadas, cada qual misturando-se à seguinte, e com aquelas fricativas líquidas a surgir de trás delas, arredondando-lhes as extremidades. Tentou adivinhar o que as palavras poderiam significar, mas sua mente não ajudava. Tudo que esta lhe sugeria era: "Será que eu vou morrer?", "Será que eu vou ficar bom?" E ela continuou sentada ao lado dele, sentindo ora que deveria sacudir a cabeça, ora que deveria assentir, mas sem fazer nenhuma dessas duas coisas, sem sequer se mexer, enquanto seu

sorriso de mentirosa congelava lentamente em seu rosto. Queria tornar a olhar para o relógio, queria que alguém viesse da barraca para ajudá-la, queria que Pablo tornasse a se calar, tornasse a dormir. Que seus olhos se fechassem, que seus braços se imobilizassem. Segurou a mão dele, apertou-a com força, e isso pareceu ajudar um pouco, acalmá-lo. E então, sem pensar, Stacy começou a cantar as canções de Natal, bem baixinho, cantarolando as partes das letras que não conhecia. Cantou "Noite Feliz", "Enfeitem as casas", "Lá vem Papai Noel". Pablo parou de falar. Sorriu, como se reconhecesse as canções; pareceu até cantar também "A rena do nariz vermelho", balbuciando junto com ela em grego. Então seus olhos se fecharam, e sua mão relaxou dentro da dela; ele tornou a dormir, e sua respiração se aprofundou, com aquele som líquido subindo do peito. Stacy parou de cantar. Sentia-se rígida; queria se levantar e se alongar, mas estava com medo de soltar a mão de Pablo, preocupada que ele pudesse acordar. Fechou os olhos com força: ele só está descansando, disse a si mesma; e ficou escutando a respiração dele, desejando que não soasse daquele modo, contando suas inspirações e comparando-as às suas próprias: um, dois, três, quatro...

De repente, Mathias surgiu ao seu lado, agachado no escuro, com a mão em seu antebraço, aquele toque frio, e ela piscou para ele, confusa, levemente alarmada, perguntando-se quem ele era, o que ele queria, até que tudo voltou com uma sensação de estalo, e ela percebeu que havia adormecido. Sentiu-se corar, envergonhada, negligente em seu dever. Esforçou-se para se sentar.

— Desculpa - falou.

Mathias pareceu surpreso ao ouvir isso.

— Por quê? — perguntou ele.

— Eu dormi.

— Tudo bem.

— Foi sem querer — disse ela. — Eu estava cantando para ele, e ele...

— Shh. — Mathias deu-lhe um tapinha no braço. Em seguida retirou a mão, provocando uma sensação de queda livre em seu peito, uma súbita mudança na gravidade; ela sentiu que se inclinava em sua direção, e precisou recuar com um safanão.

— Ele está bem — disse Mathias. — Olha. — Meneou a cabeça na direção de Pablo, que ainda dormia, com a boca ligeiramente aberta, a cabeça virada para o outro lado. Mas ele não parecia bem; parecia debilitado, como se alguma coisa estivesse sentada em cima de seu peito, sugando a vida de dentro dele devagar. — Já faz duas horas — disse Mathias.

Stacy ergueu o braço, espiou o relógio de Amy. Ele tinha razão; seu turno havia terminado. Ela podia arrastar os pés de volta até a barraca e dormir até de manhã. Mas, mesmo assim, estava envergonhada. Não se mexeu.

— Como foi que você acordou? — perguntou.

Ele deu de ombros, e saiu da posição agachada para sentar-se ao lado dela.

— Eu sei fazer isso. Sei dizer a mim mesmo a hora de acordar. O Henrich também sabia. E o nosso pai também. Não sei como.

Stacy se virou, observou o perfil dele por um instante.

— Olha - disse ela por fim, gaguejando um pouco, buscando as palavras, ninguém havia lhe ensinado a fazer isso. — Em relação ao seu irmão. Eu queria, sabe como é... dizer para você como eu...

Mathias a fez calar com um aceno.

— Tudo bem — disse ele.

— Quero dizer, deve ser...

— Tudo bem. Mesmo.

Stacy não soube mais o que dizer. Queria lhe oferecer sua empatia, queria lhe dizer como estava se sentindo, mas não conseguiu encontrar as palavras para fazer isso acontecer. Fazia uma semana que o conhecia e, durante esse tempo todo, mal havia conversado com ele. Vira-o olhando

fixamente para ela naquela noite em que havia beijado Don Quixote, e sentira medo de seu olhar, aflita por estar sendo julgada, e depois ele a havia surpreendido ao ser tão simpático na rodoviária, depois de seu chapéu e seus óculos serem roubados: ele havia parado, se agachado, tocado o braço dela. Ela não fazia a menor ideia de quem ele era, de como era, do que pensava dela, mas seu irmão estava lá, morto, no sopé do morro, e ela desejou se comunicar com ele de alguma forma, desejou que ele chorasse para poder consolá-lo, abraçá-lo, talvez e niná-lo. Mas é claro que ele não iria chorar; ela podia ver a impossibilidade disso. Ele estava sentado bem ao seu lado, mas parecia distante demais para ser tocado. Ela não fazia ideia do que ele estava sentindo.

— Você deveria ir dormir — disse. Stacy assentiu, mas não se mexeu.

— Porque você acha que eles fizeram aquilo? — perguntou.

— Quem?

Ela acenou em direção ao sopé do morro.

— Os maias.

Mathias passou um longo tempo em silêncio, refletindo. Em seguida, deu de ombros.

— Acho que não queriam que ele fosse embora.

— Como a gente — disse ela.

— Exato - assentiu ele. - Como a gente. Pablo se mexeu, mudando a posição da cabeça, e ambos baixaram os olhos para ele. Então Mathias estendeu a mão e tornou a dar um tapinha no braço dela, o toque frio das pontas de seus dedos.

— Não - disse ele.

- Não o quê?

Ele fez com as mãos o gesto de quem espreme alguma coisa.

- Não fica se martirizando. Tenta ser que nem um animal. Que nem

cachorro. Descansar quando tiver oportunidade. Comer e beber quando

tiver comida e água. Sobreviver a cada instante. Só isso. O Henrich... ele era impulsivo. Ficava encucando com as coisas e depois se atirava em cima delas. Pensava ao mesmo tempo demais e não o bastante. A gente não pode ser assim.

Stacy ficou calada. No final, a voz dele havia ficado mais aguda, pareceu zangada, assustando-a. Mathias fez um gesto abrupto, deixando tudo aquilo de lado.

- Desculpa - disse ele. - Estou só falando. Nem sei o que estou dizendo.

- Tudo bem — Stacy pensou: É assim que ele chora. Estava prestes a estender a mão na direção de Mathias quando ele sacudiu a cabeça, detendo-a.

- Não - disse ele. - Não está tudo bem. Não está mesmo. Praticamente um minuto passou, enquanto Stacy ensaiava mentalmente

palavras e expressões, à procura da combinação certa, mas sem encontrá-la. A respiração difícil de Pablo era a única coisa que rompia o silêncio. Por fim, Mathias acenou novamente para a barraca, dizendo-lhe para ir.

- Você deveria mesmo voltar a dormir.

Stacy aquiesceu e se levantou, sentindo-se enrijecida, um pouco tonta, tocou o ombro dele. Deixou a mão repousar ali por um instante, apertou e em seguida esgueirou-se de volta até a barraca.

Amy acordou com um pulo, o coração querendo sair pela boca. Sentou-se, esforçando-se para se orientar, para entender o que a havia tirado do sono de forma tão abrupta. Pensou que deveria ter sido um barulho, mas, se fosse isso, não pareceria ser a única a ter escutado. Os outros continuavam deitados, imóveis, de olhos fechados, com a respiração profunda e regular. No escuro, pôde contar os corpos: o de Eric, o de Stacy, o de Jeff. Mathias devia estar

lá fora, imaginou, vigiando Pablo. Então todos estavam presentes.

Ficou sentada à escuta, esperando o barulho tornar a aparecer, com o coração se acalmando aos poucos. Silêncio. Devia ter sido um sonho então, embora Amy não conseguisse se lembrar de nenhum detalhe; houve apenas aquela sensação instantânea de pânico quando ela se sentou, do sangue que parecia grosso demais para suas veias, movendo-se depressa demais. Ela tornou a se deitar, fechou os olhos. Mas agora estava acordada, à escuta, ainda com medo, embora não fosse capaz de dizer do quê, e também com sede, com os lábios grudados um no outro com uma sensação de algo borrachudo, áspero, e um gosto ruim e pegajoso na boca. Aos poucos, ali recostada, querendo dormir, mas sem conseguir, sua sede começou a vencer seu medo, como um cachorro grande que, de tanto latir, acaba silenciando um cachorro menor. Ela estendeu o pé, esticando-se como uma bailarina, e tocou a jarra de plástico apoiada na divisória do fundo da barraca. Se pudesse dar apenas um gole d'água, um golinho que fosse, para tirar aquele gosto horrível da boca, Amy achava que conseguiria voltar a dormir. E isso não era importante? Pela manhã, precisariam estar descansados, precisariam estar alertas e fazer o que quer que Jeff achasse que deveria ser feito para garantir sua sobrevivência ali. Caminhar pelo meio das plantas com trapos amarrados aos tornozelos. Cavar um buraco para destilar sua urina. Um golinho bem pequenininho: seria pedir muito? É claro que eles haviam concordado em não beber mais nada até de manhã. Quando estivessem todos acordados e descansados, iriam se reunir e racionar sua comida e sua água. Mas de que isso adiantava agora para Amy, com seus lábios borrachudos, sua boca de esgoto, enquanto os outros estavam deitados à sua direita e à sua esquerda, alegremente imersos no sono? Ela tornou a se sentar, apertou os olhos em direção ao fundo da barraca, esforçando-se para distinguir a jarra no

escuro. Não conseguiu; pôde ver a pilha de coisas que havia ali, uma massa escura, mas não conseguiu distinguir os objetos separadamente, as mochilas, a caixa de ferramentas, as botas de caminhada, a jarra de plástico. Ela a havia tocado com o pé, porém; sabia onde ela estava. Tudo que precisaria fazer era engatinhar um ou dois metros, e estender as mãos para encontrá-la. Então seria apenas uma questão de desatarraxar a tampa, erguer a jarra até os lábios, reclinar a cabeça. Um golinho: quem poderia recriminá-la por isso? Se Eric, digamos, acordasse agora, sedento por um gole d'água, Amy lhe ofereceria um de bom grado, mesmo que ela própria não estivesse com sede. E estava certa de que os outros também pensariam assim, também agiriam como ela, dentro do mesmo espírito de generosidade. Ela podia acordá-los agora mesmo, pedir sua permissão, e eles diriam: "Sim, claro." Mas por que deveria incomodá-los, quando todos pareciam estar dormindo tão profundamente? Ela se moveu um pouco mais para perto, ainda se esforçando para distinguir a jarra, tomando cuidado para não fazer nenhum barulho.

Amy não iria roubar nenhuma água, é claro; não, nem sequer um gole. Porque era isso que seria, não? Um roubo. Eles não tinham muita água, e, apesar das maquinações de Jeff, não podiam ter certeza de conseguir mais. Então, se ela desse um gole agora, enquanto os outros dormiam, mesmo o menor, mesmo o mais ínfimo dos goles, todos eles teriam menos água para dividir entre si. Amy vira uma quantidade suficiente de filmes de sobrevivência, com desastres de avião, naufrágios, viajantes espaciais presos em planetas distantes, para saber que sempre havia alguém que roubava, com olhos de louco e palavrões, alguém que brigava pela última porção, que dava goles enormes enquanto os outros só faziam molhar a boca, e ela não iria ser essa pessoa. Egoísta, pensando apenas em suas próprias necessidades. Cada um deles havia bebido sua dose de água antes de ir dormir, passando a jarra de mão

em mão, e era isso, todos haviam concordado que seria tudo que beberiam até de manhã. Se os outros podiam esperar, por que ela não podia?

Chegou um pouco mais perto. Só queria ver a jarra, talvez tocá-la, erguê-la com a mão, reconfortar-se com seu peso. Que mal haveria nisso? Sobretudo se pudesse ajudá-la a voltar a dormir?

Mas a verdade era que eles não tinham combinado nada, tinham? Não tinham discutido nem votado. Jeff simplesmente havia tomado a decisão, e imposto a decisão aos outros, e eles estavam cansados demais para fazer outra coisa que não abaixar a cabeça e aceitar. Se Amy estivesse mais descansada, ou menos assustada, poderia ter contestado, poderia ter pedido uma porção maior ali mesmo. E os outros também poderiam ter reclamado. Não, não se podia exatamente chamar aquilo de acordo. E o que iria acontecer de manhã? Eles tornariam a passar a jarra de mão em mão, não é? Todos dariam seu gole permitido. Mas, se Amy estava com sede agora, por que não deveria beber sua porção algumas horas antes dos outros? Isso não significaria ser fominha nem roubar; seria como um adiantamento de salário. Quando a jarra lhe fosse passada de manhã, ela simplesmente sacudiria a cabeça, explicaria que havia sentido sede durante a noite, muita sede, e que, portanto, já havia bebido sua porção da manhã.

Ela avançou mais meio metro, e então conseguiu vê-la, distinguir sua forma em meio à grande confusão junto à divisória dos fundos da barraca. Tudo que precisava fazer era se inclinar para a frente, de quatro, esticar o braço, e segurar a jarra pela asa. Passou um longo tempo sentada, hesitando. Em sua mente, ainda estava indecisa, dizendo a si mesma que deveria simplesmente esperar até de manhã como todos os outros, que estava sendo infantil, e então, de repente, no mesmo instante em que tinha esses pensamentos, seu corpo chegou mais perto da jarra, sua mão se estendeu para pegá-la, erguendo-a na sua direção,

desatarraxando a tampa. Tudo estava acontecendo muito depressa agora, como se alguém pudesse gritar para detê-la. Ela levou a jarra até a boca, deu seu golinho, mas não foi suficiente, nem de longe, então ergueu ainda mais a jarra, derramando a água garganta abaixo: um gole grande, sôfrego, e em seguida outro, com a água escorrendo por seu queixo.

Abaixou a jarra, enxugando a boca com as costas da mão. Estava atarraxando a tampa de novo quando olhou de relance, culpada, para as formas escuras dos outros: Eric e Stacy totalmente adormecidos, e Jeff olhando para ela através da escuridão. Passaram um longo tempo se encarando. Ela pensou que ele fosse falar, repreendê-la de alguma forma, mas ele não o fez. Estava escuro o suficiente para que ela quase conseguisse se convencer de que os olhos dele na verdade não estavam abertos, de que aquilo era só um truque de percepção, sua consciência pregando-lhe uma peça, mas então ele sacudiu a cabeça, uma vez; pareceu não ser nem tanto uma reprimenda, mas sim um gesto de repulsa, e ele rolou o corpo de costas para ela.

Amy tornou a pôr a jarra em seu lugar junto à divisória dos fundos, e engatinhou de volta ao seu lugar.

- Eu estava com sede — sussurrou. Sentia vontade de chorar, mas também estava com raiva, uma mistura terrível de emoções: culpa, ira, vergonha. E alívio também: a água em sua boca, em sua garganta, em seu estômago.

Jeff não reagiu. Permaneceu totalmente calado, totalmente imóvel, e isso fez Amy se sentir pior do que qualquer coisa que ele pudesse ter dito. Ela não valia sequer uma resposta: era isso que ele estava lhe dizendo.

- Vai se foder - disse Amy, não alto, mas alto o suficiente. - Tá bom, Jeff? Vai se foder, só isso. — Pôde então sentir as lágrimas escorrerem; não tentou detê-las.

- O quê? - perguntou Stacy, confusa, ainda dormindo.

Amy não respondeu. Ficou deitada encolhida, chorando baixinho, querendo estender a mão e bater em Jeff, socar

seus ombros, querendo que ele se virasse e dissesse que estava tudo bem, que ela não fizera nada de errado, que ele compreendia, que a perdoava, que aquilo não tinha importância nenhuma, mas ele continuou ali, de costas para ela; agora dormindo, pensou Amy, como Stacy e Eric, todos deixando-a sozinha ali, no escuro, acordada, com o rosto molhado de lágrimas.

O sol havia nascido. Foi a primeira coisa que Eric percebeu ao abrir os olhos, vendo a luz entrar, filtrada pelo nylon laranja da barraca. E já fazia calor, também: essa foi a segunda coisa; ele estava suado, com a boca seca. Ergueu a cabeça, olhou em volta. Stacy dormia ao seu lado. Em seguida, ao lado dela, estava Amy, encolhida em posição fetal. Mathias não estava na barraca. Nem Jeff.

Eric pensou em se sentar, mas ainda estava cansado, e seu corpo doía. Abaixou a cabeça, tornou a fechar os olhos, passou alguns instantes catalogando as diversas sensações de dor que seu corpo lhe oferecia, começando no alto e descendo. Seu queixo estava dolorido; sentia dor quando abria e fechava a boca. Seu cotovelo estava machucado; quando ele tocou o corte, sentiu a pele quente. A parte de baixo de suas costas estava enrijecida, e a dor irradiava perna esquerda abaixo sempre que ele movia o corpo. E, além disso, havia também seu joelho, que não estava doendo tanto quanto ele esperava, e que na verdade estava um pouco anestesiado. Ele tentou dobrá-lo, mas a perna não se mexeu; era como se houvesse alguma coisa sentada em cima dela, prendendo-a ao chão da barraca. Ele ergueu a cabeça para olhar e ficou surpreso ao ver que a planta havia crescido loucamente durante a noite, estendendo-se da pilha de material no fundo da barraca e espalhando-se por sua perna esquerda, subindo por seu flanco esquerdo, quase até sua cintura.

— Meu Deus — disse Eric. Não era medo que sentia, ainda não; era algo mais próximo do nojo.

Sentou-se, e estava estendendo a mão para arrancar a planta de seu corpo quando Pablo começou a gritar.

Jeff estava no sopé do morro, longe demais para ouvir os gritos. Havia emergido da barraca pouco depois do amanhecer e urinado dentro da garrafa de plástico. Quando terminou, a garrafa já estava cheia até mais da metade. Mais tarde, quando o sol subisse, eles poderiam cavar um buraco, e tentar destilar o que haviam coletado. Jeff não tinha certeza de que iria funcionar; ainda sentia que estava esquecendo algum detalhe fundamental, mas, no mínimo, aquilo iria mantê-los ocupados durante algumas horas, impedindo que pensassem em sua sede e em sua fome.

Ele tampou a garrafa, tornou a colocá-la no chão, e em seguida foi até a tenda. Mathias estava sentado ao lado desta, de pernas cruzadas; meneou a cabeça em um cumprimento quando Jeff se aproximou. Ainda não estava claro, mas a escuridão já havia começado a diminuir um pouco. Jeff pôde ver o rosto de Mathias, a barba que crescia em suas bochechas. Pôde ver Pablo, também, inconsciente em cima da maca, com um saco de dormir a cobri-lo da cintura para baixo, pôde vê-lo bem o suficiente para ler o estrago em seu rosto, a pele chupada, as órbitas escuras dos olhos, a boca flácida. Jeff abaixou-se ao lado de Mathias, e passaram algum tempo sentados, em silêncio. Jeff gostava dessa característica do alemão, de seu alheamento, da maneira como sempre esperava alguma outra pessoa falar primeiro. Era fácil conviver com ele. Não havia fingimento; as coisas eram exatamente o que aparentavam ser.

— Ele parece estar bem mal, né? — disse Jeff.

O olhar de Mathias subiu lentamente pelo corpo de Pablo, parando em seu rosto. Ele assentiu.

Jeff passou a mão pelos cabelos. Podia sentir como estavam oleosos; seus dedos saíram escorregadios. Seu corpo exalava um cheiro azedo, como fermento. Ele desejou poder tomar uma chuveirada, desejou isso com uma urgência abrupta, quase chorosa, uma sensação infantil de

frustração, de saber que não iria obter o que desejava, por mais que se esforçasse para isso. Afastou-se do sentimento, do desejo, forçando-se a se concentrar no que era real, em vez de no que desejava que fosse, no aqui e agora, com toda sua dolorosa intensidade. Sua boca estava seca; a língua parecia inchada. Ele pensou na jarra d'água, mas sabia que precisaria esperar todo mundo acordar. Essa reflexão conduziu inevitavelmente à lembrança de Amy, de seu roubo furtivo durante a noite. Precisaria falar com ela; ela não poderia continuar a fazer essas coisas. Ou talvez não; talvez devesse esquecer aquilo. Tentou pensar em uma forma de se referir ao roubo indiretamente, mas sentia-se sujo, cansado e com sede, e sua mente se recusava a ajudá-lo. Seu pai era bom naquele tipo de coisa: contar uma história, em vez de fazer um sermão. Era só depois que você percebia que ele estava dizendo: Não se deve mentir. Ou: Não tem problema sentir medo. Ou: Você tem de fazer a coisa certa, mesmo que doa. Mas, é claro, seu pai não estava ali, e Jeff não era como ele; não sabia ser sutil assim. Foi tomado por um choque de emoção ao pensar isso, sentindo mais saudade do pai até do que do inalcançável chuveiro, sentindo falta de ambos os pais, desejando que estivessem ali para resolver tudo. Ele tinha vinte e dois anos de idade; passara nove décimos de sua vida sendo criança e, se estendesse a mão, ainda podia tocar a própria infância. Na verdade, aquilo o assustava, aquela acessibilidade. Sabia que ser criança agora, esperar alguma outra pessoa salvá-lo, seria uma maneira tão fácil de morrer quanto qualquer outra.

Não diria nada, decidiu. Só falaria se Amy fizesse aquilo de novo.

Falou a Mathias sobre o buraco com a lona impermeável por cima, para destilar a urina. Descreveu como poderiam recolher o orvalho com trapos amarrados aos tornozelos.

— A hora de fazer isso seria agora, aliás — disse. — Logo antes de o sol nascer.

Mathias se virou, olhou em direção ao leste. Não era verdade o que diziam, que a hora mais escura vinha logo antes da aurora. Já estava mais claro, e o céu tinha uma tonalidade cinza, mas ainda não havia sinal do sol.

— Ou talvez não — continuou Jeff. — Talvez a gente devesse esperar. Deixar todo mundo dormir. A gente tem água suficiente para hoje. E também pode ser que chova.

Mathias fez um gesto ambíguo, meio assentindo, meio dando de ombros, e em seguida passaram um minuto sentados em silêncio. Jeff escutava a respiração de Pablo. Estava congestionada demais, pegajosa de muco. Se ele estivesse no hospital, teriam-no abarrotado de antibióticos; estariam aspirando sua traqueia para liberá-la. O som era ruim a esse ponto.

— Acho que a gente devia fazer uma placa — disse Jeff. — Só pra garantir. Caso os gregos cheguem quando ninguém estiver lá. Um crânio e dois ossos cruzados, algo assim.

Mathias riu bem baixinho.

— Você parece um alemão.

— Como assim?

— Sempre fazendo a coisa prática, mesmo quando é inútil.

— Você acha uma placa inútil?

— Um crânio com ossos cruzados teria impedido você de subir o morro ontem?

Jeff refletiu a respeito, de cenho franzido.

Mas vale a pena tentar, né? — perguntou. — Quero dizer, será que isso não iria impedir outra pessoa, mesmo que não tenha impedido a gente?

Mathias tornou a rir.

-*Ja, Jeff.* Claro que sim. Vai fazer a sua placa. - Ele acenou, mandando-o ir. - *Geff* - falou. - Vai.

Jeff se levantou e se afastou. O conteúdo da barraca azul ainda estava todo espalhado ao lado do duto - as mochilas, o rádio, a câmera e o *kit* de primeiros socorros, *ofrisbee*, o cantil vazio, os cadernos em espiral. Jeff primeiro vasculhou uma das mochilas, depois a outra, até encontrar uma

caneta esferográfica preta. Pegou-a junto com um dos cadernos, e levou-os para o outro lado do cimo do morro, até os restos da apressada construção da tenda deixados por Mathias. Ali recuperou o rolo de *silver tape* e uma barra de alumínio de um metro. Mathias o observava, sorrindo, sacudindo a cabeça, mas não dizia nada. Estava ficando um pouco mais claro; Jeff sabia que o sol estava prestes a nascer. Quando começou a seguir a trilha, as fogueiras dos maias surgiram em seu campo de visão, ainda acesas na outra ponta da clareira, tremeluzindo debilmente na escuridão que se ia.

Na metade da descida do morro, sentiu vontade de defecar: uma vontade forte, imperativa. Pôs tudo que estava carregando no chão, depois caminhou até o meio das plantas e arriou as calças. Não estava com diarreia, mas quase. As fezes escorreram molhado de seu corpo, como uma cobra, formando uma pequena pilha entre seus pés. Um cheiro forte subiu dali, deixando-o enjoado. Ele precisava se limpar, mas não conseguiu pensar em nada que pudesse usar. Havia a planta que crescia em toda sua volta, com suas folhas achatadas, brilhantes, mas ele sabia o que acontecia quando estas eram amassadas, conhecia o ardor intenso de seu visgo. Caminhou arrastando os pés até a trilha, ainda meio agachado, com a calça ainda embolada nos tornozelos, e arrancou uma folha de papel do caderno. Amassou-a, esfregou como pôde. Percebeu que provavelmente teriam de construir uma fossa em algum lugar mais abaixo da encosta em relação à barraca. Contra o vento, também. Poderiam deixar um dos cadernos ao seu lado para fazer as vezes de papel higiênico.

A aurora finalmente começara a despontar. Era uma visão extraordinária: dois tons de rosa, um bem claro, o outro mais escuro, erguiam-se acima de uma linha verde. Jeff ficou agachado ali, à espera, ainda segurando a folha de papel suja. Então, em um instante, o sol pareceu saltar

acima do horizonte: amarelo-claro, cintilante, de um brilho muito intenso para que se pudesse olhar.

Foi quando começou a pisar novamente nas plantas para chutar um pouco de terra por cima de suas fezes, levantando a calça, tateando à procura do fecho eclair, que sentiu os dedos começarem a arder. Na luz cada vez mais forte, pôde ver que havia uma penugem verde-clara brotando de seu jeans. De seus sapatos também. Percebeu que era a planta; seus brotos haviam se enraizado em suas roupas durante a noite, tão pequeninos que ainda pareciam mais um fungo do que uma planta: diáfanos, finos como véus, quase invisíveis. Quando Jeff passou a mão para retirá-los, eles se dobraram, fazendo vaziar sua seiva ardida, queimando sua mão. Ele passou um bom tempo olhando fixamente para a penugem verde, sem saber ao certo como interpretar aquilo. Parecia extraordinário que a planta pudesse crescer tão depressa, um crescimento significativo, mas que diferença fazia? Ele não conseguia pensar, não conseguia decidir, e finalmente precisou desistir. Forçou-se a olhar para o outro lado, a continuar seguindo em frente, rumo ao dia. Jogou o pedaço de papel sobre o pequeno monte de fezes. A terra estava compacta demais, muito seca para ele conseguir desprender um pouco dela com o pé; precisou se agachar e escavá-la com uma pedra, fazendo o suor brotar de sua pele com o esforço. Soltou um punhado da terra amarelo-clara, depois outro, e espalhou por cima da sujeira que havia feito, escondendo-a parcialmente, enterrando o mau cheiro; foi o suficiente.

Então voltou à trilha, onde parou para pegar novamente o silver tape e a caneta, o caderno e a barra de alumínio. Estava se virando para prosseguir sua caminhada morro abaixo quando hesitou, pensando: Devia ter moscas aqui. Por que não tem moscas? Tornou a se agachar, intrigado com aquilo, fitando novamente seu monte de fezes semicoberto, como se esperasse os insetos aparecerem, atrasados, zumbindo e rodopiando. Mas eles não

apareceram, e sua mente continuou a tirar conclusões rápidas demais, sem pausa, como um ladrão que vasculha uma escrivaninha, abrindo as gavetas até o fim, jogando seu conteúdo no chão.

Não só aqui, mas no Pablo também. Moscas esvoaçando em torno do cheiro dele, rastejando por sua pele.

E mosquitos.

E borrachudos.

Cadê eles?

O sol continuava a subir. O calor também aumentava - muito depressa. Quem sabe foram os pássaros, pesou Jeff. Talvez eles tenham comido todos os insetos.

Levantou-se, começou a andar pela encosta do morro, à procura dos pássaros, prestando atenção em seus gritos. Eles deveriam estar acordados agora, passeando por ali, saudando a aurora. Mas não havia nada. Nenhum movimento, nenhum som. Nenhuma mosca, nenhum mosquito, nenhum borrachudo e nenhum pássaro.

Fezes, pensou ele, e correu os olhos pelas plantas próximas, procurando a substância branca ou cor de âmbar do excremento dos pássaros entre as brilhantes flores vermelhas, entre as folhas achatadas em formato de mãos. Mais uma vez, porém, não encontrou nada.

De repente eles vivem em buracos, túneis que cavam no chão com os bicos. Lembrou-se de ler sobre pássaros que faziam isso; quase pôde ver as criaturas: cor de terra, com esporões nas patas, bicos aduncos. Mas não viu nenhum sinal de terra remexida, nenhuma abertura escura.

Notou um seixo a seus pés, perfeitamente redondo, do tamanho de uma frutinha silvestre; agachou-se, pegou-o, e colocou-o na boca. Já tinha lido outra coisa também: como as pessoas perdidas no deserto algumas vezes chupavam pedrinhas para espantar a sede. O seixo tinha um gosto ácido, mais forte do que ele esperava; ele quase o cuspiu, mas resistiu ao impulso, usando a língua para empurrar a

pedrinha para debaixo do lábio inferior, como uma pitada de tabaco.

A ideia era respirar pelo nariz, não pela boca; assim, perdia-se menos umidade.

A ideia era não falar, a não ser quando fosse absolutamente necessário. A ideia era comer pouco, e evitar o álcool.

A ideia era ficar sentado na sombra, a uma distância de pelo menos trinta centímetros do solo, porque a terra funcionava como um radiador, sugando a força de dentro de você.

O que mais? Havia coisas demais para lembrar, coisas demais para controlar, e ninguém ali para ajudá-lo.

Ele tinha escutado os pássaros na noite anterior. Tinha certeza de tê-los escutado. Sentiu-se tentado a dar a volta no morro à procura de seus abrigos, mas sabia que isso deveria esperar, que não era importante. Primeiro, a placa. Em seguida, voltar à barraca, para poderem fazer a divisão da água e da comida do dia. Em seguida, o buraco para destilar sua urina. E a fossa: precisariam começar a cavá-la antes que ficasse quente demais. Então, depois de tudo, ele poderia tentar encontrar os pássaros, procurar seus ovos, armar algumas arapucas.

Era fundamental não fazer as coisas precipitadamente, não se deixar soterrar. Uma tarefa, depois outra: era assim que conseguiriam se safar. Começou a descer a trilha.

Os maias estavam à sua espera lá embaixo, quatro deles, três homens e uma mulher. Estavam agachados ao lado dos restos ainda fumegantes de sua fogueira. Viram-no se aproximar, e os homens se levantaram quando Jeff chegou perto do sopé do morro, estendendo a mão para pegar as armas. Um deles era o homem que havia tentado deter Jeff e os outros da primeira vez, o careca com a pistola no coldre. Ele agora estava com a arma na mão, abaixada casualmente ao lado do corpo, mas pronta para ser erguida. Pronta para ser mirada, disparada. Seus dois companheiros tinham um arco cada um, com as flechas a postos. Jeff viu que havia mais meia dúzia de maias ao longo da borda da

mata, envoltos em mantas, com chapéus de palha a lhes proteger o rosto, dormindo. Um deles se mexeu, como se pressentisse a aproximação de Jeff. Sacudiu o homem deitado ao seu lado, e ambos se sentaram para olhar.

Jeff parou no início da trilha, e pôs tudo no chão. Agachou-se, de costas para os maias. Aquilo lhe causou uma leve sensação de pânico: não parava de imaginar os arcos sendo erguidos, as flechas puxadas para trás; mas achou que aquilo poderia fazê-lo parecer menos ameaçador. Arrancou uma página em branco do final do caderno, destampou a caneta, e começou a desenhar a primeira das placas, uma caveira com ossos cruzados por cima, seca e simples, adequadamente ameaçadora. Passou e repassou a caneta por cima, tornando o desenho o mais escuro possível.

Arrancou outra página, na qual escreveu "SOS".

Depois uma terceira página: "SOCORRO".

E uma quarta: "PERIGO".

Catou uma pedra do tamanho de uma bola de ténis e usou-a para cravar a barra de alumínio no chão, bem na extremidade da clareira, impedindo a entrada na trilha. Em seguida, prendeu as placas à barra usando o silver tape, uma debaixo da outra. Finalmente, virou-se para ver a reação dos maias. Os dois junto à borda da mata haviam tornado a se deitar, com os chapéus em cima do rosto, e a mulher ao lado da fogueira agora estava de costas para ele. Remexia as brasas com a mão esquerda enquanto, com a direita, arrumava uma pequena panela sobre um suporte de ferro: café-da-manhã, supôs Jeff. Os outros três ainda o estavam observando, mas com um ar bem mais casual. Quase pareciam estar sorrindo: bem-humorados, pensou. Ou haveria também um ar de zombaria?

Jeff se virou, bateu mais algumas vezes na barra com a pedra. Alguém teria de vir e ficar sentado ao lado da placa mais tarde naquele dia, depois de o ônibus chegar em Cobá, mas, por enquanto, aquilo bastaria. Só como precaução, caso os gregos, de alguma forma, conseguissem aparecer

mais cedo do que o esperado. Se pedissem carona, por exemplo. Ou se alugassem um carro.

Jeff recuperou a caneta, o caderno e o rolo de silver tape, e estava prestes a recomeçar a subir a trilha quando mudou de ideia. Tornou a colocar tudo no chão e, com muita hesitação, com muito cuidado, pisou na clareira, levantando as mãos, agitando-as no ar. Os maias ergueram as armas. Jeff apontou para sua direita, tentando lhes mostrar que só queria caminhar pela margem da clareira, mantendo-se próximo às plantas: não iria tentar fugir. Os maias não desgrudavam os olhos dele, com os arcos tesos, a pistola apontada para seu peito, mas não disseram nada, nem fizeram qualquer tentativa de detê-lo, então Jeff encarou aquilo como uma permissão. Começou a dar a volta no sopé do morro, devagar.

Os maias o seguiram, deixando a trilha sem ser vigiada por um instante. Então, depois de mais ou menos doze metros, o homem da pistola gritou alguma coisa para a mulher atrás deles, e ela se levantou de junto de sua panela e deu um chute em um dos homens que dormiam junto à borda da mata. Este se ergueu até uma posição sentada, esfregando os olhos. Depois de um longo tempo, começou a ir atrás de Jeff, e em seguida acordou os companheiros. Todos empunharam os arcos, levantaram-se, e dirigiram-se até a fogueira arrastando os pés pelo chão.

Jeff continuou rodeando a borda da clareira, com os maias a acompanhá-lo, armas em riste. Sua mente estava novamente a todo vapor: a fossa, o buraco para destilar urina, Amy roubando a água. Perguntou-se se as placas teriam algum significado para os gregos, ou se eles simplesmente passariam direto por elas. Olhou para o céu: este agora estava azul-claro, sem nenhuma nuvem, e ele se perguntou se escureceria mais tarde, se cairiam sobre eles as chuvaradas habituais, breves, mas intensas, tão inexplicavelmente ausentes na véspera. Tentou pensar em como poderiam recolher a chuva se esta de fato caísse:

poderiam usar os restos da barraca azul, talvez, fazer deles um funil de nylon gigante, mas que desaguardaria onde? Não havia por que recolher a água se não pudessem guardá-la; precisavam de recipientes, garrafas, urnas. E era esse o problema que ocupava a mente de Jeff quando ele viu o primeiro montinho de plantas da altura da sua cintura, e percebeu por que havia começado a percorrer a clareira, o que estava procurando ali, o que, sem admitir para si mesmo, já sabia que acabaria encontrando.

O montinho estava uns três metros para dentro da clareira, uma pequena ilha verde em meio ao solo preto, estéril. Jeff parou enquanto ainda estava a quase um metro dele, sentindo um pouco de medo, quase dando meia-volta. Mas não; embora soubesse o que era, embora tivesse certeza de que sabia, mesmo assim precisava ver para ter certeza. Deu um passo em sua direção, acocorou-se, e começou a arrancar as plantas, esquecendo o perigo de seu visgo até sentir as palmas das mãos começarem a arder. A essa altura, já havia descoberto metade da coisa; pôde parar, limpando as mãos na terra.

Era outro corpo.

Jeff se levantou, usou o pé para afastar as plantas que restavam. Era uma mulher, talvez até a mulher que Henrich havia conhecido na praia, aquela cuja beleza o atraía até ali, atraindo-o para a morte. Tinha os cabelos de um louro escuro, na altura dos ombros, mas era difícil discernir mais do que isso, porque a maior parte de sua carne já havia sido devorada. Seu rosto era uma caveira de olhar vazio. Suas roupas também haviam sumido; ela era apenas um esqueleto com cabelos, algumas tiras de carne mumificada, uma pulseira de prata escurecida ainda em volta do osso de seu pulso, uma fivela de cinto, um fecho eclair, um botão de cobre repousando sobre o côncavo vazio de sua pélvis. E claro que aquela não podia ser a amada de Henrich; estava decomposta demais. Tal grau de decomposição teria levado meses para ocorrer, mesmo naquele clima. Ou talvez não,

percebeu Jeff, inclinando-se para afastar mais plantas, dessa vez com cuidado, delicadamente. Talvez fosse a planta que houvesse feito aquilo, devorando a carne, alimentando-se de seus nutrientes.

A uns sete metros dali, os maias o observavam.

Jeff afastou mais plantas, e o braço esquerdo do esqueleto se despreendeu, destacando-se da articulação, e caiu no chão fazendo um barulho. A planta não crescia do chão, percebeu; ela se prendia diretamente aos ossos. Jeff refletiu sobre isso por um instante, e sua mente logo pensou no mistério da clareira em si; como os maias haviam conseguido mantê-la livre de qualquer vegetação? A planta brotava tão depressa; em uma noite apenas, havia se enraizado em suas roupas, em seus sapatos. E, no entanto, o terreno onde ela se erguia era inteiramente estéril. Jeff catou um punhado de terra, examinou-o de perto.

Uma terra escura, de aparência fértil, salpicada de cristais brancos. Sal, pensou, tocando-a com a ponta da língua para se certificar. Eles salgaram a terra.

Foi nesse instante, lá em cima do morro, que Pablo começou a gritar longe, longe demais; Jeff não escutou nada.

Ficou ali em pé, soltou o punhado de terra, e continuou a andar. Seus três companheiros o seguiram, mantendo-se entre ele e a borda da mata, mais longe. Ele passou por outra fogueira, com sete maias aglomerados em volta, fazendo a primeira refeição do dia. Quando ele chegou perto, pararam de comer, pousando no colo os pratos de latão. Ele pôde sentir o cheiro da comida, vê-la. Era um tipo de ensopado: frango, tomates, arroz, talvez uma sobra da noite anterior, e o estômago de Jeff se contraiu, faminto. Teve o impulso de lhes implorar, de cair de joelhos e estender as mãos espalmadas em súplica, mas resistiu, pressentindo a futilidade de tal gesto. Continuou andando para a frente, chupando o seixo que levava na boca, sem saliva.

Já podia ver o montinho seguinte.

Quando chegou perto, agachou-se e afastou cuidadosamente algumas das plantas.

Outro cadáver.

Aquele parecia pertencer a um homem, embora fosse difícil ter certeza, já que estava ainda mais decomposto do que o da loura. Os ossos haviam desmoronado, formando uma pilha solta; não tinham mais nenhuma semelhança óbvia com um esqueleto. Jeff adivinhou o sexo do cadáver mais pelo tamanho do crânio do que por qualquer outra coisa: era grande, quase quadrado. Um talo florido da planta havia penetrado nas órbitas dos olhos, entrando pelo direito, saindo pelo esquerdo. Novamente havia botões, e a fina tira do fecho eclair da calça do homem, parecendo um verme. Óculos de armação de metal, um pente de plástico, um chaveiro. Jeff contou três pequenas pontas de flechas, sem os corpos. E então, jogado no chão, quase escondido pelo emaranhado de ossos, havia um montinho embolado de cartões de crédito, um passaporte. Eram o conteúdo de uma carteira, é claro. Carteira essa que deveria ter sido de couro, adivinhou Jeff, uma vez que já não havia mais sinal dela. Tudo que havia sobrado era inorgânico, sintético: metal, plástico, vidro; todo o resto havia sido devorado. E essa era mesmo a palavra certa para o que havia acontecido: devorado. Porque era a trepadeira florida que havia feito isso, percebeu Jeff: não uma força passiva, não o apodrecimento nem a decomposição, mas sim uma força ativa.

Jeff se agachou junto ao corpo, examinando o passaporte. Pertencia a um holandês chamado Cees Steenkamp. Do lado de dentro, a foto mostrava um homem de testa larga, com cabelos louros já ralos, e uma expressão que poderia ser interpretada como distraída ou melancólica. Nascera no dia 11 de novembro de 1951, em uma cidade chamada Lochem. Quando Jeff ergueu os olhos, viu os três maias a observá-lo. É claro que era possível que eles houvessem matado aquele homem, abatendo-o com suas flechas. Jeff

sentiu o impulso de lhes estender o passaporte do homem para lhes mostrar a foto de Cees Steenkamp, seus olhos grandes, ligeiramente bovinos, fitando o mundo com tanta tristeza: morto agora, assassinado. Mas sabia que aquilo não faria diferença, que não mudaria nada. Estava começando a entender o que estava acontecendo ali, as causas e consequências, as forças em jogo. Culpa, empatia, misericórdia: não era disso que se tratava. A foto não significaria nada para aqueles homens, e Jeff entendia isso cada vez melhor; talvez até compartilhasse o sentimento. Uns seis metros depois dos maias, uma nuvem de borrachudos rodopiava pelo ar, pairando acima da borda da mata, como se alguma força invisível os impedisse de chegar mais perto. E aquilo também fez sentido para Jeff.

Ele pôs o passaporte no bolso e continuou a caminhar, com os três maias a acompanhá-lo sem dizer nada. Passaram por mais fogueiras, e todos paravam quando Jeff se aproximava, encarando-o enquanto ele caminhava. Foi preciso quase uma hora para ele dar a volta no sopé do morro, e encontrou mais cinco montinhos antes de terminar. Mais do mesmo: ossos, botões, fechos e celer. Dois óculos. Três passaportes: um americano, um espanhol, um belga. Quatro alianças de casamento. Alguns brincos, um colar. Mais pontas de flechas, e um punhado de balas, achatadas pelo impacto com ossos. E em seguida, é claro, surgiu Henrich, embora Jeff tenha tido dificuldade para reconhecê-lo de cara. Seu corpo estava no lugar certo, mas, durante a noite, havia mudado radicalmente. A carne havia desaparecido por completo, assim como a maior parte das roupas, devoradas pela trepadeira.

Sim, agora Jeff entendia, ou estava começando a entender. Mas foi só quando completou o círculo e voltou ao ponto de partida no começo da trilha que as verdadeiras implicações de sua situação começaram a se revelar.

Suas placas haviam sumido.

No início, Jeff pensou que os maias deviam tê-las retirado, mas isso não se encaixava com o quadro que ele estava pintando em sua mente, e ele passou um tempão parado, olhando em volta, à procura de outra possibilidade. Podia ver o buraco onde havia plantado a barra no chão; podia ver a pedra que havia usado como martelo improvisado, o caderno, a caneta, o rolo de silver tape. Mas as placas haviam desaparecido.

Quando ele estava prestes a desistir, percebeu um reflexo de metal ao lado da trilha, a um metro da borda, enterrado debaixo das plantas. Andou até lá, agachou-se, começou a tatear por baixo da vegetação que subia-lhe até o joelho. Era a barra de alumínio, ainda morna devido ao tempo passado sob o sol. As plantas haviam se enroscado com tanta força em volta dela que Jeff precisou fazer força para soltá-la. Os avisos que ele desenhara haviam sido arrancados do silver tape; as plantas já começavam a dissolver o papel, devorando-o. No entanto, mesmo depois de ver isso, Jeff continuou involuntariamente a se prender à velha lógica, à maneira como o mundo funcionava fora daquele morro coberto de plantas: talvez os maias houvessem jogado pedras na barra, pensou, derrubando-a para longe da trilha. Então percebeu alguma outra coisa debaixo da vegetação densa e emaranhada, uma folha de metal escurecido. Chutou as plantas para longe, estendeu a mão para retirar o objeto lá de dentro. Era uma assadeira quadrada, com trinta centímetros de lado e sete de profundidade. Em seu fundo coberto de fuligem, alguém havia arranhado uma única palavra, com riscos profundos, abrindo sulcos no metal.

**PELIGRO!**

Jeff ficou parado um tempão, refletindo sobre aquilo. Perigo. O dia estava ficando cada vez mais quente. Ele havia deixado seu chapéu na tenda, e podia sentir o sol começar a castigar seu pescoço, seu rosto. Sua sede havia atingido um novo patamar. Não era mais simplesmente um desejo

de beber água; agora havia também dor, uma sensação de dano a seu corpo. O seixo que ele chupava havia se mostrado inútil para combater isso, e ele o cuspiu, e no mesmo instante foi surpreendido por um movimento rápido no meio da vegetação, quando a pedrinha caiu entre as plantas. Alguma coisa parecia ter dado um bote no seixo, como uma cobra, rápida demais para Jeff poder vê-la com clareza, apenas um clarão abrupto de movimento.

Os pássaros, pensou.

Mas não, claro que não, não eram os pássaros, e ele sabia disso. Porque, embora ainda precisasse entender de onde viera o barulho na noite passada, já havia percebido que não havia pássaro algum na encosta do morro. Nem pássaro, nem mosca, nem mosquito, nem borrachudo. Abaixou-se, pegou outro seixo, e lançou-o sobre a profusão de trepadeiras ao seu lado. Novamente houve aquele movimento abrupto, quase rápido demais para ser visto, e Jeff então entendeu o que era -, e soube também o que havia arrancado a sua placa -, e essa compreensão quase lhe deu náuseas.

Atirou outro seixo. Dessa vez não houve movimento, e isso também fez sentido para Jeff. Era exatamente o que ele esperava. Se houvesse continuado a acontecer, seria apenas um reflexo, e não era disso que se tratava.

Virou-se, encarou os maias em pé no meio do terreno estéril, a observá-lo, com as armas finalmente abaixadas. Pareciam levemente entediados pelo que estavam vendo, e Jeff pensou que podia entender isso, também. Afinal de contas, não fizera nada ali que eles já não houvessem testemunhado em outras ocasiões. Erguer a placa, dar a volta no morro, descobrir os corpos, perceber lentamente em que tipo de mundo havia ficado preso: eles já tinham visto isso tudo antes. E não só isso; provavelmente eram capazes também de adivinhar o que aconteceria depois, poderiam ter contado a Jeff, se ao menos falassem a mesma língua, contado como os dias seguintes iriam se desenrolar,

como iriam começar e como iriam terminar. Foi pensando nisso que Jeff voltou para a trilha, e iniciou sua lenta subida para contar aos outros tudo que havia descoberto.

Stacy havia aberto os olhos e ouvido gritos. Eric se contorcia ao seu lado, obviamente incomodado por alguma coisa, e ela precisou de um instante para perceber que não eram os gritos dele que enchiam a barraca. O barulho vinha do lado de fora. Era Pablo. Pablo estava gritando. No entanto, havia algo de errado com Eric também. Ele estava apoiado no cotovelo, olhando para as próprias pernas, chutando, dizendo "Ai, porra, ai, meu Deus, ai, meu Deus". Não parava de repetir essas palavras, e Pablo continuava a gritar, e Stacy não conseguia entender o que estava acontecendo. Amy estava do seu outro lado, acabando de acordar, e parecia ainda mais confusa, ainda mais perdida do que a própria Stacy se sentia.

Os três estavam sozinhos na barraca; não havia sinal de Jeff, nem de Mathias.

A perna esquerda de Eric estava coberta de plantas.

- O que foi? - perguntou Stacy. - O que é que está acontecendo?

Eric não pareceu escutá-la. Sentou-se, inclinando-se para a frente, e começou a puxar a trepadeira, lutando para tirá-la de seu corpo. As folhas da planta iam se rasgando e se amassando à medida que ele as puxava, e a seiva vazou e começou a queimá-lo, e a queimar a ela, também, quando estendeu a mão para ajudá-lo. A planta havia se enroscado em volta de sua perna esquerda, subindo até a virilha. O esperma dele, pensou Stacy, lembrando-se da punheta que havia tocado nele na noite anterior. A planta foi atraída pelo esperma dele. Porque era verdade: a planta havia se enrolado não só em volta da perna de Eric, mas também de seu pênis, seus testículos. Eric lutava para se desvencilhar dela, agora puxando com delicadeza, sem deixar de repetir a mesma sequência de palavras:

- Ai, porra, ai, meu Deus, ai, meu Deus...

Os gritos de Pablo ficaram mais altos, se é que isso era possível; a barraca parecia sacudida por eles. Stacy agora podia ouvir Mathias gritando também. Chamando-os, pensou, mas não conseguiu se concentrar nisso, consciente do fato apenas de uma forma distanciada, enquanto continuava a puxar a planta, com as mãos já não somente queimadas, mas parecendo raladas, laceradas; as pontas de seus dedos haviam começado a sangrar. Amy se levantou, caminhou apressada até a entrada da barraca, abriu o zíper, saiu. Deixou o pano aberto atrás de si, inundando a barraca de luz, e deixando entrar também o calor, o que tornou Stacy, em meio a todo aquele caos, subitamente consciente da própria sede. Sua boca estava inteiramente seca; ela sentia a garganta inchada, rachada.

Não era apenas o sémen de Eric, percebeu ela. Era seu sangue também. A planta parecia haver se prendido, como uma sanguessuga, a seu joelho machucado.

Do lado de fora, de repente, Pablo simplesmente parou de gritar.

- Tá dentro de mim - disse Eric. - Ai, meu Deus... essa porra tá dentro de mim.

E era verdade. De alguma forma, a planta havia penetrado em seu ferimento, abrindo-o, aumentando-o, inserindo um talo dentro de seu corpo. Stacy pôde vê-lo por baixo da pele dele: uma protuberância comprida, com sete centímetros de comprimento, semelhante a um dedo grosso, tateando. Eric tentou arrancá-lo, mas estava histérico demais, foi rápido demais, e a planta se partiu, vazando mais seiva, deixando o broto enterrado debaixo de sua pele.

Eric começou a berrar. No início, foi apenas um barulho, mas depois vieram palavras também:

- Vai pegar a faca! — gritou ele.

Stacy não se mexeu. Estava atordoada demais. Ficou sentada com o olhar fixo. A planta estava dentro dele, debaixo de sua pele. Será que estava se mexendo?

- Vai pegar a porra da faca! - gritou Eric.

E ela então se levantou, pôs-se de pé, e correu para a entrada da barraca.

Amy acordara alguns segundos depois de Stacy. Não havia percebido o que estava acontecendo com Eric; os gritos de Pablo estavam altos demais para que ela prestasse atenção em qualquer outra coisa. Então Mathias começou a gritar, chamando-os, e por algum motivo Eric e Stacy não responderam. Estavam se agitando de um lado para o outro; pareciam estar lutando. Amy não conseguiu compreender aquilo; ainda estava meio dormindo, e não pensava com muita clareza. Pablo estava gritando; nada mais importava. Levantou-se com um pulo e saiu apressada para ver o que estava acontecendo. Os gritos eram altos, cheios de uma dor evidente, e não davam mostras de que iriam parar, mas isso não a deixou particularmente preocupada. Afinal, a espinha de Pablo estava quebrada; por que ele não estaria gritando? Poderia levar algum tempo, mas eles o acalmariam, da mesma forma que haviam feito na noite anterior, e em seguida voltariam a dormir.

Do lado de fora, ela ficou parada durante um bom tempo, piscando os olhos, com o sol brilhante demais para que conseguisse ver qualquer coisa. Ele a deixou tonta, desorientada, e ela estava prestes a se encolher de volta para dentro da barraca em busca dos óculos escuros quando Mathias se virou para ela com uma expressão de pânico. Foi como se a mão de alguém houvesse agarrado Amy, sacudindo-a com violência; ela sentiu uma onda de medo.

- Me ajuda! - gritou Mathias. Ele estava agachado ao lado da maca, curvado sobre as pernas do grego, e precisou gritar para se fazer ouvir acima dos gritos.

Amy caminhou rápido até junto dele, ao mesmo tempo vendo e sem ver nada. O saco de dormir estava embolado no chão ao lado de Mathias, o que deixava Pablo nu da

cintura para baixo. Ou não: nu não, nem um pouco nu, porque suas pernas estavam totalmente cobertas pela trepadeira florida, tão cobertas que quase parecia que ele havia vestido uma calça feita daquele material. Não havia um centímetro de pele visível, da cintura aos pés. Mathias puxava a planta, arrancando seus longos brotos e jogando-os para o lado, e o visgo reluzia em suas mãos e pulsos, pegajoso. Pablo havia erguido a cabeça o suficiente para observar; tentava repetidamente se apoiar no cotovelo, mas não parecia estar conseguindo. Os tendões de seu pescoço estavam retesados com o esforço, e sua boca aberta formava um O perfeito, gritando. O som era tão alto, tão terrível que, ao se aproximar deles, Amy teve a sensação de estar atravessando uma barreira física, uma zona de gravidade inexplicavelmente amplificada. Então ela também se ajoelhou e começou a arrancar a planta, ignorando a seiva que escorria por suas mãos, no início fresca, levemente escorregadia, mas em seguida tão ardida que ela poderia ter parado não fossem aqueles gritos, aqueles gritos incessantes, aqueles gritos que pareciam ter penetrado dentro dela, que pareciam estar agora dentro de seu corpo, ressoando, ecoando, aumentando de volume a cada segundo que passava, impossivelmente altos, excruciantemente altos, muito mais dolorosos do que a queimadura. Ela precisava deter aqueles gritos, silenciá-los, e a única maneira em que conseguia pensar para fazer isso era continuar a arrancar as plantas, puxar, arrancar, rasgar, e libertar Pablo de seu domínio. Mesmo assim, ela via e não via, e então as pernas dele finalmente apareceram, um clarão branco abaixo do joelho, não o branco da pele, mas um branco mais profundo, mais brilhante, reluzente e úmido, um branco de osso. Ela continuou a retirar a planta, assolada pelos gritos de Pablo, vendo e sem ver, não um branco de osso, mas o osso em si, com a carne inteiramente removida, e o sangue já começava a empoçar, empoçar e pingar, à medida que a planta ia sendo arrancada,

revelando mais branco, mais branco de osso, mais osso, e a parte inferior de sua perna era apenas osso, não havia mais pele, nem músculo, nem gordura, tudo havia sido devorado, e o sangue pingava do joelho do grego, pingava e empoçava, e um broto comprido havia se enrolado totalmente em volta do osso de sua canela, agarrando-a, recusando-se a soltar, com uma trinca de flores penduradas no caulezinho verde, flores vermelhas, vermelho-sangue.

— Ai, meu Deus — disse Mathias.

Ele havia parado de arrancar as plantas, e agora estava agachado, olhando horrorizado para as pernas mutiladas de Pablo, e de repente o não-ver de Amy parou de funcionar; agora ela apenas via: os ossos, as flores, o sangue empoçado, e os gritos não tinham mais importância, nem a queimadura; havia apenas os ossos brilhando muito brancos à sua frente, e uma sensação de pressão em seu peito, um arquear de estômago, uma onda de náusea. Ela se levantou com um pulo, deu três passos para longe da tenda, e vomitou no chão.

Pablo parou de gritar. Ele agora estava chorando; ela pôde ouvi-lo chorar, choramingar. Não se virou; ficou em pé curvada para a frente, as mãos nos joelhos, e um comprido fio de baba a escorrer da boca, balançando-se suavemente, e uma pocinha de bile espalhava-se entre seus dois pés, toda aquela preciosa água que ela havia roubado durante a noite, perdida, entranhando-se lentamente na terra. Ela ainda não havia acabado; podia sentir que ainda vinha mais, e fechou os olhos, à espera.

- Ele acordou e simplesmente começou a gritar - disse Mathias.

Amy não se mexeu, nem olhou na direção dele. Tossiu uma vez e cuspiu, ainda de olhos fechados.

- Eu tirei o saco de dormir. Eu não...

Então o vômito veio, pior do que o primeiro jato; ela se curvou bem baixo, e uma grossa torrente jorrou de sua boca. Aquilo doeu; ela teve a sensação de estar vomitando

uma parte de si mesma, uma parte de seu corpo. Mathias havia se calado, observando, imaginou Amy. E, um segundo depois, dentro da barraca, Eric começou a gritar. No início foram apenas gritos, apenas barulho, mas logo vieram palavras.

- Vai pegar a faca! — urrou ele.

Amy levantou a cabeça, ainda com vômito a escorrer da boca, pelo queixo, pela blusa. Virou-se na direção da barraca. Todos se viraram — até Pablo, que interrompeu seu choramingo e levantou a cabeça, esforçando-se para ver.

- Vai pegar a porra da faca!

Então Stacy apareceu, passando curvada pela abertura da barraca, e hesitou por um instante logo ao sair, olhando fixamente para Amy, para o fio de baba pendurado em sua boca, para a poça de vômito entre seus pés. Stacy apertou os olhos: o sol estava brilhante demais para ela; vendo e sem ver, pensou Amy, e virou-se para a tenda, para Mathias.

- Eu preciso da faca - disse.

— Por quê? — perguntou ele.

— Ela está dentro dele. Não sei como... ela entrou nele.

— Ela quem?

— A planta. Pelo joelho dele. Ela entrou nele — enquanto ela falava, seu olhar se deslocou para Pablo, que havia recomeçado a choramingar, mas agora mais baixinho. Vendo e sem ver. os ossos expostos, o sangue empoçado a planta ainda a lhe cobrir metade das pernas.

De dentro da barraca veio a voz de Eric, aos gritos, parecendo assustada:

— Rápido!

Stacy tornou a olhar para a abertura da barraca, em seguida para Pablo, em seguida para Mathias. Amy pôde ver que ela não estava absorvendo aquilo, que não estava entendendo o que havia acontecido, nada do que havia acontecido. Seu rosto não tinha expressão, sua voz estava monocórdica. Choque, pensou Amy.

— Eu acho que ele quer cortar esse troço fora — disse Stacy. Mathias se virou, vasculhou por um instante os objetos amontoados ao lado da tenda, as tiras restantes de nylon azul, a confusão de barras de alumínio. Quando se levantou, segurava a faca na mão. Estava a ponto de se dirigir para a barraca quando de repente parou, olhando na direção de Amy, na direção de seus pés, na direção do chão abaixo deles. Stacy também se virou para olhar e, naquele instante, imobilizou-se também. Seus rostos compartilhavam a mesma expressão, um misto de horror e incompreensão, e, mesmo antes de Amy se virar para ver o que era, sentiu o coração começar a acelerar, a adrenalina correr por seu corpo. Não queria ver, mas aquilo havia terminado, aquele não-ver; não era mais uma alternativa. Houve um movimento atrás dela, um farfalhar, e Stacy ergueu a mão direita e cobriu a boca, com os olhos esbugalhados.

Amy se virou.

Para olhar.

Para ver.

Ela estava no centro da pequena clareira em frente à barraca. Havia cinco metros de terreno seco, pedregoso em todas as direções, e em seguida começavam as plantas, um muro de vegetação na altura dos joelhos. Emergindo dessa massa verde, bem na sua frente, estava o que Amy de início pensou ser uma cobra gigante: muito comprida, verde-escura, com pontinhos vermelhos brilhantes em toda sua extensão. Pontinhos vermelho-sangue, que obviamente não eram pontinhos coisa nenhuma, mas sim flores, porque, embora se movesse como uma cobra, rastejando em sua direção em curvas em forma de S, aquilo não era uma cobra. Era a planta.

Amy deu um passo para trás, veloz, para longe da poça. Continuou a recuar até ficar na frente de Mathias, que segurava a faca ao lado do corpo, com o braço abaixado.

Pablo observava da maca, agora em silêncio.

Eric tornou a gritar da barraca, mas Amy mal o escutou. Viu a planta serpentear pela clareira até a pequena poça de vômito. Ali, ela hesitou, como se farejasse o líquido, antes de deslizar para dentro dele, enroscando-se em uma espiral frouxa. Então, de forma audível, começou a sugar o líquido, aparentemente usando as folhas. Estas se achataram na superfície da poça, secando-a. Amy não saberia dizer quanto isso demorou. Mas não foi muito: alguns segundos, talvez, meio minuto no máximo, e, quando terminou, quando a poça ficou seca, apenas uma sombra úmida sobre o chão pedregoso, a planta, com aquele mesmo movimento rastejante, começou a recuar pela clareira.

Stacy pôs-se a gritar. Olhava de um para o outro, apontando para a planta, tomada de horror, aos berros. Amy foi até ela e envolveu-a em um abraço, apertando-a, acariciando-a, tentando acalmá-la, e ambas olharam quando Mathias passou por elas, carregando a faca para dentro da barraca.

Eric havia parado de gritar ao ouvir Stacy começar a berrar. Suas mãos, pernas e pés ardiam por causa do visgo da planta, e ainda havia aquele broto de sete centímetros dentro dele, debaixo de sua pele, logo à esquerda do osso de sua canela, paralelo a este. Ela está se mexendo, pensou ele, embora talvez fosse seu corpo que estivesse fazendo aquilo: seus músculos, espasmos. Tudo que sabia era que queria aquilo fora de seu corpo, e precisava da faca para tirá-lo, para cortá-lo fora de sua carne.

Mas o que estava acontecendo lá fora? Por que Stacy estava gritando?

Ele a chamou, aos berros:

- Stacy?

Então, no instante seguinte, Mathias passou abaixado pela abertura da barraca, vindo em sua direção com a faca na mão e uma expressão contraída no rosto. Eric percebeu que era medo.

— O que é que foi? — perguntou ele. — O que é que está acontecendo? Mathias não respondeu. Estava examinando o

corpo de Eric.

— Me mostra.

Eric apontou para a ferida. Mathias agachou-se ao seu lado, inspecionando-a por um instante, aquela comprida saliência debaixo de sua pele. Ela estava se mexendo de novo, como um verme, como se quisesse se enterrar em Eric. Do lado de fora, Stacy finalmente parou de gritar.

Mathias ergueu a faca.

— Quer fazer você? — perguntou. — Ou quer que eu faça?

— Você.

— Vai doer.

— Eu sei.

— A faca não está esterilizada.

— Por favor, Mathias. Vai logo.

— A gente pode não conseguir estancar a hemorragia.

Eric percebeu que não eram seus músculos. Era a planta; a planta estava se mexendo sozinha, enterrando-se cada vez mais fundo em sua perna, como se, de alguma forma, houvesse pressentido a presença da faca. Ele sentiu o impulso de gritar, mas se conteve. Ele suava, seu corpo inteiro estava escorregadio de suor.

— Rápido — falou.

Mathias montou em cima da perna de Eric, sentado em sua coxa, apertando-a sobre o chão da barraca. Seu corpo atrapalhava a visão de Eric, que não conseguia ver o que ele estava fazendo. Mas sentiu o golpe da faca, e deu um grito, tentando se desvencilhar, mas Mathias não deixou; o peso de seu corpo o manteve no lugar. Eric fechou os olhos. A faca cortou mais fundo e moveu-se para baixo, provocando a estranha sensação de um fecho que se abre, e então ele sentiu os dedos de Mathias se enterrarem dentro dele, agarrarem o pedaço de planta, e arrancá-lo. Mathias atirou-o longe, em direção à pilha de apetrechos de camping na parte de trás da barraca. Eric ouviu seu baque úmido contra o chão de tecido.

— Ai, meu Deus - falou. - Puta que pariu.

Pôde sentir Mathias pressionando seu ferimento, tentando estancar a nova hemorragia, e abriu os olhos. As costas de Mathias estavam nuas; ele havia tirado a camisa, e a estava usando como uma atadura improvisada.

— Está tudo bem — disse Mathias. — Já tirei.

Ficaram assim durante vários minutos, sem se mexer, cada qual se esforçando para acalmar a própria respiração, Mathias usando todo seu peso para apertar o corte.

Eric pensou que Stacy viria ver como ele estava, mas ela não veio. Ele pôde ouvir Pablo chorando. Não havia sinal das meninas.

— O que foi que houve? — perguntou por fim. — O que é que aconteceu lá fora?

Mathias não respondeu. Eric tentou de novo.

— Por que a Stacy estava gritando?

— É grave.

— O que é grave?

— Você tem que ver. Eu não consigo... - Mathias sacudiu a cabeça. - Nem sei como descrever.

Ao ouvir isso, Eric se calou, absorvendo a informação, tentando lhe dar sentido.

— E o Pablo? - perguntou. Mathias assentiu.

— Ele está bem?

Mathias fez que não com a cabeça.

— O que foi que houve com ele?

Mathias fez um gesto vago com a mão, e Eric teve uma sensação de contração no peito: frustração. Gostaria de poder ver a cara do alemão.

— Me conta, vai — disse ele.

Mathias se levantou. Estava com a camiseta na mão, embolada; ela agora estava escura com o sangue de Eric.

— Você consegue ficar em pé? — perguntou ele.

Eric tentou. Sua perna ainda estava sangrando, e foi difícil apoiar o peso nela. Mas ele conseguiu se levantar, e em seguida quase caiu. Mathias segurou-o pelo cotovelo,

mantendo-o em pé, e ajudou-o a coxear lentamente até a abertura da barraca.

Jeff encontrou os quatro na pequena clareira, sentados ao lado da barraca laranja. Ao verem-no se aproximar, todos começaram a falar ao mesmo tempo. Amy parecia estar à beira das lágrimas.

— O que é que você está fazendo aqui? — ela não parava de perguntar. Ele acabou descobrindo que havia sumido durante tanto tempo que eles

começaram a pensar que poderia ter arrumado um jeito de fugir, que havia passado despercebido pelos guardas no sopé do morro e saído correndo pela mata, que agora estava a caminho de Cobá, e que logo chegaria ajuda. Haviam conversado muito sobre essa possibilidade, imaginando cada passo de seu caminho, imaginando a cronologia: será que ele conseguiria fazer sinal para um carro, quando chegasse à estrada, ou será que teria de andar todos os dezoito quilômetros? E será que eram apenas dezoito quilômetros? E será que a polícia chegaria imediatamente, ou será que precisariam de tempo para reunir uma equipe grande o suficiente para derrotar os maias? Repassaram tudo a tal ponto que Amy parecia ter ultrapassado o universo obscuro da possibilidade e adentrado o universo bem mais claro, bem mais definido da probabilidade. A fuga dele não era algo que poderia estar acontecendo; havia se transformado em algo que estava acontecendo. E a mesma pergunta que se repetia:

— O que é que você está fazendo aqui? Quando ele lhe disse que estava lá embaixo, no sopé, e que dera a volta completa no morro, ela o encarou com ar de incompreensão, como se ele tivesse dito que passara a manhã jogando ténis com os maias.

Havia algo errado com Eric. Ele não parava de se levantar, de mancar de um lado para o outro, interrompendo todo mundo, e em seguida tornando a se sentar, com a perna machucada estendida à sua frente. Estava agora usando um

short, surrupiado, imaginou Jeff, de alguma das mochilas. Passava um tempinho sentado, balançando-se suavemente, fitando o sangue seco em seu joelho e em sua canela, e então tornava a levantar com um pulo: falando, falando, falando. A planta estava dentro dele: era isso que ele estava dizendo, repetindo sem se dirigir a ninguém em particular, sem esperar nenhuma resposta, sem sequer parecer estar esperando uma resposta. Eles a haviam retirado, mas ela ainda estava dentro dele.

Foi Stacy quem explicou tudo a Jeff, o que havia acontecido com Eric, como a planta havia se enterrado em seu ferimento enquanto ele dormia, como Mathias a cortara fora com a faca. No início, ela pareceu muito mais calma do que os outros dois, surpreendentemente calma. Mas então, no meio de uma frase, subitamente pulou de um assunto para outro.

— Eles vão chegar hoje — disse ela, com a voz baixa e urgente. — Não vão?

— Quem?

— Os gregos.

— Não sei - começou Jeff. - Eu... - então viu a expressão dela, e viu um tremor percorrer seu rosto: terror, e mudou de estratégia. - Pode ser - disse. - Hoje à tarde, talvez.

— Eles têm de chegar.

— Se não for hoje, então daqui a... Stacy interrompeu-o, com a voz ficando mais aguda.

— A gente não pode passar outra noite aqui, Jeff. Eles têm de chegar hoje. Jeff não disse nada e encarou-a, atônito.

Ela passou um instante olhando para Eric, que andava de um lado para o outro, resmungando. Então se inclinou para a frente e tocou o braço de Jeff.

— A planta se mexe — disse ela, sussurrando as palavras. Enquanto falava, olhou para o muro de vegetação que rodeava a pequena clareira, como se estivesse com medo de alguém a estar escutando. - A Amy vomitou, e ela veio

correndo. - Fez um gesto com o braço, imitando uma cobra.  
- Veio correndo e bebeu.

Jeff podia sentir eles todos a olhar para ele, como se esperassem que ele fosse negar aquilo, insistir em sua impossibilidade. Mas ele só fez assentir. Sabia que a planta se mexia; na verdade, sabia muito mais do que isso.

Fez Eric ficar sentado, parado, para poder examinar-lhe a perna. O corte em seu joelho havia tornado a fechar; a casquinha era vermelho-escura, quase preta, e a pele em volta estava inflamada, perceptivelmente quente quando tocada. E debaixo desse ferimento havia outro, perpendicular ao primeiro, descendo pela esquerda da canela de Eric, fazendo parecer que alguém gravara um T maiúsculo em sua carne.

— Parece que está tudo bem — disse. Estava apenas tentando acalmar Eric, tranquilizá-lo; ele não parecia nada bem. Eles haviam passado um pouco da pomada antisséptica do kit de primeiros socorros sobre os ferimentos, fazendo sua perna brilhar, e havia grãos de poeira presos no unguento. — Por que vocês não fizeram um curativo? — perguntou Jeff.

— A gente tentou — disse Stacy. — Mas ele não parava de arrancar. Diz que quer poder ver a perna.

— Por quê?

— Se a gente não ficar olhando, ela vai brotar de novo - disse Eric.

— Mas você tirou. Como é que ela poderia...

— A gente só tirou o pedaço maior. O resto ainda está dentro de mim. Eu estou sentindo. - Apontou para a própria canela. - Está vendo? Como está congestionada?

— A sua perna está só inchada, Eric. É natural. É isso que acontece quando alguém se machuca.

Eric fez um gesto de desdém, e sua voz saiu ríspida.

- Você está falando merda. Essa porra está crescendo aqui dentro. - Apoiou-se no chão, levantou-se, e saiu mancando

pela clareira. - Eu preciso sair daqui — disse ele. — Preciso ir para o hospital.

Jeff viu-o se afastar, surpreso com sua agitação. Amy ainda parecia prestes a chorar a qualquer instante. Stacy retorcia as mãos.

Mathias usava uma camisa verde-escura; devia tê-la tirado de uma das mochilas. Durante aquele tempo todo, ele nada dissera. Mas então, por fim, com sua voz tranquila, com seu sotaque quase imperceptível, ele disse:

- Isso não é o mais grave. — Virou-se, olhou na direção de Pablo. Pablo. Jeff havia se esquecido de Pablo. Lançara-lhe um olhar rápido ao

chegar de volta à clareira, e vira-o deitado bem quietinho debaixo de sua tenda, de olhos fechados. Bom, havia pensado, ele está dormindo. E então pronto; Amy havia começado a repetir sua estranha pergunta, "O que você está fazendo aqui?", e Stacy a se preocupar com a chegada dos gregos, e Eric a insistir que a planta estava crescendo dentro dele, e tudo isso o havia distraído, sem fazer nenhum sentido, afastando seu pensamento do lugar onde deveria estar. O pior de tudo.

Jeff caminhou em direção à tenda. Mathias foi atrás; os outros ficaram olhando do outro lado da clareira, como se tivessem medo de chegar mais perto. Pablo estava deitado em cima da maca, com o saco de dormir a cobri-lo da cintura para baixo. Não parecia nada diferente, então Jeff não conseguiu entender por que estava tendo aquele estranho pressentimento de perigo. Mas estava: uma sensação de perigo iminente, um aperto no peito.

- O quê? — perguntou.

Mathias se agachou e afastou cuidadosamente o saco de dormir.

Durante um longo instante, Jeff não conseguiu absorver aquilo. Olhou fixamente, viu, mas não conseguiu aceitar a informação que seus olhos lhe estavam oferecendo.

O pior de tudo.

Não era possível. Como poderia ser possível?

Em ambas as pernas, dos joelhos para baixo, a carne de Pablo havia sido quase totalmente devorada. Ossos, tendões, cartilagens e grossos coágulos de sangue pisado: era só o que restava. Mathias e os outros haviam amarrado dois torniquetes em volta das coxas do grego para estancar as artérias femorais. Usaram algumas das tiras de nylon da barraca azul. Jeff curvou-se para examiná-los; era uma tentativa de escapar, isso ele podia admitir para si mesmo; um modo de não precisar olhar para os ossos expostos. Precisava ocupar a mente por um instante, distraí-la, dar-lhe tempo para se adaptar àquele novo horror. Nunca havia amarrado um torniquete antes, mas lera a respeito, e sabia, ao menos no nível da abstração, como proceder. A ideia era afrouxá-los a intervalos regulares e logo tornar a apertá-los, mas Jeff não conseguiu se lembrar dos tempos exatos, nem sequer de qual era o objetivo da manobra.

Não fazia diferença, pensou.

Não: ele sabia que não fazia diferença.

- A planta? - perguntou. Mathias aquiesceu.

- Quando a gente arrancou o troço, o sangue começou a esguichar. A planta estava estancando o sangue, de algum jeito, e quando a gente tirou... — Ele fez um gesto de esguicho com as mãos.

Os olhos de Pablo estavam fechados, como se ele estivesse dormindo, mas suas mãos pareciam contraídas, a pele das juntas esticada até ficar branca.

— Ele está consciente? — perguntou Jeff. Mathias deu de ombros.

— Difícil dizer. No começo ele gritou; depois parou e fechou os olhos. Ficou rolando a cabeça de um lado para o outro, e gritou uma vez. Mas não tornou a abrir os olhos.

Pablo exalava um cheiro estranhamente adocicado, enjoativo quando se reparava nele. Jeff sabia que aquilo era cheiro de putrefação. Eram as pernas do grego começando a apodrecer. Ele precisava ser operado, precisava ir para um

hospital e o quanto antes, melhor. Para ele sobreviver, seria preciso que a ajuda chegasse naquela noite. Caso isso não acontecesse, eles passariam os dias seguintes vendo Pablo morrer.

Ou talvez houvesse uma terceira opção.

Jeff tinha quase certeza de que a ajuda não chegaria antes do cair da noite. E ele não queria ficar sentado vendo Pablo morrer. Mas aquela terceira opção... sabia que os outros não estariam prontos para ela, não ainda; nem no conceito, nem na prática. E, caso fosse tentar aquilo, é claro que ele precisaria de sua ajuda.

Assim, foi com a ideia de prepará-los, de endurecê-los, que ele deu as costas ao corpo mutilado de Pablo e começou a falar sobre suas próprias descobertas daquela manhã.

Levando em conta tudo que tinha visto desde a aurora sobre as capacidades da planta, como esta havia se enterrado na perna de Eric, devorado a carne de Pablo, serpenteado pela clareira para sugar o vômito de Amy, Stacy não ficou muito surpresa ao ouvir as revelações de Jeff. Escutou-as com uma sensação estranha, anestesiada; sua única emoção perceptível foi um murmúrio baixo de irritação dirigido a Eric, que continuava a andar de um lado para o outro da pequena clareira, sem prestar nenhuma atenção em Jeff, nem em sua história. Stacy desejou que ele se sentasse, que deixasse de lado a obsessão com o que ela estava certa de ser apenas a presença imaginária da planta em seu corpo. A planta não estava dentro de seu corpo; a própria ideia lhe parecia absurda, inutilmente assustadora. Porém, reconfortar Eric não surtiu nenhum efeito. Ele simplesmente continuou a andar de um lado para o outro, parando de vez em quando para cutucar os ferimentos com uma careta. A única solução possível era fazer força para ignorá-lo.

A planta era o motivo pelo qual eles estavam sendo mantidos presos ali: era essa a essência do que Jeff estava lhes contando. Os maias haviam aberto a clareira em volta

do sopé do morro em uma tentativa de isolar a planta, salgando a terra em volta. A teoria de Jeff era que a planta se espalhava por contato. Quando eles a tocavam, suas sementes, esporos, ou o que quer que possibilitasse sua reprodução, aderiam às suas peles e, caso atravessassem o descampado, levariam aquilo consigo. Era por isso que os maias não os deixavam sair do morro.

— E os pássaros? — perguntou Mathias. — Eles não...

— Não tem pássaro nenhum — disse Jeff. — Não reparou? Não tem nenhum pássaro, nenhum inseto... não tem nada vivo aqui, a não ser a gente e a planta.

Todos olharam em volta para a clareira, como à procura de algo que desmentisse isso.

— Mas como é que os animais vão saber que precisam ficar longe? — perguntou Stacy. Imaginou os maias detendo os pássaros, mosquitos e moscas, da mesma forma que haviam tentado deter eles seis: o careca acenando com a pistola em direção às pequenas criaturas, gritando com elas, mantendo-as longe. Como os pássaros teriam sabido que deveriam dar meia volta, perguntou-se, quando ela própria não soubera?

— Evolução — disse Jeff. — Os que foram parar no morro morreram. Os que, de alguma forma, sentiram que deveriam evitar o morro sobreviveram.

- Todos eles? - perguntou Amy, claramente sem acreditar naquilo. Jeff deu de ombros.

- Olha - sua camisa tinha botões de plástico nos bolsos; ele levantou a mão, arrancou um deles, e jogou-o no meio das plantas.

Houve um movimento de algo saltando, um clarão verde.

- Viu como ela é rápida? - perguntou ele. Parecia estranhamente contente, como se estivesse orgulhoso da capacidade da planta. — Imagina se fosse um pássaro. Ou uma mosca. Não teria nenhuma chance.

Ninguém disse nada; estavam todos fitando a vegetação em volta, como esperassem que ela tornasse a se mover. Stacy

se lembrou daquele braço comprido ondulando pela clareira em sua direção, do barulho de sucção que ele fez ao sugar o vômito de Amy. Percebeu que estava com a respiração presa, e que isso a deixava tonta, e precisou lembrar a si mesma para expirar... inspirar... expirar.

Jeff arrancou o botão de seu outro bolso e jogou-o também. Novamente, o mesmo clarão veloz.

- Mas o mais incrível é isso - disse ele, e levou a mão à gola, arrancando um terceiro botão da camisa e jogando-o no meio das plantas.

Nada aconteceu.

- Estão vendo? - sorriu para eles. Novamente aquela mesma sensação de orgulho; ele não parecia conseguir se conter. — Ela aprende — disse. — Ela pensa.

- Que história é essa? — perguntou Amy, como se as palavras de Jeff a ofendessem. Ou a assustassem, talvez; sua voz estava mais aguda.

- Ela arrancou a minha placa.

- Você está dizendo que a planta sabe ler?

- Estou dizendo que ela sabia o que eu estava fazendo. Sabia que, se quisesse conseguir matar a gente... e talvez outras pessoas também, todo mundo que aparecer... precisava se livrar da placa. Do mesmo jeito que se livrou desta aqui. - Ele chutou a assadeira de metal com a palavra em espanhol gravada no fundo.

Amy riu. Foi a única. Stacy havia escutado tudo que Jeff estava dizendo, mas não estava acompanhando suas palavras, não estava entendendo que o que ele dizia tinha um significado literal. As plantas se curvam na direção da luz: era isso que ela estava pensando. Ela até se lembrou, milagrosamente, do nome desse reflexo, um flashback da aula de biologia do ensino fundamental, um cheiro de giz e formol, bolotas de chiclete grudento presas embaixo de sua carteira, uma pequena bolha subindo até a superfície de sua mente, irrompendo com um estouro: fototropismo. Flores que se abrem de manhã e se fecham à noite; raízes que se

estendem na direção da água. Era estranho, assustador e sinistro, mas não era a mesma coisa que pensar.

— Isso é um absurdo — disse Amy. — Plantas não têm cérebro; elas não pensam.

— Essa planta cresce em cima de quase tudo, não cresce? Qualquer coisa orgânica? — Jeff apontou para seu jeans, para a penugem verde-clara que brotava ali.

Amy aquiesceu.

— Então por que é que a corda estava tão limpa? — perguntou Jeff.

— Não estava. Foi por isso que ela partiu. A planta...

— Mas por que é que tinha sobrado algum pedaço de corda, para começo de conversa? Essa coisa devorou a carne da perna do Pablo em uma única noite. Por que é que não teria devorado a corda, também?

Amy franziu o cenho para ele; estava claro que não tinha uma resposta.

— Era uma armadilha — disse Jeff. — Você não entende isso? Ela deixou a corda porque sabia que quem chegasse aqui alguma hora iria decidir olhar dentro do buraco. E depois ela poderia corroer a corda e...

Amy lançou os braços no ar, incrédula.

— Ela é uma planta, Jeff. Plantas não têm consciência. Elas não...

— Olha — disse Jeff. Enfiou a mão nos bolsos, esvaziando-os um após o outro no chão a seus pés. Havia quatro passaportes, dois óculos, alianças de casamento, brincos, um colar. — Toda essa gente está morta. Estas coisas são tudo que sobrou. Estas coisas, e os ossos deles. E eu estou te dizendo que a planta fez isso. Ela matou essa gente. E, neste exato momento, enquanto a gente está aqui conversando, ela está planejando nos matar também.

Amy sacudiu a cabeça, veemente.

— Não foi a planta que matou eles. Foram os maias. Eles tentaram fugir, e os maias atiraram neles. A planta só

devorou os corpos depois de eles levarem os tiros. Isso não exige nenhum pensamento. Não...

— Olha em volta, Amy.

Amy se virou, olhou para a clareira ao seu redor. Todos fizeram a mesma coisa, inclusive Eric. Amy ergueu as mãos.

— O que é que tem?

Jeff começou a andar pela clareira, e pisou na vegetação que a rodeava. Meia dúzia de passos, e chegou a um daqueles montinhos esquisitos que alcançavam sua cintura. Agachou-se ali ao lado e começou a arrancar as plantas. Ele vai se queimar, pensou Stacy, mas pôde ver que ele não estava ligando. À medida que ele arrancava as plantas, ela começou a ver sob a massa verde pedacinhos de algo branco, meio amarelado. Pedras, pensou, sabendo que não era isso no mesmo instante em que a palavra se formou em sua mente. Jeff esticou a mão até o centro do montinho e retirou de lá algo com um formato vagamente esférico, estendendo-o em sua direção. Stacy não queria ver o que era; essa foi a única explicação em que conseguiu pensar para o tempo que levou para reconhecer o objeto, apesar de este ser facilmente identificável: uma sorridente imagem de Dia das Bruxas, uma bandeira de pirata suspensa no mastro do braço de Jeff, um pobre diabo de sorriso sempre escancarado. O que ele segurava em sua direção era uma caveira. Ela precisou repetir a palavra dentro da própria cabeça antes de conseguir absorvê-la por completo, antes de conseguir acreditar nela. Uma caveira, uma caveira, uma caveira...

Então Jeff acenou em direção ao topo do morro, e todos giraram as cabeças ao mesmo tempo para acompanhar o gesto. Stacy notou que havia montinhos daqueles por toda parte. Começou a contá-los: chegou a nove, com muitos outros ainda por contar, e desistiu da tarefa.

— Ela matou todos eles — disse Jeff. Tornou a caminhar na direção deles, limpando as mãos na calça. — A planta, não os maias. Um por um, matou todos eles.

Eric finalmente havia parado de andar de um lado para o outro.

— A gente tem de sair daqui — disse ele.

Todos se viraram para encará-lo. Ele agitava a mão rapidamente, para a frente e para trás, na lateral do corpo, como se tivesse acabado de prendê-la em uma gaveta e a estivesse sacudindo para evitar a dor. Era esse o grau de seu nervosismo, de sua ansiedade.

— A gente pode fazer uns escudos. Umas lanças, quem sabe. E atacar eles. Todos juntos. A gente pode...

Jeff interrompeu-o, quase com desdém.

— Eles estão armados - disse ele. - Pelo menos dois deles, talvez mais. E aqui só tem cinco pessoas. E faltam o quê? Dezoito quilômetros pra chegar a um lugar seguro? E o Pablo...

A mão de Eric começou a se agitar mais depressa, criando um borrão, fazendo um barulho de estalo. Ele gritou:

- A gente não pode simplesmente ficar aqui sentado sem fazer nada!

- Eric...

— Ela está dentro de mim!

Jeff sacudiu a cabeça com muita firmeza. Sua voz também estava firme, surpreendentemente firme.

— Isso não é verdade. Você pode até estar com essa sensação, mas ela não está dentro de você. Eu juro.

É claro que não havia nenhum motivo para Eric acreditar nisso. Jeff estava simplesmente fazendo uma afirmação; até mesmo Stacy pôde ver isso. Mas, mesmo assim, pareceu funcionar. Ela viu Eric se render, viu a tensão deixar seus músculos. Ele sentou-se no chão, abraçando os joelhos próximos ao peito, e fechou os olhos. Stacy sabia, porém, que aquilo não iria durar; sabia que ele logo estaria novamente de pé, andando de um lado para o outro da clareira. Porque, no mesmo instante em que Jeff lhe deu as costas, pensando ter resolvido aquele problema, e poder agora passar ao problema seguinte, ela viu a mão de Eric

descer novamente em direção à canela, em direção ao ferimento que havia ali, em direção ao leve inchaço em sua borda.

Cada um tomou um gole d'água. Ficaram sentados na clareira, ao lado da tenda de Pablo, em um círculo frouxo, e passaram a jarra de plástico de mão em mão. Amy não pensou na sua promessa da noite anterior, na sua intenção de confessar seu roubo à meia-noite e recusar a ração matinal, e aceitou o gole a que tinha direito sem o menor sentimento de culpa. Estava com sede demais para fazer qualquer outra coisa. Ansiosa demais para tirar da boca o gosto ácido de vômito.

Os gregos vão chegar: era isso que ela repetia a si mesma, imaginando o avanço deles a cada instante que passava, os dois rindo e brincando na rodoviária de Cancún, comprando as passagens com seus nomes impressos em cima, Juan e Don Quixote, o deleite que isso provocaria neles, os tapinhas que dariam nos ombros um do outro, aqueles sorrisozinhos travessos que tinham. Depois a viagem de ônibus, a dificuldade para achar um táxi, a longa caminhada pela trilha na mata até a primeira clareira. Eles não passariam pela aldeia maia, decidiu Amy; de alguma forma, conseguiriam acertar o caminho, encontrariam a segunda trilha, e seguiriam por ela depressa, cantando, talvez.

Amy podia imaginar seus rostos, sua completa surpresa, quando emergissem das árvores e vissem à sua frente o morro coberto de plantas, com ela, Jeff, Stacy ou Eric em pé junto à sua base, acenando para que se afastassem, fazendo mímicas de sua situação, de seu perigo. E os gregos entenderiam. Dariam meia-volta, sairiam correndo de volta para dentro da mata, iriam buscar ajuda. Amy sabia que faltavam poucas horas para tudo isso acontecer. Ainda era tão cedo. Juan e Don Quixote nem estavam na rodoviária ainda, talvez não estivessem sequer acordados. Mas iriam chegar. Ela não podia se permitir acreditar em outra coisa. Sim, o fato de a planta ser malévola não tinha

importância, o fato de, como afirmava Jeff, ela ser capaz de pensar e estar planejando sua destruição, porque os gregos estavam vindo correndo resgatá-los. A qualquer momento agora, iriam despertar, tomar uma ducha e o café-da-manhã, e estudar o mapa de Pablo...

Jeff mandou todos esvaziarem as mochilas, para avaliar a comida que haviam trazido.

Stacy apresentou os seus suprimentos e os de Eric: duas bananas com aspecto passado, uma garrafa d'água pequena, um saco de salgadinhos, uma latinha de nozes sortidas.

Amy abriu o zíper da bolsa de Jeff e tirou lá de dentro duas garrafas de iced tea, duas barrinhas de proteína, uma caixa de uvas-passas, um saco plástico cheio de uvas já escurecidas.

Mathias apresentou uma laranja, uma lata de Coca-Cola, um sanduíche de atum empapado.

E claro que estavam todos com fome; poderiam facilmente ter comido tudo ali mesmo, e ainda assim não ficariam nem de longe saciados. Mas Jeff não permitiu. Agachou-se junto à pilha de comida, franzindo o cenho para ela como se esperasse conseguir de alguma forma, graças a seus simples poderes de concentração, fazê-la aumentar, dobrar, triplicar, fornecendo milagrosamente comida suficiente para sobreviverem ali por todo o tempo que fosse necessário.

Por todo o tempo que for necessário. Amy sabia que esse também era o tipo de frase que ele usaria, objetiva e casual, e sentiu uma breve pontada de raiva dele. Os gregos iriam aparecer naquela tarde. Por que ele se recusava com tanta teimosia a reconhecer isso? Eles dariam um jeito de dizer aos dois para não se aproximarem, de fazê-los ir buscar ajuda; o resgate chegaria ao cair da noite. Não havia necessidade de racionar comida. Aquilo era alarmista e extremo.

Mais tarde, pensou Amy, todos eles zombariam dele por causa disso, imitariam a forma como ele havia pego o

sanduíche de atum, desembrulhado-o e usado a faca para cortá-lo em cinco pedaços iguais. Amy passou algum tempo imaginando essa possibilidade: todos de volta a Cancún, rindo de Jeff. Ela ergueria o indicador e o polegar bem juntos, para mostrar a todos como eram pequenos os pedaços, como eram absurdamente pequenos: é, isso mesmo, menores do que um cream-cracker, ela podia enfiar o pedaço inteiro na boca. E, por sinal, era o que estava fazendo agora, enquanto se ocupava imaginando aquela cena futura mais feliz: no dia seguinte, de banho tomado e descansada, na praia com suas toalhas coloridas; abriu a boca, pôs o quadrado de sanduíche lá dentro, mastigou umas poucas vezes, engoliu, e o pedaço desapareceu.

Os outros comiam seus pedaços devagar, dando mordidinhas pequenas como as de um camundongo, e Amy sentiu uma onda de arrependimento. Por que não havia lhe ocorrido fazer isso, prolongar o momento, alongar o que sequer poderia ser chamado de lanche para fazê-lo se assemelhar a algo que quase pudesse passar por uma refeição? Ela queria sua porção de volta, queria uma outra porção, para poder arrumar um jeito de consumi-la de forma mais gradual. Mas já não havia mais porção nenhuma; o pedaço fora irrevogavelmente para dentro de seu estômago, e agora ela precisava ficar sentada e esperar os outros acabarem de comer os seus, mordiscando, cheirando e saboreando. De repente, sentiu vontade de chorar; não, vinha sentindo vontade de chorar a manhã inteira, talvez mesmo desde que haviam chegado àquele morro, mas, agora, a sensação era ainda mais intensa. Ela se debatia em águas muito, muito profundas, tentando fingir o tempo todo que aquilo não era verdade, e isso a estava exaurindo, o debater-se, o fingir; ela não sabia por mais quanto tempo conseguiria continuar. Queria mais comida, mais água, queria ir para casa, queria que Pablo não estivesse deitado ali debaixo da tenda com a carne das pernas arrancada. Queria tudo isso e mais, e nada disso era possível, então

continuou a se debater e a fingir, e sabia que a qualquer momento isso se tornaria demais para ela, que precisaria parar de se debater, parar de fingir, e ceder ao afogamento. Passaram a jarra d'água de plástico de mão em mão, e todos deram mais um gole para ajudar a engolir a comida.

— E o Pablo? — perguntou Mathias. Jeff deu uma olhada na direção da tenda.

— Duvido que ele consiga engolir isso.

Mathias sacudiu a cabeça.

- Estou falando da bolsa dele.

Olharam para a clareira em volta, à procura da bolsa de Pablo. Estava jogada ao lado de Jeff; ele estendeu a mão para pegá-la, abriu o zíper, tirou lá de dentro três garrafas de tequila, uma depois da outra, e em seguida virou a mochila de cabeça para baixo, sacudindo-a. Um punhado de pacotinhos de papel celofane caiu lá de dentro: biscoitos salgados. Stacy riu; Amy riu também, e isso constituiu um alívio. Era uma sensação boa, quase normal. Sua cabeça pareceu clarear um pouco, seu coração pareceu ficar mais leve. Três garrafas de tequila: o que Pablo estava pensando? Para onde imaginava que estavam indo? Amy quis continuar a rir, prolongar aquele instante, da mesma forma que os outros haviam prolongado seu diminuto pedaço de atum, mas o riso se mostrou fugidio demais, veloz demais para ela. Stacy parou de rir, e então apenas Amy permaneceu rindo, e não conseguiu continuar sozinha. Calou-se e observou Jeff tornar a guardar as garrafas dentro da bolsa, antes de acrescentar os biscoitos salgados a seu pequeno estoque de comida. Pôde vê-lo fazer cálculos mentais, decidindo o que deveriam comer e quando. Primeiro os perecíveis, imaginou ela: as bananas, as uvas, a laranja, racionados mordida a mordida. Em sua boca, o resquício de sabor do atum se misturava ao insistente resíduo do vômito. Sua barriga doía, parecendo estranhamente inchada; ela queria mais comida. O que Jeff lhes dera não era suficiente; isso lhe parecia óbvio. Ele precisava lhes dar alguma outra

coisa, pelo menos um biscoito, um gomo de laranja, um punhado de uvas.

Amy olhou em volta para o círculo frouxo que haviam formado. Eric não fazia parte dele; havia recomeçado a mancar de um lado para o outro, andando, parando de vez em quando para se curvar e examinar a perna. Mathias observava Jeff arrumar a pilha de comida; Stacy estava ocupada com seu derradeiro e ínfimo pedacinho de sanduíche, dando uma mordida minúscula e em seguida mastigando por muito tempo, de olhos fechados. Os gregos estavam vindo, chegariam dali a poucas horas, era ridículo estarem racionando daquela maneira, e alguém precisava dizer essa verdade. Mas Amy percebeu que não seria nenhum dos outros. Não, como de hábito, teria de ser ela: aquela que reclamava, aquela que chiava, a ranzinza.

- Alguém deveria descer o morro e ficar de olho na chegada dos gregos - disse Jeff. — E eu estava pensando que a gente deveria cavar uma fossa... agora, antes de o sol subir mais. E...

— Vai ser só isso? — perguntou Amy.

Jeff ergueu a cabeça, olhou para ela. Não entendia do que ela estava falando.

Amy olhava para a pilha de comida.

— Para comer? — perguntou.

Ele assentiu. Foi isso, um único menear de cabeça. Aparentemente, a pergunta dela sequer merecia uma resposta falada. Não haveria nenhuma discussão, nenhum debate. Amy se virou para os outros, esperando apoio, mas foi como se eles não a houvessem escutado. Estavam todos olhando para Jeff, esperando ele prosseguir. Jeff hesitou mais um instante, com o olhar pousado em Amy, para ter certeza de que ela não diria mais nada. E ela não disse mais nada. Deu de ombros, olhou para o outro lado, rendeu-se à vontade do grupo. Essa era sua covardia, e ela sabia disso. Podia reclamar, podia fazer beicinho, mas não conseguia se rebelar.

— O Mathias e eu vamos cavar — disse Jeff. — O Eric provavelmente deveria tentar descansar... na barraca, fora do sol. Isso significa que uma de vocês duas vai ter que descer o morro, enquanto a outra fica aqui com o Pablo — ele olhou para Stacy e Amy.

Amy pôde ver que Stacy não estava prestando atenção; seus olhos ainda estavam fechados, saboreando o último pedaço de atum. Por trás de sua fome e de sua sede, Amy tinha consciência de uma vontade cada vez mais forte de urinar. Havia passado a manhã inteira se segurando, sem querer se aliviar novamente dentro da garrafa, esperando poder encontrar uma brechinha para se afastar e fazer no chão, em algum lugar. Foi isso que a levou a falar, mais do que tudo; não estava pensando em como seria lá embaixo do morro, sozinha, encarando os maias do outro lado daquele pedaço de terra nua; não, estava pensando em se agachar na trilha, onde os outros não pudessem vê-la, abaixar o jeans até os tornozelos, e ver a poça de urina se formar lentamente debaixo de si.

— Eu vou — disse.

Jeff assentiu, aprovando.

— Vai de chapéu. E de óculos escuros. E tenta não se mexer muito. A gente vai ter que esperar algumas horas antes de beber mais água.

Amy percebeu que ele a estava dispensando. Levantou-se, ainda pensando apenas na própria bexiga, e no alívio que a esperava mais embaixo do morro. Pôs o chapéu, os óculos escuros, passou a tira da câmera pelo pescoço e partiu pela clareira.

Estava começando a tomar a trilha quando Jeff gritou seu nome:

- Amy!

Virou-se. Ele havia se levantado e vinha correndo em sua direção. Ao chegar ao seu lado, segurou-a pelo cotovelo e falou, em voz baixa:

- Se vir uma oportunidade de fugir, não hesita. Vai fundo.

Amy não disse nada. Não iria tentar sair correndo; aquela ideia lhe parecia absurda, um risco inútil. Os gregos iriam chegar; agora mesmo já deveriam estar acordando, tomando banho, preparando as mochilas.

- Tudo que você precisa fazer é entrar na mata... só um pouquinho. E aí e jogar no chão. A mata é densa o bastante pra que eles não consigam te ver. Espera um pouco, aí vai saindo. Mas com cuidado. E quando você se mexer é que eles vão te ver.

- Eu não vou fugir, Jeff.

- Estou só dizendo que se você tiver a...

- Os gregos estão chegando. Por que eu iria tentar fugir? Foi a vez de Jeff não responder. Ele a encarou sem expressão nenhuma no rosto.

- Você age como se eles não fossem chegar. Não deixa a gente comer, nem beber, nem...

- A gente não tem certeza de que eles vão chegar.

- É claro que eles vão chegar.

- E, se eles vierem mesmo, a gente não tem como ter certeza de que eles não vão acabar aqui em cima do morro também.

Ao ouvir isso, Amy sacudiu a cabeça, como se aquela simples ideia fosse um absurdo.

- Eu não deixaria.

Novamente, Jeff não disse nada. Seu cenho agora estava levemente franzido.

- Eu aviso a eles para irem embora — insistiu Amy.

Jeff continuou olhando para ela em silêncio durante um longo tempo, e ela pôde sentir que ele estava hesitando, cogitando a ideia de dizer mais alguma coisa, deixando-a de lado, tornando a considerá-la. Quando finalmente falou, sua voz saiu ainda mais baixa, quase um sussurro.

A situação está séria, Amy. Você sabe disso, não sabe?

- Sei — respondeu ela.

— Se fosse só uma questão de esperar, eu estaria me sentindo bem. Por mais difícil que fosse, tenho quase certeza de que a gente conseguiria. Talvez o Pablo não, mas os outros, sim. Mais cedo ou mais tarde, alguém iria aparecer... a gente só teria de se aguentar até lá. E aguentaria, sim. Ficaria com fome e com sede, talvez o joelho do Eric infeccionasse, mas no final a gente iria sair desta, você não acha?

Ela aquiesceu.

— Mas agora a questão não é mais só esperar.

Amy não reagiu. Sabia o que ele estava dizendo, mas não conseguia obrigar a si mesma a aceitar.

O olhar de Jeff continuava fixo nela, forçando-a a encará-lo.

— Está entendendo o que eu quero dizer?

— Você está falando da planta. Ele assentiu.

— Ela vai tentar matar a gente. Igual a todas aquelas outras pessoas. E, quanto mais tempo a gente ficar aqui, melhores as chances dela.

Amy começou a atravessar o alto do morro. Já vira o que a planta era capaz de fazer. Vira-a rastejar pela clareira para sugar a pocinha de vômito. Vira as pernas descarnadas de Pablo. Mas isso tudo parecia estar tão além do que ela concebia como as leis imutáveis da natureza, tão além daquilo que sabia que uma planta poderia ser capaz de fazer, que ela não conseguia se levar a aceitá-lo. Coisas estranhas tinham ocorrido, coisas medonhas, e ela as havia testemunhado com seus próprios olhos, mas, mesmo assim, continuava a duvidar delas. Olhando agora para a planta, emaranhada e enroscada morro afora, com suas folhas verde-escuras, suas flores vermelho-sangue, não conseguiu sentir pavor. Tinha medo dos maias com seus arcos e suas armas; tinha medo de não ter comida ou água suficiente. Mas a planta, em sua mente, continuava a ser apenas uma planta, e ela não conseguia se obrigar a temê-la da maneira como sabia que deveria temer. Não conseguia acreditar que ela a mataria.

Tornou a recorrer a seu porto seguro:

— Os gregos vão chegar — disse.

Jeff deu um suspiro. Ela pôde ver que o havia desapontado, que mais uma vez se revelara ser menos do que ele precisava que ela fosse. Mas aquilo era tudo que ela podia fazer: não podia ser melhor, nem mais corajosa, nem mais esperta do que era, e pôde vê-lo pensando isso também, resignando-se ao fracasso dela. Ele retirou a mão de seu cotovelo.

- Só toma cuidado, tá? - disse ele. - Fica atenta. Grita se algo acontecer... o mais alto possível... e a gente vai correndo.

Com essas últimas palavras, ele a mandou descer o morro.

Eric estava novamente dentro da barraca laranja. Fora uma má ideia, e ele sabia disso; aquele era o pior lugar possível para ele estar, mas ele não conseguia se forçar a sair. Sentia-se passivo, inerte e, contudo, por fora dessa carapaça de inércia, estava tomado pelo pânico. Encurralado, fora de controle, e estar ali dentro da barraca só fazia piorar isso. Mas Jeff havia lhe dito para ficar na sombra e tentar descansar, então era isso que ele estava fazendo. Mas ele tinha a sensação de que essa não era a coisa certa a fazer. Estava ficando mais quente, e o sol subia implacavelmente, castigando o nylon cor de laranja da barraca, de modo que logo começou a parecer que o próprio tecido estava irradiando luz e calor, em vez de apenas filtrá-los. Eric estava deitado de costas, suado, com os cabelos engordurados, tentando controlar a própria respiração. Esta vinha depressa demais, rasa demais, e ele pensou que, se ao menos conseguisse controlá-la um pouco, tornando suas inspirações mais profundas, permitindo que o ar lhe enchesse os pulmões, todo o resto seria consequência: seu coração desaceleraria, e então talvez seus pensamentos também fizessem o mesmo. Porque era este o maior problema naquele momento: seus pensamentos iam excessivamente rápido, saltando para a frente e para trás. Ele sabia que estava à beira da histeria,

que talvez até já houvesse se rendido a ela. Estava tendo algum tipo de ataque histérico, e não parecia estar conseguindo revertê-lo. Sua respiração, seu coração, seus pensamentos, tudo isso parecia ter inexplicavelmente fugido ao seu controle.

Ele não parava de se sentar para examinar a perna machucada, curvando-se bem junto a ela, apertando os olhos, pressionando a pele inchada com o dedo. A planta estava dentro dele. Mathias a cortara, mas ainda havia algo lá dentro. Eric podia senti-la, tinha certeza disso, mas os outros se recusavam a escutar. Eles o estavam ignorando, sem lhe dar atenção, e a planta estava começando a crescer; estava começando a crescer e a devorá-lo, e, quando terminasse, Eric ficaria igualzinho a Pablo, sem carne nenhuma na perna. Ele e o grego não sairiam vivos daquele lugar; iriam acabar como mais dois daqueles montinhos verdes espalhados pela encosta do morro.

Tinha sido dentro da barraca que tudo havia acontecido; então, por que ele estava novamente dentro da barraca? Por causa de Jeff: fora ele quem lhe dissera para ir para lá, para descansar, como se descansar ainda fosse possível àquela altura. Mas isso era porque Jeff não acreditava nele. Ele havia passado alguns segundos examinando o joelho de Eric, e isso não era tempo suficiente, nem de longe; ele não tinha visto. Ou talvez não fosse possível ver, por mais que se olhasse; talvez fosse esse o problema. Eric sabia a verdade porque podia senti-la-havia algo de podre dentro de sua perna, algo se mexendo que não era ele, mas algo externo a ele, com objetivos próprios. Eric desejou poder vê-lo, desejou que Jeff e os outros pudessem, também; tudo melhoraria se ao menos eles pudessem vê-lo. Ele não deveria estar ali na barraca, onde tudo havia acontecido, onde poderia acontecer de novo. Não deveria estar sozinho. Levantou-se, surpreendendo a si mesmo. Coxeou até a entrada da barraca e abaixou-se para sair para a luz do sol. Stacy estava ao lado da tenda. Havia lhe construído um

pequeno abrigo usando algumas das barras restantes e o nylon da outra barraca, e formando com esses restos uma espécie de guarda-sol de aparência surrada. Ela estava sentada no chão debaixo dele, de pernas cruzadas, na diagonal em relação a Pablo, para poder vigiá-lo sem precisar de fato olhar para ele. Ninguém mais queria olhar para Pablo, e Eric entendia isso; tampouco ele queria olhar para o grego. O que o incomodava era a sensação de que os outros estavam começando a também incluí-lo em sua zona de não-visão. Mesmo naquele momento, enquanto ele se sentava no chão ao lado de Stacy, o olhar dela permaneceu voltado para o outro lado.

Eric estendeu a mão, segurou a dela, e ela deixou, mas de forma passiva, com os músculos inertes e sem reação, de modo que ele teve a sensação de estar segurando uma luva vazia. Ficaram sentados por alguns instantes sem dizer nada e, durante esse curto silêncio, Eric quase conseguiu alcançar uma espécie de paz. Eram duas pessoas repousando juntas sob o sol: por que não podia ser simples assim? No entanto, essa serenidade momentânea não durou; afastou-se dele tão subitamente quanto algo feito de vidro, estilhaçando-se, e seu coração saltou até a garganta. Podia sentir o suor brotando da pele, e sua mão que segurava a de Stacy foi ficando pegajosa. Precisou resistir ao impulso de se levantar e começar a andar de um lado para o outro. Podia ouvir a respiração de Pablo: um som úmido, pouco saudável, como o de alguém que esfrega um serrote em uma lata, para a frente e para trás, e arriscou uma olhada rápida para ele, arrependendo-se no ato de tê-lo feito. O rosto de Pablo havia adquirido uma cor cinza, estranha, seus olhos estavam fechados e profundamente encovados, e um filete de um líquido escuro escorria do canto de sua boca, vômito, bile ou sangue; Eric não saberia dizer. Alguém deveria limpar isso, pensou, mas não fez nenhum movimento nesse sentido. E, debaixo do saco de dormir, é claro, havia as pernas de Pablo, ou o que sobrara

delas: os ossos, os grossos coágulos de sangue, os tendões amarelos. Eric sabia que o grego não poderia sobreviver daquele jeito, sem carne, sabia que Pablo iria morrer, e só desejava que isso acontecesse logo, e não demorasse, que acontecesse agora, até; uma bênção, um alívio, pensou, todas aquelas mentiras que as pessoas sussurram em torno da morte para se reconfortar, para enterrar sua tristeza junto com o corpo, mas ali, subitamente, elas eram verdadeiras. Morre, disse Eric mentalmente. Agora, morre logo. E durante todo o tempo, sim, implacavelmente, inexoravelmente, a respiração do grego prosseguia, com seu ruído áspero.

Eric escutou o murmúrio indistinto das vozes de Jeff e Mathias, mas não conseguiu distinguir o que estavam dizendo. Estavam fora de seu campo de visão, em algum lugar mais abaixo no morro, escavando a fossa.

Ele apertou a mão de Stacy; ela ainda não havia olhado para ele.

— Então... — começou, hesitante, sem saber se aquele era o caminho certo —, tinha esse cara, e uma planta estava crescendo dentro dele.

Silêncio. Ela não vai responder, pensou. E então ela respondeu.

— A gente tirou — disse ela, baixinho. Eric precisou se inclinar para escutá-la.

— Você precisa dizer "mas". Stacy sacudiu a cabeça.

— Eu não estou brincando. Estou te dizendo que ele tirou. Ela não está mais dentro de você.

— Mas eu ainda estou sentindo. Ela finalmente olhou para ele.

— Só porque você está sentindo não significa que ela esteja lá dentro.

— Mas e se estiver?

— A gente não pode fazer nada.

— Então você reconhece que pode estar.

— Não estou dizendo isso.

— Mas eu estou sentindo, Stacy.

Eu estou dizendo que, qualquer que seja a verdade, tudo que a gente pode fazer é esperar pra ver.

- Então eu vou acabar que nem o Pablo.

- Para, Eric.

- Mas ela está dentro de mim... está no meu sangue. Estou sentindo ela no meu peito.

- Para, por favor.

- Então eu vou morrer aqui.

- Eric.

Ele se calou, surpreso pelo sobressalto na voz dela. Ela estava chorando. Quando é que havia começado a chorar?

- Pára, amor, por favor - disse ela. - Você consegue fazer isso? Consegue se acalmar? — ela enxugou o rosto com as costas da mão. — Eu preciso que você se acalme, preciso mesmo.

Eric não disse nada. No meu peito: de onde tinha vindo aquilo? Ele não havia percebido até pronunciar as palavras, mas era verdade. Podia sentir a planta dentro de seu peito, uma pressão para fora, sutil, mas real, na parte inferior de sua caixa torácica.

Stacy soltou a mão dele, pôs-se de pé, e saiu andando pela clareira. Eric debruçou-se sobre a bolsa de Pablo, vasculhou-a por dentro, e pegou uma das garrafas de vidro. Ele pôde sentir o cheiro da tequila, pôde sentir sua atração, que vinha misturada, de forma absurda, porém incontrollável, à sua sensação de sede mais generalizada. Era a garrafa da qual haviam bebido na tarde anterior, depois de sua travessia abortada da plantação enlameada: outro mundo, totalmente diferente, povoado por outras versões deles mesmos, intocadas, inocentes. Lembrou-se de Pablo em pé na sua frente, tão risonho, oferecendo a garrafa, e com essa imagem em mente, aparentemente mais sonho do que lembrança, Eric inclinou a cabeça para trás e sorveu um grande gole da bebida. Foi demais; ele engasgou, tossiu, e

lágrimas obscureceram sua visão por um instante. Mas foi bom também; foi a coisa certa. Sem esperar para se recuperar, com uma única respiração, que era tudo de que precisava, tornou a erguer a garrafa até os lábios.

A única coisa que ele havia comido desde a véspera de manhã fora aquele quadradinho mínimo de atum com pão; estava desidratado, exausto, e pôde sentir a tequila segundos depois, agradavelmente excitante, afinal permitindo-lhe respirar. Tudo aconteceu tão depressa que foi como o mergulho de uma agulha em uma veia, um torpor, uma diminuição do ritmo de seus pensamentos.

Limpou a boca com o antebraço e surpreendeu a si mesmo soltando uma risada.

Stacy ainda estava em pé ao seu lado, com aquele esdrúxulo guarda-sol apoiado no ombro, envolvendo-o em seu círculo de sombra.

— Não bebe demais — disse ela, que, quando ele ergueu a garrafa para mais um gole, curvou-se depressa e arrancou-a de sua mão.

Tampou a garrafa e tornou a guardá-la na mochila de Pablo. Então sentou-se ao lado dele, deixando-o segurar de novo sua mão. A tequila queimava seu peito, fazia seus ouvidos assobiarem. Talvez eles tenham razão, pensou ele. Talvez a minha reação esteja sendo exagerada. Ainda podia sentir alguma coisa se mexendo, como um verme, dentro de sua perna, e aquela pressão esquisita na parte inferior de seu peito continuava, mas agora, à medida que o álcool acalmava o turbilhão de seus pensamentos, pôde ver que nada disso tinha necessariamente qualquer coisa a ver com a planta. Era possível que ele só estivesse com medo, que estivesse prestando atenção demais no próprio corpo. Se você parasse para procurar, sempre havia algo esquisito para sentir.

— A miserável miséria do miserento — disse ele, e as palavras lhe ocorreram repentinamente, sem motivo aparente.

— O quê? - perguntou Stacy.

Eric sacudiu a cabeça, dando o assunto por encerrado. Havia três garrafas de tequila, e ele se esforçou para transferir os pensamentos para o futuro, para as horas seguintes, racionando o álcool gole a gole, como uma sonda pingando um remédio na veia. Os gregos logo iriam chegar, e todo mundo iria ficar bem. O que ele precisava fazer agora era ficar sentado, segurando a mão de Stacy, e dali a pouco tempo poderia tornar a lhe pedir a garrafa. Assim, um golinho de cada vez, achava que conseguiria aguentar o dia que tinha pela frente.

não tinham pá.

Jeff havia encontrado uma pedra pontiaguda, cujo formato lembrava uma ponta de flecha gigante, grande o suficiente para ele precisar se ajoelhar e usar as duas mãos para golpear a terra dura, compacta. Mathias usou uma das barras de metal da barraca azul, furando a terra com ela, grunhindo a cada vez que movimentava o braço. Quando uma quantidade suficiente de terra se despreendeu dessa maneira, eles se levantaram para chutá-la, e em seguida fizeram uma pausa de alguns segundos, recuperando o fôlego, limpando o suor do rosto, antes de começar todo o processo mais uma vez.

Era uma tarefa árdua e não estava indo tão bem quanto Jeff havia imaginado. Ele tinha uma imagem na mente: um buraco de um metro e meio de profundidade, largo o suficiente para alguém poder se acocorar em cima, com um pé de cada lado, e cujas paredes descessem terra adentro, perfeitamente perpendiculares. Era possível que Jeff tivesse lido um livro onde tal coisa estivesse descrita, ou visto um desenho em algum lugar, mas não era isso que ele e Mathias estavam criando ali. Mesmo com uma profundidade bem pequena, as paredes de sua fossa começaram a ruir e desmoronar, de modo que a largura do buraco aumentava tão rapidamente quanto sua profundidade. Para que o buraco fosse estreito o suficiente de forma que alguém

pudesse se acocorar em cima, teriam de parar de cavar a apenas meio metro de profundidade, o que, obviamente, ia contra o princípio básico. Uma fossa rasa na verdade não era uma fossa; nesse caso, poderiam simplesmente continuar a fazer a mesma coisa que Jeff havia feito mais cedo naquela manhã, entrar no meio das plantas e cagar, depois cobrir a bosta com uma pazada de terra.

Pensando nisso, Jeff percebeu a verdade, aquilo que deveria ter percebido de cara: aquela era uma ideia idiota. Eles não precisavam de fossa, nem mesmo de uma fossa bem-feita. A higiene não era uma prioridade em sua lista de problemas naquele momento e, o que quer que acontecesse com eles ali, teriam desaparecido muito antes de ela se tornar uma questão de alguma urgência. Resgatados, talvez. Ou mortos. Jeff e Mathias agora cavavam não porque fizesse algum sentido cavar, mas porque Jeff estava atarantado, à procura de alguma coisa concreta à qual se agarrar, de alguma providência para tomar, de qualquer coisa que o impedisse de simplesmente ter de ficar sentado, impotente, e esperar. Ao dar-se conta disso, ao perceber isso, Jeff parou de cavar, e acocorou-se no chão. Mathias fez o mesmo.

- O que é que a gente está fazendo? - perguntou Jeff.

Mathias deu de ombros, gesticulando na direção da vala malfeita e rasa que haviam conseguido escavar na terra.

- Cavando uma fossa.

- E será que isso vai servir pra alguma coisa? Mathias sacudiu a cabeça.

- Na verdade, não.

Jeff jogou sua pedra no chão, limpou as mãos na calça. As palmas de suas mãos arderam; aquela penugem verde havia recomeçado a brotar no seu jeans. Todos estavam com aquilo, nas roupas, nos sapatos: ele vira todos eles, em algum momento, estenderem a mão para removê-la enquanto estavam agachados juntos na clareira.

— A gente poderia usar para o xixi — disse Mathias. — Para destilar. — Ele fez um gesto com a mão, estendendo uma

lona imaginária por cima do buraco.

— E será que isso vai servir para alguma coisa? — perguntou Jeff. Ao ouvir isso, Mathias reagiu, erguendo a cabeça.

— Foi você quem... Jeff assentiu, interrompendo-o.

— Eu sei... a ideia foi minha. Mas quanta água a gente vai conseguir com isso?

— Não muita.

— O suficiente para compensar o que a gente está suando agora, cavando deste jeito?

— Duvido.

Jeff suspirou. Sentia-se tolo. E o que mais? Cansado, talvez, mas mais do que isso: derrotado. Talvez aquilo fosse desespero, que ele sabia ser a pior de todas as coisas, o oposto da sobrevivência. O que quer que fosse, a sensação estava dentro dele agora, e ele não sabia como se livrar dela.

— Se chover — disse ele —, a gente vai ter água de sobra. Se não chover, a gente vai morrer de sede.

Mathias não disse nada. Estava observando Jeff com atenção, apertando os olhos de leve.

— Eu estava tentando inventar um trabalho — disse Jeff. — Arrumar coisas para a gente fazer. Manter nosso moral elevado — ele sorriu, zombando de si mesmo. — Estava até planejando tornar a descer para dentro do buraco.

— Por quê?

— O bipe. O barulho do celular.

— Não tem óleo para a lamparina.

— A gente poderia fabricar uma tocha. Mathias riu, incrédulo.

— Uma tocha?

— Com uns trapos... que a gente poderia embeber de tequila.

— Está vendo? — indagou Mathias. — Como você é alemão?

— Você está dizendo que não adianta?

— Não vale o risco.

— Que risco?

Mathias deu de ombros, como se o risco fosse evidente. E talvez fosse mesmo.

— Olha para o Pablo - disse ele.

Pablo. O pior de tudo. Jeff ainda não havia mencionado sua ideia, seu plano para salvar o grego, e mesmo naquele momento hesitou, perguntando-se quais seriam suas próprias motivações, quão puras elas seriam, quão confusas. A possibilidade de ele estar mais uma vez simplesmente inventando uma tarefa para eles fazerem pairou na periferia de sua mente, sendo logo descartada. Poderiam salvá-lo se tentassem; tinha certeza disso.

— Você acha que ele vai sobreviver? - perguntou.

Mathias franziu o cenho. Quando falou, sua voz ficou mais grave, quase inaudível de tão grave.

— Não é provável.

— Mas se a ajuda chegasse hoje...

— Você acha que a ajuda vai chegar hoje?

Jeff sacudiu a cabeça, e ambos passaram algum tempo em silêncio. Mathias cutucava a terra com sua barra de metal. Jeff juntava coragem. Por fim, pigarreou e pronunciou as palavras:

— Talvez a gente pudesse salvar ele.

Mathias não parou de cutucar a terra, sem sequer se dar ao trabalho de erguer os olhos.

— Como?

— A gente poderia amputar as pernas dele.

Mathias se imobilizou, agora olhando para Jeff, sorrindo para ele, mas sem convicção.

— Você está brincando. Jeff sacudiu a cabeça.

— Você quer cortar as pernas dele.

— Ele vai morrer se a gente não fizer isso.

— Sem anestesia.

— Ele não sentiria dor nenhuma. Ele não sente nada abaixo da cintura.

— Ele perderia muito sangue.

— Os torniquetes já estão amarrados. A gente cortaria abaixo deles.

— Com o quê? Você não tem nenhum instrumento cirúrgico, nenhum...

— A faca.

— Você precisaria de uma serra de osso... uma faca não dá nem para o começo.

— A gente poderia quebrar os ossos, e depois cortar.

Mathias sacudiu a cabeça, parecendo horrorizado. Era a emoção mais forte que Jeff jamais vira em seu rosto.

— Não, Jeff. De jeito nenhum.

— Então ele já está morto. Mathias ignorou aquele comentário.

— E a infecção? Cortar ele com uma faca suja?

— A gente poderia esterilizar a faca.

— A gente não tem madeira. Nem água para ferver. Nem panela, aliás.

— Tem umas coisas para queimar... aqueles cadernos, as mochilas cheias de roupas. A gente pode esquentar a faca direto nas chamas. Ela vai cauterizar ao mesmo tempo em que corta.

— Você vai matar ele.

— Ou salvar ele... das duas, uma. Mas ao menos há uma chance. Você prefere ficar sentado vendo ele morrer durante os próximos dias? Não vai ser rápido... não se engane pensando que vai.

— Se chegar ajuda...

— Hoje, Mathias. A ajuda teria que chegar hoje. Com as pernas dele expostas desse jeito, ele vai ter septicemia... talvez até já tenha começado. Quando começar, ninguém vai poder fazer mais nada.

Mathias começou novamente a cutucar o chão, curvado.

— Desculpa ter trazido a gente para cá — disse ele.

Jeff fez um gesto, encerrando o assunto; aquilo não parecia importante.

— Foi a gente quem decidiu vir. Mathias suspirou, largou a barra.

— Eu não acho que consiga fazer isso — disse ele.

— Eu faço.

— Quero dizer, concordar com isso... eu não consigo concordar com isso. Jeff ficou calado, absorvendo a informação; não esperava por aquilo, pensava que Mathias seria o mais fácil de convencer, o único que o ajudaria a convencer os outros.

— Então a gente devia acabar com o sofrimento dele - disse Jeff. - Embebedar ele... derramar a tequila na garganta dele, esperar ele perder a consciência. E, sabe como é... - Fez um gesto abrupto com o braço, cortando o ar com ele, um golpe. Dizer aquilo com palavras era mais difícil do que ele havia pensado.

Mathias olhava-o fixamente; Jeff via que ele não estava compreendendo. Ou que não queria compreender, talvez, que iria forçá-lo a ser mais explícito.

— O quê? — perguntou ele.

— Acabar com isso. Cortar a garganta dele. Sufocar ele.

— Você não pode estar falando sério.

— Se ele fosse um cachorro, você não...

— Mas ele não é um cachorro.

Jeff lançou as mãos para o alto, frustrado. Por que aquilo havia se tornado tão difícil? Ele só estava tentando ser prático. Ter compaixão.

— Você sabe o que eu estou querendo dizer - falou.

Ele não iria continuar com aquilo. Havia proposto a ideia; o que mais poderia fazer? Tornou a sentir aquele peso, aquela sensação de gravidade. O sol já subia mais. Eles deveriam estar na barraca, na sombra; era burro ficar ao ar livre daquele jeito, suando. Mas ele não fez nenhuma tentativa para se mexer. Estava fazendo biquinho, percebeu, punindo Mathias por não concordar com seu plano. Estava irritado consigo mesmo por isso e irritado com Mathias por estar assistindo; gostaria de conseguir parar. Mas não conseguia.

— Você falou com os outros? — perguntou Mathias. Jeff sacudiu a cabeça, negando.

Mathias limpou um pouco da penugem verde de seu jeans, e em seguida limpou as mãos na terra, refletindo sobre aquilo tudo. Por fim, levantou-se.

— A gente deveria votar — disse ele. — Se os outros disserem "sim", eu digo "sim" também.

Dito isso, recomeçou a subir o morro em direção à barraca. Reuniram-se novamente na clareira.

Primeiro Mathias reapareceu, e em seguida, alguns instantes depois, Jeff. Sentaram-se no chão ao lado de Eric e de Stacy, formando uma pequena meia-lua ao redor da tenda. Pablo estava deitado ali, de olhos fechados, e, embora debatessem a sua situação, ninguém parecia querer olhar para ele.

Estavam evitando também pronunciar seu nome; em vez de dizê-lo em voz alta, diziam "ele", e faziam um vago aceno em direção a seu corpo estropiado. Amy ainda estava lá embaixo, no sopé do morro, de olho na chegada dos outros gregos, mas, mesmo depois de começarem a falar, quando ficou claro que aquela conversa tinha um objetivo, que alguma coisa importante, alguma coisa horrenda, estava para ser decidida, ninguém mencionou sua ausência. Stacy pensou nela, perguntou-se se alguém deveria ir chamá-la; queria que isso acontecesse, queria que Amy estivesse ao seu lado, segurando a sua mão, para refletirem juntas sobre aquilo, mas não conseguiu se forçar a falar. Ela não era boa em situações como aquela. O medo a tornava passiva, silenciosa. Sua tendência era recuar e esperar que as coisas ruins fossem embora.

Mas os outros queriam sua opinião. Queriam tanto a sua opinião quanto a de Eric. Se eles dissessem "sim", então aconteceria: Jeff deceparia as pernas de Pablo. Era uma coisa horrível e inconcebível, mas era também, segundo Jeff, a única esperança. Ou seja, segundo essa lógica, se

eles dissessem "não", não haveria esperança. Pablo morreria. Foi isso que Jeff lhes disse.

Nenhuma esperança: essas palavras tiveram um precursor, uma primeira esperança que precisou ser eliminada para que a segunda esperança também fosse posta em risco. Eles não iriam ser resgatados naquele dia: era isso que Jeff estava lhes dizendo. E foi nisso que Stacy percebeu que estava se concentrando, muito embora soubesse que deveria estar pensando em Pablo: eles teriam de passar mais uma noite ali na barraca laranja, cercados pela planta capaz de se mover, capaz de se enterrar na perna de Eric, e que, se ela fosse acreditar em Jeff, queria matar todos eles. Ela não via como seria capaz de fazer isso.

— Como é que você sabe? — perguntou. Podia sentir medo na própria voz, e este teve um efeito dobrado: ouvi-lo deu-lhe ainda mais medo.

— Como é que eu sei o quê? — perguntou Jeff.

— Que eles não vão vir.

— Eu não disse isso.

— Você disse...

— Que não parecia provável que eles fossem chegar hoje.

— Mas...

— E, se eles não chegarem hoje e a gente não agir, ele... — e novamente houve aquele gesto vago em direção à tenda

— ... não vai sair dessa.

— Mas como é que você sabe?

— Os ossos dele estão expostos. Ele vai...

— Não... que eles não vão vir.

— Não é uma questão de saber; é uma questão de não saber. Do risco de esperar em vez de agir.

— Então talvez eles venham.

Jeff lançou-lhe um olhar de irritação, erguendo as mãos para o céu.

— E talvez eles não venham. É justamente essa a questão.

E claro que estavam andando em círculos, sem dizer nada de concreto, na verdade, apenas lançando palavras uns

para os outros; até Stacy podia ver isso. Ele não iria lhe dar o que ela queria; na verdade, não era capaz disso. Ela queria que os gregos chegassem, queria que eles já estivessem ali, queria ser resgatada, queria estar segura, e só o que Jeff conseguia dizer era que aquilo poderia não ocorrer, ao menos não naquele dia, e que, caso não ocorresse, eles teriam de cortar as pernas de Pablo.

Ele queria fazer isso; Stacy percebeu. E Mathias não queria. Mas Mathias não dizia nada. Escutava apenas, como de hábito, esperando eles decidirem. Stacy desejou que ele dissesse algo, que se esforçasse para convencer ela e Eric a não concordarem, porque ela não queria que Jeff cortasse fora as pernas de Pablo, não conseguia acreditar que aquilo fosse uma boa ideia, mas não sabia como defender esse ponto de vista. Tinha a sensação de que não poderia simplesmente dizer "não", de que teria de explicar a Jeff por quê. Precisava de alguém para ajudá-la, e não havia ninguém para fazer isso. Eric havia ficado levemente embriagado, e o álcool deixara seus olhos modorrentos; era verdade que estava muito mais calmo do que antes, mas não estava mais totalmente presente. E Amy estava muito longe, lá embaixo do morro, à espera dos gregos.

— E a Amy? - perguntou Stacy.

— O que é que tem ela?

— A gente não deveria perguntar o que ela acha?

— Ela só conta se for empate.

— Se o que for empate?

— A votação.

— A gente vai votar? Jeff aquiesceu, e fez um gesto com a mão que significava é claro, muito impaciente, como se aquela fosse a única saída lógica, e ele não estivesse entendendo por que ela estava expressando tamanha surpresa.

Mas ela estava surpresa. Pensava que estivessem só conversando a respeito, à busca de um consenso, que nada seria feito a menos que todos concordassem. Não era assim

que era, porém; bastariam três votos a favor, e Jeff deceparia as pernas de Pablo. Stacy se esforçou para traduzir sua relutância em palavras, tateando à procura de uma deixa.

— Mas... quero dizer, a gente não pode simplesmente... isso não parece...

— Corta elas fora - disse Eric em voz alta, dando-lhe um susto. - Corta logo.

Stacy se virou para olhar para ele. Parecia subitamente sóbrio, com os olhos alertas. E veemente também, seguro de si, da solução que estava defendendo. Stacy sabia que ainda podia dizer "não". Podia dizer "não", e Jeff teria de descer o morro e perguntar a Amy o que ela achava. Provavelmente a convenceria; mesmo que Amy tentasse resistir, ele a acabaria convencendo. Era mais forte do que eles todos. Todos os outros estavam cansados e com sede, e desejando estar em algum outro lugar, e de alguma forma ele não parecia estar sentindo nenhuma dessas coisas. Então, de que adiantava discutir?

— Tem certeza de que é a coisa certa? — perguntou ela.

— Se a gente deixar ele como está, ele vai morrer.

Isso fez Stacy estremecer, como se a morte potencial de Pablo estivesse sendo jogada a seus pés: culpa sua, algo que ela poderia ter facilmente evitado.

— Eu não quero que ele morra.

— É claro que não — disse Jeff.

Stacy pôde sentir o olhar de Mathias pousado sobre ela. A observá-la, sem piscar. Sabia que ele queria que ela dissesse não. Ela também queria dizer não, mas sabia que não conseguiria.

— Tá bom — disse ela. — Eu acho que vocês devem cortar.

Amy estava tirando fotos.

Ao se afastar da clareira, havia levado a câmera: por reflexo, sem motivação consciente, pegando-a e passando a tira em volta do pescoço. Foi só quando estava agachada ao lado da trilha, a meio caminho da descida do morro, naquele

instante de relaxamento e clareza que se seguiu ao esvaziamento de sua bexiga, que percebeu por que a havia pegado. Queria fotografar os maias, para reunir provas do que estava acontecendo ali, porque eles iriam ser resgatados; continuava a insistir nisso para si mesma; e, depois que isso acontecesse, inevitavelmente haveria uma investigação, é lógico, e que prova melhor poderia haver do que fotografias dos algozes?

Começou a bater as fotos assim que chegou ao sopé do morro, focando o rosto dos homens. Gostou da sensação que aquilo lhe proporcionava, uma espécie de poder dissimulado, a caça virando contra o caçador. Eles seriam punidos; iriam passar o resto de suas vidas na cadeia. Enquanto mirava e disparava a câmera, imaginou o julgamento, o tribunal lotado, o silêncio enquanto ela prestava seu depoimento. Suas fotos seriam projetadas em um gigantesco telão, e ela apontaria para uma imagem do careca, daquela pistola em sua cintura. Era ele o líder, diria ela. Foi ele quem não quis deixar a gente ir embora.

Os maias não lhe deram atenção. Não olhavam para ela, e mal pareciam relancear os olhos em sua direção. Foi só quando ela pisou na clareira, à procura de um ângulo melhor para fotografar o grupo de homens reunido em volta da fogueira mais próxima, que dois deles se mexeram, erguendo os arcos em sua direção. Ela bateu sua foto e tornou a recuar depressa para o meio das plantas.

Depois de algum tempo, a sensação de poder começou a deixá-la, e ela não encontrou nada de bom com que substituí-la. O sol continuava a subir, e Amy estava sentindo calor demais, fome demais. Mas ela já estava assim ao chegar, então não era essa a diferença. Não: foi o descaso dos maias com sua presença ali, tão ocupada com sua câmera, que finalmente começou a miná-la. Eles estavam reunidos em volta de sua fogueira fumegante, alguns deles cochilando na faixa de sombra da beira da mata, que diminuía lentamente. Conversavam, riam; um deles afiava

um graveto, raspando-o simplesmente, sem motivo nenhum, a tarefa de um homem entediado, uma forma de ocupar as mãos enquanto o tempo passava, moroso. Porque era isso, não era? Era isso que obviamente estavam fazendo ali: esperando. E sem suspense, tampouco, não estavam de forma alguma ansiosos quanto ao desfecho de sua vigília. Esperavam aparentemente sem emoção nenhuma, como às vezes se fica sentado à noite, vendo uma vela derreter metodicamente rumo à escuridão, sem jamais duvidar do desfecho, confiante de que a única coisa entre o momento presente e o fim da espera é o tempo.

E o que é que isso significa? perguntou-se Amy.

Talvez os maias soubessem sobre os gregos. Talvez Juan e Don Quixote já tivessem chegado, já tivessem passado pela abertura que conduzia à trilha, já tivessem continuado até chegar à aldeia, somente para serem mandados de volta, incautos, sem sequer pensar em examinar a borda da mata. Nem Amy nem os outros jamais haviam aventado essa possibilidade, e, no entanto, agora, uma vez formulada, ela parecia tão óbvia, impossível de não se ver. Ela percebeu de repente, com o peso de uma certeza, que eles não iriam vir: ninguém viria. E, caso isso fosse verdade, não havia esperança. Certamente não para Pablo, nem para o resto deles. E os maias deviam ter entendido isso: era essa a razão de seu tédio, de sua lassidão; sabiam que era simplesmente uma questão de esperar as coisas acontecerem. Nada era exigido deles a não ser vigiar a clareira. A sede, a fome e a planta faziam o resto, como fizeram tantas vezes antes.

Amy parou de fotografar. Sentia-se tonta, quase embriagada; precisou se sentar, jogando-se no chão no começo da trilha. E só o sol, disse a si mesma. E o meu estômago vazio. Mas estava mentindo, e sabia disso. O sol, a fome nada tinham a ver com aquilo. O que ela estava sentindo era medo. Tentou se distrair dessa certeza, respirando fundo, mexendo na câmera. Era só um aparelho

barato, automático; ela o comprara mais de dez anos antes com o dinheiro que ganhara trabalhando como babá. Jeff lhe dera uma máquina digital para a viagem, mas ela o fizera devolver. Era apegada demais àquela ali para pensar em abrir mão dela. O aparelho não era muito confiável: na maioria das vezes, as fotos saíam ruins, estouradas ou escuras, e quase sempre embaçadas e fora de foco, mas Amy sabia que precisaria quebrá-lo, perdê-lo ou vê-lo ser roubado para aceitar a ideia de uma substituição. Verificou quantas fotos ainda lhe restavam: três das trinta e seis. Era isso, então; ela não havia trazido mais filme, não pensara que passariam tempo suficiente fora para precisar de outro rolo. Parecia estranho pensar que existia um número exato de fotos que ela havia tirado na vida, e que praticamente todas elas haviam sido feitas com aquela máquina. Havia um número x de fotos de seus pais, um número x de fotos de árvores, monumentos, pores do sol e cachorros, um número x de fotos de Jeff e Stacy. E, caso o que ela sentia agora estivesse correto, caso os maias estivessem corretos, caso Jeff estivesse correto, então era possível que lhe restassem apenas mais três fotos a tirar em toda sua vida. Amy tentou decidir quais seriam. Deveria haver uma foto de grupo, imaginou, tirada com o timer, de todos eles reunidos em volta de Pablo e sua maca. E uma dela com Stacy, é claro, de braços dados, a última da série. E depois...

— Tudo bem com você?

Amy se virou, e ali estava Stacy, em pé ao seu lado, com aquele guarda-sol improvisado sobre o ombro. Ela estava um caco: exausta, com o cabelo engordurado. Sua boca tremia, e suas mãos também, fazendo o guarda-sol chacoalhar de leve, como se uma fraca brisa o agitasse.

Se eu estou bem? pensou Amy, esforçando-se para encontrar uma resposta sincera. Sua tontura havia sido seguida por uma estranha sensação de calma, uma sensação de resignação. Ela não era como Jeff, não era uma lutadora. Ou talvez, simplesmente, não conseguisse se

enganar com a mesma facilidade com que ele fazia. A perspectiva de morrer ali não lhe provocava um frenesi de atividade; deixava-a cansada, fazendo-a ter vontade de se deitar, como que para apressar o processo.

— Acho que sim — respondeu. E então, já que Stacy estava com uma aparência bem pior do que o modo como ela própria se sentia: — E você?

Stacy sacudiu a cabeça. Gesticulou para cima, para o alto do morro.

— Eles estão... você sabe... — calou-se, como se não conseguisse encontrar as palavras. Passou a língua pelos lábios, que haviam ficado profundamente rachados ao longo das últimas vinte e quatro horas, ressecados, feridos: lábios de naufraga. Ao tentar falar de novo, sua voz era um sussurro. — Eles já começaram.

-Já começaram a fazer o quê?

— A cortar as pernas dele.

— Do que você está falando? - perguntou Amy. Mas é claro que ela sabia.

— Do Pablo — sussurrou Stacy, arqueando bem as sobrancelhas, como se a notícia também fosse uma surpresa para ela. — Eles estão usando a faca.

Amy se levantou sem saber o que iria fazer. Não se sentia reagir ainda; a notícia a havia deixado entorpecida. Mas devia estar sentindo alguma coisa, porque sua expressão, de alguma forma, mudou. Pôde ver Stacy reagindo a isso, afastando-se dela, aparentemente assustada.

— Eu não deveria ter dito "sim", né? — perguntou Stacy.

— Dito "sim" para quê?

— A gente fez uma votação, e eu...

— Por que ninguém me disse nada?

— Você estava aqui embaixo. O Jeff disse que só contava se fosse empate. Mas não foi empate. O Eric disse sim, e daí eu... — novamente, aquela mesma expressão assustada. Ela então deu um passo à frente e estendeu a mão para segurar o antebraço de Amy.

- Eu não deveria ter dito isso, né? Você, o Mathias e eu... a gente poderia ter impedido eles.

Amy não conseguia se forçar a acreditar que aquilo estava acontecendo, não acreditava que fosse possível cortar a perna de alguém com uma faca, não achava que Jeff jamais fosse tentar fazer tal coisa. Talvez houvessem só conversado a respeito, talvez ainda estivessem conversando agora; talvez, se ela corresse, pudesse impedi-los. Ela se desvencilhou da mão de Stacy. — Fica aqui — disse ela. — Fica de olho nos gregos. Tá? Stacy assentiu, ainda com o medo estampado no rosto, com aquele tremelique indo e vindo nos músculos ao redor da boca. Sentou-se, despencando desajeitada no meio da trilha, como se houvessem cortado algum fio que a mantivesse em pé.

Amy esperou mais um instante, observando-a, para ter certeza de que ela estava bem. Então começou a subir o morro correndo.

Foram Jeff e Mathias que fizeram o trabalho. Não pediram a ajuda de Eric, o que foi bom, porque ele sabia que não teria sido capaz de ajudar. Ficou andando de um lado para o outro da clareira enquanto eles trabalhavam, parando para observar, e em seguida virando as costas depressa, achando as duas situações insuportáveis, o ver e o não-ver. Primeiro, tornaram a colocar os cintos. Encontraram-nos jogados no chão ao lado da maca, três cobras emaranhadas, abandonadas ali na noite anterior. Jeff e Mathias precisaram apenas de dois; amarraram o grego pelo peito e pela cintura. Durante toda essa movimentação, os olhos de Pablo continuaram fechados; ele não os abriu nem sequer uma vez desde que parara de gritar, mais cedo naquela manhã. Mesmo quando Jeff o cutucou, chamando seu nome, querendo lhe dizer com mímica o que estavam prestes a tentar, o grego não reagiu. Ficou deitado com uma expressão contraída no rosto, inteiramente fechado para o mundo: sua boca, seus olhos. Parecia, de certa forma, fora

do alcance deles, não mais totalmente presente. Já não ligava mais para nada, pensou Eric, havia muito tempo.

A seguir, fizeram uma fogueira, bem pequena: foi o que conseguiram. Usaram três dos cadernos dos arqueólogos, uma camisa, uma calça. Amassaram duas folhas de papel para acender o fogo e em seguida jogaram os cadernos, inteiros. Despejaram tequila sobre a roupa. A fogueira quase não fazia fumaça; ardia com uma chama azul baixa. Jeff pôs a faca bem no meio, junto com uma pedra grande no formato de uma cabeça de flecha. Enquanto esses objetos esquentavam, e a pedra emitia uns estalos à medida que ia adquirindo um brilho avermelhado, Jeff e Mathias se acocoraram junto a Pablo, murmurando coisas um para o outro, apontando para uma perna, depois para a outra, planejando a operação. Jeff parecia subitamente desconsolado e abatido, como se houvesse sido coagido a fazer aquilo sem querer, mas, caso estivesse tendo dúvidas, não estava permitindo que atrasassem a tarefa.

Eric estava bem junto deles quando começaram. Jeff usou uma pequena toalha que havia encontrado em uma das mochilas para retirar a pedra da fogueira; enrolou-a na mão, como uma luva, para se proteger do calor. Movendo-se depressa, em um só gesto fluido, pegou a pedra, ergueu-a acima da cabeça, virou-se para a maca. Em seguida bateu a pedra com toda a força na canela do grego.

Os olhos de Pablo se abriram de súbito; ele recomeçou a gritar, contorcendo-se e debatendo-se sob os cintos. Jeff mal pareceu perceber; seu rosto não demonstrava nenhuma reação. Ele já estava colocando a pedra de volta na fogueira, e estendendo a mão para pegar a faca. Mathias também não exibiu expressão nenhuma, concentrado na tarefa. Cabia a ele manter a fogueira bem acesa e quente, colocar mais cadernos lá dentro caso fosse preciso, despejar mais álcool, remexer e soprar as brasas.

Jeff estava curvado acima da maca, com os músculos tesos devido ao esforço da tarefa, serrando e cortando. Havia o

cheiro da faca quente na carne de Pablo, um cheiro de cozimento, de carne queimada. Eric viu o osso esmigalhado abaixo do joelho esquerdo do grego, a medula sanguinolenta escorrendo, e a faca de Jeff empurrando, cortando, abrindo. Viu a parte de baixo da perna de Pablo se soltar, e agora os ossos do pé, do tornozelo e da canela eram uma coisa separada, cortada, para sempre perdida. Pablo continuava a gritar e se debater, com os olhos se revirando e ficando brancos. Mathias tirou a faca de Jeff, tornou a colocá-la no fogo. Jeff pegou a pequena toalha e recomeçou a enrolá-la em volta da mão. Quando a estendeu para pegar a pedra em brasa, Eric se virou depressa, e saiu andando pela clareira. Não conseguia mais assistir, precisava sair dali.

Mas é claro que não havia nenhum lugar para ir. Até mesmo do outro lado da clareira, de costas para a cena, ainda podia ouvir o que estava acontecendo, o impacto da pedra se abatendo sobre a outra perna de Pablo, e os gritos que pareciam agora mais altos, mais agudos.

Eric olhou por cima do ombro; não conseguiu evitar. Mathias empunhava a assadeira preta, a mesma que Jeff trouxera do sopé o morro, com aquela palavra gravada no fundo: perigo. Eric o viu colocá-la sobre o fogo. Jam usá-la para cauterizar os ferimentos do grego, pressionando-a os tocos de suas pernas, uma depois da outra. Jeff estava inclinado bem junto à maca, trabalhando com a faca em um movimento constante de vaivém, e sua camisa estava empapada de suor.

Pablo ainda gritava. E agora havia palavras, também. É claro que eram impossíveis de entender, mas Eric pôde ouvir a súplica nelas, o pedido desesperado. Lembrou-se de como havia caído por cima do grego ao pular para dentro do duto, daquela sensação do corpo que se arqueava debaixo dele. Pensou em como ele e Amy haviam jogado Pablo em cima da maca, aquele gesto desajeitado, desequilibrado, cheio de pânico. Podia sentir a planta se movendo dentro de

si, em sua perna, e em seu peito também: aquela pressão insistente na parte inferior de suas costelas, empurrando para fora. Estava tudo errado; tudo ali estava errado, e não havia como fazer aquilo parar, nenhuma saída.

Eric tornou a se virar para o outro lado, mas não conseguiu ficar assim. Precisou tornar a olhar quase no mesmo instante.

Jeff terminou de usar a faca e pousou-a no chão ao seu lado. Eric viu-o pegar a toalha; ele a enrolou em volta da mão e virou-se para retirar a assadeira do fogo. Nessa hora, Mathias precisou ajudá-lo. Ele se agachou ao lado da maca e se curvou para levantar a perna esquerda de Pablo, o que restava dela, segurando-a com as duas mãos logo abaixo do joelho. Pablo estava chorando, falando com eles dois, tanto com Mathias quanto com Jeff, dizendo seus nomes. Nenhum dos dois deu nenhuma mostra de estar escutando, porém; não queriam olhar para ele. A assadeira agora tinha um brilho cor de laranja. E as letras gravadas em seu fundo tinham uma cor mais escura, quase vermelha, de modo que Eric ainda conseguia ler a palavra que formavam ali, mesmo quando Jeff a retirou das chamas. Viu Jeff se virar, encostar a assadeira no coto de Pablo e segurá-la ali, apertando com força, usando todo seu peso. Eric pôde ouvir a carne queimando, um chiado, um estalo. Pôde também sentir o cheiro, e ficou consternado ao ver que seu estômago reagiu com um ronco; e não era de nojo, mas sim, de forma chocante, de fome.

Virou-se de costas, agachou-se, fechou os olhos e apertou as mãos sobre as orelhas, respirando pela boca. Permaneceu assim pelo que pareceu um tempo inconcebivelmente longo, concentrando-se na sensação da planta dentro de seu corpo, naquele espasmo insistente, invasivo em sua perna, naquela pressão em seu peito, tentando sentir aquilo como alguma outra coisa, algum truque sensorial, como Stacy ficava insistindo que deveria ser: as batidas de seu coração, seus músculos exaustos, seu

medo. Mas não conseguiu, e tampouco conseguiu esperar mais tempo; novamente teve de olhar.

Quando se virou, viu Jeff e Mathias ainda acorados junto à maca. Jeff agora apertava a assadeira no coto de Pablo. Pairava no ar o mesmo cheiro enjoativo, apetitoso. Mas agora reinava o silêncio; Pablo havia se imobilizado, parado de gritar. Parecia ter perdido a consciência.

Então ouviu-se o som de passos se aproximando. Amy vinha subindo a trilha. Entrou na clareira correndo, sem fôlego, com a pele reluzente de suor.

Tarde demais, pensou Eric, vendo-a estacar com um tropeço, olhando fixamente, vendo, com uma expressão de terror no rosto. Ela chegou tarde demais.

Jeff não sabia o que sentir. Ou não: por um lado, sabia o que pensava e, por outro, sabia o que sentia, e não parecia conseguir reunir as duas coisas. Tudo havia corrido bem, talvez até melhor do que ele esperava: era como pensava. Havia cortado as pernas com bastante rapidez, ambas alguns centímetros abaixo do joelho, poupando a articulação. Havia cauterizado os cotos com bastante cuidado, de modo que, quando retiraram os torniquetes, houve apenas um sangramento mínimo. Um vazamento, na verdade, seria a melhor definição; nada muito sério. Perto do fim, Pablo havia perdido a consciência, mais por causa do choque, aparentemente, do que por qualquer outra coisa. Não era dor, Jeff tinha quase certeza disso; ele não devia ter sentido nada. Mas estava acordado; pudera levantar a cabeça e ver o que estavam fazendo, e isso deve tê-lo deixado angustiada. Ele agora estava mais seguro, pensou Jeff, embora ainda corresse perigo. Tudo que haviam feito fora ganhar um pouco de tempo para ele; não muito, talvez mais um dia ou dois. Mas já era alguma coisa, e Jeff achava que deveria se sentir orgulhoso, que fizera algo corajoso. Então não conseguia entender por que estava se sentindo tão mal, quase sem ar, como se estivesse contendo as lágrimas.

Amy não estava ajudando muito. Nenhum deles estava. Mathias parecia relutar olhar para ele, e estava encolhido ao lado dos restos de sua pequena fogueira, completamente retraído. Eric havia recomeçado a andar de um lado para o outro, e a apalpar nervosamente a própria perna e o peito. E Amy, sem sequer se dar ao trabalho de entender o que ele havia feito, enquanto ainda estavam retirando os torniquetes, besuntando cuidadosamente os cotos queimados com pomada antisséptica, havia começado imediatamente a atacá-lo.

— Deus do céu — disse ela, assustando-o. Ele não a vira se aproximar. Deus do céu, puta que pariu. O que foi que você fez?

Jeff não se dignou a responder. Parecia suficientemente óbvio.

— Você cortou as pernas dele. Porra, como é que você pôde...

— A gente não teve escolha — disse Jeff. Estava curvado sobre o segundo coto, espalhando a pomada sobre ele. - Ele ia morrer.

— E você acha que isso vai salvar ele? Cortar as pernas dele com uma faca suja?

— A gente esterilizou a faca.

— Ah, Jeff, por favor. Olha onde ele está deitado.

Era verdade, é claro. O saco de dormir que eles haviam usado para apoiar maca estava encharcado com o líquido que vazava da bexiga de Pablo. Jeff eu de ombros.

— A gente ganhou um pouco de tempo para ele. Se a gente for resgatado amanhã, ou até depois de amanhã, ele vai...

— Você cortou fora as pernas dele — disse Amy, quase gritando. Jeff afinal se virou para olhar para ela. Ela estava em pé acima dele, queimada de sol, com o rosto sujo de terra, uma camada de um centímetro de penugem verde a cobrir-lhe a calça. Não parecia mais ela mesma; parecia abalada demais, frenética demais. Ele pensou que, de uma forma ou de outra, aquilo devia se aplicar a todos eles. Ele

certamente parara de se sentir ele mesmo em algum momento nas últimas vinte e quatro horas. Havia acabado de usar uma pedra e uma faca para decepar as pernas de um homem: um amigo, um desconhecido, já era difícil dizer. Ele sequer sabia o nome verdadeiro de Pablo.

— Que chance você acha que ele teria tido, Amy? — perguntou. — Com os ossos expostos daquele jeito?

Ela não respondeu; mantinha o olhar fixo à direita, no chão, e seu rosto tinha uma expressão esquisita.

— Responde — disse ele.

Será que ela estava começando a chorar? Seu queixo tremia; ela ergueu a mão, tocou-o.

— Ai, meu Deus — sussurrou. — Ai, meu Deus.

Jeff acompanhou seu olhar. Ela fitava as pernas cortadas de Pablo, os restos de seus pés, tornozelos e canelas, os ossos manchados de sangue unidos por algumas tiras de carne que restavam. Jeff os havia deixado ao lado da maca, de qualquer jeito, planejando enterrá-los quando tivesse terminado de cauterizar os cotos de Pablo. Mas, aparentemente, isso não iria acontecer. A planta havia esticado outro talo comprido, que serpenteava pela clareira. Este já havia se enroscado em um dos pés cortados de Pablo, e agora estava arrastando os ossos para longe, pelo chão. Enquanto Jeff olhava, um segundo talo surgiu, mais veloz do que o primeiro, e pegou o outro pé.

Agora todos olhavam fixamente, Eric e Mathias também. E então Mathias se mexeu e pôs-se de pé com um pulo, segurando a faca. Pisou no primeiro pedaço de planta, curvou-se para cortá-lo com a lâmina, separando-o da planta principal. Partiu para cima do segundo, tornando a cortar. No mesmo instante em que fez isso, porém, um terceiro talo esgueirou-se pela clareira, e depois um quarto, tentando agarrar os ossos. Amy deu um grito, um só, um grito curto e alto, e em seguida cobriu a boca com a mão, recuando em direção a Jeff. Mathias curvava-se e cortava,

curvava-se e cortava, e a planta continuava a vir, agora de todas as direções.

— Deixa — falou Jeff.

Mathias o ignorou. Cortava, pisava e rasgava a planta, cada vez mais depressa, mas ainda devagar demais, e os talos reagem, enrolando-se em suas pernas, atrapalhando seus movimentos.

— Mathias — disse Jeff, e deu um passo em sua direção, agarrou seu braço, afastou-o dali. Pôde sentir a força do alemão, os músculos tesos, trabalhando, mas também seu cansaço, sua entrega. Ficaram lado a lado em silêncio, vendo a planta aninhar dentro de si os membros cortados, envolvendo o branco de seus ossos com a massa verde maior, até fazê-los desaparecer por completo.

Ainda estavam assim em pé, todos os quatro, totalmente imóveis, quando do outro lado do alto do morro veio novamente aquele conhecido trinado, o barulho de um celular tocando no fundo do buraco.

Stacy estava sentada debaixo de seu guarda-sol improvisado, em seu pequeno círculo de sombra, encolhida. Precisava ficar lutando contra a tentação de olhar para o próprio pulso, precisava ficar se lembrando de que seu relógio não estava ali, de que ele descansava sobre uma mesa ao lado de uma cama em Cancún, em seu quarto de hotel, onde ela também deveria estar naquele momento, mas não estava. Ou talvez não: talvez seus medos finalmente houvessem se realizado, e uma camareira houvesse roubado o relógio. Nesse caso, onde ele estaria? Junto com seu chapéu, imaginou ela, e com seus óculos escuros, enfeitando alguma desconhecida, alguma mulher que ria durante o almoço em algum restaurante à beira-mar. Stacy pôde sentir a ausência de seus pertences de forma quase física, uma dor dentro do peito, uma ânsia corporal, mas era dos óculos que mais sentia falta. Havia sol demais ali, claridade demais. Sua cabeça latejava por causa dela; latejava de fome, também, e sede, e cansaço, e medo.

Atrás dela, no alto do morro, eles estavam amputando as pernas de Pablo. Stacy tentou não pensar nisso. Ele iria morrer ali; ela não conseguia ver nenhuma escapatória. E tentou não pensar nisso tampouco.

Por fim, não conseguiu evitar: cedeu, olhou de relance para o pulso. É claro que não havia nada ali, e seus pensamentos começaram de novo a rodar em círculos: a mesinha-de-cabeceira, a camareira, o chapéu e os óculos, a mulher almoçando na praia. Essa mulher estaria descansada, alimentada e limpa, com uma garrafa d'água junto ao braço. Estaria despreocupada, à vontade: feliz. Stacy sentiu uma onda de ódio por essa desconhecida imaginária, que logo se espalhou, transferindo-se para o menino que havia beliscado seu seio do lado de fora da rodoviária, para a camareira-ladra provavelmente inventada, para os maias sentados à sua frente com seus rostos observadores, seus arcos e flechas. Um dos meninos agora estava ali, o mesmo que os seguira de bicicleta na véspera, o menor, que ia encarapitado no guidom. Estava sentado no colo de uma mulher mais velha, olhando na direção de Stacy, sem expressão nenhuma no rosto, como todos os outros maias, e Stacy o odiou também.

Sua calça cargo e sua camiseta estavam cobertas com a penugem verde-clara da planta, e suas sandálias também. Ela não parava de limpá-la, queimando as mãos, mas os pequeninos caules tornavam a brotar rapidamente. Já haviam aberto vários buracos em sua camiseta. Um deles, logo acima de seu umbigo, tinha o tamanho de uma moeda de prata de um dólar. Stacy sabia que era apenas uma questão de tempo para suas roupas ficarem em frangalhos. É claro que ela também odiava a trepadeira, se é que era possível odiar uma planta. Odiava seu verde vivo, suas pequeninas flores vermelhas, o ardido da seiva em sua pele. Odiava-a por ser capaz de se mexer, por sua fome, e por sua maldade.

Seus pés ainda estavam cobertos de lama por causa da longa caminhada pela plantação na véspera, e a lama continuava a exalar seu leve cheiro de fezes. Que nem o Pablo, pensou ela, e sua mente subiu o morro até o que estava acontecendo lá em cima, a faca, a pedra aquecida. Ela estremeceu, de olhos fechados.

Ódio e mais ódio: Stacy afogava-se em ódio, afundando cada vez mais, sem nenhum fundo à vista. Odiava Pablo por ter caído no buraco, odiava-o por sua espinha quebrada, por sua morte que se aproximava depressa. Odiava Eric por sua perna machucada, pela planta que se agitava como um verme debaixo de sua pele, por seu pânico diante disso. Odiava Jeff por sua competência, por sua frieza, por recorrer com tanta facilidade àquela faca e àquela pedra aquecida. Odiava Amy por não impedi-lo, odiava Mathias por seus silêncios, seus olhares inexpressivos, odiava acima de tudo a si mesma.

Abriu os olhos, olhou em volta. Alguns minutos haviam passado, mas nada havia mudado.

Sim, odiava a si mesma.

Odiava a si mesma por não saber que horas eram, ou por quanto tempo mais precisaria ficar sentada ali.

Odiava a si mesma por ter parado de acreditar que Pablo iria viver.

Odiava a si mesma por saber que os gregos não viriam, nem naquele dia, nem nunca.

Inclinou o guarda-sol para trás, arriscou um olhar rápido para o céu. Sabia que Jeff estava esperando que chovesse, estava contando com isso. Ele estava trabalhando para salvá-los; tinha planos, projetos, objetivos, mas todos tinham a mesma falha, a mesma fraqueza à espreita em seu interior: todos envolviam certo grau de esperança. E a chuva não vinha da esperança; a chuva vinha das nuvens, brancas, cinzas, ou quase pretas de tão escuras; pouco importava: as nuvens precisavam estar ali. Mas o céu acima

dela era de um azul ofuscante, obstinado, sem uma única nuvem à vista.

Não iria chover.

E isso era só mais uma coisa para Stacy odiar a si mesma por saber.

Decidiram tornar a descer para dentro do buraco.

A ideia foi de Jeff, mas Amy não contestou. Os gregos não viriam naquele dia. Todos agora reconheciam isso, para si mesmos ao menos, se não para os outros, e então o celular, o talvez imaginário celular que tocava no fundo do buraco, era a única coisa na qual podiam depositar suas esperanças. Assim, quando Jeff propôs que tentassem encontrá-lo uma última vez, Amy o surpreendeu dizendo sim.

É claro que não podiam deixar Pablo sozinho. No início, pretendiam deixar Amy sentada com ele enquanto Eric e Mathias acionavam o guincho, fazendo Jeff descer pelo duto. Mas Jeff queria que ela também fosse. Estava planejando fabricar alguma espécie de tocha com as roupas dos arqueólogos, embebendo-as de tequila, e não tinha certeza de quanto tempo a luz dessa tocha duraria. Dois pares de olhos lá embaixo seriam mais eficientes do que um só, disse ele, o que permitiria uma busca mais completa, mais metódica.

Amy não queria tornar a descer no buraco. Mas Jeff não estava perguntando o que ela queria; estava lhe dizendo o que ele queria, descrevendo-o como algo que já havia sido decidido, como um problema que precisavam resolver.

— A gente poderia levar ele até o buraco — disse Mathias, falando da maca, falando de Pablo, e todos passaram um instante refletindo sobre isso. Em seguida, Jeff aquiesceu.

Então foi o que fizeram. Jeff e Mathias ergueram a maca do fundo da tenda e carregaram-na pelo alto do morro até a entrada do duto, com cuidado, esforçando-se para não sacudir Pablo. Cheiros horríveis se desprendiam do corpo do grego: o já conhecido cheiro de suas fezes e de sua urina, o

fedor de carne queimada de seus cotos, e aquele cheiro adocicado, penetrante, por baixo dos outros, aquele primeiro e assustador indício de putrefação. Ninguém disse nada a respeito; na verdade, ninguém disse nada a respeito de Pablo. Ele ainda estava inconsciente, e parecia pior do que nunca. Não era apenas para suas pernas que Amy precisava evitar olhar; era também para seu rosto. Da primeira vez em que se candidatara à faculdade de medicina, ela fizera algumas excursões pelo campus, e vira os cadáveres que os alunos dissecavam: pele cinzenta, órbitas afundadas, bocas frouxas. Era assim que o rosto de Pablo estava começando a ficar.

Pousaram-no ao lado do duto. O trinado havia cessado, mas então, assim que chegaram, recomeçou, e todos ficaram ali, fitando a escuridão, cabeças inclinadas, à escuta.

O celular tocou nove vezes. Depois parou.

Mathias verificou a corda. Desenrolou-a do guincho, inteira, estendendo-a em um longo ziguezague pela pequena clareira, à procura de pontos fracos no cânhamo.

Amy estava em pé ao lado do buraco, espiando lá para dentro, tentando reunir coragem, lembrando-se de quando estivera lá embaixo com Eric, somente os dois, das coisas sobre as quais haviam conversado para afastar o medo, das mentiras que haviam contado um para o outro. Não queria voltar lá. Teria dito "não" caso tivesse conseguido pensar em um modo de fazê-lo. Mas, agora que haviam transportado Pablo para o outro lado do morro, não via que escolha poderia ter.

Eric se agachou e começou a apalpar o ferimento em sua perna, murmurando algo consigo mesmo.

- Vamos cortar fora - disse ele, e Amy se virou para encará-lo, atónita, sem ter certeza se ouvira direito. Então ele se levantou e começou de novo a andar de um lado para o outro. A planta havia aberto buracos em sua camiseta, quase reduzindo-a a frangalhos. Ele estava coberto com o próprio sangue, lambuzado, respingado e sujo com ele.

Todos estavam com uma aparência ruim, mas ele estava pior do que todos.

Jeff fabricava sua tocha. Usou a barra de uma das barracas, e enrolou silver tape na parte inferior para dar suporte, para que o alumínio não ficasse quente demais para ele segurar. Amarrou algumas das roupas dos arqueólogos em volta da parte de cima: um short jeans, uma camiseta de algodão, e apertou-os bem. Amy não entendia como aquilo iria funcionar, mas não disse nada: estava exausta demais para discutir. Se eles tinham de tentar, ela desejava somente ir logo e acabar com aquilo.

Mathias se levantou, limpando as mãos na calça. A corda estava inteira. Todos ficaram olhando enquanto ele tornava a enrolá-la com cuidado no guincho. Quando terminou, Jeff passou a tipoia por cima da cabeça, ajeitando-a nas axilas. Estava segurando a caixa de fósforos, a garrafa de tequila já aberta, a tocha de aparência frágil. Mathias e Eric se aproximaram do guincho, apoiando-se na manivela com todo seu peso. E então, sem a menor hesitação, Jeff pisou o ar vazio acima do duto. Não disse nada ao se despedir de Amy; não haviam conversado sobre um plano. A ideia era que ela o seguisse buraco adentro; isso era tudo que ela sabia. Quanto ao resto, precisariam decidir uma vez lá embaixo.

Ouviram-se o conhecido rangido do guincho. Mathias e Eric seguravam-no firme, soltando a corda aos poucos, um giro de cada vez, suando com o esforço. Amy inclinou-se por cima do duto, e viu Jeff afundar na escuridão; ele parecia ficar menor à medida que descia. Ela conseguiu vê-lo por mais tempo do que teria imaginado possível, como se ele de alguma forma estivesse levando a luz do sol consigo para dentro da escuridão. Foi ficando sombreado, como um fantasma, mas ela ainda assim conseguiu distingui-lo bem além do ponto onde ele aparentemente teria desaparecido por completo. Ele não retribuiu seu olhar, não ergueu o

rosto para ela, nem uma vez sequer, mantendo os olhos fixos para baixo, em direção ao fundo do buraco.

— Quase lá — disse Mathias. Não ficou claro com quem ele estava falando, talvez consigo mesmo; sua voz estava baixíssima.

Amy se virou, olhou de relance para ele, para o guincho. A corda estava quase acabando, faltavam só alguns giros. Quando voltou a olhar para o duto, Jeff sumira. A corda descia, descia, descia rumo à escuridão, balançando de leve à medida que se desenrolava, e ela não conseguia mais ver-lhe a ponta.

Precisou resistir ao impulso de chamar o nome de Jeff, à sensação de que ele havia sumido não apenas de vista, mas por completo.

O guincho finalmente cessou seus rangidos. Eric e Mathias se juntaram ao lado do buraco, e os três olharam lá para dentro. Amy podia ouvir os outros dois esforçando-se para recuperar o fôlego.

— Tudo bem? — gritou Mathias.

— Puxem para cima - gritou Jeff de volta. Sua voz parecia distante, cheia de ecos, não inteiramente sua.

Mathias tornou a enrolar a corda sozinho, e aquilo foi rápido, fácil. Orando agora diferente, mais agudo, com um estranho tom de riso, assustador e se ouvir, fez Amy estremecer e envolver o próprio corpo com os braços. Diz que não, pensava ela. Você pode fazer isso. Basta dizer que não. Mas então Eric estava lhe estendendo a tipoia, ajudando-a a vesti-la, e ela ainda não dissera nada. Não é tão ruim assim, disse a si mesma. Você já fez isso uma vez. Por que não faria de novo? E essas foram as palavras que manteve na mente enquanto pisava o ar vazio, balançando-se ali por um instante antes de começar uma lenta descida para dentro do buraco.

O buraco era diferente à luz do dia. Melhor sob alguns aspectos, pior sob outros. Ela obviamente conseguiu ver mais coisas enquanto ia descendo; pôde ver o duto, com as

pedras e a madeira encravadas nas paredes, a trepadeira crescendo aqui e ali em compridos talos espirais, como decorações de festa. Mas a luz também realçava a sensação de trânsito, de atravessar uma fronteira à medida que descia, passando de um mundo para o outro. Era uma sensação opressiva. O dia que se transformava em noite, a visão, em cegueira, a vida, em morte: eram essas as conotações. Olhar para cima também não era uma boa ideia: só fazia piorar as coisas porque, mesmo àquela profundidade relativamente pequena, a luz do dia já parecia inconcebivelmente distante. E, da mesma forma como Jeff parecera diminuir de tamanho à medida que descia, agora o buraco parecia estar encolhendo, como se ameaçasse se fechar totalmente, como uma boca, engolindo-a para dentro da terra. Ela se agarrou à tipoia, concentrada em diminuir o ritmo da respiração, esforçando-se para se acalmar. A tipoia estava úmida; era por causa do corpo de Jeff, imaginou Amy, do suor dele. Ou talvez fosse o seu próprio suor. Ela estava começando a oscilar para frente e para trás, quase encostando nas paredes do duto, e tentou parar a si mesma, mas isso só pareceu piorar as coisas, fazendo uma sensação trémula e enjoativa subir por sua barriga. Ela ainda estava com gosto de vômito na boca, e isso não ajudava em nada, fazendo parecer ainda mais possível, mesmo de estômago vazio, que ela vomitasse ali mesmo, e que o vômito se derramasse de dentro dela em cima de Jeff, que esperava lá embaixo na escuridão.

Ela fechou os olhos.

De alguma forma, a sensação passou.

O ar foi ficando cada vez mais fresco, frio, até. Amy havia se esquecido disso, teria vestido alguma coisa mais quente caso houvesse lembrado, roubando um suéter de uma das mochilas dos arqueólogos. Começou a tremer, embora ainda estivesse suando. Nervosismo, ela sabia: medo.

Quando tornou a abrir os olhos, já conseguia ver Jeff. Embaçado: ele estava lá, e não estava lá. Era como vê-lo

debaixo d'água, ou através da fumaça. Ele estava com a cabeça inclinada para trás. Amy não conseguia distinguir seu rosto, mas algo em sua postura a fez ter certeza de que estava sorrindo para ela. Involuntariamente, apesar de seu medo, apesar dos suores, dos tremores, e da sensação de desconforto generalizada, ela sorriu de volta.

Seus pés tocaram o chão do duto. A tipoia afrouxou; o rangido parou. E foi estranho, porque o súbito silêncio deu-lhe uma sensação de pânico, causou-lhe um aperto no peito.

- Bom - disse ela, apenas por causa do som das palavras, para romper aquele silêncio sinistro. — Chegamos.

Jeff a estava ajudando a se soltar da tipoia.

- É incrível - disse ele. - Não é? A que profundidade você acha que estamos?

Amy ficou espantada demais com a evidente animação na voz dele, com um prazer, para lhe responder. Percebeu que ele estava gostando daquilo. Mesmo com tudo que havia acontecido nas vinte e quatro horas anteriores, ele de alguma forma estava conseguindo encontrar prazer naquilo. Parecia um menininho, com as paixões de um menininho: a alegria ilícita das coisas subterrâneas, cavernas, esconderijos, túneis secretos.

- Eu nunca descii tão fundo assim - disse ele. - Não tenho dúvida. Você acha que poderiam ser trezentos metros?

- Jeff - disse ela. Foi estranho: estavam no escuro, mas ali também havia luz. Ou algum vestígio de luz, algum resíduo que caía lá de cima. À medida que seus olhos se ajustavam, ela ia conseguindo ver cada vez melhor as paredes do duto, o chão, e Jeff, também: seu rosto. Podia vê-lo olhando para ela, sua expressão intrigada.

— O quê? — perguntou ele.

— Vamos encontrar o telefone, só isso, tá? Ele aquiesceu.

— Certo. O telefone.

Amy viu-o se agachar e começar a preparar a tocha. Ele destampou a tequila e começou a derramar o álcool sobre o

nó das roupas, devagar, deixando-a embeber o tecido. Fez aquilo lentamente, derramando um filetezinho, parando um pouco, depois derramando mais. Amy pôde sentir o cheiro da tequila; estava tão vazia, com fome, com sede, cansada, que bastou aquele cheiro para fazê-la se sentir levemente embriagada. Pôde ver uma meia e um sapato jogados no chão do duto, e precisou de um instante para perceber que eram de Pablo. Eram os que Eric havia retirado na véspera para poder arranhar as solas dos pés de Pablo e ver se a sua espinha estava quebrada. Na pressa de sua partida na noite anterior, eles os haviam esquecido ali, e agora já estavam cobertos por uma fina camada de trepadeira. Amy quase se curvou para pegá-los, pensando que Pablo os queria, mas em seguida se lembrou, sentindo-se boba. E sentindo-se mal, também, porque, morbidamente, começara a sorrir. É claro que não havia mais necessidade de meias e sapatos, não para Pablo, nunca mais.

- Tinha uma pá aqui ontem à noite - disse ela, surpreendendo a si mesma com as palavras. Não havia pensado nelas antes, sequer tivera consciência de reparar na ausência da pá antes de ouvir o próprio comentário a esse respeito.

Apontou para a parede mais distante do duto, onde a pá estivera apoiada. Não estava mais lá.

Jeff se virou, acompanhou o gesto dela.

— Tem certeza? - perguntou. Ela assentiu.

— Era daquele tipo dobrável.

Jeff continuou olhando por mais um segundo, e em seguida se virou para a tocha, derramando mais tequila em cima dela.

— Talvez ela tenha levado embora - disse.

— Ela quem?

— A planta.

— Por que ela faria isso?

— O Mathias e eu, a gente estava tentando cavar um buraco mais cedo, usando uma pedra e um pau de

barraca... para fazer uma fossa, e para destilar a nossa urina. Vai ver que ela não quer que a gente faça isso.

Amy não disse nada. Havia tanto a contestar no que ele acabara de dizer que ela sentiu algo próximo ao pânico, uma sensação de zumbido que lhe subia à cabeça. Não sabia por onde começar.

— Você está dizendo que a planta vê? Que a planta viu vocês cavando? Jeff deu de ombros.

— Ela deve ter algum jeito de pressentir as coisas. Se não, como é que poderia ter se esticado para levar embora os pés do Pablo daquele jeito?

Feromônios, pensou Amy. Reflexos. Não queria que a planta fosse capaz de ver, essa perspectiva a aterrorizava, queria que as ações da planta fossem automáticas, pré-conscientes.

— E ela consegue se comunicar? — perguntou.

Jeff parou de manusear a garrafa, tampou-a; as roupas agora estavam completamente encharcadas.

— Como assim?

— Ela viu você cavando lá em cima, e então disse às outras aqui embaixo para esconderem a pá — Amy sentiu vontade de rir, de tão absurda que essa ideia pareceu. Mas alguma coisa a impediu de rir, aquele zumbido em sua cabeça.

— Imagino que sim — disse Jeff.

— E ela pensa?

— Sem dúvida.

— Mas...

— Ela arrancou a minha placa. Como é que poderia ter feito isso sem...

— Ela é uma planta, Jeff. Plantas não veem. Elas não se comunicam. Elas não pensam. Elas...

— Tinha uma pá aqui ontem à noite? — ele fez um gesto em direção à parede dos fundos do duto.

— Acho que sim. Eu...

— Então cadê ela agora?

Amy não disse nada. Não sabia como responder.

— Se alguma coisa tirou a pá do lugar — disse Jeff —, você não acha que faz sentido supor que foi a planta?

Antes de Amy conseguir responder, o trinado recomeçou. Estava vindo da sua esquerda, de dentro do duto aberto. Jeff se atrapalhou rapidamente com a caixa de fósforos, sacou um, riscou-o, segurou-o junto ao nó de roupas. O álcool pareceu agarrar o fósforo, sugando sua luz para si com um ruído de tremor, e uma nuvem azul-clara materializou-se em volta da tocha. Jeff ergueu-a e segurou-a na frente deles; ela emitia um brilho fraco, ténue, que parecia sempre prestes a se apagar. Amy pôde ver que não iria durar muito.

— Rápido - disse ele, acenando em direção ao duto aberto.

O trinado prosseguia: eram agora três toques, e os dois andaram rápido, apressando-se para encontrá-lo antes de ele tornar a se silenciar. Cinco passos velozes e estavam dentro do duto, com uma corrente regular de ar frio a soprar em cima deles, fazendo a tocha na mão de Jeff tremeluzir debilmente. Amy sentiu um instante de terror ao deixar para trás aquele quadradinho de céu aberto, e quando o teto ficou tão baixo que ela e Jeff precisaram se agachar para prosseguir. A escuridão parecia pesar sobre eles, apertá-los de alguma forma a cada passo que davam, como se as paredes e o teto do duto estivessem se aproximando. Estranhamente, naquele ambiente de tão pouca luz, a planta parecia crescer em grande profusão, cobrindo todas as superfícies disponíveis. Eles andavam afundados nela até os joelhos, e ela pendia acima deles do teto, também, e roçava o rosto de Amy; caso ela não estivesse tão desesperada para encontrar o telefone, teria imediatamente dado meia-volta e saído.

Ouviu-se um quarto trinado, ainda na sua frente, atraindo-os mais para o fundo do duto. Amy pôde sentir uma parede em algum lugar à frente; até mesmo na escuridão, até mesmo sem ser ainda capaz de vê-la, de alguma forma sabia que aquele duto terminava dali a mais ou menos dez metros. O trinado ecoava, mas ainda parecia claro para ela

que o telefone estava junto a essa parede dos fundos, no chão, enterrado nas plantas. Precisaríamos ficar de joelhos para procurar por ele. Ela agora estava praticamente correndo, em um misto de ansiedade para encontrar o telefone antes de ele parar de tocar com o terror que sentia daquele lugar, ambos trabalhando juntos para fazê-la seguir em frente.

Jeff se movia com mais cautela, um pouco atrás de Amy. Ela se mantinha na frente dele e de sua tocha, e a trepadeira roçava seu corpo, mas delicadamente, como uma carícia, parecendo quase se afastar para permitir sua passagem.

— Espera — disse Jeff, e em seguida parou totalmente, segurando a tocha tremeluzente diante de si, tentando ver com mais clareza.

Amy o ignorou; tudo que queria era chegar lá, encontrar o telefone, ir embora. Já podia ver a parede, ou alguma coisa parecida: uma sombra que se materializava à sua frente, uma barreira.

— Amy — disse Jeff, agora mais alto, e sua voz ecoou de volta para ela na parede que se aproximava. Ela hesitou, diminuindo o passo, virando-se parcialmente, e deu-se conta de repente de que a trepadeira estava se mexendo, de que era essa a sensação de confinamento que ela sentia; não era simplesmente a escuridão que aumentava, nem o duto que se estreitava. Não, eram as flores. Penduradas no teto, nas paredes, erguendo-se do chão em sua direção, as flores da trepadeira estavam se mexendo, abrindo e fechando como inúmeras bocas pequeninas. Ao perceber isso, ela quase parou por completo. Mas então o telefone tocou uma quinta vez, fazendo-a prosseguir; ela sabia que não haveria muitos outros toques. Ele agora também estava próximo, bem junto à parede, imaginou. Tudo que ela precisava fazer era cair de...

— Amy! — berrou Jeff, assustando-a. Ele havia recomeçado a andar, apressando-se até junto dela, com a tocha erguida à sua frente. — Não...

— Ele está bem ali — disse ela. Deu mais um passo. Era bobo, mas ela queria ser a pessoa que iria encontrá-lo. — Ele está...

— Para! — gritou ele. E então, antes de ela conseguir reagir, ele chegou bem ao seu lado e agarrou-lhe o braço, puxando-a um passo para trás, puxando-a para junto de si. Ela sentiu o rosto dele ao lado do seu, sentiu seu calor, ouviu-o sussurrar: — Não tem telefone nenhum.

— O quê? — indagou ela, sem entender. Nesse exato instante, um sexto toque soou, parecendo emergir das plantas bem na sua frente. Amy tentou se soltar.

— Ele está...

Jeff puxou-a para trás, apertando com força, machucando-a. Curvou-se e tornou a sussurrar, bem no seu ouvido.

— É a planta - disse ele. - As flores. São elas que estão fazendo o barulho. Ela sacudiu a cabeça, sem acreditar, sem querer acreditar.

— Não, ele está bem...

Jeff inclinou-se para a frente com a tocha, empurrando-a para baixo em direção ao chão do duto, rumo à massa formada pela trepadeira alguns metros à sua frente. As plantas se afastaram do fogo, retraindo-se à medida que a tocha se aproximava, formando uma abertura em seu meio. Moviam-se tão depressa que pareciam sibilar. Jeff se agachou, empurrando as chamas na direção do que deveria ser o chão, mas, em vez disso, era apenas escuridão, e a corrente de ar aumentou bruscamente, sacudindo os cabelos de Amy, desorientando-a. Jeff agora acenava com a tocha de um lado para o outro, aumentando o buraco que havia aberto, e Amy precisou de vários segundos para perceber o que estava vendo, o que era aquela escuridão, porque ali não havia chão. Era a entrada de outro duto, que descia abruptamente; a trepadeira havia crescido por cima dela, escondendo-a. Uma armadilha, percebeu ela. As plantas haviam atraído ela e Jeff para lá, na esperança de que caíssem aquele buraco, de que despencassem rumo à

escuridão. Ouviu-se um ruído agudo de assobio, como o de um chicote, e uma das plantas se esticou e enroscou-se no cabo de alumínio da tocha de Jeff, arrancando-a de sua mão. Amy a viu cair, com a luz bruxuleando, quase se apagando, mas ainda brilhando mesmo quando bateu no fundo, dez metros abaixo de onde estavam. Viu de relance algo branco, ossos, pensou, e o que poderia ter sido uma caveira olhando para cima, em sua direção. A pá também estava lá, e mais trepadeiras, uma massa ondulante, parecendo uma serpente, afastando-se do pontinho de fogo que ardia em seu meio. Então as chamas tremeluziram, diminuíram, e se apagaram.

Então ficou tudo escuro, terrivelmente escuro, mais escuro do que Amy teria pensado ser possível. Por um instante, tudo que ela conseguiu ouvir foi a respiração de Jeff ao seu lado, e as fracas batidas do próprio coração a ecoar em seus ouvidos, mas então houve novamente aquele mesmo assobio, dessa vez mais alto, mais denso, e ela soube, mesmo antes de começar a ser agarrada, que o que escutava era a planta. A planta parecia vir de todas as direções ao mesmo tempo, das paredes, do chão e do teto, golpeando seu corpo, enroscando-se em seus braços e pernas, em seu pescoço até, puxando-a em direção ao buraco.

Amy gritou, recuando aos tropeços, rasgando as plantas com a mão, libertando um membro só para sentir imediatamente um outro ser agarrado. A trepadeira não tinha força suficiente para dominá-la daquela forma: rasgava-se com demasiada facilidade, e sua seiva escorria por sua pele, queimando-a, mas ela não parava de atacá-la, cada vez mais. Ela se virou, chutou e continuou a gritar, agora em pânico, sem mais nenhum senso de direção, até por fim, no escuro, não conseguir mais saber qual caminho conduzia à segurança, e qual conduzia ao buraco aberto.

- Jeff? - chamou, e então sentiu a mão dele agarrá-la, puxá-la, e rendeu-se, seguindo-o, com a trepadeira atacando

ambos, agarrando, rasgando, queimando.

Jeff gritou alguma coisa, mas ela não conseguiu entender. Estava arrastando-a para trás, e os dois tropeçaram, caindo um por cima do outro, de quatro no chão no meio das plantas que se puseram a atacá-los, tentando segurá-los ali, e então tornaram a se levantar e viram uma luz ténue à sua frente, e correram em sua direção, com Jeff puxando Amy pelo braço e a trepadeira ficando para trás deles, novamente parada, imóvel, silenciosa.

Amy viu a tipoia pendurada na corda. E então, lá em cima, aquela janelinha de céu. Quando inclinou a cabeça para trás, olhando para ela, pôde ver Eric e Mathias, o contorno sombreado de suas cabeças, olhando para ela lá embaixo.

— Jeff? — chamou Mathias.

Jeff não se deu ao trabalho de responder. Estava olhando para trás, para o duto que se abria atrás deles. Ali agora tudo era escuridão, com aquela corrente constante de ar frio, mas ele parecia relutante em desviar o olhar.

— Veste a tipoia — disse-lhe ele.

Amy pôde ouvir o quanto ele estava ofegante. Ela também estava, e ficou parada ao lado dele por muito tempo, sem se mexer, esforçando-se para se recompor.

Jeff agachou-se, pegou a garrafa de tequila, destampou-a. Pegou a meia de Pablo e derramou um pouco do álcool por cima.

- O que é que você está fazendo? - sussurrou ela.

Então ouviram o barulho de alguma coisa se mexendo dentro da entrada escura do túnel, quase inaudível, mas ficando cada vez mais alto. Jeff começou a enfiar a meia de Pablo no gargalo da garrafa de tequila, usando o indicador para empurrá-la mais para dentro. O barulho seguia aumentando de volume, ainda baixo demais para ser ouvido claramente, mas estranhamente familiar: pareciam cartas sendo embaralhadas, um barulho estranho, horripilante, quase humano.

— Rápido, Amy — disse Jef.

Ela não discutiu; estendeu a mão para pegar a tipoia, passou os braços por lá, a cabeça. Mathias tornou a chamar:  
- Jeff?

- Puxa ela!

Amy inclinou a cabeça para trás, olhou. As cabeças ainda estavam visíveis, olhando para ela daquele pequenino retângulo de céu. Ela sabia, porém, que não podiam vê-la na escuridão. Viu Mathias levar as mãos em concha à boca.

- O que foi que aconteceu? - gritou ele. Jeff tateava à procura da caixa de fósforos.

— Agora! — gritou.

O barulho estava mais alto, um pouco mais alto a cada segundo que passava, e, à medida que seu volume aumentava, ia ficando cada vez mais familiar.

Amy sabia o que era; essa consciência estava em sua mente, mas ainda fora de alcance. Não queria mais ouvir, não queria que a consciência se revelasse. A tipoia deu um safanão, e então o rangido recomeçou, vindo em sua direção lá de cima, abafando aquele outro barulho, aquele que ela não queria reconhecer, e ela começou a se mexer, subindo pelo ar, com os pés se desprendendo do chão do túnel. Jeff sequer olhava para ela. Seu olhar ia de um lado para o outro, da caixa de fósforos para a escuridão onde o barulho espreitava, ainda ganhando volume, como se o seu objetivo fosse acompanhá-la rumo à luz, capturá-la, tornar a puxá-la para baixo.

Debaixo de si, Amy viu a mão de Jeff fazer um gesto rápido, e um fósforo se acender. Ele o segurou junto à meia de Pablo, e a tequila pegou fogo no mesmo instante, acendendo-se com o mesmo fogo azul-claro da tocha. Jeff pôs-se de pé e segurou a garrafa junto ao flanco por um instante, certificando-se de que a chama estava firme. Então, com um movimento lateral como o que se usa para atirar uma granada, atirou-a dentro do túnel. Amy ouviu a garrafa se espatifar e o fogo espalhou-se, iluminando Jeff melhor.

Um coquetel Molotov, pensou ela. Parecia-lhe estranho conhecer o nome daquilo; imaginou poloneses impotentes a atirá-los em tanques russos, um gesto fútil, desesperado. Abaixo dela, Jeff estava completamente imóvel, olhando fixamente para dentro do túnel; o fogo já estava diminuindo, e a subida dela continuava regular. Ela sabia que logo, dali a pouco, não conseguiria mais vê-lo. As chamas deveriam ter abafado aquele barulho horrível, que ela reconhecia, mas não queria reconhecer, e no início isso pareceu acontecer, mas em seguida o barulho recomeçou, mais baixo e, no entanto, de uma forma que pareceu envolvê-la por completo. Amy precisou de um instante para se dar conta de que o barulho não vinha mais de baixo; ele agora estava a toda sua volta, e acima dela também. Jeff ia sumindo de vista, o fogo ia morrendo, as sombras começavam a envolvê-lo e, quando ela ergueu os olhos para ver quanto ainda lhe faltava subir, um leve movimento chamou sua atenção e atraiu seu olhar. Eram as plantas penduradas nas paredes do túnel, versões mais claras, mais frágeis de suas primas do lado de fora. Suas flores pequeninas se abriam e se fechavam. Amy percebeu que era isso que estava fazendo aquele barulho horrível, tão mais suave agora, mais insidioso, o barulho que ela finalmente não teve outra escolha senão reconhecer, admitir, o barulho que também imaginou estar ecoando por todo o morro.

Elas estão rindo, pensou.

Depois de içarem os dois do túnel, não houve mais muita coisa a fazer. Jeff, pela primeira vez, não tinha mais nenhum plano; parecia um pouco atordoado pelo que havia presenciado lá embaixo. Tornaram a carregar Pablo até sua tenda; então todos se sentaram juntos, todos menos Stacy, que ainda estava no sopé do morro, à espera dos gregos, e passaram a jarra d'água de plástico de mão em mão. Eric percebeu que as mãos de Jeff tremiam quando este as estendeu para dar o seu gole, e isso lhe deu uma sensação

esquisita de prazer. Afinal, suas próprias mãos estavam tremendo, já estavam tremendo havia algum tempo, então era agradável ver os outros se juntarem a ele. A miserável miséria do miserento, pensou. Por algum motivo, não conseguia tirar aquelas palavras da cabeça, e tinha de estar sempre lutando contra o impulso de pronunciá-las em voz alta.

— Elas estavam rindo da gente — sussurrou Amy.

Ninguém disse nada. Mathias tampou a jarra, levantou-se e voltou para a barraca. Jeff havia lhes contado o acontecido assim que emergira do buraco, que eram as plantas que estavam fazendo aquele barulho de celular, tentando atraí-los para uma armadilha, e até essa decepção, com a dose de terror que acompanhava, trouxera algum consolo para Eric. Porque eles agora iriam ver, agora, depois de terem presenciado o poder da planta, iriam acreditar nele quando ele dissesse que ela ainda estava dentro de seu corpo, crescendo, devorando-o de dentro para fora. Havia em sua perna uma sensação de algo escavando, alguma coisa pequena e parecida com um verme na carne debaixo do osso de sua canela, sempre em movimento, avançando, mastigando. Parecia estar indo na direção do seu pé. E mais em cima, em seu peito, não havia movimento nenhum, apenas uma pressão constante, impossível de ignorar. Eric imaginou algum tipo de vazio ali, logo abaixo de suas costelas, uma cavidade natural de seu corpo que ia lentamente sendo preenchida pela planta que se enrolava em volta de si mesma à medida que crescia, empurrando seus órgãos para o lado, ocupando cada vez mais espaço a cada instante que passava. Ele achava que, caso se cortasse naquele lugar, só uma pequena incisão, a planta emergiria para a luz coberta com seu sangue como um horrendo recém-nascido, enroscando-se e contorcendo-se, com as flores se abrindo e se fechando como uma dúzia de boquinhas a implorar por comida.

Pablo gemeu; o gemido quase pareceu uma palavra, como se ele estivesse pedindo alguma coisa, mas, quando eles se viraram para olhar, os olhos dele ainda estavam fechados, e o seu corpo, imóvel. Devaneando, pensou Eric, mas logo viu que não era isso, que era pior, muito pior. Era o delírio, o tropeço antes da queda.

Devaneio, delírio, decesso...

— A gente não deveria dar um pouco de água para ele? — perguntou Amy. A voz dela soou estranha para Eric. As mãos dela também devem estar tremendo, pensou. Ninguém respondeu à pergunta dela. Passaram vários longos instantes sentados, fitando Pablo em silêncio, esperando ele abrir os olhos, mexer-se, mas ele não fez nenhuma dessas duas coisas. O único barulho que se ouvia era o som rascante, úmido e encatarrado de sua respiração. Eric lembrou-se de si próprio deitado semiadormecido em algum lugar, de manhã bem cedo, ouvindo alguém arrastar móveis de um lado para o outro pelo chão do quarto acima dele, rearrumando-os. Ele estava visitando um amigo e dormia no sofá. Estranhamente, não se lembrava do nome do amigo. Podia ver as garrafas de cerveja vazias alinhadas sobre a mesa de centro, podia sentir o cheiro de bolor do travesseiro que haviam lhe dado, podia ouvir os móveis sendo arrastados e empurrados de um lado para o outro do quarto acima dele, mas estava tão cansado, tão sedento, tão faminto que, de alguma forma, não conseguia se lembrar de quem havia sido seu anfitrião. Mas era esse o barulho que ele estava escutando agora, não havia dúvida quanto a isso: era esse o barulho que a respiração de Pablo fazia, como uma mesa sendo arrastada por um chão de madeira. Amy insistiu:

— Ele não bebeu água nenhuma, não desde...

- Ele está inconsciente - disse Jeff, interrompendo-a. - Como é que a gente vai dar água para ele?

Amy franziu o cenho, calando-se.

Um a um, todos pararam de olhar para Pablo; fecharam os olhos, viraram-nos para o outro lado, não voltaram a olhar. Os olhos de Eric percorreram a clareira a esmo, e acabaram indo se fixar sobre a faca. Ela estava jogada no chão ao lado da tenda. Sua lâmina estava opaca com o sangue do grego, completamente manchada, da ponta ao cabo. Não estava tão longe assim; para alcançá-la, tudo que Eric precisou fazer foi se mover cerca de meio metro para a esquerda, e em seguida estender o corpo, esticando-se, e subitamente ela estava em suas mãos. Ela estava quente por causa do sol, confortavelmente quente, a coisa certa para ele estar segurando. Ele tentou limpar a lâmina na camiseta, mas o sangue estava seco e não saiu. Eric estava tão desidratado que precisou mexer um pouco a língua para conseguir juntar saliva suficiente para cuspir. Nem isso adiantou, porém; assim que começou a esfregar a lâmina, sua camiseta, puída pela penugem verde da trepadeira até ficar transparente como gaze, começou a se desfazer. Não importava, decidiu. Não era com infecção que ele estava preocupado.

Inclinou-se para a frente e abriu um talho de oito centímetros na perna, logo à esquerda do osso da canela, um pouco abaixo da incisão que Mathias havia feito mais cedo naquela manhã. É claro que doeu, sobretudo porque ele precisou ir bem fundo, como uma sonda, até dentro do músculo, afastando a carne com a ponta da faca, para poder caçar o pedacinho de planta que sabia que deveria estar lá. A dor foi intensa: imoderada, foi a sensação; mas também estranhamente reconfortante: revivificava, dava mais clareza. O sangue se juntou no corte e escorreu para fora, descendo por sua perna, dificultando a visão, e então ele estendeu a mão livre e enfiou o indicador dentro do ferimento, cavando, tateando, e a dor agora parecia um homem subindo escadas correndo, às carreiras, pulando degraus. Os outros o observavam, atónitos demais para falar. A sensação de algo a se mover como um verme

perdurava apesar da dor; Eric podia sentir aquela coisa fugindo para baixo, para longe de seu dedo. Recomeçou com a faca outra vez, cortando mais fundo, e então Jeff pôs-se de pé e caminhou rapidamente em sua direção.

Eric ergueu os olhos, com o sangue a escorrer profusamente por sua canela, e empoçando novamente em seu sapato. Estava esperando solicitude, uma oferta de ajuda, e ficou surpreso ao ver a repulsa no rosto de Jeff, a impaciência. Jeff estendeu a mão e agarrou a faca, arrancando-a da mão de Eric.

— Para com isso — disse ele, atirando a faca longe, fazendo-a deslizar pelo chão. — Deixa de ser idiota, porra.

Fez-se um silêncio na clareira. Eric virou-se para os outros, imaginando que algum deles pudesse fazer algum comentário em sua defesa, mas todos evitaram encará-lo, impassíveis, confirmando a desaprovação de Jeff.

— Você não acha que a gente já tem problemas suficientes? — perguntou Jeff.

Eric fez um gesto de impotência, indicando a canela ensanguentada com as mãos igualmente ensanguentadas.

— Ela está dentro de mim.

— A única coisa que você vai conseguir é pegar uma infecção. É isso que você quer? Uma perna infeccionada?

— Não é só na minha perna. E no meu peito, também. — Eric tocou o ponto em seu peito, a dor difusa que havia ali, apoiando nele a palma da mão. Pensou poder sentir a planta pulsando debilmente em resposta.

— Não tem nada dentro de você. Entendeu? - perguntou Jeff, com a voz tão dura quanto a expressão de seu rosto, frustrada, cansada. — Você está imaginando isso, e tem... tem que parar com isso, porra — depois, virou as costas e voltou a passos largos para o centro da clareira.

Jeff começou a andar de um lado para o outro, e todos olhavam para ele. Pablo continuava a arrastar aquela mesa pesada pelo chão de madeira, e de repente o nome Mike o'Donnell surgiu na mente de Eric. Era um amigo seu: ruivo,

com os dentes espaçados, jogador de lacrosse. Haviam se conhecido no ensino fundamental e ido para faculdades diferentes, e aos poucos haviam se separado. Ele morava em uma velha casa geminada nos arredores de Baltimore, e Eric fora passar um fim de semana lá. Foram assistir a um jogo dos Orioles e compraram uns lugares horríveis na mão de um cambista, e acabaram sem conseguir ver nada. Tudo isso só fazia dois ou três anos, mas agora parecia inconcebivelmente distante, uma outra vida totalmente diferente da que estava vivendo ali, sentado naquela pequena clareira, escutando o horrível arranhar da respiração de Pablo: devaneio, delírio, decesso, querendo tornar a enfiar o dedo dentro de sua ferida, mas resistindo ao impulso, dizendo a si mesmo: Ela não está lá dentro, e esforçando-se para acreditar. Jeff parou de andar de um lado para o outro.

- Alguém precisa ir trocar de turno com a Stacy - disse ele. Ninguém se mexeu; ninguém disse nada.

Jeff virou-se primeiro para Amy, depois para Mathias. Nenhum deles o olhou nos olhos. Ele sequer se deu ao trabalho de olhar para Eric.

- Tudo bem - disse por fim, fazendo um gesto com a mão que desprezava eles três, sua inércia, sua lassidão, sua impotência, e a repulsa dele agora parecia generalizada, parecia abarcar tudo. — Eu vou.

E então, sem mais nenhuma palavra, nenhum olhar, virou-se e saiu da clareira.

Eles deveriam ter comido alguma coisa, percebeu Jeff enquanto descia o morro. Já passava muito do meio-dia; deveriam ter dividido as duas bananas, cortando-as em cinco porções iguais, mastigado, engolido e chamado aquilo de almoço. Em seguida, a laranja como jantar, e talvez também algumas uvas: essas eram as coisas que não iriam durar, que começavam a apodrecer com o calor. E depois? Salgadinhos, nozes, barras de proteínas: quanto tempo isso duraria? Mais um ou dois dias, supunha Jeff, e depois

começaria o jejum, a fome. Não adiantava se preocupar com aquilo, pensou, não quando não havia nada que pudesse fazer para mudar a situação. Esperar e rezar: cada vez mais, essa era sua única alternativa, e, na mente de Jeff, esperar e rezar era a mesma coisa que não fazer nada.

Ele deveria ter levado a faca. Eric iria continuar a se cortar, a menos que os outros o impedissem, e Jeff não confiava em Amy nem em Mathias para fazerem isso. Sabia que os estava perdendo. Apenas vinte e quatro horas haviam passado, e eles já estavam agindo como vítimas: ombros caídos, rostos sem expressão. Mesmo Mathias parecia ter se retraído de alguma forma no decorrer da manhã, tornando-se passivo, quando Jeff precisava que ele fosse ativo.

Ele deveria ter sabido que não era um celular no fundo do túnel; deveria ter previsto aquele desfecho, ou algo parecido. Não estava pensando com tanta clareza quanto deveria, e sabia que isso só levaria ao perigo. A planta poderia facilmente ter corroído a corda, mas não o fizera. Deixara-a intacta no molinete, o que significava que queria que eles tornassem a descer para dentro do túnel, e Jeff deveria ter visto isso, deveria ter entendido que só poderia significar uma coisa, que o som do trinado era uma armadilha. A planta era capaz de se mover, de pensar e de imitar diferentes sons; não apenas o celular, mas os pássaros, também. Porque fora provavelmente a planta que gritara daquele jeito para alertar os maias quando ele havia se esgueirado morro abaixo na noite anterior, e ele também deveria ter percebido isso.

Estava ficando descuidado. Estava perdendo o controle, e não sabia como recuperá-lo.

Chegou a um ponto de onde podia ver Stacy, sentada curvada debaixo de seu guarda-sol, de frente para a clareira, os maias, a mata mais adiante. Ela não ouviu Jeff se aproximar, não se virou para cumprimentá-lo, mas foi só quando ele chegou bem perto dela que entendeu por quê. Ela estava sentada de pernas cruzadas, caída para a frente,

o guarda-sol apoiado no ombro, os olhos fechados, a boca entreaberta: estava dormindo profundamente. Jeff ficou ali em pé durante quase um minuto, a encará-la, com as mãos nos quadris. Seu primeiro impulso de raiva diante da negligência dela passou em um instante; ele estava exausto demais para sustentá-lo. Sabia que aquilo no fundo não tinha importância, ao menos nenhuma importância prática. Se os gregos tivessem chegado, teriam-na chamado tão logo a vissem sentada ali, teriam-na acordado enquanto ainda estivessem longe o suficiente para serem detidos. E, mais exatamente, os gregos não haviam chegado, provavelmente nunca chegariam. Então não havia lugar para raiva ali; esta veio e se foi, breve como um arrepio.

O guarda-sol de Stacy estava no ângulo errado, e seu círculo de sombra cobria apenas a metade superior de seu corpo, deixando sua barriga e suas pernas cruzadas expostos ao sol do meio-dia. Seus pés, calçados com as sandálias sujas de lama, estavam queimados até o tornozelo: um vermelho escuro, de carne viva. Iriam formar bolhas depois, e em seguida descascar, um processo doloroso. Se fosse com Amy, incluiria uma quantidade prodigiosa de reclamações, até lágrimas, às vezes, mas Jeff sabia que Stacy provavelmente sequer perceberia, quanto mais mencionaria o assunto. Isso fazia parte daquela sua qualidade especial, uma espécie de desassociação do próprio corpo. Jeff muitas vezes achava aquilo difícil de resistir, em comparação com Amy. Ele as havia conhecido ao mesmo tempo, e morara no mesmo alojamento que elas durante o primeiro ano de faculdade, no andar inferior, logo abaixo do quarto delas. Certa noite, subira para reclamar de um barulho de marteladas e as encontrara de pijama, agachadas junto a uma pequena pilha de madeira com um martelo, pregos, e uma folha de instruções escrita em coreano. Era uma estante que Amy havia comprado pela internet, baratíssima, sem perceber que ela própria teria de montá-la. Jeff acabou montando a estante para elas; no

processo, ficaram amigos. Por um breve período, não estava nem mesmo claro qual das duas ele estava paquerando, e ele imaginava que fosse isso, em parte, que tornava tão difícil para ele deixar de vê-las de forma comparativa, pesando suas diferenças, uma contra a outra.

No final das contas, Amy o conquistara com sua personalidade: ela era tão mais forte do que Stacy, mais centrada, mais confiável, apesar de suas reclamações; mas, em um sentido puramente físico, na verdade era Stacy quem ele sempre achara mais atraente. Havia algo em seus olhos escuros, e na maneira como ela os usava para olhar para você, de repente, um olhar que parecia quase dolorosamente franco, sem esconder nada. Ela era sexy, sedutora, enquanto Amy era só bonitinha. Houvera até um curto período, pouco depois de ele e Amy começarem a namorar mais firme, em que Jeff entretivera a breve e cafajeste fantasia de ter um caso com Stacy. Porque o que acontecera na praia com Don Quixote não era uma ocorrência isolada. Stacy tinha tendência para essas coisas; era promíscua de uma forma dissimulada, incontrolável, quase a contragosto. Gostava de beijar desconhecidos, tocar, ser tocada, em especial quando bebia. Eric sabia sobre algumas dessas peripécias, mas sobre outras, não. Os dois brigavam por causa das que ele descobria, e gritavam e xingavam ferozmente um ao outro, mas, todas as vezes, acabavam fazendo as pazes, e Stacy fazia promessas chorosas, aparentemente sinceras, que inevitavelmente quebrava, algumas vezes dias depois. Parecia estranho lembrar tudo isso agora, especialmente de sua fantasia de traição, e era difícil recordar exatamente como ele conseguira levá-la a sério. Ou por quê, aliás. Muito distante: era assim que ela parecia.

O mais estranho em Stacy era que, apesar da aura de sexualidade que exalava, havia nela também algo de surpreendentemente infantil. Em parte, era uma questão de personalidade: aquela volubilidade, aquela predileção pela

brincadeira e pela fantasia em detrimento de qualquer coisa que pudesse remotamente parecer com trabalho; mas era em igual proporção uma coisa física, algo nos traços de seu rosto, no formato de sua cabeça, perceptivelmente redonda e um pouco grande demais para o seu corpo, mais parecida com a cabeça de uma menina do que com a de uma mulher feita. Era uma qualidade que Jeff duvidava que ela um dia perdesse. Mesmo que sobrevivesse àquele lugar, mesmo que vivesse o suficiente para alcançar a idade das rugas, da corcunda, do caminhar arrastado, dos tremores, ela provavelmente a conservaria. E, é claro, essa qualidade estava particularmente realçada naquele momento, com sua aparência tão indefesa, tão profundamente mergulhada no sono.

Ela não deveria estar aqui, pensou Jeff. As palavras surgiram em sua cabeça sem aviso, surpreendendo-o. Era verdade, é claro: nenhum deles deveria estar ali. No entanto, ali estavam, e sem muita probabilidade de jamais conseguir estar em nenhum outro lugar, como ia ficando cada vez mais claro. A ideia de ir ao México havia sido dele, a ideia de acompanhar Mathias em sua busca por Henrich havia sido dele. Seria para isso que aquelas palavras estavam apontando, para alguma apropriação hesitante de responsabilidade? A trepadeira criara raízes nas sandálias de Stacy, prendendo-se ao couro como uma guirlanda, e, à medida que Jeff começava a flertar com essa ideia, agachou-se ao lado dela, estendendo a mão para arrancar a planta.

Seu toque a acordou e ela deu um pulo, pondo-se de pé atabalhoadamente, deixando cair o guarda-sol: assustada.

- O que foi que houve? - perguntou ela, quase gritando as palavras. Jeff fez gestos apaziguadores no ar; teria tocado nela também, segurando sua mão, abraçado-a, mas ela deu um passo para trás, saindo de seu alcance.

- Você caiu no sono - disse ele.

Stacy protegeu os olhos, esforçando-se para se orientar. Jeff percebeu que a trepadeira estava crescendo em suas roupas também. Um longo talo estava pendurado na frente de sua camiseta; outro seguia pela perna esquerda de sua calça cargo, enroscando-se em sua batata da perna. Jeff se inclinou, pegou o guarda-sol, estendeu-o para ela. Ela encarou o objeto como se estivesse com dificuldade para reconhecê-lo: o que era, como se relacionava com ela. E em seguida o pegou, colocando-o em cima do ombro. Recuou mais um passo. É como se ela estivesse com medo de mim, pensou Jeff, e sentiu um tremor de irritação.

Acenou para o alto do morro.

— Pode voltar agora.

Stacy não se mexeu. Levantou o pé queimado de sol e coçou-o distraidamente.

— Ela estava rindo - falou.

Jeff só fez encará-la. Sabia do que ela estava falando, mas não conseguia pensar em uma maneira de reagir. Alguma coisa nela, naquele encontro ali, o estava tornando consciente do próprio cansaço. Precisou lutar contra a ânsia de um bocejo.

Stacy fez um gesto indicando o espaço à sua volta.

— A planta. Ele aquiesceu.

— A gente desceu de novo para o túnel. Para procurar o celular.

A expressão de Stacy mudou no mesmo instante: tudo mudou, sua postura, o som de sua voz; animada pela esperança.

— Encontraram? Jeff sacudiu a cabeça.

— Era uma armadilha. Era a planta que estava fazendo o barulho - ele teve a sensação de ter lhe dado um sopapo, tão dramático foi o efeito de suas palavras. Ela curvou as costas, e seu rosto se tornou flácido, perdendo a cor.

— Eu ouvi ela rindo. O morro inteiro. Jeff assentiu.

— Ela imita as coisas — e então, já que ela parecia precisar do reconforto: — É só um som que ela aprendeu a fazer.

Não é um riso de verdade.

— Eu peguei no sono - Stacy parecia surpresa com isso, como se estivesse conversando com alguma outra pessoa.

— Eu estava com tanto medo. Estava... — ela sacudiu a cabeça, incapaz de achar as palavras certas, e então terminou fracamente: — Não sei como peguei no sono.

— Você está cansada. Todo mundo está.

— Ele está bem? — sussurrou Stacy.

— Quem?

— O Pablo. Ele está... — e houve novamente aquela busca atabalhoada pelas palavras adequadas — ... bem?

Foi estranho, mas Jeff levou um segundo para entender a que ela se referia. Ele podia olhar para baixo e ver o sangue salpicado em seu jeans, mas precisou se esforçar antes de conseguir lembrar a quem o sangue pertencia, como fora parar ali. Estou cansado, pensou, embora soubesse que era mais do que isso. Por dentro, ele estava fugindo a toda velocidade, igualzinho a todos os outros.

— Ele está desacordado — disse.

— E as pernas dele?

— Cortadas.

— Mas ele está vivo? Jeff assentiu.

— E ele vai ficar bem?

— Vamos ver.

— A Amy não impediu vocês? Jeff sacudiu a cabeça.

— Era para ela impedir vocês.

— A gente já tinha terminado. Ao ouvir isso, Stacy se calou. Jeff pôde sentir a própria impaciência aumentando novamente, sua frustração com ela; queria que ela fosse embora dali. Por que ela não ia embora? Ele sabia o que ela iria dizer em seguida, adivinhou o que seria, mas mesmo assim ficou espantado quando ela falou, ofendido.

— Eu acho que vocês não deveriam ter feito isso — disse ela. Ele deu um aceno brusco, afastando as palavras.

— É meio tarde para isso, né?

Stacy hesitou, olhando para ele. Então, aparentemente a contragosto, disse:

— Eu só queria dizer isso. Pra você saber. Que eu gostaria de ter votado do outro jeito. Que eu não queria que você cortasse.

Jeff não conseguiu pensar em como reagir a isso. Todas as alternativas que se apresentavam eram inaceitáveis. Queria gritar com ela, sacudi-la pelos ombros, dar-lhe um tapa no rosto, mas sabia que nada disso traria nada de bom. Todos pareciam fazer tanta questão de abandoná-lo, de deixá-lo na mão; eram também muito mais fracos do que ele jamais poderia ter previsto. Ele estava simplesmente tentando fazer a coisa certa, salvar a vida de Pablo, salvar todos eles, e ninguém parecia capaz de reconhecer isso, quanto mais encontrar dentro de si a força para ajudá-lo a fazer qualquer das coisas difíceis que precisavam ser feitas.

— Você deveria voltar - disse ele por fim. - Fala pra eles te darem um pouco de água.

Stacy aquiesceu, puxando a pequena trepadeira agarrada à sua camiseta. Arrancou-a, e o tecido se abriu em um rasgo comprido. Ela não estava usando sutiã; Jeff viu de relance seu seio direito. Parecia-se surpreendentemente com o de Amy: o mesmo tamanho, o mesmo formato, mas com o mamilo mais escuro, de um marrom fechado, enquanto o de Amy era rosa bem claro. Jeff desviou os olhos depressa, e o gesto assumiu vida própria, impelido pela inércia, fazendo-o se virar, de modo que, sem querer realmente fazê-lo, ele acabou de costas para ela. Fitou os maias do outro lado da clareira. A maioria estava agora deitada na sombra ao longo da borda da mata, tentando se proteger do calor do dia. Vários fumavam e conversavam entre si; outros pareciam estar cochilando. Havia deixado a fogueira se apagar, abafando as brasas com cinzas. Ninguém prestava a menor atenção em Jeff ou em Stacy, e ele teve a breve ilusão de que poderia simplesmente sair andando pela clareira, passar bem no meio deles, e sumir nas sombras além das

árvores, e ninguém se mexeria para impedi-lo. Sabia muito bem o que era aquilo, porém, uma fantasia, e podia imaginá-los com bastante facilidade empunhando as armas quando ele começasse a andar, o grito de alerta, o retesar dos arcos, e não sentiu nenhum impulso de tentar.

Pôde ver o menininho da véspera, o mesmo que os seguira depois de saírem da aldeia, encarapitado no guidom da bicicleta que rangia. Ele estava em pé junto aos restos da fogueira, tentando aprender a fazer malabarismos. Tinha nas mãos três pedras do tamanho de punhos fechados, e as lançava no ar uma depois da outra, tentando imprimir-lhes aquele movimento circular perfeito que os palhaços dão a bolas, espadas e tochas acesas. Mas faltava-lhe a graça deles, não chegava nem perto; não parava de deixar cair as pedras, só para catá-las e recomeçar imediatamente. Depois de fazer isso meia dúzia de vezes, sentiu o olhar de Jeff. Virou-se, encarou-o, sustentou seu olhar e isso também pareceu se transformar em um tipo de brincadeira, um desafio, ambos se recusando a desviar o olhar. Certamente não seria Jeff quem iria se render; ele estava despejando toda a sua frustração naquele confronto, toda a sua fúria, e estava tão concentrado naquilo que mal registrou o som de Stacy se virando e começando a se afastar dele, o som de seus passos ficando mais fracos a cada segundo que passava antes de, por fim, dissolver-se no silêncio.

Stacy encontrou Amy e Eric na clareira ao lado da barraca. Amy estava sentada no chão, de costas para Pablo, abraçando os joelhos junto ao peito. Tinha os olhos fechados.

Eric andava de um lado para o outro; sequer olhou para Stacy quando ela apareceu. Não havia sinal de Mathias. A sede de Stacy foi sua primeira preocupação.

- O Jeff disse que eu podia beber um pouco d'água - anunciou.

Amy abriu os olhos, encarou-a, mas não disse nada. Eric também não. Pairava na clareira um cheiro de algo sendo

cozido, havia um círculo escuro de fuligem onde Mathias construía sua fogueira, e Stacy pensou: Eles fizeram almoço. Então lembrou-se do motivo da fogueira, e olhou com o rabo do olho para Pablo, meio que o viu deitado debaixo de sua barraca (seus olhos fundos, os cotos reluzentes, rosados e pretos de suas pernas...) antes de se retrair, virando-se na direção da barraca, fugindo. A entrada da barraca estava aberta, e ela se abaixou para passar por ela depressa, deixando o guarda-sol caído no chão do lado de fora.

A luz lá dentro estava mais fraca; os olhos de Stacy precisaram de um instante para se adaptar. Mathias estava deitado sobre um dos sacos de dormir, de lado, encolhido. Seus olhos estavam fechados, mas Stacy pôde sentir, de alguma forma, que ele não estava dormindo. Esgueirou-se até a parte de trás da barraca, passando bem ao lado dele, e agachou-se para pegar a jarra d'água. Desenroscou a tampa, tomou um gole grande, enxugou a boca com as costas da mão. É claro que não foi suficiente: nem a jarra inteira teria sido suficiente, e ela considerou por um instante a possibilidade de tomar outro gole. Sabia que seria errado, porém, e sentiu-se culpada simplesmente por ter cogitado aquela transgressão, então tampou a garrafa. Quando se virou para ir embora, viu Mathias a espiá-la, com aquela expressão insondável tipicamente sua.

- O Jeff me disse que eu podia — falou. Estava preocupada com a possibilidade de que ele fosse pensar que ela estivesse roubando água.

Mathias aquiesceu. Permaneceu calado, encarando-a.

- Ele está bem? — sussurrou Stacy, gesticulando para fora, em direção a Pablo.

Mathias hesitou por tempo suficiente para começar a parecer que não iria lhe responder. Em seguida fez que não com a cabeça, devagar.

Stacy não conseguiu pensar em mais nada para dizer. Deu mais um passo em direção à entrada da barraca, e em

seguida tornou a parar.

- E você? — perguntou.

A expressão de Mathias mudou, tendendo para um sorriso que não aconteceu. Por um instante, ela pensou que ele pudesse até rir, mas isso também não aconteceu.

- Você está? - perguntou ele. Ela sacudiu a cabeça.

- Não.

Depois, mais nada: ele simplesmente continuou a encará-la com aquele olhar, que era praticamente vazio, e sugeria um divertimento cansado sem chegar de fato a expressá-lo. Por fim, ela percebeu que ele estava esperando ela ir embora. Então foi isso que ela fez; tornou a se abaixar e saiu para a luz do sol, fechando o zíper da barraca atrás de si.

Eric ainda estava andando de um lado para o outro. Stacy percebeu que sua perna havia recomeçado a sangrar, e pensou em lhe perguntar por quê, mas então deu-se conta de que não queria saber. Desejou que ele entrasse na barraca com Mathias e se deitasse, e o teria forçado a fazer isso, aliás, se ao menos tivesse conseguido pensar em um jeito. Provavelmente todos eles deveriam estar dentro da barraca; assim Jeff teria desejado. Na sombra, descansando, conservando suas forças. Mas aquilo ali dentro parecia uma armadilha. Você ficava fechado; não conseguia ver o que estava acontecendo, o que poderia estar por vir. Stacy não queria ficar ali e supunha que os outros sentissem o mesmo. Não entendia como Mathias conseguia aguentar.

Ela recuperou seu guarda-sol e sentou-se no chão, poucos metros à direita de Amy. Eric continuava a andar de um lado para o outro, com o sangue a escorrer lentamente por sua perna; a cada passo que ele dava, seu sapato guinchava. Stacy queria que ele parasse, que encontrasse algum tipo de calma para si mesmo, e passou algum tempo desejando que isso acontecesse. Senta, Eric, pensou. Por favor, senta. É claro que não funcionou; mesmo se ela houvesse pronunciado essas palavras, gritado-as, não teria funcionado.

A pior parte de ficar na clareira não era o sol, nem o calor. Era o barulho da respiração de Pablo, alta, áspera, estranhamente irregular. Algumas vezes, parava por vários segundos, simplesmente silenciava, e, a contragosto, Stacy sempre acabava olhando para a pequena tenda, pensando as mesmas duas palavras: Ele morreu. Mas então, com um arquejo congestionado e áspero que sempre a assustava, a respiração do grego recomeçava de novo, embora não antes de ela ter sido forçada a olhar para ele outra vez, a ver aqueles cotos reluzentes, cheios de bolhas, aqueles olhos que se recusavam a se abrir, aquele filete fino de líquido marrom-escuro escorrendo do canto de sua boca.

Havia a planta também, é claro; estavam cercados por ela. Verde, verde, verde: qualquer que fosse a direção para que Stacy se virasse, lá estava ela esperando em seu campo de visão. Ela não parava de dizer a si mesma que aquilo era apenas uma planta, somente uma planta, nada além de uma planta. Afinal, era assim que parecia agora; não estava se mexendo, não estava emitindo aquele medonho barulho de risada. Era simplesmente um belo emaranhado de vegetação, com suas pequeninas flores vermelhas e suas folhas achatadas, em formato de mão: absorvendo a luz do sol, inofensiva e inerte. Era o que plantas faziam; elas não se moviam, não riam, eram incapazes de se mover, incapazes de rir. Mas Stacy não conseguiu manter a fantasia. Era como segurar um cubo de gelo na mão e desejar que ele não derretesse; quanto mais ela o segurava, menos gelo tinha. Já vira a planta se mover, vira-a se enterrar na perna de Eric, vira-a se esticar para beber o vômito de Amy, e ouvira-a, também, ouvira-a rir: o morro inteiro havia rido. Não podia evitar senti-la agora a observá-los, espreitando-os, planejando sua próxima investida.

Moveu-se mais para perto de Amy, posicionando seu frágil guarda-sol para que cobrisse a ambas com sua sombra. Quando segurou a mão de Amy, ficou surpresa ao constatar

como estava úmida. Medo, pensou. E então fez novamente aquela pergunta, a mesma que fizera a Mathias na barraca:

- Tudo bem com você?

Amy fez que não com a cabeça e começou a chorar, apertando a mão de Stacy.

- Shh - sussurrou Stacy, tentando acalmá-la. - Shh - passou o braço em volta dos ombros de Amy, sentiu seu choro aumentar de intensidade, fazendo seu corpo começar a dar pinotes, a soluçar.

- O que é que foi, querida? - perguntou. - Qual o problema?

Amy soltou a própria mão, usando-a para enxugar o rosto. Começou a sacudir a cabeça, e então pareceu não conseguir mais parar.

Eric ainda andava de um lado para o outro, perdido em seu próprio mundo, sem sequer olhar para elas. Stacy o observava enquanto ele se movia pela pequena clareira, para a frente e para trás, para a frente e para trás.

Por fim, Amy conseguiu falar.

- Eu estou só cansada — disse, sussurrando as palavras. — Só isso, estou tão cansada — em seguida recomeçou a chorar.

Stacy ficou sentada junto com ela, esperando aquilo passar. Mas não passou. Por fim, Stacy não conseguiu mais suportar. Levantou-se, andou até o outro lado da clareira. A mochila de Pablo estava jogada ali; ela enfiou a mão lá dentro e pescou uma das garrafas de tequila que restavam. Levou-a de volta até Amy, rompendo o lacre: foi a única coisa que conseguiu pensar em fazer. Tornou a se sentar debaixo do guarda-sol, tomou um grande gole do álcool que lhe queimou a garganta e em seguida estendeu a garrafa. Amy olhou para o objeto, ainda chorando, piscando os olhos entre as lágrimas, enxugando-as com as mãos. Stacy pôde sentir seu dilema, pôde senti-la quase decidir não fazê-lo, e em seguida se render. Ela pegou a garrafa, levou-a aos lábios, jogou a cabeça para trás, e a tequila se derramou

para a frente em sua boca, descendo pela garganta. Terminou o gole com um arquejo: parte tosse, parte soluço. Eric de repente apareceu sentado ao lado delas, estendendo a mão. Amy passou-lhe a garrafa.

E foi assim que eles adentraram a tarde, enquanto o sol começava a baixar lentamente. Aglomeraram-se bem juntos naquela pequena clareira, cercados pela trepadeira abundante e espiralada, por suas folhas verdes, por suas flores vermelhas, e foram passando de mão em mão a garrafa cada vez mais vazia.

Amy não demorou muito para ficar bêbada.

Começaram devagar, mas não fez diferença. Seu estômago estava tão vazio que a tequila pareceu corroê-lo até o fundo. No início, deixou-a apenas afogueada, quase risonha, e também um pouco tonta. Em seguida veio aquela qualidade arrastada em suas palavras, em seus pensamentos, e então, por fim, o cansaço. Eric já havia adormecido ao seu lado, e os três ferimentos em sua pele continuavam a soltar seus filetes de sangue, que lhe escorriam pela canela. Stacy estava acordada, estava até falando, mas, de alguma forma, começara a parecer cada vez mais distante; era difícil acompanhar suas palavras. Amy fechou os olhos por um instante e começou a não pensar em nada, o que foi uma bênção: exatamente como deveria ser.

Quando tornou a abrir os olhos, sentindo-se enrijecida, péssima, na verdade, o sol estava muito mais baixo no céu. Eric continuava a dormir; Stacy, a falar.

- E claro que é esse o problema - dizia ela. - Se tinha ou não outro trem para pegar. Não devia fazer diferença, mas eu tenho certeza de que pra ela faz; tenho certeza de que ela pensa nisso o tempo todo. Porque, se fosse o último trem do dia, se ela tivesse tido de passar a noite naquela cidade estranha onde ela nem conhecia a língua ainda... bom, isso melhora um pouco as coisas, né? Amy não fazia ideia sobre o que Stacy estava falando, mas, mesmo assim, aquiesceu;

parecia a reação certa. A garrafa de tequila descansava na frente de Stacy, tampada, deitada de lado, pela metade. Amy sabia que deveria parar, que havia sido estúpida ao beber o que já bebera, que aquilo iria apenas desidratá-la, tornando tudo muito mais difícil de suportar, sabia que a noite estava por chegar e que eles deveriam estar sóbrios quando isso acontecesse, mas nada disso a deteve. Ela pensou em tudo, reconheceu a sensatez de cada coisa, e em seguida estendeu a mão pedindo a garrafa. Stacy lhe passou a tequila sem parar de falar.

— Eu também acho — disse ela. — Se for o último trem, você corre para pegar; você pula. E lembra que ela era uma atleta... uma boa atleta. Então ela provavelmente nem cogitou a possibilidade de cair, provavelmente nem hesitou. Só fez correr, só fez pular. Eu não conhecia ela, na verdade, então não sei dizer como aconteceu. Estou só especulando. Mas encontrei com ela uma vez depois de ela voltar. Deve ter sido um ano mais tarde... o que, pensando bem, é pouco tempo. E ela estava jogando basquete. Não mais com o time, claro. Mas na quadra. E ela parecia, sabe... parecia bem. Estava de calça de moletom, então não deu para ver como elas estavam. Mas vi ela correndo de um lado para o outro da quadra, e ela estava quase normal. Não exatamente normal, mas quase.

Amy deu dois goles rápidos na tequila. A bebida estava morna por ter ficado exposta ao sol, e isso, de alguma forma, a fez descer com mais facilidade do que de hábito. Foram goles grandes, mas ela não tossiu. Stacy estendeu a mão para pegar a garrafa, e Amy tornou a passá-la. Stacy tomou um golinho, muito feminino, em seguida tampou a garrafa e pousou-a no colo.

— Ela parecia feliz... é isso que eu estou tentando dizer. Parecia bem. Estava sorrindo; estava lá fazendo o que gostava de fazer, mesmo que, você sabe... — nesse ponto, Stacy não continuou, parecendo triste.

Amy estava bêbada e meio dormindo, mas, mesmo assim, não fazia ideia sobre o que Stacy estava falando.

— Mesmo que...?

Stacy aquiesceu, com a expressão grave.

— Exatamente.

Depois disso, passaram algum tempo em silêncio. Amy estava prestes a pedir a garrafa de novo quando Stacy subitamente se animou.

— Quer ver? — perguntou ela.

- Ver?

— Como ela corria?

Amy assentiu, e Stacy estendeu-lhe o guarda-sol, a garrafa. Então levantou-se, e saiu andando depressa pela pequena clareira, fingindo jogar basquete: driblando, arremessando, fazendo finta. Depois de saltar para fazer uma cesta, correu de volta, com as mãos bem erguidas, defendendo. Então, mais uma vez, correu rapidamente até o outro lado, parou de repente, e deu um pulinho para o arremesso. Corria com um movimento estranho no passo, quase um coxear, parecia ligeiramente desequilibrada, como algum tipo de pássaro de pernas compridas que vive em águas rasas. Amy sorveu um grande gole da garrafa, olhando, perplexa.

— Está vendo? - perguntou Stacy, ofegante, ainda entretida em seu jogo imaginário. — Eles salvaram os joelhos dela... isso é que é importante. Então ela ainda conseguia correr bastante bem. Só era um pouco esquisito. Mas, como eu disse, isso foi só depois de um ano ou coisa assim. Agora ela pode estar ainda melhor.

Eles salvaram os joelhos dela. Então Amy compreendeu: alguém tinha corrido atrás de um trem, pulado, caído. Salvaram os joelhos dela. Tomou mais um gole de tequila, arriscou um olhar na direção de Pablo. A respiração dele havia se tranquilizado um pouco, ficado mais suave, mais lenta, embora aquele som áspero e incómodo, parecendo úmido, cheio de muco, ainda fosse um aspecto essencial. A aparência dele, é claro, estava horrível. Como poderia ser

diferente? Ele estava com a espinha quebrada, e no lugar de suas pernas havia dois cotos queimados. Perdera muito sangue, estava desidratado, inconsciente, provavelmente à beira da morte. E, além disso, estava fedendo: a fezes, urina, carne queimada. A planta havia começado a brotar sobre o saco de dormir, encharcado com os diversos fluidos que vazavam dele. Amy percebeu que eles deveriam fazer algo para remediar aquilo, provavelmente livrar-se do saco de dormir de uma vez, erguer Pablo em sua maca e arrancar aquela coisa fétida debaixo dele. Entendeu que essa seria a melhor coisa a fazer, seria o que Jeff provavelmente os faria tentar caso estivesse ali, mas não fez qualquer movimento nesse sentido. Tudo em que conseguia pensar era na noite anterior, ela e Eric no fundo do túnel, levantando Pablo em direção à maca balouçante. Sabia que não tentaria mais levantar o grego, nem agora, nem nunca.

— Sem os joelhos — dizia Stacy —, você precisa balançar elas. Assim.

Amy se virou para olhar enquanto Stacy andava pela borda da clareira, com as pernas duras, balançando-se, com a expressão concentrada. Ela era boa naquele tipo de coisa; sempre fora, tinha um talento natural para imitar os outros. Parecia o capitão Ahab percorrendo o convés com sua perna-de-pau. Amy riu; não conseguiu evitar. Stacy se virou para ela, satisfeita.

- Ainda não consegui imitar o outro jeito, né? Com os joelhos? Deixa tentar de novo - ela retomou seu jogo de basquete imaginário, no início só driblando, tentando diferentes movimentos de perna, à procura do efeito certo. Então, repentinamente, pareceu acertar, com uma espécie de graciosidade estranha, como uma bailarina com os pés dormentes. Correu até a borda mais distante da clareira e efetuou outro arremesso, antes de voltar rapidamente para junto de Amy, agora defendendo.

Eric se mexeu. Estava deitado de lado, em posição fetal, e agora se levantava, olhando para Stacy. Não parecia bem.

Amy supunha que todos estivessem assim. Os olhos dele estavam fundos, sua barba por fazer. Ele parecia um refugiado: faminto, exausto, fugindo de algum cataclisma. Sua camisa pendia do corpo em frangalhos; os ferimentos em suas pernas pareciam incapazes de se fechar. Ele observava Stacy driblando, passando e arremessando com uma expressão estranhamente ausente, um olhar de sala de espera, como alguém em uma emergência de hospital que assiste a uma televisão cujo volume está baixo demais para ser ouvido, esperando uma enfermeira chamar seu nome.

- Ela está jogando basquete - disse Amy. - Mas com pernas de mentira. Eric virou a cabeça, transferindo aquele olhar vazio do rosto de Stacy para o de Amy.

- Tinha uma garota - explicou Amy. - Ela caiu debaixo de um trem. Mas mesmo assim conseguia jogar basquete — ela sabia que não estava contando direito, que estava só confundindo as coisas. Mas isso não parecia ter importância, porque Eric assentiu.

- Ah - disse ele. Estendeu a mão, e ela lhe passou a garrafa. Viram Stacy fazer mais um ponto, e então, quando ela finalmente parou, sem fôlego, suada por causa do esforço, Amy aplaudiu. Por algum motivo, estava se sentindo cada vez melhor, e estava determinada a não deixar a sensação ir embora.

- Faz a aeromoça! - gritou ela.

Stacy tensionou o rosto em um sorriso rígido, exagerado e então, em silêncio, começou a demonstrar os procedimentos de segurança que antecedem o voo, a mostrar como usar um cinto de segurança, onde ficam as saídas de emergência, como colocar a máscara de oxigênio, e todos os seus gestos eram entrecortados e robóticos. Estava imitando a aeromoça de seu voo para Cancún. Fizera a mesma imitação para eles na noite em que haviam chegado, depois de deixarem as coisas em seus quartos e

de se encontrarem na praia, onde ficaram sentados em um círculo frouxo, bebericando garrafas de cerveja. Isso fora antes de conhecerem os gregos, antes de conhecerem Mathias, também. Ainda estavam um pouco pálidos, um pouco cansados da viagem, mas contentes por estarem ali; foi um momento feliz. E todos eles haviam rido da demonstração de Stacy, tomando sua cerveja, sentindo a areia debaixo de si, ainda quente por causa do sol do dia, e ouvindo o barulho das ondas, a música flutuando até eles vinda da varanda do hotel: sim, foi um momento feliz. E talvez Amy estivesse tentando resgatar isso agora ao pedir a Stacy para imitar a aeromoça outra vez, tentando levá-los de volta àquela inocência, àquela ignorância desse lugar terrível onde, de alguma forma, haviam ido parar. É claro que não estava funcionando. Não que fosse culpa de Stacy. Ela exibia o sorriso baixo, os gestos tensos: ela era a aeromoça. Eram Eric e Amy que haviam mudado, que estavam fracassando naquele esforço de resgate. Ficaram olhando; Amy conseguiu até dar uma risada, mas houve em seu riso uma tristeza que ela não conseguiu esconder.

Eles salvaram os joelhos dela, pensou.

Naquela primeira noite na praia, cada um deles oferecera sua contribuição. Eram bons nesse tipo de coisa, já que todos tinham o mesmo histórico: acampamentos de verão, viagens de esqui; e sabiam o que fazer sob um céu estrelado, como entreter um ao outro. Cada um tinha seu papel. Stacy fazia suas imitações. Jeff lhes ensinava coisas, contava-lhes fatos sobre os quais havia lido no guia durante o voo. Eric inventava histórias engraçadas, imaginando o que poderia acontecer durante a viagem, criando situações absurdas, fazendo-os rir. E Amy cantava. Sabia que tinha uma voz agradável; não particularmente forte, mas suavemente adequada, perfeita para aquelas fogueiras, para aqueles céus estrelados.

Stacy então cruzou a clareira de volta e sentou-se ao lado deles; tornou a pegar o guarda-sol. Amy percebeu que sua

camisa estava rasgada; pôde ver seu seio. Aquilo se aplicava a todos eles: suas roupas estavam rapidamente sendo reduzidas a frangalhos por aquela penugem verde da planta. Não havia nada que se pudesse fazer a respeito; era possível retirar a penugem, mas ela voltava alguns minutos depois. E, sempre que era removida, a planta soltava seu visgo sobre a pele, queimando-a. Suas mãos estavam feridas: pegar as coisas doía. Ela pensou que poderiam vasculhar as mochilas, achar outras camisas e calças, mas havia algo de assustador naquilo, usar as coisas de outras pessoas, pessoas mortas, aqueles montinhos verdes espalhados pelo morro, e Amy esperou poder evitar essa alternativa pelo máximo de tempo possível. Aquilo parecia de certa forma uma entrega, uma derrota; enquanto o resgate parecesse iminente, de que adiantava substituir suas roupas?

Eric não parava de esfregar o próprio peito. Havia um ponto, bem na base de sua caixa torácica, que ele não conseguia parar de tocar. Apertava-o, em seguida pressionava-o com os dedos, depois massageava-o delicadamente. Amy sabia o que ele estava fazendo, sabia que ele achava que a planta estava dentro dele, e aquilo começava a deixá-la ansiosa, aquele escrutínio constante; ela queria que ele parasse.

— Conta alguma coisa engraçada pra gente, Eric — disse ela.

— Engraçada?

Ela assentiu, sorrindo, tentando incentivá-lo, distraí-lo da sensação dentro e seu peito, distrair todos os três.

— Inventa uma história. Eric sacudiu a cabeça.

— Não consigo pensar em nada.

— Conta pra gente o que vai acontecer quando a gente voltar pra casa - disse Stacy.

Elas o viram tomar mais um gole de tequila, que fez seus olhos lacrimejarem. Ele enxugou o rosto com as costas da mão, e em seguida tornou a tampar a garrafa.

— Bom, a gente vai ficar famoso, né? Pelo menos por algum tempo? Ambas assentiram. É claro que eles ficariam famosos.

— Talvez a gente saia na capa da People — continuou Eric, gostando daquela ideia. — Provavelmente na da Time também. E depois alguém vai querer comprar os direitos do filme. A gente vai ter que ser esperto nessa hora, vai ter que se unir, e todo mundo vai ter que assinar alguma coisa, algum documento, concordando em vender a história como um grupo... assim a gente ganha mais dinheiro.

A gente vai precisar de um advogado, acho, ou de um agente.

— Eles vão fazer um filme a nosso respeito? - perguntou Stacy. Parecia animada com a ideia, mas surpresa, também.

— Isso.

— Quem vai fazer o meu papel?

Eric olhou para Stacy com atenção, pensando. Então sorriu, acenando para o peito dela.

— Você está de peito de fora, sabia?

Stacy olhou para baixo, ajeitou a camiseta. Na verdade, não havia mais camiseta suficiente para cobrir-lhe o seio, mas ela não pareceu se importar.

— Sério. Quem vai fazer o meu papel?

— Primeiro você precisa decidir quem você é.

— Quem eu sou?

— Porque eles vão ter que mudar a gente um pouco, sabe como é. Transformar a gente em personagem. Vão precisar de um herói, de um vilão... esse tipo de coisa. Tá entendendo o que eu estou dizendo?

Stacy assentiu.

— E qual desses sou eu?

— Bom, tem dois papéis femininos, certo? Então uma de vocês vai ter que ser a menina boazinha, recatada, e a outra vai ter que ser a piranha — ele refletiu sobre isso e em seguida deu de ombros. — Eu acho que a Amy seria a recatada, você não acha?

Stacy franziu o cenho, absorvendo a informação. Não disse nada.

— Então você seria, sabe como é... você seria a piranha.

— Vai se foder, Eric - ela parecia zangada.

— O quê? Eu só estou dizendo...

— Então você é o vilão. Se eu tenho de ser a... Eric sacudiu a cabeça.

— Nada disso. Eu sou o cara engraçado. Sou o personagem tipo Adam Sandler. Ou Jim Carrey. Aquele que não deveria estar aqui, que veio junto por engano, que está sempre esbarrando nos outros, tropeçando nas coisas. Sou o alívio cômico.

— Então quem é o vilão?

— O Mathias é o vilão... sem dúvida. Aqueles alemães sinistros. Eles vão dizer que ele trouxe a gente para cá de propósito. A planta é algum tipo de experiência nazista que deu errado.

O pai dele era cientista, quem sabe, e ele trouxe a gente para cá para alimentar as plantas do papai.

— E o herói?

— Vai ser o Jeff... não tem dúvida. Um Bruce Willis que salva a situação com muita coragem. Ex-escoteiro - ele se virou para Amy. - O Jeff já foi escoteiro? Aposto que o Jeff já foi escoteiro.

Amy assentiu.

— Ganhou medalha e tudo.

Eles riram ao ouvir isso, todos os três, embora não fosse uma piada. Jeff de fato havia ganhado uma medalha de escoteiro. Sua mãe tinha um recorte emoldurado do jornal da região pendurado no hall de entrada; mostrava Jeff de uniforme apertando a mão do governador de Massachusetts. Amy sentiu um aperto esquisito no peito ao pensar nisso, uma sensação súbita de afeto por ele, um instinto de proteção. Lembrou-se de como havia sido lá no fundo do túnel, com as plantas zunindo como açoites pela escuridão, agarrando-a, puxando-a em direção àquele

buraco. Ela vira os ossos lá embaixo antes de a tocha se apagar; outras pessoas haviam morrido ali: ela também poderia ter morrido. E, se havia sobrevivido, não era graças a nenhuma habilidade ou previdência de sua parte. Fora Jeff quem a havia salvado. Jeff salvaria eles todos, se ao menos eles permitissem. Não deveriam estar rindo dele.

— Não tem graça - disse ela, mas sua voz saiu fraca demais, e os outros dois estavam bêbados demais. Não pareceram escutá-la.

— Quem vai fazer o meu papel? — repetiu Stacy. Eric descartou a pergunta com um aceno.

— Pouco importa. Alguém que fique bonita com o peito para fora da blusa.

— E você vai ser o gordo — disse Stacy, parecendo novamente zangada. - O gordo suado.

Amy percebeu que os dois iam começar a brigar agora; ela reconheceu o tom. Mais uma ou duas frases como aquela, e começariam a gritar um com o outro. Ela não achava que poderia suportar isso, não ali, não agora. Então tentou distraí-los.

— E eu? — perguntou.

— Você? — disse Eric.

— Quem vai fazer o meu papel?

Eric franziu os lábios, pensando na resposta. Destampou a garrafa, deu mais um gole, em seguida estendeu-a para Stacy, uma oferta de paz. Ela a aceitou, jogando a cabeça para trás e dando um gole grande, quase dois. Deu uma risadinha ao baixar a garrafa, satisfeita consigo mesma, com os olhos estranhamente brilhantes, parecendo esgazeados.

— Alguém que saiba cantar — disse Eric.

— Isso — Stacy assentiu. — Para poder ter uns números musicais. Eric estava sorrindo.

— Um dueto com o escoteiro.

— Madonna, quem sabe. Eric deu um muxoxo.

— Britney Spears.

— Mandy Moore. Ambos estavam rindo.

— Canta pra gente, Amy - pediu Eric.

Amy sorria, sentindo-se confusa, quase ofendida. Não conseguia saber se estavam rindo dela, ou se era algo que ela também deveria achar engraçado. Percebeu que estava tão bêbada quanto eles.

— Canta "One is the loneliest number" — disse Stacy.

— É — concordou Eric. — Perfeito.

Ambos agora sorriam para ela, à espera. Stacy ofereceu-lhe a garrafa, e Amy deu um gole, fechando os olhos. Quando tornou a abri-los, os dois ainda estavam esperando. Então, ela começou a cantar:

— "One is the loneliest number that you'll ever do. Two can be as bad as one. Wes the loneliest number since the number one. No is the saddest experience you'll ever know. Yes, it's the saddest experience you'll ever know.

Cause one is the loneliest number that you'll ever do. One is the loneliest number, worse than two..."— Ela foi se calando, sentindo-se ofegante, tonta com aquilo. Passou a garrafa para Eric. — Não me lembro do resto. — Não era verdade; ela simplesmente não queria mais cantar. A letra a deixava triste, e, durante algum tempo, ela estivera se sentindo bem... ou pelo menos quase bem. Não queria ficar triste.

Eric deu um gole grande. Agora já haviam consumido dois terços da garrafa. Ele se pôs de pé com dificuldade e cruzou a clareira, com o olhar um pouco instável. Abaixou-se, pegou alguma coisa, e tornou a cambalear de volta para junto delas. Em uma das mãos, trazia a garrafa; na outra, segurava a faca.

Amy e Stacy olharam fixamente para o objeto. Amy não queria que ele estivesse ali, mas não conseguia pensar em nada para dizer que pudesse fazê-lo soltá-lo. Viu-o cuspir na lâmina, tentar limpá-la com a camisa. Em seguida ele acenou com a faca na sua direção.

— Você pode cantar isso no final. Quando só sobrar você.

— "Quando só sobrar você"? — repetiu Amy. Sentiu vontade de estender a mão e arrancar a faca dele, tentou ordenar que seu braço se erguesse, que se movesse na direção dele, mas nada aconteceu. Sabia que estava muito, muito bêbada. E muito cansada, também. Era incapaz de fazer aquilo.

— Quando todos os outros já tiverem morrido - disse Eric. Amy sacudiu a cabeça.

— Para. Não tem graça. Ele a ignorou.

— O escoteiro vai viver... ele é o herói; ele tem de sobreviver. Você vai só pensar que ele morreu. Vai cantar sua canção, e ele vai voltar à vida. E daí vocês dois vão arrumar um jeito de fugir. Ele vai construir um balão de ar quente com o pano da barraca e vocês vão flutuar até um lugar seguro.

— Eu vou morrer? - perguntou Stacy. Ela parecia alarmada pela possibilidade, que a fez arregalar os olhos. Sua fala estava começando a ficar arrastada. — Por que eu tenho que morrer?

— A piranha tem que morrer. Sem dúvida. Porque você é má. Tem que ser punida.

Isso pareceu magoar Stacy.

— E o engraçadinho?

— Ele é o primeiro... é sempre o primeiro. E de uma forma idiota, aliás. Pras pessoas rirem quando ele morrer.

— Tipo como?

— Talvez ele se corte, e a planta se enterre na perna dele. Ela devora ele de dentro para fora.

Amy sabia o que ele iria fazer em seguida, e por fim levantou a mão para detê-lo. Mas era tarde demais. Ele já estava fazendo; já estava feito. Havia levantado a camisa e aberto um talho de dez centímetros ao longo da base da caixa torácica. Stacy soltou um arquejo. Amy ficou sentada com o braço estendido à frente do corpo, inútil. Uma linha horizontal de sangue brotou do ferimento de Eric e escorreu para baixo por sua barriga, empapando o cós de seu short.

Ele olhou para aquilo de cenho franzido, cutucando o corte com a ponta da faca, abrindo-o mais, fazendo a hemorragia aumentar.

- Eric — gritou Stacy.

- Eu achei que ela simplesmente fosse sair direto — disse ele. Devia estar doendo muito, mas ele não parecia se importar. Continuava a cutucar o corte com a faca. — Está bem aqui embaixo. Estou sentindo. Ela deve sentir que eu estou cortando, de algum jeito, deve entrar mais fundo em mim. Ela está se escondendo.

Ele apalpou com a mão esquerda, pressionando a pele acima do ferimento; parecia prestes a se cortar de novo. Amy inclinou-se para a frente, arrancando-lhe a faca da mão. Pensou que ele fosse lhe resistir, mas não; ele simplesmente deixou que ela pegasse a faca. O sangue não parava de correr, e ele não fazia nenhum movimento para estancá-lo.

- Ajuda ele - disse Amy a Stacy. Ela jogou a faca no chão ao seu lado. - Ajuda ele a fazer parar de sangrar.

Stacy olhou para Amy, boquiaberta. Estava ofegante; parecia à beira de um ataque histérico.

- Como?

- Tira a camisa dele. Aperta em cima do ferimento.

Stacy largou seu guarda-sol, deu um passo na direção de Eric, começou a ajudá-lo a tirar a camisa. Ele havia se tornado muito passivo; ergueu os braços como uma criança, deixando-a puxar a camisa por cima de sua cabeça e tirá-la.

- Deita - ordenou Amy, e ele se deitou de costas, com o sangue ainda a escorrer, empoçando na pequena concavidade de seu umbigo.

Stacy enrolou a camiseta e apertou-a sobre o ferimento.

As coisas haviam tornado a piorar, e Amy sabia que não havia como mudar isso, não havia como forçar a tarde a adquirir novamente seu falso ar de tranquilidade. Agora não haveria mais imitações, não haveria mais piadas, não haveria mais cantoria. Ela e Stacy ficaram sentadas em

silêncio, Stacy levemente inclinada para a frente, fazendo pressão para estancar a hemorragia. Eric permaneceu deitado de costas sem reclamar, estranhamente sereno, fitando o céu.

- É culpa minha — disse Amy. Tanto Stacy quanto Eric se viraram para olhar para ela, sem entender. Ela passou a mão no rosto; este tinha uma textura áspera, suja de suor. - Eu não queria vir. Quando o Mathias perguntou pra gente, eu sabia que não queria. Mas eu não disse nada; simplesmente deixei acontecer. A gente poderia estar na praia a uma hora dessas. Poderia estar...

— Shh - disse Stacy.

— E o homem da picape. O taxista. Ele me disse para não ir. Disse que era um lugar ruim. Que ele...

— Você não sabia, querida.

— E depois da aldeia, se eu não tivesse tido a ideia de olhar entre as árvores, a gente nunca teria encontrado a trilha. Se eu tivesse ficado de boca fechada...

Stacy sacudiu a cabeça, ainda apertando a camiseta na barriga de Eric. O sangue agora havia encharcado inteiramente o tecido; não queria estancar. As mãos dela estavam cobertas de sangue.

— Como é que você poderia saber? — perguntou ela.

— E fui eu, né? Não fui eu quem pisei na trepadeira? Se eu não tivesse pisado, aquele homem poderia ter obrigado a gente a ir embora. A gente poderia...

— Olha as nuvens — disse Eric, interrompendo-a, e sua voz soou sonhadora, estranhamente distante, como se ele estivesse drogado. Ergueu a mão e apontou para cima.

E ele tinha razão: nuvens se juntavam ao sul, nuvens de tempestade, com a parte de baixo muito escura, pesada com a promessa de chuva. Em Cancún, na praia, eles estariam juntando suas coisas, voltando para seus quartos. Jeff e ela transariam, e em seguida dormiriam, uma longa sesta antes do jantar, com a chuva embaçando sua janela, e uma poça de dois centímetros de profundidade se formando

em sua pequena varanda. Em seu primeiro dia, tinham visto uma gaivota pousada na sacada, parcialmente protegida do toró, fitando o mar. Chuva, é claro, significava água. Amy sabia que eles deveriam estar pensando em formas de armazenar água. Mas não conseguia fazer isso; sua mente estava vazia. Ela estava bêbada, cansada e triste; alguma outra pessoa teria de pensar em como armazenar a água da chuva. Não Eric, é claro, cujo sangue empapava rapidamente a camiseta. Tampouco Stacy, cujo aspecto era ainda pior do que o ânimo de Amy: queimada de sol, trémula, com os olhos em transe. Eles três eram uns inúteis com suas histórias bobas, sua cantoria, seus risos, em um lugar como aquele; eram tolos, não sobreviventes.

E como era possível, com tão pouco aviso, o sol ter descido tanto? Ele estava quase tocando o horizonte. Dali a mais uma hora, duas, no máximo, estaria escuro.

Quando foi que tudo começou a dar errado?

Depois, na manhã seguinte, quando todos eles, de repente, passassem a significar uma pessoa a menos do que significara antes, Eric passaria um longo tempo tentando entender isso. Não achava que fosse a bebida, e nem mesmo os cortes. Porque, nessa hora, as coisas ainda estavam administráveis; desgovernadas, talvez, um pouco fora de controle, mas ainda assim suportáveis de alguma maneira essencial. Deitado assim de costas, com Stacy a apertar a camiseta em seu ferimento, esforçando-se para conter o fluxo de sangue, enquanto as nuvens se juntavam no céu acima deles, Eric havia experimentado uma súbita sensação de serenidade. Iria chover; eles não morreriam de sede. E, se isso fosse verdade, se pudessem superar com tanta facilidade esse imenso obstáculo à sua sobrevivência, por que não poderiam ser capazes de superar todos os obstáculos? Por que não poderiam voltar para casa vivos?

Havia, é claro, a necessidade de comida, escondida logo atrás da necessidade de água; e o que a chuva poderia fazer a esse respeito? Eric espiou o céu, refletindo sobre

esse dilema, mas sem nenhum sucesso. Tudo que conseguiu ao se concentrar nele foi despertar sua sensação de fome que estivera adormecida.

— Por que é que a gente não comeu de novo? — perguntou, e sua voz pareceu distante até para si mesmo: a língua grossa, o fôlego curto. A tequila, pensou. E logo em seguida pensou: Eu estou sangrando.

— Você está com fome? — perguntou Amy.

Era uma pergunta idiota, é claro: como ele poderia não estar com fome? E ele não se deu ao trabalho de respondê-la. Depois de alguns instantes, Amy se levantou, foi até a barraca, abriu o zíper e entrou.

Bem ali, concluiria Eric na manhã seguinte. Quando ela foi buscar a comida. Mas na hora ele não percebeu, simplesmente viu-a sumir barraca adentro e tornou a voltar a própria atenção para o céu, para aquelas nuvens que se juntavam acima dele. Não iria se mexer, decidiu. Iria ficar ali mesmo, deitado de costas, enquanto a chuva se derramava sobre ele.

— Não está parando — disse Stacy.

Ela estava se referindo ao ferimento. Parecia preocupada, mas ele não estava. Não se importava com a hemorragia, estava bêbado demais para sentir a dor. Iria chover. Ele ficaria deitado ali e deixaria a chuva limpá-lo. Limpo, encontraria forças para alcançar aquele lugar dentro de si mesmo, dentro daquele corte que havia aberto abaixo de sua caixa torácica, para enfiar a mão lá dentro e procurar a planta, segurá-la, arrancá-la. Ele iria ficar bem.

Amy voltou da barraca. Trazia a jarra d'água de plástico, o saco de uvas. Pôs a jarra no chão, abriu o saco, estendeu-o para Stacy. Stacy sacudiu a cabeça.

- A gente precisa esperar.

- A gente já pulou o almoço — disse Amy. — Era pra gente ter almoçado. — Ela não abaixou as uvas, simplesmente continuou a estendê-las na direção de Stacy.

Novamente, Stacy sacudiu a cabeça.

- Quando o Jeff voltar. A gente pode...
- Eu deixo algumas para ele. Guardo algumas.
- E o Mathias?
- Pra ele também.
- O que é que ele está fazendo? Amy meneou a cabeça na direção da barraca.
- Dormindo. - Ela sacudiu o saco de uvas. - Vai. Só algumas. Vai ajudar a matar a sede.

Stacy hesitou, visivelmente insegura, e então pôs a mão dentro do saco e tirou lá de dentro duas uvas. Amy tornou a sacudir o saco.

- Mais — disse ela. — Dá algumas para o Eric.

Stacy pegou mais duas. Pôs uma na boca e uma na boca de Eric. Ele a segurou com a língua por alguns instantes, querendo saborear a sensação. Viu Stacy e Amy comerem as suas; então fez o mesmo. A sensação foi quase intensa demais: a explosão de suco, a doçura, a alegria de mastigar, de engolir, aquilo tudo o deixou tonto. Mas não houve satisfação, não houve alívio de sua fome, por mais modesto que fosse. Não, a fome pareceu ganhar corpo dentro dele, erguer-se de alguma modorra profunda; seu corpo inteiro começou a doer com ela. Stacy deixou cair outra uva em sua boca, e dessa vez ele mastigou mais depressa, o ato de engolir tornando-se mais importante do que o de saborear, e seus lábios se abriram imediatamente para a uva seguinte. As meninas pareciam tomadas pela mesma urgência.

Ninguém dizia nada; mastigavam, engoliam, punham a mão dentro do saco para pegar mais. Enquanto comia, Eric via as nuvens se juntarem. Tudo que precisava fazer era abrir a boca, e Stacy jogava outra uva lá dentro. Ela estava sorrindo; Amy também. O suco ajudou a aliviar sua sede, exatamente como Amy disse que faria. Ele estava começando a se sentir um pouco mais sóbrio, de uma forma agradável, e tudo pareceu se assentar um pouco, unificar-se à sua volta e dentro de seu corpo. Ele podia sentir a própria

dor, mas até isso era reconfortante. Sabia que fora estúpido se ferir com aquela faca; não entendia direito como achara a coragem para fazê-lo. Agora estava ferrado. Precisava de pontos, de antibióticos também, provavelmente, mas, ainda assim, sentia-se estranhamente em paz. Se ao menos pudesse ficar deitado ali, comendo aquelas uvas, vendo as nuvens escurecerem lá em cima, acreditava que tudo ficaria bem, que de alguma forma, milagrosamente, ele conseguiria sobreviver.

Foi um certo choque descobrir que, abruptamente, sem aviso aparente, o saco estava quase vazio. Só restavam quatro uvas; eles haviam comido todas as outras. Os três ficaram encarando o saco; ninguém falou durante algum tempo. Pablo prosseguia sua respiração difícil, mas Eric havia chegado ao ponto em que já mal a percebia. Era como qualquer outro tipo de som de fundo: o tráfego do lado de fora de uma janela, as ondas na praia. Alguém precisava dizer alguma coisa, é claro, comentar o que haviam feito, e foi Amy quem finalmente assumiu essa responsabilidade.

— Eles podem comer a laranja - disse ela.

Stacy e Eric permaneceram calados. Havia muitas uvas dentro do saco; deveria ter sido fácil reservar algumas para Mathias e Jeff.

— Preciso fazer xixi — sussurrou Stacy. Estava falando com ele, percebeu Eric. — Você consegue segurar sua camisa?

Ele aquiesceu, tirando a camiseta da mão dela, mantendo a pressão na lateral do próprio corpo. Pôde sentir de novo a planta, mexendo-se dentro dele, logo abaixo da dor. Ela havia desaparecido depois de ele se cortar, mas agora havia voltado.

— Será que eu tenho que usar a garrafa? — perguntou Stacy a Amy. Amy fez que não com a cabeça, e Stacy se levantou e saiu andando pela clareira. Não parecia querer se aventurar entre as plantas. Agachou-se, de costas para eles, e Eric ouviu-a começar a

urinar. Não pareceu muito abundante, só um pequeno jato, e ela já estava se levantando, erguendo a calça.

- Eles podem comer um pouco das passas, também - disse Amy, mas baixinho, como se estivesse falando consigo mesma.

Stacy voltou e sentou-se ao lado de Eric. Ele pensou que ela fosse voltar a segurar a camiseta sobre seu ferimento, mas ela não o fez. Pegou a jarra d'água, destampou-a, e despejou um pouco sobre seu pé direito. Eric e Amy ficaram olhando para ela, boquiabertos.

— Que porra você está fazendo? — perguntou Amy. Stacy pareceu surpresa com a rispidez na voz de Amy.

— Eu fiz xixi no meu pé — disse ela.

Amy estendeu a mão e arrancou a jarra de Stacy, tornando a tampá-la.

- Isso aqui é a nossa água. Você acabou de despejar ela em cima da porra do seu pé.

Stacy permaneceu sentada por alguns instantes, piscando os olhos de maneira teatral, como se não entendesse muito bem o que Amy estava dizendo.

— Não precisa falar palavrão.

- Sem isso a gente morre, sabia? E você só está...

— Eu não pensei direito, tá? Queria limpar o xixi do meu pé e vi a jarra, e...

- Puta que pariu, Stacy. Como é que você pode ser tão desligada? Stacy acenou na direção do céu, das nuvens que se adensavam.

— Vai chover. A gente vai ter muita água.

- Então por que você não esperou?

- Não grita, Amy. Eu já pedi desculpas, e...

— Desculpas não vão trazer a água de volta, né?

Eric quis dizer algo, detê-las, distraí-las, mas as palavras certas não pareceram lhe ocorrer. Reconheceu o que estava acontecendo, o que estava começando ali. Era assim que Amy e Stacy brigavam, em irrupções súbitas, intensas, que pareciam brotar do nada, como enxurradas repentinas de

raiva que surgiam e desapareciam com uma violência comparável apenas à sua brevidade. Uma simples palavra incauta podia fazê-las começar, mais frequentemente quando haviam bebido, e, em segundos, elas já estavam se engalfinhando, às vezes literalmente. Eric já vira Stacy arranhar a bochecha de Amy com as unhas, arranhões profundos o suficiente para tirar sangue, e sabia que Amy certa vez dera um tapa tão forte em Stacy que a derrubara no chão. Então, inevitavelmente, no auge da ferocidade, aquelas rixas implodiam. As meninas se entreolhavam com um assombro mútuo, perguntando-se como haviam conseguido dizer tudo que haviam dito; imploravam o perdão uma da outra, abraçavam-se, e começavam a chorar.

E agora ali estavam elas de novo, disparando por aquele caminho conhecido.

— Como você pode ser burra algumas vezes — disse Amy.

— Vai se foder - resmungou Stacy, em uma voz quase inaudível.

— O quê?

— Deixa pra lá, tá?

— Você não está nem arrependida, está?

— Quantas vezes eu preciso dizer que estou?

Eric tentou se sentar, sentiu o ferimento repuxar, e achou melhor não fazê-lo.

— Talvez fosse melhor vocês...

Amy lançou-lhe um olhar de puro desdém. Ele pôde ver a embriaguez em seu rosto, exagerando suas expressões.

— Não se mete nisso, Eric. Você já causou problemas suficientes.

— Deixa ele em paz — disse Stacy. As vozes das duas estavam altas demais; a cabeça dele doía ao escutá-las. Ele sentiu vontade de se levantar e deixá-las discutir, mas ainda estava sangrando, ainda sentia dor, ainda estava bastante embriagado; não achava que conseguiria se mover.

— Se ele fizer essa merda de se cortar de novo, eu vou deixar ele sangrar.

— Você está sendo uma escrota, Amy. Tem noção disso?

— Piranha.

A palavra pareceu deixar Stacy atônita, como se Amy houvesse cuspidado nela.

— O quê?

— Ele tem razão... você seria a piranha, mesmo.

Stacy tentou ignorar o xingamento, esforçando-se para imprimir ao próprio rosto uma expressão de alheamento, tentando bancar a superior, mas Eric pôde ver que não estava funcionando. Sabia que elas estavam se aproximando da fase dos arranhões, dos tapas, dos chutes.

— Você tá bêbada — disse ela. — Tá se comportando feito uma idiota.

— Piranha. E isso que você é.

— Não tá ouvindo a sua voz pastosa?

— Cala a boca, piranha.

— Cala a boca, você, sua escrota.

— Não. Cala a boca, você.

— Escrota.

— Piranha.

— Escrota.

— Piranha.

Então uma coisa estranha aconteceu. Ambas se calaram, olhando para um ponto à direita de Eric. Ou não se calaram, porque as duas palavras continuaram a ecoar, com as suas vozes, indo e vindo, indo e vindo: escrota... piranha... escrota... piranha... escrota... piranha; só que Amy e Stacy não estavam mais dizendo nada; estavam olhando, primeiro surpresas, depois com uma expressão mais próxima do horror, para a clareira, de onde suas vozes agora se erguiam, gritando aquelas duas palavras grosseiras que começavam a se embaralhar, uma fundindo-se à outra.

EscrotaPiranhaEscrotaPiranhaEscrotaPiranhaEscrotaPiranha..

.

Era a planta. Ela as estava imitando, como se zombasse de sua briga, imitando com tanta perfeição o som de suas vozes que, embora Eric percebesse o que estava acontecendo, embora olhasse para Stacy e Amy e visse que suas bocas não estavam mais se mexendo, que elas haviam se calado, que não podia de jeito nenhum ser elas que ele estava escutando, não aceitava aquilo. Porque eram mesmo as vozes delas: roubadas, de alguma forma, desapropriadas, mas mesmo assim eram as suas vozes.

EscrotaPiranhaEscrotaPiranhaEscrotaPiranhaEscrotaPiranha..

Mathias de repente apareceu junto deles, parecendo amarfanhado de sono, piscando os olhos, visivelmente acordando no instante em que Eric olhava para ele.

— O que foi que houve? — perguntou ele.

Ninguém lhe respondeu. Afinal, o que havia para ser dito? As vozes foram diminuindo de volume e em seguida aumentaram, desdobrando-se além daquelas duas palavras: Se ele se cortar de novo... Você não está nem arrependida, está?

— É a planta — disse Stacy, como se fosse necessário explicar alguma coisa. Mathias não dizia nada, e seus olhos se moviam de um lado para o outro, absorvendo coisas: o saco plástico com as quatro uvas restantes, a camiseta ensanguentada pressionada em cima da barriga de Eric, a forma imóvel de Pablo, a garrafa de tequila quase vazia.

— Cadê o Jeff? — perguntou ele.

Eu fiz xixi no meu pé, gritou a planta. Eles podem comer a laranja.

— Está lá embaixo — disse Amy.

— Não era para alguém ter ido trocar de turno com ele?

Ninguém respondeu. Todos tinham os olhos fixos ao longe, envergonhados, desejando que as vozes se calassem, que Mathias os deixasse em paz. O peito de Eric se contraiu: eram os primeiros sintomas da raiva. Como é que Mathias

podia se achar no direito de julgá-los? Ele não era um deles, era? Eles mal sabiam quem ele era; era praticamente um desconhecido.

Como você pode ser burra algumas vezes.

— Vocês andaram bebendo? - perguntou Mathias.

Mais uma vez, eles nada disseram. Então, de repente, a voz de Eric também surgiu, vinda do outro lado da clareira em sua direção: O Mathias é o vilão... sem dúvida. E depois, quase como um disco arranhado: Nazista... Escoteiro... Nazista... Escoteiro...

Eric pôde sentir Mathias se virando para olhar para ele, mas continuou a olhar para o outro lado, em direção ao sul, às nuvens que continuavam a escurecer e se adensar. Elas iriam irromper em breve, muito em breve; ele desejou que fosse agora.

Cala a boca, você.

Deixa ele em paz.

Conta alguma coisa engraçada.

Eu sou o cara engraçado.

— Há quanto tempo isso está acontecendo? - perguntou Mathias.

— Acabou de começar — respondeu Amy. Eles salvaram os joelhos. Nazista.

Deixar ele sangrar. Você está bêbada. Nazista. Vai se foder. Nazista. Nazista. Nazista. Eric pôde ver Mathias se desvencilhar do transe, tomar uma decisão, e sua expressão pareceu, de alguma forma, se fechar.

— Eu vou lá trocar de turno com o Jeff — falou.

Amy aquiesceu. Stacy fez o mesmo. Eric continuou deitado. Tinha a sensação de que podia escutar a planta dentro de si, senti-la vibrar dentro de sua caixa torácica, falando, chamando. Será que ninguém mais ouvia aquilo? Piranha, disse a planta com a voz de Amy. E em seguida, com a voz de Stacy: Escrota. A camiseta embolada estava totalmente empapada agora, como uma esponja encharcada; quando

ele a espremeu, o sangue escorreu pela lateral do seu corpo, t pido.

Nazista.

Piranha.

Nazista.

Escrota.

Nazista.

Viram Mathias se virar e sair da clareira.

As vozes prosseguiram ainda durante algum tempo: a de Amy, a de Stacy e a de Eric, vindas de todas as dire es, substituindo uma   outra, transformando-se de vez em quando em um grito; e então, da mesma forma abrupta que haviam começado, as vozes se calaram. Porém, o silêncio não constituiu um alívio tão grande quanto Eric teria esperado; havia nele uma tensão, e tudo estava permeado com a consciência de que a planta poderia recomeçar a qualquer momento. E também com a sensa o de que alguma coisa os estava escutando, espionando. Foi preciso algum tempo até eles reunirem coragem para falar e, quando Stacy finalmente o fez, foi com um sussurro.

— Desculpa - disse ela.

Amy fez um gesto de que aquilo não tinha importância.

— Eu não estava pensando — insistiu Stacy. — Eu são... tinha xixi no meu pé.

— Não tem problema. - Amy fez um gesto para cima, em dire o às nuvens. — Vai ficar tudo bem.

— Você não   uma escrota.

— Eu sei, querida. Vamos... vamos esquecer isso, t ? Vamos fingir que não aconteceu. Estamos as duas cansadas.

— Com medo.

— Isso. Cansadas e com medo.

Stacy mudou um pouco de posi o, aproximando-se de Amy. Estendeu a mão, e Amy a segurou, apertando-a com força.

Eric sentiu vontade de se levantar e descer o morro com Mathias, esclarecer tudo. Fora sua própria voz que gritara

vezes sem conta aquela palavra:

Nazista, e ele não podia imaginar o que Mathias estaria pensando agora, sequer queria imaginar, mas, mesmo assim, não parava de fazer conjecturas, mesmo sem querer. Eu devia ter explicado, pensou, com uma sensação de pânico cada vez mais forte. Devia ter dito a ele que era brincadeira. A dor, porém, estava forte demais para que ele fosse atrás de Mathias: o ferimento ainda sangrava muito; àquele ritmo, não via como a hemorragia poderia estancar. Mas alguém precisava ir; alguém precisava consertar as coisas.

— Vai dizer para ele - falou para Stacy. Ela lançou-lhe um olhar intrigado.

— Dizer pra quem?

— Pro Mathias. Que era brincadeira.

— Que o quê era brincadeira?

— A história de nazista... diz pra ele que a gente só estava brincando. Antes de Stacy poder responder, Pablo os surpreendeu ao dizer algo. Em

grego, é claro: uma só palavra, surpreendentemente alta. Todos se viraram para olhar para ele. Tinha os olhos abertos, a cabeça erguida de cima da maca, e os músculos de seu pescoço estavam retesados, tremendo de leve. Ele repetiu a palavra; potássio: absurdamente, foi isso que Eric entendeu. Pablo ergueu a mão direita, fez um gesto de alguém que chama. Parecia estar apontando para a jarra de plástico. Aquela voz rascante:

— Po-tás-sio.

— Acho que ele quer um pouco d'água — disse Stacy.

Amy pegou na jarra, levou-a até a maca, agachou-se ao lado de Pablo.

— Água? - perguntou.

Pablo aquiesceu. Abria e fechava a boca como alguém imitando um peixe.

— Po-tás-sio... Po-tás-sio... Po-tás-sio...

Amy destampou a garrafa e despejou um pouco d'água dentro da boca dele. As mãos dela tremeram, porém, e o jorro saiu depressa demais, quase fazendo-o engasgar. Ele tossiu, cuspidando a água, e virou a cabeça para o lado.

— Talvez fosse bom você dar uma uva para ele - disse Stacy. Ela pegou o saco plástico e estendeu-o para Amy.

— Você acha?

— Ele não comeu nada... desde ontem.

— Mas ele vai conseguir...

— Não custa tentar.

Pablo havia parado de tossir. Amy esperou ele tornar a se virar para ela, em seguida pegou uma das uvas e ergueu-a na sua frente para que ele a visse, arqueando as sobrancelhas.

— Fome? — perguntou.

Pablo simplesmente ficou olhando para ela. Parecia estar sumindo, afundando dentro de si mesmo. Durante um instante, seu rosto parecera ter um semblante de cor, mas agora havia se tornado novamente cinza. Seu pescoço relaxou; sua cabeça caiu pesadamente sobre a maca.

— Põe na boca dele e vê o que acontece — disse Stacy.

Amy introduziu a uva entre os lábios de Pablo, empurrando-a até desaparecer. Pablo fechou os olhos; seu maxilar não se mexia.

— Usa a mão — disse Stacy. — Ajuda ele a mastigar.

Amy segurou o grego pelo queixo, abrindo-lhe a boca e em seguida fechando-a. Eric ouviu o barulho molhado da uva se partindo e então Pablo começou a engasgar de novo, virando a cabeça para o lado, e vomitou. A fruta amassada saiu-lhe da boca seguida por uma quantidade surpreendente de líquido. Um líquido preto, cheio de coágulos fibrosos. Era sangue, Eric sabia. Ai, meu Deus, pensou ele. Que merda é essa que a gente está fazendo?

E então, fazendo-o sobressaltar, praticamente as mesmas palavras soaram no ar atrás dele.

— Que merda é essa que vocês estão fazendo?

Eric se virou e viu Jeff em pé acima deles, encarando Amy com uma expressão de fúria.

Sentado no sopé do morro, esperando a chegada dos gregos, Jeff se sentira adentrar numa versão mais lenta, mais espessa do tempo. Os segundos se arrastavam para dentro de minutos, os minutos se acumulavam formando horas e nada acontecia, nada digno de nota, absolutamente nada; certamente não o que ele estava lá para evitar que acontecesse, a chegada dos gregos, que viriam cruzando a clareira sem desconfiar de nada, adentrando a zona proibida da qual Jeff e os outros eram agora prisioneiros. Ficou sentado, com o sol a retirar-lhe da pele uma umidade preciosa, e a acrescentar o calor aos outros desconfortos de seu corpo: sua sede e sua fome, seu cansaço, sua sensação cada vez mais forte de fracasso ali, de fazer, agir, e só conseguir infligir o mesmo dano que estava tentando evitar. Não havia muito em que pensar, e nada de bom.

Havia Pablo, é claro; como Jeff poderia evitar pensar em Pablo? Ainda podia sentir na mão o peso da pedra, a queimadura que vinha daquela toalha, ainda podia ouvir o som do osso se partindo enquanto martelava a tíbia e a fíbula de Pablo, ainda podia sentir o fedor ranço de sua carne queimada. Que escolha eu tinha? não parava de se perguntar, sabendo enquanto o fazia que aquilo era um mau sinal, aquele impulso de justificar, de explicar, como se estivesse se esquivando de uma acusação. Eu estava tentando salvar a vida dele. E essas palavras também eram palavras erradas ecoando dentro de sua mente: o tentando sugeria um fracasso, algo esperado, algo almejado, mas mesmo assim não alcançado. Porque era verdade: Jeff estava desistindo de Pablo. Talvez, se o resgate chegasse nas próximas horas, ou até mesmo no dia seguinte, ele ainda pudesse ser salvo. Mas será que aquilo iria acontecer? Essa era a questão da qual dependia todo o resto, as próximas horas, o próximo dia, e Jeff estava perdendo a fé nela, estava abrindo mão da esperança. Acreditara que,

removendo as pernas, ou o que restava das pernas, poderia ganhar algum tempo para o grego, não muito, mas algum; o suficiente, talvez, justo o suficiente. Mas aquilo não iria terminar assim. Precisava admitir isso para si mesmo agora. Pablo iria durar mais um dia ou dois, no máximo três, e depois morrer.

Sentindo muita dor, sem dúvida.

Havia sempre, é claro, a possibilidade de os gregos chegarem, mas, quanto mais Jeff pensava nela, menos provável lhe parecia. Os maias sabiam exatamente o que estavam fazendo ali; já haviam feito aquilo antes, e quase certamente teriam de fazer de novo. Jeff supôs que deveriam ter posicionado alguém para vigiar o início da trilha, alguém para espantar qualquer um que viesse resgatá-los, para confundi-los e fazê-los perder o rumo. Don Quixote e Juan jamais se dariam conta disso; mesmo que estivessem a caminho, o que Jeff duvidava, seriam facilmente desviados. Não, fosse haver resgate, seria bem mais tarde, tarde demais, decerto: dali a semanas, depois que seus pais percebessem que eles não haviam voltado e começassem a imaginar o que isso significava, a se preocupar e a agir. Jeff não queria nem pensar em quanto tempo isso poderia demorar: os telefonemas que teriam de ser dados, as perguntas que precisariam ser feitas, antes que as engrenagens necessárias começassem a girar. E, mesmo então, será que alguém pensaria em procurar fora de Cancún? Suas passagens de ônibus haviam sido impressas com seus nomes, mas será que isso ficava registrado em algum lugar? E, caso essa dificuldade fosse de alguma forma superada, e a busca fosse desviada para Cobá, como é que iria prosseguir pelos outros dezoito quilômetros mata adentro? Quem quer que estivesse encarregado do caso receberia fotos, imaginou Jeff; mostraria as fotos para os taxistas de Cobá, para os camelos, para os garçons dos cafés. E talvez o cara da picape amarela os reconhecesse; talvez se dispusesse a

contar o que sabia. E depois? O policial ou inspetor seguiria seu rastro, chegaria à aldeia maia levando aquelas cinco ou seis fotos, dependendo de se tivesse ou não descoberto a existência de Mathias e Pablo e ligado-os todos entre si, e o que os maias lhes ofereceriam? Rostos sem expressão, decerto. Um coçar pensativo do queixo, um lento balançar de cabeça. E ainda que por um milagre da persistência e da astúcia aquele talvez mítico policial ou inspetor conseguisse ultrapassar essas demonstrações de ignorância, quanto tempo levaria? Todos aqueles passos para percorrer, com risco de desvios de rota e becos sem saída em cada etapa; quanto tempo? Tempo demais, supunha Jeff. Tempo demais para Pablo. Não havia dúvida quanto a isso. E tempo demais também, imaginava ele, para o resto deles.

Precisavam de chuva. Aquilo era o principal, o mais importante. Sem água, não iriam durar muito mais do que Pablo.

Além disso, havia a questão da comida. Tinham o pouco que haviam trazido consigo, lanches, na verdade, e que poderia, por meio de um racionamento agressivo, sustentá-los por mais dois ou três dias. Mas e depois?

Nada. Jejuar. Morrer de fome.

Jeff sabia que Eric estava em apuros. Os cortes, aquele andar de um lado para o outro, os resmungos: tudo era mau sinal. E suas feridas logo poderiam infeccionar; Jeff não conseguia pensar em nenhuma maneira de impedir isso. Mais uma vez, o tempo entraria em jogo nesse caso. Gangrena, septicemia: elas provavelmente seriam mais lentas do que a sede, mas muito mais velozes do que a fome.

Jeff não pensou nas plantas; não quis pensar, não teria sabido como pensar. Elas se mexiam, faziam barulhos; raciocinavam e planejavam. E o pior ainda estava por vir, suspeitava, embora sequer pudesse vislumbrar o que isso poderia representar.

Sentou-se. Viu os maias a observá-lo. Esperava a chegada dos gregos, duvidando o tempo todo que isso fosse acontecer. Pensou em água, comida, em Pablo e em Eric. Quando nuvens começaram a se juntar ao sul, olhou nessa direção, desejando que crescessem, escurecessem, rumassem ainda mais para o norte. Chuva. Precisariam armazená-la. Não haviam conversado a respeito.

Ele deveria ter feito algum plano com os outros, deixado instruções para que seguissem, mas estava cansado, tinha muito em que pensar; havia esquecido. Pôs-se de pé então, e tornou a olhar para a trilha. Por que ninguém vinha substituí-lo? Era outra coisa sobre a qual deveriam ter conversado, que deveriam ter planejado, mas não tinham.

As nuvens continuavam a se adensar. Havia aquela caixa de ferramentas de plástico da barraca azul. Poderiam esvaziá-la, usá-la para juntar um pouco de água da chuva. Deveria haver outras coisas que também pudessem adaptar para essa finalidade, mas ele precisava estar no alto do morro para pensar nelas, precisava ver o que estava disponível.

Andou de um lado para o outro. Tornou a se sentar. Observou os maias, as nuvens, a trilha atrás de si. Os maias o encaravam de volta, mudos e impassíveis. As nuvens continuavam a se acumular. A trilha atrás dele continuava vazia. Jeff se levantou e espreguiçou-se, depois tornou a andar mais um pouco de um lado para o outro. O céu agora estava completamente encoberto; podia ver que a chuva era iminente, e estava só começando a cogitar a ideia de virar as costas e subir correndo o morro, pesando o risco de deixar a trilha sem ninguém a vigiá-la e o de a chuva chegar antes de estarem preparados para sua chegada, breve e intensa, como pareciam ser todas as tempestades daquela região do mundo, quando ouviu passos se aproximando pela trilha.

Era Mathias.

Alguma coisa estava errada; Jeff viu isso simplesmente na maneira como Mathias andava. Havia uma contração em

seu andar; ele estava ao mesmo tempo andando depressa e se contendo. Seu rosto exibia a costumeira expressão contida, mas com uma leve mudança, quase indiscernível. Eram os olhos, pensou Jeff: havia neles uma impressão de cautela, de alarme, até. Ele parou a alguns metros de Jeff, ofegante.

— O que é que foi? - perguntou Jeff.

Mathias acenou para trás dele, para cima do morro.

— Você não escutou?

— Escutei o quê?

— Elas estavam falando.

— Elas quem?

— As plantas.

Jeff o encarou; não exatamente duvidando, mas atônito demais para falar.

- Estavam imitando a gente - disse Mathias. - A Stacy, a Amy e o Eric...

Imitando as vozes deles.

Jeff absorveu a informação. Não acreditava que ela bastasse para explicar a agitação de Mathias; deveria haver algo mais.

- Dizendo o quê? — perguntou.

- Eu peguei no sono dentro da barraca. E, quando acordei...

— Mathias se calou, como se não tivesse certeza de como prosseguir. Então, por fim, falou: - Elas estavam brigando.

- Brigando?

- As meninas. Gritando uma com a outra.

- Ai, meu Deus - Jeff suspirou.

- Eles tinham bebido. Tequila. Bastante, acho.

- Todos eles? Mathias aquiesceu.

- Estão bêbados? Mathias tornou a aquiescer.

- Me chamaram de nazista.

- O quê?

- As plantas. Ou Eric, acho. Era a voz dele, mas eram as plantas que estavam gritando.

Jeff ficou olhando para ele. Era isso, percebeu; era isso que o incomodara. E por que não deveria incomodar? Ele certamente se sentia sozinho entre eles; mal os conhecia. Era um forasteiro, que poderia facilmente servir de bode expiatório. Jeff esforçou-se para reconfortá-lo.

- Tenho certeza de que era uma brincadeira. Sabe como é, o Eric... ele é assim mesmo.

Mathias permaneceu calado, sem confirmar nem negar a afirmação.

- Eu devia ir lá para cima - disse Jeff. - Você fica de olho nos gregos? Mathias assentiu.

Jeff começou a se afastar, mas estacou.

- E o Pablo?

Mathias fez um gesto vago, afastando a mão do corpo.

- Mesma coisa - falou. - Nada bem.

Com isso, Jeff começou a subir a trilha depressa, correndo nos trechos mais planos, e diminuindo o ritmo para uma caminhada quando o declive ficava mais pronunciado. Parecia estar perdendo o fôlego muito mais depressa do que deveria.

Fazia apenas um dia que haviam chegado ali, e já podia sentir que estava ficando mais fraco. Tinha a sensação de que esse declínio físico de alguma forma espelhava uma deterioração mais generalizada: tudo estava fugindo ao seu controle. Stacy, Amy e Eric haviam passado a tarde bebendo tequila. Até onde poderia ir sua estupidez? Míopes, impulsivos, irresponsáveis: três tolos flertando com a própria destruição. Depois, é claro, haviam se virado uns contra os outros; haviam brigado, gritando insultos. E Eric, por algum motivo que Jeff desconhecia, havia chamado Mathias de nazista. A descrença de Jeff naquele desenrolar dos acontecimentos foi lentamente se transformando em uma sensação de raiva. Isso também era uma loucura, ele sabia, mas mesmo assim foi incapaz de resistir à sua atração, não conseguiu sufocar por completo o desejo de punir os três de alguma forma, de obrigá-los pela força a

adotar uma atitude adequadamente grave. Ainda estava movido por essa onda de emoção quando finalmente chegou ao alto do morro, entrou na pequena clareira, e viu Amy forçando Pablo, que mal estava consciente, a comer uma uva.

— Que merda é essa que vocês estão fazendo? — perguntou, e todos se viraram para olhar para ele, surpresos com sua presença ali, com a fúria em sua voz.

Pablo estava vomitando, embora aquela palavra parecesse errada para o que de fato era. Vomitar implicava algo mais dinâmico e vigoroso; o que Pablo estava fazendo era bem mais passivo. Sua cabeça pendeu para o lado, sua boca se abriu, e um jorro de líquido escuro saiu dela. Sangue, bile: era difícil dizer o que era. Mas havia uma quantidade grande demais desse líquido, mais do que Jeff teria pensado ser possível. Um líquido preto cheio de pedaços mais grossos, como coágulos. Aquilo foi formando uma poça rasa ao lado da maca, de consistência aparentemente gelatinosa demais para ser absorvida pela terra. Jeff estava a quatro metros de distância, mas mesmo dali pôde sentir o cheiro: pútrido, adocicado.

— Ele estava com fome — disse Amy. Jeff pôde ouvir em sua voz o quanto ela estava embriagada, pois um leve arrastar ameaçava cada uma de suas palavras. Em sua mão esquerda, ela segurava o saco plástico que antes contivera sua dose de uvas; agora restavam apenas três. A garrafa quase vazia de tequila estava jogada no chão ao lado de Stacy. Eric pressionava uma camiseta ensanguentada na lateral do corpo.

Jeff sentiu a raiva começar a se expandir dentro de seu corpo, preenchendo-o, pressionando sua pele de dentro para fora, como se procurasse uma saída.

- Vocês estão bêbados. Não estão?

Amy desviou os olhos. Pablo havia parado de vomitar; seus olhos agora estavam fechados.

- Todos vocês — insistiu Jeff, surpreendendo a si mesmo por conseguir manter a voz tão baixa. — Não estão?

- Eu não - disse Eric.

Jeff virou-se em sua direção, quase se jogando em cima dele. Para, pensou. Não faz isso. Mas era tarde demais; já havia começado a falar, e sua voz aumentava de volume a cada palavra, saindo mais rápida, mais dura, impelida por sua raiva.

- Você não está bêbado?

Eric negou com a cabeça, mas isso não teve importância, pois Jeff mal notou o gesto. Não havia parado de falar para ouvir a resposta; não, simplesmente continuou a falar, sabendo que estava lidando com aquilo da pior maneira possível, mas sem conseguir mais se conter e também sem querer, porque havia alegria naquilo também: alívio de falar, de gritar. A libertação foi tão intensa que pareceu física, quase sexual.

- Porque ficar bêbado é mesmo sua única defesa aqui, Eric... Está entendendo? Porra, você se cortou de novo, não foi? Cortou a porra do seu peito. Você tem ideia do que está fazendo... de como está sendo um idiota completo? Você enfia uma faca suja no próprio corpo de duas em duas horas, e a gente preso aqui, com uma porra de um tubo minúsculo de pomada antisséptica vencida. Você acha isso esperto? Acha que faz alguma porra de sentido? Continua assim e vai morrer aqui. Não vai sair dessa...

- Jeff... — começou Amy.

- Cala a boca, Amy. Você não é nem um pouco melhor. - Ele se virou para ela. Pouco importava com quem estivesse gritando; qualquer um deles servia. — Eu esperava que ao menos você fosse pensar no que estava fazendo. Álcool é diurético... ele desidrata a pessoa. Você sabe disso. Então por que, porra, foi que você...

Você acha isso esperto? Era sua própria voz, vinda de algum lugar à sua esquerda, e aquilo o fez se calar no mesmo instante. Você acha que faz alguma porra de sentido? Ele se

virou, com os olhos fixos, sabendo o que era, mas mesmo assim esperando ver uma pessoa em pé ali, a imitá-lo. Um vento havia se erguido; ele sacudia as plantas, fazendo suas folhas em forma de mãos ondularem e se agitarem, como se zombassem deles.

Então veio a voz de Amy: Piranha!

E a de Stacy: Escrota!

— E porque você está gritando - disse Stacy, quase em um sussurro. - Ela faz isso quando a gente grita.

Escoteiro, gritou a voz de Eric. Nazista!

As nuvens haviam se adensado a ponto de dar ao céu um tom escuro de crepúsculo; era difícil dizer que horas eram. A tempestade estava quase chegando, era evidente, mas a noite também parecia bem próxima. E eles não estavam prontos para ela, nem de longe, nem um pouco prontos.

— Olha — disse Amy, apontando para o céu. Ele pôde ver que ela estava se esforçando muito para não arrastar a voz, mas sem muito sucesso. — Não tem problema. A gente vai conseguir a nossa água.

— Mas vocês se prepararam para isso? — perguntou Jeff. — A chuva vai começar e acabar, e vocês vão simplesmente ficar sentados aqui, né? Vendo a chuva escorrer para dentro da terra e desaparecer, perdida — Jeff podia sentir a própria raiva se dissipando, mas não de forma satisfatória, não como uma onda ou um choque, mas como algo que escorre de forma lenta, implacável. Ele não queria que ela fosse embora, sentia-se abandonado com sua partida, como se aquilo fosse uma espécie de força que o estivesse abandonando; seu corpo parecia mais fraco sem ela. - Vocês são um fracasso - disse, virando-lhes as costas. — Todos vocês... um fracasso total. Não precisam da planta para matar vocês. Vão fazer isso acontecer sozinhos.

A voz de Stacy chamou: Então quem é o vilão?

Canta pra gente, Amy, respondeu a voz de Eric.

Escrota!

Piranha!

Nazista!

E em seguida sua própria voz novamente, cheia de ódio e raiva: Vocês estão bêbados, não estão?

Jeff foi até a barraca laranja, abriu o zíper, entrou. Passou os olhos pelos mantimentos empilhados na divisória dos fundos da barraca. A caixa de ferramentas estava ali à espera, mas nada mais tinha relevância para suas necessidades atuais. Ele se agachou junto à caixa, abriu-lhe a tampa e, estranhamente, encontrou lá dentro não ferramentas, mas um kit de costura. Uma almofadinha repleta de alfinetes, parecendo um cactus. Carretéis de linha em fileira dupla cobrindo todo o espectro de cores, como uma caixa de lápis coloridos. Retalhos de pano, uma pequena tesoura, e até uma fita métrica. Jeff despejou tudo no chão da barraca, e levou a caixa vazia de volta para a clareira.

Nada havia mudado. Eric ainda estava deitado de costas, com a camiseta ensanguentada apertada junto à barriga. Stacy estava sentada ao seu lado, com aquela mesma expressão assustada no rosto. Os olhos de Pablo continuavam fechados, e o som áspero de sua respiração subia e descia. Amy estava ao lado dele; não ergueu os olhos quando Jeff apareceu. Este pousou a caixa no meio da clareira, aberta, para recolher a chuva. Então começou a andar pelo alto do morro até a entrada do buraco, onde os suprimentos da barraca azul ainda estavam empilhados, formando um montinho.

As plantas continuavam sua imitação. Algumas vezes, as vozes vinham aos gritos, outras muito suaves. Havia longas pausas, durante as quais elas pareciam ter cessado por completo, e depois súbitos jorros de frases, onde as palavras e as vozes se fundiam umas às outras. Jeff tentou não prestar atenção nelas, mas algumas das coisas que elas diziam o surpreendiam, faziam-no parar para pensar, faziam-no refletir. Imaginou que fosse esse o objetivo, por mais difícil que parecesse acreditar nisso, e desconfiava que

as plantas agora tivessem começado a falar em uma tentativa de separar eles seis, de voltá-los uns contra os outros.

A voz de Stacy disse: Bom, o Jeff não está aqui, está? Em seguida veio a de Eric: O Jeff foi escoteiro? Aposto que o Jeff foi escoteiro. Seguiram-se risos: o de Eric e o de Stacy, confundindo-se, exibindo um toque de zombaria.

Era como se a planta tivesse aprendido seus nomes, soubesse quem era quem e estivesse ajustando sua imitação de acordo com isso para melhor desestabilizá-los. Jeff tentou pensar nas vinte e quatro horas anteriores, lembrar-se de coisas que havia dito, em busca de possíveis dificuldades. Mas estava tão cansado, tão anestesiado, que sua mente se recusava a ajudá-lo. De toda forma, não fazia diferença, porque a planta sabia, e, quando Jeff começou a revirar a pilha de suprimentos ao lado do buraco aberto, ouviu sua própria voz começar a falar.

Acabar com isso. Cortar a garganta dele. Sufocar ele.

Quanto mais tempo agente ficar aqui, melhores as chances dela.

Ela imita as coisas. Não é um riso de verdade.

Então o morro todo pareceu irromper ao mesmo tempo: em gargalhadas, risos contidos, risadinhas e zombarias, e aquilo pareceu não ter fim. Entremeada aos sons estava sua própria voz, aos berros, como se tentasse silenciar o ruído, repetindo a mesma frase inúmeras vezes: Não é um riso de verdade... Não é um riso de verdade... Não é um riso de verdade...

Jeff pegou o frisbee no meio do emaranhado de suprimentos, e o cantil vazio também, e levou-os para o outro lado da clareira em direção à barraca laranja. Sua ideia era que, à medida que o disco se enchesse de chuva, poderia derramá-la dentro do cantil, da jarra de plástico, da garrafa que vinham usando para recolher a urina. Não era o melhor dos planos, mas foi tudo em que conseguiu pensar.

Amy, Stacy e Eric não haviam se mexido. A planta havia esticado mais um broto e se banqueteara no vômito de Pablo, sugando-o audivelmente. Os três olhavam boquiabertos: embriagados. Quando a planta terminou a pequena poça, tornou a se retrair pela clareira. Ninguém se mexeu; ninguém disse nada. Ao ver isso, Jeff sentiu sua raiva despertar, raiva daquela impassividade, daquele estupor coletivo, mas não disse nada. Sua ânsia de gritar agora havia passado. Ele pousou o frisbee ao lado da caixa de ferramentas aberta, e em seguida esvaziou a garrafa de Mathias de sua urina. Os outros o observavam em silêncio, todos escutando as plantas que passavam um instante em silêncio e, no instante seguinte, aumentavam de volume de novo, ainda rindo. Sons de desconhecidos, supôs Jeff. Quem sabe de Cees Steenkamp. Da moça que Henrich havia conhecido na praia. Todos aqueles montinhos de ossos sem mais carne nenhuma, com as almas há muito desalojadas, mas com seu riso preservado ali, memorizado pela planta, e agora ressuscitado, brandido como uma arma.

Não é um riso de verdade... Não é um riso de verdade... Não é um riso de verdade...

Ainda restavam algumas tiras de nylon da barraca azul, e Jeff começou a manuseá-las, tentando pensar em uma maneira de usá-las para recolher a chuva, ou para armazenar a água uma vez que a houvessem recolhido. Sabia que deveria ter pensado nisso antes; poderia ter usado o kit de costura que havia encontrado na barraca laranja para costurar as tiras de nylon e formar uma bolsa gigante. Mas agora não tinha mais tempo para isso.

Amanhã, pensou.

E então começou a chover.

A chuva chegou de repente, como se um alçapão tivesse sido aberto nas nuvens lá em cima, liberando-a. Não houve aviso, nem chuvisco preliminar; em um instante, o céu estava só carregado, cinza-escuro, com aquela sensação de respiração presa que muitas vezes ocorre nos trópicos antes

da chegada de uma tempestade, e com uma leve brisa a agitar as plantas, e então, sem transição aparente, o ar se encheu de água que caía. A luz do dia vacilou, assumindo um tom esverdeado a um passo da escuridão; a terra batida sob seus pés transformou-se instantaneamente em lama. Era difícil respirar.

As plantas se calaram.

Em segundos o frisbee se encheu. Jeff despejou a água dentro do cantil, deixou o frisbee tornar a se encher, com igual velocidade, e tornou a despejar. Em seguida estendeu o cantil para Stacy. Precisou gritar para ser ouvido acima do barulho da chuva, que agora parecia quase um rugido.

— Bebe! — berrou. Seu chapéu, suas roupas, seus sapatos, tudo agora estava completamente ensopado, prendendo-se a seu corpo, mais pesado.

Ele despejou a água do frisbee para dentro da jarra de plástico, deixou que este se enchesse, tornou a despejar, deixou que se enchesse, tornou a despejar. Quando terminou de encher a jarra, começou a encher a garrafa vazia de Mathias.

Stacy bebeu do cantil, passando-o em seguida para Eric, que ainda estava deitado de costas, sem camisa, com a chuva a salpicar-lhe o corpo de lama. Ele sentou-se desajeitadamente, amparando a lateral do corpo, e empunhou o cantil.

- Bebe o máximo que conseguir! - gritou-lhe Jeff.

Sabonete, ele estava pensando. Deveria ter visto se dentro das mochilas não havia uma barra de sabonete. Pelo menos teriam tido tempo de lavar o rosto e as mãos antes de a tempestade passar; uma coisa pequena, ele sabia, mas estava certo de que teria levantado o moral de todos. Amanhã, pensou. Choveu hoje, por que não iria chover amanhã de novo?

Terminou de encher a garrafa de Mathias, estendeu a mão para pegar o cantil, tornou a enchê-lo, e passou-o para Amy.

A chuva continuava a desabar sobre eles. Era surpreendentemente fria. Jeff começou a tremer; os outros também. Era a falta de comida, pensou. Já não tinham recursos para lutar contra o frio.

O frisbee tornou a se encher, e ele levou-o aos lábios, bebendo diretamente dali. A chuva tinha um gosto adocicado que o surpreendeu. Água com açúcar, pensou, e sua mente pareceu clarear à medida que ele bebia, seu corpo foi adquirindo uma nova solidez, um peso e uma gravidade que ele não havia percebido estarem faltando. Ele encheu o frisbee, bebeu, encheu o frisbee, bebeu, e sua barriga inchou, tornando-se agradavelmente, quase dolorosamente retesada. Era a água mais deliciosa que ele jamais havia bebido.

Amy havia parado de beber. Ela e Stacy estavam ali em pé, curvadas, abraçando os próprios corpos, tremendo. Eric havia tornado a se deitar. Seus olhos estavam fechados, sua boca aberta para engolir a chuva. Suas pernas e seu peito iam ficando cada vez mais enlameados; também havia lama em seus cabelos e no rosto.

- Leva ele pra dentro da barraca! - gritou Jeff.

Ele pegou o cantil da mão de Amy e recomeçou a enchê-lo enquanto ela e Stacy ajudavam Eric a pôr-se de pé e guiavam-no em direção à barraca.

A chuva começou a enfraquecer. Ainda caía com alguma força, mas o temporal havia passado. Jeff sabia que, dali a mais cinco ou dez minutos, cessaria por completo. Atravessou a clareira para ver como estava Pablo. A tenda não havia adiantado muito para protegê-lo; ele estava tão encharcado quanto os outros. E, assim como Eric, havia sido salpicado de lama: sua camisa, seu rosto, seus braços, seus cotos. Continuava de olhos fechados; sua respiração prosseguia seu curso irregular, áspero. Estranhamente, não estava tremendo, e Jeff imaginou se aquilo seria um mau sinal, se um corpo poderia se tornar tão destruído que talvez sequer tivesse forças para tremer. Agachou-se,

encostou a mão na testa de Pablo, e quase se retraiu ao sentir o calor que emanava dele. Tudo era um mau sinal, obviamente; não havia nada ali a não ser maus sinais. Pensou na planta, em como ela havia ecoado sua própria voz: Acabar com isso. Cortar a garganta dele. Sufocar ele. E sopesou as palavras em sua mente, pairando no limite da ação. Afinal de contas, seria bem fácil; ele estava sozinho ali na clareira. Ninguém ficaria sabendo. Poderia simplesmente se inclinar para a frente, tapar as narinas de Pablo, cobrir sua boca, e contar até... quanto? Cem? Misericórdia: era nisso que estava pensando ao retirar a mão da testa de Pablo, e ir baixando-a por seu rosto. Deixou-a parada ali, cerca de dois centímetros abaixo do nariz do grego, sem tocá-lo ainda, somente brincando com a ideia: noventa e sete, noventa e oito, noventa e nove... e então viu Amy emergir da barraca, trazendo consigo sua embriaguez, cambaleando de leve enquanto saía para a clareira. Seus cabelos estavam empapados de chuva; sua bochecha esquerda estava suja de lama.

- Ele está bem? - perguntou ela.

Jeff se levantou depressa, odiando as palavras arrastadas dela, sentindo novamente aquele ímpeto de gritar, de torná-la sóbria com sua raiva. Lutou contra aquele impulso, porém, não respondeu nada; como poderia responder? E tornou a cruzar a clareira em direção à caixa de ferramentas aberta.

Que, inexplicavelmente, estava quase vazia.

Jeff ficou olhando para a caixa, esforçando-se para entender o que havia acontecido.

- Tem um buraco — disse Amy.

E era verdade. Quando Jeff ergueu a caixa, descobriu um pequeno filete de água escorrendo continuamente de seu fundo, que apresentava uma rachadura de cinco centímetros. De alguma forma, ele não havia percebido aquilo antes, quando esvaziara a caixa de seu material de costura. Estava com pressa; não se dera ao trabalho de

examiná-la. Caso o tivesse feito, poderia ter conseguido consertá-la antes de chover, com o silver tape, pensou, mas agora era tarde demais. A chuva havia caído; a chuva estava passando. Enquanto pensava essas palavras, a chuva ia ficando cada vez mais fraca; dali a mais um minuto ou algo assim, cessaria por completo. Revoltado consigo mesmo, atirou longe a caixa de ferramentas, fazendo-a rolar em direção à barraca.

Amy parecia estupefata.

- Que porra é essa? - perguntou, quase aos gritos. - Ainda tinha água lá dentro!

Ela correu até a caixa de ferramentas e tornou a endireitá-la. Jeff sabia que era um gesto inútil. A tempestade havia passado; o céu estava começando a clarear. Não haveria mais chuva; pelo menos não naquele dia.

- Olha quem fala — disse ele.

Amy virou-se em sua direção, enxugando o rosto.

- O quê?

- Olha quem fala em desperdiçar água. Ela sacudiu a cabeça.

- Não.

- Não o quê?

- Agora não.

- Não o quê, Amy?

- Não me vem com sermão.

- Mas você está fazendo merda. Você sabe disso, não sabe?

Ela não respondeu, só o encarou com uma expressão triste, vitimizada, como se a culpa ali fosse dele. Ele sentiu a própria fúria aumentar com aquele olhar.

— Roubar água no meio da noite. Ficar bêbada. O que é que você está achando? Que isso aqui é uma brincadeira?

Ela tornou a sacudir a cabeça.

— Você está sendo duro demais, Jeff.

— Duro? Olha pra essas porras desses montinhos. — Ele apontou para o morro à sua volta, para os ossos cobertos de

plantas. — E assim que a gente vai acabar também. E você está ajudando isso a acontecer.

Amy continuava a sacudir a cabeça.

— Os gregos...

— Para com isso. Você parece criança. Os gregos, os gregos, os gregos... eles não vão vir, Amy. Você precisa encarar isso. Ela cobriu as orelhas com as mãos.

— Não, Jeff. Por favor, não...

Jeff deu um passo à frente, agarrou os pulsos dela, e abaixou-os com violência. Estava gritando agora.

— Olha pro Pablo. Ele está morrendo... você não vê isso? E o Eric vai acabar com uma gangrena, ou então...

— Shh — ela tentou se desvencilhar, espiando nervosa na direção da barraca.

— E vocês três estavam bebendo? Vocês têm alguma porra de uma noção da burrice que isso é? É exatamente o que a planta iria querer que vocês...

Amy gritou, um grito de pura fúria, e o susto o fez se calar.

— Eu não queria vir pra cá! — berrou ela. Solto as mãos das dele com um safanão e começou a bater nele, golpeando-o no peito, fazendo-o recuar um passo. - Eu não queria vir pra cá! - continuava a repetir isso, gritando, batendo nele. — Foi você! Foi você quem sugeriu que a gente viesse! Eu queria ficar lá na praia! A culpa é sua! Sua! Não minha! - ela batia em seu peito, em seus ombros; seu rosto estava contorcido, reluzente de umidade; Jeff não sabia dizer se era a chuva, ou se eram lágrimas. — Sua! — ela continuava a gritar. - Não minha!

A planta de repente recomeçou a falar, gritando também: A culpa é minha. Fui eu, não fui? Fui eu quem pisei nas plantas? Era a voz de Amy, vindo de todas as direções. Amy parou de bater nele, e olhou freneticamente à sua volta.

A culpa é minha.

- Para! - gritou Amy. Fui eu, não fui?

- Cala a boca! Fui eu quem pisei nas plantas?

Amy virou-se na direção dele com uma expressão de desespero, as mãos estendidas diante do corpo, implorando.

- Faz ela parar. A culpa é minha.

Amy apontou para ele, com a mão tremendo.

— Foi você! Você sabe que é verdade! Não fui eu, eu não queria vir pra cá! Fui eu, não fui?

— Faz ela parar. Por favor, pode fazer ela parar?

Jeff não se mexeu, não disse nada; ficou simplesmente ali olhando para ela. Fui eu quem pisei nas plantas?

O céu estava escurecendo novamente, mas não era o temporal. Por trás da camada de nuvens, o sol se aproximava do horizonte. A noite estava chegando, e eles não haviam feito nada para se preparar para ela. Jeff sabia que deveriam comer e, ao pensar nisso, lembrou-se do saco de uvas. Não era apenas o fato de se embriagar; ela e os outros também haviam pilhado a comida.

— O que mais vocês comeram? — perguntou ele.

— Comeram?

- Além das uvas. Vocês roubaram mais alguma coisa?

— A gente não roubou as uvas. A gente estava com fome. A gente...

— Responde.

- Vai se foder, Jeff. Você está se comportando como...

— Responde, só isso. Ela sacudiu a cabeça.

- Você é duro demais. Todo mundo... todo... A gente acha você duro demais.

- O que você quer dizer com isso? A culpa é minha.

Amy se virou e tornou a gritar em direção às plantas.

— Cala a boca!

- Vocês conversaram sobre isso? - perguntou Jeff. - Sobre mim?

— Por favor — pediu Amy. — Para com isso — ela estava sacudindo a cabeça de novo, e ele então teve certeza: estava chorando. — Não pode parar com isso, meu amor? Por favor? - ela estendeu a mão.

Aceita, pensou ele. Mas não fez nenhum movimento nessa direção. Havia uma história ali, um caminho muitas vezes trilhado na maneira como o conflito costumava ocorrer entre eles. Quando discutiam, qualquer que fosse o motivo, Amy acabava ficando abalada, chorava, recuava, e Jeff, por mais tempo que conseguisse resistir ao impulso, acabava sempre se prontificando para consolá-la, para acarinhá-la, para murmurar palavras ternas e assegurar-lhe o seu amor. Era sempre, sempre, sempre ele quem pedia desculpas; nunca era Amy, independentemente de quem fosse a culpa. E ali não era diferente: o que ela estava dizendo era "Você não pode parar com isso?", e não eu não posso, nem mesmo a gente não pode. Jeff estava cansado daquilo, cansado de modo geral, cansado até os ossos, e jurou para si mesmo que não iria ceder. Não ali, não agora. Era ela quem estava errada; era ela quem tinha de parar, quem precisava se dispor a pedir desculpas, e não ele.

Em algum momento, e sem que ele percebesse quando exatamente, a planta havia se calado.

Logo estaria escuro. Mais cinco ou dez minutos, avaliou Jeff, e estariam cegos com a noite. Deveriam ter conversado sobre as coisas, deveriam ter combinado uma escala de vigia, e distribuído mais uma ração de comida e água. Até mesmo naquele momento, naquele último resto de luz, deveriam estar fazendo isso. "Duro demais", dissera Amy. "A gente acha você duro demais." Ele estava se esforçando para salvá-los e, nas suas costas, eles fofocavam, reclamavam.

Foda-se ela, pensou Jeff. Fodam-se eles todos.

Ele virou as costas e deixou Amy ali parada, com a mão estendida na frente do corpo. Foi até a tenda e sentou-se ao lado dela, na lama, de frente para Pablo. Os olhos do grego estavam fechados, e sua boca parcialmente aberta. O cheiro que emanava dele era quase insuportável. Jeff sabia que deveriam mudá-lo de lugar, levantá-lo daquele saco de dormir nojento, empapado e fedendo com as emanações de

seu corpo. Deveriam lavá-lo, também, hidratar seus cotos queimados, limpar a sujeira deles. Tinham água suficiente agora; podiam se dar ao luxo de fazer isso. Mas a luz ia diminuindo no mesmo instante em que Jeff pensava essas coisas, e ele sabia que nunca poderiam fazê-las no escuro. Era culpa de Amy, aquela oportunidade perdida; de Amy, de Stacy e de Eric. Eles o haviam distraído; haviam desperdiçado seu tempo. E agora Pablo precisaria esperar até de manhã.

Os cotos ainda estavam sangrando, não muito, só um fluxo fraco, constante, e precisavam ser lavados, seu curativo refeito. É claro que não havia gaze, nem nada esterilizado; Jeff precisaria tornar a revirar as mochilas à procura de uma camiseta limpa, e esperar que bastasse. Talvez também pudesse usar o kit de costura, uma agulha e linha. Poderia procurar os vasos sanguíneos ainda abertos e costurá-los um a um. E também era preciso pensar em Eric; Jeff poderia costurar o ferimento em seu flanco. Ele se virou, olhou de relance para Amy. Ela ainda estava em pé no meio da clareira, imóvel; sequer havia abaixado a mão. Estava esperando ele ceder. Mas ele não iria ceder.

— Me diz que você está arrependida — disse ele.

— O quê? — A luz já estava fraca o bastante para que fosse difícil discernir a expressão dela. Ele estava sendo infantil, sabia disso. Era tão bobo quanto ela. Mas não conseguia parar.

— Diz que está arrependida. Ela abaixou a mão.

Ele insistiu: - Diz.

— Arrependida de quê?

— De ter roubado a água. De ter ficado bêbada.

Amy enxugou o rosto, um gesto cansado. Deu um suspiro.

— Tá bom.

— Tá bom o quê?

— Estou arrependida.

— De quê?

— Ah, por favor...

— Diz, Amy.

Houve uma longa pausa; ele pôde sentir a hesitação dela. Então, em um tom quase monocórdico, ela falou:

— Estou arrependida de ter roubado a água. Estou arrependida de ter ficado bêbada.

Chega, disse ele para si mesmo. Agora para. Mas ele não parou. No mesmo instante em que pensava essas palavras, ouviu-se começar a falar.

— Não parece que você está falando sério.

— Meu Deus do céu, Jeff. Não é possível que você...

— Fala como se estivesse falando sério, senão não conta.

Ela tornou a suspirar, dessa vez mais alto, quase um escárnio. Em seguida sacudiu a cabeça, virou-se, e saiu andando em direção à outra extremidade da clareira, onde deixou-se cair pesadamente no chão. Ficou sentada de costas para ele, com as mãos segurando a cabeça. A luz havia quase sumido; Jeff teve a sensação de quase poder senti-la indo embora, escorrendo do ar à sua volta. Observou a forma curvada de Amy enquanto esta ia se apagando em meio às sombras, fundindo-se à massa escura de vegetação mais além. Parecia que seus ombros estavam se movendo. Será que ela estava chorando? Ele se esforçou para ouvir, mas o som rascante e congestionado da respiração de Pablo encobria todos os outros sons na clareira.

Vai pra junto dela, disse para si mesmo. Vai agora. Mas ele não se mexeu. Sentia-se encurralado, imobilizado. Certa vez, lera instruções sobre como arrombar uma fechadura, e acreditava ser capaz de fazê-lo caso algum dia precisasse. Sabia como sair do porta-malas de um carro, como escapar do fundo de um poço, como fugir de um prédio em chamas. Mas nada disso o ajudava ali. Não, ele não conseguia pensar em um jeito sequer de escapar daquela situação. Precisava que Amy assumisse aquela responsabilidade, precisava que ela fizesse o primeiro movimento.

Agora tinha certeza: ela estava chorando. Porém, em vez de amolecê-lo, aquilo teve o efeito contrário. Ela estava se aproveitando das fraquezas dele, concluiu, manipulando-o. Tudo que ele estava lhe pedindo era que dissesse que estava arrependida, que o dissesse de maneira genuína. Será que isso era pedir demais? Talvez ela não estivesse chorando, talvez estivesse tremendo, porque deveria estar molhada, é claro, e com frio. Enquanto ele olhava, tentando distinguir se aquilo era choro ou tremor, viu-a cair de lado e deitar-se na lama. Sabia que isso também deveria ter despertado sua empatia. Porém, mais uma vez, tudo que sentiu foi raiva. Se ela estava molhada, se estava com frio, por que não tomava alguma atitude a respeito? Por que não se levantava e entrava na barraca, vasculhava alguma das mochilas, procurava roupas secas? Será que precisava que ele lhe dissesse para fazer isso? Bom, ele não iria dizer. Se ela queria ficar ali deitada na lama, tremendo, chorando, ou as duas coisas, era uma decisão dela. Podia ficar lá a noite inteira, se era isso que queria, porque ele não iria até lá.

Mais tarde, muito mais tarde, depois de o sol já ter se posto, depois de Mathias voltar do sopé do morro e se juntar aos outros dentro da barraca, depois de o céu ter clareado e de a lua ter surgido, com seu pálido crescente quase invisível de tão fino, depois de as roupas de Jeff terem secado sobre seu corpo, endurecendo um pouco ao fazê-lo, depois de a respiração de Pablo ter se interrompido durante trinta segundos antes de recomeçar com o abrupto chacoalhar de um engasgo, como um lençol rasgado ao meio, depois de Jeff ter pensado uma dúzia de vezes em ir até Amy, acordá-la, mandá-la entrar na barraca, apenas para acabar decidindo não fazê-lo em cada uma das sucessivas ocasiões, depois de passar seu turno inteiro sentado, e a maior parte do turno seguinte, sem se mexer, querendo que ela se mexesse primeiro, que viesse lhe implorar seu perdão, ou então, mais simplesmente, que viesse apenas abraçá-lo sem dizer nada, Amy se levantou

atabalhoadamente. Ou melhor, não: levantou-se, deu meio passo em sua direção, em seguida caiu de joelhos e começou a vomitar. Estava inclinada para a frente, apoiada em uma das mãos; a outra estava apertada junto à sua boca como se quisesse segurar o vômito. Estava escuro demais para vê-la com clareza. Jeff conseguia distinguir seu contorno, a forma escura de seu corpo, mas nada mais. Foram seus ouvidos, mais do que seus olhos, que lhe informaram o que estava acontecendo. Pôde ouvi-la engasgar, tossir, cuspir. Ela tentou novamente se levantar, com o mesmo resultado: outro meio passo antes de tornar a cair de joelhos, com a mão direita ainda junto à boca, enquanto a esquerda parecia se estender no escuro em sua direção. Será que ela o estava chamando? Por baixo dos engasgos, dos tossidos, das cuspidas, será que ele a ouviu dizer seu nome? Não teve certeza ou, pelo menos, não teve certeza suficiente, e não se mexeu. E agora ela estava com as duas mãos junto à boca, como se tentasse conter o jorro de vômito. Mas é claro que isso era impossível. Os engasgos prosseguiram, os ruídos de alguém sufocando e tossindo. Jeff agora podia sentir o cheiro do vômito, apesar do fedor de Pablo: a tequila, a bile; e aquilo não parava de jorrar.

Vai até lá, pensou mais uma vez.

E em seguida pensou: Você é duro demais. A gente acha você duro demais.

Ficou olhando enquanto ela se curvava bem rente ao chão, com as mãos ainda apertadas junto à boca. Hesitou nessa posição, e finalmente parou de fazer barulho: nada mais de engasgos, tossidos

nem sufocações. Durante quase um minuto, ela não fez nenhum movimento. Então, muito lentamente, caiu de lado na lama. Ficou inteiramente imóvel, encolhida em posição fetal: Jeff imaginou que houvesse voltado a dormir. Sabia que deveria ir ajudá-la agora, limpá-la como uma criança, conduzi-la de volta até a barraca. Mas aquilo era culpa dela própria, não era? Então por que é que ele deveria ir juntar

os cacos? Não iria fazer isso. Iria deixá-la ali deitada, deixá-la acordar com a aurora e o rosto coberto de vômito seco. Ainda podia sentir o cheiro, e sentiu o próprio estômago reagir ao fedor; não somente o estômago, mas seus sentimentos também. Raiva, nojo e a mais intensa falta de paciência que se podia conceber: foram eles que o mantiveram a noite inteira ao lado da tenda, observando, mas sem fazer nada. Eu devia ir ver como ela está, pensou; quantas vezes? Uma dúzia de vezes, talvez mais. Devia ir checar se está tudo bem com ela. Mas ele não o fez; ficou sentado a observá-la, pensando aquelas palavras, reconhecendo sua sensatez, sabendo que eram certas, mas sem fazer nada, sem fazer nada a noite inteira.

A aurora estava quase chegando quando ele se mexeu. Havia cochilado um pouco, cabeceando ao adormecer e despertar à medida que a lua ia subindo cada vez mais à sua frente, depois invertia a trajetória e começava a descer. Ela já havia quase se posto quando ele conseguiu se levantar, erguendo-se com dificuldade, espreguiçando-se, sentindo o sangue espesso dentro das veias. Mas nem mesmo nessa hora ele foi até Amy; não que fosse ter feito alguma diferença. Passou um longo instante a fitá-la, a fitar a massa imóvel e escura que ela formava no centro da clareira, e em seguida arrastou os pés até a barraca, abriu o zíper, e entrou sem fazer ruído.

Stacy havia escutado Jeff e Amy gritando um com o outro. Fora impossível distinguir suas palavras por cima do tamborilar da chuva em cima da barraca, mas ela percebeu que estavam discutindo. A planta também participou; ela pôde ouvi-la imitando a voz de Amy.

Gritando: A culpa é minha.

E depois: Fui eu, não fui?

Ela e Eric estavam sozinhos dentro da barraca. A tempestade prejudicava a visibilidade. Stacy não sabia que horas eram, mas podia sentir que o dia estava se afastando.

Mais uma noite... não sabia como iriam conseguir atravessá-la.

— Se eu dormir, você fica me vigiando? — perguntou Eric.

Os pensamentos de Stacy estavam embotados por causa do excesso de álcool. Tudo parecia estar se movendo um pouco mais devagar do que deveria. Ela fitou Eric através da escuridão, esforçando-se para processar a pergunta dele.

A chuva prosseguia, pesando sobre a barraca. Jeff e Amy pararam de gritar.

— A noite inteira? — perguntou ela. Eric meneou a cabeça, fazendo que não.

— Só uma hora... Você consegue ficar acordada durante uma hora? Eu só preciso de uma hora.

Ela percebeu que estava cansada, como se o simples fato de conversar a respeito tornasse isso realidade. Cansada, com fome, e muito, muito bêbada.

— Por que é que a gente não pode dormir, os dois?

Eric fez um gesto em direção à pilha de suprimentos junto à divisória dos fundos da barraca.

— Ela vai voltar. Vai conseguir entrar de novo. Alguém precisa ficar acordado.

Ele está falando da planta, pensou Stacy, e por um instante pareceu senti-la ali, escondida nas sombras, à escuta, à espreita, à espera de seu sono.

— Tá bom — disse ela. — Uma hora, depois eu acordo você.

Eric se deitou de costas. Ainda estava apertando a camiseta embolada junto à lateral do corpo. Estava escuro demais na barraca para ver se a hemorragia havia cessado. Stacy sentou-se ao lado dele, segurou sua mão livre; estava úmida. Sabia que deveriam se secar; deveriam trocar as roupas molhadas. Ela estava com frio, ainda tremendo, mas não disse nada, não esboçou nenhum movimento em direção às mochilas. Os arqueólogos estavam todos mortos, junto com quem quer que pudesse ter vindo antes ou depois deles, e, estupidamente, seus pertences pareciam contagiosos para Stacy. Ela não queria vestir suas roupas.

Eric adormeceu, e sua mão relaxou dentro da dela. Stacy foi surpreendida pela rapidez com que ele caiu no sono. Ele começou a roncar, e o som era estranhamente parecido com o chiado rascante, congestionado de Pablo: assustadoramente parecido. Stacy quase o acordou, querendo que ele rolasse para o outro lado e se calasse, mas então, de repente, ele parou sozinho. Isso também lhe deu medo, mas um medo diferente, e ela se deitou, com o ouvido direito acima do rosto dele, para certificar-se de que ele estava respirando.

É claro que estava.

Assim, curvada, com a cabeça quase na horizontal, a menos de meio metro do chão da barraca, parecia mais fácil continuar se abaixando do que se esforçar para tornar a se levantar. Ela se deitou ao lado dele, chegando bem perto. A chuva estava passando, já não era mais do que uma garoa, e o interior da barraca parecia quase tranquilo. Stacy fechou os olhos. Não iria dormir; como poderia dormir? A noite sequer havia chegado. Amy logo iria entrar na barraca, e elas poderiam ficar acordadas conversando, falando baixinho, talvez até sussurrando, para não acordar Eric. Era bem verdade que ela estava cansada, mas havia prometido a ele, e sabia que a planta espreitava por toda parte ao seu redor, esperando apenas que ela baixasse a guarda. Não, não iria dormir. Tudo que iria fazer era fechar os olhos por um instante, para poder escutar aquele cascatear suave no nylon acima de suas cabeças, e talvez sonhar um pouco acordada, imaginando estar em outro lugar.

Quando tornou a abrir os olhos, a barraca estava completamente às escuras: um breu total, fechado demais para se distinguir o que quer que fosse. Alguém estava em pé acima dela, sacudindo-lhe o ombro.

- Acorda, Stacy - repetia essa pessoa. - Está na hora do seu turno.

Ela percebeu que era a voz de Jeff. Não se mexeu, simplesmente ficou deitada de costas, olhos erguidos na

escuridão em direção a ele. Começava a se lembrar das coisas, mas demasiado lentamente para que fizessem sentido. A chuva. Amy gritando "piranha" para ela. Jeff e Amy batendo boca. Eric pedindo-lhe para velar seu sono. Sentia-se ressecada, mas ao mesmo tempo ainda bêbada: uma combinação dolorosa. Sua cabeça não apenas doía; também parecia estranhamente instável, como se, caso se movesse depressa demais em qualquer direção, pudesse escorrer para fora de si mesma. Não era algo em que ela conseguisse pensar com clareza; sabia apenas que não queria se mexer, que seria perigoso fazê-lo. Sua bexiga estava cheia a ponto de lhe causar desconforto, mas isso não bastou para obrigá-la a se mover.

- Não - disse ela.

Não conseguia ver Jeff, mas, de alguma forma, sentiu sua surpresa, um retesamento nas sombras acima dela.

- Não? — perguntou ele.

- Eu não consigo.

- Por quê?

- Não consigo, só isso.

- Mas é a sua vez. - Jeff, eu não consigo.

Ele levantou a voz, ficando com raiva.

— Para com essa merda, Stacy. Levanta.

Cutucou-a, e ela quase soltou um grito. Todo seu corpo doía.

Ela começou a cantilena:

— Não consigo, não consigo, não consigo, não consigo...

— Eu vou. - Era a voz de Mathias, vinda do outro lado da barraca. Ela sentiu Jeff se afastar dela, virar-se para olhar.

— O turno é dela.

— Não tem problema. Eu estou acordado.

Stacy pôde ouvi-lo se levantar, mover-se, abrir caminho até a entrada da barraca. Ele parou diante da entrada, hesitando.

— Cadê a Amy? — perguntou.

— Ainda está lá fora - respondeu Jeff. - Dormindo pra curar a bebedeira.

— Será que eu...

— Deixa ela.

Stacy ouviu Mathias abrir o zíper da barraca, e alguma coisa parecida com luz adentrou o espaço. Durante um instante, ela teve um vislumbre dos três: Eric deitado de costas, imóvel, Jeff em pé na sua frente, Mathias saindo para a clareira. Obrigada, pensou, mas não conseguiu transformar as palavras em fala. A barraca se fechou, fazendo-os mergulhar de novo na escuridão.

Sem realmente querer fazê-lo, ela começou novamente a fechar os olhos. Jeff estava se deitando um ou dois metros à sua esquerda, resmungando alguma coisa para si mesmo com um inconfundível ar de enfado: reclamando dela, imaginou Stacy. Ela não ligou. Ele já estava bravo com Amy, então por que não poderia ficar bravo com ela, também? Mais tarde, ririam daquilo tudo; Stacy o imitaria, imitaria o jeito como ele ainda continuava a resmungar, com murmúrios e suspiros.

Eu devia checar como o Eric está, pensou ela.

Tentou se lembrar do que havia acontecido antes de ela adormecer. Será que ela o havia acordado primeiro, conforme prometera? Quanto mais pensava nisso, menos provável começava a lhe parecer, e ela estava começando a despertar, lutando para tornar a abrir os olhos, talvez até para se sentar e cutucá-lo, quando Mathias começou a gritar o nome de Jeff.

Foi a mesma coisa outra vez: acordar com aquele cheiro de mofo a rodeá-lo, com a planta crescendo sobre suas pernas. Ela está dentro de mim, pensou Eric enquanto esticava a mão para tocá-la. No meu peito também.

Mathias gritava da clareira. Houve um movimento dentro da barraca, outra pessoa se mexendo. Estava escuro demais para ver quem era. Eric estava tentando se sentar, mas a planta estava em cima dele; parecia estar segurando-o junto ao chão.

Dentro de mim.

-Jeff... - gritava Mathias. - Jeff... Alguma coisa havia acontecido, alguma coisa ruim; Eric pôde ouvir na voz de Mathias. O Pablo morreu, pensou. - Jeff...

Alguém estava se levantando, movendo-se na direção da entrada da barraca.

— Ai, meu Deus - disse Eric. Desceu a mão pela planta que lhe pressionava o peito, logo abaixo do ferimento. Pôde senti-la embaixo de sua pele naquele ponto, uma massa esponjosa a cobrir-lhe a caixa torácica, espalhando-se em direção ao seu esterno.

— A faca! — gritou. — Me dá a faca!

— O que foi? O que é que está acontecendo? — Era Stacy, bem ao lado de Eric, com a voz embriagada de sono, assustada. Ela o agarrou pelo ombro.

— Eu preciso da faca — disse ele.

— Da faca?

— Rápido!

Da clareira, Mathias continuava a gritar: - Jeff... Jeff...

A mão de Eric desceu até sua perna, onde encontrou a mesma protuberância logo abaixo da pele, subindo por seu joelho, por sua coxa. Ouviu o zíper da barraca sendo aberto, virou-se para olhar. Ainda estava de noite, mas, de alguma forma, a escuridão do lado de fora não parecia tão intensa quanto do lado de dentro. Viu de relance Jeff saindo para a clareira.

— Espera — chamou. — Eu preciso..., Mas Jeff já tinha saído. Jeff sabia.

Soube assim que ouviu Mathias começar a gritar. Levantou-se e saiu para a clareira, tudo acontecendo muito depressa, mas não depressa o bastante para evitar que ele soubesse. Estava na voz de Mathias, no pânico que podia ser ouvido nela, em sua urgência. Aquilo para Jeff bastou.

Sim, ele sabia.

Levantou-se e saiu da barraca para a clareira, tudo no escuro, e Mathias era pouco mais do que uma sombra, agachada acima de uma segunda sombra, que era Amy. Jeff

caiu de joelhos ao lado deles, estendeu a mão para segurar a mão de Amy, seu pulso, já frio sob seus dedos. Não distinguia o rosto de nenhum dos dois.

— Eu acho que a planta... — começou Mathias, procurando as palavras certas, quase gaguejando de tão nervoso. - Eu acho que a planta sufocou ela.

Jeff curvou-se mais. A planta havia crescido por cima da boca de Amy, de seu nariz. Ele começou a puxá-la, e o visgo queimou suas mãos. A planta havia penetrado em sua boca, e ele precisou enfiar os dedos lá dentro para tirá-la, ignorando a textura borrachuda dos lábios dela, tão frios... frios demais.

Da barraca, Eric havia recomeçado a gritar.

— A faca! Pega a faca!

Sufocada, não, pensou Jeff. Estrangulada. Porque ele podia sentir o cheiro da tequila, da bile, e podia sentir a umidade nas folhas da planta. Lembrou-se de Amy cambaleando para se levantar, dando aquele meio passo em sua direção, com a mão junto à boca. Pensou que ela estivesse com a mão ali para tentar conter a náusea, mas estava errado. Ela estava puxando, percebeu, lutando para arrancar a planta de seu rosto, para abrir uma passagem para o vômito, ao mesmo tempo em que sufocava com ele, caía de joelhos, pedia o seu socorro.

Quando terminou de limpar a boca dela, inclinou sua cabeça para trás, apertou suas narinas para fechá-las, aproximou os lábios dos seus, bem juntos, sem deixar entrar ar. Pôde sentir o gosto de seu vômito, sentir a ardência do visgo da planta em sua língua. Expirou, enchendo os pulmões dela, afastou a boca, aproximou-se de seu peito, tateou em busca do esterno, pressionou ali a base das mãos e apertou com toda sua força, contando mentalmente a cada empurrão: um... dois... três... quatro... cinco, e em seguida voltando à boca dela.

— Jeff — disse Mathias.

Havia histórias a que a mente de Jeff poderia recorrer naquele momento: alarmes falsos de morte. Gente resgatada sem pulso do fundo d'água, com os lábios azuis, os membros rígidos. Havia enfartes, mordidas de cobras, acidentes com raios. E vítimas de sufocamento também; por que não? Gente que nunca mais deveria ter respirado, e que, no entanto, por algum milagre, por algum fenômeno fisiológico, era trazida de volta à vida simplesmente porque alguém que não tinha motivo para acreditar, que não tinha motivo para persistir, fazia-o mesmo assim, insuflando ar para dentro dos pulmões de um cadáver, bombeando sangue pelo coração de um cadáver, fazendo-o ressuscitar, de alguma forma, de alguma maneira, como Lázaro, das garras de sua morte prematura.

- É tarde demais - disse Mathias.

Jeff havia aprendido a aplicar o ressuscitamento cardiorrespiratório na aula de saúde do primeiro ano do ensino médio. Era o início da primavera no oeste do Massachusetts, e as moscas zumbiam e batiam nas grandes vidraças que davam para o pátio, o pátio com seu pequeno mastro de bandeira, com sua pequena estufa. Uma curta aula teórica, e em seguida uma aula prática, com o manequim estendido sobre o chão de linóleo, um manequim do sexo feminino, estranhamente sem pernas. Jeff se lembrava de que a haviam batizado, mas não conseguia se lembrar de seu nome. Quinze meninos se revezaram com ela; houve algumas brincadeiras pouco convincentes de teor sexual, que o professor Kocher reprimiu com um arquear de sobrelanceiras. Estavam todos com vergonha, nervosos com medo de falhar, tentando não demonstrar isso. Os lábios do manequim tinham gosto de álcool. Ajoelhado ao lado de sua cabeça, Jeff havia imaginado quais resgates poderia lhe reservar o seu futuro. Visualizara a avó caída no chão da cozinha, e sua família inteira, irmãs, pais, primos, tios e tias, todos congelados, impotentes, vendo-a morrer; e então Jeff se adiantaria calmamente, abrindo

caminho entre eles para poder se ajoelhar ao lado dela e insuflar a vida novamente para dentro de seu corpo, no mais simples dos gestos, mas que era ao mesmo tempo o gesto de um deus. Um instante de graça: era isso que ele havia imaginado, cheio de serenidade e confiança em si mesmo.

Expirou, enchendo os pulmões de Amy.

Mathias estendeu a mão e tocou-lhe o ombro.

- Ela não vai...

Vai pra junto dela, ele havia pensado: lembrava-se das palavras em sua cabeça. Sentado na lama ao lado da tenda de Pablo, vendo-a cambalear, cair de joelhos, com as mãos junto à boca. Vai agora. E por que não fora?

Houve movimento vindo da barraca, e Stacy apareceu e veio tropeçando até junto deles.

- Ela está dentro dele de novo - disse. - Eu... - Ela parou e pôs-se a encará-los através da escuridão. — O que foi que aconteceu?

Jeff se moveu novamente para o peito de Amy, tateando em busca do esterno.

— Ela está...

Minha culpa: não havia dúvida quanto a isso, mas Jeff sabia que não podia se dar ao luxo de pensar nisso agora, que precisava resistir a esse impulso. Mais tarde, precisaria confrontar essas duas palavras, suportar seu peso; mais tarde, não haveria escapatória. Mas não agora.

Ele começou a empurrar: um... dois... três... quatro... cinco.

Mas talvez não houvesse um mais tarde. Porque também havia essa possibilidade, não havia? Não haveria um mais tarde, não haveria nada depois daquele lugar, e Amy seria apenas a primeira, e ele e os outros logo a seguiriam. E, se fosse esse o caso, que importância tinha aquilo, na verdade? Aquela maneira em vez de uma outra, agora em vez de nos dias ou semanas seguintes: será que não poderia até ser uma bênção, como qualquer outra abreviação de um sofrimento?

-Jeff... - disse Mathias.

Ele não havia percebido. Não havia sido capaz de ver. Ela estava a apenas cinco metros de distância, mas mesmo assim estava invisível em meio à escuridão. Como ele poderia ter percebido?

Eric gritava da barraca, chamando Stacy, pedindo a faca, pedindo ajuda.

Agora não, pensou Jeff, lutando para se disciplinar. Mais tarde.

— Mathias? - disse Stacy com a voz assustada. - Ela está...

— Está.

Bebés recolhidos de latas de lixo, velhas encontradas emboladas no chão de camisola, excursionistas resgatados de bancos de neve: o principal era não desistir, não fazer pressuposições, agir sem hesitação, e rezar por aquele milagre, por aquele ato inexplicável, por aquela súbita golfada de ar.

Stacy deu um único passo para a frente.

— Você está querendo dizer...

— Ela morreu.

Jeff os ignorou. Voltou à boca dela: aos lábios frios, ao gosto de vômito, à ardência do visgo enquanto bombeava ar para dentro de seu peito. Eric continuava a gritar da barraca. Stacy e Mathias não diziam nada, não se mexiam, observavam Jeff trabalhar no corpo, nos pulmões, no coração, esforçando-se para alcançar aquele instante de graça que lhe resistia, que não queria acontecer. Já havia desistido muito antes de parar, e prosseguiu durante mais alguns minutos por simples inércia, por terror do que significava afastar os lábios da boca de Amy, afastar as mãos de seu peito, sem intenção de voltar. Foi o cansaço que finalmente o fez desistir, uma câibra em sua coxa direita, uma sensação cada vez mais forte de tontura; ele se sentou nos calcanhares, e esforçou-se para recuperar o fôlego. Ninguém disse nada.

Ela chamou o meu nome, pensou Jeff. Limpou a boca; o visgo fazia seus lábios parecerem estar em carne viva. Eu ouvi ela chamar o meu nome. Segurou a mão de Amy, envolveu-a com a sua, como se tentasse aquecê-la.

— Stacy... — gritava Eric.

Jeff ergueu a cabeça e espiou na direção da barraca.

- Qual o problema com ele? - perguntou. O tom baixo de sua voz o surpreendeu; ele teria esperado algo rascante, algo desesperado: um uivo. Estava esperando lágrimas: podia senti-las, quase ao seu alcance, mas elas não vinham.

Não queriam vir. Mais tarde, pensou ele.

— A planta está dentro dele de novo — disse Stacy, e ela também estava falando baixinho, de forma quase inaudível. Jeff sabia que era a presença da morte que fazia todos eles sussurrarem.

Ele soltou a mão de Amy, pousou-a cuidadosamente em cima de seu peito, e tornou a pensar naquele manequim de borracha, naqueles braços flácidos. Recebera um certificado por ter passado no teste; sua mãe o havia emoldurado e pendurado em seu quarto. Ele agora podia fechar os olhos e ver todos aqueles certificados, fitas e placas pendurados em suas paredes, as prateleiras cheias de troféus.

- Alguém devia ir ajudar ele - disse Jeff.

Mathias se levantou sem uma palavra e começou a andar em direção à barraca. Jeff e Stacy viram-no se afastar, uma sombra a mover-se pela clareira.

Parece um fantasma, pensou Jeff, e então vieram as lágrimas; ele não pôde contê-las. Não houve soluços nem arquejos, nem queixumes, nem gemidos, nem lamentos: apenas uma meia dúzia de gotas de água salgada escorrendo devagar por sua face, fazendo arder os lugares onde o visgo da planta havia queimado a pele.

Stacy não conseguiu ver as lágrimas de Jeff. Na verdade, não conseguiu ver muita coisa. Estava péssima: cansada, bêbada, dolorida nos músculos, nos ossos, e com a mente embotada pelo medo. Estava escuro, escuro demais; aquilo

feria seus olhos, aquele esforço para transformar as coisas em algum semblante de si mesmas. Amy estava deitada de costas, e Jeff ajoelhado a seu lado: era só o que ela conseguia ver. Porém, mesmo assim, ela já sabia, soubera assim que saíra da barraca; não sabia como, sabia somente aquele fato: ela morreu.

Ela se agachou. Estava a menos de um metro deles; poderia ter tocado Amy, bastaria esticar a mão. Sabia que deveria fazer isso, e que seria a coisa certa a fazer, que seria exatamente o que Amy teria desejado dela. Mas não se mexeu. Estava assustada demais: tocá-la tornaria aquilo tudo real.

— Tem certeza? — perguntou a Jeff.

— Certeza?

— De que ela está... — Stacy não conseguia se forçar a dizer a palavra. Mas Jeff entendeu; ela o sentiu aquiescer na escuridão.

— Como? — sussurrou ela.

— Como o quê?

— Como foi que ela...

— A planta cresceu por cima da boca dela. Sufocamento.

Stacy respirou fundo, pensativa. Não é possível isso estar acontecendo, pensou. Como é possível isso estar acontecendo? Aquele cheiro de fogueira pairava novamente no ar, e lembrou-o de que havia pessoas no sopé do morro.

— A gente precisa avisar eles — disse.

— Eles quem?

— Os maias.

Ela pôde sentir Jeff a observá-la, mas ele não disse nada. Ela desejou ser capaz de decifrar sua expressão, porque ele fazia parte da irrealidade daquele lugar, da impressão de que aquilo não estava acontecendo: sua calma, sua voz baixa, seu rosto escondido. Amy havia morrido, e eles estavam simplesmente sentados ali ao seu lado, sem fazer nada.

— A gente precisa contar pra eles o que aconteceu — à medida que ela falava, a voz de Stacy ia ficando mais alta. Ela pôde sentir isso, mais do que ouvir, e seu coração se acelerou, passando por cima da tequila, do sono, até mesmo do terror. — Precisa fazer eles ajudarem a gente.

— Eles não vão...

— Eles precisam ajudar a gente.

— Stacy...

— Eles precisam ajudar!

— Stacy!

Ela parou, piscando para ele. Estava achando difícil permanecer agachada, e seus músculos das coxas se contraíam involuntariamente. Queria se levantar num pulo, descer o morro correndo, fazer tudo aquilo terminar. Parecia tão simples.

— Fica quieta — disse Jeff com a voz muito baixa. — Tá bom?

Ela não respondeu, estava atónita demais. Por um instante, teve o impulso de gritar, de atacá-lo, de bater nele, mas depois passou. Tudo pareceu desmoronar então. Seu cansaço voltou de repente, e seu medo também. Ela estendeu a mão e segurou a de Amy. Estava fria, ligeiramente úmida. Se aquela mão houvesse apertado de volta, Stacy teria soltado um grito, e foi essa consciência mais do que qualquer outra coisa que por fim, de forma inequívoca, a fez ver a verdade.

Morreu, pensou Stacy. Ela morreu.

— Não fala mais nada - disse Jeff. - Você consegue fazer isso? Só ficar aqui comigo... com ela... e não dizer mais nenhuma palavra?

Stacy continuava a segurar a mão de Amy. De alguma forma, isso tornava as coisas mais fáceis. Ela aquiesceu.

Então foi isso que fizeram. Ficaram ali juntos, um de cada lado do corpo de Amy, esperando, sem dizer nada, enquanto a terra começava seu lento giro rumo à aurora.

Eric não parava de implorar para Mathias cortá-lo, mas Mathias não queria fazê-lo, não no escuro.

— A gente tem de tirar ela aí de dentro — insistiu Eric. — Ela está se espalhando por toda parte.

— Isso a gente não sabe.

— Você não está sentindo?

— Estou sentindo que está inchado.

— Não está inchado. É a planta. Ela está... Mathias afagou-lhe o braço.

— Shh — falou. — Quando o dia clarear.

Estava quente dentro da barraca, pegajoso e úmido, e a mão de Mathias estava escorregadia de suor. Eric não gostou daquela sensação. Afastou a mão.

— Eu não posso esperar tanto assim.

— Está quase amanhecendo.

— É porque eu chamei você de nazista? Mathias não disse nada.

— Era só brincadeira. A gente estava conversando sobre o filme que iam ver. Quando a gente voltar, como vão transformar você no vilão. Porque

você é alemão, né? Então eles poriam você de nazista — sabia que não estava pensando direito, que estava falando depressa demais. Estava com medo e era possível que não estivesse falando coisa com coisa. Mas já havia começado a percorrer aquele caminho, e agora parecia incapaz de parar.

- Não que você seja nazista. Mas eles vão te transformar em nazista. Porque vão precisar de um vilão. Sempre precisam de um vilão. Mas eu acho que a planta também poderia ser a vilã, né? Então talvez você não precise ser nazista. Você pode ser um herói, que nem o Jeff. Vocês dois vão ser heróis. Na Alemanha existe escoteiro?

Ele ouviu Mathias suspirar.

— Eric...

— Me dá logo a porra da faca, tá bom? Eu mesmo faço.

— A faca não está comigo.

— Então vai buscar.

— Quando começar a clarear...

— Chama o Jeff. O Jeff faz.

— Não dá pra chamar o Jeff.

— Por quê?

Houve um intervalo, e Eric pôde sentir Mathias hesitar.

— Aconteceu uma coisa ruim — disse ele.

Eric lembrou da pequena tenda, aquele fedor de urina, fezes e podridão. Assentiu.

— Eu sei.

— Acho que você não sabe.

— É o Pablo, né? Ele morreu.

— Não. Não é o Pablo.

— Então o que é que foi?

— É a Amy.

— A Amy? — Por essa Eric não esperava. — O que foi que houve com a Amy?

Houve outra vez a mesma pausa, aquela busca pelas palavras certas.

— Ela se foi.

— Foi embora?

Sentiu Mathias fazer que não com a cabeça, no escuro.

— Ela morreu, Eric. A planta matou ela.

— O que é que você está...

— Asfixia. Enquanto ela dormia.

Eric ficou calado, chocado demais para falar. Ela morreu.

— Tem certeza? — perguntou, sabendo no mesmo instante em que pronunciava as palavras que era uma pergunta idiota.

— Tenho.

Eric teve a sensação de que sua cabeça girava, uma perda súbita de tração. Ela morreu. Queria se levantar e ir ver com seus próprios olhos, mas não tinha certeza de ter forças para isso. Alguém precisava primeiro tirar a planta de sua perna, arrancá-la de seu peito. Ela morreu. Sabia que era verdade, mas ao mesmo tempo não conseguia aceitar. Ela morreu. Era bobo, mas o filme sobre o qual haviam brincado

dominava sua imaginação: Amy era a menina boazinha, a recatada; ela deveria ter sobrevivido, deveria ter saído flutuando com Jeff em seu balão.

Ela morreu, ela morreu, ela morreu.

— Meu Deus — disse ele.

— Pois é.

— Mas...

Novamente aquele afago com a mão, aquele contato de pele suada.

— Shh. Não. Não tem nada pra dizer.

Eric deixou a cabeça tornar a cair sobre o chão da barraca. Fechou os olhos por um instante, e em seguida os abriu, à procura dos primeiros vestígios de luz atravessando o nylon cor de laranja. Mas havia somente escuridão; por toda sua volta, somente escuridão.

Ele tornou a fechar os olhos e ficou ali deitado, esperando o amanhecer, com aquelas duas palavras a ecoar em sua mente.

Ela morreu, ela morreu, ela morreu, ela morreu, ela morreu...

Eric pôs-se a chamar de novo da barraca, assim que o sol começou a despontar. Ele queria a faca. Mathias saiu pela pequena abertura e ficou em pé na clareira olhando para Jeff e Stacy. Eles ainda estavam sentados ao lado do corpo, um de cada lado. Stacy segurava a mão de Amy.

— O que é que foi? — perguntou Jeff.

Mathias deu de ombros e inclinou a cabeça. A luz ainda não havia ganhado muita força; estava tingida de cor-de-rosa. Ao longe, na mata, Jeff podia ouvir o barulho de pássaros gritando e grasnando. Não conseguia decifrar a expressão de Mathias: preocupada, talvez. Ou apenas hesitante.

— Eu acho que você devia vir ver.

Jeff se levantou, sentindo-se enrijecido, com os membros pesados, e as reservas próximas do fim. Seguiu Mathias de volta até a barraca, deixando Stacy com o corpo de Amy.

Lá dentro, a luz ainda estava fraca demais para que se visse muita coisa. Eric estava deitado de costas. Sua perna esquerda e a maior parte de sua barriga estavam escondidas debaixo de alguma coisa, e Jeff levou um instante para perceber que era a planta.

Agachou-se ao lado dele.

— Por que você não arrancou? — perguntou ele.

— Ele está com medo de ela rasgar - disse Mathias. Eric aquiesceu.

— Quando elas se rasgam, podem ir para qualquer lugar. Como vermes. Jeff apalpou a massa de folhagem, curvando-se até mais perto para ver. A

planta havia se introduzido nos ferimentos da perna e do peito de Eric, mas era difícil dizer até onde havia conseguido chegar. Jeff precisava de mais luz.

— Você consegue andar? — perguntou. Eric fez que não com a cabeça.

— Vai amassar esse troço. Vai me queimar.

Jeff refletiu sobre a questão; provavelmente era verdade, concluiu.

— Então a gente vai carregar você.

Eric parecia amedrontado com aquilo. Tentou se sentar, mas só conseguiu fazê-lo pela metade, apoiando-se no cotovelo.

— Pra onde?

— Lá pra fora. Aqui dentro está escuro demais.

Havia ao todo cinco brotos, enroscados em volta do corpo de Eric. Três haviam atacado sua perna, cada qual entrando por um ferimento diferente. Os outros dois haviam penetrado no corte de seu peito. Jeff percebeu que, se quisessem carregá-lo para fora dali, precisariam cortá-los das raízes, e fez isso rapidamente, sem dizer nada, preocupado que Eric fosse protestar. Em seguida gesticulou para que Mathias o ajudasse. Mathias segurou os ombros de Eric, Jeff seus pés, e levantaram-no. Os cinco brotos ficaram pendurados em seu corpo, pendendo em direção ao chão da

barraca, ondulando como serpentes pelo ar enquanto eles o carregavam para a clareira lá fora.

Puseram-no no chão a meio caminho entre Pablo e Amy. Então Jeff avançou mais pela clareira e pegou a faca. Ter uma tarefa como aquela era uma coisa boa; podia sentir que estava lhe fazendo bem. O simples fato de segurar a faca na mão parecia desanuviar sua mente, aguçar-lhe os sentidos. Ele hesitou por um segundo, olhando em volta para o local onde estavam. Que grupo desesperado formavam: sujos, com as roupas esfarrapadas. Os rostos de Mathias e Eric estavam cobertos por uma densa barba por fazer. Eric estava coberto de sangue ressecado; as plantas pareciam brotar de seus ferimentos, em vez de estarem entrando neles. Jeff vira-o olhar de relance para Amy enquanto o carregavam para fora da barraca, apenas um breve olhar exploratório, antes de desviar os olhos. Ninguém dissera nada; todos pareciam estar esperando que outra pessoa falasse primeiro. Jeff sabia que precisavam de um plano, de um caminho que lhes permitisse ultrapassar o momento presente, de algo para ocupar seus pensamentos, e compreendia também que deveria ser ele o responsável por encontrá-lo.

A luz ia ficando mais forte, trazendo consigo o início do calor do dia. A respiração de Pablo, incrível e inesperadamente, havia se tornado muito mais suave. Por um instante, Jeff chegou a pensar que o grego poderia ter morrido. Aproximou-se da tenda, agachou-se ao seu lado. Não, ainda estava vivo. Mas o ruído congestionado havia desaparecido; sua respiração agora estava mais regular, mais lenta. Jeff tocou a testa de Pablo, sentiu o calor que emanava dele, sentiu a febre ainda a lhe queimar o corpo. No entanto, algo havia mudado. Quando Jeff afastou a mão, os olhos do grego se abriram devagar e olharam para ele. Pareciam surpreendentemente focados, também; alertas.

— Oi - disse Jeff.

Pablo passou a língua pelos lábios, engoliu em seco.

— Potássio? — sussurrou.

Jeff fitou-o, tentando entender aquilo

— Potássio?

Pablo aquiesceu, tornando a passar a língua pelos lábios.

— Ele quer água - disse Stacy do outro lado da clareira. - Isso quer dizer água em grego.

Jeff virou-se para olhar para ela.

— Como é que você sabe?

— Ele já disse isso antes.

Eric estava deitado de costas, olhando para o céu lá em cima.

— A faca, Jeff - falou.

— Um instante.

Mathias estava em pé junto a Eric, com os braços cruzados diante do peito, como se sentisse frio. Mas Jeff podia ver o suor em seu rosto, que fazia-o parecer brilhar sob a luz cada vez mais forte. Jeff cruzou olhares com ele e pontou para a jarra d'água. Estava no chão ao lado da barraca. Mathias pegou-a e levou-a até Jeff.

Jeff destampou a jarra e ergueu-a no ar acima de Pablo, apontando.

— Potássio? — perguntou.

Pablo assentiu, abriu a boca, e pôs um pedacinho da língua para fora. Jeff percebeu que havia alguma coisa em seus dentes, uma mancha amarronzada: sangue, talvez. Jeff baixou a jarra, aproximou-a dos lábios de Pablo e derramou uma pequena quantidade de água sobre sua língua. O grego engoliu, tossindo de leve, e em seguida abriu a boca pedindo mais. Jeff repetiu três vezes o mesmo ritual. Sabia que aquilo era um bom sinal: aquela calma na respiração de Pablo, seu retorno à consciência, a capacidade de beber água; mas Jeff não conseguia se forçar a aceitá-lo. Em sua mente, Pablo já estava morto. Não acreditava que alguém pudesse sobreviver ao que havia acontecido com o grego durante as últimas trinta e seis horas, não sem uma complexa intervenção médica. A espinha quebrada, as

pernas amputadas, a perda de sangue, a infecção quase certa: alguns goles d'água não iriam compensar nada disso. Quando Pablo tornou a fechar os olhos, Jeff voltou para o outro lado da clareira e se agachou junto a Eric. Um plano: era disso que precisavam.

Limpar a faca; lavar o sangue da lâmina, fazer outra fogueira para esterilizá-la, talvez esterilizar uma das agulhas do kit de costura, também. Em seguida arrancar a planta de dentro de Eric, costurar sua pele.

E alguém deveria descer o morro dali a pouco tempo para ficar de olho nos gregos.

E precisavam costurar os restos da barraca azul para formar uma bolsa, caso chovesse de novo naquela tarde.

E... o que mais? Jeff sabia que estava deixando alguma coisa de fora, algo que estava evitando.

O corpo da Amy.

Olhou para ele de relance, e desviou os olhos depressa. Um passo de cada vez, disse a si mesmo. Começa com a faca.

— Vai levar alguns minutos pra ficar pronto - disse ele para Eric. Eric começou a se sentar, mas mudou de ideia.

— Como assim?

— Preciso esterilizar a faca.

— Não tem problema. Eu não preciso...

— Eu não vou cortar você com uma faca suja. Eric estendeu a mão.

— Eu corto.

Jeff fez que não com a cabeça.

— Três minutos, Eric. Tá bom? Eric hesitou, sem ter certeza.

Por fim, pareceu perceber que não tinha escolha. Abaixou a mão.

— Por favor, rápido — disse. Limpar a faca.

Jeff voltou para a barraca e começou a vasculhar as mochilas dos arqueólogos em busca de um sabonete. Encontrou uma nécessaire dentro de um bolso interno; lá dentro havia uma gilete, uma latinha de creme de barbear, uma escova de dentes e um tubo de pasta, um pente, um

frasco de desodorante e, dentro de uma pequena caixa vermelha de plástico, um sabonete. Levou a nécessaire inteira de volta para a clareira, junto com uma pequena toalha que também havia encontrado na mochila, uma agulha, e um pequeno carretel de linha.

O sabonete, a toalha, a faca, a agulha, a linha, a jarra d'água de plástico: de que mais ele precisava?

Virou-se para Mathias, agora sentado ao lado da tenda.

— Você consegue acender uma fogueira? — perguntou.

— De que tamanho?

— Pequena. Só para esquentar a faca.

Mathias se levantou e começou a andar pela clareira, fazendo os preparativos. Eles tinham deixado os outros cadernos sob a chuva na véspera; ainda estavam úmidos demais para queimar. Mathias desapareceu dentro da barraca em busca de alguma outra coisa para usar como combustível. Jeff virou uma pequena quantidade de água da jarra sobre a toalha, e em seguida começou a esfregar o sabonete com ela, fazendo espuma. Enquanto começava a limpar o sangue seco da lâmina da faca, Mathias reapareceu trazendo um livro em edição de bolso e uma cueca. Arrumou esses objetos no chão ao lado de Jeff, despejando sobre eles um pouco da tequila que restara. O livro era um romance de Hemingway, *O sol também se levanta*. Jeff o havia lido no ensino médio, na mesma edição, com a mesma capa. Ao olhar para ele agora, percebeu que era incapaz de se lembrar de um detalhe da história sequer.

— Dá um pouco disso pra ele — disse Jeff, apontando para a tequila. Mathias passou a garrafa para Eric, que segurou-a com as duas mãos e

ergueu o rosto para Jeff, hesitante.

Jeff assentiu, gesticulando para que bebesse.

— Por causa da dor.

Eric tomou um gole grande, parou para respirar, e tornou a beber. Mathias agora segurava a caixa de fósforos. Ele a havia aberto e tirado um dos palitos.

— Me fala quando estiver pronto — disse.

Jeff derramou um pouco d'água sobre a lâmina, para enxaguá-la. Quando terminou, pegou a tequila da mão de Eric e colocou-a no chão.

— Depois que eu cortar ela fora, vou costurar você, tá? Eric sacudiu a cabeça, parecendo assustado.

— Eu não quero que me costure.

— Não vai fechar sozinho.

— Mas ela ainda vai estar lá dentro.

— Eu não vou deixar nada lá dentro, Eric. Eu vou...

— Você não vai conseguir ver ela inteira. Vai ter pedaços pequenos demais. E se você costurar ela dentro de mim...

— Me escuta, tá bom? — Jeff tentava manter a voz baixa: sensata, reconfortante. — Se a gente deixa as feridas abertas, isso não vai parar de acontecer. Entendeu? Você dorme, e ela entra de novo. E isso que você quer?

Eric fechou os olhos. Seu rosto começou a sofrer pequenos espasmos. Jeff podia ver que ele estava fazendo força para não chorar.

— Eu quero ir pra casa — disse ele. — É isso que eu quero

— Eric inspirou profundamente, algo mais próximo de um soluço, que controlou no último instante. — Se você costurar, ela vai...

— Eric — disse Stacy. Eric abriu os olhos, virou-se para olhar para ela. Ela continuava sentada ao lado de Amy, apertando sua mão.

- Deixa ele fazer, meu amor. Tá? Deixa ele fazer, só isso. Eric olhou-a fixamente; olhou para Amy, também. Deu outro suspiro,

seguido por um terceiro, e o tremor abandonou seu rosto devagar. Tornou a fechar os olhos, abriu-os de novo. Assentiu.

Jeff virou-se para Mathias, que passara esse tempo todo esperando, com o fósforo ainda apagado preso entre o indicador e o polegar.

- Pode fazer - disse Jeff. E todos ficaram olhando enquanto Mathias dava vida à pequena fogueira.

Stacy estava a poucos metros de lá; pôde ver tudo.

Jeff começou pela barriga de Eric, aumentando a ferida original, cutucando de leve um dos brotos à medida que cortava. Não precisou ir muito fundo, no máximo cinco centímetros, para a planta se soltar. Então começou a cortar na outra direção, puxando o segundo broto. Ali também, foi preciso pouco mais de cinco centímetros para a planta se desgrudar com facilidade do corpo de Eric. Deve ter doído, é claro, mas Eric fez apenas uma careta e cerrou os punhos. Não emitiu nenhum som.

Jeff passou a faca para Mathias, que entregou-lhe a agulha. Mathias a havia aquecido na pequena fogueira; havia até passado a linha na agulha. Parecia que aqueles dois nem precisavam conversar; de alguma forma, simplesmente sabiam o que o outro queria, e o faziam. Feito a Amy e eu, pensou Stacy, e quase desatou a chorar. Precisou fechar os olhos para se controlar, apertando-os, e apertando também a mão de Amy. A essa altura, o calor de sua própria pele já havia aquecido a pele de Amy; se Stacy não soubesse a verdade, poderia ter pensado que Amy estava apenas dormindo. Mas não, não era totalmente verdade. Uma estranha rigidez já havia começado a se instalar, e os dedos se curvavam de leve dentro da sua mão.

Ela abriu os olhos. Jeff estava enxugando um pouco do sangue de Eric com a toalhinha, bem curvado, segurando a agulha com força na outra mão, pronto para começar a costurar.

Eric ergueu a cabeça de leve e o encarou.

— O que é que você está fazendo?

Jeff hesitou, com a agulha em riste sobre a barriga de Eric.

— Eu te disse. A gente precisa fechar.

— Mas você não tirou tudo.

— Tirei sim. Saiu tudinho. Eric fez um gesto com a mão.

— Não está vendo, porra? Ela está vindo até o meu peito. Jeff examinou o local para onde Eric estava apontando, na lateral esquerda de sua caixa torácica, e em seguida acompanhando o esterno.

— Isso está só inchado, Eric.

— Porra nenhuma.

— É assim que o corpo reage a um trauma físico.

— Me corta aqui. - Ele apontou para o próprio esterno.

— Eu não vou...

— Corta, você vai ver.

Jeff olhou de relance para Mathias, depois para Stacy, esperando que algum deles ajudasse.

Stacy fez uma tentativa débil.

— Deixa ele costurar, meu amor.

Eric ignorou-a. Estendeu a mão na direção de Mathias.

— Me dá a faca.

Mathias olhou para Jeff, que sacudiu a cabeça, fazendo que não.

— Ou você corta, ou me dá a faca e me deixa fazer.

— Eric... — começou Jeff.

— Cara, ela está dentro de mim. Eu estou sentindo.

Jeff hesitou mais um instante, e em seguida tornou a entregar a agulha para Mathias, e a pegar a faca da mão dele.

— Mostra pra mim — disse.

Eric correu o dedo pela borda esquerda do próprio esterno.

— Aqui. Onde está inchado.

Jeff curvou-se acima dele, pressionou a lâmina em sua pele, e em seguida puxou-a para baixo, abrindo um sulco de quase oito centímetros de comprimento. O sangue se derramou do ferimento e escorreu pelo tórax de Eric.

— Está vendo? - disse Jeff. - Não tem planta nenhuma.

Eric suava, com os cabelos grudados na testa. Stacy imaginou que fosse por causa da dor.

— Mais fundo — disse ele.

— De jeito nenhum. - Jeff fez que não com a cabeça. - Não tem nada aí.

— Ela está se escondendo. Você precisa...

— Se eu for mais fundo, vou bater no osso. Você sabe o quanto isso dói?

— Mas ela está aí dentro. Eu estou sentindo. Jeff usava a toalha para enxugar o sangue.

— Está só inchado, Eric.

— Talvez ela esteja debaixo do osso. Você pode...

— Chega. Vou costurar você. - Jeff devolveu a faca para Mathias e pegou a agulha de sua mão.

— Ela vai começar a me devorar, que nem o Pablo.

Jeff ignorou-o. Não parava de enxugar o sangue com a toalha. Então curvou-se mais e começou a costurar.

Eric fez uma careta, fechando os olhos.

— Está doendo.

Jeff estava bem curvado sobre o corpo de Eric, costurando e limpando, costurando e limpando, puxando o fio para retesá-lo, fechando o ferimento. Muito baixinho, tão baixo que Stacy precisou se inclinar para escutá-lo, ele disse:

— Você precisa se controlar.

Eric não dizia nada, e ainda estava de olhos fechados. Respirou fundo, prendeu a respiração e soltou-a devagar.

— Eu só... eu não quero morrer aqui.

— Claro que não. Ninguém aqui quer.

— Mas talvez eu morra... você não acha? Talvez todo mundo morra. Jeff não respondeu. Terminou de fechar o corte no esterno de Eric, deu

um nó, e depois cuidou do ferimento na base de sua caixa torácica. Eric abriu os olhos. - Jeff?

— O quê?

— Você acha que a gente vai morrer aqui?

Jeff estava começando a costurar, concentrado na tarefa, com os olhos apertados.

— Eu acho que a gente está em uma situação difícil. Acho que a gente precisa tomar muito, muito cuidado. E ser esperto. E prestar atenção.

— Você não está me respondendo.

Jeff absorveu a frase, e em seguida assentiu.

— Eu sei — parecia que ele ia acrescentar mais alguma coisa, mas não o fez. Costurava e limpava, costurava e limpava, e, depois de terminar a barriga de Eric, pegou novamente a faca e passou aos ferimentos em sua perna. Depois de tudo acabado, Jeff deixou Eric beber um pouco mais de tequila. Não muito, não o suficiente, mas um pouco. E deu-lhe também uma aspirina, o que pareceu quase uma piada. Eric riu quando Jeff estendeu-lhe o frasco de comprimidos. Mas Jeff não, não o escoteiro medalhado: ele sequer sorriu.

— Toma três — disse ele. — É melhor do que nada.

Os pontos doíam, tudo doía. A pele de Eric parecia justa demais para seu corpo, como se a qualquer momento pudesse rasgar. Ele tinha medo de se mexer, de tentar se sentar ou ficar em pé, então não tentou fazer nenhuma das duas coisas. Ficou deitado de costas na clareira, olhando para o céu lá em cima, que era de um azul puríssimo, sem uma nuvem sequer no horizonte. Um dia perfeito para a praia, pensou, e em seguida tentou imaginar seu hotel lá em Cancún, a agitação que havia ali, o que ele e os outros teriam feito em uma manhã como aquela. Talvez ido nadar bem cedo, antes do café-da-manhã no terraço. Depois, de tarde, caso não tivesse chovido, talvez tivessem ido andar a cavalo: Stacy tinha dito que queria tentar montar antes de irem embora. Amy também. Ao pensar nisso, Eric se virou para olhar para eles. Stacy tentava fechar os olhos de Amy, mas estes voltavam sempre a se abrir. O visgo da planta havia queimado a pele de seu rosto; parecia um sinal de nascença. Iriam precisar enterrá-la, pensou Eric, e perguntou-se como iriam conseguir cavar um buraco grande o suficiente para comportar seu corpo.

Foi a própria fome que ele percebeu primeiro, e não o cheiro que a despertou. Teve uma sensação dura na barriga, como uma cãibra; sua boca inundou-se de saliva. Por ato reflexo, ele inspirou fundo. Pão, pensou.

No mesmo instante, Stacy disse:

— Estão sentindo esse cheiro?

— É cheiro de pão — respondeu Eric. — Alguém está assando pão. Os outros começaram a levantar a cabeça, farejando o ar.

— Os maias? - perguntou Stacy.

Jeff já estava em pé, tentando localizar a origem do cheiro, que ia ficando cada vez mais forte, um cheiro de padaria. Andou lentamente até a periferia da clareira, inspirando profundamente.

— Talvez eles tenham trazido pão para a gente - disse Stacy. Ela estava sorrindo, quase embriagada com aquela ideia; realmente parecia acreditar nela. — Alguém deveria descer e...

— Não são os maias — Jeff agora estava agachado bem na bordinha da clareira, de costas para eles.

— Mas...

Ele se virou em direção a Stacy e acenou para que ela fosse até lá, ver com seus próprios olhos.

— É a planta — disse ele.

Mathias e Stacy se levantaram e foram cheirar as pequenas flores vermelhas da planta; Eric não precisou imitá-los. Pôde ver, pelas simples expressões em seus rostos, que Jeff estava certo, que, de alguma forma, a planta se pusera a exalar um cheiro de pão recém-saído do forno. Stacy virou-se para o corpo de Amy e sentou-se ao seu lado. Pressionou a mão sobre a boca e o nariz, tentando impedir o cheiro de entrar.

— Não estou aguentando, Jeff. Não estou mesmo.

— Vamos comer um pouco — disse Jeff. — Vamos dividir a laranja. Stacy sacudia a cabeça.

— Não vai adiantar nada.

Jeff não respondeu. Desapareceu barraca adentro.

— Como é que ela consegue fazer isso? — perguntou Stacy. Olhou para Eric, e depois para Mathias, e para Eric de volta, como se esperasse que algum deles tivesse alguma explicação. Nenhum dos dois tinha, é claro. Ela parecia à

beira das lágrimas; apertava o nariz com força, respirando pela boca, ligeiramente ofegante.

Depois de alguns instantes, Jeff reapareceu.

— Ela está fazendo isso de propósito, não está? - perguntou Stacy. Ninguém lhe respondeu. Jeff sentou-se e começou a descascar a laranja.

Eric e Mathias ficaram olhando para ele, vendo a fruta surgir lentamente debaixo da casca.

— Por que agora? — insistiu Stacy. — Por que ela não...

— Ela queria esperar até a gente ficar com fome — disse Jeff. — Até as nossas defesas terem baixado. - Ele cortou a fruta e contou os gomos; eram dez ao todo. — Se tivesse começado antes, não teria nos incomodado tanto. A gente teria se acostumado. Mas agora... — Ele deu de ombros. — Foi o mesmo motivo pelo qual ela esperou para começar a imitar as nossas vozes. Ela espera a gente enfraquecer antes de revelar as próprias forças.

— Por que pão? — perguntou Stacy.

— Ela deve ter sentido esse cheiro alguma vez. Alguém deve ter assado pão aqui, ou pelo menos esquentado. Porque ela imita as coisas... barulhos que já escutou, cheiros já que sentiu. Como um camaleão. Um pássaro que repete o canto do outro.

— Mas ela é uma planta. Jeff ergueu os olhos para ela.

— Como é que você sabe?

— Como assim?

— Como é que você sabe que ela é uma planta?

— O que mais ela poderia ser? Ela tem folhas, e flores, e...

— Mas ela se mexe. E ela pensa. Então talvez ela só pareça uma planta. — Ele lhe sorriu como se estivesse satisfeito, mais uma vez, com as muitas capacidades da planta. — A gente não tem como saber, né?

O cheiro mudou, ficou mais pungente, mais intenso. Eric ainda estava procurando a palavra dentro de sua cabeça quando Mathias disse:

— Carne.

Stacy ergueu o rosto para o céu, farejando.

— Bife.

Mathias fez que não com a cabeça.

— Hambúrguer.

— Costeletas de porco — discordou Eric. Jeff gesticulou para que se calassem.

— Não.

— Não o quê? - perguntou Stacy.

— Não fiquem falando. Só piora.

Eles se calaram. Costeletas de porco não, pensou Eric. Cachorro-quente. A planta ainda estava dentro dele; tinha certeza disso. Costurada dentro dele, esperando o momento certo. Mas talvez não fizesse diferença. Ela era capaz de imitar sons e cheiros; era capaz de pensar, e era capaz de se mexer. Fosse dentro ou fora do seu corpo, a planta iria vencer.

Jeff dividiu a laranja em quatro pilhas iguais, dois gomos e meio para cada.

— A gente deveria comer a casca, também - disse. E em seguida repartiu a casca também. Fez um gesto para Stacy. - Escolhe você primeiro.

Stacy se levantou e se aproximou dos pequenos montinhos de fruta. Agachou-se acima deles, avaliando cada porção, medindo com os olhos. Por fim, abaixou a mão e pegou uma.

— Eric? — indagou Jeff. Eric estendeu a mão.

— Tanto faz. Me dá qualquer uma. Jeff fez que não com a cabeça.

— Aponta.

Eric apontou para uma das pilhas, e Jeff recolheu-a e levou-a até ele. Dois gomos e meio de laranja, um punhado de cascas. Se eles ainda fossem cinco, seriam apenas dois gomos por pessoa. Eric achou terrivelmente triste que a ausência de Amy pudesse ser medida de maneira tão insignificante: meio gomo de laranja. Levou um dos gomos

à boca e fechou os olhos, sem mastigar ainda, apenas segurando-o com a língua.

— Mathias? — indagou Jeff.

Eric ouviu o alemão se levantar e ir buscar sua parte. Então o silêncio se tornou completo, e cada um deles se retirou para um lugar muito íntimo enquanto saboreava o que lhes serviria de café-da-manhã naquele dia.

O cheiro tornou a mudar. Torta de maçã, pensou Eric, ainda sem mastigar e lutando repentinamente, inexplicavelmente, contra a ameaça das lágrimas. Como é que ela conhece o cheiro de torta de maçã? Podia ouvir os outros começando a comer, o barulho úmido de suas bocas em ação. Puxou o chapéu para cima dos olhos.

Uma pitada de canela, também.

Eric mastigou, engoliu, e em seguida pôs na boca um pedaço de casca de laranja. Não estava chorando; havia resistido ao impulso. Mas este ainda estava presente; podia senti-lo.

Chantilly, até.

Chupou o pequeno pedaço de casca, engoliu, pôs outro na boca. Podia visualizar mentalmente a massa da torta, ligeiramente queimada no fundo. E não era chantilly; era sorvete. Sorvete de creme derretendo no prato devagar; um pequeno prato de metal com uma xícara de café preto ao lado. Ao imaginar aquilo, Eric sentiu novamente aquela ânsia de chorar. Precisou apertar os olhos com força, prender a respiração, e esperar passar, enquanto as mesmas cinco palavras continuavam a se repetir em sua mente.

Como é que ela sabe? Como é que ela sabe? Como é que ela sabe?

— A gente precisa pensar em algumas coisas — disse Jeff.

A laranja havia sido dividida e depois comida, com pele e tudo. Em seguida, haviam passado a jarra d'água de mão em mão por seu pequeno círculo, e ele dissera aos outros para beberem o quanto quisessem. A água não era mais sua

principal preocupação; depois da chuvarada da noite anterior, ele tinha certeza de que choveria de novo; quase todo dia, achava. E sabia que o fato de eliminarem pelo menos um desconforto melhoraria o moral de todos. Assim, comeram seu parco café-da-manhã, e depois beberam água até seus estômagos incharem.

Mais tarde, poderiam tentar costurar uma bolsa usando o nylon azul que havia sobrado. Talvez até conseguissem juntar chuva suficiente para tomar um banho. Isso também ajudaria a animá-los.

É claro que não ficaram saciados. Como poderiam ter ficado? Uma laranja dividida por quatro. Jeff tentou pensar naquilo como um jejum, uma greve de fome; quanto tempo poderia durar? Ele tinha uma imagem na cabeça, uma foto de jornal, em preto-e-branco, de três rapazes olhando desafiadoramente da cama grosseira onde estavam deitados: fracos, emaciados, mas inegavelmente vivos, com os olhos acesos de vida. Jeff esforçou-se para visualizar o título da matéria, para se lembrar da história que correspondia à imagem. Por que não conseguia fazer isso? Queria um número, queria saber quanto tempo. Semanas, decerto; semanas com apenas água.

Cinquenta dias?

Sessenta?

Setenta?

Acabaria havendo, porém, um momento a partir do qual o jejum viraria fome e, na cabeça de Jeff, isso estava de alguma forma ligado a seu magro estoque de mantimentos, à continuação de sua existência, por menos que eles de fato estivessem consumindo. Havia convencido a si mesmo que, contanto que lhes restasse alguma pequenina migalha de comida para dividirem, eles estariam bem; estariam no controle da situação. Porque estavam racionando e não morrendo de fome.

Negação. Um conto de fadas.

E havia também aquelas coisas que ele sabia e das quais não conseguia se esconder, as coisas sobre as quais havia lido ao longo dos anos, os detalhes que havia absorvido. Em determinado momento, sua fome e suas câibras desapareceriam. Seus corpos começariam a consumir tecido muscular, começariam a digerir os ácidos graxos de seu fígado: na falta de combustível, a máquina começaria a consumir a si mesma. Suas taxas metabólicas cairiam, sua pulsação desaceleraria, sua pressão sanguínea baixaria. Eles sentiriam frio até mesmo debaixo do sol, ficariam letárgicos. E, além do mais, tudo isso aconteceria relativamente depressa. Duas semanas, no máximo três. E aí as coisas iriam ficar rapidamente piores: arritmia, problemas oculares, anemia, feridas na boca; e assim por diante, até não lhes restar mais nenhum recurso. Pouco importava que ele não conseguisse se lembrar se eram sessenta ou setenta dias; o que importava era que a brincadeira era finita. Havia uma linha traçada no meio de seu caminho, um muro, um abismo, e a cada hora que passava eles se aproximavam mais um passo dela.

Depois do pão viera a carne; e depois da carne, a torta de maçã; e depois da torta de maçã, os morangos; e depois dos morangos, chocolate; e então ela parou.

— É pra gente não se acostumar — disse Jeff aos outros. — Pra ela pegar a gente desprevenido toda vez que isso acontecer.

É claro que havia uma coisa que eles poderiam fazer, um recurso à sua disposição, mas Jeff duvidava que os outros fossem aceitar. Intragável foi a palavra que lhe veio à mente, na verdade: Eles vão achar intragável; e, mesmo naquela situação extrema, viu humor no jogo de palavras.

Um humor negro.

A gente precisa pensar em algumas coisas. Era isso que ele tinha dito, e as palavras pareciam tão enganadoras em sua banalidade, tão falsamente benignas. Mas de que outra forma ele poderia começar?

Eric ainda estava deitado de costas, com o chapéu a cobri-lo o rosto. Não dava mostras de ter escutado.

— Eric? — chamou Jeff. — Você está acordado?

Eric ergueu a mão, retirou o chapéu, assentiu. A pele em volta de seus ferimentos estava repuxada, esticada pelos pontos que ainda vertiam sangue em alguns lugares.

Estava bem feio: em carne viva, doloroso. Mathias estava à esquerda de Jeff, com a jarra d'água no colo. Stacy estava sentada ao lado do corpo de Amy. O corpo da Amy.

— Você precisa passar filtro solar no pé, Stacy — disse Jeff, apontando. Ela olhou para os próprios pés como se não os visse direito; estavam de

um rosa brilhante, ligeiramente inchados.

— E pega o chapéu da Amy. E os óculos.

Stacy moveu o olhar em direção a Amy. Os óculos estavam presos na gola da camiseta de Amy. Seu chapéu havia caído e estava jogado a poucos metros dali, sujo de lama, deformado, ainda úmido por causa da chuva. Stacy não se mexeu; simplesmente ficou ali sentada com o olhar fixo, e finalmente Jeff se levantou. Deu alguns passos à frente, pegou o chapéu, retirou cuidadosamente os óculos da camiseta de Amy. Estendeu-os para Stacy. Ela hesitou, parecendo prestes a recusar, mas em seguida estendeu a mão devagar para pegá-los.

Jeff viu-a pôr os óculos, ajustar o chapéu sobre a cabeça. Ficou satisfeito; aquilo parecia um bom sinal, um primeiro passo. Voltou para onde estava antes e tornou a se sentar.

— Alguém deveria ir vigiar a trilha daqui a pouco. Para se os gregos... Mathias se levantou.

— Eu vou.

Jeff fez que não com a cabeça e acenou para que ele tornasse a se sentar.

— Um minuto. Primeiro a gente precisa...

— A gente não deveria, você sabe... — Stacy apontou para o corpo de Amy.

O corpo da Amy.

Jeff virou-se para ela, surpreso. Involuntariamente, sentiu uma estranha mistura de esperança e alívio. Ela vai falar por mim.

— O quê? — perguntou ele.

— Você sabe... — Ela tornou a apontar.

Jeff esperava ela se decidir, querendo que fosse ela, e não ele. Por que sempre tinha de ser ele? Ficou sentado observando-a, desejando que falasse, pronunciasse as palavras.

Mas ela não fez o que ele queria.

— Eu acho... sei lá... — Ela deu de ombros. — Enterrar ela, ou algo assim?

Não, não era aquilo, não é? Aquilo não tinha nada a ver. Teria de ser ele; havia sido tolo por cogitar qualquer outra possibilidade. Inclinou a cabeça como se fosse aquiescer, mas não foi de forma alguma uma aquiescência.

— Bom, é justamente isso - disse ele. - Mais ou menos. O assunto sobre o qual a gente precisa conversar.

Os outros continuaram calados. Ele percebeu que ninguém iria ajudá-lo em relação àquilo; ele, e ele sozinho, precisava ter aquela coragem. Como vacas, pensou ele, examinando seus rostos. Talvez a laranja tivesse sido uma má ideia, talvez ele devesse ter esperado, devesse ter falado no auge de sua fome, com o cheiro de pão ou de carne pairando no ar.

Sim, carne.

— Eu acho que a gente está bem — começou ele. — Quero dizer, em matéria de água. Acho que a gente pode contar que vai chover o suficiente para manter a gente vivo. Talvez dê até pra fazer uma bolsa grande com o nylon. - Ele fez um gesto em direção à clareira, em direção aos restos da barraca azul. Os outros acompanharam seu gesto, fixaram o olhar ali por um instante, depois tornaram a olhar para ele. Como ovelhas, pensou. Estava esperando as palavras certas chegarem, mas elas não estavam vindo.

Stacy se mexeu, esticou o braço, tornou a segurar a mão de Amy e a prendê-la na sua, como se buscasse reconforto. E claro que não existiam palavras certas.

— É só esperar, sabem como é — disse ele. — É isso que a gente está fazendo aqui. Esperando alguém vir achar a gente... talvez os gregos, talvez alguém que nossos pais vão mandar. — Ele não estava conseguindo encará-los nos olhos, e sentiu vergonha disso. Sabia que seria melhor se pudesse encarar um deles de frente, mas de alguma forma isso não parecia possível. Seu olhar ia do próprio colo para os pés de Stacy, vermelhos de sol, para os ferimentos repuxados na perna de Eric, e novamente para seu colo. — É só esperar. E sobreviver à espera. Se a gente conseguir manter um estoque de água, é claro que isso vai ajudar. Mas depois o problema passa a ser a comida, né? Porque a gente não tem muita comida. E a gente não sabe... quero dizer, se não forem os gregos, se a gente tiver de esperar nossos pais, talvez demore semanas, semanas antes de alguém vir resgatar a gente deste lugar. E a comida que a gente tem, mesmo com racionamento, não vai durar mais de um ou dois dias. Se a gente pudesse caçar, ou pegar algum bicho com uma arapuca, ou pescar peixes, ou cavar raízes, ou procurar frutas... - ele se interrompeu e deu um suspiro. - A única coisa além da gente aqui neste morro é a planta, e é óbvio que não dá pra comer esse troço. Tem os cintos, eu acho... e a gente talvez possa bolar um jeito de ferver eles. Já teve gente que fez esse tipo de coisa, gente que se perdeu no deserto, ou que naufragou no mar. Mas isso não mudaria muito a situação da gente, não é? Não se for demorar semanas.

Ele tomou coragem e olhou rapidamente para seus rostos. Nenhum deles traía expressão alguma. Podia ver que estavam escutando, mas sem qualquer noção de onde ele estava querendo chegar. Ele estava tentando não assustá-los, estava tentando chegar de mansinho àquilo que precisava ser dito, e dar-lhes assim a oportunidade de sentir

sua chegada, de se preparar para ela, mas não estava funcionando. Precisava da ajuda deles para que funcionasse, e nenhum deles estava em condições de ajudar.

- Cinquenta, sessenta, setenta dias - disse ele. - Alguma coisa do género, não me lembro direito... é esse o tempo que uma pessoa pode durar sem comida. E mesmo antes disso, muito antes disso, as coisas começam a dar errado, começam a ratear, a parar de funcionar. Então vamos dizer que sejam trinta dias, tá bom? O que são trinta dias? Quatro semanas, por aí? E se os gregos não vierem, se a gente precisar esperar os nossos pais, quanto tempo vai levar? Quero dizer, sendo realista? Mais uma semana pra data prevista da nossa volta, talvez mais outra semana depois disso antes de eles começarem a se preocupar, depois alguns telefonemas pra Cancún, pro hotel, pro consulado americano... tudo isso é bem fácil. Mas e depois? Quanto tempo pra seguirem nosso rastro até a rodoviária, até Cobá, até a trilha e até a aldeia maia, até essa porra deste morro no meio da mata? Será que a gente pode mesmo partir do princípio de que vai demorar menos de quatro semanas pra isso acontecer?

Ele fez que não com a cabeça, respondendo à própria pergunta. Em seguida arriscou outro olhar para seus rostos: mas não, eles não o estavam compreendendo. Ele os estava deixando deprimidos, só isso, assustando-os. O fato estava bem na sua frente, mas eles não conseguiam ver.

Ou talvez não quisessem ver.

Ele fez um gesto em direção ao corpo de Amy e manteve o braço na frente do corpo, apontando, durante tempo suficiente para que eles não tivessem escolha. Tiveram de olhar, tiveram de olhar fixamente, tiveram de ver sua pele acinzentada, seus olhos que se recusavam a se fechar, a pele queimada, em carne viva, ao redor de sua boca e de seu nariz.

- Isso... isso que aconteceu com a Amy.. é terrível. Uma coisa terrível. Não tem dúvida. Mas, agora que aconteceu, a gente precisa enfrentar isso, eu acho, precisa aceitar o que pode significar pra gente. Porque tem uma pergunta que a gente precisa responder... uma pergunta muito, muito difícil. E a gente precisa usar a imaginação pra responder, porque é uma coisa que vai começar a ficar mais importante à medida que os dias aqui forem passando, mas que a gente precisa responder agora, antes. — Tornou a olhar para seus rostos. — Vocês entendem o que eu estou tentando dizer?

Mathias estava calado, com a expressão impassível. Os olhos de Eric haviam tornado a se fechar. Stacy ainda segurava a mão de Amy; ela fez que não com a cabeça.

Jeff sabia que aquilo não iria funcionar, mas, mesmo assim, sentia que precisava abordar a questão, sentia que era seu dever fazê-lo. Foi em frente:

- Eu estou falando da Amy. De dar um jeito de conservar ela. Os outros absorveram essa informação. Mathias mexeu o corpo de leve, e seu rosto pareceu se retesar. Ele sabe, pensou Jeff. Mas os outros, não. Eric simplesmente permaneceu deitado; poderia até estar dormindo. Stacy inclinou a cabeça de lado e lançou um olhar intrigado para Jeff.

- Você quer dizer embalsamar ela, algo assim? Jeff decidiu tentar outra abordagem.

- Se você precisasse de um rim, se fosse morrer se não conseguisse um rim. E se a Amy morresse primeiro, você pegaria o dela?

- O rim dela? — perguntou Stacy. Jeff aquiesceu.

- O que é que isso tem... — E então, no meio da frase, ela entendeu. Jeff viu isso acontecer, viu a compreensão invadi-la. Ela cobriu a boca como se fosse passar mal. — Não, Jeff. De jeito nenhum.

- O quê?

- Você está dizendo...

- Responde à pergunta, Stacy, só isso. Se você precisasse de um rim, se você...

- Você sabe que não é a mesma coisa.

- Por quê?

— Porque um rim significaria uma operação. Seria... — Stacy sacudiu a cabeça, irritada com ele. À medida que falava, sua voz fora ficando progressivamente mais alta. - Isso... isso é... - ela ergueu as mãos para o céu, enojada.

Eric abriu os olhos. Fitou Stacy com uma expressão intrigada.

— Sobre o que é que a gente está falando? Stacy apontou para Jeff.

— Ele quer... ele quer... - ela parecia incapaz de dizer.

— A gente está falando sobre comida, Eric — Jeff se esforçava para manter a voz baixa, calma, em contraste com a crescente histeria de Stacy. — Sobre se a gente vai ou não morrer de fome aqui neste lugar.

Eric absorveu essa informação, mas mesmo assim não pareceu entender.

— O que é que isso tem a ver com o rim da Amy?

— Nada! - disse Stacy, quase gritando a palavra. - E justamente isso.

— Você pegaria o rim dela? — perguntou Jeff, e acenou em direção a Amy. - Se precisasse de um rim? Se fosse morrer sem ele?

— Acho que sim — Eric deu de ombros. — Por que não?

— Ele não está falando sobre rim nenhum, Eric. Ele está falando sobre comida. Entendeu? Sobre comer a Amy.

Agora já não era mais possível se esconder daquilo; as palavras haviam sido ditas. Houve um longo silêncio enquanto todos olhavam para o corpo de Amy. Foi Stacy quem finalmente o rompeu, virando-se para Jeff.

— Você faria mesmo isso?

— Já teve gente que fez. Gente que naufragou, e...

— Eu estou perguntando se você faria. Se você comeria ela. Jeff pensou por um instante.

— Não sei.

Era a verdade: não sabia. Stacy pareceu chocada.

— Você não sabe?

Ele fez que não com a cabeça.

— Como é que você pode dizer isso?

— Porque eu não sei como é morrer de fome. Não sei que escolhas eu teria de fazer nesse caso. Tudo que eu sei é que, se isso for uma possibilidade, se for uma coisa que a gente conseguir concordar em cogitar, que seja, então a gente precisa tomar algumas providências agora, neste instante, antes de passar muito tempo.

— Providências. Jeff aquiesceu.

— Tipo?

— A gente teria de bolar um jeito de conservar isso.

— Isso?

Jeff suspirou. Aquilo estava ocorrendo exatamente como ele havia previsto, um desastre.

— O que é que você quer que eu diga?

— Que tal ela?

Isso fez Jeff sentir uma pontada de raiva, sem aviso prévio, uma espécie de fúria justificada, e aquela sensação lhe agradou. Era reconfortante; fazia-o sentir que, no final das contas, estava fazendo o que era certo.

— Você acha mesmo que isso aí ainda é ela? — perguntou.

— Acha mesmo que isso tem mais alguma coisa a ver com a Amy? Isso agora é um objeto, Stacy. Uma coisa sem movimento, sem vida. Uma coisa que a gente pode racionalmente decidir usar para nos ajudar a sobreviver aqui, ou então... irracionalmente, sentimentalmente, estupidamente... decidir deixar apodrecer, deixar a planta transformar em mais uma pilha de ossos. E uma escolha que a gente precisa fazer. Uma escolha consciente... a gente precisa decidir o que vai acontecer com esse corpo. Porque não adianta se enganar: evitar olhar para ele, resolver não pensar nele, isso também é uma escolha. Você tem consciência disso, não tem?

Stacy não respondeu. Não estava olhando para ele.

— Eu só estou dizendo que, qualquer que seja a nossa decisão, a gente tem de manter os olhos bem abertos — Jeff sabia que deveria simplesmente encerrar o assunto, que já falara demais, forçara demais a barra, mas já tinha ido até ali, e não conseguiu se conter. - De um ponto de vista puramente físico, é carne. E isso que está aí.

Stacy lançou-lhe um olhar de ódio.

— Qual é o seu problema, porra? Você não está nem abalado? Ela morreu, Jeff. Entendeu? Ela morreu.

Foi preciso um esforço para evitar que sua voz subisse à mesma altura que a dela, mas, de alguma forma, ele conseguiu. Teve vontade de estender a mão e tocá-la, mas sabia que ela se retrairia. Queria que os dois se acalmassem.

— Você acha mesmo que a Amy iria se importar? Você se importaria se fosse você? Stacy sacudiu a cabeça com veemência. A mão suja de lama de Amy começou a escorregar, e ela precisou erguer a sua para segurá-la.

— Não é justo.

— Por quê?

— Você está fazendo isto aqui parecer um jogo. Como se fosse uma conversa abstrata que a gente estivesse tendo em algum bar. Mas isto aqui é real. Isto aqui é o corpo dela. E eu não vou...

— Como é que você faria? — perguntou Eric.

Jeff virou-se para ele, aliviado por haver outra voz na conversa.

— Faria o quê?

Eric ainda estava deitado de costas, com os ferimentos soltando aqueles pequeninos filetes de sangue. Não parava de apertar a própria barriga, procurando, agora em outro ponto.

— Preservaria a, você sabe, a... — Carne era a palavra certa, não havia nenhuma outra, mas estava claro que Eric não conseguia pronunciá-la.

Jeff deu de ombros.

— Curando ela, eu acho. Secando.

Stacy se inclinou para a frente de boca aberta, como se fosse vomitar.

— Eu vou passar mal. Jeff ignorou-a.

— Acho que tem um jeito de salgar a carne. Usando urina. Você corta ela em tiras e molha ela em...

Stacy tapou os ouvidos e recomeçou a sacudir a cabeça.

— Não, não, não, não...

— Stacy...

Ela começou a cantilena:

— Eu não vou deixar. Eu não vou deixar. Eu não vou deixar. Eu não vou deixar. Eu não vou deixar...

Jeff se calou. Que escolha ele tinha? Stacy continuou a cantarolar e sacudir a cabeça; seu chapéu escorregou para o lado e caiu no chão. Ao olhar para ela, Jeff tornou a sentir aquele peso, aquela sensação de resignação. Pouco importava, pensou. Por que é que aquele lugar ali não podia ser tão bom para morrer quanto outro qualquer? Ele ergueu a mão, limpou o suor do rosto. Pôde sentir nos dedos o cheiro da casca de laranja. Estava com fome suficiente para sentir o impulso de lambê-los, mas resistiu.

Finalmente, Stacy parou. Passou-se então algum tempo durante o qual ninguém achou nada para dizer. Eric continuava a cutucar o peito. Quando Mathias se mexia, a jarra em seu colo emitia um som de água em movimento. Stacy continuava a segurar a mão de Amy. Jeff olhou na direção de Pablo. O grego estava de olhos abertos, e os observava como se de alguma forma, apesar de tudo, conseguisse sentir que algo importante estava sendo discutido. Ao olhar para ele, para seu corpo destruído, imóvel, Jeff percebeu que a conversa não terminava necessariamente ali, que a morte de Amy quase certamente não seria a última. Afastou esse pensamento.

Todos evitavam encarar uns aos outros. Jeff sabia que mais ninguém iria dizer nada, que teria de ser ele, e sabia,

também, que o que quer que dissesse deveria soar como uma oferta de paz. Umedeceu os lábios; estavam rachados de sol, inchados.

— Então eu acho que a gente devia enterrar ela — falou.

Não foi preciso muito tempo para perceberem que enterrar Amy não era uma possibilidade. O simples calor cada vez mais forte do dia teria tornado isso impossível. Mesmo que não fosse o caso, havia ainda o problema da pá; tudo que tinham para cavar era uma estaca de barraca e uma pedra. Então Jeff trouxe um dos sacos de dormir de dentro da barraca, e puseram o corpo de Amy lá dentro. Isso necessitou um tipo diferente de esforço; o cadáver de Amy parecia decidido a resistir à sua mortalha. Seus membros se recusavam a cooperar, não paravam de se prender e de se embaralhar. Jeff e Mathias precisaram lutar com ela, e ambos começaram a ofegar e a suar antes de finalmente conseguirem enfiá-la dentro do saco.

Stacy não se mexeu para ajudar. Ficou assistindo, sentindo-se cada vez mais enjoada. Estava de ressaca, é claro; estava tonta, inchada e com um enjoo fortíssimo. E Amy estava morta. Jeff queria comer seu corpo para que eles, por sua vez, pudessem evitar a morte, mas Stacy o havia impedido. Tentou sentir algum prazer naquela vitória, mas foi incapaz.

Houve um instante esquisito de hesitação antes de os meninos fecharem o zíper do saco de dormir, como se sentissem a importância simbólica daquele ato, sua irrevogabilidade: aquela primeira pazada de terra que recai sobre a tampa do caixão. Através da abertura, Stacy podia ver o rosto de Amy; este já havia adquirido um inchaço perceptível, uma tonalidade ligeiramente esverdeada. Seus olhos haviam tornado a se abrir. Stacy sabia que, no passado, costumava-se colocar moedas em cima dos olhos dos mortos. Ou será que era na boca que se punham moedas, para pagar o barqueiro? Stacy não tinha certeza; nunca se dera ao trabalho de prestar atenção em detalhes

assim, e sempre se arrependia desse fato, de saber tudo pela metade, o que era bem pior do que não saber nada, e da sensação constante de entender as coisas parcialmente, mas não o bastante para que fizessem qualquer diferença. Mas parecia bobo pôr moedas em cima dos olhos. Porque elas não caíam quando caixão fosse carregado para o cemitério, sacudido e virado, e finalmente depositado na cova? Os cadáveres descansariam sob o peso da terra por toda a eternidade, de olhos abertos, com duas moedas inúteis jogadas sobre as tábuas de madeira ao seu lado.

Amy não teria caixão; também não teria moedas. Não teria nada com que pagar o barqueiro.

A gente devia fazer uma cerimônia, pensou Stacy. Tentou imaginar o que isso poderia significar, mas tudo em que conseguiu pensar foi na vaga imagem de alguém em pé junto a uma cova aberta, lendo algum trecho da Bíblia. Podia visualizar o montinho de terra ao lado do buraco, o pinho recém-cortado do caixão secretando pequenas gotas de seiva cor de âmbar. Mas é claro que não tinham nada disso, nem Bíblia, nem cova, nem caixão. Tudo que tinham era o corpo de Amy e um saco de dormir com cheiro de mofo, então Stacy permaneceu calada, observando, enquanto Jeff por fim se inclinava para a frente para fechar o zíper devagar.

Eric tornou a afundar o chapéu sobre a cabeça. Mathias sentou-se, fechou os olhos. Jeff desapareceu dentro da barraca. Stacy perguntou-se se ele estaria fugindo deles, se queria ficar sozinho para poder chorar, lamentar-se, ou bater com a cabeça no chão, mas então ele reapareceu quase no mesmo instante, trazendo um frasco de plástico. Agachou-se bem na frente dela, assustando-a; ela quase recuou, e só conseguiu se conter no último segundo.

- Você precisa passar isso no pé - disse ele.

Estendeu-lhe o frasco. Stacy apertou os olhos, esforçando-se para decifrar a etiqueta. Filtro solar. A camisa caqui de

Jeff estava suja de suor, e manchada em volta do colarinho. Ela pôde sentir seu cheiro, o fedor de seu suor, e aquilo aumentou seu enjoo; ela teve consciência da fruta mastigada em seu estômago, daquelas lascas de casca, do quanto sua estadia dentro de seu corpo era frágil, de como era fácil perdê-las. Desejou que Jeff fosse embora, desejou que ele tornasse a se levantar e saísse andando. Mas ele não se mexeu; simplesmente agachou-se ali e ficou olhando enquanto ela espremia apressadamente um pouco do filtro na palma da mão, e em seguida inclinava-se para a frente para espalhá-lo sobre o pé esquerdo, tomando cuidado para evitar as tiras de couro da sandália.

— Vai — disse Jeff. — Faz direito.

— Direito? — repetiu ela. Não fazia ideia do que ele estava falando; toda sua atenção estava concentrada no esforço para não vomitar. Caso vomitasse, a planta viria rastejando roubar-lhe aqueles pedaços de laranja, aqueles pedaços de casca, e ela sabia que não haveria nada para substituí-los. Jeff arrancou-lhe o frasco da mão.

— Tira a sandália.

Ela se descalçou desajeitadamente, e então ficou olhando enquanto ele massageava uma grande quantidade de filtro solar sobre sua pele.

— Você está bravo comigo? — perguntou ela.

— Bravo? — Ele não estava olhando para ela, somente para seus pés, e aquilo assustou Stacy, dando-lhe a sensação de que ela não estava realmente presente. Desejou que ele olhasse para ela.

— Por causa de, você sabe... — Ela acenou em direção ao saco de dormir. - Por ter te impedido.

Jeff não respondeu imediatamente. Começou a lambuzar o pé direito dela, e uma gota de suor pingou do nariz dele sobre sua pele, fazendo-a estremecer. A respiração de Pablo estava piorando de novo, e aquele som rascante profundo, agudo, ia voltando. Era o único barulho na clareira, e não

era preciso se esforçar para escutá-lo. Ela pôde sentir Jeff escolhendo as próprias palavras.

— Eu só quero salvar a gente — disse ele. — Só isso. Não deixar a gente morrer aqui. E a comida... — Ele se calou e deu de ombros. — No final vai ser tudo uma questão de comida. Não vejo como evitar isso.

Ele tampou o frasco e jogou-o para o lado, gesticulando para que ela tornasse a calçar as sandálias. Stacy olhou para os próprios pés. O sol já os havia pintado de um rosa vivo. Vai doer no banho, pensou ela, e por um instante precisou conter as lágrimas devido à certeza abrupta de que não haveria banho, nem para ela, nem para nenhum deles, porque não era somente Amy; ninguém ali voltaria para casa.

— E você? — perguntou Jeff. - Eu?

— Você está brava?

Um zumbido havia começado a soar dentro da cabeça de Stacy: fome, cansaço ou medo. Ela não teria sido capaz de dizer o que era, sabia apenas que qualquer das três explicações serviria. Estava exausta demais para que qualquer coisa vigorosa como a raiva pudesse ter algum poder sobre ela; estava ali havia tempo demais, e havia passado por coisas demais. Ela fez que não com a cabeça.

— Que bom — disse Jeff. E então, como se estivesse anunciando um prêmio que ela houvesse ganho por escolher a resposta certa, acrescentou: — Por que você não fica com o primeiro turno lá no sopé do morro?

Stacy não queria fazer aquilo. No entanto, ao mesmo tempo em que continuava sentada ali, buscando um motivo para recusar, percebeu que não tinha escolha. Amy estava morta, e parecia que isso deveria mudar tudo. Mas o mundo seguia seu curso, e Jeff o acompanhava, preocupado com filtro solar, com os gregos, planejando, sempre a planejar; porque era isso que significava estar vivo.

Será que eu estou viva? perguntou-se Stacy.

Jeff pegou a água e estendeu-a para ela.

— Primeiro se hidrata.

Ela pegou a jarra da mão dele, destampou-a, bebeu. Aquilo aliviou-lhe suficientemente o enjoo para que conseguisse ficar em pé. Jeff estendeu-lhe o guarda-sol.

— Três horas — disse ele. — Tá? Depois o Mathias vai substituir você. Stacy assentiu, e então eleja estava lhe virando as costas, passando à tarefa

seguinte. Não havia mais nada que ela pudesse fazer a não ser ir embora. Então foi o que ela fez, com o filtro solar fazendo seus pés escorregarem dentro das sandálias, e aquele zumbido subindo e descendo dentro de sua cabeça. Eu estou bem, disse para si mesma. Eu posso fazer isso. Eu estou viva. E continuou a repetir as mesmas palavras, como um mantra, enquanto descia a trilha devagar. Eu estou viva. Eu estou viva. Eu estou viva...

Eric estava deitado de costas no centro da clareira. Podia sentir o sol sobre seu corpo, seu rosto, seus braços, suas pernas, quente o bastante para provocar um início de dor. Mas havia prazer naquilo também: prazer não apesar da dor, mas sim por causa dela. Ele estava deixando o sol queimá-lo, e o que poderia haver de tão terrível naquilo? Era normal; podia acontecer com qualquer pessoa: ficar deitado à beira de uma piscina, cochilar na praia; e Eric encontrou naquilo uma boa dose de reconforto. Sim, ele queria que o sol o queimasse, queria ser acometido por aquele desconforto mundano, acreditando que ele pudesse, de alguma forma, ocultar as agitações muito mais extraordinárias de seu corpo, a sensação de que seus ferimentos se abririam caso ele fizesse um movimento mais brusco, a desconfiança... não, a certeza de que a planta ainda estava à espreita dentro de seu corpo, costurada bem lá dentro pelos pontos de Jeff, enterrada, mas não morta, apenas adormecida, como uma semente, aguardando o momento certo. De olhos fechados, com a mente concentrada na superfície do próprio corpo, em sua pele retesada e ardente, Eric havia encontrado por acaso um

refúgio temporário, cuja fugacidade o tornava ainda mais atraente. Mas ele sabia que não poderia levar aquilo longe demais. Havia um elemento de equilíbrio naquele processo, um ponto sem volta que ele precisava evitar. Estava exausto; não parava de resistir ao impulso de bocejar, e tinha certeza de que, caso relaxasse um pouquinho que fosse, adormeceria. E o sono era seu inimigo ali; era durante o sono que a planta vinha atacá-lo.

Forçou os olhos a se abrirem, apoiou-se no cotovelo. Jeff e Mathias cuidavam dos cotos de Pablo. Usaram a água da jarra para molhar o tecido queimado; em seguida, Jeff passou a linha pela agulha e esterilizou-a com um fósforo. Pablo ainda tinha meia dúzia de vasos sanguíneos que secretavam pequeninos filetes vermelhos. Jeff agora estava curvado para costurá-los. Eric não suportou assistir àquilo. O simples cheiro do fósforo foi demais para ele, pois trouxe de volta o horror da véspera: quando Jeff havia pressionado aquela panela em brasa sobre a carne do grego, fazendo o cheiro de comida se espalhar pelo morro.

Ele sabia que deveria entrar na barraca; deveria sair do sol. Porém, no mesmo instante em que pensava isso, já estava fechando os olhos. Ouviu a própria voz dentro de sua cabeça: Eu vou ficar bem. O Jeff está logo ali. Ele vai cuidar de mim. Ele vai me proteger. As palavras simplesmente vieram; Eric não teve consciência de formá-las. Era como se estivesse escutando alguma outra pessoa falar.

Pôde sentir-se adormecendo, e não lutou contra o sono.

Ao despertar, percebeu que o dia havia avançado, avançado muito. O sol já começava sua longa descida rumo à noite. Havia nuvens, também. Elas cobriam mais da metade do céu, e avançavam visivelmente rumo ao oeste.

Evidentemente, aquilo não era o costumeiro temporal vespertino que Eric e os outros haviam visto até ali, com seu surgimento abrupto e sua dispersão igualmente rápida. Não, aquilo parecia algum tipo de tempestade se formando acima deles. Por ora, o sol ainda estava visível, mas Eric

podia ver que não ficaria assim por muito mais tempo. Poderia ter sentido isso mesmo sem olhar para cima: a luz trazia consigo uma sensação de chuva iminente.

Ele virou a cabeça e olhou para a clareira, ainda tonto de sono. Stacy havia voltado do sopé do morro; estava sentada ao lado de Pablo, segurando sua mão. O grego parecia ter perdido a consciência de novo. Sua respiração continuava a piorar. Eric ficou ali deitado a escutá-la: a inspiração aguada, a expiração chiada, aquela pausa assustadora e comprida demais entre as respirações. O cadáver de Amy jazia no chão à sua esquerda, enrolado em seu saco de dormir azul escuro. Jeff estava do outro lado da clareira, curvado sobre alguma coisa, obviamente concentrado. Eric levou alguns instantes para perceber de que se tratava. Jeff havia costurado uma enorme bolsa em forma de balde, usando as tiras de nylon azul, para recolher a chuva que estava chegando. Agora usava pedaços das barras de alumínio para construir um suporte para a bolsa, unindo-os com silver tape, para impedir as laterais da bolsa de desmoronarem quando esta começasse a se encher.

Não havia sinal de Mathias. Ele estava vigiando a trilha, supôs Eric.

Sentou-se. Sentia o corpo rígido, esvaziado, estranhamente frio. Estava se curvando para examinar seus ferimentos, apalpando a pele ao seu redor à procura de sinais de que a planta estava crescendo dentro dele, calombos, inflamações, inchaços, quando Jeff se levantou, passou por ele sem dizer uma palavra, e desapareceu dentro da barraca.

Por que eu estou com tanto frio?

Eric via que não era porque a temperatura havia caído. Podia ver as rodela úmidas de suor na camisa de Stacy; podia até ele próprio sentir o calor, mas de forma estranhamente distanciada, como se estivesse em um cómodo com ar-condicionado, olhando por uma janela para uma paisagem castigada pelo sol. Não, não era isso; era

como se o seu corpo fosse o cómodo com ar-condicionado, como se a sua pele fosse a vidraça, quente na superfície, fria por baixo. Devia ser um efeito da fome, pensou, ou de seu cansaço ou perda de sangue, ou até mesmo da planta dentro dele, sugando qual um parasita o calor de seu corpo. Não havia como saber ao certo. Tudo que sabia era que aquilo era um mau sinal. Sentiu vontade de tornar a se deitar, e o teria feito caso Jeff não houvesse reaparecido nessa hora, trazendo as duas bananas.

Eric viu-o pegar a faca do chão, esfregá-la na camisa em um esforço sem convicção para limpar a lâmina, e em seguida agachar-se e cortar cada uma das bananas ao meio, ainda com casca. Acenou para Eric e Stacy se aproximarem.

— Escolhe — falou.

Stacy inclinou-se para a frente para descansar a mão de Pablo delicadamente sobre seu peito, e em seguida veio postar-se curvada ao lado de Jeff, olhando para a comida oferecida. As cascas das bananas agora estavam quase inteiramente pretas. Pelo simples fato de olhar para elas, Eric pôde ver o quanto deveriam estar moles. Stacy escolheu um dos pedaços, aninhando-o na palma da mão.

— E pra comer a casca? — perguntou. Jeff deu de ombros.

— Deve ser difícil de mastigar. Mas você pode tentar. — Ele se virou para Eric, que não havia feito nenhum movimento.

— Escolhe uma — disse.

— E o Mathias? — perguntou Eric.

— Eu vou trocar de turno com ele agora. Eu levo pra ele.

Eric continuava com a sensação de que estava prestes a estremecer. Não achava que conseguiria ficar em pé. Não eram apenas os ferimentos, que pareciam tão vulneráveis, tão fáceis de reabrir; ele estava com medo de que suas pernas não o sustentassem. Estendeu a mão.

-Joga aqui.

— Qual?

— Essa. — Apontou para o pedaço mais perto de si. Jeff atirou-o com um movimento de baixo para cima; ele

aterrissou no colo de Eric.

Comeram em silêncio. A banana estava muito passada: pelo gosto, parecia que já havia começado a fermentar, formando uma massa doce e azeda que, mesmo com toda sua fome, Eric achou difícil de tragar. Comeu depressa, primeiro a fruta, depois a casca. Era impossível mastigar a casca mais do que parcialmente; era fibrosa demais. Eric mastigou, mastigou, até seu maxilar começar a doer, e em seguida forçou-se a engolir aquela massa dura. Jeff já havia terminado, mas Stacy estava consumindo devagar a sua porção, ainda mordiscando um pedacinho de fruta, com a casca separada em cima do joelho.

Jeff ergueu os olhos e examinou as nuvens que escureciam acima deles, e o sol em seu quadrante azul cada vez mais reduzido.

— Eu trouxe sabonete pra vocês, se começar a chover enquanto eu ainda estiver lá embaixo. — Gesticulou na direção da bolsa azul. No chão ao seu lado havia um sabonete. A caixa de ferramentas de plástico também estava ali; Jeff havia usado o silver tape para vedar a rachadura no fundo. — Vão tomar um banho, depois vão pra dentro da... — Ele parou no meio da frase e virou-se na direção da barraca com uma expressão de surpresa.

Eric e Stacy seguiram seu olhar. Ouviu-se um farfalhar: o saco de dormir estava se mexendo. Não: Amy estava se mexendo, chutando o saco, debatendo-se, lutando para se levantar. Por um instante, ficaram simplesmente olhando, incapazes de acreditar no que estavam vendo. Então precipitaram-se para lá, todos os três, até mesmo Eric, esquecendo seus ferimentos, sua fraqueza e seu cansaço, deixando tudo de lado, momentaneamente dominado pelo choque, pela surpresa, pela esperança. Parte dele já sabia o que iriam encontrar na mesma hora em que viu Jeff e Stacy se curvarem por cima do saco, mas ele resistiu àquela informação, esperou o barulho do zíper, esperou que Amy

se levantasse com dificuldade em sua direção, ofegante e atônita. Um erro, foi tudo um erro.

Pôde ouvir a voz de Amy chamando de dentro do saco. Abafada, cheia de pânico:

-Jeff... Jeff...

- A gente está aqui, querida - gritou Stacy. - A gente está bem aqui.

Ela tateava em busca do zíper. Jeff achou-o primeiro, puxou-o com violência, e de dentro do saco emergiu um imenso emaranhado de plantas que cascateou pelo chão. Suas flores tinham um cor-de-rosa pálido. Eric viu-as se abrir e se fechar, ainda chamando Jeff... Jeff... Jeff... O espesso tufo de brotos contorcia-se em espasmos, enroscando-se e desenroscando-se. Entrelaçados a ele estavam os ossos de Amy, já inteiramente limpos de carne. Eric viu seu crânio, sua pélvis, o que imaginou ser um fêmur, tudo embolado em uma só confusão; então Stacy começou a gritar, recuando, sacudindo a cabeça. Ele deu um passo em sua direção, e ela se agarrou a ele, com força suficiente para fazê-lo tornar a se lembrar de seus ferimentos, de como seria fácil recomeçarem a sangrar.

A planta parou de chamar o nome de Jeff. Houve então algo como três segundos de silêncio, e ela então começou a rir: uma risadinha baixa, zombeteira.

Jeff estava em pé junto ao saco de dormir, com os olhos pregados nele. Stacy pressionava o rosto no peito de Eric. Estava chorando agora.

— Shh - disse Eric. - Shh - afagou os cabelos dela, sentindo-se estranhamente distante. Pensou em como as pessoas às vezes descreviam acidentes que sofreram, aquela sensação de estar flutuando acima dos acontecimentos que tantas vezes parecia acompanhar as tragédias, e esforçou-se para achar o caminho de volta para si mesmo. Os cabelos de Stacy estavam engordurados sob seus dedos; ele tentou se concentrar naquilo, esperando que a sensação o trouxesse de volta, mas, ao mesmo tempo em que fazia isso, seus

olhos se desviaram novamente para o saco de dormir, para o tufo de plantas ainda a contorcer-se, a rir, e para os ossos embolados dentro dele.

Amy.

Stacy agora soluçava incontrolavelmente, abraçando-o apertado. Suas unhas se enterravam em suas costas.

— Shh — repetia ele. — Shh. Jeff não havia se mexido. Eric pôde senti-la dentro de seu peito, a planta; pôde senti-la penetrar

mais fundo, mas até isso pareceu-lhe estranhamente distante, como se não fosse de forma alguma problema seu. Era o choque, concluiu; ele devia estar em choque. E talvez isso fosse bom, também; talvez fosse a sua psique tentando protegê-lo, parando de funcionar quando sabia que as coisas haviam ido longe demais.

— Eu quero ir pra casa — gemeu Stacy. — Quero ir pra casa. Ele afagava-a, acariciava-a.

-Shh... Shh.

A planta havia devorado a carne de Amy em metade de um dia. Então, por que não faria algo parecido com ele? Tudo que precisava fazer era conseguir chegar até seu coração, imaginou, e depois... o quê? Iria apertá-lo devagar, fazê-lo parar de bater? Ao pensar isso, Eric adquiriu consciência de sua pulsação, do fato, ao mesmo tempo banal e profundo, de que ela algum dia iria parar, fosse ali ou em outro lugar, e de que, quando parasse, ele também iria parar. Aquelas batidas que ecoavam baixinho em sua cabeça: elas eram finitas, tinham um limite, e cada contração de seu coração o aproximava mais um pouco do fim. Ele estava pensando, irracionalmente, que, se conseguisse diminuir o ritmo de sua pulsação, talvez pudesse conseguir viver por mais tempo, aumentar o número de batidas a que tinha direito: acrescentar um dia, talvez dois, ou mesmo uma semana; estava se debatendo com a falta de lógica dessa ideia quando a planta se calou. Por um instante, ouviu-se na clareira apenas o som rascante da respiração de Pablo, que

parava e recomeçava, parava e recomeçava. Então, baixinho no início, mas em volume cada vez mais alto, começou a se ouvir o barulho de alguém engasgando. Era Amy, Eric sabia. Ela estava vomitando.

Jeff virou as costas para o saco, para o emaranhado de plantas, para os ossos soltos. Havia em seu rosto uma imobilidade contraída. Eric pôde ver o quanto ele se esforçava para não chorar. Quis dizer alguma coisa, quis reconfortá-lo, mas Jeff se movia depressa demais, e a mente de Eric não foi ágil o suficiente; ele não conseguiu encontrar as palavras certas. Viu Jeff se abaixar para pegar o último pedaço de fruta, e em seguida tornar a se levantar e tomar o rumo da trilha. Ele estava saindo da clareira quando a voz de Amy surgiu, muito débil, em meio aos engasgos: Me ajuda.

Jeff parou e tornou a se virar para Eric.

Me ajuda, Jeff.

Jeff sacudiu a cabeça. Pareceu repentinamente impotente, surpreendentemente jovem, um menino lutando contra as lágrimas.

— Eu não sabia — falou. — Eu juro. Estava escuro demais. Não dava pra ver a Amy. - Ele não esperou pela resposta de Eric; deu meia-volta e saiu andando depressa.

Eric ficou ali parado, olhando para o ponto onde ele sumira, com Stacy ainda a apertar seu corpo com força, aos prantos, enquanto a voz de Amy ia ficando cada vez mais débil, perseguindo Jeff trilha abaixo.

Me ajuda, Jeff... Me ajuda... Me ajuda...

Jeff não havia andado mais de trinta metros quando a planta se calou. Teria pensado que encontraria algum alívio nesse fato, mas isso não aconteceu. O silêncio foi ainda pior, o modo como a voz parou tão abruptamente, a inexplicável sensação de solidão que surgiu em seu rastro. Era o barulho de Amy morrendo, é claro, era isso que Jeff estava escutando: sua voz interrompida no meio de um grito. Sentiu as lágrimas chegando e soube que desta vez eram

fortes demais para ele, que não tinha outra escolha que não se submeter. Agachou-se no centro da trilha, passou os braços em volta dos joelhos e enterrou o rosto entre eles.

Era absurdo, mas não queria que a planta soubesse que ele estava chorando. Teve o instinto de se proteger, como se temesse que a planta fosse derivar algum prazer de seu sofrimento. Chorou, mas não soluçou, limitando-se a arquejos furtivos. Manteve a cabeça baixa o tempo todo. Quando finalmente conseguiu se acalmar, tornou a se levantar, usando a manga da camisa para limpar as lágrimas e o muco. Suas pernas estavam trêmulas, seu peito estranhamente oco, mas ele podia sentir que o desabafo o havia deixado mais forte, e mais calmo também. Ainda abalado pela dor... Como não poderia estar? Ainda cheio de culpa e perdido, mas mesmo assim mais firme.

Recomeçou a descer o morro.

Acima dele, a oeste, as nuvens continuavam a se reunir, escurecendo como um mau presságio. Estava vindo uma tempestade: uma tempestade grande, parecia. Jeff avaliou que tivessem mais uma hora, talvez duas, antes de ela desabar. Precisariam se amontoar todos juntos dentro da barraca, imaginou, e isso o deixou nervoso, a ideia dos quatro dentro daquele espaço confinado, do tempo a passar lentamente. Havia também o problema de Pablo. Não poderiam simplesmente deixá-lo na chuva, não é? Jeff procurou em vão uma solução para o seu dilema; imaginou a maca arrastada até lá dentro com eles, o vento castigando as divisórias de nylon, a água pingando do tecido do teto, enquanto aquele fedor terrível emanava do corpo do grego, e percebeu imediatamente que não seria possível. No entanto, nenhuma outra solução lhe ocorreu. Talvez não chova, pensou ele, sabendo no mesmo instante em que pensava isso que estava agindo como uma criança, do mesmo jeito que todos os outros, esperando passivamente que o que quer que ele considerasse horrível demais para conceber pudesse simplesmente sumir, se ao

menos ele conseguisse manter os olhos afastados durante um tempo suficiente.

Mathias estava sentado de pernas cruzadas no sopé do morro, de frente para a linha das árvores. Não ouviu Jeff se aproximar ou, se ouviu, não se deu ao trabalho de se virar. Jeff sentou-se ao lado dele, estendeu-lhe a metade da banana.

- Almoço - falou.

Mathias pegou a fruta sem dizer uma palavra. Jeff viu-o começar a comer. Era sexta-feira; o dia em que Mathias e Henrich deveriam ter pego o avião de volta para a Alemanha. Jeff e os outros teriam lhes dado seus endereços de e-mail, seus telefones; todos teriam feito promessas vagas, porém sinceras, de visitas. Teria havido abraços no saguão do hotel; Amy teria batido uma foto deles. Então os quatro teriam acorrido juntos à grande janela e teriam acenado enquanto a van se afastava, levando os dois irmãos em direção ao aeroporto.

Jeff tornou a enxugar o rosto na manga, preocupado que ainda houvesse nele algum vestígio de seu pranto, rastros de lágrimas em suas faces sujas de terra. Parecia claro que Mathias não tinha escutado a planta, e Jeff ficou surpreso com o intenso alívio que isso lhe proporcionou. Percebeu que não queria que o alemão soubesse, que tinha medo de seu julgamento.

Ela me chamou. Ela chamou o meu nome.

Os maias estavam erguendo uma lona impermeável bem junto à linha das árvores; era para lhes dar algum abrigo quando chegasse a tempestade, imaginou Jeff. Eram quatro ocupados com aquilo, três homens e uma mulher. Os outros homens estavam sentados junto à fogueira quase apagada, de frente para Jeff e Mathias, com os arcos no colo. Um deles não parava de assoar o nariz em uma bandana de aparência imunda, e em seguida erguia o pano para verificar o que havia expelido. Jeff inclinou-se para a frente, olhou para a esquerda e para a direita pelo corredor de

terreno vazio, mas não viu nenhum sinal de seu líder, o careca com a pistola no cinto. Provavelmente estavam trabalhando em turnos, imaginou, e alguns vigiavam o morro enquanto os outros ficavam na aldeia, cuidando da plantação.

— Seria mais lógico se eles matassem a gente de uma vez — disse Jeff. Mathias parou de comer um instante e olhou para ele.

— Ficar sentado aqui assim demanda tanto esforço. Por que eles não matam a gente logo no começo e acabam com isso?

- Talvez eles achem que seria pecado - disse Mathias.

— Mas eles estão nos matando obrigando a gente a ficar aqui, não estão? E, se a gente tentasse ir embora, eles não hesitariam em atirar.

— Mas isso é legítima defesa, né? Do ponto de vista deles? Não é assassinato.

Assassinato, pensou Jeff. Era isso que estava acontecendo ali? Será que Amy fora assassinada? Caso sim, por quem? Pelos maias? Pela planta? Por ele próprio?

- Há quanto tempo você acha que isso está acontecendo?

- Isso?

Jeff acenou para o espaço à sua volta, para a clareira aberta.

- A planta. De onde você acha que ela veio?

Mathias começou a comer a casca da banana, franzindo o cenho de leve pensativo. Jeff esperou enquanto ele mastigava. Uma trinca de grandes pássaros pretos se movia nas árvores acima do abrigo dos maias. Corvos, chutou Jeff. Aves de rapina, atraídas pelo cheiro de Pablo ou de Amy, mas espertas demais para chegar mais perto. Mathias engoliu, limpou a boca com a mão.

- Da mina, acho - disse ele. - Não acha? Alguém deve ter desenterrado ela.

- Mas como é que eles conseguiram conter a planta? Como é que tiveram tempo de isolar o morro? Porque eles devem

ter tido de derrubar toda essa mata, e salgar a terra. Pensa em quanto tempo isso deve ter levado - ele sacudiu a cabeça; não parecia possível.

- Talvez você esteja errado em relação a eles - disse Mathias. - Talvez não seja uma questão de isolar a planta. Talvez eles saibam matar a planta, mas tenham resolvido não fazer isso.

- Por quê?

- Porque ela simplesmente iria continuar voltando. E esse é um jeito de segurar, de confinar a planta. Uma espécie de trégua que eles inventaram.

- Mas, se o problema não é isolar a planta, por que é que eles não deixam a gente ir embora?

- Talvez seja um tabu lá deles, transmitido de geração em geração, uma forma de garantir que a planta nunca vá ultrapassar os limites. Se você pisar nela, nunca mais pode voltar. Daí, quando os forasteiros começaram a chegar, eles simplesmente aplicaram o tabu a eles também - Mathias pensou naquilo por um instante, olhando para os maias ao longe. - Ou pode também ser religioso, né? Eles consideram o morro sagrado. E, se você pisar nele, não pode mais sair. Talvez a gente seja algum tipo de sacrifício.

- Mas se...

- Isso é a gente especulando, Jeff — disse Mathias, soando cansado, um pouco impaciente. - Papo, só isso. Não vale nem a pena discutir.

Passaram algum tempo sentados juntos, vendo os corvos voarem de galho em galho. O vento estava ficando mais forte, a tempestade era iminente. Os maias levavam seus pertences de volta para junto da linha das árvores, para debaixo do abrigo. Mathias tinha razão, é claro. Era inútil teorizar. A planta estava ali, eles também, enquanto os maias estavam do outro lado. E, depois dos maias, muito além de seu alcance, estava o resto do mundo. Era só isso que importava.

- E os arqueólogos? - perguntou Jeff.

— O que é que têm os arqueólogos?

— Toda aquela gente. Por que ninguém veio procurar por eles?

— Talvez ainda seja cedo demais. A gente não sabe há quanto tempo eles sumiram. Se eles fossem passar o verão inteiro aqui, por exemplo, será que alguém já estaria preocupado?

— Mas você acha que alguém vai vir? Algum dia, se a gente conseguir aguentar tempo suficiente?

Mathias deu de ombros.

— Quantos daqueles montinhos você acha que tem aqui? Trinta? Quarenta? Já morreu gente demais aqui pra gente simplesmente sumir. Mais cedo ou mais tarde, alguém vai encontrar esse lugar. Não sei quando. Mas mais cedo ou mais tarde.

— E você acha que a gente consegue durar tanto tempo assim? Mathias limpou as mãos na calça jeans e baixou os olhos para elas. As

palmas estavam queimadas, vermelho-vivo, por causa do visgo da planta; os dedos estavam rachados e sangrando. Ele fez que não com a cabeça.

— Sem comida, não.

Por reflexo, Jeff começou a listar os alimentos que lhes restavam. Os salgadinhos, as nozes. As duas barras de proteínas, as passas, o punhado de biscoitos salgados. Uma lata de Coca-Cola, duas garrafinhas de iced tea. Tudo aquilo dividido entre quatro pessoas... cinco, caso Pablo algum dia se recuperasse o suficiente para comer; e tinha de durar... quanto tempo? Seis semanas?

Um dos corvos pousou na clareira e, hesitante, começou a andar em direção aos dois homens sentados junto à fogueira. O homem da bandana estalou o pano na direção do pássaro, e o corvo tornou a voar para cima das árvores, crocitando. Jeff acompanhou-o com o olhar.

— Quem sabe a gente consegue matar uma dessas aves? — perguntou ele. — A gente podia pegar uma estaca da

barraca, amarrar a faca nela, e depois usar um pedaço da corda do buraco, amarrar ela na outra ponta da estaca, feito um arpão. Daí a gente podia atirar ela nas árvores, e puxar de volta. Daí seria só arrumar um jeito de curvar a faca, pra...

— Eles não vão deixar a gente chegar perto o suficiente.

Era verdade, é claro; Jeff percebeu isso imediatamente, mas/sentiu um leve estremecimento de raiva, como se Mathias o estivesse contrariando de propósito.

— E se a gente tentasse limpar o morro? Se começasse simplesmente a cortar a planta. A arrancar. Se todo mundo...

— A planta está por toda parte, Jeff. E ela cresce muito rápido. Como é que a gente iria poder...

— Eu só estou tentando achar um jeito de resolver isso - disse Jeff. Pôde perceber como as suas palavras eram tolas, e isso o fez sentir desgosto por si mesmo.

Mathias, porém, não pareceu perceber.

— Talvez não haja jeito nenhum - disse ele. - Talvez a gente só possa esperar, torcer e aguentar durante o máximo de tempo que conseguir. A comida vai acabar. Os nossos corpos vão falhar. E a planta vai fazer o que tiver que fazer. Jeff ficou alguns instantes sentado, examinando o rosto de Mathias. Assim como os outros, era chocante o quanto ele estava enfraquecido. A pele de seu nariz e de sua testa estava começando a descascar; uma substância pastosa e borrachuda prendia-se aos cantos de sua boca. Seus olhos estavam obscurecidos. Porém, por baixo dessa deterioração, parecia haver alguma última reserva de força que aparentemente ninguém mais possuía, incluindo Jeff. Mathias parecia mais calmo do que os outros, estranhamente controlado, e Jeff deu-se conta subitamente de como, de fato, sabia muito pouca coisa sobre o alemão. Ele havia crescido em Munique; fizera sua tatuagem durante seu curto serviço militar; estudava engenharia. E só. Mathias era geralmente muito calado, muito introspectivo;

era fácil convencer a si mesmo de que se sabia o que ele estava pensando. Mas agora, conversando com ele durante tanto tempo pela primeira vez, Jeff teve a sensação de que o alemão estava mudando diante dos seus olhos, a cada instante, revelando-se, e estava se mostrando muito mais decidido do que Jeff jamais teria suposto: mais firme, mais maduro. Ao seu lado, Jeff se sentia pequeno, um pouco infantil.

— Tem uma expressão em inglês, não tem? Uma galinha de cabeça cortada? — Mathias usou dois dedos para fazer o gesto de alguém correndo em círculos.

Jeff assentiu.

— Todo mundo está ficando mais fraco, e isso só vai fazer piorar. Então, não gasta o seu tempo com o que não for essencial. Não anda quando puder sentar. E não senta quando puder deitar. Entendeu?

O menino maia havia tornado a aparecer enquanto eles conversavam, o menor. Estava sentado ao lado da fogueira agora, praticando seus malabarismos. Os maias riam de suas tentativas, oferecendo o que pareciam conselhos e comentários.

Mathias meneou a cabeça em sua direção.

— O que é que o seu guia dizia sobre essa gente?

Jeff visualizou as páginas brilhantes; quase pôde sentir seu cheiro, sentir sua textura fria, lisa. O livro estava repleto de informações sobre o passado dos maias: suas pirâmides, suas estradas, seus calendários astrológicos; mas era aparentemente indiferente em relação a seu presente.

— Não dizia muita coisa — respondeu. — Tinha um mito deles, um mito da criação. E só disso que eu me lembro.

— Da criação do mundo? Jeff fez que não com a cabeça.

— Não, das pessoas.

— Me conta.

Jeff passou alguns instantes se lembrando, tornando a pôr a história em ordem.

— Houve algumas tentativas fracassadas. Primeiro, os deuses tentaram usar lama, e as pessoas que fabricaram com a lama falavam, mas o que elas diziam não fazia sentido: elas não conseguiam virar as cabeças, e a chuva fazia elas se dissolverem. Então os deuses tentaram usar madeira. Mas as pessoas de madeira eram más... as mentes delas eram vazias; elas ignoravam os deuses. Então o mundo inteiro atacou elas. Atiraram em seus rostos as pedras de suas fogueiras, bateram nelas com suas panelas, golpearam elas com suas facas. Algumas das pessoas de madeira fugiram para as árvores e viraram macacos, mas as outras foram todas mortas.

— E depois?

— Depois os deuses usaram milho... milho branco e amarelo. E água. E com isso fizeram quatro homens que eram perfeitos. Perfeitos demais, na verdade, porque os deuses se assustaram. Ficaram preocupados de aquelas criaturas saberem coisas demais, de não precisarem de deuses, então sopraram em cima delas e obscureceram suas mentes. E essas coisas de milho e água, com pensamentos confusos... esses foram os primeiros homens. Um trovão rugiu, parecendo surpreendentemente próximo. Tanto Jeff quanto Mathias olharam para o céu. As nuvens estavam prestes a obscurecer o sol; isso agora iria acontecer a qualquer momento.

— A gente não viu nenhum macaco - disse Mathias. - Quando passou pela mata. — Aquilo pareceu entristecê-lo.

— Eu teria gostado disso, você não? De ter visto uns macacos?

Houve nessa frase uma impressão de tamanha resignação, de lembrar-se de algo agora para sempre inatingível, que Jeff ficou nervoso. Ele falou sem pensar, espantando a si mesmo.

— Eu não quero morrer aqui. Mathias deu-lhe um meio sorriso.

— Eu não quero morrer em lugar algum.

Um dos maias perto da fogueira começou a aplaudir. O menino fazia malabarismos com as pedras, e estas formavam arcos fluidos acima de sua cabeça, e em seu rosto havia um ar de espanto, como se ele não tivesse muita certeza de como estava conseguindo realizar aquela proeza. Quando finalmente deixou cair uma das pedras, os homens deram vivas, aplicando-lhe tapinhas nas costas. O menino sorriu, mostrando os dentes.

— Mas eu acho que mesmo assim eu vou morrer, né? — indagou Mathias. Havia uma pergunta na mente de Jeff, uma única palavra: aqui? Mas ele não a pronunciou. Sabia que estava com medo do que Mathias pudesse responder, com medo da possível indiferença do alemão em relação a essa probabilidade, de seu dar de ombros impassível. Pablo seria o primeiro a morrer, imaginou Jeff. Depois Eric. Stacy provavelmente iria em seguida, mas talvez não; provavelmente era difícil prever essas coisas. No final, porém, se Mathias estivesse certo, eles todos seriam reduzidos a montinhos cobertos de plantas. Jeff tentou imaginar o que restaria de si próprio: o fecho eclair e as tachinhas da calça jeans, as solas de borracha dos tênis, o relógio de pulso. E também aquela camisa que ele havia roubado de uma das mochilas, aquela camisa de falso algodão que ele imaginava ser algum tipo de poliéster: ela ficaria cobrindo sua caixa torácica vazia. Por algum motivo, essa última imagem foi o detalhe mais perturbador de todos, a ideia de morrer ali com as roupas de um desconhecido, para que, quando alguém finalmente os encontrasse, e Mathias dizia que isso teria de acontecer, mais cedo ou mais tarde, pensasse que a camisa havia sido sua.

— Você é cristão? - perguntou.

A pergunta pareceu divertir Mathias. Ele exibiu aquele mesmo meio sorriso.

— Fui batizado como cristão.

— Mas você acredita?

O alemão sacudiu a cabeça sem hesitação, negando.

— Então, pra você, o que quer dizer morrer?

- Nada. O fim - Mathias inclinou a cabeça e olhou para Jeff. - E pra você?

- Sei lá - disse Jeff. - Parece estúpido, mas eu na verdade nunca pensei nesse assunto. Não pra valer.

Era verdade. Jeff fora educado em uma família de episcopalianos, mas de maneira distraída; aquele havia sido simplesmente mais um dever de sua infância, igual a cortar a grama, ou ter aulas de piano. Depois de ir para a universidade, havia parado de frequentar a missa. Era jovem, saudável, tinha uma vida protegida; a morte não ocupava espaço em seus pensamentos.

Mathias deu uma risadinha e sacudiu a cabeça.

- Coitado do Jeff.

- Como assim?

- Sempre tão ansioso para estar preparado. — Ele estendeu a mão e deu um tapinha no joelho de Jeff. - O que tiver que acontecer vai acontecer, né? Nada, alguma coisa... o fato de a gente acreditar nisso ou naquilo não vai fazer diferença nenhuma no final.

Ao dizer isso, Mathias pôs-se de pé, esticando os braços acima da cabeça. Jeff percebeu que ele estava se preparando para ir embora, e aquela perspectiva provocou-lhe um arrepio de pânico. Teria sido incapaz de explicar por que exatamente, mas estava com medo de ficar sozinho ali. Era uma premonição, é claro, embora Jeff jamais pudesse ter acreditado nessa possibilidade. Por algum motivo, o que lhe veio à mente foi a lembrança de arrancar a planta da boca de Amy, de sua umidade escorregadia, do cheiro de bile e de tequila, do modo como os brotos haviam se agarrado ao rosto dela, resistindo a ele, ondeando e se enroscando enquanto ele os arrancava. Ele estremeceu.

- Em que tipo de lugar você mora? — perguntou ele. Mathias baixou os olhos para ele, sem entender.

- Na Alemanha - explicou Jeff. - Mora em uma casa? Mathias fez que não com a cabeça.

- Em um apartamento.

- Como ele é?

- Nada de especial. Pequeno. Tem um quarto, uma sala, uma cozinha... fica no segundo andar, com vista pra rua. No térreo tem uma padaria. No verão, os fornos deixam tudo quente demais.

- Você sente o cheiro do pão?

— Claro. Acordo todo dia com esse cheiro. — Parecia que aquilo era tudo que ele iria dizer, mas então ele prosseguiu.

— Eu tenho um gato. O nome dele é Katschen; quer dizer gatinho. A filha do padeiro está cuidando dele enquanto estou fora. Dando comida, limpando a caixa de areia. E regando as minhas plantas. No meu quarto tem um janelão... como se diz em inglês? Uma sacada?

Jeff aquiesceu.

— Cheia de plantas. Eu acho isso engraçado. Toda noite, eu vou dormir em um quarto cheio de plantas. Acho que elas me acalmam. — Ele riu disso; Jeff também riu. E então as nuvens encobriram o sol. O vento ganhou força, e ambos ergueram as mãos, segurando os chapéus na cabeça. Quando a rajada passou, Mathias disse:

— Acho que eu vou indo agora. Jeff assentiu, e foi só; não havia mais nada a dizer. Viu Mathias começar a subir a trilha.

Um cheiro de comida pairava no ar. No início, Jeff pensou que devia ser a planta de novo, bolando algum novo tormento para ele. Porém, quando se virou novamente na direção da clareira, viu que a mulher maia havia colocado a panela grande sobre seu tripé acima do fogo; estava mexendo alguma coisa lá dentro. Cabrito, pensou Jeff, farejando o ar. Estavam comendo mais cedo do que nas outras tardes, talvez na esperança de terminar a refeição antes de a tempestade chegar.

Por baixo do cheiro da comida e da fogueira, Jeff pôde sentir o cheiro de seu próprio corpo. Suor ranço, com alguma coisa pior discernível por baixo, um vestígio do fedor de Pablo ainda preso a ele, a urina e as fezes, a carne apodrecida. Jeff pensou naquele sabonete na clareira, do lado de fora da barraca, preparado para a chegada da chuva. Tentou imaginar como seria fazer espuma, esfregar e enxaguar, mas não conseguiu forçar-se a acreditar que isso fosse ter algum impacto, não conseguia imaginar que algum dia seria capaz de limpar a própria sujeira. Porque aquilo não parecia apenas uma sensação física. Não, a putrefação parecia muito mais profunda, como se o seu mau cheiro não fosse apenas de suor, urina e fezes, mas também de fracasso. Ele na verdade havia pensado que conseguiria mantê-los vivos ali; acreditara que era mais esperto e mais disciplinado do que os outros, e que essas características, por si só, seriam capazes de salvá-los. Mas ele era um tolo; podia ver isso agora. Fora tolice cortar as pernas de Pablo. Tudo que conseguira fazer fora prolongar a agonia do grego. E fora tolice... pior do que tolice, muito pior... ficar ali sentado, de cara amarrada, enquanto, a cinco metros dele, Amy morria sufocada. Mesmo que, por algum milagre, ele conseguisse sair vivo daquele lugar, não conseguia imaginar como poderia sobreviver àquela lembrança.

O tempo estava passando. Os maias terminaram de comer; a mulher usou um punhado de folhas para limpar a panela. Os homens continuavam sentados, com os arcos no colo, olhando para Jeff. O menino havia parado de fazer malabarismos; havia recuado até a borda das árvores, e estava deitado debaixo da lona. Os corvos continuavam a voar de galho em galho, inquietos, crocitando um para o outro. O céu ia ficando cada vez mais escuro, e a lona plastificada emitia estalos distintos, como um tiro de espingarda.

E então, finalmente, bem na hora em que o dia se transformava em início de crepúsculo, a chuva chegou.

Stacy estava dentro da barraca com Eric.

Durante algum tempo, lá fora na clareira, havia perdido o controle diante daquele saco de dormir, enquanto a planta se contorcia a seus pés, rindo. Havia começado a chorar, agarrando Eric, e as lágrimas não paravam de rolar. Muito tempo depois de Jeff haver partido para o sopé do morro, depois de a planta ter se calado, mesmo depois de Mathias ter reaparecido, ela havia continuado a soluçar. Aquilo a havia assustado; começara a se perguntar se algum dia iria conseguir parar. Mas Eric não parava de abraçá-la, de afagá-la, dizendo: "Shh... shh", e, depois de algum tempo, por cansaço, quando não por qualquer outro motivo, ela havia sentido que começava a se acalmar.

— Preciso deitar — havia sussurrado.

Fora assim que eles haviam ido parar dentro da barraca de novo. Eric havia aberto o zíper para ela, e seguido-a até lá dentro. Quando ela desabara sobre o último saco de dormir, ele fizera o mesmo, aninhando-se atrás dela. Depois das lágrimas veio um peso, uma sensação de não ser capaz de continuar. Isto também vai passar, disse Stacy a si mesma, e tentou acreditar naquilo. Lembrou-se de estar sentada no sopé do morro naquela manhã, sozinha, de como as horas haviam parecido intermináveis, de como parecia impossível sobreviver. No entanto, ela havia conseguido: ficara ali sentada debaixo do sol, lutando para não pensar em Amy, lutando e fracassando, e um instante levava a outro até que, de repente, ela havia se virado e visto Mathias em pé ao seu lado, dizendo-lhe que estava na hora, que o seu turno havia terminado, que ela podia tornar a subir o morro.

Sua garganta doía de tanto chorar; seus olhos pareciam inchados. Ela estava muito cansada, desesperadamente cansada, mas a ideia de dormir enchia-lhe de medo. Podia sentir a respiração de Eric em sua nuca. Ele a abraçava e, no início, aquilo parecera agradável, tranquilizador, calmante; mas então, sem aviso, a sensação começou a mudar, e ela começou a sentir que ele a estava abraçando

um pouco apertado demais, tornando-a consciente de seu próprio coração, que ainda batia tão depressa em seu peito. Tentou se afastar, mas ele só fez puxá-la mais para perto.

- Estou com tanto frio - disse ele. - Você está com frio?

Stacy fez que não com a cabeça. O corpo dele não lhe parecia frio; estava quente na verdade, quase febril. Ela suava nos pontos onde os dois se tocavam.

- E estou cansado — disse ele. — Porra, estou tão cansado...

Stacy havia voltado do sopé do morro e encontrara-o deitado na clareira, de costas, com a boca aberta: dormindo. Jeff estava costurando sua bolsa; ele a havia chamado quando ela surgira na trilha, dizendo-lhe para beber um pouco d'água. Mesmo nessa hora, Eric não havia se mexido. Ele devia ter tirado um cochilo de duas horas, imaginou ela, talvez três, mas o seu cansaço não o havia abandonado. Ela podia ouvi-lo em sua voz, podia ouvir como ele estava próximo do sono e, por algum motivo, isso também a fez querer se afastar. Ela tornou a se mexer, dessa vez com mais decisão, e ele a soltou, afastando os braços dela, sem Energia. Ela se sentou e virou-se para olhar para ele.

- Você fica me olhando? — perguntou ele.

- Olhando você?

- Me olhando dormir - disse ele. - Só um pouquinho?

Stacy aquiesceu. Podia ver os ferimentos em sua perna, as feias marcas dos pontos de Jeff, reluzentes de pomada antisséptica. Sua pele estava suja de sangue. Ele estava com frio e cansado, e não tinha nenhum motivo óbvio para estar sentindo nenhuma dessas duas coisas. Stacy decidiu conscientemente não dar continuidade a essas observações, não levá-las a nenhuma conclusão. Fechou os olhos, pensando. Isso também mi passar.

O toque dele a surpreendeu, fazendo-a sobressaltar. Ele havia estendido a mão, segurando a dela, e estava deitado ali, sorrindo para ela, sonolento. Stacy não recuou, mas foi preciso se esforçar para isso; podia sentir a si mesma

querendo se afastar dele, do calor que emanava de sua carne, da umidade escorregadia de sua mão. Ela está dentro dele: era isso que ela estava pensando. Tentou sorrir, e conseguiu, mas só de leve. Não teve importância, pois os olhos de Eric já estavam se fechando.

Stacy esperou até ter certeza de que ele havia adormecido, e então libertou-se de seu contato, recuando, largando a mão dele aberta sobre o chão da barraca, com a palma para cima, ligeiramente em concha, como a de um pedinte. Imaginou-se depositando ali uma moeda, tarde da noite, em alguma rua escura da cidade; imaginou-se indo embora apressada, para nunca mais tornar a vê-lo.

Isso também vai passar.

Mathias estava lá fora, na clareira, sentado ao lado de Pablo. Stacy podia ouvir a respiração do grego, mesmo acima do barulho do vento, que havia começado a se erguer, gradual, mas implacavelmente, inflando as divisórias de nylon. O interior da barraca agora estava na penumbra, quase escuro. Eric costumava roncar, e estava começando a fazê-lo agora. Stacy costumava imitar o som de seu ronco para Amy, bufando e soprando, e as duas riam disso tarde da noite em seu quarto no alojamento, compartilhando segredos. A dor dessa lembrança pareceu-lhe surpreendentemente física: uma espécie de pontada latejante, bem no alto de seu peito. Ela tocou aquele ponto, massageou-o, esforçando-se para não chorar.

Isso também.

De alguma forma, sentiu a aproximação da chuva. Lá vem ela, pensou, e tinha razão: um segundo depois, a tempestade desabou. A água caía formando lençóis, inclinada pelo vento, como se a mão molhada de um gigante estivesse batendo ritmadamente na barraca.

Stacy inclinou-se para a frente e deu um tapinha no ombro de Eric.

— Eric — disse ela.

Ele abriu os olhos, ergueu-os para ela, mas, de alguma forma, não parecia estar acordado.

- Está chovendo - disse ela.

— Chovendo?

Stacy pôde vê-lo tocando os ferimentos com a mão, um depois do outro, como para verificar que ainda estavam ali. Ela aquiesceu.

- Preciso ajudar o Mathias. Tudo bem?

Ele só fez encará-la. Seu rosto tinha um aspecto esgazeado, de uma palidez que saltava aos olhos. Ela pensou em todo o sangue que ele havia perdido ao longo das últimas quarenta e oito horas, pensou em Jeff extraíndo aqueles brotos de dentro do seu corpo. Estremeceu; não conseguiu evitar. — Vai ficar tudo bem com você? — perguntou ela.

Eric assentiu, estendendo a mão para puxar o saco de dormir até em cima de seu corpo. E isso para Stacy bastou; ela saiu depressa, abaixando-se para passar pela abertura, e foi para debaixo da chuva.

Segundos depois, estava encharcada. Mathias estava em pé no meio da clareira, esperando o Jrisbee se encher, despejando seu conteúdo dentro da jarra de plástico. Suas roupas estavam coladas a seu corpo, e o chapéu caía de sua cabeça, disforme. Ele estendeu o Jrisbee e a jarra de plástico, gesticulando para que ela os segurasse; quando ela o fez, ele se aproximou rapidamente de Pablo, que estava deitado, imóvel, em cima da maca, de olhos fechados, com a chuva a desabar sobre ele. Stacy esperou o Jrisbee se encher, e em seguida despejou a água dentro da jarra, repetindo o mesmo gesto várias vezes enquanto Mathias lutava com a tenda, tentando arrumá-la para que pudesse proteger melhor o grego. Parecia uma tarefa impossível; o vento continuava a castigá-los, fazendo a chuva descer quase na horizontal. A menos que levassem Pablo para dentro da barraca, não havia como protegê-lo.

Stacy tampou a jarra. A bolsa estava se enchendo; parecia estar funcionando. A chuva caía, caía, caía, transformando a

clareira em lama. Stacy podia senti-la se acumular, e as sandálias irem afundando devagar. Reparou no sabonete, já meio enterrado na lama ao lado da bolsa, pegou-o, e começou a ensaboar as mãos e o rosto. Então inclinou a cabeça para trás e deixou a chuva lavá-la. Mas aquilo não bastou. Ela queria mais e, sem pensar muito, tirou a camisa, a calça, e até a calcinha. Ficou em pé no centro da clareira, nua, ensaboando os seios, a barriga, a virilha, os cabelos, retirando de seu corpo a sujeira, o suor, a gordura, o fedor. Mathias estava bem inclinado junto à tenda, prendendo com mais força as tiras de nylon com silver tape nas barras de alumínio, enquanto o vento se abatia sobre ele. Virou-se, como se fosse pedir a ajuda de Stacy, mas só fez encará-la, com o olhar ignorando sua nudez e subindo devagar. Não parecia conseguir olhá-la nos olhos; evitou-os, e tornou a se virar para a tenda sem mais uma palavra.

A luz, já fraca quando havia começado a chover, ia rapidamente sumindo da clareira. Já fazia muito que Stacy perdera a noção do tempo, então era difícil dizer se aquilo era algum efeito do temporal, que ia escurecendo cada vez mais diante de seus olhos, ou se, por trás da massa de nuvens, o sol finalmente havia começado a se pôr, fazendo o dia terminar abruptamente. Trovões rugiam, graves e guturais, e a chuva caía com força suficiente para fazer arder sua pele. Esta também ia ficando cada vez mais fria. Ela precisou contrair o maxilar para impedir seus dentes de baterem; estava tremendo, e o frio penetrava em seus ossos. Ossos.

Stacy virou-se para o saco de dormir, para o emaranhado de plantas que saía lá de dentro, para os pedaços brancos que brilhavam, molhados, à cada vez mais débil. Teve a estranha sensação de que alguém a olhava, sentiu-se subitamente exposta em sua nudez e abraçou o próprio corpo, escondendo os seios atrás dos braços cruzados. Olhou de relance para Mathias, que continuava de costas para ela, entretido com sua luta com a tenda, e em seguida

para a trilha, pensando que Jeff poderia ter voltado do sopé do morro. Mas não havia ninguém ali, e tampouco nenhum sinal de que Eric estivesse olhando para ela da barraca. No entanto, a sensação continuou, e foi ficando mais forte, tornando-se desconfortável. Foi somente quando se virou para olhar para o outro lado do morro, para a chuva que caía sem trégua sobre todas aquelas folhas verdes, fazendo-as se abaixarem e balançarem, que percebeu de onde vinha aquele olhar.

Era a planta: pôde senti-la a observá-la.

Saiu correndo na direção da barraca, deixando as roupas molhadas abandonadas em um montinho enlameado atrás de si.

Lá dentro estava ainda mais escuro do que do lado de fora; Stacy mal conseguiu distinguir Eric, e precisou se esforçar para discernir sua forma deitada no chão da barraca, com o saco de dormir bem enrolado em volta do corpo. Achou que os olhos deles estivessem abertos, achou que pôde vê-lo olhar para ela quando ela entrou, mas não teve certeza.

— Eu tomei um banho — disse ela. — Você também devia tomar. Eric não reagiu, não disse nada, nem se mexeu.

Ela deu um passo na direção dele, curvando-se.

— Eric?

Ele grunhiu e mudou um pouco de posição.

— Tudo bem com você? — perguntou ela. Ele tornou a grunhir.

Stacy hesitou, observando-o através da escuridão. O vento não parava de sacudir as divisórias da barraca. O nylon acima dela gotejava em diversos pontos, e a água fazia plof-plof no chão, formando poças que iam aumentando. Ela não conseguia parar de tremer.

- Eu preciso me vestir - disse.

Eric simplesmente continuou ali deitado.

Stacy andou até o fundo da barraca, agachou-se junto às mochilas, vasculhou-as até encontrar uma saia e uma blusa amarela. Enxugou-se rapidamente com uma camiseta, e em

seguida vestiu a saia e a blusa, sem nada por baixo; não conseguia suportar a ideia de vestir a calcinha de uma desconhecida. A saia era curta, e subia por suas coxas; a blusa estava justa. Quem quer que tivesse sido sua dona era provavelmente ainda mais magra do que ela.

Stacy estava se sentindo um pouco melhor; não exatamente bem, mas também não tão mal quanto antes. O zumbido em sua cabeça havia desaparecido. Sua fome também parecia ter diminuído; ela se sentia vazia, como uma casca, mas estranhamente serena dentro dessa mesma casca. Ainda estava tremendo, e pensou por um instante em entrar dentro do saco de dormir junto com Eric, aninhar-se ao seu lado, aproveitar aquele calor que irradiava de seu corpo. Mas então lembrou-se de Mathias, lá fora na clareira, lutando para criar algum tipo de abrigo para Pablo, e tornou a passar pela abertura da barraca, apertando os olhos para tentar ver na escuridão. A luz agora havia desaparecido quase por completo. Mathias, a apenas três metros de onde ela estava, mal passava de uma sombra. Estava sentado ao lado de Pablo, na lama, curvado debaixo de seu guarda-sol. Havia conseguido abaixar a tenda, mas era difícil dizer o quanto isso estava adiantando para o grego.

- Mathias? - chamou Stacy.

Ele olhou na direção dela através da chuvarada.

- Cadê o Jeff? — perguntou ela.

Mathias olhou por cima do ombro, como se esperasse encontrar Jeff à espreita em algum lugar da clareira. Então tornou a se virar para ela e sacudiu a cabeça. Disse alguma coisa, mas era difícil discernir as palavras com o barulho da chuva.

Stacy levou as mãos em concha à boca e gritou:

- Ele não devia ter voltado?

Mathias pôs-se de pé e caminhou em sua direção. O guarda-sol parecia mais simbólico do que prático: não estava fazendo muita coisa para protegê-lo da chuva.

— O quê? - perguntou ele.

— O Jeff não devia ter voltado?

Mathias passou o peso do corpo de uma perna para a outra, pensando, e seus ténis desapareciam na terra enlameada, depois reapareciam e tornavam a desaparecer.

— Eu acho que eu devia descer lá pra ver. - Ver?

— Ver por que ele está demorando.

O zumbido na cabeça de Stacy recomeçou. Ela não queria ficar ali sozinha com Eric e Pablo. Tentou pensar em alguma coisa para dizer, em uma forma de manter Mathias perto da barraca, mas nada lhe ocorreu.

— Você pode vigiar o Pablo? - perguntou ele.

Ela hesitou. Estava limpa e seca, e a ideia de abrir mão desses dois pequenos confortos a encheu de temor.

— Quem sabe, se a gente esperar, ele vai...

— Vai escurecer cada vez mais. Se eu esperar muito mais tempo, não vou conseguir ver nada. — Ele ergueu o guarda-sol na direção dela, e ela estendeu a mão para pegá-lo, esticando o braço na chuva, fazendo os pelos se arrepiarem. Mathias tirou o chapéu da cabeça, torceu-o e tornou a colocá-lo. - Vou tentar ser rápido - disse ele. - Tá bom?

Stacy assentiu. Reuniu toda sua coragem e passou pela abertura da barraca. Foi como passar por baixo de uma queda d'água. Moveu-se na direção da tenda de Pablo, agachou-se ao lado dela, tentando não ver o grego: seu rosto encovado, sujo de lama, seus cabelos molhados; estava assustada demais para encarar a tragédia dele, seu sofrimento, sabendo que não havia nada que pudesse fazer para aliviá-lo. Segurou o guarda-sol acima da cabeça, inutilmente: era apenas mais uma coisa para o vento levar. Mathias permaneceu ali mais um instante, a observá-la, com a chuva a desabar sobre eles. Então virou-se e saiu andando pela clareira, desaparecendo na escuridão.

Eric havia se encolhido em posição fetal, enterrando-se debaixo do saco de dormir, tentando encontrar algum calor. A chuva caía, e Stacy e Mathias estavam lá fora debaixo dela. O vento continuava a soprar em rajadas, sacudindo a

barraca. Eric estava exausto, mas não ia se permitir dormir, não sem alguém para vigiá-lo. Iria apenas fechar os olhos, só por um instante, por poucos segundos, fechar os olhos e respirar, descansar, não dormir. Então, Stacy voltou, muito de repente, curvando-se sobre ele, perguntando se ele estava bem. Ela estava molhada, estava nua, e estava pingando em cima dele-o teto também estava pingando. E Eric pensou: Eu estou dormindo, estou sonhando. Mas não estava, ou só pela metade. Tinha consciência de Stacy dentro da barraca junto com ele, pôde ouvi-la vasculhar as mochilas, secar-se, vestir outras roupas. Apalpou com a mão à procura dos ferimentos, preocupado que a planta o houvesse atacado enquanto ele estava ali deitado, meio dormindo, mas não encontrou sinais disso. Sentia dor: seu corpo inteiro parecia latejar. Até as pontas de seus dedos pareciam machucadas, e as solas de seus pés, e suas rótulas: tudo.

Ouviu vozes e levantou a cabeça. Stacy estava em pé ao lado da entrada da barraca, com a silhueta visível, conversando com Mathias. Os olhos de Eric se fecharam outra vez pelo que pareceu ser apenas um instante, mas, quando ele tornou a abri-los, estava sozinho. Tornou a verificar seus ferimentos, pensou em se sentar, mas não conseguiu reunir forças para fazê-lo. O barulho da chuva era suficiente para tornar difícil pensar; parecia um aplauso.

Ele pôde sentir que escorregava novamente para o sono e lutou contra isso, esforçando-se para vir à tona. Estava lecionando, sua primeira manhã no novo emprego, mas, sempre que tentava falar, os meninos começavam a aplaudir, tornando sua voz inaudível. Era um jogo; de alguma forma ele entendia isso, mas não tinha certeza das regras, sabia apenas que estava perdendo e que, caso aquilo continuasse, seria despedido antes de o dia terminar. Estranhamente, sentiu-se reconfortado por essa possibilidade. Parte dele ainda estava acordada: ele sabia que estava sonhando. E, com essa pequena fiação de

consciência que lhe restava, Eric conseguiu até analisar o sonho. Não queria ser professor; era isso que o sonho estava dizendo, que ele não queria ser professor, mas só conseguia admitir isso para si mesmo agora, encurralado ah, sem chance de voltar. O que é que eu quero ser, então? pensou, e a resposta veio de uma maneira que o fez entender que aquilo também fazia parte do sonho, aquela autoavaliação, porque percebeu que o que sempre quisera ser era barman de um saloon à moda antiga, não um saloon de verdade, mas um saloon de filme, de algum faroeste em preto-e-branco, com portas de vaivém, alguns bêbados jogando uma partida de pôquer no canto, duelos de pistoleiros na rua. Ele encheria canecas de cerveja e as faria deslizar pelo balcão. Teria um sotaque irlandês, e seria o melhor amigo de John Wayne, de Gary Cooper...

— Ela está inventando. Tá bom? Eric? Você sabe disso, não sabe?

A barraca estava escura. Stacy estava novamente agachada junto a ele, molhada, pingando, cutucando seu braço. Parecia assustada, trémula. Não parava de olhar por cima do ombro, em direção à entrada da barraca.

— Não é verdade - disse ela. - Isso não aconteceu.

Ele não fazia a menor ideia do que ela estava falando, ainda estava meio mergulhado no sonho, com os meninos a bater palmas e o rangido das portas do saloon a se abrir.

— O que não aconteceu? — perguntou ele.

E então escutou, baixinho, por trás do estrondo da chuva, as palavras: Me beija, Mathias. Não quer me dar um beijo? Era uma voz feminina, vinda da clareira. Não tem problema. Eu quero. Parecia a voz de Stacy, mas estava ligeiramente arrastada; era ela, e ao mesmo tempo não era ela.

Stacy pareceu pressentir o que ele estava pensando.

— Ela está tentando fingir que é eu. Que eu disse isso. Mas eu não disse. Me abraça. Me abraça, só isso.

E então, com o que parecia ser a voz de Mathias: A gente não devia. E se ele... Shh. Ninguém vai escutar.

— Não sou eu — disse Stacy. — Eu juro. Não aconteceu nada.

Eric apoiou-se para se levantar do chão, sentou-se de pernas cruzadas, com o saco de dormir enrolado em volta dos ombros. Do lado de fora, da escuridão varrida pela chuva, vinha o som de arquejos, suaves no início, mas em seguida cada vez mais altos.

E novamente a voz de Mathias, quase um suspiro: Meu Deus, que gostoso.

Os arquejos se transformaram em gemidos.

Tão gostoso.

Mais forte, sussurrou a voz de Stacy.

Os gemidos foram progredindo lenta, inexoravelmente em direção a um clímax mútuo, com Stacy soltando algo que parecia um grito. Então o silêncio voltou, e apenas a chuva continuou a cair, acompanhada pelo som áspero e intermitente da respiração de Pablo. Eric observava Stacy na escuridão. Ela estava vestindo as roupas de outra pessoa. Eram um número menor do que o seu, e colavam-se a seu corpo, molhadas.

É claro que aquilo não deveria ter importância. Talvez houvesse acontecido, e talvez não; de toda forma, seria uma tolice se preocupar com isso em um momento como aquele. Eric pôde ver a lógica dessa argumentação, e passou alguns instantes lutando para encontrar um jeito de alcançar o distanciamento adequado para uma abordagem tão racional. Cogitou rir. Será que essa seria a estratégia correta? Será que deveria sacudir a cabeça, dar uma risadinha? Ou será que deveria abraçá-la? Mas ela estava tão molhada, e vestida com aquelas roupas estranhas, parecendo uma puta, na verdade. O pensamento surgiu sem que ele conseguisse controlar. Eric bem que tentou evitá-lo, mas não conseguiu, não com os mamilos dela tão durinhos sob a blusa, não com a saia dela subindo pelas coxas, não com...

— Você sabe que não é verdade — disse ela. — Não sabe?

Ria, só isso, pensou. É tão fácil. Mas então, sem querer realmente fazê-lo, começou a falar, e sua voz começou a se derramar de dentro dele, impelindo-o por um caminho totalmente diferente.

— Ela não inventa coisas.

Stacy não disse nada, e ficou olhando para ele. Cruzou os braços na frente do peito.

— Eric...

— Ela imita as coisas. Barulhos que já escutou. Ela não cria nada.

— Então ela ouviu alguém transando em algum momento, e misturou com as vozes da gente.

— Então aquela é a sua voz? Você disse essas coisas?

— E claro que não.

— Mas você disse que ela misturou as vozes de vocês.

— Eu quis dizer que ela pegou as vozes da gente, coisas que a gente disse, e juntou para criar coisas novas. Entendeu? Pegou uma palavra de uma conversa, e outra palavra de....

— Quando foi que você disse "mais forte"? Ou "me beija"?

— Não sei. Talvez ela...

— Vai, Stacy. Me diz a verdade.

— Isso é uma bobagem, Eric.

Ele pôde sentir o quanto ela estava ficando frustrada, pôde senti-la esforçando-se para se controlar.

— Eu só quero a verdade - disse ele.

— Eu já te disse a verdade. Não é real. E...

— Eu prometo que não vou ficar zangado.

Mas é claro que ele já estava zangado; até mesmo ele podia ouvir isso na própria voz. Aquela não era a primeira vez que Eric pedia a Stacy para confessar alguma infidelidade, e ele agora sentia o peso de todas aquelas outras conversas a pressioná-lo, impelindo-o para a frente. Aquelas conversas seguiam inevitavelmente o mesmo padrão, um roteiro que precisavam respeitar: ele insistia com ela, tentava fazê-la ver a razão, eliminava metodicamente suas evasões e

digressões, encurralava-a devagar, até que a única escolha que lhe restava era a honestidade. Ela começava a chorar; suplicava o seu perdão, prometia nunca mais traí-lo. E, de alguma forma, involuntariamente, Eric sempre encontrava um jeito de acreditar nela. A ideia de ter de percorrer esse caminho agora, de ter de passar por cada um de seus muitos passos, enchia-o de exaustão. Ele desejou já estar no fim. Desejou que ela chorasse, implorasse, promettesse, e deixava-o furioso o fato de que mesmo ali, mesmo naquela sua situação extrema, ela fosse fazê-lo se esforçar por isso.

— Olha pra mim — disse Stacy. — Você acha mesmo que eu teria qualquer interesse em trepar com qualquer pessoa nesta situação? Eu não consigo nem...

— Você treparia com ele em outra situação?

— Eric...

— Você teria trepado com ele em Cancún?

Ela deu um suspiro alto, como se a pergunta fosse ridícula demais para responder. E era mesmo. Em algum nível, Eric entendia isso. Pensamentos calmos, disse para si mesmo. Uma voz calma. Estava se esforçando muito para conseguir isso, mas não havia jeito.

— Você trepou com ele em Cancún? — perguntou.

Antes de Stacy conseguir responder, a voz dela recomeçou a ecoar: Me abraça. Me abraça, só isso.

A gente não devia. E se ele... Shh. Ninguém vai escutar.

Então os arquejos começaram de novo, aumentando gradualmente de volume. Tanto Eric quanto Stacy estavam calados, escutando. O que mais poderiam fazer?

Meu Deus, que gostoso.

Os arquejos se transformaram em gemidos. Eric estava concentrado nas vozes, que conservavam a mesma característica ligeiramente arrastada. Algumas vezes, parecia que eram mesmo as vozes de Stacy e Mathias; outras vezes, ele quase conseguia se forçar a acreditar nela,

a acreditar que não eram reais, que aquilo não havia acontecido.

Que gostoso, ouviu ele, e pensou: Não, é claro que não, não pode ser ele.

Mais forte, ouviu ele: aquele sussurro urgente, tão cheio de desejo, e pensou: Sim, sem dúvida, tem de ser ela.

Finalmente o clímax chegou, e então só restou a chuva, e a respiração de Pablo, e as batidas molhadas do pano da barraca a cada rajada de vento. Stacy se aproximou dele. Estendeu a mão e pousou-a sobre o joelho dele, apertando-o através do saco de dormir.

— Ela está tentando separar a gente, meu amor. Ela quer que a gente brigue.

— Diz: "Me abraça. Me abraça, só isso."

Stacy tirou a mão de seu joelho e olhou-o fixamente.

— O quê?

— Eu quero ouvir você. Se você falar, eu vou saber.

— Saber o quê?

— Se é a sua voz.

— Eric, você está sendo um babaca.

— Diz: "Ninguém vai escutar." Stacy se levantou.

— Eu preciso ver como o Pablo está.

— Ele está bem. Você não está ouvindo?

E era verdade: o barulho da respiração de Pablo parecia encher a barraca.

Stacy estava com as mãos nos quadris. Ele não conseguia distinguir seu rosto no escuro, mas, de alguma forma, podia perceber que ela estava franzindo o cenho para ele.

— Por que é que você está fazendo isso? Hein? A gente tem tanta coisa com que se preocupar aqui, e você está agindo como...

— A Amy tinha razão. Você é uma piranha.

Isso pareceu surtir efeito: provocou nela um silêncio momentâneo. Então, bem baixinho, ela sussurrou:

— Que porra é essa, Eric? Como é que você pode dizer isso?

Ele ouviu um tremor na voz dela, e aquilo quase o deteve. Mas logo recomeçou a falar; não conseguia se conter.

— Quando foi que você fez isso? Hoje à noite?

Era difícil dizer, mas parecia que ela poderia estar chorando.

— Você estava pelada quando entrou — disse ele. — Eu vi você pelada. Ela enxugava o rosto com a mão. A chuva se tornou repentinamente mais

forte, aumentando de volume; parecia que a barraca poderia desabar com sua força. Por instinto, ambos se abaixaram. Mas aquilo durou apenas alguns segundos e, quando passou, o mundo pareceu estranhamente silencioso.

— Aconteceu outras vezes, também? Stacy fez um ruído de fungada.

— Para, por favor.

Eric hesitou. Por algum motivo, aquela sensação estranha de silêncio exacerbado estava começando a incomodá-lo; parecia um mau presságio, ameaçador. Ele olhou para a clareira lá fora, como se esperasse que algum intruso aparecesse ali.

— Me diz quantas vezes, Stacy. Ela tornou a sacudir a cabeça.

— Você está sendo um babaca.

— Não estou com raiva. Parece que eu estou com raiva?

— Às vezes eu te odeio. Odeio mesmo.

— Eu só quero a verdade. Só quero...

Stacy começou a gritar, fazendo-o sobressaltar. Seus punhos estavam cerrados; ela puxava os próprios cabelos. Gritava:

— Cala a boca! Será que dá pra você fazer isso? Dá pra calar essa porra dessa boca, por favor? — Ela deu um passo à frente, como se quisesse bater nele, com o braço direito erguido acima da cabeça; mas então parou no meio da ação e virou-se para a entrada da barraca.

Eric acompanhou seu olhar. Mathias estava em pé ali, agachado, com um pé dentro da barraca, e outro ainda do lado de fora. Estava completamente encharcado. Era difícil

distinguir muito mais do que isso no escuro, mas Eric percebia o quanto o alemão estava confuso. Parecia prestes a tornar a sair para a noite lá fora, para deixá-los a sós.

— Talvez você possa me dizer — disse-lhe Eric. — Você trepou com ela? Mathias ficou calado, atônito demais pela pergunta para dar qualquer resposta.

— A planta estava fazendo uns barulhos — explicou Stacy.  
— Como se a gente tivesse transado.

Eric estava inclinado para a frente, espiando o rosto de Mathias, tentando ler sua expressão.

— Fala: "Meu Deus, que gostoso."

Mathias ainda tinha um pé do lado de fora, na chuva. Ele sacudiu a cabeça.

— Não estou entendendo.

- Ou então: "A gente não devia. E se ele..." Pode falar isso?

- Para, Eric - disse Stacy. Eric virou-se para ela.

— Eu não estou falando com você. Tá bom? — Ele tornou a se virar para Mathias. — E só dizer. Eu quero ouvir a sua voz.

— Onde você acha que está? — perguntou Mathias.

Eric não conseguia pensar em uma resposta para isso. No inferno, foi a expressão que lhe ocorreu. Eu estou no inferno. Mas não disse nada.

- Por que você se importa... a essa altura, quero dizer... se eu e a Stacy trepamos? Que diferença isso iria fazer? A gente está preso aqui. A gente não tem comida. O Henrich e a Amy morreram. Eu não consigo encontrar o Jeff. E o Pablo...

Ele parou e inclinou a cabeça, à escuta. Todos fizeram a mesma coisa. Silêncio, pensou Eric.

Mathias tornou a desaparecer debaixo da chuva.

— Ai, meu Deus — gemeu Stacy, correndo atrás dele. — Ah, por favor, não.

Eric se levantou, com o saco de dormir ainda enrolado em volta dos ombros. Foi até a entrada da barraca, espiou debaixo da tenda. Mathias estava ajoelhado ao lado da

maca; Stacy estava em pé atrás dele. A chuva caía sobre os dois, torrencial.

- Me desculpa - repetia Stacy. - Me desculpa.

Mathias pôs-se de pé. Não disse nada; não precisava dizer nada. Sua expressão de repulsa ao passar por Eric para entrar na barraca era muito mais eloquente do que qualquer palavra que ele pudesse ter dito.

Stacy agachou-se, com a chuva a salpicá-la de lama. Abraçou as próprias pernas e começou a se balançar para frente e para trás.

— Me desculpa... me desculpa... me desculpa...

Eric mal conseguia distinguir Pablo sobre sua maca, atrás dela, quase invisível na escuridão. Imóvel. Silencioso. Enquanto eles discutiam dentro da barraca, enquanto o temporal desabava do céu em cima deles, a planta havia enviado um emissário. Um único talo, muito fino, havia se enroscado em volta do rosto do grego, cobrindo-lhe a boca e o nariz, asfixiando-o.

Mesmo depois de a chuva começar a cair, Jeff havia permanecido em seu posto no sopé do morro. Caso os gregos tivessem partido na manhã daquele dia, seria possível que o temporal pudesse tê-los pego de surpresa no caminho, saindo da estrada. Jeff passou algum tempo tentando adivinhar como Juan e Don Quixote reagiriam à sua chegada, se dariam meia-volta e tentariam fugir de volta para Cobá, ou se abaixariam a cabeça e seguiriam em frente, apressados. Tinha de admitir que essa última alternativa parecia a menos provável. Somente se estivessem quase ali, se já tivessem saído da trilha principal e estivessem percorrendo aquele último trecho, cada vez mais íngreme, é que ele podia imaginá-los persistindo debaixo daquele pé-d'água. Resolveu que lhes daria vinte minutos.

O que era um tempão, sentado ali ao ar livre, sem proteção, com a chuva a desabar sobre ele. Os maias haviam recuado até a borda das árvores, onde estavam amontoados debaixo

da lona. Somente um deles havia permanecido na clareira, vigiando Jeff. Havia fabricado para si uma espécie de poncho usando um grande saco de lixo de plástico, onde havia aberto buracos para a cabeça e os braços. Jeff se lembrava de ter feito uma roupa daquelas um dia, na vez em que fora acampar, e em que ele e os outros escoteiros haviam sido surpreendidos inesperadamente por um temporal de dois dias. Na volta para casa, haviam sido forçados a atravessar um rio a pé. Era o mesmo rio que haviam atravessado no caminho em direção à floresta, uma semana antes, mas ele se enchera dramaticamente desde que o tinham visto pela última vez. A correnteza era rápida, a água chegava na altura do peito, e era muito fria. Jeff havia tirado a roupa, ficado de cueca, e atravessado a água segurando uma corda por cima do ombro. Ele a havia amarrado a uma árvore para que os outros pudessem segui-lo, segurando-a para se equilibrar. Lembrava-se de como havia se considerado ousado por tentar realizar aquele feito, uma espécie de herói, e essa lembrança deixou-o ligeiramente envergonhado. Percebia agora que havia passado a vida inteira brincando de uma coisa ou de outra, sempre fingindo que tudo não passava de um jogo. Mas é claro que tudo sempre havia sido apenas um jogo.

A chuva caía em uma torrente constante. Havia trovoadas, mas nenhum raio. Já estava quase escuro quando Jeff finalmente olhou para o relógio, levantou-se, e virou-se para ir embora.

A trilha agora estava lamacenta e escorregadia por causa da lama; era difícil subir. Jeff teve de parar muitas vezes para recuperar o fôlego. Foi durante uma dessas pausas que, olhando para trás na direção do início da trilha, esforçando-se para avaliar a distância que havia percorrido, ocorreu-lhe novamente a ideia de fugir. A luz estava fraca o bastante para ele não conseguir mais ver a borda das árvores. Uma bruma erguia-se do solo nu, dificultando ainda mais sua visão. O pé-d'água havia apagado as fogueiras dos

maias; a menos que estivessem preparados para passar a noite de guarda, quase ombro a ombro, junto à borda da mata, parecia perfeitamente possível que Jeff conseguisse encontrar uma brecha entre eles.

A chuva continuava forte, mas, por ora, Jeff mal prestava atenção nela. Estava esfomeado; estava completamente exausto. Queria voltar para a barraca, queria abrir a latinha de nozes que haviam trazido e dividi-las entre eles. Queria beber de sua jarra d'água até seu estômago começar a doer; queria fechar os olhos e dormir. Lutou contra essas tentações, porém, e também contra aquela sensação de fracasso que continuava a habitá-lo, prometendo-lhe mais uma decepção, e esforçou-se para encontrar algo semelhante à esperança, sentimento que já estava começando a parecer estranhamente desconhecido. Perguntou a si mesmo: Por que não funcionaria? Por que ele não poderia ser capaz de se esgueirar trilha abaixo e de encontrar a clareira deserta, e os maias amontoados todos juntos debaixo de suas lonas impermeáveis, abrigados do dilúvio? Por que não poderia ser capaz de passar por eles sem ser visto e desaparecer na mata mais adiante? Poderia ficar escondido ali até de madrugada, e tomar o caminho de Cobá assim que amanhecesse. Poderia salvar todos eles.

Mas não; ele estava fazendo aquilo de novo, não estava? Mais tolices, mais fingimento. Porque com certeza os maias teriam previsto algo assim. Não haveria sentinelas à sua espera, de arcos em riste? E então Jeff teria simplesmente de refazer seu caminho trilha acima, ainda mais cansado, friorento e esfomeado devido ao esforço inútil.

Ficou dando voltas e mais voltas com essas ideias, tendendo ora para uma direção, ora para outra, enquanto a chuva caía sobre ele, e a escuridão continuava a aumentar. No fim, apesar da fome, do cansaço, do sentimento antecipado de fracasso, foi a criação de Jeff que finalmente triunfou, seu sangue da Nova Inglaterra tomando precedência com todo

seu asceticismo, com aquele reflexo puritano profundo de sempre escolher o mais árduo de dois caminhos.

Ele desceu lentamente a trilha até o sopé do morro.

E foi exatamente como ele havia previsto: a bruma, a chuva, a escuridão cada vez mais densa; ele não conseguia ver mais de cinco metros em qualquer direção. Caso o maia do poncho improvisado ainda estivesse de guarda no centro da clareira, estava agora escondido. O que significava, é claro, que Jeff, por sua vez, estava igualmente invisível. Tudo que precisava fazer era esgueirar-se uns vinte metros para a esquerda, trinta no máximo; isso o faria ficar a meio caminho entre os maias abrigados debaixo da lona e os do acampamento seguinte. E então, esgueirando-se para a frente, protegido pela escuridão, pela bruma, pela chuva, ele poderia muito bem conseguir chegar à mata sem ser visto.

Virou-se para sua esquerda e começou a andar, contando os passos mentalmente. Um... dois... três... quatro... A chuva já havia encharcado a clareira, transformando seu solo em uma lama funda, viscosa, que se prendia pesadamente a seus pés. Jeff pensou em sua tentativa de fuga anterior, naquela primeira noite, quando ele havia tentado se esgueirar por entre as plantas, de como seus caules haviam gritado, alertando os maias sobre sua aproximação, e perguntou-se por que a planta estava tão quietinha agora, tão imóvel. Sem dúvida devia ter pressentido o que ele pretendia. Era possível, é claro, que o seu silêncio traisse o quanto as chances de Jeff eram desprezíveis, que a planta pudesse sentir os maias de guarda mesmo em meio à escuridão, à bruma, à chuva, e soubesse que ele jamais conseguiria; que seria obrigado a voltar, ou então seria morto. Em algum recanto de sua mente, Jeff pôde até compreender o que isso implicava, pôde reconhecer que a ação lógica, a ação sensata, seria render-se agora, recuar trilha acima rumo à segurança.

Mas continuou andando.

Deu trinta passos, e parou. Ficou ali, olhando para a mata. Tudo que conseguia ouvir era a chuva batendo na lama. O vento agitava a bruma, movendo-a, criando ilusões. Jeff não parava de ver formas na escuridão, primeiro à sua esquerda, depois à direita. Todas as células de seu corpo pareciam o estar avisando para dar meia-volta enquanto ainda podia, e espantava-o que fosse assim. Afinal, aquele era o momento pelo qual ele vinha esperando, não era? Era .1 fuga; era a salvação. Como poderia renunciar àquilo? Tentou dar coragem a si mesmo, tentou imaginar como seria estar deitado dentro daquela barraca dali a cinco dias, quando a fome começasse a ganhar força, fazendo seu corpo falhar, como se lembraria desse momento e de sua hesitação, e a fúria que sentiria da própria covardia, a repulsa.

Deu um só passo em direção à clareira, e em seguida imobilizou-se, enquanto outra forma se materializava em meio à bruma, e desaparecia rapidamente. Aquele seria o jeito de conseguir, Jeff tinha certeza: um passo cauteloso por vez; mas sabia, também, que era incapaz de agir assim e que, se fosse mesmo tentar aquilo, precisaria correr. Estava exausto demais para qualquer outro método; seus nervos não iriam aguentar a abordagem mais sensata, mais cautelosa. O risco, é claro, é que acabasse correndo direto para cima de um dos maias, trombando diretamente com ele. Mas talvez isso não tivesse importância. Talvez, se ele estivesse correndo depressa o bastante, passaria pelo homem e tornaria a desaparecer na escuridão antes que alguém conseguisse erguer uma arma. Tudo que precisava fazer era conseguir chegar até a mata, e eles jamais o encontrariam, não com aquele tempo; estava certo disso.

Jeff compreendeu que, caso continuasse a pensar, caso continuasse a hesitar, não faria aquilo. Precisava dar o passo agora, imediatamente, ou voltar. Talvez isso por si só devesse tê-lo feito parar para pensar, mas ele não permitiu tal coisa. Voltar seria aceitar mais um fracasso naquele

lugar, e Jeff não conseguia aceitar isso. Pensou naquela margem de rio de tantos anos atrás, na corda jogada por cima de seu ombro, no ímpeto com que havia enfrentado a correnteza: pura autoconfiança; e esforçou-se para recuperar aquele sentimento, ou alguma sombra dele.

Então respirou fundo.

E começou a correr.

Deu menos de cinco passos antes de sentir um movimento à sua esquerda, um dos maias que se punha de pé, com o arco na frente do corpo. Mesmo então, Jeff ainda poderia ter tido uma chance. Poderia ter parado, poderia ter voltado, sorrindo arrependido para o homem, braços erguidos bem alto acima da cabeça. O arco tinha de ser levantado, afinal: tinha de ser retesado e mirado; deveria ter havido tempo mais do que suficiente para Jeff mostrar o quanto ele era inofensivo, o quanto aquiescente. Mas aquilo era pedir demais dele. Ele agora estava embalado, e não iria parar.

Ouviu o homem gritar.

Ele vai errar, pensou Jeff. Ele vai...

A flecha atingiu-o logo abaixo do queixo, perfurando sua garganta, entrando pelo lado esquerdo e saindo pelo direito, atravessando seu corpo de fora a fora. Jeff caiu de joelhos, mas pôs-se de pé no mesmo instante, pensando: Eu estou bem; não estou ferido. Conseguiu dar mais três passos antes de a flecha seguinte o atingir. Esta perfurou-lhe o peito, alguns centímetros abaixo da axila, enterrando-se quase por completo. Jeff teve a sensação de ter levado uma martelada. Perdeu o fôlego, e pôde sentir que não iria recuperá-lo. Caiu novamente, desta vez com mais força. Abriu a boca, e o sangue se derramou lá de dentro, um grande jorro que brotou e se espalhou pela lama abaixo dele. Tentou se levantar, mas não teve forças. Suas pernas se recusavam a se mexer; pareciam frias e distantes, em algum lugar abaixo dele no escuro. Tudo estava ficando cada vez mais embaçado: não apenas sua visão, mas seus pensamentos, também. Ele precisou de um instante para

entender o que o estava agarrando. Pensou que fosse um dos maias. Mas é claro que não era nada disso.

Os talos haviam se estendido até a clareira, e agora se enrolavam em seus membros, arrastando-o para trás em direção à lama. Ele tentou se levantar de novo, e conseguiu efetuar uma espécie de flexão de braços esquisita antes de a planta puxar seu braço esquerdo debaixo dele. Caiu em cima da flecha ainda enfiada em seu peito e o peso de seu corpo a fez afundar ainda mais para dentro. Os brotos continuavam a puxá-lo na direção do morro. A lama debaixo dele parecia estranhamente quente. Era sangue, Jeff sabia. Pôde ouvir a planta sugá-lo com avidez, absorvendo-o com suas folhas. Formas humanas observavam na periferia de seu campo de visão, um pequeno grupo de maias, olhando para ele fixamente, com os arcos ainda tesos.

— Me ajuda — implorou ele, e sua voz emitiu um som borbulhante ao passar pelo sangue que continuava a encher-lhe a boca. Sabia que suas palavras eram inaudíveis, mas continuou se esforçando para falar. — Por favor... me... ajuda.

Foi tudo que conseguiu dizer. Então um broto cobriu seus lábios. Outro, escorregadio, veio tampar-lhe os olhos, os ouvidos, e o mundo pareceu recuar um passo: os maias a observá-lo, a chuva, o calor de seu sangue; um passo, depois outro, e tudo se distanciou, tudo menos a agonia de seus ferimentos, até que por fim, no último instante antes do fim, só o que restou foi escuridão: escuridão, silêncio e dor.

A chuva prosseguiu noite adentro, com a mesma força. As divisórias da barraca ficaram encharcadas; as goteiras foram se multiplicando progressivamente. Logo, uma poça de lama de mais ou menos dois centímetros de profundidade cobria todo o chão. Os três estavam sentados juntos no meio da poça, no escuro. E claro que era impossível dormir, então Stacy e Eric matavam o tempo conversando.

Eric implorou para que ela o perdoasse, e ela o perdoou. Encostaram-se um no outro, abraçados. Stacy deslizou a mão entre as pernas dele, mas ele não conseguia ter uma ereção e, depois de algum tempo, ela desistiu. De toda forma, era calor que ela queria, no sentido figurativo e literal, não sexo. A pele dele parecia mais fria do que a dela, porém, bem mais fria e, quanto mais se abraçavam, mais ele parecia sugar-lhe o calor, esfriando sua pele. Quando ele tossiu repentinamente, curvando-se para a frente, ela usou isso como desculpa para se afastar dele.

Tentou não pensar em Pablo, mas não conseguiu se conter. Parecia estranho estar sentada ali sabendo que a planta devorava a carne que cobria seus ossos, e que, antes de a manhã chegar, ele seria um esqueleto. À medida que a noite avançava, em vários momentos Stacy pôs-se a chorar por causa disso: por sua participação no ocorrido, por não ter conseguido protegê-lo. Eric reconfortou-a da melhor maneira que conseguiu, garantindo-lhe que não era culpa sua, que a morte do grego já era certa desde o momento em que ele caíra naquele buraco, que era uma bênção aquilo finalmente ter terminado.

Conversaram sobre Jeff também, é claro, refletindo sobre sua ausência, avaliando as diversas possibilidades que esta apresentava, voltando obsessivamente à possibilidade de ele ter encontrado uma maneira de fugir. E, quanto mais falavam sobre aquilo, mais óbvio parecia para Stacy. Onde mais ele poderia estar? Estava no caminho de volta para Cobá naquele mesmo instante; antes de o sol se pôr no dia seguinte, eles seriam resgatados. Sim. No final das contas, não iriam morrer ali.

Durante toda essa conversa, Mathias permaneceu calado. Stacy podia sentir sua presença na escuridão, a pouco mais de um metro de onde estavam; podia ver que ele estava acordado. Desejou que ele dissesse alguma coisa, que participasse da construção de sua fantasia. Seu silêncio parecia significar dúvida, e Stacy sentia-se ameaçada por

isso, como se o ceticismo dele pudesse de alguma forma ter o poder de alterar o que estava acontecendo. Ela precisava que ele também acreditasse na fuga de Jeff, precisava de sua ajuda para tornar aquilo realidade. Sabia que era absurdo, infantil, supersticioso, mas não conseguia abandonar aquele sentimento, e isso já começava a lhe causar um leve pânico.

— Mathias? — sussurrou ela. — Você está dormindo?

— Não — respondeu ele.

— O que é que você acha? Será que ele fugiu?

Ouvia-se o barulho da chuva caindo sobre a barraca, e o gotejar constante do nylon acima deles. Eric não parava de se mexer de um lado para o outro, ansioso, criando ondas em sua pequena poça. Stacy desejou que ele parasse. Os segundos iam passando, um depois do outro, e Mathias não respondia.

— Mathias?

— Eu só sei que ele não está aqui - disse ele.

— Então talvez ele tenha fugido. Né? Ele pode ter...

— Não, Stacy.

Aquilo a pegou de surpresa. Ela olhou para ele.

— Não o quê?

— Se você se permitir ter esperança, e se estiver errada, pensa em como vai se sentir mal. A gente não pode se dar esse luxo.

— Mas se...

— A gente vai descobrir de manhã.

— Descobrir o quê?

— O que tiver pra descobrir.

— Você quer dizer que acha que ele pode estar...

— Shh. Espera, só isso. Daqui a poucas horas vai estar claro. Foi logo depois disso que ouviram a respiração de Pablo recomeçar. Ouviram aquela inspiração rascante, aquela expiração chiada, e depois a pausa antes de tudo recomeçar. Inconscientemente, sabendo no mesmo instante que estava errada, Stacy pôs-se de pé. Mathias também

havia se levantado. Roçaram um no outro enquanto ambos se aproximavam da entrada da barraca. Ele a segurou pelo pulso, detendo-a.

— E a planta — sussurrou.

— Eu sei — disse ela. — Mas eu quero ter certeza.

— Eu vou. Espera aqui.

— Por quê?

— Ela quer que a gente veja alguma coisa, você não acha? Alguma coisa que ela fez com ele. Está querendo abalar a gente.

Do lado de fora, ouviu-se outra inspiração rascante. O som era exatamente igual ao de Pablo; mesmo depois de tudo que vira naquele lugar, era difícil acreditar que não fosse ele. Mas ela sabia que Mathias tinha razão, e sabia também que não queria ver o que quer que a planta houvesse preparado para eles ali debaixo da tenda.

— Tem certeza? - perguntou.

Ela o sentiu aquiescer. Ele soltou-lhe o pulso, aproximou-se da entrada da barraca, abaixou-se para abrir o zíper.

Quase no mesmo instante, assim que ele saiu para debaixo da chuva, a respiração cessou. Então uma voz de homem começou a gritar. Estava falando em uma língua estrangeira; Stacy achou que fosse alemão. Wo ist dein Bruder? Wo ist dein Bruder?

Stacy tornou a se sentar. Estendeu a mão para segurar a de Eric, encontrou-a no escuro, e apertou-a com força.

- Ela está falando do irmão dele - disse.

- Como é que você sabe? - perguntou Eric.

- Ouve.

Dein Bruder ist da. Dein Bruder ist da.

Mathias reapareceu, com a chuva escorrendo por seu corpo e pingando sobre o chão empoçado da barraca, fazendo um barulho alto. Ele fechou o zíper da barraca e voltou para seu lugar ao lado deles.

- O que foi que houve? — perguntou Stacy. Ele não respondeu.

- Me fala - disse ela.

- Ela está comendo ele. O rosto... já está totalmente descarnado.

Stacy pôde sentir sua hesitação. Tem mais alguma coisa, pensou, e esperou. Por fim, bem baixinho, Mathias falou:

- Isso aqui estava em cima da cabeça dele. Do crânio dele.

Ele ergueu alguma coisa na escuridão e estendeu-a para ela. Stacy esticou a mão e pegou o objeto, cautelosa. Alisou-o com as mãos, definindo seu formato.

- Um chapéu? — perguntou.

- Eu acho que é do Jeff.

Stacy soube que ele tinha razão, soube imediatamente, mas não quis acreditar nele. Procurou outra possibilidade, mas nada lhe ocorreu. O chapéu estava encharcado de chuva; estava pesado. Ela precisou resistir à tentação de atirá-lo longe. Inclinou-se para a frente, e devolveu-o a Mathias.

- Como é que isso veio parar aqui? - perguntou ela.

- A planta deve ter, sabe como é...

- O quê?

- Deve ter pego o chapéu e passado ele de broto em broto, e depois colocado ele ali, e chamado a gente para encontrar.

- Mas como é que ela pegou o chapéu? Antes de trazer, quero dizer. Como é que ela... - calou-se, pois a resposta veio no instante em que formulava a pergunta; era óbvia, na verdade. Não quis ouvir Mathias pronunciar as palavras, porém, então tomou uma direção diferente, esforçando-se para confirmar outra possibilidade. - Talvez ele tenha deixado cair. Talvez, quando estava correndo para as árvores, ele...

A voz da clareira a interrompeu, tornando a falar: Dein Bruder ist gestorben. Dein Bruder ist gestorben.

- O que é que ela está dizendo? - perguntou Eric.

— Primeiro ela perguntou onde o Henrich estava — respondeu Mathias. — Depois disse que ele estava aqui. Agora está dizendo que ele morreu.

Wo ist Jeff? Wo ist Jeff?

— E agora?

Mathias permaneceu calado. Jeff ist da. Jeff ist da.

Stacy sabia o que a planta estava dizendo: era bem fácil de adivinhar; mas Eric ainda não havia entendido.

— E alguma coisa sobre o Jeff? — perguntou ele. Jeff ist gestorben. Jeff ist gestorben.

Eric apertou a mão dela, puxando-a.

- Por que ele não fala comigo?

- E a mesma coisa, Eric - sussurrou Stacy.

— A mesma coisa?

- Ela está perguntando cadê o Jeff. Depois dizendo que ele está aqui. Dizendo que ele morreu.

Do lado de fora, a voz subitamente se multiplicou, rodeando-os, espalhando-se pela superfície do morro. Transformou-se em um coro que foi aumentando de volume gradualmente, entoando: Jeff ist gestorben... Jeff ist gestorben... Jeff ist gestorben...

A chuva cessou logo antes do amanhecer. Quando o sol começou a despontar, as nuvens já haviam começado a ficar mais ténues e a se afastar. Eric, Stacy e Mathias haviam emergido de dentro da barraca ao primeiro sinal de luz, hesitantes, enrijecidos, para avaliar os estragos da noite.

A planta havia se espalhado por cima da maca, cobrindo-a, enterrando completamente os restos de Pablo. Meia dúzia de brotos haviam conseguido penetrar na bolsa azul, fazendo escorrer toda a água que esta conseguira recolher durante o temporal. E os ossos de Amy haviam sido afastados do saco de dormir e espalhados a esmo pela clareira. Eric viu Stacy percorrer a clareira com uma expressão atónita, abaixando-se para recolher os ossos da amiga. Ela os juntou em uma pequena pilha ao lado da barraca.

Durante a noite, Eric havia começado a tossir: uma tosse funda, seca. Sua cabeça doía; suas roupas estavam

molhadas, sua pele gretada por ter ficado sentado na poça d'água. Estava faminto, exausto, com frio, e achava difícil acreditar que qualquer uma dessas coisas um dia fosse mudar.

Mathias agachou-se ao lado da maca e começou a arrancar as plantas de cima do cadáver de Pablo. Eric estava tão cansado que sequer se sentia totalmente acordado; tudo havia novamente adquirido aquele verniz distante, ao mesmo tempo reconfortante e assustador. Então, ao coçar o peito distraidamente e sentir o calombo ali, logo abaixo da pele, reagiu com um ar de calma surpreendente:

- Cadê a faca? - perguntou. Mathias se virou para olhar para ele.

- Por quê?

Eric ergueu a camisa. O aspecto era muito pior do que a sensação, como se uma enorme estrela-do-mar houvesse de repente brotado entre sua caixa torácica e sua pele. E, além disso, ela estava se mexendo, caminhando lenta, mas visivelmente, para baixo, em direção à sua barriga.

- Ai, meu Deus - disse Stacy. Ela desviou os olhos, cobrindo a boca com a mão.

Mathias pôs-se de pé e andou na direção de Eric.

- Está doendo?

Eric fez que não com a cabeça.

- Está dormente. Não estou sentindo nada — ele demonstrou o que dizia, apertando o calombo com o dedo.

Mathias percorreu a clareira com o olhar à procura da faca. Encontrou-a no chão perto da barraca semienterrada na lama. Pegou-a, tentou limpar um pouco da sujeira de sua lâmina esfregando-a na calça jeans. A calça ainda estava molhada, e a faca deixou no tecido uma comprida mancha marrom.

- Está aqui embaixo, também - disse Stacy. Ela estava apontando para sua perna direita, mas desviando os olhos, com repulsa.

Eric curvou-se para olhar. E era verdade: ali estava o calombo, parecendo uma cobra, serpenteando para cima do topo de sua canela até a parte interna da coxa. Ele o tocou, hesitante; também estava dormente. O inchaço dava uma volta quase completa em sua perna, começando pela frente, em seguida curvando-se para cima, por trás de seu joelho, antes de parar próximo da virilha. Eu devia estar gritando, pensou Eric, mas por algum motivo manteve aquela sensação de distanciamento, de superioridade. Era Stacy quem parecia mais perturbada; parecia não conseguir olhá-lo nos olhos.

Eric estendeu a mão pedindo a faca.

— Me dá.

Mathias não se mexeu.

— A gente tem de esterilizar ela — falou ele. Eric sacudiu a cabeça.

— De jeito nenhum. Eu não vou esperar você...

— Ela está suja, Eric.

— Dane-se.

— Você não pode se cortar com uma coisa assim...

— Meu Deus do céu, Mathias. Dá para olhar para mim, porra? Você acha mesmo que é com alguma infecção que eu preciso me preocupar? Ou com gangrena? Ou alguém vem resgatar a gente em um ou dois dias, ou esta merda vai me matar. Você não está vendo isso?

Mathias não disse nada.

Eric tornou a estender a mão.

— Agora me dá a porra da faca.

Jeff não teria feito isso, Eric sabia. Jeff teria seguido as regras à risca, teria pego o sabonete e a água, teria acendido a fogueira, esquentado a lâmina. Mas Jeff não estava mais ali, e agora a decisão era de Mathias. O alemão hesitou, fitando a estrela-do-mar no peito de Eric, e a cobra enrolada em sua perna. Eric pôde vê-lo tomar sua decisão, e sabia qual seria.

— Tá bom — disse Mathias. — Mas deixa que eu faço. Eric tirou a camisa.

Mathias olhou em volta, avaliando a clareira enlameada.

— Quer deitar?

Eric sacudiu a cabeça.

— Vou ficar em pé.

— Vai doer. Talvez seja mais fácil se você...

— Eu estou bem. Vai logo.

Mathias começou pelo peito. Fez cinco incisões rápidas em forma de asterisco, bem em cima do calombo em forma de estrela-do-mar, e em seguida enfiou a mão lá dentro e retirou lentamente a planta de dentro do corpo de Eric. Ela era surpreendentemente grande; Mathias precisou guardar a faca no bolso de trás da calça e usar as duas mãos para arrancar a massa escorregadia. Esta emergiu se contorcendo, coberta de sangue semicoagulado. A dor foi intensa: não a do corte, mas a da retirada da planta; parecia que Mathias estava arrancando uma parte essencial do corpo de Eric, um órgão vital. Eric pensou naquelas imagens do guia de Jeff, nos astecas com suas facas compridas arrancando de suas vítimas corações que ainda batiam, e seus joelhos quase cederam. Ele precisou segurar o ombro de Mathias para não cair.

Mathias atirou longe a massa que se contorcia; esta aterrissou com um barulho molhado sobre a lama, enrolando-se e abrindo-se.

- Tudo bem? - perguntou.

Eric assentiu, e largou o ombro de Mathias. O sangue escorria por seu tórax, encharcando o cós do short. Ele embolou a camiseta e apertou-a sobre o ferimento.

- Continua — disse.

Mathias abaixou-se até ficar agachado, e passou a faca em um movimento certo em volta da perna de Eric, para cima. Mais uma vez, não foi a incisão que doeu; foi quando Mathias enfiou os dedos lá dentro e retirou a planta de sua carne. Eric soltou um grito: um gemido, um uivo. Parecia

que estavam lhe arrancando a pele. Caiu no chão com um baque forte, de traseiro no chão. O sangue jorrava de sua perna, abundante.

Mathias ergueu o broto da planta para ele ver. Aquele era bem mais comprido, e suas folhas e flores estavam mais bem desenvolvidas, quase de tamanho adulto. Ele se contorcia no ar e parecia se erguer na direção de Eric, tentando alcançá-lo. Mathias jogou-o na lama e pisou nele, esmagando-o; pisou no primeiro, também.

- Vou pegar a agulha e a linha — disse ele, e começou a andar na direção da barraca.

- Espera! - gritou Eric. - Tem mais. - Sua voz saía trémula, débil; assustou-o ouvir o quanto estava fraco. — Ela está mais em cima e mais embaixo na minha perna. Está no meu ombro, nas minhas costas. Estou sentindo ela se mexer. — E era verdade: ele podia senti-la por toda parte agora, logo abaixo de sua pele, como um músculo a se flexionar.

Mathias se virou para encará-lo, a um passo da barraca.

- Não, Eric - disse ele. - Não começa. - Ele soava cansado; parecia cansado também, curvado e com os olhos fundos. - A gente precisa costurar você.

Eric não disse nada; de repente, sentiu-se tonto. Sabia que não tinha forças para discutir.

- Você está perdendo muito sangue - disse Mathias.

Por um instante, Eric pensou que fosse desmaiar. Deitou-se cuidadosamente de costas. A dor não estava diminuindo. Ele fechou os olhos, e a escuridão que o esperava ali estava repleta de cores: um laranja vivo, cintilante, que ia ficando mais vermelho nas bordas. Podia sentir os buracos que os brotos da planta haviam deixado em seu peito e em sua perna: de alguma forma, isso parecia ser uma parte central de sua dor, como se o seu corpo estivesse vivenciando a retirada da planta como algum tipo de roubo, como se a quisesse de volta.

Ouviu Mathias entrar na barraca, e em seguida voltar, mas não abriu os olhos. Viu as cores pulsarem na escuridão, viu

como seu brilho aumentou quando o alemão se curvou acima dele e começou a costurar o ferimento em sua perna. Ninguém falou em esterilizar a agulha; Mathias simplesmente começou. A incisão era comprida; foi preciso algum tempo para fechá-la. Então ele afastou delicadamente as mãos de Eric, retirou a camiseta empapada de sangue, e começou a costurar-lhe o peito.

Eric foi ficando gradualmente mais calmo. A dor não diminuiu, mas aquela sensação conhecida de distanciamento estava voltando, de modo que ele quase passou a sentir que estava observando o sofrimento de seu corpo, em vez de habitá-lo. O sol agora havia subido e se destacado do horizonte; estava ficando mais quente, e isso também ajudou. Ele finalmente parou de tremer.

Stacy estava na outra ponta da clareira; Eric podia ouvi-la se mexendo por lá. Parecia-lhe que ela o estava evitando, que estava com medo de chegar perto. Ele levantou a cabeça para ver o que ela estava fazendo, e encontrou-a agachada sobre a mochila de Pablo. Tirou lá de dentro a última garrafa de tequila.

- Alguém quer? - perguntou, erguendo a garrafa.

Eric sacudiu a cabeça, e em seguida a viu se curvar para olhar novamente dentro da mochila. Aparentemente, havia um bolso interno. Ele a ouviu abrir o zíper. Ela vasculhou lá dentro e retirou alguma coisa.

— O nome dele era Demetris — disse.

— De quem? — perguntou Mathias. Ele não tirava os olhos de seus pontos. Stacy se virou na direção deles, segurando um passaporte.

- Do Pablo. O nome de verdade dele. Demetris Lambrakis.

Ela se levantou e atravessou a clareira, trazendo o passaporte. Mathias largou a agulha, limpou as mãos na calça jeans, e pegou-o da mão dela. Olhou-o durante muito tempo sem dizer nada, e em seguida entregou-o a Eric.

A foto do passaporte exibia um Pablo um pouco mais jovem, um pouco mais gordinho também, os cabelos bem mais

curtos e, absurdamente, um bigode. Estava de paletó e gravata; parecia estar tentando não sorrir. Eric percebeu, novamente como se estivesse muito longe, que suas mãos tremiam. Devolveu o passaporte para Stacy, e em seguida abaixou a cabeça. Demetris Lambrakís. Não parava de repetir o nome mentalmente, como se estivesse tentando decorá-lo. Demetris Lambrakis... Demetris Lambrakis... Demetris Lambrakis...

Mathias terminou de dar os pontos. Eric ouviu-o se afastar novamente na direção da barraca. Quando ele voltou, trazia a latinha de nozes. Abriu-a, e dividiu o conteúdo em três montinhos iguais, contou as castanhas uma a uma, usando o Jrisbee como bandeja. Eric percebeu que era Mathias quem estava no comando agora. Os três pareciam ter concordado com isso, sem que ninguém tivesse de levantar a questão.

Eric precisou se sentar para comer, e sentar causou-lhe dor. Ele passou alguns instantes examinando o próprio corpo. Parecia uma boneca de pano que houvesse passado por gerações e mais gerações de crianças descuidadas, sendo cozida e recozida, com o recheio vazando por entre as costuras. Não conseguia imaginar como algum dia conseguiria sair dali e voltar para casa, e essa ideia se instalou dentro dele como um sedimento. Ele sentiu que ela o deixava pesado, resignado. Mas seu corpo não pareceu ligar para isso; continuou a impor suas necessidades. A simples visão das nozes encheu-o de uma fome violenta, e ele as comeu depressa, enfiando-as na boca, mastigando e engolindo. Ao terminar, lambeu o sal dos dedos. Mathias ofereceu-lhe a jarra de plástico, e ele bebeu, de novo consciente da planta que se movia dentro dele.

O sol ia subindo cada vez mais, e ficando mais forte. A lama da clareira começava a secar, solidificando suas pegadas em pequenas depressões sombreadas. Todos os três haviam terminado suas porções, e agora estavam sentados em silêncio, observando um ao outro.

— Eu acho que a gente devia ir procurar o Jeff — disse Mathias. — Antes que fique muito mais quente. - A ideia parecia causar nele um enorme cansaço.

Stacy ainda estava segurando a garrafa de tequila; esta descansava em seu colo. Ela não parava de enroscar e desenroscar a tampa.

— Você acha que ele morreu, não acha? — perguntou ela. Mathias virou-se para olhar para ela, apertando os olhos de leve.

— Eu desejo tanto quanto você que isso não seja verdade. Mas entre querer e acreditar... - Ele deu de ombros - Não é a mesma coisa, né?

Stacy não respondeu. Levou a garrafa aos lábios, inclinou a cabeça para trás, e bebeu. Eric pôde sentir a vontade de Mathias de tirar a garrafa da mão dela, pôde vê-lo quase fazer isso, mas depois decidir que não. Ele não era como Jeff; era reservado demais para ser um líder, distante demais. Se Stacy queria beber tanto a ponto de se colocar em risco, era uma decisão dela. Não havia mais ninguém para detê-la. Mathias pôs-se de pé.

— Eu não devo demorar — disse.

No mesmo instante, Stacy pôs a garrafa de lado e pulou para se juntar a ele.

— Eu também vou.

De novo, Eric teve a sensação de que ela tinha medo dele, aterrorizada com o que estava acontecendo dentro de seu corpo. Podia sentir que ela não queria ficar ali junto com ele. Mathias baixou os olhos para Eric, para seu tórax nu, ensanguentado, sujo de lama.

— Vai ficar tudo bem com você? — perguntou.

Não, pensou Eric. Claro que não. Mas ele não disse nada. Estava pensando na faca, em ficar sozinho na clareira com ela, livre para fazer o que quisesse. Assentiu. Em seguida ficou ali deitado sob o sol, sentindo-se estranhamente em paz, e viu-os se afastarem juntos, e desaparecerem na trilha.

Stacy e Mathias passaram algum tempo em pé no início da trilha, fitando a extensão de solo vazio e o paredão de árvores depois dele. O sol já havia formado uma pele fina e quebradiça sobre a terra, mas, abaixo dela, a lama ainda ia até o tornozelo. Os maias se locomoviam por ela com dificuldade, e pedaços de lama iam grudando em seus pés. Stacy viu duas das mulheres espalhando coisas para secar. Elas carregavam uma pilha grande: cobertores, roupas.

Havia três maias em pé ao lado da fogueira. Um deles era o careca daquele primeiro dia, com a pistola na cintura. Os outros dois eram muito mais jovens, quase meninos. Ambos seguravam arcos. A calça branca do homem careca estava arregaçada até o joelho, no que Stacy imaginou ser um esforço para mantê-la limpa. Suas canelas pareciam muito magras, quase esqueléticas.

Mathias pisou na clareira, e seus sapatos desapareceram sob a lama. Olhou para a esquerda, e fixou o olhar. Sua expressão não mudou, mas Stacy sabia para o que ele estava olhando, embora não fosse capaz de dizer como sabia. A tequila havia enchido seu estômago com uma sensação azeda, deixando-a tonta; o suor escorria por suas costas. Agora havia apenas uma coisa para ela fazer, ela não tinha escolha, mas demorou-se, sem querer juntar-se a Mathias ainda, querendo erguer alguma barreira entre a visão dele e a sua. Retirou cuidadosamente as sandálias, uma depois da outra, e colocou-as no centro da trilha, lado a lado. Então caminhou para a frente, pisando na lama. Era mais fria do que pensaria ser possível, fazendo-a pensar em neve, e ela se concentrou naquilo (branca como a calça do homem careca, branca como osso) enquanto desviava os olhos para o montinho a vinte e cinco metros deles, a pequena península verde que brotava como um dedo do solo nu. O calor cada vez mais forte do dia o fazia cintilar; Stacy poderia ter se convencido com facilidade de que aquilo não passava de uma miragem. Mas sabia que não era isso, sabia que era Jeff, sabia que ele os havia deixado do

mesmo jeito que Amy e Pablo, que agora eram só os três. Estendeu a mão e segurou a de Mathias, um pouco preocupada que ele não a deixasse fazer isso, mas ele deixou, e os dois começaram a caminhar assim, em silêncio. Margearam o sopé do morro, mantendo-se próximos às plantas, chapinhando na lama. Não conversaram. O maia careca os seguia, acompanhado pelos dois jovens arqueiros. Não era muito longe; não levaram muito tempo para chegar lá.

Mathias agachou-se ao lado do montinho e começou a retirar as plantas de cima dele, revelando lentamente o corpo de Jeff. Ainda estava reconhecível, somente parcialmente devorado, como se a planta houvesse controlado seu apetite, querendo que eles soubessem, sem qualquer sombra de dúvida, que Jeff estava morto. Ele estava deitado de bruços, estendido, com os braços acima da cabeça; parecia que havia sido arrastado até ali pelos pés. Mathias virou-o de frente. Havia ferimentos em sua garganta, um de cada lado, e sua camisa estava completamente encharcada de sangue. A carne havia sido removida da parte inferior de seu rosto, revelando seus dentes e o osso de sua mandíbula, mas seus olhos estavam intactos. Estavam abertos, e olhavam para eles, baços. Stacy precisou desviar os seus.

A calma com que estava agindo surpreendeu-a; assustou-a. Quem sou eu? pensou. Será que eu ainda sou eu mesma?

Mathias desafivelou o relógio de Jeff de seu pulso. Em seguida pôs a mão em seu bolso, tirou sua carteira. Havia um anel de prata na mão direita de Jeff, e Mathias removeu-o também. Precisou fazer força, puxando, antes de ele finalmente se soltar.

Stacy ainda se lembrava de quando fora com Amy comprar o anel. Haviam-no encontrado em uma loja de penhores de Boston. Amy dera-o de presente a Jeff em seu primeiro aniversário de namoro. Durante os anos seguintes, Stacy e ela haviam passado muitas horas tentando imaginar seu

proprietário original: como ele teria sido, como teria chegado ao ponto de precisar empenhar um objeto tão bonito. Havia criado um verdadeiro personagem com base nessa fantasia, um músico fracassado, viciado ocasional, traficante ocasional, cuja grande e talvez apócrifa reivindicação de fama era ter um dia vendido trinta gramas de heroína para Miles Davis. Havia lhe dado um nome, Thaddeus Fremont, e sempre que viam um homem mais velho e meio molambento andando pela rua, cutucavam-se e sussurravam: "Olha... é o Thaddeus. Ele está procurando o anel dele."

Mathias estendeu-lhe as coisas de Jeff, e ela as pegou.

— Eu deveria ter pego as coisas do Henrich, também — disse ele. — Ele usava um pingente... um amuleto de boa sorte. — Tocou o próprio peito, mostrando-lhe onde ficava o pingente. Em seguida, passou um instante olhando fixamente para o outro lado da clareira, como se estivesse pensando em ir buscá-lo. Quando se levantou, porém, tudo que fez foi tornar a se virar em direção à trilha.

Saíram andando juntos, caminhando lado a lado, novamente em silêncio. Os pés de Stacy estavam cobertos de lama endurecida; parecia que ela estava calçando um par de botas pesadas.

— Não que ele tenha funcionado — disse Mathias. Ela se virou e olhou para ele de relance.

— Não que o que tenha funcionado?

— O amuleto de boa sorte dele.

Stacy não conseguiu pensar em um modo de reagir a isso. Sabia que era uma piada, ou uma tentativa de piada, mas a ideia de rir ou mesmo de sorrir em reação a ela parecia abominável. O zumbido voltara a soar dentro de seu crânio; de repente, ela começou a ter dificuldade de manter os olhos abertos. Por algum motivo, falar fazia-os doer. Ela continuou a andar com os braços cruzados na frente do peito, abraçando a si mesma, o relógio de Jeff apertado em uma das mãos, e sua carteira e seu anel na outra. Esperou

passar tempo suficiente para que fosse possível parecer que Mathias não dissera nada, até terem quase chegado à trilha de novo, e então disse:

— O que é que a gente faz agora?

— Volta pra barraca, eu acho.

— Alguém não devia ficar esperando os gregos? Mathias fez que não com a cabeça.

— Só daqui a uma hora, mais ou menos.

A mente de Stacy tornou a pensar na barraca, na pequena clareira. Pensou em Pablo sobre sua maca, na agonia que ele havia sofrido ali. Pensou em si mesma, em como havia se abaixado naquela manhã para recolher os ossos espalhados de Amy, tão casual, como se estivesse arrumando a casa depois de uma festa.

Aquelas palavras surgiram de novo dentro de sua cabeça: Será que eu ainda sou eu mesma?

Sem aviso, ela começou a chorar. Foi como um acesso de tosse: uma dúzia de soluços fortes, que surgiram e desapareceram em menos de um minuto. Mathias esperou ao seu lado até eles passarem. Em seguida, pôs a mão sobre seu ombro.

— Quer sentar um instante? — perguntou.

Stacy ergueu os olhos e olhou em volta. Estavam pisando em dez centímetros de lama. A sua direita, o morro subia, íngreme, coberto pela planta. A sua esquerda, a meio caminho clareira adentro, estavam os três maias a observá-los. Ela sacudiu a cabeça e enxugou o rosto.

— O Eric está morrendo, não está? — perguntou. — Ela está dentro dele, e ele vai morrer.

Suas mãos haviam se aberto enquanto ela soluçava; ela havia deixado cair o relógio de Jeff, sua carteira e seu anel. Mathias se agachou para pegá-los. Estavam sujos de lama agora, e ele tentou limpá-los na calça.

— Eu não sei se vou conseguir aguentar, Mathias. Ver ele morrer. Mathias guardou o anel de Jeff dentro da carteira. Ela percebeu que suas

mãos estavam sangrando, e a pele estava rachada e ralada por causa do visgo da planta. Suas roupas pendiam de seu corpo, em frangalhos. Sua barba por fazer estava ficando mais espessa, e fazia-o parecer mais velho. Ele balançou a cabeça.

— Não — disse ele. — E claro que não.

Stacy virou-se e olhou na direção dos três maias. Eles tinham um jeito de olhá-la sem nunca encará-la nos olhos. Ela imaginou que fosse algo que haviam aprendido a fazer conscientemente, um truque para tornar sua tarefa menos árdua para si mesmos. Parecia-lhe que deveria ser muito mais difícil matar alguém depois de se ter olhado a pessoa nos olhos.

— O que você acha que eles fariam se a gente saísse andando pra lá agora? — perguntou. — Se a gente simplesmente continuasse andando na direção deles?

Mathias deu de ombros. A resposta, é claro, era óbvia.

— Iriam atirar na gente.

— Talvez a gente devesse. Talvez devesse simplesmente dar fim a isso. Mathias olhava para ela; parecia estar cogitando seriamente aquela possibilidade. Mas acabou sacudindo a cabeça.

— Alguém vai vir, Stacy. Alguém vai acabar vindo. Como é que a gente pode saber com certeza que não vai ser hoje?

— Mas pode não ser. Não pode? Pode ser que demore semanas. Ou meses. Ou pode ser que nunca aconteça.

Mathias não respondeu; só continuou a encará-la. Desde o instante em que haviam se conhecido, ela achara o olhar dele tão escuro, tão inabalável, um pouco assustador. Depois de alguns segundos, precisou desviar os olhos. Ele então estendeu a mão, segurou a dela e, sem dizer nada, tornou a conduzi-la pela clareira até a trilha.

Eric podia sentir a planta se movendo dentro de seu corpo. Estava na base de suas costas, em sua axila esquerda, em seu ombro direito. A faca estava a três metros dele, manchada de lama, ainda úmida com seu próprio sangue.

Ele havia imaginado que começaria a se cortar imediatamente, assim que Stacy e Mathias saíssem da clareira, mas, quando chegou a hora, descobriu que estava assustado demais para fazê-lo. Já havia perdido uma quantidade aterrorizante de sangue: bastava olhar para seu corpo para ver isso; e não tinha certeza de quanto mais poderia se dar ao luxo de perder.

Sentou-se, respirou fundo, e em seguida se encolheu, tossindo uma tosse seca. Não havia muco, apenas a sensação de alguma coisa que residia dentro de seu peito e que não deveria estar ali, alguma coisa que seu corpo tentava sem sucesso expelir. Eric havia passado a noite inteira lutando com aquela tosse; parecia-lhe estranho que não tivesse percebido antes qual era a sua causa. Era a planta, é claro; tinha certeza disso. Sim, havia um broto crescendo dentro de seus pulmões.

Eu devia entrar na barraca, pensou. Devia deitar. Não faz mal ela estar molhada. Mas não se mexeu.

Tornou a tossir.

Teria sido mais fácil, achava, se Stacy tivesse ficado com ele. Ela poderia ter conversado com ele, poderia ter argumentado. Ele poderia ter escutado; quem saberia dizer? E caso não tivesse escutado ela poderia ter lhe agarrado o braço e segurado. Mas ela não estava ali: ela o havia abandonado; então não havia ninguém para detê-lo quando ele se levantou e foi buscar a faca.

Tornou a se sentar, segurando-a no colo.

Tentou novamente fazer seus jogos de palavras, seu teste de vocabulário imaginário, mas não conseguia se lembrar em que letra havia parado. Os movimentos dentro de seu corpo dificultavam-lhe a concentração. Parecia importante não perdê-las de vista. A parte de cima do meu pé direito... minha nuca...

Eric inclinou-se para a frente, coçou a batata da perna, sentiu um calombo ali. Ficou olhando para ele, vendo-o achatar-se, e em seguida encolher-se novamente, um pouco

mais abaixo em sua perna. Tinha quase o tamanho de uma bola de golfe. Quando ele o tocou com o dedo, descobriu aquela conhecida sensação de dormência.

Sabia que o corte não iria doer; a extração, sim, faria-o gritar. Enquanto ficava sentado pensando nisso, notou outro calombo. Este estava em seu antebraço esquerdo, e era muito menor do que os outros, com cerca de oito centímetros de comprimento e fino como um verme. Tocou-o, e ele desapareceu, enterrando-se em sua carne.

Tudo isso, é claro, foi demais para Eric: ele não podia ficar sentado ali, vendo aquelas coisas aparecerem e desaparecerem por seu corpo. Algo precisava ser feito e na verdade só havia uma solução, não era?

Ele ergueu a faca de seu colo, inclinou-se para a frente, e começou a cortar.

De alguma forma, a trilha que subia o morro parecia ter se tornado muito mais íngreme desde a última vez que Stacy a subira. Enquanto iam prosseguindo, cada vez mais para cima, ela começou a ofegar e suas roupas se colaram a seu corpo suado. Ela tinha uma câibra na lateral do corpo. Mathias pareceu sentir seu incômodo, e mesmo que estivessem quase no alto da trilha, parou para ela descansar. Ficou em pé ao lado dela, olhando para o outro lado do morro, enquanto Stacy tentava recuperar o fôlego. Seu coração mal havia desacelerado quando as vozes começaram.

Wo ist Eric? Wo ist Eric?

Eles se viraram, entreolharam-se.

Eric ist da. Eric ist da.

- Ai, meu Deus - disse Stacy. - Não.

Eric ist gestorben. Eric ist gestorben.

Ambos começaram a correr, mas Mathias foi mais rápido. Quando ela chegou à clareira, ele já estava lá. Encontrou-o ali, gesticulando, repetindo a mesma palavra sem parar, com grande severidade. O cansaço e as provações o haviam feito passar para sua língua materna.

- Genug - repetia ele. - Genug.

Stacy precisou de uns instantes para entender que ele falava com Eric. Havia um monstro na clareira: foi isso que ela pensou primeiro; algum novo horror saído do buraco da mina: sanguinolento, nu, com o olhar insano e uma faca na mão. Mas não, era Eric. Ele parecia ter arrancado a maior parte da pele do próprio corpo. Esta pendia em trapos; Stacy podia ver os músculos de sua perna, seus abdominais, um pedacinho de osso em seu cotovelo esquerdo. Seus cabelos estavam empapados do lado direito de sua cabeça, e ela percebeu que ele havia cortado a própria orelha.

Mathias levantou a voz até começar a gritar:

— Genug, Eric! Genug! — Mathias gesticulava para Eric largar a faca, mas pareceu claro a Stacy que Eric não iria fazer isso. Ele parecia aterrorizado, descontrolado com aquela faca na mão, como se esta fosse algum desconhecido que o houvesse atacado.

— Eric — disse Stacy. — Por favor, meu amor. Só...

Então Mathias estava dando um passo à frente, estendendo a mão para tirar a faca de Eric.

Stacy entendeu o que iria acontecer em seguida.

- Não! - gritou ela. Mas já era tarde demais.

Depois que Eric começou, foi impossível parar.

Primeiro havia aquele calombo em sua batata da perna, e isso foi fácil: ele fez um único corte curto com a faca, e ali estava ela, logo abaixo de sua pele, uma bolota de planta bem enrolada, mais ou menos do tamanho de uma noz. Ele a arrancou de seu corpo e jogou-a longe. Em seguida passou ao antebraço. Foi então que as coisas se tornaram um pouco mais complicadas. Fez uma pequena incisão no ponto onde tinha visto o calombo parecido com um verme, e achou... nada. Procurou com a ponta da faca, e em seguida aumentou o corte sanguinolento, correndo a faca em linha reta do pulso ao cotovelo. A dor foi intensa: ele quase não conseguiu continuar segurando a faca; mas o medo era ainda pior. Sabia que a planta estava ali, e tinha

de encontrá-la. Continuou a cortar, afundando mais a faca, cortando na lateral, empurrando a faca por baixo da pele de ambos os lados do corte, pressionando-a para cima, tornando a puxá-la, até conseguir expor o antebraço inteiro. Havia cada vez mais sangue, sangue demais, ele não conseguia mais ver o que estava fazendo. Tentava limpar o sangue com a mão, mas este continuava a escorrer.

Sua pele agora estava pendurada de seu cotovelo como a manga rasgada de uma camisa.

Houve uma pressão abrupta em sua nádega esquerda, como se a mão de alguém o tivesse agarrado ali, e ele se pôs de pé, tirando o short e a cueca, virando-se para ver. Não conseguiu distinguir nada, porém, e estava prestes a começar a procurar com a faca quando sentiu um movimento em seu tórax, logo abaixo de seu umbigo, alguma coisa que se movia lentamente para cima. Rapidamente voltou sua atenção para esse local, e começou a cortá-lo com a faca. A planta ali estava logo abaixo da superfície; um longo broto surgiu, com mais de trinta centímetros de comprimento, e pendurou-se para fora da ferida, contorcendo-se e girando no ar, escorrendo sangue e salpicando o chão de vermelho. O broto ainda estava preso ao seu corpo, enraizado em algum ponto mais acima. Ele precisou deslizar a faca quase até seu mamilo direito para conseguir soltar a coisa.

Depois foi sua coxa esquerda.

Seu cotovelo direito.

Sua nuca.

Havia sangue por toda parte. Ele sentia seu cheiro, um aroma metálico, como cobre, e sabia que a hemorragia o deixava mais fraco a cada instante que passava. Parte dele entendia que aquilo era um desastre, que ele precisava parar, que nunca deveria ter começado. Mas outra parte sua só tinha consciência da planta dentro de seu corpo, que precisava tirá-la custasse o que custasse. Quando eles voltassem, poderiam costurá-lo; poderiam enrolá-lo em

curativos, amarrar torniquetes em volta de seus membros. O importante era não parar até ter terminado, porque senão toda sua dor de nada teria adiantado. Ele precisava continuar a cortar, abrir, procurar, até ter certeza de ter removido o último broto.

A planta estava em sua orelha direita. Isso parecia impossível, mas, quando ele ergueu a mão e tocou a protuberância cartilaginosa, pôde senti-la ali, logo abaixo da pele. Não estava mais pensando; estava simplesmente agindo. Começou a cortar a orelha fora, mantendo a faca na horizontal em relação à lateral de sua cabeça. Começou a gemer, a chorar. Não era dor, embora esta fosse quase insuportável: era a altura do barulho, do barulho da faca abrindo caminho em sua carne.

Em seguida veio sua canela esquerda.

Seu joelho direito.

Ele estava removendo a pele da parte inferior de sua caixa torácica quando Mathias reapareceu na clareira. O tempo começou a se mover de uma forma estranha, ao mesmo tempo muito devagar e muito depressa. Mathias gritava, mas Eric não conseguia entender o que ele dizia. Queria explicar ao alemão o que estava fazendo, queria lhe mostrar a lógica de sua ação, mas sabia que isso era impossível, que levaria tempo demais, que Mathias nunca iria entender. Precisava se apressar, era esse o ponto: precisava tirar aquilo de dentro de si antes de perder a consciência, e podia sentir o fim se aproximando depressa.

Então Stacy também surgiu na clareira. Ela disse alguma coisa, chamou seu nome, mas ele mal escutou. Precisava continuar cortando, era isso que importava; e foi quando estava se curvando para fazer isso que Mathias se precipitou em sua direção, estendendo a mão para pegar a faca.

Eric ouviu Stacy gritar:

-Não!

Ele estava tremendo: sentia que não tinha controle integral do próprio corpo, estava agindo por reflexo. Tudo que pretendia fazer era deter Mathias, empurrá-lo para longe, liberar espaço suficiente para terminar o que havia começado. Porém, quando estendeu as mãos para fazer isso, uma delas ainda estava segurando a faca. Foi um choque, a facilidade com que a lâmina penetrou no peito do alemão, passando entre duas de suas costelas, logo à direita de seu esterno, e plantando-se ali.

As pernas de Mathias cederam sob o peso de seu corpo. Ele caiu para trás, para longe de Eric, e a faca caiu com ele.

Stacy começou a gritar.

- Warum? - disse Mathias, erguendo os olhos para Eric. - Warum?

Eric pôde ouvir o sangue na voz de Mathias, pôde vê-lo se espalhar por sua camisa. O cabo da faca se movia para a frente e para trás, espasmodicamente, como um metrônomo. Era o coração de Mathias, Eric percebeu. Ele havia enfiado a faca bem em seu coração.

Mathias tentou se levantar. Conseguiu sentar-se, apoiando-se em uma das mãos, mas era óbvio que aquilo era o máximo que jamais iria conseguir.

— Warum? — repetiu ele.

Então as plantas recomeçaram a se mover, serpenteando depressa para dentro da clareira, agarrando o corpo do alemão, enrolando-se em volta de seu corpo. Stacy deu um pulo para a frente. Lutou para libertá-lo, deu o melhor de si, mas elas eram numerosas demais.

Eric pôde sentir sua consciência se esvaindo. Precisou se sentar, e o fez atabalhoadamente, meio caindo, aterrissando em uma grande poça de sangue: seu e de Mathias. Era absurdo, mas ele ainda queria a faca, teria se arrastado para a frente e retirado-a do peito do alemão, se ao menos tivesse forças para tanto. Ficou vendo-a se mover para a frente e para trás, para a frente e para trás, para a frente e para trás.

Cada vez mais brotos iam chegando. Stacy os arrancava, agora aos soluços.

Eric sabia que, em breve, elas também viriam buscá-lo.

Fechou os olhos, apenas por um instante, mas foi tempo suficiente. Quando tornou a abri-los, a faca havia cessado seu movimento espasmódico.

Stacy ficou sentada junto a Eric, com a cabeça dele pousada em seu colo. A planta havia levado embora o cadáver de Mathias, arrastando-o para longe. Ela ainda podia ver seu sapato direito aparecendo por entre a massa verde, mas, com exceção disso, ele estava completamente escondido. Os brotos estavam silenciosos, imóveis, e emitiam apenas um farfalhar suave enquanto obravam para consumir o seu corpo.

Stacy não entendia por que a planta não estava se adiantando para capturar Eric, também. Ela não seria capaz de defendê-lo, do mesmo jeito que não havia sido capaz de defender Mathias, e tinha certeza de que a planta sabia disso. Mas tudo que esta enviou foi um broto comprido, que se pôs a sugar ruidosamente a imensa poça de sangue que os cercava, esvaziando-a lentamente.

A planta deixou Eric em paz.

Não que houvesse alguma dúvida quanto à maneira como tudo aquilo iria terminar: Stacy podia ver que ele estava morrendo. No início, parecia que isso iria acontecer em questão de minutos. O sangue brotava, pingava e escorria de seu corpo em filetes finos, empoçando nas cavidades em torno de suas clavículas, brotando de seus ferimentos mais profundos. Seu corpo exalava um cheiro forte, levemente metálico, que, por algum motivo, fez Stacy se lembrar de sua coleção de moedas quando menina, de polir moedas de um centavo, de separá-las por data.

Ela acariciou sua cabeça, e ele gemeu.

— Estou bem aqui — disse ela. — Estou bem aqui.

Ele a surpreendeu abrindo os olhos: ergueu-os para ela, parecendo assustado. Quando tentou falar, sua voz saiu em

um sussurro, muito rouco, baixo demais para ela ouvir.  
Ela inclinou-se para mais perto.

— O quê?

De novo o mesmo sussurro débil. Parecia que ele dizia o nome de alguém.

— Marta? — perguntou ela.

Ele fechou os olhos, e tornou a abri-los com lentidão.

— Quem é Marta, Eric?

Ela o viu engolir, e aquilo pareceu lhe causar dor. Respirar também parecia lhe causar dor. Tudo parecia lhe causar dor.

— Eu não conheço nenhuma Marta.

Ele sacudiu a cabeça devagar. Estava se concentrando, ela podia ver isso, esforçando-se para articular as palavras.

— Me... mata - disse ele.

Stacy baixou os olhos para ele. Não, pensou ela. Não, não, não. Desejou que os olhos dele tornassem a se fechar, desejou que ele tornasse a perder a consciência.

— Está... doendo... Ela aquiesceu.

— Eu sei. Mas...

— Por favor...

— Eric...

— Por favor...

Stacy agora estava começando a chorar. Era por isso que a planta o havia deixado em paz, percebeu: para atormentá-la com a morte dele.

— Você vai ficar bom. Eu juro. Só precisa descansar.

De alguma forma, Eric conseguiu dar um sorriso torto. Estendeu a mão, encontrou a dela, apertou.

— Es... tou... te... implo... rando...

Aquilo foi demais para Stacy; ela não disse mais nada.

— A... faça...

Ela sacudiu a cabeça.

— Não, meu amor. Shh.

— Implo... rando... — disse ele. — Implo... rando...

Ela podia ver que ele não iria parar. Iria ficar deitado ali, com a cabeça em seu colo, sangrando, sofrendo,

implorando por sua ajuda, enquanto o sol continuava sua lenta subida acima deles. Se ela quisesse que aquilo terminasse, seu sangramento, sua súplica, teria de fazer aquilo ela mesma.

— Implo... rando...

Stacy afastou cuidadosamente a cabeça dele para o lado e levantou-se. Eu vou pegar afaça pra ele, pensou. Vou deixar ele fazer. Foi até a borda da clareira, entrou no meio das plantas; agachou-se ao lado do corpo de Mathias, afastou os brotos. A planta já devorara a carne de seu braço direito até o ombro. Seu rosto estava intacto, porém, de olhos abertos, encarando-a. Stacy precisou resistir ao impulso de fechá-los. A faca ainda estava espetada em seu peito. Segurou-a, puxou, e a faca saiu. Ela levou-a de volta até Eric.

- Toma - disse ela. Pôs a faca na mão direita dele, e fechou-lhe os dedos em volta.

Ele lhe sorriu novamente aquele sorriso torto e sacudiu a cabeça devagar.

— Fraco... demais — sussurrou.

- Por que você não descansa, então? E só fechar os olhos e...

— Você... — Ele estava empurrando a faca novamente na direção dela. - Você...

- Não consigo, Eric.

- Por favor... - Ele havia segurado sua mão e a faca; estava apertando as duas juntas. - Por favor...

Era o fim, Stacy sabia: o fim da vida de Eric. Agora só restava tormento. Ele queria a ajuda dela, estava desesperado por isso. Ignorar sua súplica, ficar ali sentada e deixá-lo sofrer aquela morte lenta, só porque ela era fresca demais, porque estava assustada demais para fazer o que obviamente tinha de ser feito, não seria aquilo uma espécie de pecado? Ela possuía o poder de pôr fim ao seu tormento e, no entanto, optava por não fazê-lo. De alguma forma, não seria responsável por sua agonia?

Quem sou eu? tornou ela a pensar. Será que eu ainda sou eu mesma?

— Onde? — perguntou ela.

Ele segurou-lhe a mão, a mão da faca, e aproximou-a do próprio peito.

— Aqui... — Posicionou a ponta da faca de modo que esta repousasse sobre seu esterno. - E só... empurrar...

Teria sido tão fácil afastar a faca, jogá-la longe, e Stacy estava ordenando ao próprio corpo para fazer isso, ordenando-lhe para se mover. Mas seu corpo não estava escutando; não estava se mexendo.

— Por favor... — sussurrou Eric.

Ela fechou os olhos. Será que eu ainda sou eu mesma?

- Por favor...

E então ela o fez: inclinou-se para a frente, apoiando-se sobre a faca com todo seu peso.

Dor.

Por um instante, isso foi tudo que Eric sentiu, como se algo tivesse explodido dentro de seu peito. Podia ver Stacy acima dele, parecendo tão assustada, tão chorosa. Ele tentava falar, dizer Obrigado e Desculpa e Eu te amo, mas as palavras não saíam.

Certa tarde, eles haviam visitado um jardim zoológico de beira de estrada em Cancún, uma pequena aventura. O zoológico não tinha mais de uma dúzia de animais, um dos quais era classificado de zebra, embora fosse evidentemente um jumento com listras pretas pintadas sobre o pelo. Algumas das listras estavam borradas. Enquanto os quatro estavam olhando para ele, o animal havia subitamente contraído as pernas e começado a mijar, um jato profuso. Amy e Stacy haviam começado a rir. Por algum motivo, era nisso que Eric estava pensando agora: no jumento urinando, nas meninas se segurando uma na outra, no som de seu riso.

Obrigado, ele ainda se esforçava para dizer. Desculpa. Eu te amo.

E a dor foi diminuindo lentamente... tudo estava... se afastando cada vez mais... mais para longe... mais para longe...

A planta levou o corpo de Eric. Stacy não tentou detê-la; sabia que de nada adiantaria.

O sol estava a pino; ela avaliou que tinha umas seis horas antes de ele começar a se pôr. Lembrou-se das palavras de Mathias: "Como é que a gente pode saber com certeza que não vai ser hoje?", e tentou tirar delas algum alento. Contanto que estivesse claro, ela ficaria bem. Era o escuro que a amedrontava, a perspectiva de ficar deitada, sozinha, dentro daquela barraca, aterrorizada demais para dormir.

Ela não deveria ter sido a última a permanecer viva, sabia disso; deveria ter sido Jeff. Ele não teria tido medo de ver o sol começar sua longa jornada rumo ao oeste. Comida, água e abrigo: ele teria tido um plano para tudo isso, diferente do dela, que na verdade não possuía sequer um plano.

Ela sentou-se junto à entrada da barraca e comeu os mantimentos que restavam: os salgadinhos, as duas barras de proteína, as uvas-passa, os pacotinhos de biscoitos, acompanhando-os com a lata de Coca-Cola e as garrafas de iced tea.

Tudo: comeu tudo.

Começou a percorrer a clareira e pensou nos tantos outros que tinham morrido ali, nos desconhecidos cujos montes de ossos jaziam espalhados pelo morro. Todos haviam passado por seu próprio calvário ali. Tanta dor, tanto desespero, tanta morte.

Fugir correndo de um prédio em chamas: podia-se chamar isso de plano?

Stacy então se lembrou como, bem tarde certa noite, eles haviam conversado sobre suicídio, os quatro, um pouco bêbados, escolhendo métodos possíveis para cada um. Ela estava jogada em cima da cama, recostada em Eric. Amy e Jeff estavam no chão, jogando uma partida de gamão de bobeira. Jeff, sempre eficiente, lhes falara sobre remédios e

um saco plástico: segundo ele, um método indolor e confiável. Eric sugeriu uma espingarda, o cano enfiado na boca, um dedo do pé para puxar o gatilho. Amy sentira-se atraída pela ideia de cair de uma altura bem grande, mas, em vez de pular, queria que alguém a empurrasse, e ficaram discutindo sobre se isso poderia ser chamado de suicídio. Por fim deu o braço a torcer, e escolheu monóxido de carbono, um carro ligado em uma garagem vazia. A fantasia de Stacy era mais elaborada: um barco a remo no meio do mar, e pesos para lastrear seu corpo. O que a atraía era a ideia de desaparecer, do mistério que deixaria para trás.

Não estavam falando sério, é claro. Estavam só brincando.

Stacy pôde sentir a cafeína da Coca, do iced tea; ela a estava deixando nervosa. Ergueu as duas mãos diante do rosto, e estavam trémulas.

É claro que ali não havia barco a remo nem carro, nem espingarda, nem vidro de remédios. Tinha a possibilidade de se jogar no buraco. Tinha a corda pendurada na polia. Tinha os maias esperando no sopé do morro, com suas flechas e suas balas.

E havia também a faca.

Como é que a gente pode saber com certeza que não vai ser hoje?

Ela achou seu guarda-sol, usou o rolo de silver tape para consertar o estrago feito pela tempestade. Recuperou a garrafa de tequila do meio da clareira. E começou a descer a trilha.

Levando a faca.

Quando chegou, os maias se viraram para avaliá-la: roupas manchadas de sangue, mãos trémulas. Ela se sentou na beirada da clareira, a faca no colo, o guarda-sol apoiado no ombro. Destampou a garrafa de tequila, tomou um grande gole.

Teria sido bom se ela tivesse imaginado um jeito de confeccionar algum tipo de aviso para os que ainda

estavam para chegar. Teria gostado disso, de ser a pessoa cuja esperteza e previdência fosse responsável por salvar a vida de um desconhecido. Mas tinha visto aquela assadeira com sua única palavra de alerta gravada no fundo; sabia que outros haviam tentado e fracassado, não via por que com ela seria diferente. Tudo que podia esperar era que o fato silencioso de sua presença ali, o montinho de seus ossos empilhados na entrada da trilha, fosse capaz de comunicar o teor de perigo.

Bebeu. Esperou. Acima dela, o sol baixava progressivamente para o oeste.

Não, não se podia chamar isso de plano, de jeito nenhum.

Stacy derramou um pouco de tequila sobre a lâmina da faca, e esfregou-a com a camiseta. Aquilo era uma tolice, sabia, ao mesmo tempo inútil e sem importância, mas queria que a faca estivesse limpa.

Foi ficando mais calma à medida que o dia se aproximava do crepúsculo. Suas mãos pararam de tremer. Tinha medo de muitas coisas, principalmente do que poderia acontecer depois, mas não da dor. A dor não a assustava.

Quando o sol afinal tocou o horizonte a oeste, o céu mudou abruptamente, adquirindo um matiz avermelhado, e Stacy soube que já havia esperado o suficiente. Os gregos não iriam chegar, não naquele dia. Pensou na escuridão que se aproximava, imaginou-se novamente sozinha dentro da barraca, à escuta de qualquer som que a noite pudesse vir a produzir, e soube que não tinha escolha.

Pensou por um instante em rezar: para quê? Para ser perdoada? E deu-se conta de que não tinha ninguém para quem rezar. Não acreditava em Deus. Dissera isso a vida toda, instintivamente, sem pensar, mas agora, pela primeira vez, prestes a fazer o que estava prestes a fazer, podia olhar para dentro de si mesma e afirmar essas palavras com total segurança. Não acreditava.

Começou pelo braço esquerdo.

O primeiro corte foi hesitante, exploratório. Até mesmo ali, no final de tudo, Stacy insistia em ser ela mesma, em nunca optar pelo salto quando podia chapinhar. Doeu mais do que ela esperava. Mas não foi problema; estava tudo bem, ela sabia que podia suportar. E a dor tornava aquilo real de uma maneira que não havia sido antes, dando àqueles últimos momentos um peso adequado. Da segunda vez, ela cortou mais fundo, começando pela base do pulso, deslizando a faca com firmeza em direção ao cotovelo.

O sangue brotou em um jorro.

Ela passou a faca para a mão esquerda. Foi difícil conseguir segurá-la firme: seus dedos pareciam não querer se fechar, e agora estavam melados de sangue; mas ela por fim conseguiu, apertou a lâmina junto ao pulso direito, e cortou para baixo.

Talvez fosse apenas a luz que estava ficando mais fraca, mas seu sangue parecia mais escuro do que ela esperava que fosse, não tão brilhante quanto o de Eric ou o de Mathias: era quase preto, como tinta. Ela pousou os pulsos no colo e o sangue escorreu por suas pernas, primeiro quente, e depois cada vez mais frio à medida que ia empoçando ao seu redor. Era estranho pensar que aquele líquido fazia parte dela, que ela estava diminuindo cada vez mais com sua perda regular.

Quem sou eu? pensou ela.

Os maias observavam. De alguma forma, deviam ter percebido que ela era a última, pois as mulheres já estavam começando a levantar acampamento, a juntar suas coisas, a enrolá-las em trouxas.

Stacy havia pensado que seu coração fosse disparar, que fosse bater cada vez mais depressa a cada segundo que passasse, mas o que aconteceu foi justamente o contrário. Tudo, do lado de dentro e do lado de fora, pareceu ir ficando cada vez mais vagaroso. Ela estava espantada com a própria serenidade.

Será que eu ainda sou eu mesma?

As plantas vieram serpenteando em sua direção. Ela as ouviu começarem a sugar o sangue empoçado.

Deveria ter cortado a corda da polia, percebeu. Por que não havia se lembrado de fazer isso? Tentou reconfortar-se pensando que não fazia diferença, seu cadáver ficaria como um sentinela, alertando qualquer visitante futuro para não se aproximar, mas soube que isso não iria acontecer, pôde senti-lo antes até de os brotos começarem a agarrá-la, arrastando-a para longe da trilha. Lutou o quanto pôde, até o último instante, esforçando-se para se levantar, mas era tarde demais. O processo já estava adiantado demais; ela não tinha mais forças. A planta segurou-a no chão, cobriu-a, enterrou-a. Ela morreu com uma sensação de afogamento, com a lembrança daquele barco a remo, bem no meio do mar, e daqueles pesos a puxá-la cada vez mais para o fundo, com as ondas verdes a se fecharem acima de sua cabeça.

Os gregos chegaram três dias depois.

Haviam pego o ônibus até Cobá, e em seguida contratado a picape amarela para levá-los até a trilha. Haviam feito novos amigos em Cancún, brasileiros, e haviam-nos trazido consigo para a aventura. Os brasileiros se chamavam Antônio, Ricardo e Sofia. Tanto Juan quanto Don Quixote haviam desenvolvido uma paixão por Sofia, embora, aparentemente, ela talvez estivesse noiva de Ricardo. Era difícil ter certeza disso, porém, pois os gregos não falavam português, e os brasileiros, é claro, não falavam grego.

Mesmo assim, estavam se divertindo juntos. Conversavam e riam enquanto entravam na mata. Ricardo carregava um cooler cheio de cerveja e sanduíches. Antônio havia levado um aparelho de som portátil no qual tocava sem parar o mesmo CD: estava tentando ensinar os gregos a dançar samba. Juan e Don Quixote cooperavam por causa de Sofia, pela alegria de vê-la rir de sua falta de jeito.

Foi impossível não ver a curva em direção às ruínas. Muitas pessoas haviam passado por ali ultimamente para que fosse

possível disfarçar a trilha estreita. A terra estava bem batida, e a vegetação, afastada.

Bem no instante em que estavam prestes a iniciar a trilha, Ricardo percebeu uma menininha que os espiava do outro lado do descampado. Era minúscula, e tinha por volta de dez anos de idade; usava um vestido de aspecto sujo, e trazia uma cabra amarrada a uma corda. Parecia preocupada: pulava para cima e para baixo, acenando para eles, e todos pararam para olhar para ela. Gesticularam para que se aproximasse; Ricardo chegou a estender um dos sanduíches para atraí-la, mas ela não quis chegar mais perto, e eles acabaram desistindo. Fazia calor debaixo do sol. Eles sabiam que haviam quase chegado a seu destino, e estavam impacientes.

Começaram a seguir a trilha.

Atrás deles, Juan e Antônio viram a menina soltar a corda da cabra, e sair correndo para dentro da mata. Deram de ombros e se entreolharam, sorrindo: Quem vai saber o que é que isso significa?

Passaram através das árvores, cruzaram o pequeno regato, e então, de repente, viram-se novamente a céu aberto, sob o sol.

Uma clareira.

E, do outro lado da clareira... um morro coberto de flores.

Pararam ali, espantados com a beleza daquele lugar. Ricardo tirou uma garrafa de cerveja do cooler e todos beberam. Apontaram para as flores, falando a respeito nas duas línguas, dizendo como eram bonitas e surpreendentes. Sofia tirou uma foto.

Então, em fila indiana, começaram novamente a andar.

Não ouviram o primeiro cavaleiro chegar. Já estavam bem mais acima na encosta do morro, chamando o nome de Pablo.

Fim